
DISSERTAÇÃO ORIGINAL

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS)
Faculdade de Educação
Programa de Mestrado em Métodos e Técnicas de Ensino

A PRÁTICA DEMOCRÁTICA na ESCOLA PÚBLICA ESTADUAL:
estudo de caso da expressão das condições da prática democrática pelos professores do Colégio Estadual
Cândido José de Godói – POA- RS – durante a Abertura Política Brasileira (1979-1985).

Proposta de dissertação de
Círio SIMON

Orientação de
Dr^a Prof^a Marta LUZ SISSON de CASTRO

PORTO ALEGRE

DEZEMBRO de 1986

A PRÁTICA DEMOCRÁTICA na ESCOLA PÚBLICA ESTADUAL: estudo de caso da expressão das condições da prática democrática pelos professores do Colégio Estadual Cândido José de Godói – POA- RS – durante a Abertura Política Brasileira (1979-1985). Dissertação de Círio SIMON, defendida, na PUC-RS, no ano de 1986.

A ARTE no CONTEXTO da PRÁTICA DEMOCRÁTICA na ESCOLA PÚBLICA ESTADUAL

ESTUDO REALIZADO por
Círio SIMON
a partir de seu trabalho de dissertação de mestrado

PORTO ALEGRE

-

MAIO de 2005

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS)
Faculdade de Educação
Programa de Mestrado em Métodos e Técnicas de Ensino (MTE)

A PRÁTICA DEMOCRÁTICA na
ESCOLA PÚBLICA ESTADUAL

Proposta de dissertação de
Círio SIMON

Orientação de
Dr^a Prof^a Marta LUZ SISSON de CASTRO

Defesa em

PORTO ALEGRE

-

OUTUBRO de 1986

A Prática Democrática na Escola Pública Estadual: estudo de caso da expressão das condições da prática democrática pelos Professores do Colégio Estadual Cândido José de Godói (Porto Alegre/RS) durante a Abertura Política Brasileira (1979-1985).

O autor pede ao seu leitor três qualidades que Nietzsche (1844-1900) solicitou ao leitor do seu texto ‘*o futuro das nossas escolas*’:

“espero do leitor três qualidades:

- deve ser tranqüilo e ler sem pressa,***
- não deve fazer intervir constantemente sua pessoa e sua cultura, e***
- não tem direito de esperar – quase como resultado – projetos”.***

Nietzsche, 2000, p.27

O AUTOR AGRADECE pelas LIÇÕES de DEMOCRACIA que ele RECEBEU

no trabalho:

- na obra de trinta e cinco anos, que seu pai José Simon, construiu como professor rural numa comunidade na qual o autor teve origem e se educou até os 12 anos;

estímulos permanentes da vida:

- à alma do autor, nas pessoas de sua esposa, Marília Vaz da Costa Simon e os seus filhos Deborah e Círio José;

pela inteligência e pela cultura recebida dos seus mestres e orientadores da PUCRS nas pessoas do :

- Dr. Egídio Francisco Schmitz, pai da idéia que orienta esta dissertação,
Dr^a Carmen Lins Baía Solari, animadora e sábia
Dr^a Marta Luz Sisson de Castro que soube garantir a frágil idéia desta dissertação e acompanhar a sua concretização na teoria e na investigação.

na luta continuada institucional do Colégio Godói no qual o autor teve a honra de interagir ao lado dos:

- professores, mestres que deram provas de democracia que ele não poderia ter imaginado antes deste estudo;
- daqueles que constituíram e mantiveram o Grêmio dos Professores como seu núcleo institucional e documentaram cada passo das suas lutas.

pela vontade e pela determinação:

- da minha ex-Diretora e colega Maria Beatriz Rahde e do Diretor Geral da FEEVALE João Carlos Shmitz, padrões de vontade e determinação de instituições democráticas, vontade que se reflete em cada educando desta instituição, entre os quais o autor se inclui, com muita honra.

na arte e na sensibilidade pelas:

- lições recebidas dos seus mestres do Instituto de Arte da UFRGS onde teve a educação acadêmica e onde agora tenta passar aos seus estudantes a criatividade e valores democráticos recebidos dos seus mestres artistas.

como consciência coletiva recebida e exercida por:

- todos que aqui não foram citados, mas que formularam, determinaram e concretizaram lições de vida e de democracia.

ABSTRACT

During the eighties, several Latin American countries have tried the good old democratic practice. The purpose of this study was to find out whether or not the educational institution is following this track.

The study was limited to one aspect: how the public school teachers have practiced democracy during the period of political liberation (1979-1985).

The teachers of the public school Cândido José de Godói in Porto Alegre, were observed expressing their differences (different points of view) as one of the necessary conditions for democratic practice. This study used several instruments, the questionnaire, interviews and a analysis of written records of the teachers meeting and how this association engaged the teachers movement at a state level trough the Teachers State Association (C P E R S: Centro dos Professores do Estado do Rio Grande do Sul).

The Teachers Association of Colégio Cândido José de Godói was a participant and a leader in the process of developing a democratic consciousness in the teachers movement at the state level. Several facts have led to better organization of the class of teachers in terms of recognizing its power concerning knowledge, authority and autonomy as a whole.

Key-words:

Democracy – democratic practice – brazilian political liberation period (1979-1985).

RESUMO

Vários países da América Latina ensaiaram novamente, na década de 80 o bom e velho caminho da democracia. O problema, colocado aqui, é investigar e saber se a instituição educacional está acompanhando esta caminhada.

Este estudo empírico limita-se a investigar um ponto deste longo caminho perguntando o que se passou durante a Abertura Política Brasileira (1979-1985), e observando a experiência dos professores de uma escola de Porto Alegre pertencente ao sistema estadual sul-rio-grandense. Nesta unidade escolar, denominado Colégio Estadual Cândido José de Godói, pesquisou-se como os seus professores expressaram as condições da prática democrática

Como uma das condições da prática democrática observou-se a capacidade dos professores para expressar as suas diferenças. Para esta pesquisa usaram-se vários instrumentos como questionários e entrevistas. O documento basilar desta pesquisa foram os textos registrados num livro manuscrito denominado *Atas do Grêmio dos Professores*.

Este Grêmio articulou-se com a classe do magistério estadual, representado pelo CPERS (Centro dos Professores do Estado do Rio Grande do Sul) com o qual interagiu em vários episódios através de expressões de autonomia. Estes exercícios de expressões de autonomia determinaram o reconhecimento externo da classe. Internamente estes docentes conquistaram, neste momento, a sua identidade, as competências e os limites legíveis na conscientização democrática

Palavras-chave:

Democracia –prática democrática– Abertura Política Brasileira (1979-1985).

O texto da presente proposta de dissertação foi retomado por Círio SIMON, ao longo dos anos de 2004/5, após a defesa, em 2002, da sua tese com o título *“ORIGENS DO INSTITUTO DE ARTES DA UFRGS ETAPAS ENTRE 1908-1962 E CONTRIBUIÇÕES NA CONSTITUIÇÃO DE EXPRESSÕES DE AUTONOMIA NO SISTEMA DE ARTES VISUAIS DO RIO GRANDE DO SUL”*, desenvolvida entre 1995-2001 e defendida em 2002, pelo mesmo autor, no programa de pós-graduação na HISTÓRIA DO BRASIL da FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS - FFCH da PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA do RIO GRANDE DO SUL. A dissertação original está na Biblioteca Central da PUCR-RS e no consta CD-ROM que acompanha a nova versão

ÍNDICE GERAL

➤ ÍNDICE DOS GRÁFICOS	13
➤ ÍNDICE DOS ANEXOS	15
➤ SIGLAS E ABREVIACÕES	17

1 – PROPÓSITOS GERAIS da DISSERTAÇÃO.

1.A – INTRODUÇÃO à PROBLEMÁTICA aqui TRATADA.....	18
1.B – PRETENSÕES no ESTUDO e na INVESTIGAÇÃO	22
1.C – JUSTIFICATIVA do ESTUDO e da INVESTIGAÇÃO.....	26
1.D – DADOS EMPÍRICOS	
1.D.1 – Dados do ambiente físico e institucional	32
1.D.2 – Dados dos fatos políticos	33

2 – O PROBLEMA

Uma sociedade que se deseja democrática necessita de uma escola na qual se pratica a democracia. No entanto na PRÁTICA DEMOCRÁTICA existem diferentes paradigmas para esta prática. Entre estes paradigmas estudam-se aqui 35

2.A - Paradigma 1 – “A DEMOCRACIA É UMA FORMA DE GOVERNO PELO POVO E PARA O POVO, NA QUAL **TODOS SÃO IGUAIS**” 43

2.B - Paradigma 2 – “A DEMOCRACIA É UMA FORMA DE GOVERNO PELO POVO E PARA O POVO, NA QUAL **TODOS SÃO DIFERENTES**”.....47

2.C - Paradigma 3 – “A DEMOCRACIA é uma FORMA de GOVERNO pelo POVO e para o POVO, na qual se pratica a **RECRIAÇÃO do CAMINHO entre o DIFERENTE para o IGUAL e do IGUAL ao DIFERENTE** numa **HOMEOSTASE PERMANENTE** entre estes EXTREMOS. 50

3– O PROBLEMA e a TEORIA

- 3. A - PROBLEMA GERAL** – qual dos TRÊS PARADIGMAS são PROPOSTOS HISTORICAMENTE na BIBLIOGRAFIA das DIVERSAS CIÊNCIAS em RELAÇÃO à PRÁTICA DEMOCRÁTICA?..... 54
- 3. B - PROBLEMA ESPECÍFICO** – como o PROFESSOR EXPRESSA, na ESCOLA FORMAL, as CONDIÇÕES da RECRIAÇÃO do CAMINHO da CIRCULAÇÃO entre o DIFERENTE e do IGUAL e do IGUAL para o DIFERENTE? 70

4 – A HIPÓTESE e a TEORIA

Admite-se a prática democrática como uma homeostase permanente na recriação do caminho para a circulação entre o diferente em direção ao igual e do igual para o diferente.

- 4 . A –ALGUMAS das CONDIÇÕES para a PRÁTICA DEMOCRÁTICA como a RECRIAÇÃO do CAMINHO para a CIRCULAÇÃO entre o DIFERENTE e o IGUAL e do IGUAL para o DIFERENTE** 75
4. A.1 – O EQUILÍBRIO HOMESTÁTICO entre o EU e o TU77
4. A.2 – A MATURAÇÃO do INDIVÍDUO e a sua AUTONOMIA 80
4. A.3 – O EU e o TU INTERAGEM84
4. A.4 – A MATURAÇÃO da SOCIEDADE como AUTORIDADE 88
- 4 .B – A SOCIEDADE EM MOVIMENTO: ABERTURA POLÍTICA BRASILEIRA COMO TESTE PARA A PRÁTICA DEMOCRÁTICA** 95
4. B.1 – O PROFESSOR EXPRESSA MUDANÇAS na MACRO-POLÍTICA 98
4. B.2 – O PROFESSOR EXPRESSA MUDANÇAS no AMBIENTE EDUCATIVO105
4. B.3 – O PROFESSOR EXPRESSA MUDANÇAS na UNIDADE ESCOLAR 109

4 . C – O PROFESSOR EXPRESSA as CONDIÇÕES do EU	115
4. C.1 – O PROFESSOR EXPRESSA a SI MESMO	118
4. C.1.1 – O professor expressa o seu equilíbrio com o outro	118
4. C.1.2 – O professor expressa o seu processo de autonomia somática	118
4. C.1.3 – O professor expressa a sua auto-imagem como interação	122
4. C.1.4 – O professor expressa como pessoa diante da autoridade	123
4. C.2 – O PROFESSOR EXPRESSA A SUA PROFISSÃO	125
4. C.2.1 – A profissão do professor diante do OUTRO	125
4. C.2.2 – O professor expressa a consciência profissional como autonomia	127
4. C.2.3 – O professor expressa a sua profissão como forma de interação	128
4. C.2.4 – O professor expressa a sua profissão diante da autoridade	129
4 . D- O PROFESSOR EXPRESSA a sua CLASSE	132
4. D.1 – O professor expressa a sua classe junto aos OUTROS	132
4. D.2 – O professor expressa a sua classe como AUTONOMIA	133
4. D.3 – O professor expressa a sua classe como INTERAÇÃO	134
4. D.4 – O professor expressa a sua classe como AUTORIDADE	135

5 – A INVESTIGAÇÃO da REALIDADE

Signos da recriação permanente do caminho como passagem entre o diferente em direção ao igual e do igual para o diferente expressos pelo professor numa unidade escolar durante a Abertura Política Brasileira (1979-1985)

5.A – A HISTÓRIA da PRÁTICA DEMOCRÁTICA

5. A.1 – Amplo histórico universal da prática democrática	138
5 . A.2 – A prática democrática na cultura brasileira	140
5. A.3 – A prática democrática na cultura da escola formal brasileira ilustrada com alguns fatos ocorridos no Colégio Estadual Cândido José de Godói	143

5. B – ABERTURA POLÍTICA BRASILEIRA (1979-1985)

5. B.1 – Abertura Política no País	147
5. B.2 – Abertura Política no estado do Rio Grande do Sul e a obra do CPERS	162
5. B.3 – Abertura Política Brasileira na Educação e no Colégio Cândido José de Godói	166
5. B.4 – Episódios ocorridos durante no Colégio Cândido José de Godói durante a Abertura Política Brasileira	170
5. B.4.1 – Conclusões em relação aos três episódios	183
5. B.4.2 – Pequena história do Colégio Cândido José de Godói e a sua preparação democrática.....	184
5. C – DADOS relativos aos PROFESSORES do COLÉGIO ESTADUAL CÂNDIDO JOSÉ de GODÓI ao longo da ABERTURA POLÍTICA BRASILEIRA.....	187
5. C.1 – O professor num questionário em relação a si mesmo	187
5. C.2 – O professor expressa a sua relação com a sua formação	190
5. C.3 – O professor expressa a sua relação com a sua classe	197
5. C.4 – Análise dos dados colhidos num questionário, criado e aplicado com base na escala LICKERT.....	202
5. D – EXPRESSÕES de AUTONOMIA no LIVRO de ATAS das REUNIÕES do GRÊMIO dos PROFESSORES do COLÉGIO ESTADUAL CÂNDIDO JOSÉ GODÓI.....	258
5. D.1 – História do Grêmio dos Professores do Colégio Cândido José de Godói vista através do seu Livro de Atas	258
5. D.2 – O livro de Atas do Grêmio dos Professores do Colégio Cândido J. de Godói	264
5. D.3 – Atas do Grêmio dos Professores do Colégio Cândido José de Godói que registram as expressões das condições da prática democrática	267

6 – A TEORIA somada com a INVESTIGAÇÃO

A TEORIA relativa à DEMOCRACIA somada com as INVESTIGAÇÕES da PRÁTICA DEMOCRÁTICA no COLÉGIO ESTADUAL CÂNDIDO JOSÉ de GODÓI

6. A – SÍNTESE das EXPRESSÕES dos PROFESSORES das CONDIÇÕES da DEMOCRACIA que constam no livro de Atas do Grêmio dos Professores do Colégio(AG) em entrevistas escritas (E) e em questionários (Q)	315
---	------------

6 . B – AS QUATRO CONDIÇÕES da PRÁTICA DEMOCRÁTICA, ESTUDADAS nesta DISSERTAÇÃO e EXPRESSAS pelos PROFESSORES do COLÉGIO ESTADUAL CÂNDIDO JOSÉ de GODÓI..... 338

7 – CONCLUSÕES em RELAÇÃO à PESQUISA

7.A – CRÍTICA ao MODELO USADO na PESQUISA..... 342

7.B – Um JUÍZO GERAL em RELAÇÃO a ABERTURA POLÍTICA BRASILEIRA como ESPAÇO para a PRÁTICA DEMOCRÁTICA na ESCOLA ao MODELO USADO na PESQUISA..... 343

8 - ANEXOS

8.1 - Instrumento de pesquisa..... 345

8.2 - Glossário..... 355

8.3 - Episódios da Abertura Política no Colégio Cândido José de Godói

- **8.3.1 - 1º episódio: prisão do Prof Paulo Lopes..... 368**
- **8.3.2 - 2º episódio : o caso do Prof. Paulo Sérgio Santos dos Santos..... 369**
- **8.3.3 - 3º episódio ;eleição e deposição do Prf. Sílvio Dani 372**

9 - FONTES

9.1 - Obras consultadas 376

9.2 - Fontes em Periódicos 383

9.3 - Documentos 384

9.4 - Documentos digitalizados 385

9.5 – Transcrição dos documentos digitalizados 411

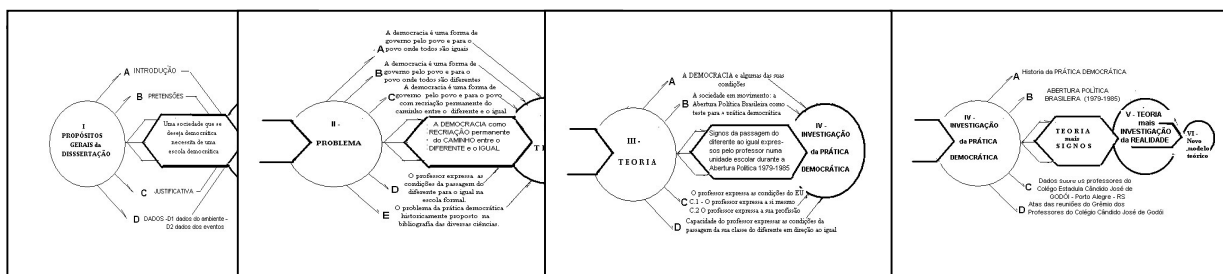


Gráfico 1 Distribuição orgânica dos conteúdos desenvolvidos durante a tese

A PRÁTICA DEMOCRÁTICA na ESCOLA PÚBLICA ESTADUAL: estudo de caso da expressão das condições da prática democrática pelos professores do Colégio Estadual Cândido José de Godói – POA- RS – durante a Abertura Política Brasileira (1979-1985). Dissertação de Círio SIMON, defendida, na PUC-RS, no ano de 1986.

ÍNDICE dos GRÁFICOS

1. Distribuição orgânica dos conteúdos desenvolvidos ao longo desta dissertação	12
2. Quadro de duas entradas onde se vincula quatro condições da democracia com a expressão do professor sobre o OUTRO, o EU e a CLASSE.....	61
3. Diversos campos do conhecimento humano e sua vinculação face a democracia como é considerado nesta tese.....	67
4. O processo de mudança pelo movimento histórico e os objetos preferenciais estudados nesta tese.....	69
5. As três relações básicas do EU e do TU diante do equilíbrio.....	77
6. Componentes filosóficos da democracia em direção do equilíbrio.....	79
7. As três primeiras etapas do amadurecimento do indivíduo segundo Piaget.....	82
8. Componentes do amadurecimento do indivíduo rumo à prática democrática.....	84
9. Os componentes do amadurecimento do consciente coletivo rumo a democracia.....	88
10. Os componentes do amadurecimento das estruturas sociais rumo a democracia.....	91
11. O somatório dos diversos componentes da democracia, considerados nesta dissertação, vinculados internamente.....	93
12. Quadro cronológico dos acontecimentos nacionais ocorridos durante a Abertura Política.....	160 + 161
13. Quadro cronológico dos acontecimentos estaduais e do CPERS durante a Abertura Política.....	164 + 165
14. Instrumento e resultados, aplicado ao universo dos professores do Colégio Godói logo após a crise da deposição do Prof. Sílvio.....	180
15. Quadro cronológico dos acontecimentos do Colégio Estadual Cândido José de Godói durante a Abertura Política Brasileira.....	180 + 182
16. O número de alunos e professores do Colégio Estadual Cândido José de Godói durante o período de 1976 até 1985.....	186
17. Quadro teórico sintético para a análise do questionário aplicado ao universo de professores do Colégio Godói.....	203
18. Número e porcentagem dos professores que concordaram e discordaram no questionário dentro da escala Likert, sobre temas apresentados sobre a prática democrática na escola durante a Abertura Política Brasileira.....	232

19. Coeficiente Alfa e Coeficiente de Correlação entre perguntas positivas e negativas, feitas durante a Abertura Política aos professores do Colégio Godói sobre a prática da democracia na escola.	234 + 235
20. Quadro teórico, idêntico ao gráfico 17, usado para catalogar as respostas da entrevista escrita aplicada ao universo dos professores.	237
21. A relação existente entre o número de professores do Colégio Godói e os eleitores para a Presidência do Grêmio dos Professores, entre os anos de 1970 até 1984.	258
22. Dados numéricos da análise do segundo Livro de Atas do Grêmio dos Professores do Colégio Cândido José de Godói.	261
23. O número de páginas das Atas do Grêmio dos Professores do Colégio Cândido José de Godói. Nota-se o grande número de páginas durante o período da Abertura Política Brasileira...	262
24. O número de Atas do Grêmio dos Professores do Colégio Cândido José de Godói. Observando-se o alto número destas atas durante o período da Abertura Política Brasileira.	265
25. Votos da situação e oposição nas diversas eleições para Presidência do Grêmio dos Professores do Colégio Godói de 1970 até 1984.	267
26. Modelo teórico usado na análise das expressões dos professores registradas nas Atas do Grêmio dos Professores do Colégio Godói.	316
27. GERAL – Quadro teórico sintético.....	337

ÍNDICE dos DOCUMENTOS

- 1 – Comunicação dos resultados da eleição da diretoria provisória do Grêmio dos Professores do Ginásio Estadual Cândido José de Godói. A comunicação é de 7 de outubro de 1957.....**385 + 411**
- 2 - Lista dos eleitores da chapa vencedora no dia 07 de outubro de 1957. São os professores fundadores do Colégio Godói.....**386 + 411**
- 3 - Parte da Ata n° 1, que abre o Livro n° 1, das Atas das reuniões do Grêmio dos Professores do Ginásio Estadual Cândido Godói. **(23.06.1959)**.....**387 + 412**
- 4 – Primeiros artigos dos Estatutos do Grêmio dos Professores do Godói. Além dos objetivos de compreensão, de colaboração e de harmonia, está registrada a luta por uma justa remuneração.....**389 + 413**
- 5 – Penúltima Ata, anterior ao golpe de 1964. Prepara a greve de 17 de março de 1964 Esta greve é narrada na Ata n° 26. Reflete o clima que somente a Abertura Política após 1979 pôde reviver. **(11.03.1964)****389 + 414**
- 6 – Ata que abre o segundo livro das atas das reuniões do Grêmio dos Professores do Colégio. Percebe-se a predominância dos temas de entretenimento social . **(16.05.1970)**.....**390 + 415**
- 7 – A segunda Ata de 0341979, após a Abertura Política. Retornam os temas de luta pela justiça e interação social depois do silêncio de 15 anos. Voltam em termos militares (..‘*elementos*’..) e com muitas dúvidas. Ao mesmo tempo percebe-se no presente texto, a hora vespertina da assembléia que se aproxima mais do curso noturno, que é o mais numeroso na escola **(03.04.1979)****391 + 416**
- 8 – Posições públicas assumidas por duas professoras do Colégio Godói a favor de um movimento coletivo contrário à prisão do Prof. Paulo Lopes **(28.08.1979)**.....**392 + 417**
- 9– Manifesto de repúdio a prisão do Prof. Paulo Lopes **(29.08.1979)****393 + 418**
- 10– Escrito Prof. Paulo Sérgio dos Santos contra a prisão do Prof. Paulo Lopes e que irá gerar uma série de poesias que serão julgadas ofensivas **(18.09.1979)****394 + 419**
- 11 – Portaria determinando a instauração de Inquérito Administrativo contra o Prof. Paulo Sérgio dos Santos **(D. O: 27.08.1980)**.....**395 + 420**
- 12 – Comunicação do comando de paralisação e diálogo do Colégio Godói emitida durante a greve de 1980. **(05.11.1980)**.....**396 + 421**
- 13 – Manifesto de apoio ao Prof. Sílvio Dani, dos outros candidatos a diretor durante o processo eletivo. **(25.09.1984)**.....**397 + 422**
- 14 – Reportagem jornalística relativa à deposição do Diretor Sílvio Dani. **(26.09.1984)**.....**398 + 423**

15 – Ato público dos alunos do Colégio Godói diante do edifício da Secretaria da Educação. Diálogo com o Senhor Secretário de Educação. (27.09.1984).....	399 + 400 + 424
16– Relato das atividades durante a paralisação de repúdio a deposição do Prof. Silvio Dani.. (28.09.1984).....	401 + 402 + 425
17 – Carta de introdução do dossiê entregue ao Sr. Secretário de Educação durante o episódio da deposição do Professor Sílvio Dani.. (03.10.1984).....	403 + 426
18– Comissão que dirigiu o Colégio Godói. Argumentos do Secretário pelo afastamento do Prof. Sílvio Dani (06.10.1984).....	404 + 405 + 427
19 – O 38° Núcleo do CPERS se manifesta sobre a invasão policial do Colégio Godói (11.10.1984).....	406 + 428
20 – Repercussão do caso Sílvio Dani e posições do Colégio Godói no órgão de imprensa da classe (10.1984)	409 + 431
21– O caso da USP. Se este controle e poder foi exercido sobre os “grandes” o que não foi feito com os “pequenos”, como é caso do Colégio Godói? (17.08.1986).....	408 + 430
22 - O caso do Instituto Manguinhos (24.08.1986).....	409 + 431.
23– Incidentes posterior à dissertação. Novo incidente com uma nomeação arbitrária de um diretor, não eleito, para o Colégio Cândido José de Godói (21.12.1991).....	410 + 432
23 – Ata da defesa PUC-RS Faculdade de Educação - Pós M.T.E. (17.12.1986)	433
24 – Imagens da defesa(17.12.1986)	434 + 435

SIGLAS e ABREVIações

- **ADUFRGS** – Associação dos Docentes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul
- **AGE** – Assembléia Geral do Centro dos Professores do Estado do Rio Grande do Sul (CPERS)
- **AGPG** – Ata do Grêmio dos Professores do Colégio Cândido José de Godói. No texto aparece (A .p. 14b = Atas página 14 lado b). Livro manuscrito de propriedade do Grêmio dos Professores. Compõe-se de dois volumes. No texto que segue, se não houver advertência, trata-se sempre do segundo volume iniciado em 1970.
- **CET** – Central Estadual de Trabalhadores
- **CONCLAT** – Coordenação Nacional das Classes Trabalhadoras. O primeiro Conclat foi realizado em agosto de 1981
- **CPB** – Confederação de Professores do Brasil
- **CPERS** – Centro dos Professores do Estado do Rio Grande do Sul
- **CPM** – Círculo de Pais e Mestres da escola
- **CUT** – Central Única de Trabalhadores (Fundada em agosto de 1982)
- **DE** – Delegacia de Educação
- **ENCLAT** – Encontros Regionais da Classe Trabalhadora
- **GPG** – Grêmio dos Professores do Colégio Estadual Cândido José de Godói .
- **MUTE** – Movimento pela União dos Trabalhadores da Educação
- **SEC** – Secretaria da Educação e Cultura. No Governo Amaral de Souza (1978 – 1982) denominada SE (Secretaria da Educação separada da Secretaria de Cultura)
- **SINPRO** – Sindicato dos Professores do Estado do Rio Grande do Sul
- **UNATE** – União Nacional dos Trabalhadores em Educação.

1 - PROPÓSITOS GERAIS da DISSERTAÇÃO

1. A - INTRODUÇÃO à PROBLEMÁTICA aqui TRATADA

O presente trabalho acadêmico constitui uma dissertação, ao nível de mestrado¹, de um programa de pós graduação strictu-senso na área da Faculdade de Educação. Este trabalho de dissertação pretende fixar, num todo, algumas das condições da prática da democracia. A partir de uma série de conceitos teóricos que parecem coerentes com a realidade empírica da prática educativa, buscou-se as condições da prática democrática.

A pesquisa empírica buscou o seu espaço na educação institucional. Este espaço da educação institucional é formado pelo universo dos professores de uma escola pública estadual de segundo grau do bairro Navegantes de Porto Alegre. Esta escola foi submetida, entre 1979 a 1985, a uma série de pressões políticas que provocaram mudanças no interior de uma sociedade em movimento. A hipótese que fundamenta a presente pesquisa é que estas mudanças políticas são perceptíveis e constituem índices do movimento político que ocorria, na mesma época, na sociedade brasileira em geral, e que recebeu o nome genérico de “*Abertura Política Brasileira*”.

O foco do estudo é a capacidade de o professor expressar as suas diferenças e administrar estas mudanças, como forma de democracia diante do discurso igualitário e autoritário proposto por um regime que se havia apoderado do sistema político nacional. Este regime necessitou admitir o diferente no final do processo, e rever as bases do exercício de sua autoridade.

¹ O mestrado é visto aqui, como um estágio da escola formal no qual o aspirante, a este nível, seja capaz de associar o plano empírico com um todo teórico. Como se trata apenas de uma dissertação, não há pretensões à originalidade. No texto, que relata este trabalho de dissertação, persegue-se o mais possível a coerência interna, deixando a busca da originalidade para os estágio do doutoramento, com a sua respectiva tese.

Uma das posições teóricas, que se defende aqui, é que uma das preliminares básicas da prática democrática é a possibilidade de negociar as questões das ações antes, durante e depois da sua prática efetiva. Esta preliminar inscreve as questões conflituosas em contratos aceitos pelas partes em litígio.

O autor da dissertação para manter coerência com esta posição teórica explicita no seu projeto, antes de iniciar, posições da investigação teórica que nortearão a sua ação prática no trabalho da investigação e pesquisa. O autor reivindica como direito das suas questões

- 1 – serem exploratórias, estabelecendo data e lugar para situá-las²;
- 2 – constituírem obra aberta para se modificar, sempre que surgirem dados mais seguros do que os anteriores³;
- 3 – estabelecer relações conceituais entre diversas áreas do conhecimento humano, sem se submetê-los a um ecletismo como máscara da covardia;
- 4 – tentar validar os dados, desta pesquisa teórico-conceitual, para o tempo e para o espaço aqui indicados.

O autor da pesquisa registra a angústia dos cortes na extensão conceitual do seu projeto inicial. Mas estes cortes são necessários para não ceder ao ecletismo⁴. O consolo frente a estes dolorosos cortes é que, a investigação da trilogia DEMOCRACIA⁵, ESCOLA e PROFESSOR, permanece aberta para tantos caminhos quantos a humanidade já trilhou. Ao mesmo tempo estes cortes garantem a segurança institucional. Nesta segurança institucional o autor agradece pela orientação continuada e o preparo, que esta segurança institucional ensejou, ao submeter o seu trabalho final, ao exame, de banca doutoral qualificada.

² - Como o período da Abertura Política já se encerrou, é possível aceitar o que Durkheim escreveu (1983 p.94) de que "a primeira regra e a mais fundamental é a de considerar os fatos sociais como coisas".

³ - Coerente com esta posição o autor, do presente estudo, o retoma ao longo dos anos 2004/5

⁴ - ECLETISMO que Mário de Andrade fustigava (1955: fl. 13) na época do Estado Novo como "acomodatício e máscara de todas as covardias". Andrade 1955, fl. 13

⁵ - Para caracterizar as inúmeras alternativas potenciais que uma democracia abriga, Platão afirmava (1983 308) "aquele que se dirige a uma democracia se dirige como a um bazar no qual pode escolher qualquer sistema político".

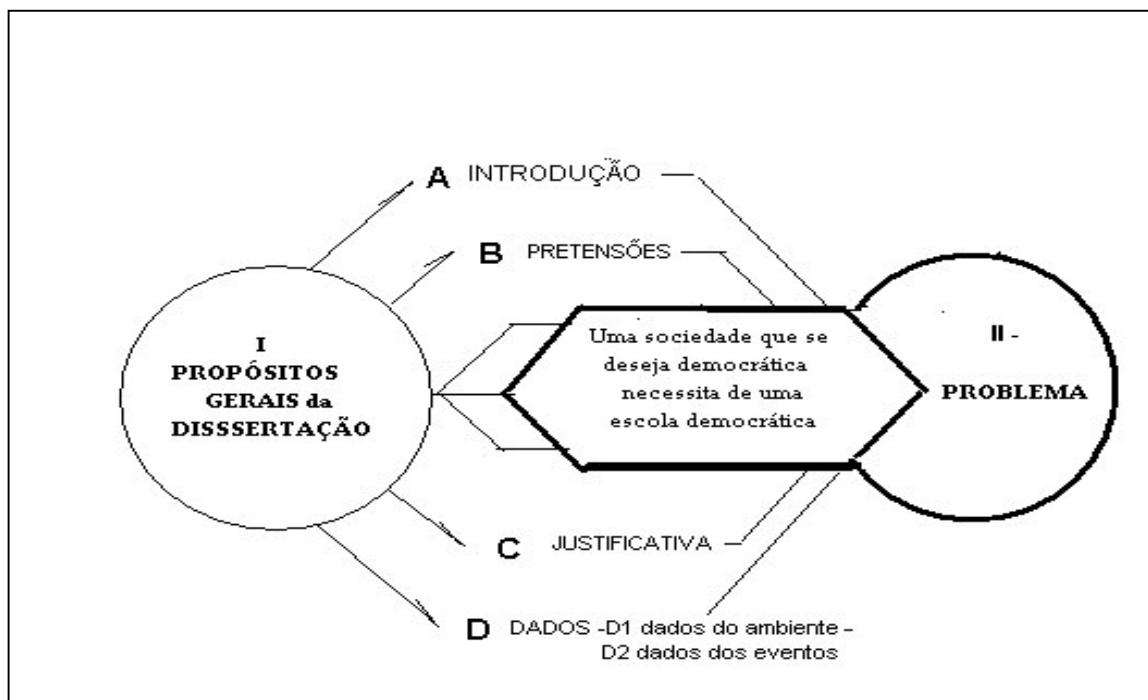


Gráfico 1a - Distribuição orgânica dos conteúdos desenvolvidos ao longo desta dissertação

No interior do contrato institucional o autor aceita as leis da comunicação humana. Estas leis permitem também universalizar a expressão das artes, origem acadêmica de quem apresenta esta dissertação. Vale a advertência do filósofo Heidegger ao afirmar (1949, p. 175) que: *“na presente indigência do mundo, é necessário menos Filosofia, mas mais desvelo no pensar; menos Literatura e mais cultivo da Letra”*.

Nesse desvelo de pensar e no culto à Letra, o autor necessita aparentemente aceitar alguns postulados que o colocariam perigosamente próximo de um neopositivismo. O contragosto origina-se do fato de que **só** atacamos problemas que são proporcionais à **nossa** pessoa e à nossa razão. É evidente que este caminho leva a um antropomorfismo quase absoluto. Este antropomorfismo manipula variáveis proporcionais apenas à uma inteligência humana isolada⁶. A inteligência isolada leva a fazer discursos

⁶ - Desesperado com a impossibilidade de comunicação objetiva humana, Nietzsche (1844-1900), solicitou três condições e qualidades do leitor do seu texto *‘o futuro das nossas escolas’* (2000, p.27), *“espero do leitor três qualidades: deve ser*

isolados. A fragmentação do discurso pedagógico é um dos piores males da prática educativa atual. Os temas amplos, desafiadores e com significado integrador como a democracia, são proibidos. Com esta proibição a verdade continua a sofrer os maiores vexames em nossas escolas como afirmou Nagle (1979, p.22). ao escrever que .

o discurso pedagógico se encontra cada vez mais fragmentado. Daí a dificuldade (ou desprezo) de integrar temas amplos, intermediários e restritos numa só peça, internamente coerente, de modo a fornecer uma imagem compreensiva do processo educativo

Os grandes temas sofrem ao serem submetidos à lógica do discurso pedagógico. A retaliação do amplo tema da democracia na escola, sofre ao se submeter à linguagem, em especial se esta retaliação for costurada pelo ecletismo e pela interdisciplinaridade que não é consciente dos seus limites e das suas competências. O mesmo pode ser dito dos temas intermediários como é o caso dos episódios políticos que repercutem na educação. Ainda mais quando os temas estão restritos às expressões individuais dos professores no interior de uma unidade escolar. Todo este conjunto está ao desamparo ainda maior quando submetido aos instrumentos da lógica neopositivista.

Este desamparo, ou retaliação, foi denunciado pelo grande filósofo alemão Habermas, de uma forma extremamente feliz na crítica que realizou (1968, p. 95-96): ao positivismo de Augusto Conte

Enquanto a segurança do conhecimento metafísico estava fundamentada na unidade e na coerência do ente em seu todo, a unidade do método abona o salvo-conduto do conhecimento científico. Pelo fato da ciência (positiva) não visar jamais à compreensão dos fatos em sua totalidade, mas se ocupar com a multiplicidade fatural-incomensurável em princípio – as conexões cognitivas não podem ser objetivamente ancoradas em um mundo organizado em termos de um sistema.

A atomização, em que se encontra a educação, foi objeto de tentativas sérias para lhe fornecer um caráter unificador por meio do princípio da liberdade, como queria o mestre Piaget, quando afirmou (1969, p. 207) que. “a ciência contemporânea está essencialmente aberta e permanece livre para englobar todos os novos problemas que quiser ou puder” Esta dialética, na tentativa em estabelecer a unidade pela liberdade, foi

tranquilo e ler sem pressa, não deve fazer intervir constantemente sua pessoa e sua cultura, e, por último, não tem direito

extremamente bem expressa por Heidegger, quando escreveu (1983, p. 51) “poetas e pensadores moram próximos nas montanhas mais separadas”.

Existem poucos temas, como a cidadania e a democracia, capazes e possuem a potencialidade de manter a educação aberta e livre. É com esta convicção que o autor passa a examinar as suas pretensões neste texto.

1. B - PRETENSÕES no ESTUDO e na INVESTIGAÇÃO.

O presente estudo inscreve-se na ampla pretensão para repensar, sob um determinado ângulo, a educação e a escola formal que atualmente temos. A escola formal, que temos, pertence a uma sociedade que é gerada e retida por uma determinada infra-estrutura econômica, que na época destes fatos, se autodenomina “*economia em desenvolvimento*”.

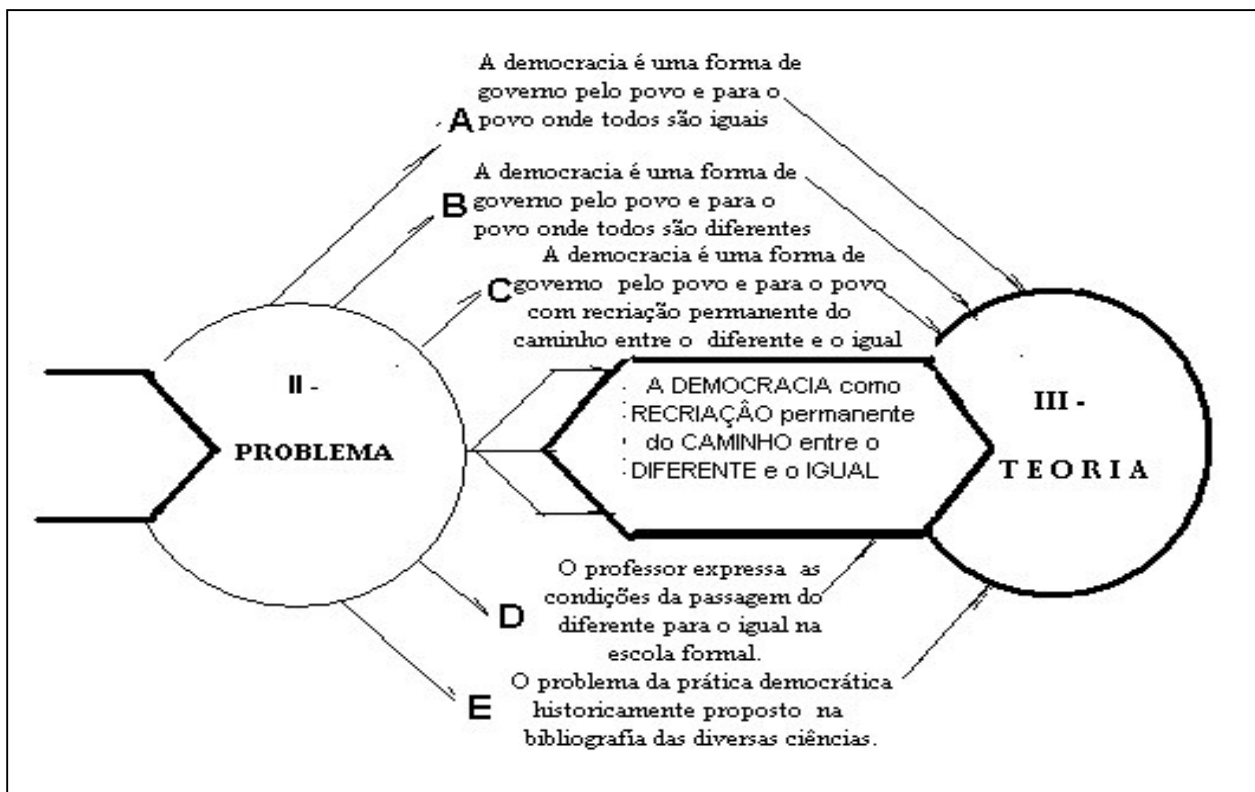


Fig. 1b - Distribuição orgânica dos conteúdos desenvolvidos ao longo desta dissertação

de esperar – quase como resultado – projeto

A PRÁTICA DEMOCRÁTICA na ESCOLA PÚBLICA ESTADUAL: estudo de caso da expressão das condições da prática democrática pelos professores do Colégio Estadual Cândido José de Godói – POA- RS – durante a Abertura Política Brasileira (1979-1985). Dissertação de Círio SIMON, defendida, na PUC-RS, no ano de 1986.

A investigação do espaço empírico possui como objeto uma escola formal do segundo grau, localizada em Porto Alegre, na qual se pesquisa as expressões verbais dos seus professores e que aqui são tratados como expressões de autonomia. A pesquisa destas expressões de autonomia desejam medir a coerência deste grupo profissional docente. Este grupo encontrava-se diante do desafio do sistema político brasileiro, fechado em 1964, e que, no momento de pesquisa, emitia sinais designados como “*Abertura Política Brasileira*” e que foi entendida como sinônimo de democracia.

Ao discurso oficial ideológico que pode confundir, ou dar a entender, que “*igualdade*”, “*Abertura Política*” e “*democracia*” como sinônimos, contrapõe-se a possibilidade de realizar distinções. Nestas distinções estabelece-se para a presente pesquisa, a “*igualdade*” só pode existir ao lado de uma série de acontecimentos paralelos, não menos importantes. Quanto as condições da “*democracia*” serão produzido pela teoria um modelo de algumas das suas condições. Por meio destas distinções pretende-se analisar diversos suportes necessários para concretizar algumas leituras desta virtude cultural presente, ou não, no mundo empírico do objeto em investigação. Este objeto ficou conhecido com a denominação no mundo discursivo, como “*Abertura Política Brasileira*”.

As condições da prática democrática são ordenadas por meio de quatro pólos e coerentes com o modelo proposto na presente dissertação. Estes pólos do EQUILÍBRIO HOMESTÁTICO, da AUTONOMIA, da AUTORIDADE e da INTERAÇÃO buscam focalizar as condições da prática democrática por meio dos referencias oferecidos pela Filosofia, pela Ontogenia, pela Sociologia que confluem nas relações visíveis e investigáveis na linguagem mantida entre o indivíduo e o seu grupo social.

O universo da presente investigação terá como limite aquilo que é possível à Filosofia formalizar na relação entre o papel do professor (EU) e a sociedade existente (TU) concretamente presente numa escola formal. A ontogênese fornecerá dados teóricos em relação ao amadurecimento do professor como agente central das relações sociais que se instauram na micro sociedade de uma unidade escolar. Nesta ontogênese, terão ao fundo as condições enunciadas por Jean Piaget.

A grande pretensão desta pesquisa é que, se a sociedade tiver o projeto de se constituir numa democracia, o mínimo que esta sociedade terá a fazer é garantir

oportunidade para todos os seus membros educar-se em micro-sociedades democráticas e são aqui as escolas formais. Na medida em que a macro-sociedade torna-se uma aldeia global, graças às redes propiciadas pela ciência e tecnologia, existem também condições extremamente favoráveis para que esta ciência e tecnologia generalizem a violência contra a criatura humana. Em época alguma a humanidade dispôs de um arsenal da ciência e da tecnologia de tanta e tão refinada violência psicológica e física.

Quando se desejam positivos os vetores das ações construtivas para a humanidade existe a necessidade de um referencial seguro para orientar as energias conceptuais na amplidão das relações possíveis no amplo universo da prática democrática. Devido ao alto grau educativo e de criatividade que a prática democrática impõe, sustenta-se que a sua prática cabe em qualquer lugar onde se reúnem pessoas livres. Diante desta fato a presente busca teórica converge para a hipótese de que a soma dessas atitudes e teorias, produzirá uma escola com condições mais humanas. No plano da ontogenia do docente, reclama-se com mais veemência teorias democráticas adultas, assimiladas e subsumidas que conduzam o educador nas suas atitudes como educador. O professor como um EU adulto estabelece relações formais nas suas atitudes como educador concretizadas na escola formal vista aqui como o OUTRO. Nestas relações formais investigam-se os acontecimentos externos que testam e modificam estas relações formais. O acontecimento desencadeador de novas relações entre o professor e a instituição escolar formal, é denominado estudado aqui como Abertura Política Brasileira.

Estas novas relações necessitam ser discriminadas e não ser confundidas com o discurso igualitário e nem ser confundido com o nome de democracia. Estas distinções levam às Expressões de Autonomia do docente, como um ser ontogenicamente maduro e por esta razão competente para estabelecer limites e competências no meio educativo institucional.

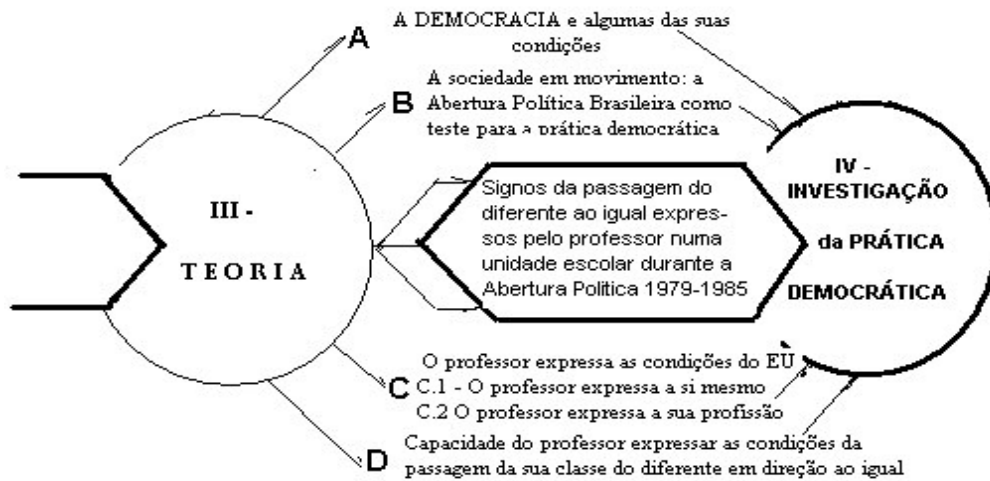


Fig. 1c Distribuição orgânica dos conteúdos desenvolvidos ao longo desta dissertação

O ponto crítico, da presente pesquisa, é observar e registrar o discurso docente e a sua capacidade para expressar o contraditório ocorrido durante o episódio da Abertura Política. Este episódio não pode ser aceito sob a designação genérica de democracia e nem ser confundido com o discurso igualitário. As expressões de autonomia do professor para serem aceitas como tais necessitam expressar claramente os limites e as competências e que não podem ser generalizadas como discurso igualitário.

Esta capacidade de expressão dos limites e das competências revelam o universo conceitual do professor. Conhecendo este universo, é possível questionar com e sobre estas concepções. Acredita-se que este questionamento levarão para a ação e para mudanças sensíveis e indispensáveis para a própria instituição. Este novo tempo para a instituição sempre será diferente do anterior e com novas necessidades universalmente reconhecidas. Acredita-se naquilo que Michel Lobrot escreveu: (in FABRA, 1976, p. 113) quando *“muda-se a mentalidade dos indivíduos que fazem parte de uma instituição, através de uma educação, baseada na auto-gestão, mudará a própria instituição”*.

Uma das aspirações mais profundas e conseqüentes de nossa sociedade é o desejo e a necessidade real para apropriara-se e reformular objetivamente a instituição

escolar formal segundo o seu projeto político. Esta necessidade emerge das atuais circunstâncias externas à criatura humana e à escola formal. Uma destas circunstâncias é o novo projeto de convivência possível pelos atuais meios e tecnologias de comunicação. Tecnologias que abrem possibilidades de um novo entendimento humano e que permitem reformular, com uma nova vontade expressa em novos projetos, para que a humanidade tenha o direito à uma nova educação formal. E como a humanidade encontra-se face à inauguração de uma realidade decorrente de uma nova infra-estrutura, é possível propor uma educação democrática consciente e o uso conseqüente com os seus semelhantes da nova infra-estrutura. Esta nova educação para a convivência democrática com os seus semelhantes só é possível por meio de uma prática democrática institucionalizada. Ao mesmo tempo que a presente dissertação aponta para o futuro, inscreve-se no movimento da busca do melhor da sociedade em todos os tempos e que Protágoras (V^o sec a.C) já propunha no alvorecer da nossa civilização ocidental, afirmando que “*de todos os bens, a medida é o homem*”:

A escola formal ganha novos significados internos na medida em que ela tiver competência próprias para um convívio harmonioso entre diferentes. Nestes novos significados ela pode seguir práticas democráticas mais dinâmicas, a cada dia diferentes do dia anterior. Nestas práticas democráticas ela foge de ser reduzida a uma tipologia decorrente de uma sociedade estática ou refém de regimes totalitários. Como conseqüência dessas práticas democráticas dinâmicas, ela se filia ao pensamento de Guimarães Rosa que escreveu (1956, p. 24) “*o mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas – mas que elas vão sempre mudando*” .

1.C - JUSTIFICATIVA do ESTUDO e da INVESTIGAÇÃO.

A escola formal é um dos projetos mais caros de qualquer sociedade que atingem certa maturidade, pois, esta escola, constitui o laboratório no qual germina o futuro de qualquer sociedade. Uma sociedade que possui o projeto de fazer germinar a democracia, necessita possuir uma escola na qual se institucionalizou a democracia. Esta

coerência entre desejo e realidade social foi apontada por Stiles quando escreveu (1959, p. 19). que

uma sociedade democrática não pode confiar numa educação e nem numa orientação autocrática para que favoreçam seus propósitos, somente pode confiar numa educação ou orientação democrática para assegurar sua sobrevivência

O poder das idéias é ilimitado. Os políticos dizem que por onde passam as idéias de guerra, poucos anos depois passarão os canhões. Na contramão é possível afirmar que, por onde passam as idéias da paz, florirão as condições para concretizá-la.

As classes sociais travam na escola as lutas pelas idéias mais decisivas para o seu sustento e reprodução. A classe social que conseguir controlar a escola, como aparelho ideológico, irá determinar o futuro da sociedade como um todo. Os objetivos subterrâneos da classe que dominar a escola formal irão modelar fatalmente a mentalidade das pessoas que estiveram na escola e o conjunto da sociedade que a sustenta. Quando um povo tenta criar uma nova consciência de uma nova Nação transformar-se em Estado, invariavelmente apodera-se do aparelho escolar e o conduz conforme os seus interesses.

Um Estado que se propõe um projeto democrático, requer uma escola democrática institucionalizada. É o projeto que Leônidas Xausa delineou (in Zero Hora 23/02/1986, fl. 4) quando afirmou “*a defesa da democracia é tarefa não só de paciência, mas especialmente de uma ação pedagógica*”. A estratégia para tornar um indivíduo, ou um povo, livre ou escravo, depende como se institucionaliza a sua educação. Estratégia que La Boetie percebeu no Renascimento Francês quando escreveu (1974, 1982, p. 25) que:

a primeira razão por que os homens servem de bom grado é que nascem servos e são criados como tais. Desta decorre uma outra, que sob os tiranos, as pessoas facilmente tornam-se covardes e efeminadas.

O professor, como condutor conceitual constitui-se no agente maior, o intermediário e o crítico das condições da vida na escola formal. Um docente que conhece, que busca e que evidencia as condições da democracia, é uma garantia relevante para a existência de uma a escola democrática institucional. É isto que Stilles afirma (1959, p. 15), pois

é privilégio do professor, dar estímulo, ajuda e oportunidade aos escolares para aumentarem seus conhecimentos da vida democrática. Sem esta guia os jovens não desenvolvem hábitos funcionais, ainda que

possam ter aceitado as idéias democráticas, ainda que tenham adquirido conhecimentos sobre a liberdade e a justiça.

O presente estudo centra-se na pessoa do professor. Nesta pessoa pesquisa-se a relação verbal que ele expressa na escola formal na qual atua. Espera-se que esta fala discrimine o que se encontra debaixo de certas circunstâncias favoráveis, ou não, na direção da prática democrática. O que o professor expressa é um espelho das condições nas quais ele trabalha. Esta representação é fundamental para verificar o grau de autonomia e o papel que o professor se atribui. Esta autonomia que expressa a verdade do ser diferente, é considerado aqui como componente essencial da prática democrática.

A linguagem é a expressão desta consciência segundo inúmeros autores. Investigar este condicionamento parece ser um dos objetivos mais importantes para quem deseja ter uma escola erudita. Uma das maiores vantagens do projeto democrático na escola erudita e formal talvez seja a simetria que se estabelece entre as dificuldades na área educativa e na área democrática. Ambos os projetos se apresentam muito complexos e necessitam de grande abertura conceitual para quem vai implementar estes projetos. O grau de condicionamento ao qual é submetida a pessoa humana determina o grau de consciência e especialmente a forma que toma esta consciência.

Na presente dissertação, uma hipótese central é que, tanto a escola formal, como a prática democrática são transcendentais para a criatura natural. A criatura humana depende de projetos civilizatórios conscientes para arrancar-se da entropia imposta pela Natureza. Na escola formal a ausência destes projetos civilizatórios conscientes, permite a instalação de projetos nos quais as condições internas conceituais do professor sejam unificadas, simplificadas e reificadas. Nestas circunstâncias, o docente e o seu papel serão reificados, tornando-se objetos e as suas ações perdem o seu sentido como projeto civilizatório. Este professor colocado nestas circunstâncias percebe os seus esforços inviabilizados e qualquer projeto de mudança no exercício de sua profissão é aniquilado.

Nesta reificação da pessoa do docente e da sua ação educativa, o ambiente educativo todo é atingido pela entropia estrutural administrativa, precipitando-se pela via legal. Estaremos, de novo, fatalmente diante do formalismo, tão bem denunciado na escola brasileira por Benno Sander (1977). A professora do Colégio Cândido José de

Godói, Ana Bohrer, percebeu que o único agente com conhecimento de causa para romper as condições deste formalismo escolar é o docente, afirmando, em 1983, que.

a escola formal reduz-se a três variáveis básicas: o aluno, o professor e o conteúdo programático. Nas atuais condições o único que é capaz de variar conscientemente é o professor.

Investir no estudante, como fator de mudanças, esbarra na imaturidade e pela sua passagem fugaz na escola, pois trata-se aqui de alunos do segundo grau. Contudo a interação democrática do estudante na escola formal, está a merecer um amplo estudo colocando novas esperanças na UNE. Esta ação estudantil possui testemunho nas palavras Jorge Bornhauser ao escrever (in Zero Hora 20/06/86, fl.10) que “*a nossa vida democrática se baseia muito nas ações estudantis*”.

A forma democrática, ou não, para desenvolver o conteúdo programático numa escola formal constitui uma escolha que se encontra nas mãos de alguém que tem um objetivo claro, ou não, e é da competência do ser humano adulto, que é o professor. Esta escolha foi percebida por Stiles quando escreveu (1959, p. 19) que “*se alguém deve guiar ao estudante no seu caminho de A, onde está, até Z onde a sociedade quer que ele chegue, é a função do professor ser este guia e ajudar ao aluno no seu caminho da A até Z.*”

Delineia-se com mais clareza o foco da presente pesquisa que é saber se este professor é capaz de expressar as suas diferenças face ao outro. De posse destas expressões é possível saber se ele está reificado, se ele está nas mãos de outros ou se ele é um ser livre e adulto, capaz de deliberações e decisões autônomas.

Um fato favorável, no presente estudo, é que ele foi realizado no espaço institucional e físico de uma escola pública oficial. Nesta escola ainda é possível fazer pesquisa, pois ela oferece tempo e pessoas capazes de dar um espaço e o seu tempo ao diálogo gratuito e desinteressado, como a democracia exige. Esta escola pública oficial, gratuita e desinteressada, contrapõe-se ao espaço da escola particular onde os proprietários concedem o luxo de uma pesquisa somente naquilo que interessa diretamente a administração da escola.

O esforço intelectual da presente dissertação soma-se como apoio ao caminho da sociedade rumo à democracia como dignificação humana. Em todo o lugar na qual encontram-se pessoas, estabelecem-se relações humanas, que podem dignificar ou desqualificar as pessoas nos seus encontros. As relações que dignificam e dão sentido positivo a estas pessoas na medida em que estas relações tornam estas pessoas em sujeitos do seu próprio destino. A reificação é o caminho contrário. As pessoas reificadas tornam-se objetos, não deliberam e não decidem. Para Aristóteles o escravo não era pessoa humana, pois não deliberava e não decidia.

O estudo da prática democrática deveria estar presente toda vez que as pessoas se encontram e estabelecem relações institucionais entre elas. Esta prática democrática levaria a estas pessoas a expressar-se em contratos. Estes contratos seriam confiados às instituições como depositárias fiéis. Estas instituições concretizariam o projeto civilizatório de uma nação que assim se projetaria pelo tempo e pelo espaço.

No imenso potencial teórico que a humanidade já produziu em relação à virtude da prática democrática o autor possui o projeto de atualizar a investigação das suas condições teóricas e práticas numa circunstância particular como a Abertura Política Brasileira. Do imenso potencial teórico disponível na literatura universal em relação à democracia ele irá recorrer a uma parte mínima. Esta parte mínima terá, na presente dissertação, o seu foco nos estudiosos clássicos da democracia na escola, nas obras de Rousseau, Mary Follet, John Dewey e nas obras escritas dos nacionais Anísio Teixeira e Florestan Fernandes, entre outros.

As circunstâncias da Abertura Política Brasileira apresenta-se como uma nova base do mundo empírico para fazer um recorte das práticas desta sociedade. O autor escolheu como índice desta sociedade e debruçou-se sobre o estudo de uma instituição escolar formal que ele mais conheceu e viveu. Será um estudo de caso e eventualmente poderá ser replicado em outras instituições escolares. A novidade que se deseja oferecer, neste estudo de caso, é perguntar, também de uma forma democrática e coerente, a opinião do professor em relação a esta virtude dentro de uma escola real. Como se verá nas conclusões que a resposta do professor foi alentadora devido ao esforço realizado para responder ao complexo instrumento. O autor interpreta este esforço, realizado pelo

professor desta escola, como índice da importância que ele concede a virtude da democracia.

Em todas as escolas do nosso país impõe-se o trabalho intelectual e a pesquisa séria do mundo empírico no qual se inicia este trabalho teórico institucional. O primeiro artigo da nossa atual constituição consagra e escolhe o regime democrático. O autor manteve a esperança que a próxima Constituição Brasileira trabalhe em cima de instrumentos que possibilitem a institucionalização da democracia nas escolas brasileiras.

O texto que narra o estudo teórico e empírico está longe daquilo que o seu autor aspirava. Contudo ele acredita que é melhor apresentá-lo a discussão pública, do que escondê-lo. A única recompensa que ele espera é que tenha contribuído com um minúsculo esforço para arrancar o tema da democracia do desgaste, dos chavões e dos lugares comuns aos quais está atrelado. O presente texto esforça-se para que o tema da democracia se institucionalize na escola e que esta passe a interessar quem é responsável pela condução do processo educativo de uma forma conseqüente e erudita.

Alguém poderia perguntar:

-- Qual é a relação de democracia com o Curso de Métodos e Técnicas de Ensino (MTE)?

A relação entre a democracia e o Curso de Métodos e Técnicas de Ensino torna-se evidente se for acompanhado o raciocínio de Stiles quando este escreveu (1959, p.20)

a todos os fatores que influem no indivíduo avançar de A até Z pode denominar-se plano de estudos Encaminhar o estudante, ou guiá-lo, quando realiza o passo de A até Z, é o ensino.. A maneira como o professor dirige a caminhada, é o método.. Suas mudanças de conduta ao longo do caminho são propósitos. Para favorecer esta transição é o método que se usa. A escolha de um método errado pode fazer com que o estudante chegue a metas indesejáveis. O estudante pode chegar a autocracia em vez da democracia

O curso de MTE, destina-se preferencialmente ao profissional da sala de aula. Justifica-se, pois, inteiramente que num curso de Métodos e Técnicas de Ensino (MTE) desenvolvam-se estudos dos métodos da prática democrática no processo ensino-aprendizagem. Uma dissertação de mestrado ao enveredar pelos estudos das condições

da prática democrática, amplia ainda mais a sua coerência quando o seu campo de pesquisa centra atenção nas expressões de professores, e não somente naqueles dos administradores escolares. Uma convicção consolidou-se no seu autor, e que, reforçado por este estudo, teve mais motivos para acreditar que todo e qualquer Método ou Técnica de Ensino necessita passar pelo teste da democracia como iniciação necessária.

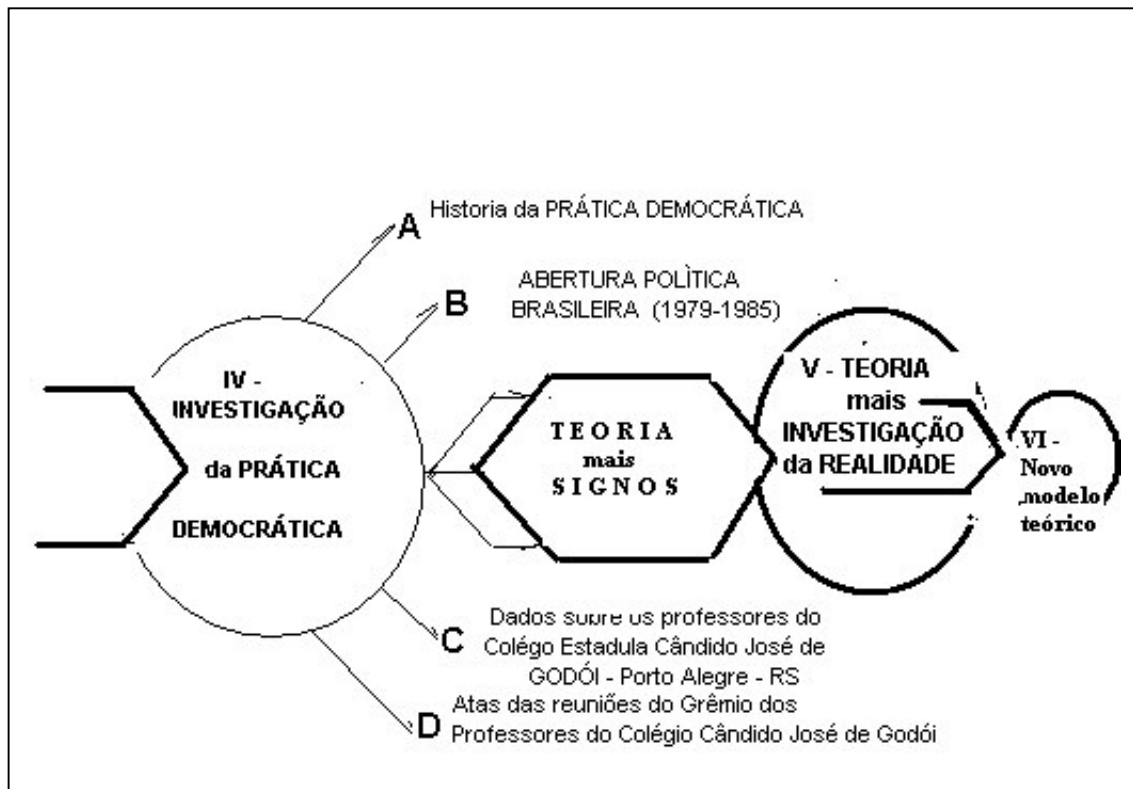


Fig. 01 d - Distribuição orgânica dos conteúdos desenvolvidos ao longo desta dissertação

1. D - Os DADOS EMPÍRICOS.

1.D.1 – Dados do ambiente físico e institucional

O prédio do Colégio Estadual Cândido José de Godói, situa-se no Bairro Navegantes, em Porto Alegre. Este bairro foi embrião das primeiras indústrias da cidade e do estado e, no momento da dissertação, está se transformando num bairro comercial

atacadista e sede de transportadoras. O ambiente arquitetônico residencial está em franca descaracterização e decadência. Por isto abriga, cada vez mais, a classe média baixa.

O Colégio Estadual Cândido José de Godói, iniciou como escola anexa a Escola Norma Estadual 1º de Maio, da qual desmembrou-se em 1957. Até 1970 era exclusivamente feminino oferecendo ensino primário e ginásial. Passou a oferecer apenas o curso de segundo grau a partir de 1977. Os seus alunos matriculam-se em um dos três seus turnos. O mais procurado é o da noite, turno no qual estavam matriculados mais de 50% da população discente no ano letivo de 1983. Nesta data a escola mantinha as terminalidades de Auxiliar de Laboratório de Análises Químicas, Desenhista de Decoração e Auxiliar de Estágio. O quadro docente oscilava ao redor dos 170 professores.

1.D.2 – Dados dos fatos políticos

A *'Abertura Política Brasileira'* abriu espaço para o conflito entre as diversas correntes de pensamento e ideologia dos professores do colégio. Este conflito deu oportunidade para que os professores assumissem formas mais claras de pensamento através da expressão das diferenças. Os próprios protagonistas destes conflitos se surpreendiam com as formas necessárias para a defesa das suas posições.

Os professores, ou apoiavam, ou contrariavam várias iniciativas políticas, sociais e pedagógicas dos sistema vigente de 1964 até 1979. As iniciativas posteriores a estas datas partiam de diversas frentes que denunciavam a necessidade básica de movimento e mudanças dentro e fora da escola. Os membros da comunidade respondiam, com maior ou menor velocidade, aos estímulos de uma civilização em movimento acelerado na busca de formas políticas mais correspondentes às diversas correntes apoiadas em paradigmas distintas verdades. Como em qualquer instituição, em permanente interação com um projeto civilizatório, a escola formal singular respondia de diversas formas e intensidades aos constantes desafios para concretizar a tentativa dos seus próprios agentes institucionais assumirem o seu papel, no contexto desta sociedade em movimento. Estuda-se aqui o desafio que foi superar as seqüelas inspiradas e orientadas pelo paradigma do Golpe Militar de 1964. Estudantes, docentes, técnicos e uma sucessão de direções da escola foram atingidos por este desafio de superação.

Esta tentativa de busca de formas políticas gastas e a proposta de paradigmas políticos mais correspondentes às verdades mais atuais, aqui denominada de democratização da educação formal, necessitou de uma abertura conceitual da prática de uma educação para toda uma comunidade e não se refugiar numa bela torre de marfim teórica. Diante desta atualização necessária surge uma pergunta perturbadora e ampliadora da questão

- a “*Abertura Política Brasileira.*” forneceu a oportunidade para um número maior de pessoas pudesse cursar o segundo grau?.

Em relação a este desafio o autor permanece na dúvida. Mas ele sente-se obrigado a dar a sua contribuição pessoal, pois ele conviveu de perto e observou diretamente o choque entre as diversas concepções e paradigmas materializados em greves, prisões, pichamentos, alterações de designação, processos administrativos envolvendo professores, direção e estudantes. O autor acredita que todos os componentes de uma sociedade deverão se propor, de uma forma séria e pessoal, este estudo da democracia institucional. Esta urgência decorre da própria natureza da democracia. Todos estamos envolvidos nela e ninguém pode declarar-se do lado de fora do tema. Assim o autor descarta que o simples aumento numérico de pessoas num curso segundo grau represente democratização da educação. A democracia, além da questão numérica de ser para todos, necessita garantir que esta concessão não seja algo obsoleto e sem sentido.

Em termos nacionais, há necessidade de criar e reforçar as condições para acontecer aquilo que Kuno P. Rohden prevê (, s/d, p. 88) afirmou:

cremos ter chegado para a educação e ensino brasileiros, um momento de história em que a fantasia da cópia e do plágio improdutiva finalmente vai cessar, pelo menos, não mais serão sentidos com tamanha intensidade. Também que os acordos absurdos e injustos, em que os únicos beneficiados reais, são os tão acalentados benfeitores que infelizmente, não passaram em muitos casos, de vigaristas e sofisticados espertalhões

Os fatos concretos e empíricos vividos no Colégio Godói, empurraram os seus participantes em direção a um projeto educacional universal. Projeto que busca as condições para a criatura humana colocar-se por seu próprios meios na liberdade e na abertura para novas formas de viver dignas e plenas de sentido positivo. Esta busca da

liberdade e de abertura para a vida, colocam a criatura humana em sintonia com aquilo que Plutarco afirmou (in BOÉTIE, 1982, p. 209): “a Natureza nos põe no aberto, em plena liberdade; somos nós mesmos que nos pomos no fechado, nos carregamos de cadeias e nos aprisionamos no pequeno canto que escolhemos por morada.”

2. O PROBLEMA

Uma sociedade que se deseja democrática necessita de uma escola na qual se pratica a democracia. No entanto, na PRÁTICA DEMOCRÁTICA, existem diferentes paradigmas para esta prática numa escola democrática.

O saber é algo dinâmico, relativo e inacabado. O que importa é a busca e o caminho para o saber. O conhecimento que resulta deste caminho através do saber é condicionado e relativo aos interesses pessoais. Guimarães Rosas descreveu (1956, p.18) como os interesses pessoais condicionam este caminho do saber.

Viver é muito perigoso. Querer o bem com demais força de incerto jeito, pode já estar sendo se querendo o mal, por princípio. Esses homens. Todos puxavam o mundo para si, para concertar concertando. Mas cada um só vê e entende as coisas dum modo seu

Habermas (1968) demonstrou magistralmente⁷ como o conhecimento que adquirimos e possuímos, é orientado e determinado pelo interesse⁸, gerando, muitas vezes, uma falsa consciência ou pouco coerente com a verdade

Ao subir nos degraus da escada da experiência reflexiva, resultante do acúmulo da destruição da falsa consciência, empreende-se uma ação dialética, segundo as idéias de Hegel (1770-1831). Esta destruição da falsa consciência, resulta do movimento entre o momento do objeto e o momento do sujeito. Este movimento estabelece uma relação,

⁷ - HABERMAS, Jürgen. *Conhecimento e Interesse*. Trad. José Heck. Rio de Janeiro : Zahar, 1982. 367p.

⁸ INTERESSE: constitui o que está entre (*inter-est*) as pessoas e por conseguinte as pode aproximar e ligar. Arendt, 1983: 239

criando um vínculo entre o objeto e o sujeito. Seguindo o pensamento de Hegel: o fruto deve recusar a flor, a flor deve recusar o botão... ou então: tese, antítese e síntese.

O intelectual brasileiro Florestan Fernandes (1920 - 1995) iluminou o caminho entre o conhecimento e o dinamismo social ao escrever (1966, p. 77). que:

não são os objetivos, idéias visadas, nem os modelos institucionais escolhidos, os obstáculos mais sérios. O retentor está no próprio cerne das atitudes e disposições humanas: a inovação encarada em si mesma, como 'uma conquista pública' como um 'símbolo civilizatório' e como um 'valor supremo'

Na presente dissertação pretende-se experimentar a consciência na qual opera o jogo dialético no jogo do momento histórico pessoal e social, contra o acúmulo de uma cultura ideal dos conceitos intelectuais. Não se pretende registrar o começo do pensamento, nem o seu devir ou potencialidade. Para investigar este pensamento no plano social de uma instituição educacional recorta-se um determinado momento histórico e por meio dele estuda-se as experiências pessoais dos seus agentes .

Aceita-se aqui a posição dialética de Skinner: (1980, p.184) que “*uma cultura não é o comportamento das pessoas vivendo nela; é aquilo em que elas vivem – as contingências do reforço social que geram e mantêm o seu comportamento*”. Esta posição deste teórico americano corrige a concepção original da democrática grega na qual o indivíduo era a origem da instituição, contrapondo-a, de forma dialética, à concepção romana na qual a instituição era determinante do condicionamento social dos seus membros.

Objetos Centrais da Dissertação

Na presente dissertação três objetos constituem-se na dialética entre a instituição e o indivíduo. Estes três objetos são a **instituição**, o **indivíduo** e a **cultura**. A cultura é aceita aqui como um ente homeostático que possui a sua origem nas práticas da segurança institucional e na liberdade do indivíduo. A instituição aqui é a escola formal e o indivíduo é o professor. Estas duas instâncias, em interação na cultura social, é denominada aqui de democracia na medida em que atinge o equilíbrio homeostático permanente entre os extremos da segurança e da liberdade.

As concepções rudimentares da prática democrática tiveram a sua origem histórica nas práticas políticas experimentadas em grupos humanos restritos gregos e que eles designavam como o “*governo do povo e para o povo*”. Estas concepções não gozavam de hegemonia entre os gregos⁹. Os conceitos de prática democrática foram retomadas na contemporaneidade e generalizadas para múltiplas experiências de regimes que se dizem democráticos sem abdicar da racionalidade administrativa romana. Estas experiências dialéticas ganharam evidências e favor público após as revoluções americana (1776) e francesa (1789).

O conceito político de prática democrática evoluiu para dizer das práticas que havia entre governados e os governantes das instituições, sem as tradicionais mediações de tiranos, reis ou divindades. Esta concepção política de democracia sustenta o princípio de igualdade dos governados (cidadania) diante de um sistema administrativo político composto pelos governantes (autoridade) legitimados pela segurança das instituições mantidas pelos governados. Esta homeostase realiza-se de inúmeras formas entre a ‘*fé na identidade*’, no igual, contrapondo-se a ‘*fé na divergência*’. O embate entre estes extremos envolve o acordo em relação a pontos fundamentais como aqueles relativos ao regime e à vida nacional. Esta contraposição polar admite uma infinita gama de escolhas entre diversas soluções de práticas sociais e que aqui são vistos como uma homeostase permanente entre o igual e o diferente. O estudo, a seguir, envereda para análise das condições destas práticas, pois em raras ocasiões pergunta-se pelas condições nas quais ocorrem estas práticas entre forças antagônicas pela sua natureza.

O autor sustenta a sua tese, no limiar destes estudos, de que a essência da democracia nasce do equilíbrio homeostático social-político entre tensões interpessoais que se originam de forças antagônicas administráveis da identidade e da divergência. De um lado temos forças organizadoras da identidade, representadas pelo Estado, e, do outro, o impulso criador da divergência dos indivíduos livres.

Admite-se aqui o regime democrático como o regime político capaz de buscar o equilíbrio homeostático entre a liberdade do indivíduo e a responsabilidade institucional expressa em infinita gama de escolhas. Qualquer equilíbrio humano cultural é sempre

⁹ - Para perceber esta falta de unanimidade grega, em relação a democracia basta ler, as concepções de Platão em relação a uma cidade que quisesse adotar o regime democrático.

uma conquista. A educação institucional constitui o lugar adequado para que a pessoa conquiste o equilíbrio mais amplo com a sociedade em mudança. A educação institucional, além de ser um espaço para a conquista da interação humana, representa o acúmulo da cultura humana na qual se inclui os conceitos e as práticas democráticas.

A interação humana não se restringe da cultura de elementos da mesma geração, mas é lugar de interação com as gerações mais experimentadas nesta práticas (professores), com as novas gerações com menos bagagem cultural da busca deste equilíbrio (alunos). O professor é considerado como pessoa com maior bagagem de cultura humana ou experiências e potencialmente capaz de influir no comportamento de outras gerações na busca do conhecimento. Na escola institucional exigimos do professor uma consciência profissional que possui condições para o exercício do magistério de uma forma continuada e consciente. Neste trabalho consciente e continuado transforma-se em alguém potencialmente capaz do exercício desta profissão sem se confundir com esta instituição. Busca-se, a partir deste ponto, investigar as condições nas quais ocorre este exercício da profissão com interação democrática.

Pontos de Investigação

Na ampliação dos objetos centrais escolhidos, a investigação terá de reduzir a pontos desta prática e que, por sua vez, serão articulados entre si num sistema lógico. A prática democrática será contemplada no estudo por apenas algumas das suas condições.

A - As **condições da democracia** serão estudadas na sua prática. Estas condições da prática democrática serão observadas, na pesquisa, por meio de quatro espaços teóricos que se supõe vetorizar as expressões dos docentes:

⇒ **A . 1** – a observação das expressões do EQUILÍBRIO, entre o EU e o TU, no espaço da Filosofia;

⇒ **A . 2** - as expressões de AUTONOMIA na MATURAÇÃO do EU da PESSOA HUMANA; visto no espaço da Ontogenia

⇒ **A . 3** - a busca do equilíbrio homeostático nas expressões da INTERAÇÃO entre o EU da PESSOA HUMANA e o TU da SOCIEDADE como ponto central da relação dinâmica entre extremos

⇒ **A . 4** - as expressões do movimento em direção ao poder como maturidade da sociedade que consegue transformar este poder em AUTORIDADE.

B - A capacidade do professor expressar, na SOCIEDADE em MOVIMENTO na ABERTURA POLÍTICA BRASILEIRA (1979-1986), constitui o ponto de investigação nas expressões como **EU diante do OUTRO** no processo da Educação refletindo-se

⇓
B . 1 - na MACRO POLÍTICA;

⇓
B . 2 - no AMBIENTE ESCOLAR;

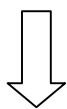
⇓
B . 3 - na UNIDADE ESCOLAR como materialização da Educação.

A escola institucional está dentro da **macro-política**, entendida como ordenadora e vetorizadora das vontades. A vetorização destas vontades podem ser orientadas na direção do homogêneo, do igual da estagnação e mesmo da entropia, ou na direção do divergente que gera as mudanças e as rupturas com as leis da entrópia.

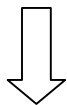
A macro-política possui um projeto, consciente ou inconsciente, de reprodução de si mesma que é o **projeto educativo**. Este projeto educativo necessita ser legível no ambiente educativo. A unidade escolar é o instrumento institucional deste projeto educativo. É o espaço que permite um feed-back adequado do projeto educativo de origem. Para esta dissertação a sociedade em movimento representa o OUTRO e o professor o EU. O problema a investigar é se o professor saberá ou não conduzir a si mesmo – EU – diante destas circunstâncias - do OUTRO- .

Esta dissertação pesquisa:-

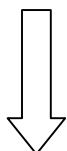
C – professor



C . 1 expressa o **EU** na sua **AUTO – IMAGEM**, em termos de competência, responsabilidade, atualidade e interação social;



C . 2 expressa o **EU** na sua **PROFISSÃO**, como troca social onde o EU põe as suas experiências e seus conhecimentos ao serviço do OUTRO ;



D - o professor expressa o **EU** no **INTERIOR** de sua **CLASSE**

D . a atividade produtiva junto ao OUTRO gera uma consciência do real que deixa um resíduo chamado classe.

A democracia, definida apenas como a *'igualdade de todos diante do Estado'*, não é um erro de si, mas encobre mais do que revela da natureza das condições nas quais deve ocorrer a relação cultural humana.

Historicamente as correntes revolucionárias, na busca de sua afirmação e o poder, sustentam o essencial da igualdade de todos, como demonstrou Saviani (1983). Uma vez no poder sustentam e afirmam as desigualdades existenciais.

Assim temos dois pólos. Um daqueles que buscam movimentos e mudanças para propiciar a **igualdade** rumo ao poder. Outro daqueles que buscam movimentos e mudanças para afirmar as **desigualdades** e, assim, manter, para si mesmos, o núcleo do poder conquistado com o discurso da igualdade.

De um lado aqueles que buscam o homogêneo, a essência da igualdade, dialeticamente, do outro, aqueles que buscam o heterogêneo, onde todos são diferentes.

Na presente dissertação, ao pesquisar o discurso do professor, será observado se ele sustenta uma das três direções diferentes:

- a igualdade, o homogêneo, a essência;
- a desigualdade, o heterogêneo, a existência;

-
-
- a possibilidade da administração, da passagem do diferente para chegar ao igual, ou do igual, passar ao diferente, num movimento contínuo denunciando um sistema de circulação permanente e que mostra carregar consigo, assim, o poder que se alimenta e renova neste circuito.

A presente dissertação sustenta que as duas primeiras formas de organização social na escola, radicalizadas aos extremos, são impraticáveis. Contra a igualdade absoluta levanta-se a Psicologia Diferencial, dizendo “*somos diferentes*” como Henrique Justo (1979). Contra a desigualdade absoluta levanta-se a ideologia primária contemporânea da “*Igualdade, Liberdade e Fraternidade*”.

O ponto que a dissertação deseja sustentar na teoria, é de que ‘a educação constitui um sistema de circulação da desigualdade para a igualdade e da igualdade para o diferente, em permanente homeostase entre o diferente e o igual’. No mundo empírico a dissertação busca detectar na pesquisa nas expressões dos docentes movidos pelas pressões de um destes pólos. A motivação desta investigação teórica e prática, é verificar quanto uma escola formal necessita de um professor que seja capaz de administrar a prática democrática na permanente circulação homeostática entre o igual e o diferente.

O Simplismo Racionalista

Na prática da democracia a presente dissertação percebe uma grande complexidade. Qualquer simplificação, na análise da democracia, corresponde ao risco de criarmos algo grotesco e profundamente errado. A democracia é um acontecimento cultural que surge historicamente em sociedades adiantadas. Como diz Platão: “*a democracia nasce quando os pobres vencem os seus adversários*”, revelando assim um processo de amadurecimento social onde o diferente é vencido rumo ao igual e, atingido este patamar, as diferenças possam coabitar.

A escola formal, fruto da cultura da nossa sociedade, com múltiplas estruturas, oferece a mesma complexidade da análise das condições da democracia. Contudo, a todo momento, estas múltiplas estruturas enfrentam a tentação de reduzir a prática democrática na escola a alguns slogans primários.

O professor constitui o objeto e o sujeito da escola institucional e da sociedade na qual ele atua. Mas, tanto como objeto como sujeito, ele necessita conhecer modelos racionais adiantados de análise e de uma vontade, alimentada por esta análise, para gozar o direito de conduzir este processo no seu espaço profissional.

2.A - Paradigma !: A DEMOCRACIA é uma FORMA de GOVERNO pelo POVO e para o POVO, na qual TODOS SÃO IGUAIS.

*“Liberdade, **Igualdade** e Fraternidade”*

Lema da Revolução Francesa (1789)

*“Liberdade, **Igualdade** e Humanidade”*

Lema da Revolução Farroupilha (1835)

Os líderes e o povo da Revolução Francesa colocaram na ordem do dia, em 1789, a igualdade quando todos bradavam *“Liberdade, Igualdade e Fraternidade”*. Todos passaram a ser iguais diante do Estado. Por força desta ordem igualitária o próprio Rei Luis XVI e a Rainha Antonieta tornam-se iguais ao povo, seguindo o mesmo destino. A Revolução Soviética (1917) aniquilou todos os privilégios e o comunismo foi interpretado, para a massa, como a igualdade absoluta dos cidadãos. Nicolau II e a sua corte de nobres foram reduzidos à condição de iguais. Os palácios dos nobres foram entregues ao proletariado. A Revolução Chinesa (1949) colocou um bilhão de pessoas nos mesmos uniformes, com o mesmo horário e o mesmo conforto.

Na cultura americana a tese igualitária influenciou poderosamente nos pontos centrais de alguns dos seus cientistas, como B. Skinner, que escreveu (1980, p. 210).:

Uma análise científica do comportamento humano e da evolução genética e cultural, não pode fazer da liberdade individual o objetivo do planejamento cultural. O indivíduo não é origem ou uma fonte. Ele não inicia nada. E nem é ele que sobrevive. O que sobrevive é a espécie e a cultura. Elas estão além do indivíduo no sentido de serem responsáveis por ele e de sobreviver a ela

No plano das grandes multidões das nossas megalópoles concentradoras o império das massas humanas, a igualdade parece hoje um fato irreversível e visível no consumo programado dos alimentos, na moda, na cultura e nas aspirações coletivas.

A indústria, que produz em série produtos iguais, agradece e impõe um gosto unívoco e com obsolescência programada para continuar a despejar, vender e alimentar a sua linha de montagem de produtos iguais. Esta igualdade atinge todo o planeta, a ponto

de o poeta, Mário Quintana reclamar que todos os aeroportos do mundo parecerem iguais, ao contrário de antigamente, quando todos os portos do mundo ostentavam a sua cor local e a sua personalidade.

A falta de aceitação do diferente normalmente é escamoteada. O discurso igualitário é proposto como forma consagrada do pacto social oficial. É uma forma primária da racionalidade social. A aspiração e a racionalidade, em direção ao igual, serve de instrumento para unir artificialmente uma série de fatos sociais e escamotear diferenças abismais.

O professor, mais consciente de sua realidade social, vive, em geral, estas diferenças abismais. Será capaz de expressá-las ou não, conforme estiver polarizado pelo discurso oficial, ou tiver seu discurso autônomo em relação à leitura da realidade.

Os povos contemporâneos, mais adiantados, se dão conta do perigo da generalização apressada igualdade a pretexto de uma forma institucionalizada de democracia. Nash descreveu (1968, p.221) advertindo contra este perigo do igual “*uma democracia que se preocupa com a obtenção de um alto nível de cultura, precisa ter consciência de um perigo: a busca da igualdade pode conduzir a uma uniformidade medíocre.*”

Na verdade, o discurso igualitário funciona como poderoso instrumento de dominação. A democracia manipulada e as suas contrafacções não tiveram até hoje, caricaturas tão dolorosas como depois que as massas subiram ao palco da História. Neste sentido Santos: escreveu (1975, p.34) que

os grandes sonhos da vida democrática parecem transformar-se em realidade. A liberdade e a educação para todos são empolgantes. Valoriza-se o homem comum. Porém, José Ortega Y Gasset (1883-1955), com sua argúcia excepcional, entrevira o fenômeno. Não foi o povo comum que se eletizou, que se conscientizou e que tomou nas próprias mãos o seu destino. Foi uma caricatura do povo. Foram às massas, alfabetizadas em parte, tão inconscientes como antes, que se rebelaram e vieram a primeiro plano. Mais vítimas do que protagonistas da História.

O discurso racionaliza o social e escamoteia o diferente para dominar. O mais forte, o mais inteligente e o privilegiado pela sorte, declarado legalmente como igual aos

demais, pode, também legalmente, dominar os demais que, num espaço e num ponto ideal-legal são iguais. Este falso discurso igualitário constitui-se, em última análise, num darwinismo cultural mal disfarçado, abrindo caminho para o mais forte por natureza

O discurso igualitário e a conseqüente prática igualitária, são historicamente um traço comum à sociedade brasileira. Decreta-se a abolição da escravatura como a igualdade diante da liberdade. Entretanto, não se atende as mínimas condições para igualar o ex-escravo com as condições de liberto. O neo-liberto mergulha nas piores condições humanas não tendo nenhum significado a abolição da escravidão. Cria-se o BNH – Banco Nacional de Habitação – declarado oportunidade igual para que todos cheguem até a casa própria. O dinheiro, facilitado pelo governo, é aproveitado por aqueles que teriam outras condições para chegar a casa própria.

Ao docente, que deseja instalar uma prática democrática, preocupa-se com a facilidade de as pessoas aceitarem este discurso igualitário e serem vítimas destes discursos oficiais falsos e que não possuem a capacidade para articular, contra ele, as suas diferenças com expressões autônomas. Ou em outros termos, um docente capaz de oferecer e sustentar o seu discurso contra o discurso igualitário do sistema.

A pessoa está no caminho para tomar as medidas para modificar as suas condições quando é capaz de representar para si mesma e claramente as suas diferenças, suas condições e expressar as contradições nas quais vive. A linguagem humana constitui a consciência da espécie pois pensamos com palavras e símbolos. Quem expressa as suas diferenças, as conhece e encontra-se no caminho para administrá-las. Conhece as suas contradições quem as sabe articular em linguagem.

Os modelos deste pensamento e da verbalização do conhecimento foram investigados na Biologia por Pavlov, que escreveu (1980, p. 151). :

Em nós elabora-se um pensamento não concreto mas verbal. O segundo sistema de sinalização torna-se regulador mais constante e antigo das relações vitais. Nada disto se dá nos animais. Dado que em nós a atividade está concentrada na região da linguagem, o segundo sistema de sinalização deve agir sobre o primeiro e sobre o subcortex

Se esta representação é aniquilada e frustrada, abre-se o caminho para a reificação, isto é, o sujeito tornar-se objeto e passa a ter uma vida intelectual vegetativa. Torna-se

presa fácil da heteronomia, tanto social como física. Nestas circunstâncias nega-se a verdade da diferença, aspira-se a um mito e passa-se a viver este mito. Um dos mitos desta reificação é “a democracia como igualdade.” O educador Herbert Read condenou de forma veemente esta busca de tipo social uniforme, ao escrever (1986, p. 31).

Essa diversidade não é um acidente biológico. É a base dialética da seleção natural, da evolução do homem. Portanto, qualquer tentativa, seja na educação ou por coação, de eliminar as diferenças entre as pessoas poderia frustrar a disseminação natural e crescimento da raça humana. É possível e até “científico” argumentar que devemos tentar controlar esse crescimento, assim como controlamos a reprodução de espécies como o cavalo e o carneiro. Porém, esse controle só poderia ser efetivamente exercitado se tivéssemos um objetivo em vista em que existisse concordância. Criamos cavalos em função de sua força e velocidade. Carneiros para obter um tosão melhor. No entanto seria uma grande presunção criar a raça humana em função de alguma qualidade presumida ou pré-determinada, essa idéia vingou apenas nas mentes de filósofos absolutistas como Platão e Hegel, ou foi a política de fanáticos extremistas que tentaram por em prática as idéias de filósofos como eles

Nesta busca fica mais evidente de que existe um espaço e um tempo entre a diferença individual e a igualdade coletiva possível.

2.B - Paradigma 2 - A DEMOCRACIA é uma FORMA de GOVERNO pelo POVO e para o POVO no qual TODOS são DIFERENTES.

“EU”

[Título do livro (1912) de Augusto dos Anjos (1884-1914)]

“Somos Diferentes”

[Título do livro (1979) de Henrique Justo].

A burguesia européia colocou a ênfase máxima no indivíduo logo após a Revolução Francesa e da aventura napoleônica. Politicamente a ênfase máxima no indivíduo era o último golpe contra o inconsciente coletivo, tão ciosamente cultivado pela Contra-reforma, pelos Jesuítas e pela igreja Católica. Na estética o grande instrumento passou a ser o romantismo com seus gênios individuais e soberanos. O romantismo nas artes passou a realizar o grande discurso do EU absoluto. O gênio, a personalidade e o diferente foram buscados por todos os meios. A grande discussão passou a ser a alma individual e nacional. Em nome desta alma individual e nacional proclamam-se as independências, como aquela do Brasil. Para alimentar esta alma individual e nacional, buscaram-se biografias de heróis individuais que se destacam da massas humanas cinzentas e uniformes. A ciência da Antropologia concebeu, em 1846, o Folclore que vasculhou a alma individual, regional e nacional. Se não a encontrava, não custava inventá-la e disseminá-la como tal. Cada grupo humano percebeu-se compelido a buscar a sua individualidade, o seu saber, a sua religião e a sua arte para que o diferente, da sua alma individual, pudesse sobreviver face ao grupal indistinto e ao EGO rival. Em qualquer polêmica jurídica do mundo ocidental, ou simples fofoca de esquina, a independência dos indivíduos e das nações passou a ser o princípio fundante e argumento último de qualquer lógica!

Na educação a individualização o ritmo do ensino individual, não pode ser mais violentado. O respeito ao indivíduo, chega as raias do absurdo. O EU tornou-se soberano na medida em que começam a se aplicadas, as teses do livro da educação *“l’Emile”* (1762) de Jean Jacques Rousseau (1712-1778). Uma cultura ou uma civilização não podem impor nada aos indivíduos que a compõe.

A ênfase no indivíduo, ganhou dimensões monstruosas durante a primeira parte do século XX como é visível no título do livro “*EU*” (1912) de Augusto dos Anjos (1884-1914). O cinema criou o estrelato individual para compensar a perda da individualidade na arte, que tornou-se, graças à indústria, massiva por essência. Neste cinema uma personalidade passa a ser construída artificialmente sobre uma pessoa real. Gera-se uma imagem estereotipada de um herói que projeta, numa escala descomunal, o indivíduo real, perdido no meio da multidão. A grande matriz da fabricação destes astros é Hollywood. Não é por acaso que ocorrem suicídios e retiros forçados, destes “*astros*”, quando eles descobrem a artificialidade daquilo que foi construído neles.

Para satisfazer parte do seu superego frustrado, a indústria da imprensa cria a arte das Histórias em Quadrinhos (HQ). A HQ cria heróis e super-heróis, ao exemplo do cinema, nos quais se reconhecem milhões de indivíduos, mergulhados nas massa cinzenta das multidões.

O trágico desta criação de heróis encontra-se na política, numa galeria impressionante desfilam criaturas mitificadas. O mais trágico é que estes atores políticos acreditam no seu próprio mito e que acabará por devorá-los. Mas eles são necessários para que as frágeis existenciais individuais humanas, encontrem apoio nas criações dos vencedores de armas e conferem ilusões de segurança pessoal, como nas figuras de .Napoleão Bonaparte, Hitler, Stalin, Churchil, Franco, Pio XII. As inúmeras biografias, filmes e museus que prolongam, no tempo, estes indivíduos paradigmáticos para o consumo dos indivíduos que não foram os seus contemporâneos.

Numa escala parecida ocorreu o mesmo no esporte. O *ídolo* no futebol, automobilismo, tênis, xadrez ... é criado, consumido e esquecido. Se o ídolo é um pouco mais resistente, acaba vendendo material esportivo, refrigerante ou fortificante.

Na hipertrofia artificial do indivíduo a arte constrói os seus ‘*gênios*’ da música, da pintura, literatura...

Na educação, a aceitação deste papel de super-mãe, super-pai, super-herói ... encontra o reforço nos modelos de heróis da ciência, da poesia, do patriotismo. A própria escola se povoa de personagens na pessoa do diretor, secretário de educação, do ministro.

A felicidade destas vítimas do mito da individualidade, consiste em poder se considerar diferentes do comum dos mortais. Está em marcha a individuação consciente que Henrique Justo caracterizou (1979, p. 43) “o indivíduo procura sob modalidades diferentes, sua auto-realização que constitui a necessidade geral básica do homem” e expressa-se na busca social em se constituir em alguém louvado e cultuado. O exótico, o personalizado e a exclusividade são marcos do novo tempo e necessitam serem associados ao indivíduo. Os esforços da tecnologia, em especial da informática, põe-se ao serviço individualização e por todos meios é perceptível na aplicação das ciências.

Os participantes desta busca do diferente, dificilmente dão-se conta, que no extremo desta aventura esconde-se o caos pessoal ou coletivo. Caos representado pela loucura individual ou então pela guerra coletiva. O artista Herbert Read escreveu (1986, p.31).

Outro ponto de vista encontrou sua expressão extrema na filosofia de Max Stirner, à qual Marx e Engels devotam parte de sua crítica mais destrutiva. Essa filosofia assevera, com uma consistência lógica que alguns de seus oponentes acabariam por emular, que todos os valores podem ser recebidos e julgados apenas tendo como instrumento um sistema individualizado, e que qualquer coisa além das vontades e dos desejos do Ego é uma forma de falsa racionalização dessas direções instintivas ou uma forma de autoconcepção que conduz à frustração e, em seguida, à agressão e a autodestruição. Ou seja, o altruísmo é uma ilusão, e é só reconhecendo esse fato que podemos chegar a felicidade individual

Numa citação livre pode-se repetir com Luis XVI “depois de mim, o dilúvio”. Todos os cidadãos tornam-se imperadores que desejam que o caos reine depois deles. No momento que o indivíduo chega a esta conclusão, e, proclama-se como onisciente, onipotente, eterno e onipresente, acaba qualquer condição para a prática democrática ou ruptura epistêmica rumo ao um saber coerente com a realidade.

2. C - Paradigma 3 - A DEMOCRACIA é uma FORMA de GOVERNO pelo POVO e para o POVO na qual se pratica a RECRIAÇÃO do CAMINHO entre o DIFERENTE para o IGUAL e do IGUAL ao DIFERENTE numa HOMEOSTASE PERMANENTE entre estes EXTREMOS.

“Digo: o real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia”

[João Guimarães Rosa (1908-1967) em Sertão Veredas, 1963, p.62].

Ao longo da História a democracia (δημοκρατία ΔΕΜΟΧΡΑΤΙΑ) “*como governo do povo e através do povo*” foi obrigada a definir as condições da sua prática. Um dos pontos centrais da descrição das condições da prática democrática é decidir quem é igual e quem é diferente. Quem deve ser incluído ou excluído do povo que governa. Para definir as condições da prática democrática, constroem-se mecanismo para decidir quem é grupo de dentro e quem é o grupo de fora. Esta escolha faz parte do processo de legitimação de qualquer grupo humano que se constitui com um certa identidade, conforme Bourdieu e Passeron (1970)..

Duas correntes básicas entram em conflito no processo de comparações para decidir e legitimar qual o grupo de dentro no uso prático do poder. Uma corrente é que “*todos somos iguais*” outro é que “*todos somos diferentes*”. As correntes revolucionárias, que buscam historicamente a afirmação do ideal da essência de sua identidade e, por meio dela, o poder, sustentam que “*todos são iguais*”. Uma vez conquistado o poder voltam-se para a realidade da existência, sustentando e evidenciando as desigualdades, afirmam que “*todos somos diferentes*” conforme já foi visto em Saviani (1983)..

Tanto a igualdade e a diferença, possuem os seus ardorosos defensores e seus mártires. Como fruto e neófito fervoroso da revolução burguesa Hegel sentiu e expressou (1980, p.133). esta contradição, confiando ao Estado a tarefa de moldar a igualdade a partir das diferenças.

Todo homem individual, contém o germe do homem ideal. A representação deste homem verdadeira reside no Estado, que será a forma objetiva, geral e canônica por assim dizer, que reúne e funde os sujeitos individuais, apesar das múltiplas diferenças que os separam

O problema central consiste agora em tentar demonstrar que os dois pólos pertencem a mesma realidade e que os dois pólos podem ser administrados sem serem confundidos. O próprio Hegel vislumbrou (1980, p. 133) uma outra saída para amenizar o papel terrível, que confiara antes ao Estado;

Perante o conflito entre as duas forças cumprem a educação estética impor-se como mediadora, porque o seu fim consiste, segundo Schiller, em conferir às inclinações, tendências, sentimentos e impulsos, uma formação que as leve a participar na razão de tal modo que a razão e espiritualidade ficam despojadas do caráter abstrato, para se unirem à natureza como tal, e da carne e do seu sangue se enriquecerem

A razão exige a unidade como tal, isto é o domínio dela é o genérico, enquanto a Natureza solicita a variedade e a individualidade. Cada uma delas procura chamar o homem para si mesma. Para sair destas forças dialéticas e contrárias e para conseguir a unidade entre razão e a Natureza, não há necessidade de Hobbes (1588-1679) inventar o seu Leviathan (1651), e, portanto, não seria necessário recorrer ao terror gerado pelo Estado. Seguindo o pensamento de Hegel chegamos ao mecanismo proposto, em 1979, por Roberto Gomes para quem é possível unificar e ao mesmo tempo distinguir: Este mecanismo está no centro da cultura humana e consiste em “*expressar para assumir*”. Neste “*expressar para assumir*” estão presentes os valores estéticos. A estética é vista aqui como o saber que a criatura humana aúfere no uso prático dos seus sentidos¹⁰. Este saber configura-se numa representação para os sentidos e permite à inteligência (conhecimento) no mundo das palavras e símbolos, abrir espaço para a vontade assumir, ou não, o direito de realizar, no mundo empírico, aquilo que os sentidos propõem.

Na medida e que é possível “*expressar para assumir*” as duas concepções em conflito e antagônicas: “**todos somos diferentes**” ou “**todos somos iguais**” – admitem uma ponte entre contrários. Na expressão humana constituem-se projeções das diferenças existenciais, mantendo a homeostase com a essência da igualdade, sem a esperança de um ponto fixo e ideal de equilíbrio. Esta homeostase não pode ser

¹⁰ - A disciplina da aestesia αἰσθητική foi proposta, entre 1750/8, por Alexander Gottlieb Baumgarten (1714-1762). Pode-se atribuir o seu fracasso a diversos fatores. Um deles foi a onda de subjetividade e dos grandes filósofos subsequentes (Kant e Heggel) e tinham concepções mais coerentes com a nova realidade que se desenhava com a nova revolução das máquinas que não sentiam

confundido com ecletismo que força a existência de uma terceira realidade e aniquila as diferenças na concepção (1955, fl) de Mário de Andrade.

Ao seguir as concepções de Mary Parker Follett (1868-1933), (in Maria Carvalho 1979), chega-se a mesma busca de homeostase na sua expressão recorrente “*administrar as diferenças*”. Com esta busca de homeostase, o significado da escola ilumina-se, passando a ser um lugar para o exercício da expressão e um espaço para aprender a administrar as diferenças entre as pessoas. Na qualidade de condutor conceitual o professor é competente para expressar a homeostase das diferenças e igualdades entre as pessoas submetidas ao processo educativo na escola institucional.

Admitida a competência deste professor podemos privilegiar, ou não, este agente como administrador das diferenças existenciais, tendo em vista a essência da igualdade dentro da verdade. Não podemos admitir este agente quando ele afirma a igualdade no momento em que existe a diferença e vice-versa. Este agente foge da verdade e mente.

Nesta dissertação, um dos pontos de atenção é a figura do professor competente para expressar as diferenças e as igualdades, quando existem. Segundo Stiles (1959, p. 108): “*a democracia no ensino, como a democracia na vida, é um caminho, mais que um procedimento estabelecido*” não existindo, pois, uma fórmula ou uma receita

A presente dissertação propõe-se a investigar por meio do caminho da linguagem, apesar da sua profundidade e de todas as manipulações possíveis com este instrumento humano. A própria filosofia reconhece que é no logos (λογος) que reside o conhecer e o saber. Heidegger sintetizou este saber, sem esgotá-lo, ao afirmar (1983, p. 23)

Somente aprendemos a conhecer e a saber quando experimentamos de que modo à filosofia é. Ela é o modo de correspondência que se harmoniza e põe de acordo com a voz do ser do ente. Este corresponder é um falar. Está a serviço da linguagem. O que é isto significa é de difícil compreensão para nós hoje, pois nossa representação comum da linguagem passou por um estranho processo de transformação. Como consequência disso a linguagem aparece como instrumento de expressão

Quando se busca o direito de possuir uma educação mais consequente, um dos pontos centrais é fazer com que o professor expresse claramente o ponto em que ele está, e para onde quer levar este processo. Esta possibilidade dialética está colocada sob

a decisão responsável da clareza possível ao professor. Dermeval Saviani escreveu (1983, p.84)

O professor deve antever com certa clareza a diferença entre o ponto de partida e o ponto de chegada sem o que não será possível organizar e implementar os procedimentos necessários para transformar a possibilidade em realidade

A reificação imposta pela mentira do discurso igualitário é claramente denunciado por Saviani quando escreveu (1983, p.80) que: *“se as condições de igualdade estão dadas desde início, então já não se põe a questão de sua realização no ponto de chegada. Com isto o processo educativo fica sem sentido”*. Quando um povo quiser assumir o seu destino é necessário que todo povo assuma este destino como algo coletivo e coerente com este objetivo. Neste momento o professor e a escola necessitam saber expressar este significado ao nível da consciência.

Compete ao povo brasileiro uma grave interrogação histórico-social. Entre os outros povos os pactos sociais foram celebrados com sangue e dor e, por isto, há necessidade de interrogar se o povo brasileiro:

- está congelado pelo medo e ignorância para celebrar o seu pacto social?
- vai dar um tradicional *“jeitinho brasileiro”* neste pacto?
- espera mais um pacote pronto, em vez de construir ou celebrar um pacto?
- este povo também irá gerar o hábito de transformar pactos em pacotes?

Pergunta-se:

- não valeria a pena investir na escola para evitar o terrível banho de sangue com que foi assinada entre outros povos este pacto social?

- não seria um caminho lógico para conseguir este pacto social institucionalizar a educação democrática por meio de uma prática democrática, conduzida com processos conscientes e claramente expressos pelo professor?

Este pacto social na palavra de Fabra (1976, p.64) o que constitui *“a nível profundo, o problema da educação não é pedagógico, mas sim político”*

3 - O PROBLEMA e a TEORIA

3. A - PROBLEMA GERAL – Qual dos TRÊS PARADIGMAS são PROPOSTOS HISTORICAMENTE na BIBLIOGRAFIA das DIVERSAS CIÊNCIAS em RELAÇÃO à PRÁTICA DEMOCRÁTICA?

*“Podemos conceber diversos gêneros de democracia”
(ESPINOSA, 1983, p.315).*

3.A.1 - O acúmulo conceitual

A complexidade e o acúmulo histórico dos conceitos e experiências relativas a democracia, é imensa e coerente com os múltiplos sistemas do seu espaço epistemeológico. Por esta razão, o presente modelo teórico volta-se para as condições da prática democrática. Nesta escolha restringe-se, de um lado os conceitos, e do outro, amplia-se a busca em direção das ciências experimentais.

Estas ciências experimentais orientarão a construção de um modelo teórico de análise, e que não quer esgotar outros inúmeros modelos teóricos possíveis. O que parece evidente que apesar das simplificações, é que este modelo não pode ser primário para não cair na tentação de transformar a democracia num acúmulo de slogans ou então arriscar deixar escapar o essencial.

Este modelo será instrumento para análise das relações que o professor, como pessoa humana, mantém frente à instituição escolar como uma parcela da sociedade em movimento e mudanças materializadas no Brasil durante a Abertura Política.

3.A.2 - Os quatro domínios do conhecimento, os níveis epistemológicos e a Democracia

Em cada ciência o conhecimento atinge quatro domínios, para Jean Piaget (1986-1980 e que podem ser identificados como os domínios material, conceitual, e epistemológico interno e o externo.

O **domínio material** é o conjunto de objetos empíricos em relação aos quais a Ciência reflete. O domínio material significa, aqui, uma escola formal, os seus professores, os seus atos, palavras e textos que são considerados índices materiais das mudanças políticas. O Colégio Cândido José de Godói de Porto Alegre, como referente a este domínio material possui textos e documentos espalhados pelos seus diversos campos de atividade. Constituem informações extremamente dispersas como as jornalísticas, atas de reuniões, processos jurídicos e inacessíveis por variadas razões.

O **domínio conceitual** recobre o conhecimento e as teorias. No presente estudo, estas significam as teorias e conhecimentos relativos a democracia, a participação, cooperação até a interação educativa democrática que passam por inúmeras formas de relação social.

O **domínio epistemológico interno** se concentra nos fundamentos teóricos internos da investigação da educação, da pedagogia, da didática... conduzidos pela cultura social.

O **domínio epistemológico externo** procura estabelecer uma coerência como um todo. Em nosso caso o papel pertence à Filosofia.

3.A.3 – Desdobramento dos quatro domínios do conhecimento, os níveis epistemológicos e a Democracia

3.A.3.1 - O domínio material

O domínio material estende-se no espaço físico e temporal da escola na qual participam o professor e a sociedade, numa perspectiva de integração, ou não. Neste domínio material estão estabelecidos os dados formais e físicos da escola a investigar no todo e das partes. O professor, o seu número (quantidade), estrutura administrativa, dados legal e histórico geral. O espaço temporal é constituído pelos acontecimentos que acompanharam a Abertura Política Brasileira.

O instrumento de trabalho busca dados empíricos para colher elementos significativos e assim estabelecer a ponte entre o domínio material e o domínio conceitual. Neste trabalho de dissertação a informática possui um papel como ponte sistematizadora

por meio da lógica numérica. Contudo a sua eficácia não pode ser absolutizada. Para isto convém tomar em conta a “*linguagem gerativa e transformativa*” nos estudos da criatividade de Chomsky, que não são apropriados explicitamente aqui, mas sempre presentes, como música de fundo.

3.A.3.2 - O domínio conceitual

Partindo das observações de Jean Piaget, constatamos uma série de comportamentos que irão criar os conceitos básicos dissertação. Assim podemos dar-nos conta de comportamentos voltados para a socialização, a cooperação, a participação e a interação.

Os vínculos que emanam da realidade física e que lhe dão forma, são analisados ao nível de idéias no domínio conceitual. Aceita-se aqui a idéia como visão, iluminação, intelectual de um dado. O conceito é a parte operacional desta visão se for aceita a idéia como “visão intelectual”. Esta “visão intelectual” pode ser a *priori* ou a *posteriori*. O conceito pode ter extensão nula. Contudo, conforme Ferrater Mora, a toda classe definida corresponde a um conceito.

Os componentes do comportamento humano possuem bibliografia extensa. É significativa a bibliografia das escolas americanas me relação ao estudo do comportamento humano. Um dos pontos deste estudo refere-se ao projeto e o pacto social americano, há muito tempo celebrado, incluem a democracia institucionalizada na instituição escolar formal. Os desempenhos democráticos foram estudados de uma forma privilegiada pelo pragmatismo, existencialismo, neopositivismo. A toda esta extensão é acrescida de inúmeras escolas doutrinárias atuais.

3.A.3.3 - O domínio epistemológico interno

A bibliografia, no domínio da epistemologia, é aquela que se refere às ciências diretamente ligadas ao Domínio Conceitual que examinamos. Despontam aqui a educação, a pedagogia e a didática.

A educação é aqui entendida no seu sentido etimológico como o “*fazer com que a pessoa retire, do seu interior, as suas potencialidades*”. Este fazer abrange a pedagogia e a didática sem se esgotar nestas disciplinas. Examinamos aqui a “educação democrática”

especialmente a: “educação democrática institucionalizada” contrapondo-a a “educação autocrática e de treino”.

A pedagogia. é a relação que se estabelece de pessoa a pessoa durante o processo de educação institucional. Este processo envolve vários aspectos afetivos que se estabelecem durante a aprendizagem. A literatura é particularmente ampla aqui. Quase todos os teóricos da aprendizagem procuram desvendar esta ponte. Estes teóricos vão desde posições facilitadoras absolutas, espontaneistas, na linha do “Émilié” de Rousseau, ou de Rogers até os treinadores mais tirânicos, aplicando na educação as lições de Skinner e de Pavlov.

A didática é parte operacional é a técnica da educação. para o vetor observável que o conceito de democracia fornece como dados comportamentais observáveis No presente estudo, a didática, é o instrumento de observação da realidade. A atitude democrática reflete-se na didática institucional de inúmeras formas. Isto se dá desde a escolha conteúdos, sua comunicação até a avaliação. Privilegia-se aqui a didaxia francesa e alemã, contrapondo-a ao experimentalismo americano. Segue-se o caminho dos iluministas franceses, passando para os alemães que a partir do idealismo de Kant e Hegel tentaram experimentá-la no social. O pragmatismo americano foi uma das respostas a industrialização do país e, muitas vezes, carente de uma ética definida que supere o cálculo de custo benefício.

3.A.3.4 - Domínio epistemológico externo

Para a grande estrutura conceitual da presente dissertação a Filosofia constitui o campo para o qual concorrem as outras ciências. Esta confluência enriquecida, retribui e fornece recursos que abastecem todas as ciências e artes.

As correntes filosóficas são indispensáveis, pois o estudo da democracia necessita de uma grande variedade de modelos, de paradigmas e de ciências. A presente dissertação revista a filosofia ocidental que se ocupa do desafio da democracia.

A democracia não é algo que foi inventado certa vez. Ela constitui a reinvenção contínua da política, na advertência de Lefort (1983): Esta reinvenção contínua da política não detém a democracia numa posição estática e historicamente fixista, num período

ideal. Neste sentido a democracia é irmã da arte, que na concepção de Aristóteles “*está em quem a faz e não naquilo que faz*”.

A psicologia nos fornece um excelente modelo para o comportamento social e que é fonte do relacionamento democrático. A fuga do caos, a busca desesperada da segurança, frustra muitas vezes os projetos democráticos ultrapassando o limite do equilíbrio desejável, instaurando uma tirania nazista ou fascista.

Freud, Jung, Maslow...trouxeram ótimas contribuições gerais para o tema das relações do EU diante do OUTRO. Do EU diante de SI mesmo.

Não se pode passar ao largo, sem examinar a questão da democracia sob o ângulo do comportamento humano dentro de um grupo humano. Os estudos de B.F. Skinner revelam “*as contingências do reforço social*” ou os “*reflexos condicionados*” de Pavlov.

A genética examina a mesma questão anterior, sob o lado interno e as condições de internalização do processo social. Nesta internalização do processo social pretende-se estabelecer a forma e quando surgem as necessidades sociais conscientes do ser humano. As observações que Jean Piaget fez em direção da aurora ontogenética da vida humana gostaríamos de estende-la em direção ao crepúsculo da existência, quando a natureza, num louvável esforço de renovação, desencadeia, em cada indivíduo, as irreversíveis e benéficas forças da entropia universal.

No centro destes extremos da maturação humana fulgaram a ações predominantemente voltadas para o social. É verificável que a partir de certa idade, as pessoas se fecham sobre si mesmas e de novo passam para a anomia¹¹.

A sociologia é uma das ciências mais complexas e vastas e contém uma série de instrumentos úteis para a nossa análise¹².

¹¹ - O professor está sujeito a este fenômeno que desfaz a relação democrática. Este fenômeno antecipa em 5 anos a aposentadoria do professor em relação às outras categorias e lhe dá três meses de férias.

¹² - A experiência da Sociologia com a ética enfraquecida americana foi realizada em São Paulo que racionalizou a sua derrota pela armas em 1932, abrindo um generoso espaço político e econômico para preparar a ação do intelectual coerente com esse Estado e que segundo Mota (1980: 99/8) “*para formar tais quadros é que se criou a Escola Livre de Sociologia com inspiração teórico-metodológica norte americana [...] Restava-nos a América do Norte. E demos o salto: da Filosofia para a Sociologia; mas uma Sociologia de conhecimento real, corajosa, sem tradicionalismos terminológicos. Estaríamos ainda nesse pé se não tivéssemos verificado que a Sociologia sem Ética não conduz a coisa alguma*”. Os intelectuais, favorecidos pelo dinheiro público da revolução, defenderam em 1933 o seu papel na introdução do seu ‘*Manifesto da Fundação da Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo*’ com os seguintes argumentos. “A

Ao nível de micro-sociologia encontramos o conceito de sociedade primária, onde todos os componentes e membros se relacionam entre si de uma forma direta.

Admite-se o estudo de “uma unidade escolar” como sociedade primária, contraposta ou projetada em direção da sociedade secundária, representada pela realidade nacional, na qual se quer firmar algumas relações significativas para a democracia.

Gilberto Freire (1900-1987), Florestan Fernandes (1920-1996), Lauro de Oliveira Lima (1821-), Darcy Ribeiro (1922-1997), Marilena Chauí e outros, romperam e fizeram inúmeras análises de sociedades primárias brasileiras. São incontáveis os mestres da sociedade mundial e dos que edificaram as bases desta ciência indispensável para o estudo intelectual da democracia.

A ciência política, aliada à Filosofia, forjou uma série de conceitos primitivos, positivos ou negativos de democracia. Estes conceitos podem ser detectados nos textos clássicos de Platão (428–347 AC.), de Maquiavel (1469-1527), de Thomas Hobbes (1588-1679), de Benedictus Espinosa (1632-1671), de John Locke (1632-1704) do barão Charles Montesquieu (1689-1755), de Jean Jacques Rousseau (1712-1778), de Georg William Friederich Hegel (1770-1831), de Karl Marx (1818-1883), de Arnold Toynbee (1889-1975) e de John Dewey (1859-1952) e muitos outros, mais contemporâneos, refletiram, usaram, recriaram ou perverteram o conceito de democracia na política.

3.A.4 – Revisão das fontes bibliográficas e os espaços da pesquisa

A presente dissertação centra as suas investigações em relação às condições do indivíduo na democracia, o professor se expressando a si mesmo, na sua profissão e na sua classe.

As mudanças serão examinadas na unidade escolar, na educação e na macro-política envolvendo:

história universal encerra exemplos de grandes civilizações construídas sem base na instrução popular. Mas não há exemplo de civilização alguma que não tivesse por alicerce elites intelectuais e poderosamente constituídas.” (In - FÁVERO, 1980 : 171). Essa distinção entre a instrução popular e das elites intelectuais é digna de nota e capaz de ser associada “às audácias das raças nobres” de Nietzsche em sua “Gênese da Moral” escrita em 1887, na qual afirmava que “*toda oligarquia envolve o desejo de tirania*” (S/d: p.137). O desejo de tirania da elite intelectual favorecida, não poder ser afastada da base das melhores escolas brasileiras, como aparece na aplicação do dinheiro das oligarquias paulistas derrotadas em 1932 .

-
-
- as condições do indivíduo na prática democrática;
 - as condições do professor;
 - as mudanças e movimentos da sociedade.

Quanto às condições do indivíduo na prática democrática: somente a autonomia do indivíduo pode levar a uma interação madura com o meio social independente. Esta condição pode levar a um equilíbrio maduro e dinâmico entre o EU e o TU.

Quanto às condições do professor, examinando-se as condições em que ele expressa o seu relacionamento consigo mesmo (auto-imagem), sua profissão e a sua classe.

Quanto às mudanças e movimentos da sociedade examina-se a sociedade num processo de mudanças, conhecida sob a designação de Abertura Política Brasileira. Estas mudanças trarão conseqüências para a unidade escolar, o ambiente educativo e a macro-política examinadas por meio das expressões dos professores de uma determinada unidade escolar.

3.A.5 - As quatro condições da democracia

As condições da prática democrática serão examinados em quatro diferentes dimensões: a filosófica, a ontogenética, a social e do poder.

3.A.5.1 – Filosófica

Estabelecer o equilíbrio na relação humana. Será visto como equilíbrio entre o EU e o TU, num significado último. O EU será o professor e o TU, a sociedade.

3.A.5.2 – Ontogenética

A maturação genética da pessoa humana mostra que o indivíduo potencialmente é capaz de desenvolver uma consciência crítica. Esta consciência, dentro de um processo social, amadurece ao ponto de o EU estabelecer o equilíbrio com o OUTRO.

		O PROFESSOR EXPRESSA									
		o OUTRO					o EU				
		B - a SOCIEDADE em MOVIMENTO na ABERTURA POLÍTICA BRASILEIRA					C - a AULA - IMAGEM				D
		B . 1 - na MACRO POLÍTICA		B . 2 - no AMBIENTE ESCOLAR		B . 3 - na UNIDADE ESCOLAR	C . 1 a si MESMO		C.2 a sua PROFISSÃO		o EU no INTERIOR de sua CLASSE
DEMOCRACIA	A ¹³ .1 B.1	A.1	B.2	A.1	B.3	A.1	C.1.1	A.1	C.2.1	A.1	D.1
A.1 EQUILÍBRIO Entre o EU e o TU	a ¹⁴ 1 b.1	a 1	b.2	a 1	b.3	a 1	c.1.1	a 1	c.2.1	a 1	d.1
A.2 MATURAÇÃO da PESSOA HUMANA AUTONOMIA	A.2 B.1	A.2	B.2	A.2	B.3	A.1	C.1.2	A.2	C.2.2	A.2	D.2
	a 2 b.1	a 2	b.2	a 2	b.3	a 2	c.1.2	a 2	c.2.2	a 2	d.2
A.3 INTERAÇÃO entre PESSOA HUMANA e SOCIEDADE	A.3 B.1	A.3	B.2	A.3	B.3	A.3	C.1.3	A.3	C.2.3	A.3	D.3
	a 3 b.1	a 3	b.2	a 3	b.3	a 3	c.1.3	a 3	c.2.2	a 3	d.3
A.4 MATURAÇÃO da SOCIEDADE rumo à AUTORIDADE	A.4 B.1	A.4	B.2	A.4	B.3	A.4	C.1.4	A.4	C.2.4	A.4	D.4
	a 4 b.1	a 4	b.2	a 4	b.3	a 4	c.1.4	a 4	c.2.4	a 4	d.4

Gráfico 2 - Quadro de duas entradas onde se vincula às quatro condições da democracia com as expressões do professor

¹³ - As letras maiúsculas (A, B, C e D) são usados nos textos relativos à teoria.

¹⁴ - As letras minúsculas (a, b, c e d) são usados nos textos quando se referem investigação e aplicação da teoria

3.A.5.3 – Social

O indivíduo, como ser humano, ultrapassa o seu quadro genético singular e isolado por meio da linguagem. Estabelece, por meio da linguagem, um processo social e uma consciência crítica reflexiva. Esta consciência crítica reflete sobre o indivíduo, sobre a sociedade e especialmente na relação entre a pessoa humana com a sociedade circunstante.

3.A.5.4– A autoridade – A sociedade é determinada, ou condicionada, na sua origem, pelo modo de produção

A consciência nascida da relação pessoa humana com a sociedade, consegue manipular o desdobramento dos quadros sociais, deve-se encontrar o poder transformado em autoridade pela aquiescência anterior, durante e posterior dos participantes dos quadros sociais.

No presente estudo, este modelo, será aplicado para a relação que o professor estabelece com a escola institucional como parcela da sociedade em mudança.

3.A.6 – O professor expressa o OUTRO na sociedade em movimento e em mudanças.

A crise que se abateu, a partir de 1973, sobre o mundo capitalista provocou mudanças em nosso meio, e que, a partir de 1979, são conhecidas sob o nome genérico de Abertura Política Brasileira. Estas mudanças repercutiram em várias instâncias. No tema que nos ocupa serão analisadas as repercussões na unidade escolar, no ambiente educativo e na macro-política, através das expressões do professor.

O objetivo deste estudo é testar a atualização, competência, responsabilidade e interação do professor face ao outro.

3.A.6.1 – Mudanças na Macro-Política

A política é entendida como ordenadora das vontades.

A vontade vetorizada pode tomar duas direções:

- da segurança;
- do desenvolvimento.

A – Segurança. Quando o projeto educativo aposta na segurança ele permanece no real, nos valores do passado, cultiva a tradição e visa satisfazer as necessidades primárias da sobrevivência do grupo. Ele necessita eliminar qualquer veleidade individual.

B – Desenvolvimento. Quando o projeto educativo aposta no desenvolvimento ele estimula a busca do inédito e é ativado pelo ideal. Dirige-se para a individualização. Vive prospectivamente para o futuro. A sua constante é a aventura do novo e do inédito. O EU é compelido culturalmente entre a segurança ou o desenvolvimento. O desenvolvimento necessita exercitar a permanente escolha entre o reacionário e o revolucionário, entre o bem e o mal, entre o belo ou o feio e optar entre a verdade e o erro,.

A cultura ocidental compele os seus integrantes a se posicionar em relação a um ou outro modelo. Nesta dialética somam-se milhares de escolhas, e que confluem a certas escolhas sociais fundamentais e irreversíveis. Toda a escolha constitui uma perda.

Em nossa época de coleta, de sistematização e de redes eletrônicas mundiais, somente povos que dominam o conjunto deste sistema mundial conseguem fazer escolhas significativas. Somente povos que, em tempo cada vez mais curto, conseguem coletar, sistematizar e disponibilizar esta informações em redes eletrônicas mundiais, usufruem e aplicam o conjunto deste processo de informática, pois, as escolhas são únicas e irreversíveis. O mais informado fica com o melhor.

As regiões menos favorecidas, com menos recursos físicos e teóricos, são levadas a fazer escolhas menos significativas para si mesmas e em favor dos grandes corporações e grupos hegemônicos informatizados. Por este prisma tecnológico e científico poucas alternativas, de sentido estratégico global, podem ser preferidos pelo povo brasileiro. Este povo delega a sua segurança para povos mais adiantados. Estes povos adiantados, apoiados nesta segurança, podem viver a aventura do desenvolvimento.

As disciplinas do conhecimento humano, aqui envolvidas seriam: economia, política, informática, comunicação, técnica, legislação, estratégia, sociologia.

3.A.6.2 – Mudanças no ambiente educativo

A educação institucional, que a sociedade brasileira oferece aos seus cidadãos já não é a mesma que esta sociedade oferecia ao tempo do dito “*milagre brasileiro*”. Mudou a forma e o conteúdo.

A derrocada desta sociedade pseudo-desenvolvimentista, exige neste momento um outro tipo de projeto educativo. Diante de uma sociedade em crise os novos embasamentos e passaram a ser gestados no exterior da forma do projeto anterior e o seu conteúdo construído na relação direta das pessoas como cidadãs.

Diante desta mudança cabe a pergunta:

- O professor possui competência para de recriar este projeto, dar-lhe forma e disseminar o seu conteúdo por meio do seu discurso?

Dentro de uma realidade nacional e mundial estende-se, diante do professor, uma enormidade incrível de relações possíveis. No espaço brasileiro, a forma da própria relação das diversas estratificações culturais com a macro-sociedade, constitui uma imponderável. Nesta macro-sociedade convivem desde as mais primitivas culturas indígenas, recuando até o coletador, e no outro extremo, as mais avançadas culturas contemporâneas, e com a maior expressão, no plano mundial. Convivem relações as mais racionais européias até as mais místicas orientais e africanas. Neste imenso universo cultural, as relações que se geram não podem ser unificadas, receber um único modelo e ser generalizadas para todo o país como única verdade possível.

A “Abertura Política Brasileira”, na sua visão ideal, deveria significar teoricamente uma mudança em direção de paradigmas abertos, capazes de receber o potencial deste gigantesco caldeamento e onde os limites destas competências não podem ser impostos a partir do lado de fora. A busca da única verdade, para todo o país, teria como resultado a constituição de uma sociedade apenas de fachada e onde todos se sentiriam sem compromissos com tal invenção alheia .

O imenso espaço geográfico aberto do Brasil nos deveria ensinar algo a todo cidadão brasileiro. Este ensino e leitura deste espaço aberto brasileiro é possível por meio da antropologia, da história, da educação, da sociologia e da economia.

3.A.6.3 – Mudanças na unidade escolar

O Brasil viveu um período de busca de verdade única e segurança forçada ao longo do período de 1964 até 1979 e que impôs, pelo lado de fora para dentro desta sociedade, uma forma única. Esta forma única e igualitária de segurança racionalizada foi um movimento contra o medo individual e coletivo. Como em qualquer processo de racionalização da segurança contra o medo, este sentimento cresceu em vez de diminuir, virou pânico. “*Tenho medo de ter medo*” já escrevia Blaise Pascal (1623-1662).

Diante da emergência econômica, criada pela elevação do preço do petróleo, optou-se por abrir o vetor político, enquanto aumentava a compreensão econômica. O torvelinho, formado pela descompressão política, gerou vários acidentes e mal entendidos. Diante deste torvelinho a instituição de uma unidade escolar, principalmente a pública, possuía apenas duas alternativas. Uma fortificar-se de dentro para fora num processo de afirmação diante da insegurança representada pela mudança. A outra apostar na entropia cultural, podendo desaparecer, como tal, ou esperar para reestruturar-se em outra época. Não existe uma terceira alternativa, pois a indiferença ao processo de mudança levaria ao descompromisso com a sociedade e perda do seu sentido e sustentação.

Nesta busca desesperada por sentido social, a conflito na unidade escolar era natural que ela fosse atingida por vários movimentos vindo da sociedade em movimento. Foram paralisações, greves, reivindicações demonstradas em atos, posições políticas e ideológicas, ... há muito tempo reprimidas. Ao mesmo tempo ocorriam demonstrações de interesse da sociedade pela escola. Um verdadeiro jogo de culpa e perdão. Este sentimento ambíguo, ocorrido na escola como corpo político, social e psicológico, derivou para a relação medo-segurança.

Neste terreno a bibliografia orientadora, além da psicologia, da sociedade e da política, recorre-se a história da educação em Porto Alegre, à legislação sobre o magistério, aos panfletos e aos diversos manifestos dos professores.

3.A.7 – O professor expressa as condições do EU

A interação que o professor estabelece na escola institucional, como parcela da sociedade em mudança, será analisado aquilo que ele expressa sobre si mesmo; em relação à sua profissão e em relação da consciência de classe.

3.A.7.1 – O professor expressa a si mesmo (auto-imagem)

Este núcleo possui a sua investigação vetorizada para a atualização como processo do Ego se apoderar do seu ambiente, a competência individual e/ou coletiva; a responsabilidade individual e/ou coletiva e a integração social como resposta do Ego ao outro como interesse social.

Estas investigações teóricas têm o seu embasamento em conceitos gerais vindos da filosofia, da psicologia evolutiva da personalidade, da sociologia, da antropologia, da pedagogia geral e da psicologia social.

O objetivo final deste pólo é obter índices para analisar qual o conceito que este professor expressa e projeta de sua própria pessoa. As conseqüências destas posições do professor são imediatas no relacionamento democrático.

Apenas para dar um exemplo de conclusão possível se constitui quando professor permanece totalmente mergulhado no seu Ego, estabelece apenas a pedagogia na primeira pessoa e ensina o solipsismo primário.

3.A.7.2 – O professor expressa a sua profissão

O professor põe as suas experiências e conhecimentos ao serviço do OUTRO, como pessoa humana detentora de uma maior carga acumulada de experiências e conhecimentos. Por este lado, o professor poderia ser visto, como qualquer outro profissional que põe à disposição da sociedade suas experiências e seus conhecimentos.

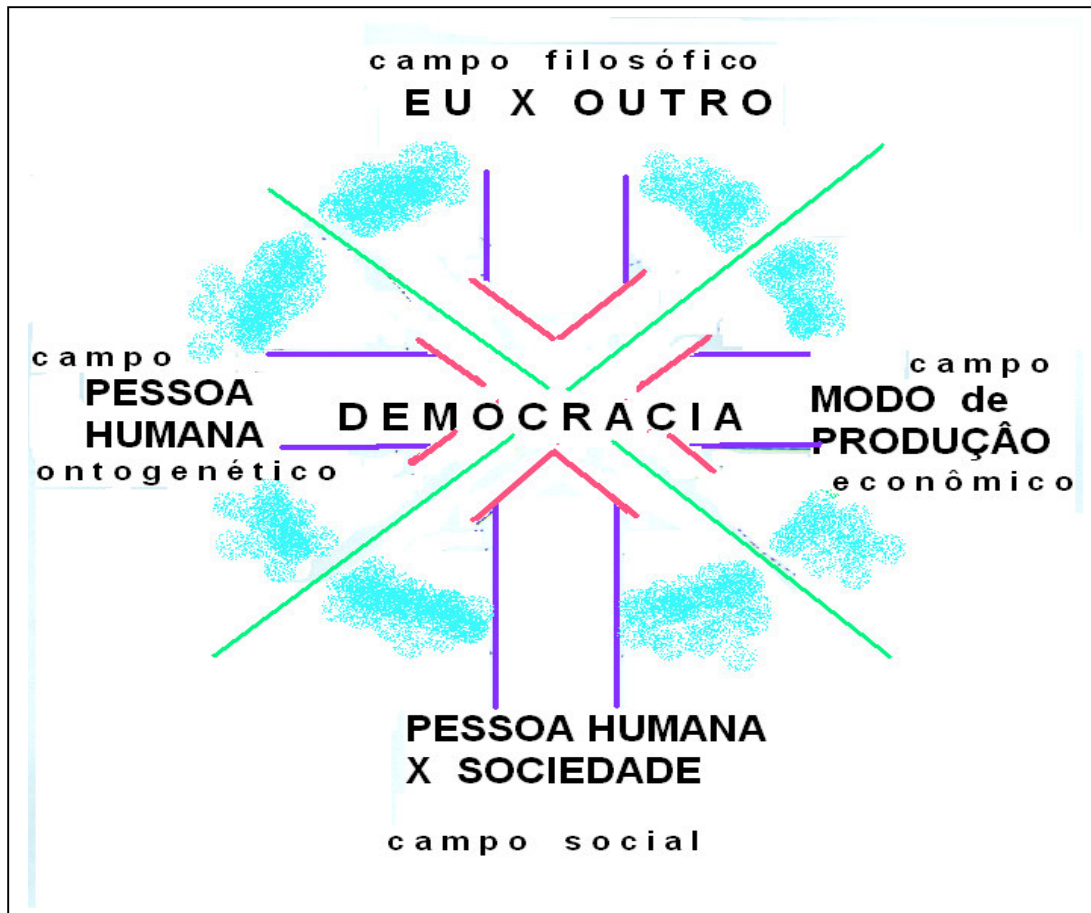


Gráfico 3 - Diversos campos do conhecimento humano e sua vinculação interna face a democracia na forma como é considerada nesta tese.

Um valor pelo qual recebe em troca outros valores que lhes são úteis. Mas também pode estar oferecendo valores superados, inadequados ou nocivos à comunidade, como qualquer outro profissional.

A imponderabilidade dos valores em jogo na profissão do magistério, como experiência e conhecimento, faz com que a própria comunidade e, muitas vezes, o próprio professor, não avaliem as causas, componentes e conseqüências do exercício desta profissão.

A profissão do magistério, muitas vezes ainda continua, até em nossos dias, mergulhada numa concepção e práticas mítico-teológicas da primeira fase do conhecimento humano, tal qual constata e as descreve Augusto Comte (1789-1857).

Para compreender as expressões do professor sobre os componentes profissionais da sua ação pedagógico-educativa, tenta-se abrir algumas luzes.

O EU em ação, pode ser acompanhado em várias disciplinas, esteios teóricos. A psicologia social, sociologia, pedagogia psico-social, métodos e técnicas de ensino, legislação, política são algumas destes caminhos realizados por renomados estudiosos

3.A.7.3 – A consciência de classe expressa pelo professor

A célula profissional, no interior de um determinado modo de produção, funciona como instrumento válido para gerar uma consciência do real. Como resíduo fica a consciência de classe. O Eu, diante da realidade comunitária social, não só percebe intelectualmente que existem diversas categorias entre pessoas, mas conduz a vontade para interagir na lógica de uma destas categorias. Com este duplo esforço, intelectual e moral, o EU conquista o dentro do pertencimento a uma determinada classe.

No pensamento de Mary Follet (1868-1933), é tão impossível criar e desenvolver a consciência do EU, sem o convívio com o outro, como o de querer construir uma linguagem sem presença do outro.

O convívio comum e a solução de problemas, a partir de projetos auto-sustentados dentro das nossas potencialidades, nos levam a idéia da **participação**. Num estágio mais adiantado da classe são discutido o antes, o durante e o depois da ação, chegando-se assim a **interação**.

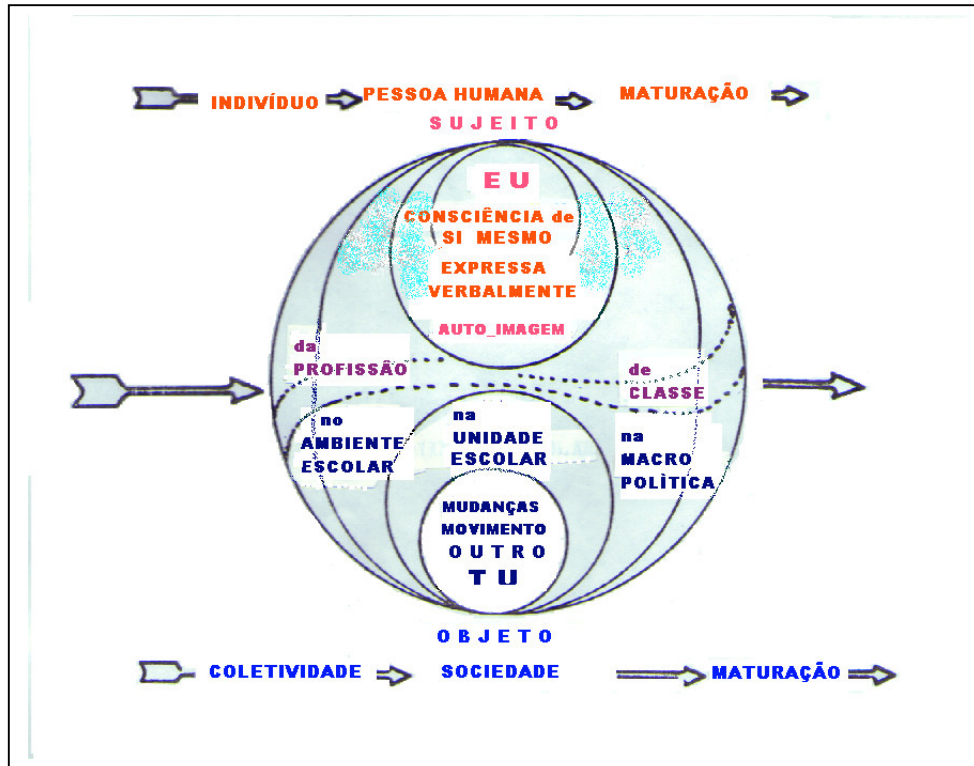


Gráfico 4 - Os componentes da democracia dentro de um processo de mudanças, rumo a maturação, como são considerados na presente dissertação.

O professor pode expressar a forma desta classe como entidade aberta fechada, estática ou dinâmica, atual ou ultrapassada, além do grau em que se encontra este processo de vinculação social.

Os suportes teóricos, da forma de classe, podem ser encontrados em texto relativos à política, à sociologia, à psicologia social, à legislação, à história das entidades de classe e em muitas outras disciplinas teóricas.

3.B - PROBLEMA ESPECÍFICO - De que FORMA o PROFESSOR EXPRESSA, na ESCOLA FORMAL, as CONDIÇÕES da RECRIAÇÃO do CAMINHO da CIRCULAÇÃO entre o DIFERENTE ao IGUAL e do IGUAL para o DIFRENTE?

A aspiração e a tendência natural ao equilíbrio é um processo que atinge também a realidade social. Basta aceitar Herbert Read ao escrever (1986, p.32). que

no cerne da vida está o que as vezes é chamado de “dialética”, que é simplesmente uma contenda entre forças positivas e negativas, entre o Amor e a Morte; e é da tensão criada por esta contenda que mais vitalidade, ou que é otimisticamente chamado progresso, surge. Podemos então nos arriscar a dizer que quando mais bem definidos os termos dessa oposição – quanto mais agudo o conflito – mais vigorosa será a vida. A primeira mudança no educador portanto, é trazer a singularidade do indivíduo para o foco de atenção, com o fim de uma interação mais vital de forças encontre lugar em cada grupo orgânico de indivíduos – na família, na escola, na própria sociedade

O termo democracia provoca, muitas vezes, equívocos no universo social. Este termo articulada, no discurso, o termo “democracia” e o substituí pelo termo “igualdade”. O encadeamento discursivo igualdade/democracia/ equilíbrio, é relativamente fácil. Mas escamoteia toda uma série de dados reais que não conseguem tal encadeamento ao nível existencial. O EU e o TU necessariamente não formam o NÓS e nem o NÓS é a solução entre o TU e EU. Há necessidade de distinguir as potências destas três competências.

Assim a democracia torna-se uma idéia geral. Oswald de Andrade advertia, como poeta-guru, (Revista Antropofágica – Maio de 1928).sobre o perigo das idéias gerais.

Somos concretistas. As idéias tomam conta, reagem e queimam gente nas praças públicas. Suprimamos as idéias e as outras paralisias. Pelos roteiros. Acreditar nos sinais, acreditar nos instrumentos e nas estrelas .

O discurso oficial da Revolução Francesa de “*Liberdade, Igualdade e Fraternidade*”, foi incorporado à racionalidade social de quase todas as nações contemporâneas. O discurso oficial da declaração de igualdade não corresponde a realidade percebida ao nível do povo num determinado espaço e de tempo específico. O discurso oficial do Estado racionalista opõe-se ao discurso intuitivo de um espaço e de um tempo específico.

O presente trabalho de dissertação pretende escolher certos dados empíricos ponderáveis do espaço e de tempo e que se relacionam, por meio de certos modelos que poderão ser projetados sobre o real. Seguindo o conselho de Platão nos seus Diálogos: “*depois de observar as estrelas deixamos o Céu em paz e faremos Astronomia*” .Assim depois de observar alguns dados empíricos (*estrelas*) tenta-se organizar um modelo a partir de posições culturais reconhecidas, como instrumentos de análise (*Astronomia*) da realidade.

3.B.1 – Os Riscos da Ruptura da Democracia Institucional Brasileira

A fragilidade da cultura da democracia institucional brasileira, constitui uma forte razão que motiva a presente investigação. Esta cultura democrática constitui um ponto muito frágil, estreito e dinâmico de equilíbrio e que é submetido ao jogo brutal entre a segurança do sistema coletivo e o indivíduo. Na cultura brasileiro, a democracia subsiste na luta do indivíduo com a sociedade. O Estado possui poucos recursos para manter a homeostase do embate entre o EU e o TU.. Diante destes poucos recursos não há novidade nas freqüentes rupturas da cultura democrática. O suporte que a cultura brasileira oferece à virtude da democracia é extremamente frágil e sem a presença de uma cultura intelectual, autêntica e própria. Diante desta fragilidade impõe-se alargar com todo o vigor esta base da democracia, inclusive pela cultura intelectual, para abrir espaço para a prática da democracia institucional.

Esta cultura intelectual refere-se à compreensão e ao conhecimento, que irão gerar o desenvolvimento do estudo das condições da democracia constituindo um corpo de conhecimentos, que, ao menos, serão um alerta constante para rupturas possíveis. No conjunto esta cultura intelectual será o alerta constante que a democracia exige como homeostase permanente entre diferentes e iguais.

No plano mundial percebe-se que, num determinado país, a democracia e as práticas democráticas, são tanto mais amplas e seguras, contra rupturas no tempo e no espaço, na proporção direta do grau da cultura e desenvolvimento da inteligência do seu povo. Se estes povos são vencidos, pelo discurso igualitário ou totalitário de um determinado governo, possuem as forças intelectuais e morais para reencontrar a homeostase no momento seguinte.

3.B.2 – A democracia e a cultura intelectual institucionalizada.

A democracia e a escola formal confluem no saber institucionalizado. A democracia supõe a cultura formal e institucional assumida. A escola formal propõe-se a desenvolver esta cultura ao nível de pessoa e grupo humano. O agente coordenador deste processo é o professor.

A escola formal institucional, hoje profundamente questionada e negada como um todo, ou em parte, continua a ser praticada, mesmo pelos seus mais ferrenhos opositores. São os “descolarizados” que não precisam mais da escola depois de usá-la” como escreve Saviani (1983). Há necessidade de concordar com a sua tese de que a escola é democrática na medida que conseguir distribuir a cultura intelectual para todos, independente das classes.

Contudo, antes de continuar rumo à “reprodução”, cujo estudo se verá adiante, levantam-se mais algumas distinções.

3.B.3 – Tipologias de Escolas e de Democracias

A escola pode ser classificada de múltiplas tipologias distintas. Se nesta classificação tomarmos como ponto de partida o critério das relações sociais que se estabelecem na escola, veremos que uma é aquela que privilegia a eficácia do comportamento e a outra apenas busca a harmonia das relações sociais que ali se estabelecem

Uma das relações sociais mais fecundas na escola é a relação democrática e que sistematiza ao mesmo tempo a eficácia do comportamento e ao mesmo tempo mantém em alto nível as relações sociais que ali se estabelecem. O conceito da democracia guarda as marcas históricas das formas como foi “usada” em inúmeros regimes tanto para a eficácia do comportamento, como para a harmonia das relações sociais e sem perder o seu alto nível nas relações sociais que ali se estabeleceram. A democracia clássica grega, a liberal, a burguesa, a proletária... até a democracia selvagem, guardam estas marcas da sua ampla e alta concepção¹⁵.

¹⁵ - Platão comparava (1983 308) a democracia à um bazar no qual é possível encontrar todos os sistemas políticos. A democracia permanece presente enquanto as diversas “barracas” convivem harmoniosamente

A dificuldade e a necessidade desta ampla e alta articulação ao nível verbal-conceitual, é uma garantia de sua reprodução no tempo e no espaço da educação democrática, sem correr o risco de se perder em conceitos fixos e limitados. Instaurar processos que se propaguem e se reproduzam, é um empenho constante de uma prática e um educação democrática. A articulação da linguagem verbal-conceitual é instrumento desta prática e educação democrática continuada, pois, na concepção de Gomes (1979, p.62), *“podemos enriquecer nosso instrumental lingüístico, desde que partamos de nossas importâncias e urgências para a linguagem e a palavra – e não o contrário”*

Não se aceita como democracia dois extremos de relação social. Excluí-se, de um lado, a anarquia e o caos que provocam a ruptura permanente e sistemática de qualquer crescimento cultural. Recusa-se, no outro extremo, a mítica ordem, estagnada e cristalizada em formas perenes e imutáveis. Ambas os extremos sociais amesquinham a extensão da autonomia do indivíduo, não lhe propiciando o direito ao comportamento pessoal dentro do caos. Só existe valor moral quando e onde existe escolha autônoma¹⁶. Os perigos do uso da palavra democracia, aplicada apenas jurídica e discursivamente numa educação, sem um lugar e um tempo institucional para a sua prática efetiva, foram denunciadas por Jorge Nagle (1976, p.15), principalmente nas racionalizações extremas

Se, por um lado, muitos valores de um regime democrático são estudados, chegando-se até incluí-las nas formulações que representam finalidades da educação, ocorre, por outro lado, que pouco se faz no sentido de efetiva-la na organização escolar e especialmente na estrutura social

O centro do problema da democracia na escola é a efetiva adoção de práticas favoráveis de sua efetivação. A adoção de práticas favoráveis de sua efetivação é a condição nas quais se pode desenvolver as relações democráticas. Esta adoção de práticas democráticas na escola para Nagle (1986, p.15) é fundamental:

Não se percebe que a adoção de um princípio exige a presença de condições favoráveis à sua efetivação, condições favoráveis que boa parte dos casos precisam ser criadas. É por esta razão que muitas vezes, a relação entre regime democrático e sistema escolar acaba se resumindo num conjunto de slogans, e que é pernicioso, estas

¹⁶. Conforme Kant que escreveu na Crítica Razão Prática *“a vontade possui moralidade no limite da sua autonomia.”*

reformulações perdem a sua função primordial e passam a ser interpretadas de maneira literal

No presente estudo ressalta-se a democracia como criação permanente. Examinam-se, num primeiro bloco, as práticas das expressões verbais do professor nas quais discrimina-se, a sua consciência dos movimentos e mudanças na sociedade focando:

- os **movimentos diante da macro-política**;
- os **movimentos no ambiente educativo**;
- os **movimentos na unidade escolar**.

Num segundo bloco examinam-se as práticas das expressões verbais do professor nas quais discrimina-se a consciência das diferenças em relação:

- o professor expressa **a si mesmo**;
- o professor expressa **a sua profissão**;
- o professor expressa **a sua classe**.

Cada espaço destes será vetorizado pelas idéias democráticas respondendo a questões filosóficas, de ontogênese em direção da prática democrática de interação social e da maturação da sociedade expressa através do poder transformado em autoridade.

A presente dissertação não se voltará para a democracia em si mesma, como algo estático e parado no tempo, mas as condições nas quais seja possível desenvolver as práticas desta virtude cultivada no meio social. Busca-se vislumbrar, no interior desta cultura, se o professor discrimina as condições da passagem da desigualdade para a igualdade e da igualdade para a desigualdade, materializadas nas suas expressões verbais. Buscam-se, nestas expressões verbais, a passagem por diversos estados dialéticos implementados pela criatura humana como ser livre e consciente. Não interessam expressões verbais que indicam uma simples passagem, um caminho, no sentido da reificação e do atropelamento da vontade livre e consciente.

Em todos estas expressões tenta-se, perceber e analisar as condições da democracia para sustentar esta liberdade e consciência.

4 – A HIPÓTESE e a TEORIA

A democracia como uma permanente busca do equilíbrio homeostático entre o diferente e o igual.

4.A – ALGUMAS das CONDIÇÕES para a PRÁTICA DEMOCRÁTICA como a RECRIAÇÃO do CAMINHO para a CIRCULAÇÃO entre o DIFERENTE e o IGUAL e do IGUAL para o DIFERENTE .

Os limites das concepções de Democracia na Linguagem

Propõe-se inferir o conceito de democracia por meio das suas condições, e não apenas pela linguagem. Quando se restringe a busca da compreensão da democracia apenas por meio da linguagem, esta busca é pouco proveitosa. O conceito do governo do povo, derivado da etimologia grega, não ajuda muito. A linguagem, no tropo democracia, gasto pelo tempo, ora nos aproxima ora nos afasta da compreensão do núcleo ou deste ideal da cultura humana. Na própria cultura grega este conceito, gerado e disseminado pela linguagem, foi ridicularizado pelo filósofo Platão, quando afirmou (A República – Livro VIII) que “*devemos dirigir-nos a uma democracia como quem vai a um bazar de sistemas político para ali escolher o que mais lhe convém e adotar o escolhido como modelo*”. Como foi visto na capítulo anterior, esta desqualificação da democracia é brilhante na linguagem. Contudo, esta desqualificação na linguagem, é um dos melhores elogios à potencialidade desta prática política, pois reconhece que na prática da democracia é possível o equilíbrio entre diferentes sistemas (tendas) e aceito por todos (bazar) em contratos renovados permanentemente.

O tropo democracia é usado pela sociedade atual para o seu discurso igualitário. Na teoria este discurso igualitário é perfeitamente possível, pois a democracia pode ser iluminada por uma única idéia (ἰδέειν luz = visão). Mas esta única idéia desorienta e deforma a complexidade desta virtude social, mais do que perceber e compreendê-lo na complexidade das suas relações.

Isoladamente o conceito de democracia é um tropo escamoteador da realidade social. Podem ser-lhe atribuídas mil e uma utilidades! Assim Platão, acima citado, mesmo vivendo dentro de uma forma primitiva de democracia, estava empenhado em provar que a democracia não é uma forma digna de governo, pois o seu objetivo era denegrir o seu conceito, e interessado que estava em colocar no poder tiranos filósofos.

No Brasil, a entrada do conceito de democracia, foi camuflado pela classe dominante, por todas as razões e os meios que dispunha, conforme Sérgio Buarque de Holanda registrou (1978, p.118), e para quem

a democracia no Brasil foi sempre um lamentável mal entendido. Uma aristocracia rural e semifeudal importaram a e tratou de acomodá-la onde fosse possível, aos seus direitos ou privilégios. E assim puderam incorporar a situação tradicional, ao menos como fachada ou decoração externa, alguns lemas que pareciam os mais acertados para a época e eram exaltados nos livros e discursos

Impõe-se uma complexa, crítica e evoluída análise das condições da prática da democracia, diante da impossibilidade de seguir uma única e exclusiva luz. Convocam-se vários focos simultâneos para iluminar esta prática, com a finalidade de dar relevo, estrutura e profundidade ao objeto empírico em observação.

Para rastrear as condições da prática da democracia escolheram-se quatro focos de investigação simultâneos no objeto do presente estudo,

1 – inicia-se pela observação do equilíbrio homeostático que se estabeleceu entre o EU e o TU no objeto em investigação;

2 – assiste-se, depois, nas suas intervenções dos agentes no objeto em investigação, comportando-se como indivíduos, autônomos e separados com possibilidades de distinguir o EU do TU, mas interagindo com este OUTRO como seres orgânicos, aptos a constituir um ente social;

3 – acompanham-se este seres orgânicos, formados na interação entre o indivíduo, o EU e o OUTRO, numa acoplagem consciente no meio social;

4 - no final pesquisa-se a maturação do meio social pela forma em que impõe as suas próprias leis, visíveis na transformação do poder em autoridade.

As terríveis condições nas quais a democracia é gerada, impõe a necessidade de entender e amarrar adequadamente esta prática social entre contrários. É o que se depreende da leitura da Nash quando afirmou (1968, p.214) que.

para que uma democracia possa atingir o desenvolvimento criativo, ao longo de uma linha de justiça social, deve preparar-se para viver em estado de tensão entre exigências por uma justificável equalização, por um lado, e por outro, as relações relativas à hierarquia inerente ao progresso no rumo da excelência. É uma tensão terrivelmente difícil de ser mantida, levando em constante tentação e fuga para a simplificação aparente de uma posição tradicionalmente aristocrática ou dogmaticamente igualitária. Uma democracia deve esforçar-se por aperfeiçoar a liberdade, para promover uma igualdade satisfatória, e ao mesmo tempo alimentando a autoridade da excelência na liberdade

4.A.1 – O equilíbrio homeostático entre o EU e o TU

Uma das condições básicas da democracia é a relação consciente entre o EU e o TU. Colocados diante do objeto em investigação é possível observar, nesta relação, o equilíbrio, ou o desequilíbrio, entre estes dois pólos.

A democracia, no seu ponto ideal, constitui esta relação do equilíbrio, em homeostase, entre o EU e o TU. Este ponto de equilíbrio resulta de uma relação (R) dinâmica entre o sujeito (S) = EU, e o meio (M) = TU. Toda vez que a relação favorece definitivamente ao (S) ou ao (M) a prática democrática corre riscos de desaparecer.

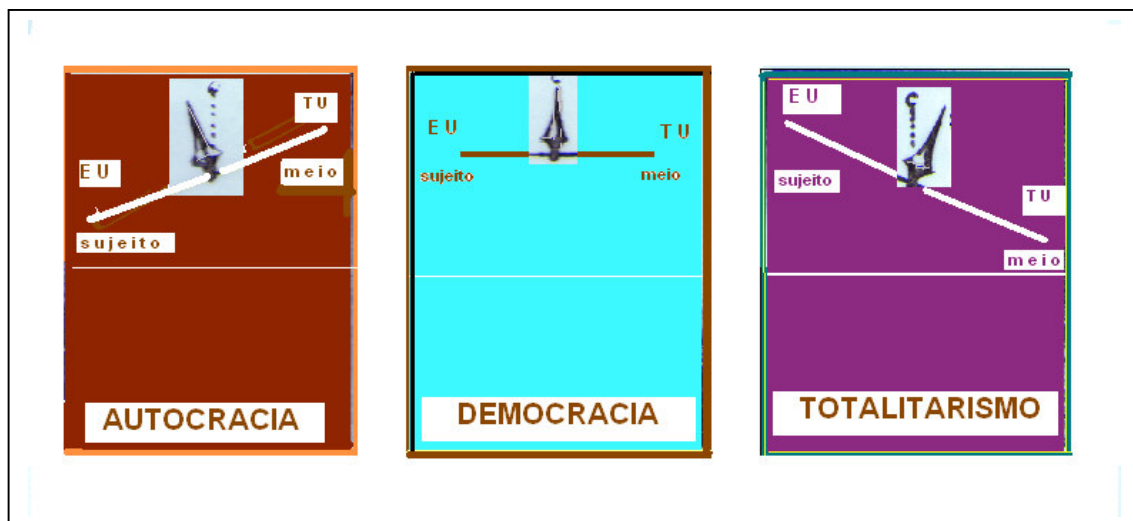


Gráfico 5 - As três relações básicas do EU e do TU diante do equilíbrio.

A democracia é aceita como a relação na busca de um ponto de equilíbrio em permanente homeostase entre o EU e OUTRO. Impõe-se o conhecimento das condições deste equilíbrio.. Este equilíbrio homeostático é um objeto cultural humano, pois não é da constituição da natureza humana este comportamento social equilibrado que a democracia exige. Piaget nos prova que a socialização para pertencer ao meio de um grupo humano é uma aprendizagem que a pessoa necessita realizar dentro de um projeto cultural humano explícito. Esta aprendizagem enlaça intimamente a inteligência e é ajudada pela vontade do indivíduo que se encontra neste projeto.

Se olharmos para a História, o meio (M), o grupo o OUTRO, predomina muitas vezes. O EU mergulha no grande inconsciente coletivo, no qual o indivíduo não conhece limites diante da onipotência do OUTRO e não pode, em consequência vetorizar a sua vontade. O coletivo que comanda nas ditaduras do proletariado ou do consumo compulsivo, ou fanatismo fundamentalista religioso é, e onde a própria vida de um indivíduo não tem significado, muito menos a sua voz. No caso de conflito armado não há prisioneiros, só fuzilados! Esta pressão coletiva maciça, provém da mística, da eficiência coletiva da técnica e consagrado pela ideologia. Nestas pressões desaparecem os nomes dos indivíduos que operam de fato o sistema, absorvidos e escurecidos pelas manifestações culturais coletivas. As potencialidades e a criatividade coletiva reduzem-se na medida em que impera este terror anônimo e coletivo. O velho ditado popular de que *“com as baionetas é possível fazer tudo, menos ficar sentado nas suas pontas”* mostra a instabilidade submetidos a indivíduos que não conhecem limites e competências alheias e desejam dominar a todo custo o coletivo, criando um sistema totalitário das massas. As obras de arte e as ações dos artistas, passam a ser atribuídas a indivíduos que constituem a encarnação viva do sistema como o faraó, o rei, o presidente, o secretário-geral.

No lado oposta está instaurado o EU dominante, solipsista e autista. Não se trata do terror coletivo, da violência ou da dominação do EU sobre o OUTRO. Trata-se do EU de todos os indivíduos que passam a seguir rigorosamente em tudo apenas aquilo que o seu próprio EU lhes dita como norma exclusiva e única. O resultado é o colapso de todas as instituições e o naufrágio de qualquer noção de sociedade, nação, estado ou governo. Produz-se o esgarçamento de todos os laços sociais. Nesta pseudo sociedade, entregue

a este tipo universal de indivíduos dominantes, predomina o caos, a anarquia e a entropia do coletivo.

O estudo destes dois extremos de pseudo-sociedades nos leva a conclusão que o equilíbrio entre o EU e o TU não constitui uma homeostase pura, no sentido da auto-regulagem que os nossos órgãos vitais nos impõe. O equilíbrio homeostático, que procuramos no meio social, não está isento do conhecimento e da vontade. O equilíbrio homeostático exige a intervenção do consciente, gerando um equilíbrio diferente da auto-regulagem. Em outros termos a democracia é um projeto. O ser humano torna-se histórico na medida dos projetos.

A democracia, abandonada a si mesma, entendida como natural ou do “*laissez-faire*”, é a origem da tirania. Neste sentido Platão foi perspicaz ao escrever que o “*tirano é o filho do democrata*”.

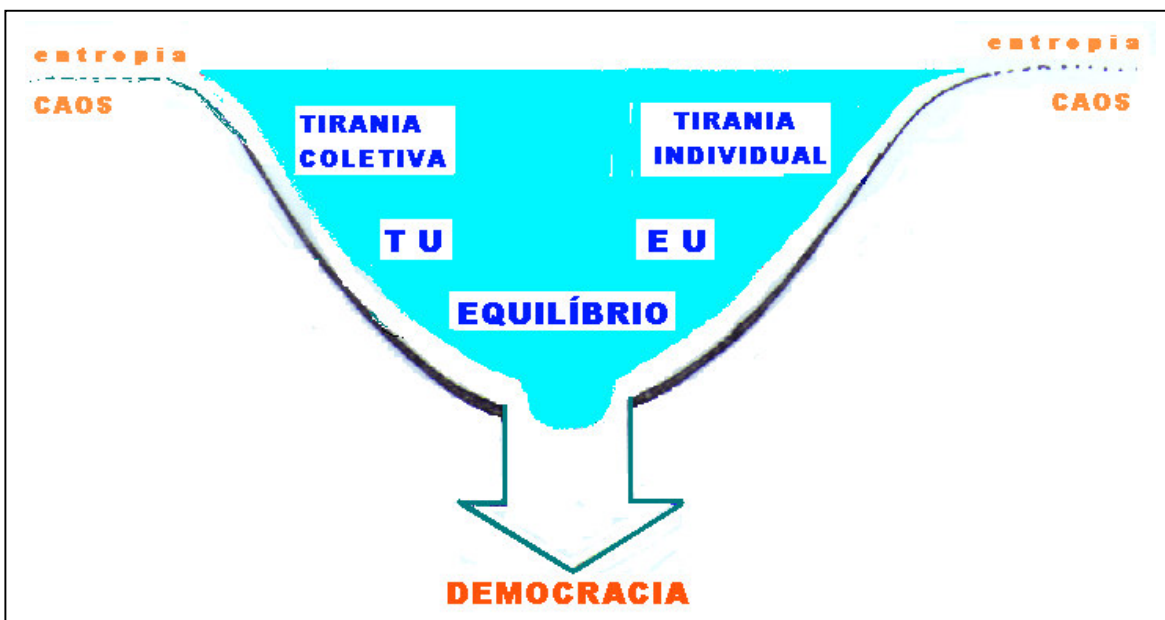


Gráfico 6 Componentes filosóficos da democracia em direção do equilíbrio.

Resumidamente pode-se afirmar que equilíbrio, na relação Eu e o TU, é um fato cultural. Como tal, este equilíbrio, deve ser aprendido conscientemente. Por esta razão, afirmou-se acima, que a democracia é uma relação consciente entre o EU e o TU. Esta

relação consciente envolve uma negociação de lucros e perdas, antes, durante e após qualquer ação coletiva. Assim afasta toda autocracia (EU) e todo totalitarismo (OUTRO).

A aprendizagem desta relação consciente é realizada por meio da educação, especialmente na escola institucional e veiculada por meio da linguagem. A macro sociedade, que se deseja conscientemente democrática, possui uma micro-sociedade de apoio na escola institucional democrática.

Uma sociedade que possui uma escola democrática institucionalizada, possui uma garantia a mais, para que a macro-sociedade seja democrática. Se esta escola democrática puder ser criativa, ela caminha para a “*reinvenção permanente*” da relação entre as pessoas, como pedem Claude Lefort e Marilena Chauí para a democracia. Esta escola democrática decorre da criatividade e conecta-se com a própria arte. Inscreve-se na justiça por meio da constante busca da verdade.

4.A.2 – A maturação do indivíduo e a sua autonomia

No objeto empírico em observação, a teoria prepara-se para investigar as concepções dos agentes, comportando-se como indivíduos, autônomos e separados. Busca-se as possibilidades de distinguir o EU como sujeito maduro nas suas interações com o TU e o inverso. Busca-se agentes aptos em constituir um ente social equilibrado entre extremos mas interagindo como seres orgânicos em permanente homeostase.

A criatura humana conseguiu afirmar a sua liberdade filogeneticamente de forma gradativa sobre os outros seres reais ou imaginários, graças a sua capacidade de compreender as leis que regem as suas circunstâncias empíricas e cumulativas na sua história individual e coletiva. Cada criatura humana necessita refazer ontogeneticamente as experiências da espécie, ao menos ao nível das idéias, através da compreensão das leis. Ser livre é o poder de modificar as leis, diz Piaget. O primeiro momento desta mudança é a compreensão destas leis.

A criança, apesar de sua imensa carga genética que a espécie lhe entrega (filogênese), necessita percorrer de forma singular uma série de estágios individuais (ontogênese) para ativar plenamente toda a sua carga genética. A ativação e a regulação desta carga genética é realizada ao nível de linguagem.

Muitos filósofos e mais recentemente cientistas, se preocuparam com esta evolução ontogenética humana. Diversas correntes tentaram explicar e produzir paradigmas que pudessem explicar ao menos parcialmente a inteligência e a capacidade de se apoderar das leis naturais e com isto intervir eficazmente na sua manutenção ou mudança (BLECHSCHMIDT, 1982, p.17).

O russo Pavlov e o americano Skinner ofereceram modelos experimentais e teóricos baseados respectivamente nos “*reflexos condicionados*” e na “*contingência do reforço*”, que permitem perscrutar indiretamente a liberdade humana para transcender a natureza primitiva e intervir inteligentemente sobre ela.

O cientista-educador Jean Piaget, ao partir do comportamento humano, observando diretamente, estabeleceu etapas gerais na gradativa transcendência (amadurecimento) da inteligência humana. O cientista estabeleceu cinco estágios no evoluir definidos no contínuo do desenvolvimento da inteligência humana.

Na primeira etapa a criatura humana ordena o seu fazer no modelo animal, mostra a inteligência sensório-motora ou prática. A superioridade humana sobre o animal é a quantidade de neurônios disponíveis. A criatura humana, possui 14 bilhões de neurônios (filogênese).

Na segunda etapa a inteligência humana eleva-se do seu condicionamento animal para atingir o mundo simbólico ou da fantasia do faz-de-conta e os símbolos substituem a realidade.

Na terceira etapa, a inteligência é intuitiva. Agora parece que passa para o lado oposto, pois os fatos são aceitos pela convicção afirmativa, numa visão unidirecional, sem exigência de prova empírica ou formal.

	<u>As três 1^{as} etapas</u> PRÉ-LÓGICO SENSÓRIO- MOTORA “FAZ-de-CONTA”	<u>4^aetapa</u> OPERATÓRIO CONCRETO	<u>5^aetapa</u> OPERATÓRIO ABSTRATO
IDADE	4 ~ 7 anos	7 ~ 8 anos	13 ~ 14 anos
CARACTERÍSTICAS	Abaixo do pleno relacionamento social. Tenta incorporação no grupo.	O pensamento operatório constrói mecanismos mentais pela interiorização e descentralização do meio	A mentalidade se transforma com as inquietações da puberdade
ASPECTO SOCIAL	Não escuta a resposta. O colega é um objeto (bola). Jogos solitários. Fechado em monólogos coletivos.	A regra social de ação é suficientemente integrada para que ela se imponha a todos e que seu aspecto apareça como necessário	Assimila o mundo e as suas estruturas. Isto leva a ver o mundo, não tal existe, mas como gostaria que ele fosse
AUTORIDADE	ANOMIA. Ausência de leis. Tirano absoluto.	HETERONOMIA. Ação de conjunto mediante o CHEFE. Não é mais invejoso e cioso de sua autoridade	AUTONOMIA (parcial). A lei toma uma forma característica: muito integrada e é o produto de uma racionalidade cognitiva de ordem ideal
FORMAS de SOCIALIZAÇÃO	Procura referências protetoras diante do adulto.	A imitação, o modelo, mergulha sua raízes no amor, na admiração e na rivalidade	Quebra-se a estrutura familiar e o adolescente a substitui pelo grupo (bando), que possui uma história, uma moral e muitas vezes uma linguagem.
ESTÁGIO do INDIVÍDUO em relação à DEMOCRACIA	ANOMIA.. Tirano sem leis. COOPERA compulsoriamente	HETERONOMIA. Manda o CHEFE PARTICIPAÇÃO	AUTONOMIA As leis são discutidas. Esta INTERAÇÃO é feita preferencialmente pela linguagem.

Gráfico 7 - As três primeiras etapas do amadurecimento do indivíduo segundo Piaget.

(Aglutina-se, para efeito de análise, as três primeiras etapas propostas por Piaget sob o nome genérico ‘período pré-lógico’)

Na quarta etapa a inteligência torna-se operatória concreta. Os objetos percebidos, são capazes de ser classificados, organizados e logicizados em conjuntos matemáticos. Conjuntos, séries, ordens, classes...chegando a reversibilidade.

Na quinta, a mais elevada das posições, está a inteligência operatória abstrata. As operações reais são substituídas pelo uso formal da linguagem. A criatura humana passa a operar através da “álgebra das operações” analisadas por Chomsky.

A cada etapa do desenvolvimento da inteligência humana corresponde outra forma de conduzir-se face aos outros. Para Lauro de Oliveira Lima (S/d, p. 165).

Sabemos que o fundamental da educação, tanto do ponto de vista intelectual, quanto do ponto de vista afetiva é a sua socialização, segundo um programa que vai da anomia (ausência de normas) passando pela heteronímia (normas impostas) à autonomia (normas deliberadas pelo próprio grupo ou indivíduo). A demora na construção de equipamento coletivo e a resistência aos processos cooperativos são a prova provada de que o homem não é um animal social

Entra aqui o projeto voluntário da escola erudita para garantir as condições nas quais irá se desenvolver o processo consciente das relações entre o EU e o TU e usá-las no momento oportuno. O projeto voluntário e erudita descobre infinitas combinações possíveis na relação entre o comportamento humano e os estágios intelectuais que irão repercutir na forma de democracia escolhida.

Com base nas observações de Piaget apresenta-se a seguir um quadro no qual se analisa algumas destas relações da inteligência-socialização. É evidente que não se espera aplicar este quadro ao presente universo de estudo, mas ele não poderá ser omitido ou esquecido.

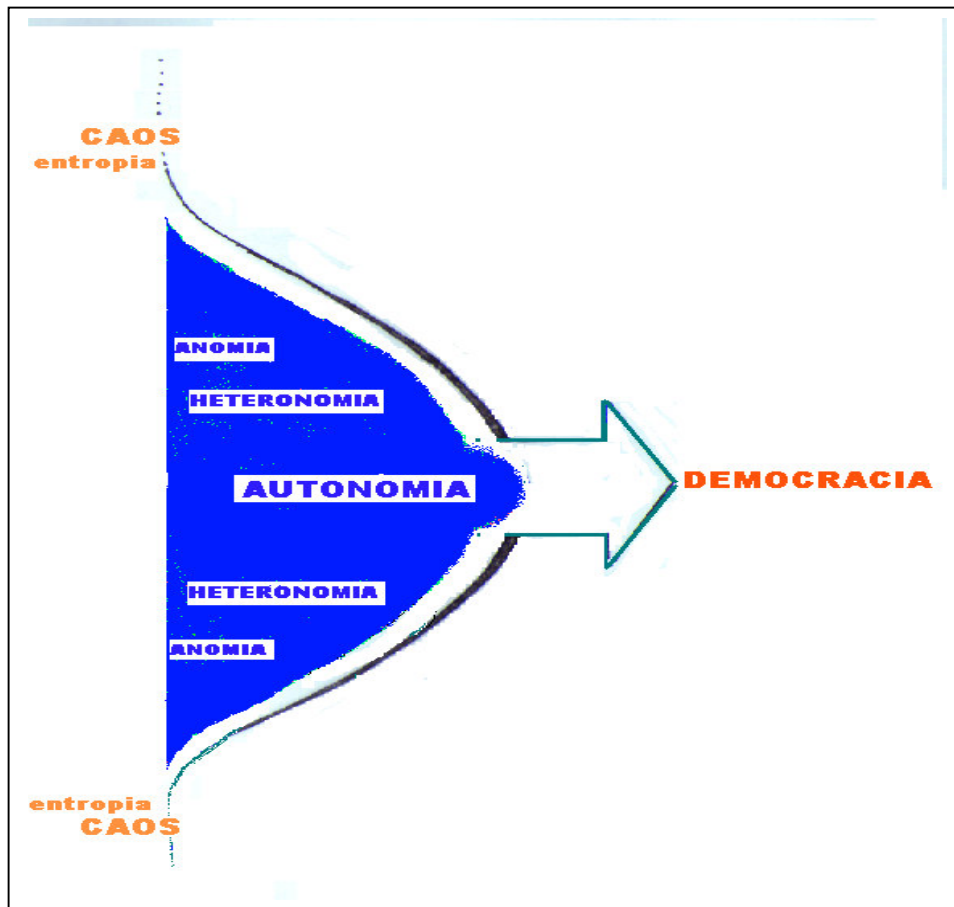


Gráfico 8 Componentes do amadurecimento do indivíduo rumo a prática democrática.

4.A.3 – O EU e o TU interagem.

A interação entre o EU e o OUTRO como seres orgânicos, acoplados ao meio social de uma forma consciente, necessitam uma ferramental de pesquisa. Neste meio social existe um crescente, fecundo e visível entrelaçamento entre o EU e o TU. Contudo este fato não é natural e espontâneo, como nos prova Lauro Oliveira Lima, a partir de Jean Piaget.

A Natureza inteira tende a se aglomerar e depois expandir funções, cumulando e diferenciando numa constante sístole e diástole, vista pela teoria da Evolução Geral tomada como ponto de partida. As teorias da aglomeração e da expansão podem ser

recuado até os conceitos decorrentes da aceitação do Big-Bang primordial do nosso universo..

Constata-se que ocorre a mesma compulsão da sístole e até o entrelaçamento consciente das vontades na relação social do EU e do TU. Na passagem por diversos estágios cumulativos das funções entre o EU e o TU é possível verificar que se estabelece a corpusculização, necessária para a sobrevivência da socialização consciente e planejada da espécie.

Ao usar na pesquisa o critério de liberdade e os resultados deste entrelaçamento entre o EU e o TU, no seu caminho entre a corpusculização até a socialização verificam-se diversos estágios. Para o presente estudo destacam-se os estágios de cooperação, de participação e de interação.

A tendência geral “corpusculização” foi exposta (1970, p.169).por Teilhard de Chardin (1881-1955). Segundo a sua macro-visão, a própria estrutura atômica começa com as ligações mais simples como do Hidrogênio e Oxigênio. Gradativamente, estas estruturas, vão se tornando mais complexas até chegar ao salto qualitativo da vida e daí para a reflexão.

No caso humano, as possibilidades de corpusculização dependem daquilo que a psicologia denomina de graus de desenvolvimento dos indivíduos estudados por Piaget. Quanto menor o grau de desenvolvidos os seres humanos, menos possibilidade possuem para corpusculizar-se conscientemente a caminho da socialização. A medida que se sobe nestes degraus os resultados são mais eficientes, construtivos e conseqüentes no tempo.

Para o presente estudo, o indivíduo humano está maduro para o meio social, quando é capaz de responder positiva e construtivamente ao fenômeno da compreensão social em termos de número de indivíduos com os quais se relaciona positivamente.

O fenômeno da compreensão humana social traz o desafio-repto e a conseqüente resposta-réplica, segundo a teoria do historiador inglês Arnold Toynbee. A réplica ao desafio social constitui a consciência social.

Nesta teoria as mais antigas civilizações surgiram nos lugares geográficos onde os grupos humanos são comprimidos em grupos compactados e numerosos como na Mesopotâmia, Egito (corredor entre a Ásia e África). Na América, a cultura Maia, surge na estreita passagem entre o Norte e o Sul do continente. O Brasil pré-colombiano ficou fora deste fenômeno de compreensão, permanecendo a cultura em patamares elementares. A civilização japonesa é um exemplo desta compreensão gigantesca. Nesta cultura é notável o uso da linguagem como ferramenta de socialização. Sem a consulta verbal ao grupo nada se decide.

A capacidade de a criatura humana se inscrever e de se relacionar adequadamente num grupo artificialmente criado, constitui a essência da socialização. Constitui a “hominização” de Teilhard de Chardin. A educação pode transmitir para as novas gerações esta descoberta da invenção permanente ou então, treinar a capacidade de cooperação por imitação, gerando o hábito e a cooperação.

A cooperação constitui o convívio forçado dos indivíduos.

Os homens podem ser forçados a viver em grupos, diante de ameaças externas, como inimigos físicos, a natureza... ou internas, como o medo à magia, a religião ou promessas de castigos ou recompensas.

Dificilmente a **cooperação** humana (trabalho) escapa da manipulação de interesses de indivíduos isolados ou em grupos (poder). Na cooperação indivíduos, ou grupos mais conscientes podem tirar proveito da “*mais valia*”. Nesta condição as massas humanas não possuem vontade própria (anomia). Nestas massas na anomia há necessidade que alguém de fora expresse e incorpore este poder. Cabe aqui o “*discurso competente*” de Chauí (1981).

No estágio da **participação** não há definição clara dos elementos que constroem a corpusculização social. Neste estágio a reunião dos indivíduos (massa) desaparecem os grupos hegemônicos externos. A lei e o poder originam-se do interior destas multidões (luta de classes). Neste estágio a razão não regula o poder. A regulamentação é realizada pela imitação, pelo hábito aceito, pela histeria coletiva, pelo contágio sócio-psicológico e pelo pânico. As ações coletivas escapam ao controle da razão. Da multidão surge o líder (o poder, o Chefe) que interpreta ou expressa a necessidade real ou criada do grupo num

discurso competente aceito sem o arbítrio da razão. No estágio da participação, o indivíduo (EU) vive a relação social da heteronomia do grupo (OUTRO) .

O estágio da interação constitui a relação privilegiada e autêntica entre dois ou mais seres humanos com plena consciência das respectivas identificadas. Antes, durante e depois da ação, todos os ganhos e perdas são contabilizados no grupo. Para o grupo, que chega a este estágio, existe um feedback permanente em relação aos custos, lucros e perdas da ação coletiva. No estágio da interação, a relação entre o EU e o TU chega ao grau da racionalidade perfeita para a manutenção constante da autonomia recíproca num equilíbrio perfeito e independência dos agentes unidos por meio de contratos pontuais.

No estágio da interação, segundo Libânio (1983) existe a necessidade da legitimação dos papéis sociais. A legitimação percorre o entrelaçamento do indivíduo e da sociedade, de uma forma coerente e com o mesmo eixo. Na interação constitui-se a consciência claramente expressa que o grupo possui de si mesmo. Esta legitimação é muito fraca no entrelaçamento no grau mais baixo.

No momento em que o grupo atinge o estágio da participação e se desloca em direção da interação, cada componente do grupo, vai assumindo o seu papel social, criando a legitimação consciente ou a aplicação racional que o grupo deu a si mesmo. Mary FOLLET escreveu (apud CARVALHO, 1979, p.7) que neste processo

*o indivíduo é soberano na medida em que pode desenvolver, controlar e integrar sua natureza múltipla num todo único; o grupo é soberano na medida em que seus membros unidos se orientam no sentido de expressar os propósitos comuns que os movem.
Um estado é soberano na medida em que segue o mesmo caminho e se institui como um grande grupo, unificado pelos objetivos comuns*

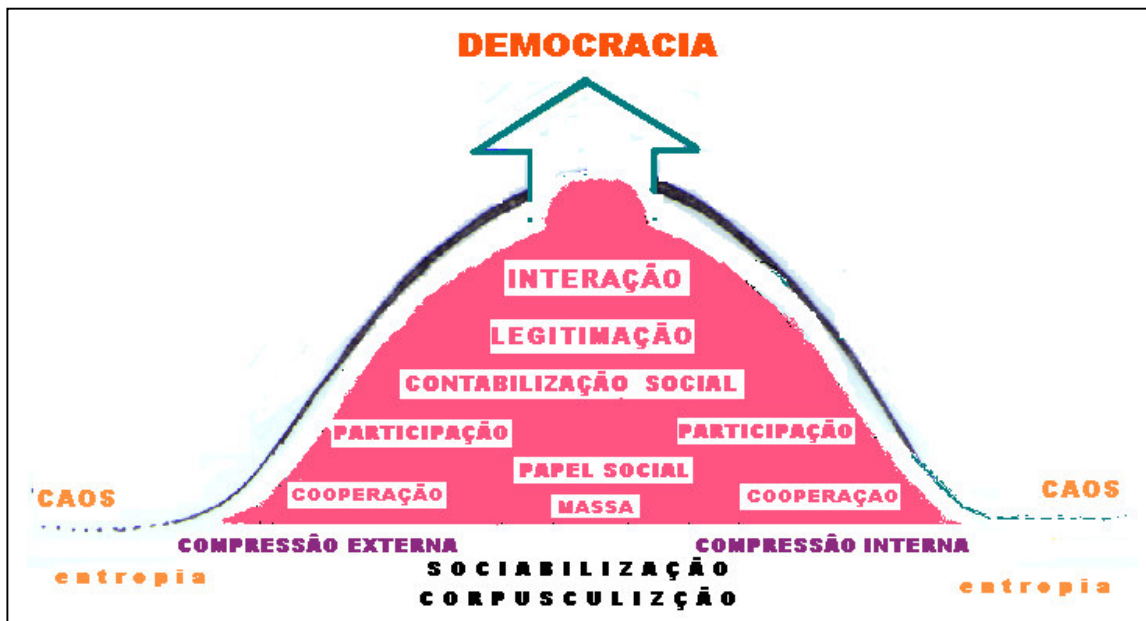


Gráfico 9 - Os componentes do amadurecimento do consciente coletivo rumo a democracia

Apesar de Platão se desfavorável em relação à democracia, ele soube reconhecer (O Político, 1972, p.259) a busca da interação que esta virtude induz no meio social:

O governo da multidão (democracia) é fraco em comparação com os demais e incapaz de um grande bem ou de um grande mal, pois nele os poderes são distribuídos entre muitas pessoas. Do mesmo modo, esta é a pior forma de constituição quando submetido à lei e a melhor forma quando estas são violadas.

Os povos que possuem o projeto democrático, conhecendo estas fragilidades e riquezas, podem corrigir esta fraqueza por meio da interação e reforçar as riquezas e a amplidão de contratos bem celebrados entre infinitos participantes.

4.A.4 – A maturação da Sociedade como Autoridade.

No intuito de pesquisar a maturação do meio social preparam-se aqui as concepções da transformação do poder em autoridade. Pela amplidão de contratos, a serem bem celebrados entre infinitos participantes, o meio social pela sua extensão e complexidade, oferece gigantescas dificuldades para reduzi-lo a um único paradigma.

Temos inúmeras tentativas, nesta direção, nascidas das mais diversas filosofias e concepções gerais.

Como paradigma deflagrador da discussão recorre-se a análise de Althusser (1970) tentando salvá-lo da primeira onda de seus afoitos intérpretes¹⁷. Para ele o centro de toda a formação social está condicionado pelo modo de produção e que deve ser reproduzido, continuado e se possível ser ampliado. Ele aponta alguns mecanismos que asseguram esta reprodução.

No plano material, o modo de produção é um fenômeno humano dentro de um espaço físico e de uma época. Este fenômeno humano é empreendido por certas classes humanas. A este conjunto, denominado nação, para distingui-lo do estado, como criação puramente humana, corresponde uma certa racionalidade. O modo de produção, para que seja reproduzido, continuado e ampliado necessita de um poder. Este poder tem a finalidade de garantir a “*mais valia*” resultante do trabalho.

O poder puro não se conserva por si mesmo. O poder necessita proteger-se. Para isto o poder do Estado rodeia-se do Aparelho Estatal. Este Aparelho Estatal é repressivo, opondo-se a tudo aquilo que pode atingir ou empolgar este poder. O Estado para se proteger cria sistemas de suas leis. As instituições sociais da Justiça, da polícia, do exército.. tornam-se instrumentos deste aparelho estatal.

Para uma alternativa deste determinismo materialista, retornando no tempo, verifica-se que Jacques Maritain evidenciou que o poder transformar-se em autoridade quando representa o direito e legítimos interesses de todos. Ele escreveu (1945, p.55) que “*denominarei autoridade, o direito de dirigir, de mandar, de ser escutado e obedecido por outro, e poder, de que se dispõe e com a ajuda do qual se pode obrigar o outro a escutar e obedecer.*”

¹⁷ - Não se pretende enveredar pela vasta literatura em relação aos modos de produção e o seu determinismo social. Só para indicar um caminho alternativo de interação social aponta-se para Gilberto Freire que com sua CASA GRANDE e SENSALA e depois em SOBRADOS e MOCAMBOS, evidenciou, a partir de 1922, que existem outros caminhos, além dos determinados pelos modos de produção. Não se contesta este instrumento da análise, apenas, coerente com a presente dissertação, não se concede a ele a hegemonia de análise

Retornado para a concepção marxista, no capitalismo o Estado está a serviço do Capital. Às vezes é o próprio Capital. O capital é o resultado do trabalho humano. Forma-se a dicotomia: Estado X Povo. Assim temos o Estado, para servir, ter ou administrar o Capital. O modo de produção comanda as relações entre o Capital e a Força de Trabalho. O aparelho do Estado não consegue manter as relações entre o Capital e a Força de Trabalho através de simples e pura repressão (policial, legal...) para assegurar estas relações é mantido e estimulado direta ou indiretamente. O Aparelho Ideológico do Estado (AIE). Enquanto o Aparelho Repressivo Estatal (ARE) é mantido pelo poder, o AIE pode ser mantido pela iniciativa particular, como a Igreja, a imprensa, aglomerados de informação e propaganda, associação de Diretores... e família.

Como núcleo deste Aparelho Ideológico do Estado, a escola é privilegiada por Althusser. Pode ser operada pela iniciativa particular, mas é concedida, controlada e fiscalizada pelo Estado. A escola é fiscalizada pelo poder central do Estado cuja ideologia, deve operacionalizar como o realizam as concessões das estações de TV. O poder da reprodução da escola foi evidenciado por Bourdieu e Passeron com o seu estudo "*Reprodução*" (1970) .

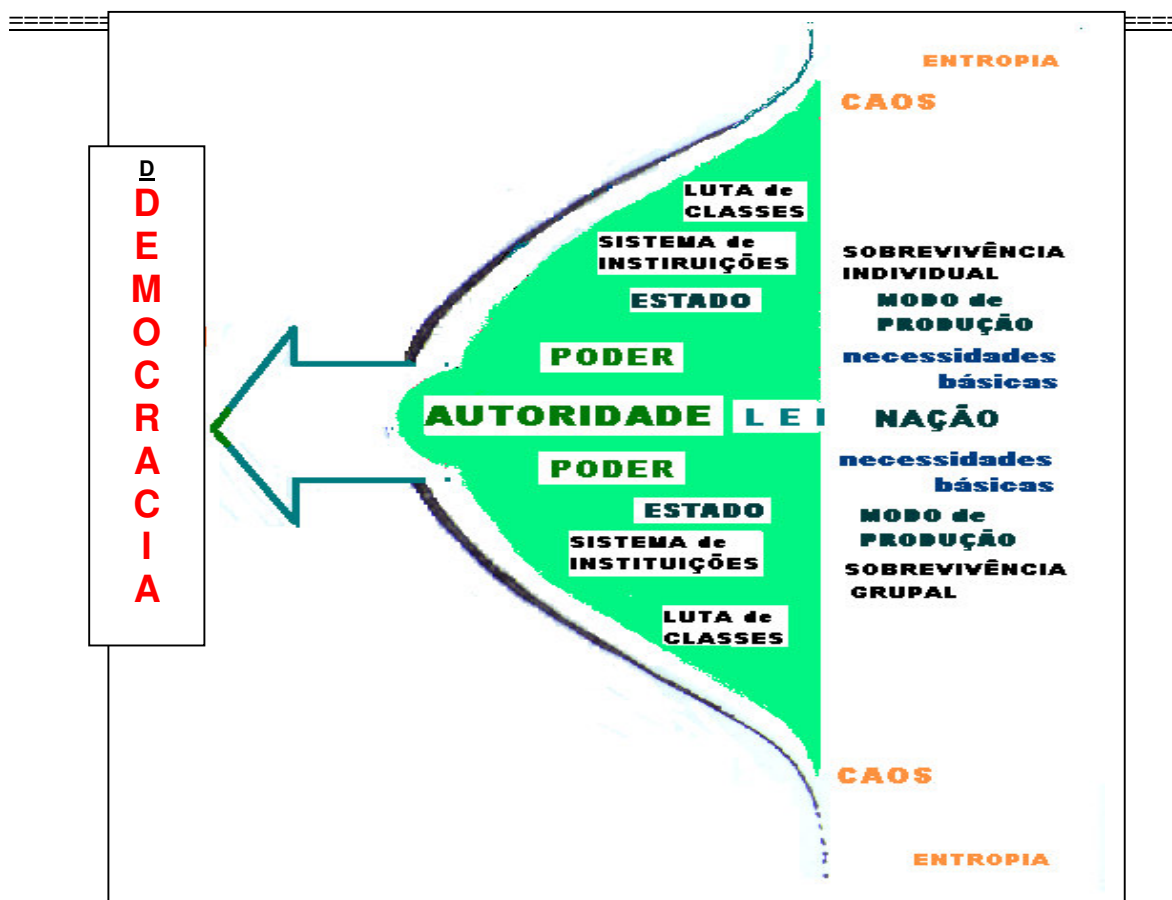


Gráfico 10 Componentes do amadurecimento das estruturas sociais rumo à democracia.

Toda vez que se modifica o modo de produção, este conjunto deve ser ajustado, sob pena de que o poder seja puro poder e sem base humana (autoridade),

Na era pós-industrial, quando o modo de produção é regulado pela informação, há necessidade de profundas mudanças na economia, no meio social e no ambiente educativo (TOFFLER, 1980). Os bancos econômicos prosperam hoje mais do que nunca graças as informações fidedignas que possuem sobre o Capital e a mais valia do trabalho. No meio social há necessidade de desenvolver a capacidade de receber, manipular, recuperar e acumular “*informações quentes*” em relação à nossa realidade presente. A escola formal está sendo chamada para instrumentalizar as pessoas no sentido de integrá-las nesta lógica neste novo modo de produção capitalista. Neste ambiente escolar no qual trabalha, o professor é o responsável de coordenar estas informações e ações

As profundas identidades entre a democracia e a informação levantam, na atualidade, um dos pontos centrais da discussão da formação de uma sociedade capaz de planejar o seu futuro. Estes pontos centrais foram discutidos por Marilena Chauí em “*Cultura e Democracia*” especialmente no estudo “*discurso competente e outras falas*”.

A pessoa humana ou instituição, que tem acesso a informações significativas e abrangentes, partem de formas democráticas em relação às circunstâncias que vivem. Pela informações, via linguagem, possuem condições de interagir e influir na sociedade atual.

Paradigma de Interação das Condições da Democracia

A democracia, vista por uma única teoria ou idéia, desorienta mais do que ajuda. Na prática social, de qualquer sistema ou organização humana, o mecanismo da fuga ao caos, a desordem e a entropia, encontra refúgio numa verdade única e absoluta. O ser humano, para fugir do caos primitivo, é compelido a confiar-se a um único sistema social no momento do perigo, ou de circunstâncias críticas. Contudo, na medida que o organismo social amadurece, há necessidade de múltiplas garantias para si mesmo e para os seus componentes, como afirmou Hipólito José da Costa, ao escrever (apud VITA, 1969, p.49), que “*a diversificação é a lei do crescimento. A marcha da civilização está ligada a diversificação da sociedade*”.

A democracia, sendo uma forma amadurecida de relacionamento social, necessita ser concebida como resultante de múltiplos fatores. Na presente análise destacam-se apenas quatro destes componentes que se contrapõe e se reforçam recíproca e de forma integrada. O **indivíduo**, na sua busca de liberdade, se contrapõe ao **grupo** sistematizador e dominador. As **idéias** se contrapõem ao **mundo material**, num esforço dialético como o do fruto que se contrapõe a flor e esta ao botão, na imagem de Hegel. No plano das **idéias** gerais, filosóficas, a democracia é o equilíbrio entre o EU e o TU. No plano **individual**, está o amadurecimento ontogenético. Indivíduos amadurecidos até um certo ponto tem condições de estabelecer relações democráticas. Retoma-se e sustenta-se aqui o mundo do EU.

O social está contraposto ao indivíduo. Este social, para fugir do caos, se organiza num amadurecimento progressivo através de sucessivos graus de complexidade indo da cooperação, para a participação e posterior interação. Contraposto ao plano das idéias, está o mundo material a infra-estrutura, que se organiza até chegar ao plano da autoridade. Tanto o indivíduo como a sociedade necessitam passar pelo estágio e por um processo de educação formal. A educação formal elabora instrumentos seguros para esta acoplagem conscientes indivíduo-sociedade-indivíduo, o que não é natural.

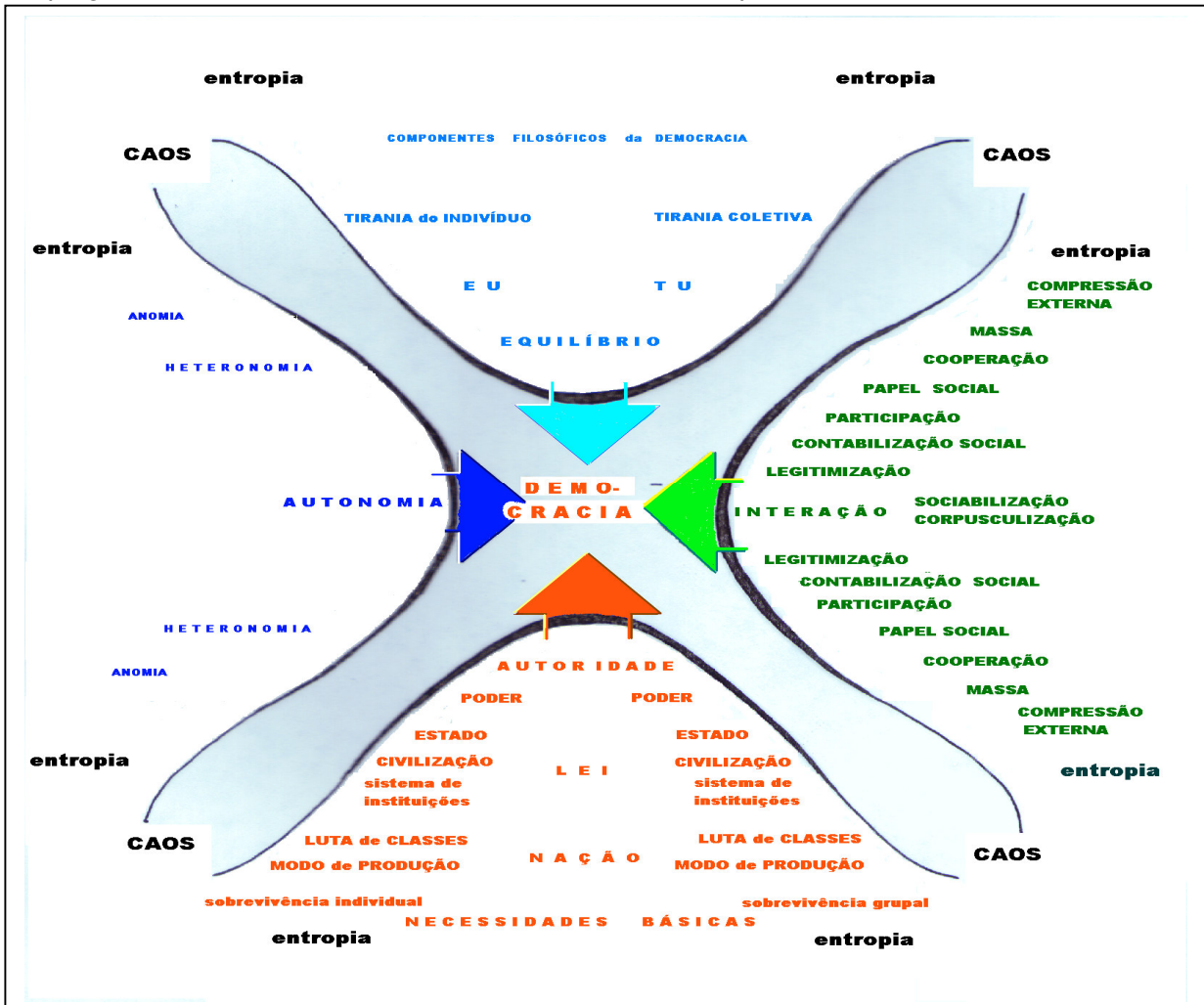


Gráfico 11 – Somatória dos diversos componentes da democracia considerados nesta dissertação.

A presente dissertação parte da hipótese de que o projeto intencional da educação é institucional e voluntário e assim competente para perceber, conceitualizar e expressar as diferenças e as igualdades do real e as suas percepções. O professor constitui-se como conceitualizador central deste processo voluntário. Ele terá tanto mais eficiência quanto mais souber perceber, conceitualizar e expressar as suas diferenças e igualdades e as dos outros. As expressões destas diferenças pelo professor o leva a administrar estas diferenças. Na presente dissertação a administração destas diferenças, constitui o processo fundamental na prática desta complexa virtude social que é a democracia. Ela se configura na medida em que os seus agentes são competentes para perceber, conceitualizar e valorizar as diferenças e as igualdades do real.

4.B. A SOCIEDADE em MOVIMENTO: a ABERTURA POLÍTICA BRASILEIRA como TESTE para a PRÁTICA DEMOCRÁTICA.

Considera-se a Abertura Política Brasileira (1979-1985) uma parte das crises do mundo capitalista, repercutindo num dos seus setores periféricos. Esta Abertura não foi agradável, talvez, como se desejava, mas ela quebrou mitos gestados em épocas de estagnação e ufanismo incompatível com a realidade brasileira. Para testar esta percepção estuda-se como foi percebida, conceitualizada e expressa pelo professor numa unidade educacional mergulhada nestas mudanças.

A Abertura Política Brasileira, como toda crise, possuiu o dom de desvelar e mostrar uma outra realidade do discurso burguês, mesmo para quem não queria ouvi-lo. Enquanto quebrou estruturas arcaicas, criou espaços para novas expressões e agrupamentos ideológicos e políticos.

Um dos agrupamentos ideológicos que se organizou ao redor da força do trabalho, o Partido dos Trabalhadores (PT), recusou desde o início o tradicional aglutinador dos trabalhadores, ou seja o Partido Comunista. O líder maior do PT, Luis Inácio da Silva (Lula) teve posições próprias sobre o discurso oficial da “Abertura”: “*A Abertura Política Brasileira foi na verdade um pretexto para poder impor esta política econômica*” (Lula, 11/12/1983 – Correio do Povo).

Numa visão mais abrangente, Bernardo Kucinski escreveu.(1982, p.14) que o contexto maior deste movimento da

abertura é um período de mudanças, de transição, causado pelas ondas de choque de dois abalos iniciais. A primeira, medindo a agonia de uma ordem econômica, provocada por causas quase naturais – como o esgotamento do ciclo do petróleo barato. A outra, medindo a capacidade de interferência da vontade humana na determinação de seu destino, no encaminhamento dos problemas que se vão apresentando

As paralisações, as greves, a anistia, os desaparecidos e as eleições foram as formas de expressar e encaminhar os problemas ao nível político-social. Estes movimentos sociais lograram, em contrapartida, provocar a centralização, ainda maior, das decisões no sistema econômico capitalista, agora estruturado sobre a informática, em direção das matrizes mundiais. No plano nacional a mesma centralização do mesmo

poder é visível na confluência das decisões políticas e econômicas em São Paulo e em Brasília. A sístole econômica-política brasileira concentrada espera a diástole, que se não vier e não for administrada, será fatal para o organismo nacional, pois virá de forma incontrolável e irracional. Nos momentos em que o indivíduo e a sociedade enfrentam mudanças torna-se mais evidente a transparência das relações necessárias entre o indivíduo (EU) e a sociedade (TU). Nestes momentos são desafiadas as forças entrópicas, que os projetos do EU desenvolveram, na busca da acomodação. Os condicionamentos entrópicos são sustados e rompidos pelas mudanças. Ao mesmo tempo revelam as verdadeiras motivações presentes nas forças em conflito.

As mudanças na educação institucional deflagrada pela Abertura Política Brasileira percebida e expressa como a sociedade em movimento.

Abandona-se, agora, o vasto panorama histórico-social para prestar atenção e examinar o panorama educacional institucional. O exame fixa-se nas conseqüências deste movimento e destas mudanças expressas pelo professor de uma unidade escolar.

A Reforma de Ensino, decorrente da Revolução de 1964, foi implantada a partir de 1971. Ela partia dos pressupostos desenvolvimentistas. A crise do petróleo começou a questionar e a colocar em cheque, a partir de 1973, estes pressupostos desenvolvimentistas que sustentavam o mundo capitalista de então.

A educação e o professor não podem ser condicionados e reduzidos, de uma forma absoluta, pelo meio econômico, social ou político. A criatura humana é o sujeito do econômico, do social e do político e o não seu mero objeto. Aceita-se a educação como o esforço constante do indivíduo para maximizar suas potencialidades para cada idade e cada circunstância e não a simples adaptação permanente, coerção, do indivíduo a uma determinada forma de civilização. Aceita-se a “*educação permanente*” que historicamente sabe buscar “*o melhor imanente ao ser humano*” (*educere*), transcendendo uma estrutura econômica única, uma ordem social unitária, como as castas, ou uma política determinada pelo grupo, partido ou ideologia.

Evoca-se Florestan Fernandes a favor da tese da criatura humana como sujeito da educação e através dela, competente para ser a origem da riqueza, da sociedade e as suas forma de organização política. Ele registrou (1966, p.101) que

todas as coisas essenciais no mundo contemporâneo ligam-se direta ou indiretamente, imediatamente ou mediatamente, as funções dinâmicas da educação escolarizada. Desde a preparação do homem para fruir os direitos e as garantias estabelecidas socialmente, até a criação de condições ideais básicas para aumentar o poder do homem como produtor de riqueza, de civilização e de progresso.

Diante destas palavras é possível retomar a fé na educação escolarizada, após a tempestade do questionamento, que tomou formas agudas ao longo da década de 1960, em relação à validade desta instituição.

A Abertura Política Brasileira permitiu retomar a fé e incluir, de forma singular, o seu agente central institucional, que é o seu professor. Retomou-se também a fé na “*educação permanente*” institucional expressa, em 1932, no “*Manifesto da Escola Nova*”: pelos Pioneiros da Educação. Esta década, de 1930, assistiu também a emergência da universidade brasileira para todo o território nacional. Esta universidade chamou para a sua execução tanto o Estado Nacional como o Capital competente para oferecer uma educação na qual a criatura humana era o sujeito da educação.

4.B.1 - O professor expressa mudanças na macro-política

4.B.1.1 – A informação como equilíbrio na macro-política

O Estado contemporâneo e o sistema da educação possuem por objetivos maiores a educação formal e institucional das pessoas. O Estado, no plano ideal e pelas razões pelos quais foi criado, tem por vocação imanente permitir, facilitar e estimular as amplas escolhas conscientes realizadas pelo cidadão. Este indivíduo cidadão vetoriza a sua vontade para harmonizar a sua interação com o OUTRO que, na medida que se consolida o regime republicano, deixou de ser súdito, vassalo ou escravo. Na contramão desta cidadania o Estado contemporâneo tornou-se um “*deus todo poderoso e onipresente*” que não possui espaço para receber estas vontades cidadãs e individuais. Bem ao contrário, o Estado impõe a sua própria vontade por Decretos e por Trados juridicamente perfeitos. Confirmam-se as palavras de Carl Marx de que “*o genérico é sempre a forma ilusória da comunidade*” e o “*discurso genérico como forma de denominação*”.. Assim a Abertura Política pode constituir-se, para este Estado em movimento para posições mais seguras e eficazes, uma forma de dominar o sistema. Basta conceder a Abertura Política e reter sincronicamente a Abertura Econômica.

Ao examinar as condições reais e o espaço que o indivíduo encontra como significativas para fazer circular as informações neste Estão em movimento, são suficientes para perder qualquer esperança em relação as suas competências singulares de cidadania. Todos curvam-se diante da competência estatal e aceitam como verdadeiro somente o “*discurso competente*”, que provém da pessoa autorizada no interior do Estado burocrático. Na concepção de Marilena Chauí esta mitificação do discurso autorizado tornam-se claros, não só quando olhamos ou escutamos as nossas autoridades econômicas que levam o indivíduo ao grau da tragédia. Este discurso competente espalha-se por toda a sociedade onde os discursos autorizados da palavra mistificada do técnico, do pediatra, do charlatão da auto-ajuda, do economista ... gozam da aceitação irrestrita.

Cabem aqui as perguntas:

- Qual o discurso competente do professor diante do Estado?
- A Macro-política, vê algum significado no discurso educacional?

4.B.1.2 – As Mudança na Macro-Política como Autonomia

Na época atual a organização do bom Estado não depende do bom ou do mau cidadão. Ao indivíduo cabe a liberdade, contanto que não atente contra a segurança e a continuidade do Estado, nas palavras de Chauí (1981) apoiada em Espinosa. Para eles na escolha entre o bom cidadão e o bom Estado, a escolha pende nitidamente para o bom Estado. Isto explica por que o cidadão não é escutado e nem valorizado. O Golpe de 1964 ensinou que apenas a rebeldia pública do indivíduo, que fugia do rebanho cinzento de criaturas curvadas diante do Estado, era algo culposos e mau. A rebeldia e o próprio crime eram relevados por este Estado na medida em que permaneciam estritamente no âmbito individual e privado. Neste âmbito individual da vida privada, permitiu-se uma vida e expressão artística individual, o narcotráfico foi tolerado e apenas reprimiu-se, de forma tímida, quando se descobriu ele era capaz de construir um poder paralelo ao Estado. O Estado propiciou condições para os motéis, a dissolução do lar e os jogos clandestinos

O projeto para gerar socialmente o bom cidadão, o bom homem foi abandonado depois do Renascimento Europeu. O Estado Central passou a dedicar-se a construir um arcabouço social resistente, tanto ao bom como ao mau cidadão. Nesta construção incrementou-se, de uma forma absurda, a fidelidade devida pela criatura humana ao seu país, enquanto arquivou-se o projeto da pessoa humana ser fiel à si mesma e ao seu destino individual. Não é necessário lembrar os resultados da fidelidade coletiva e cega aos regimes nazistas, fascistas e socialistas nos quais o indivíduo pagou de uma forma brutal a fidelidade ao sistema totalitário. Esta catástrofe tinha sido prevista no século XVI por La Boétie no seu "*Discurso da Servidão Voluntária*".

A capital do Brasil é um monumento ao sistema. O cidadão é uma formiga perdida em Brasília, no seu Eixo Central, na Esplanada dos Ministérios ou numa das suas Super-Quadras. O discurso igualitário é evidente, nesta nova concepção urbana. Ao Estado não interessa se o indivíduo ou cidadão é bom ou mau !. O bom, ou o mau cidadão, não fazem diferença diante da estrutura do Estado, contanto que não comprometam a sua segurança. A participação, ou não, do cidadão é indiferente as decisões essenciais que fazem funcionar o sistema Estatal. O gênio ou o ignorante são indiferentes ao Estado Central. Quanto maior a mediocridade, menores são os problemas que acarretam ao todo

poderoso e onipresente Estado. Este horizonte totalitário fez Claude Lefort escrever (1983, p.82-83). que

a anulação dos sinais da divisão do Estado e da sociedade e da divisão interna implica numa desdiferenciação das instâncias que regem a constituição de uma sociedade política. Não há mais critérios últimos do conhecimento que sejam subtraídos ao poder. Esta observação é a que melhor permite apanhar a singularidade do Totalitarismo

Este totalitarismo confere o poder ao indivíduo que abdica de sua autonomia, em função do destino do rebanho humano, que não sabe para onde vai. Ou corrigindo, sabe muito bem para onde vai, pois é sabido que todo o rebanho vai ao matadouro.

Diante do destino certo do rebanho pergunta-se

- A escola não seria o lugar adequado na qual o indivíduo poderia cultivar o projeto de reconquistar a sua autonomia?
- Não caberia ao professor, como agente primordial desta escola, expressar esta possibilidade de autonomia ?

4.B.1.3 – A Abertura Política Brasileira como processo de interação pessoa-sistema

Uma unidade escolar é o lugar privilegiado, como um micro-universo do corpo político, para gerar a interação com uma parcela da grande sociedade. Contudo ela necessita gerar esta interação com base numa maturidade política. Esta maturidade política resulta da relação aceita entre a pessoa humana e a macro-política. Muitas vezes esta relação é aceita sob forma de risco. A Abertura Política Brasileira gerou condições para perceber as circunstâncias deste projeto. Ali travou-se uma relação de risco entre a pessoa humana e a macro-política. Ao mesmo tempo, evidenciam-se ali, inúmeros índices da interação consciente do indivíduo que busca a sua própria Educação e o Estado que busca a segurança do sistema. No conjunto destas interações é possível aferir o equilíbrio, ou não, entre a liberdade do indivíduo e segurança do sistema. Este equilíbrio negociado é denominado, aqui, de democracia.

A sensação de marginalidade, sofrida pelo indivíduo na escola, distorce todas as suas percepções sociais. Contudo esta sensação de marginalidade, no ambiente da unidade escolar, reduz em muito, as conseqüências políticas dos erros em suas relações imediatas com a macro-sociedade. O indivíduo possui múltiplas oportunidades na escola para aferir a verdade da sua proporção social, e descobrir a sua onipotência e a sua onisciência e na medida em que esta onipotência e onisciência tornam-se perigosas para toda a coletividade. O indivíduo num espaço adequado de cura, como o do ambiente educativo, possui condições de superar o medo, o risco do erro social e o caos. De outro lado, compete ao professor, como condutor do processo conceitual e educacional escolar, perceber as características, as competências e os limites deste espaço singular, e o usa como laboratório em benefício da autonomia da pessoa humana como cidadã.

4.B.1.4 – As mudanças da Abertura Política Brasileira e a Autoridade

Para a presente dissertação há necessidade de ficar nítido, e formalmente expresso pelo professor, quem o autoriza, o que e quando autoriza. Em outros termos, ele necessita representar-se por meio do seu discursos quais as suas competências e os seus limites¹⁸.

A autoridade do professor é colocada em xeque quando este se torna incapaz de expressar e verbalizar a sua própria posição. Esta mesma frustração surge quando ele é incapaz de representar nitidamente a posição de sua comunidade, com a finalidade de construir uma sólida ponte entre o indivíduo e a sociedade. O professor necessita questionar a boa vontade do Estado ao enunciar, no seu discurso, o objetivo de desenvolver a capacidade dos indivíduos com a finalidade de passar ao coletivo a vontade dos indivíduos que lhe são próximos. Após esta distinção torna-se mais fácil, ao professor, expressar no seu espaço e solidificar a ponte entre o indivíduo e a sociedade. A necessidade desta distinção apoia-se na tese que Lefort anuncia (1983, p.79) pois “o Estado aparece a todos e se representa a si mesmo como o princípio instituinte, como o

¹⁸ - Trata-se, de fato, do conceito de autonomia que Clemente Mariani elucidou “no conceito de autonomia há dois elementos essenciais: um é o das raia que limitam a ação; o outro, é o poder de agir livremente dentro dessas raiaas. Sem raiaas limitadoras, estaríamos em face, não da autonomia, mas da soberania ou do arbítrio. Assim entendido, seria ilógico falar-se em autonomia ‘absoluta’: o conceito é sempre relativo e a amplitude do círculo de liberdade pode sofrer infinitas variações” (in Nóbrega, 1952, p. 329).

grande ator que detém os meios de transformação social e do conhecimento de todas as coisas” Confirma-se também Florestan Fernandes que escreveu (1966, p.105) que “o escravo não se liberta a si mesmo: ele é libertado”. Diante desta tese convém perguntar:

- Será que compete ao Estado gerar esta liberdade e a libertação da vontade do indivíduo que lhe foi entregue como escravo e súdito?

A cristalização e a fixação das vontades, pelos que conquistaram no passado o poder, corrompe a autoridade anteriormente conseguida. É uma das práticas mais comuns em qualquer regime totalitário.

Novamente seria ingenuidade acreditar que alguém deixaria o poder, uma vez que ele foi conquistado. Esta ingenuidade, transmitida pela escola, professor e educação, torna-os instrumentos ideológicos a serviço do poder central, corrompido pela raiz.

Para Neubart (1985, ZH-Cultura, p.13)

“a escola não é uma coisa abstrata e isolada. Ela é uma peça de uma engrenagem maior é a escola para a sociedade capitalista e desigual, onde todos aprendem que nada se pode fazer por nós mesmos ou em colaboração com os outros. E acaba perdendo a visão crítica da realidade, o poder de imaginar e de construir alternativas”.

Diante deste fato, se o professor, a escola, a direção e a educação em geral, mesmo escolhida a direção, se continuarem a serviço de um poder corrompido pela base, o voto não tem significado maior, pois este instrumento continuará a corromper a vontade de todos. Neste ponto adota-se a hipótese de que o professor, a escola e a direção podem reencontrar a visão crítica da vontade corrompida e reencontrar o seu significado maior, por meio do instrumento da expressão do ambiente da educação.

4.B.2 – O professor expressa mudanças no ambiente educativo

4.B.2.1 – O equilíbrio dinâmico da educação

É possível afirmar que o aluno assume a si mesmo na medida em que o professor se assume e assume o seu ambiente. O professor ensina o que é. O professor estático e adaptado a uma falsa realidade, arrasta o seu aluno a mesma acomodação.

Pode-se afirmar que o maior obstáculo à atualização na escola pública é constituído pelo funcionário público bizantino, que apenas cumpre horário numa posição estática e sem conhecer as suas competências e limites. Um tal agente, cego à competição consciente ou inconsciente que a vida, em todos os degraus estabelece ao redor da escola a mesma inconsciência coletiva. No contraditório é necessário reconhecer que a cultura bizantina, apesar desta aparência estática e repetitiva, teve a vantagem de projetar por cima da sombria Idade Média, a essência da cultura clássica grega que refloresceu na dinâmica cultura do Renascimento Italiano. Neste contraponto a escola pública formal e institucional, possui a vantagem de ser um remanso seguro para aqueles que quiserem preservar uma cultura mais coerente. Contudo é necessário estar atento, e tomar os meios, para que o jovem adolescente não saia frustrado por este imobilismo da escola, pois ele, como pessoa em construção, é movimento e vida. Esta necessidade de movimento e de vida prende-se ao fato de que o adolescente é atormentado pela sua própria natureza instável. Esta instabilidade trabalha por uma cultura e por uma economia competitiva alimentada e instada por um discurso mais direto e objetivo. Enquanto isso a instituição escolar trabalha pela sua própria segurança e a sua continuidade no tempo, sem estar atenta ao seu próprio tempo.

O professor necessita de um ambiente educativo estimulante e no qual sinceramente acredita para expressar e usar o espaço para mudanças significativas, diretas e objetivos.

O ambiente educativo apresenta normalmente o discurso pronto. Professor, aluno e, especialmente os pais, aguardam este “*discurso autorizado*” e pronto e ao qual fazem a acoplagem simples dos seus destinos culturais. A ingenuidade e o discurso autorizado desempenham aqui um papel fundamental. O poder da escola, do professor e da educação, reduzidos a um discurso pronto, constituem um dos pilares de um poder cego

e sem crítica. Como sinal evidente do descaso basta verificar a atuação dos nossos Círculos de Pais e Mestres (CPMs). As atribuições, que se credita a estas instituições, são puramente econômicas, sem lhes conceder qualquer poder político.

As conseqüências provocadas pela ingenuidade da Razão, aceitas e promovidas por uma educação que visa apenas a segurança institucional, não deixa espaço para a dúvida e o diferente de cada indivíduo. Esta educação, cega pela Razão, generaliza o seu projeto numa ingênua igualdade e tem por efeito conduzir o educador e o educando aos “*monstros que o sono da razão gera*”. Esta constatação dos resultados do Iluminismo foram evidenciados num título de uma das gravuras de Goya, logo após ele haver pessoalmente acreditado e colaborado com a Revolução Francesa na Espanha.

O espaço do diferente individual é indispensável e se opõe a qualquer discurso do igual pelo igual. A busca empreendida pelo equilíbrio do diálogo constitui uma negociação possível entre o EU e o OUTRO e é o extremo oposto da entropia natural e do reino do caos absoluto. Um indivíduo necessita de espaço para empreender as mudanças, rumo à sua autonomia, quando atingiu a maturidade somática e política.

4.B.2.2 – As mudanças da educação como autonomia

Num ambiente educativo institucional um dos questionamentos mais sérios da nossa sociedade é o projeto da maturação individual, por meio da democracia.

O indivíduo humano no plano da sua ontogênese é portador de 14 bilhões de neurônios o que lhe permite enfrentar um sistema social e cultural. Contudo este sistema social e cultural não necessita e, nem quer indivíduos criativos, respaldado nos seus argumentos da sua segurança. O indivíduo criativo enfrenta a constante negação do seu potencial diferencial. O sistema julga-se estar pronto e os seus agente devem se conformar com que “*o patrão não paga para pensar, mas para trabalhar*”. Contudo a maturação da pessoa humana exige a competência para enfrentar este tabu de que as suas diferenças individuais não interessam, apesar da constante negação social do potencial diferenciador do indivíduo. Para enfrentar este tabu social esta maturação será direcionada para o maior desenvolvimento do seu potencial genético individual. A “*lei do progresso é a diferenciação*”, escrevia Hipólito J. da Costa na mesma época em que

Goya gravava os *“monstros que o sono da razão gera”*. Diante disto postulam-se posições dialéticas homeostáticas entre a liberdade individual e a segurança coletiva, objetivando instalar e gerir um espaço e um sistema educativo adequado.

Dialética entre liberdade segurança, a ser conferida, a seguir, nos acontecimentos da *“Abertura Política”*.

Como o projeto educativo exige esta dinâmica da dialética homeostática, chega-se ao centro do problema *“conheça a ti mesmo”*, como um desafio à liberdade individual lançado há 23 séculos pelos gregos: Este conhecer ou saber é um caminho. *“Fazer-se a caminho do saber”* é o grande desafio educativo de Heidegger. Ou do poeta castelhano Antônio Machado *“não há caminhos. Os caminhos se fazem andando”*.

Este conhecimento, caminho aberto e liberdade individual, opõe-se ao hábito da tradição, da explicação única segurança institucional, que caracteriza os sofistas que *“possuem uma explicação pronta para todos e tudo”*.

Este hábito da tradição, da explicação única e segurança institucional, levam a escola ao seu terrível papel *“dos que incrementam a ingenuidade”*, na expressão de Paulo Freire. Esta ingenuidade não permite o amadurecimento da pessoa humana, pois não permite a diferenciação e a interação entre o potencial do indivíduo e do social.

- *“Caminante, son tus huellas
el camino, y nada más;
caminante, no hay camino,
se hace camino al andar.
Al andar se hace camino,
y al volver la vista atrás
se ve la senda que nunca
se ha de volver a pisar.
Caminante, no hay camino,
sino estelas en la mar”*

MACHADO, Antonio (1875-1939)
Antología poética. Madrid :
Alianza, 1995, p.66

4.B.2.3 – O ambiente educativo propício à interação entre a pessoa humana e a sociedade

O ambiente educativo, em geral, é acusado de estar estruturado em função da sociedade, do professor, do sistema e não em função do estudante. \ouve-se muito : *“a educação e a escola institucional estão bem, o estudante vai mal”* ! Ou então, *“a escola é uma maravilha, lástima que tenha alunos !”*.

Cabe aos grupos que possuem maior contato entre si, administrar as diferenças. Contudo este grupos podem cultivar a ingenuidade e para tanto não propõem, ou

desenvolvem, um projeto interativo institucionalizado para uma comunidade genérica e ideal. Estes grupos internos, que detêm o poder, usam a desculpa de plantão, alegando que existem leis, programas, objetivos, cargas horárias científicas e currículos inadiáveis. Nestas urgências formais os temas escolares não são contemplados com espaço e tempo para a prioridade da interação social. As assembleias gerais de professores, que possuem como objeto de análise destes temas escolares sérios, muitas vezes são acusadas como coisa de agitadores ou daqueles que não gostam de dar aula. As mudanças na escola não são significativas e comprováveis quando surge a possibilidade para articular um projeto que contempla a interação das diferenças e na qual toda a comunidade escolar poderia participar.

A busca da verdade deve ser parâmetro constante. Contudo esta verdade só se evidencia socialmente por meio do contrário, do oposto e do diferente colocado socialmente. Esta ação dialética exige a recuperação dos passos anteriores, do equilíbrio entre o EU e o TU, além da maturação de ambos. Este trabalho, em cima do diferente e correndo sérios riscos de não ser compreendido, impõe-se para não precipitar os esforços em enormes e desastrosas rupturas para a coletividade.

É tarefa prioritária a construção de pontes entre a pessoa humana e a sociedade, destina-se ao projeto educativo que se queira democrático. Neste ambiente educativo democrático, necessitam serem previstos os mais eficazes equipamentos para construir estas pontes. O exercício do voto livre, parece ser um dos pontos mais eficazes deste equipamento e que se pratica desde a democracia grega.

A maior virtude do voto é deixar o poder vazio, enquanto os integrantes da sociedade decidem como transformar o poder em autoridade. O poder vazio conclama a todos os componentes para recompor este poder vazio.

A maior virtude das melhores democracias é um poder central, o mais fraco possível, diante de componentes da sociedade os mais responsáveis e unidos para preservar este poder central fraco. Assim não é de estranhar que os atenienses votassem os seus dirigentes uma vez por ano. Contudo isto só é possível em sociedades maduras que possuem o voto o mais livre possível.

4.B.2.4 – O professor expressa o ambiente educativo como amadurecimento da sociedade através da autoridade

A presente dissertação não propõe a atomização da autoridade em direção ao caos ou anarquia. Este é o papel de um sistema autoritário que oferece ao voto só as parcelas do poder sem significado e não todo o poder. Este jogo de ocultamento do essencial do poder tornou-se evidente ao longo da Abertura Política Brasileira e foi expresso por Lula e outros líderes. Este ocultamento do essencial do poder foi percebido por Kucinski (1982) que escreveu “*as garantias do arbítrio permaneceram, mais profundamente colocado na constituição. Este arbítrio autoritário permaneceu aliado a uma política econômica centralizada absoluta, e, sem recursos para a educação institucional*”. Neste contexto a educação não tem como articular, de forma coerente, um discurso de poder em direção à autoridade. A educação carece de um projeto próprio, baseado numa economia de sustentação e sem um discurso articulado ao nível do consciente, capaz de vetorizar as vontades numa única direção.

Um dessas desculpas de plantão, para ocultar o essencial do poder, foi o discurso da “*preparação para o trabalho*”. Este discurso perdeu todo o seu significado por ficar apenas ao nível de intenção. A realidade era o fato de que o jovem deve ser retido cada vez mais tempo na escola para dar lugar de emprego para a geração mais adulta e que possui a responsabilidade familiar. Esta geração mais adulta, no seu desespero de não conseguir cumprir esta responsabilidade básica, poderia comprometer o núcleo do poder promovendo manifestações públicas e levando ao caos o Estado totalitário.

Realizar e sustentar o discurso da “*preparação para o trabalho*”, tão antigo como a humanidade, é no mínimo querer perturbar ou mascarar o jogo político na distribuição das oportunidades de trabalho. Se a educação não possui a perspectiva de democratizar a escolha das oportunidades, passa a ser mera reprodutora e não distribui as oportunidades e as recompensas oferecidas pelo trabalho desenvolvido.

Cabe novamente ao professor realizar como um todo coerente o discurso do significativo do poder da educação e do saber institucionalizado. Há necessidade de concordar com Stiles quando escreveu (1959, p.39). que

“o conceito da escola como laboratório para a democracia parece apropriado, em relação a funções gerais da educação democrática. Para desempenhar este papel, nós, como professores necessitamos ser competentes nos três campos: teoria social, prática social e condução social”

Neste todo coerente pode, e, deve estar incluído, o discurso da “*preparação para o trabalho*” contanto que, seja visto dentro do todo e que todos tenham voz e vez. Para esta coerência a unidade escolar necessita de profundas mudanças.

4.B.3 – O professor expressa mudanças na unidade escolar

Apesar de toda a corrupção passiva ou ativa de que a escola foi vítima, ela merece o esforço de reflexão como instituição formal educativa. Esta reflexão terá mérito se ela destacar a sua vitalidade e a determinação de suas novas funções. Ela é, e sempre foi, um dos mais caros projetos de qualquer sociedade madura. Desta instituição educativa depende o próprio futuro que a humanidade ali cultivar.

Quando o desenvolvimento tecnológico e econômico pareciam não ter limites o que o homem se propunha em 1985, não era o mesmo, que se propunha em 1975. Um década separa estes dois tempos.

A presente dissertação propõe-se a estudar em quatro pólos o novo tipo de educação solicitada por este novo tempo para uma unidade escolar. No primeiro polo examina-se a escola como espaço **para expressar o equilíbrio entre o EU e o TU**. No segundo, a escola como oportunidade de **maturação da Pessoa Humana** em direção a educação permanente. No terceiro, como espaço para que a pessoa humana possa fazer conscientemente a sua **interação** ao tipo de sociedade existente. Em quarto, a escola como lugar de **negociação com a autoridade**.

1º polo: a Escola Institucional como espaço de Equilíbrio entre o EU e o TU

A escola formal constitui um espaço cultural preparado intencionalmente e proporcional para que o indivíduo possa estabelecer o relacionamento com os seus semelhantes com os quais constrói um coletivo proporcional às suas competências individuais. A escola, sendo o resultado de um projeto voluntário humano, condiciona o tipo de relação básica que o indivíduo irá encontrar ali. Neste projeto “*os regimentos*” prevêm e explicitam as competências do comportamento individual (EU) humano, nos limites do semelhante (OUTRO) para constituir o grupo.

O EU face ao OUTRO pode ter três posições características: o EU subjugado, O EU equilibrado homeostaticamente com o OUTRO, ou então o EU dominante.

O indivíduo EU pode-se sentir subjugado pelo OUTRO. Neste desequilíbrio o estudante sente-se culturalmente inferior ao professor e este em relação a direção e aos

serviços da escola. Neste caso a escola prepara o indivíduo para cumprir o seu papel de súdito, de vassalo, de serviçal ou de escravo.

Pode existir o equilíbrio homeostático. O equilíbrio seria o estágio ideal, e, que muitas vezes, é procurado como fim, sem se prestar atenção ao nível exigido para preparar o indivíduo para a cidadania. Este equilíbrio homeostático na cidadania não se pode confundir com uma falsa igualdade congelada e ideal. Este pseudo equilíbrio, segundo S.J.Libânio (1983), é constatado na escola na formação das “panelinhas”, que, de fato, são grupos que conseguiram determinado ponto de equilíbrio em comum, e que operam sobre esta autobiografia fixa no tempo do grupo, sem atender o equilíbrio na instituição. Esta autobiografia grupal pode constituir-se e fixar-se e relação à idade, ao sexo, ao esporte, ao grau de convívio e ao conhecimento recíproca. Os grupos que conseguiram sua legitimação interna, são hostilizados pelos grupos que possuem outra autobiografia. Entre adolescentes este conflito, entre os grupos de dentro e de fora, é mais inconsciente e por isto mais difícil de auto-controlar. Mas são de pouca conseqüência devido ao fato de se construírem sobre índices culturais transitórios. Entre os professores, a formação desta autobiografia cultural é mais consciente, mais conciliável, mais profunda e de conseqüências mais duradouras, devido à sua base do trabalho em comum.

Na terceira posição, estão os grupos que se colocam acima do equilíbrio de uma forma consciente ou inconsciente. Em geral a hostilidade e o desafio a estes grupos, é imediato. A antiga escola administrava estas diferenças transformando-as em algo produtivo em direção ao auto-conhecimento e da legitimação existencial. A possibilidade de organizar a escola no sentido burocrático encontra obstáculos na cultura nacional como Holanda constatou (1978, p.65) onde a hierarquia existente historicamente na sociedade luso-brasileira não oferece este valor

“a frouxidão da estrutura social, a falta de hierarquia organizada, deve-se alguns dos episódios mais singulares das nações hispânicas, incluindo-se nelas Portugal e o Brasil. Os elementos anárquicos sempre frutificaram aqui facilmente, com a cumplicidade ou a indolência displicente das instituições e costumes. Os decretos dos governos nasceram em primeiro lugar da necessidade de se conterem as paixões particulares momentâneas, só raras vezes da pretensão de se associar permanentemente as forças ativas”.

A falta de unidade e a flagrante diversidade de projetos culturais não permitem mais a construção desta hierarquia.

2º polo: a Escola Institucional como lugar de Maturação da Pessoa Humana

Parte-se da hipótese de que a ativação das potencialidades humanas em cada indivíduo só pode ter sucesso por meio dos outros, ou junto com os outros. A história das “crianças-lobos” e do “*Emílio*” de Jean Jacques Rousseau são paradigmáticas para afirmar ou negar que o EU pode conquistar, sem o espelho do OUTRO, a sua identidade.

A hipótese que se segue é a de que a escola formal pode encontrar o seu espaço privilegiado no processo de interação entre o EU e o OUTRO ao se dirigir para a sua meta democrática. A escola institucional potencialmente pode conduzir este processo para a sociabilização, sistematização ou eficiência do amadurecimento da pessoa humana e sem avassalar o OUTRO.

A própria consciência individual, da qual o ocidente tanto se orgulha a partir do Renascimento Italiano, despontam os paradigmas sociais e coletivos dos quais se vangloria esta civilização ocidental. O indivíduo possui potencialmente consciência. Contudo, a forma dessa consciência depende, não de um ato voluntário individual, mas das circunstâncias nas quais se desenvolve esta consciência. O desenvolvimento formal da consciência individual se processa por meio do convívio com os outros. A forma da consciência é um fato coletivo e social nas concepções de Mary Follet ao escrever (apud CARVALHO, 1979, p.22) que “*assim como não posso criar uma linguagem individual, por mim e para mim mesmo, assim não posso criar uma consciência para mim mesmo*”

3º polo: a Legitimação e a Justiça na escola institucional como lugar de integração da pessoa e da sociedade.

A escola institucional é o lugar privilegiado, após a família, da aprendizagem da negociação que o indivíduo realiza na macro-sociedade. A escolha da forma da educação centrada no indivíduo ou na sociedade, é determinante de qualquer sistema educativo. Existem sistemas educativos nas quais predomina a concepção de que a educação prepara o indivíduo, o cidadão, o ser isolado em todas as suas potencialidades.

Esta concepção confronta-se com a outra concepção na qual os modelos elaborados e estáveis da ciência, da civilização e da cultura possuem uma unidade e uma identidade própria face seres humanos transitórios e fugazes. Nesta última concepção, e em conformidade com Skinner, os indivíduos devem ser educados e adequados ao corpo e ao modelo da cultura e civilização que são mais perenes e que a História e a Civilização são os resultados da evolução da espécie como um todo. Na antigüidade clássica a educação individual grega distinguiu-se e confrontou-se com a educação romana centrada no Estado e nas suas instituições. Neste confronto e debate está a dialética da ontogênese ou da filogênese. Todo projeto educacional necessita fazer a escolha entre as duas e decidir qual delas deve vencer na escola formal.

A humanidade mergulha periodicamente no caos de tenebrosas idades-médias onde desaparecem tanto as individualidades como a lógica das instituições. Nestes períodos obscuros desaparecem as escolhas explícitas entre o indivíduo e o coletivo o que provoca o naufrágio dos paradigmas e dos projetos de uma educação institucional. É o que assiste no momento em que existem rigorosas proibições da educação da personalidade individual e onde, em grandes áreas culturais do nosso planeta, encontram-se as ruínas do conjunto de uma lógica institucional coletiva (caos).

Os dois pólos extremos se enfrentam numa eterna dialética na busca de um equilíbrio homeostático numa escola que escolheu o paradigma da democracia. Neste conflito não existe descanso ou férias. Os promotores do código racionalizador da ética de todos os comportamentos dos indivíduos diante da instituição, confronta-se continuamente com aqueles que buscam espaços para a ética da liberdade do indivíduo. O grupo racionalizador enfrenta aqueles que lutam pela liberdade para cada indivíduo e a criatividade absoluta, diante da instituição escolar. Tanto um como outro apontam, nos seus extremos, para o caos e a impossibilidade da institucionalização continuada.

A rígida ordenação social, como a centralização total no indivíduo não possuem futuro. Estes extremos necessitam ser administrados interativamente. Esta administração administrativa é efetivada por meio do diálogo entre os seus componentes. Este diálogo, tenta expressar, negociar e pactuar as diferenças entre a rígida ordenação social frente à centralização total no indivíduo.

A escola, numa sociedade que tende para maturidade, não pode fugir da educação dos seus componentes para a celebração consciente, continuada e sempre renovada deste contrato social precário como a vida humana em todas as suas etapas e suas circunstâncias.

4º polo: a negociação continuada apreendida na escola

O pacto social necessita ser apreendido em face de autoridade escolar. Existe uma forma social coletiva e democrática de autorização do poder. Esta autorização do poder ocorre na negociação e gera um contrato em relação ao exercício do poder antes, durante e depois de qualquer ação.

Com esta negociação, e conseqüente contrato social, ilumina-se a relação do professor como pessoa humana, colocado frente à escola formal como parcela da sociedade. Nestas condições o exercício do poder cultural do professor transforma-se em autoridade formalmente reconhecida pela escola que por sua vez está inscrita na sociedade na qual o professor exerce este poder como delegação contratual.

A escola formal constitui-se o locus privilegiado da aprendizagem da prática do exercício desta autorização democrática do poder. Caso a escola aceitar a sua ampla concepção etimológica de lugar do “*ócio criativo*”¹⁹, esta aprendizagem torna-se mais coerente. Este lugar de ócio criativo permite instituir-se como um lugar privilegiado da aprendizagem da negociação antes, durante e depois de todas as ações coletivas, na medida em que a escola pretende ser o lugar do exercício da prática democrática.

O discurso pedagógico pronto, e autoritário é o grande obstáculo para a aprendizagem da negociação antes, durante e depois de todas as ações coletivas. Este obstáculo foi demonstrado por Bourdieu e Passeron, por Lefort e Chauí.

¹⁹ - Aceita-se aqui a ESCOLA como o lugar ideal para a prática da suspensão dos juízo (*εποχή*). Lugar e forma institucionalizado do lazer estudioso. Não visa nem ao prazer nem a necessidade. A escola não é um lugar de consumação: mas de abstenção da atividade do trabalho e consumo. A frugalidade é sua característica (ver Aristóteles, 1973 : 212 Bourdieu, 1996b : 206 Arendt, 1983 : 182). Os gregos tiveram o mérito de conceituar a escola (*σχολη*) como o espaço separado da sociedade na qual era possível cultivar o *ócio criativo* como forma de preparar as pessoas para o exercício prático do seus deveres cívicos. Os que negavam o ócio realizavam o **neg-ócio**, enquanto alguns praticavam o ócio sagrado do **sacerd-ócio**

A pessoa do professor é a depositária formal de toda a autoridade pedagógica da escola privilegiando de forma incontestada a sua autoridade face ao estudante. O professor assume e internaliza esta autoridade. Este professor, assume um distanciamento ainda maior por meio do discurso, usando um vocabulário erudito e incompreensível ao seu estudante. Uma pesquisa revelou que os livros didáticos, para os alunos da periferia de São Paulo, possuem a mesma dificuldade em português do que um livro em língua estrangeira.

O conjunto destas questões suscitam uma série de perguntas. Uma delas surge em relação aos agentes da escola representados pelos estudantes, seus pais, seus professores e a direção

- Em quem a escola institucional deposita o seu voto de confiança?

- A escolha desta resposta não dependeria da confiança desta escola possui no agente mais qualificado para expressar a relação institucionalizada?

Se a resposta da última questão for positiva, a presente dissertação aposta na capacidade do professor em realizar esta representação por meio de suas expressões da diferenças.

Se a resposta da última questão for negativa, a escola passa a ser, no seu conjunto, o lugar privilegiado no qual se pratica o poder puro abstrato. Nesta instituição a modelagem ética, cultural, sentimental, mesmo física, passa da esfera da autoridade para o poder puro da dependência do OUTRO abstrato. A lição oculta da escola, como lugar do aprendizado da dependência deste OUTRO indefinido, está inserido no texto da peça teatral '*Aurora da Minha Vida*'. A escola forma ou deforma um '*um rebanho de ovelhas*' cultivando um verdadeiro medo do conflito.

A presente dissertação acompanha Neubart (1985, ZH, Cultura, fl.13) apostando na competência do professor e na sua autoridade e pergunta:

- Como duvidar do professor?
- Afinal ele não constitui a autoridade na escola?

4.C – O PROFESSOR EXPRESSA VERBALMENTE as CONDIÇÕES do EU.

Desde o início da presente dissertação insiste-se de que a democracia não é um elemento estático, nem simples e nem reducionista. Ela configura-se só na relação e na permanente recriação. Tenta-se estudar nos próximos passos, da presente dissertação, as relações que o professor é capaz de expressar (1) consigo mesmo, (2) com a sua profissão, (3) a sua classe profissional e (4) dentro das mudanças e movimentos. Restringe-se este estudo ao espaço da educação formal, e especificamente, numa unidade escolar institucionalizada.

As reações a esta visão aberta e múltipla da educação são inúmeras. Para Fabra (1976, p.12) “a educação é um dos espaços onde o ser humano se mostra mais conservador. Cada adulto vive com a recordação da própria educação e tende a reproduzir a sua experiência da juventude”. Esta reprodução encarna-se na pessoa do professor a quem compete indubitavelmente o papel de representar o processo educativo nas partes e no todo. Esta representação ocorre apesar de que nem todos o consideram como centro do processo escolar formal.

Se for aceita a competência do professor esta representação conceitual necessita ser expressa pelas verbalizações e pelas atitudes do próprio professor e da maneira mais legível possível para assim ganhar um corpo social aceitável. Neste corpo social o professor, mesmo que a democracia não seja o motor conceitual, ele deverá ser capaz de representar, e representar-se, a si mesmo dentro dos componentes e limites de democracia na escola formal. Esta representação da democracia, faz parte do papel do professor como conceitualizador da escola formal, como escreveu Nash (1968, p.216) para quem um todo independente e de acreditar ou não na eficácia da democracia.

A expressão do conhecimento forçou, serem colocadas lideranças técnicas no comando de vários campos de ação. O que se faz atualmente mister, é uma multiplicidade de elites operando em várias esferas, selecionadas por diferentes critérios, que façam uso de seus diversos talentos e tornarem-se enfáticos muitos valores. Suzana Keller examinou o desenvolvimento do que denominou 'elites estratégicas' e visualizou sua proliferação e sua diversidade como proteção contra a exploração e o despotismo. Diversidade, neste sentido é o melhor caminho para a liberdade

Uma destas elites diversificadas e provocadoras da sua proliferação, é competência do professor. O professor como uma destas elites, inclusive necessita ser capaz de verbalizar esta proliferação com o seu significado interativo que ruma para a democracia.

O conteúdo conceitual do discurso do professor fala diretamente de seu amadurecimento social e a sua ação resulta da sua própria consciência. É o que afirmou Karl Marx na sua “*Ideologia Alemã*”, afirmando (apud SANTOS, 1982, p.62) que:

a linguagem é tão antiga quanto a consciência. A linguagem é a consciência prática, a consciência real, que existe também para os outros homens e portanto, começa a existir também para mim mesmo; a linguagem nasce assim como a consciência dos apertos do intercâmbio com os outros homens

A prática democrática, teve de passar, em todos os tempos históricos, pelo processo da negociação social, expressá-la por meio da linguagem, do discurso e da semântica. De outra parte a linguagem serviu de poderoso veículo de dominação, quando separada da sua função democrática. No sentido de veículo de dominação esta verbalização escamoteia e pode ser instrumento negativo para a democracia. Isto se percebe no aforismo de Saviani (1983) de que “*quanto mais se fala em democracia, menos ela está presente na escola*”. Esta expressão de Saviani evidente que não pode ser levada como dogma, mas constitui um dos muitos chavões sobre a democracia.

A competência do professor exercer a expressão verbal e de interagir com de uma forma equilibrada com os outros constituem amostras da consciência e do domínio do processo da prática democrática. A falta de capacidade para ouvir e a aversão pelos discursos dos outros é típico dos homens públicos brasileiros. Um dos professores de mais altos méritos de nossa nacionalidade cultivava esta aversão segundo Holanda (1978, p.118)

De Benjamin Constant, honrado por muitos com o título de ‘Fundador de Nossa República’, sabe-se que nunca votou, senão no último ano da monarquia. Gostava de dizer que tinha nojo da nossa política. Não lia sequer os jornais tal a sua aversão a nossa coisa pública... Era-lhe indiferente que governasse Pedro ou Martinho, liberal ou conservador. Todos. Todos na sua opinião, não prestavam para nada

Esta aversão pela fala do OUTRO nos diz do processo da dominação através da linguagem percebida e usada pelas elites das personalidades brasileiras. Estes intelectuais sabem que este instrumento, cultivado por meio da retórica, é a arma preferida pelas elites e aplaudida pelas próprias vítimas. O nível intelectual desta elite era julgado pela sua capacidade verbal, como foi o caso de Rui Barbosa e contemporâneo de Benjamin Constant. Esta elite está consciente da perversão que a linguagem pode sofrer, quando aquilo que é jogado contra a tela conceitual não corresponde a realidade. Contudo o público adora ficar com este instrumento como índice da competência de sua elite. Esta escolha se dá baseada na outra série de potencialidades antes enumerada.

A íntima relação entre o ente do professor e a maneira como desvelava este seu ente impenetrável, deixando-o entrever no ser da sua fala e ação, foram evidenciados na raiz da cultura ocidental e expressos por Heidegger, um dos maiores filósofos do século XX, que escreveu (1983, p.17). que:

todo o ente é no ser...Isto jogava os gregos e a eles primeiro unicamente, no espanto. Mesmo os gregos tiveram que salvar e proteger o poder de espanto deste mais espantoso, contra o ataque do entendimento sofista, que dispunha logo de uma explicação, compreensível para qualquer um, para tudo e a difundia. A salvação do mais espantoso – ente no ser – se deu pelo fato de que alguns se fizeram a caminho na sua direção, quer dizer do sophon. Estes se tornaram por isto aqueles que tendiam para o 'sophon' (σῶφρον) e que através de sua própria aspiração despertavam nos outros homens o anseio pelo sophon e o mantinham aceso

A grandeza, a verdade e as conseqüências do ser do professor evidentes na sua linguagem e na sua ação expõe o seu impenetrável ente. O cristianismo cultivou o aforismo de que “se conhece a árvore pelos seus frutos” no qual o ente desconhecido da árvore revela-se pelo ser da sua produção.

Esta busca de interação demanda uma constante busca da verdade através da ação. A linguagem deve ser vista como ação que ilumina esta busca de verdade – *sophon* (σῶφρον). A ação do professor é a fala e a sua fala é a consciência prática do seu ente. Este ente, à primeira vista, é impenetrável à inteligência, mas a fala é ser que revela

este ente. O sofista cultiva as aparências no seu ser, sem o conteúdo do seu ente, escamoteado no índice da sua fala.

4.C.1 – O PROFESSOR EXPRESSA a SI MESMO

O professor é o profissional competente para criticar a sua própria experiência e conhecimentos, por meio da ruptura epistemológica constante. Ele é ente e não só é ser. O limite da consciência do professor, deve ter uma constante atualização pela experiência direta das diferenças que caracterizam a realidade. A busca da verdade desta relação, é uma busca corajosa de uma consciência eficaz. Esta consciência eficaz começa por si mesmo, com o *'gnoti se autten'* (*γνωθι σε αυτην*). Na medida que o professor não se conhece ele *"está no mundo, mas ainda não há mundo para ele"* com escreveu Schiller.

A auto-imagem do professor atualiza-se, de forma constante, na interação entre o EU (indivíduo) e o OUTRO (mundo). Nesta interação nasce a confiança na busca da verdade que faz do professor um ser indispensável para o mundo que ele conhece e com o qual interage. A disposição e a capacidade de ajuda do professor ao OUTRO, aguça a percepção do diferente que existe nele e no OUTRO. O professor atua, ou retém, todo o seu ente na medida em que lida com a carga do diferente, conferindo-lhe sentido.

A esta realidade do diferente opõe-se o discurso igualitário, como aquele articulado pela Abertura Política Brasileira, que não passa de mais uma estrutura de reificação social. O professor consciente de todo o potencial humano, decodifica e a desarticula o discurso igualitário, oportunizando-lhe a prontidão para prestigiar o seu semelhante em todas as dimensões, tentando visualizar e articular as suas diferenças e as dos outros, em face de realidade.

4.C.1.1 – O professor expressa o seu equilíbrio com o outro

A dependência ou independência do professor, visto pelo lado filosófico, traduz-se no equilíbrio entre o EU e o TU. O professor enfrenta e procura, como EU, o equilíbrio diante da sociedade em movimento, vista como o OUTRO.

Uma das maiores catástrofes, que nossa cultura conseguiu produzir, é a *"servidão voluntária"* denunciada por La Boétie. Ao observar o professor que internacionalizou a sua dependência absoluta em relação ao outro, por meio da *"servidão voluntária"*, traduz uma

verdadeira monstruosidade. A morte, “o *tanatos*” ou a “*entropia*”, consumiu e desintegrou a alma deste professor. O aluno defronta-se com o que restou de um cadáver na sala de aula. A luta deste aluno, não é contra um sistema genérico, abstrato e imponderável, mas é um combate contra a própria morte.

A vitalidade e a ingenuidade deste estudante, em esperar o melhor, debatem-se com a figura da própria morte, que o sistema lhe envia. O professor apresenta-se revestido do poder para ser se constituir e caracterizado como modelo a ser imitado. O combate com a morte deveria ser modelo e atitude esperada do estudante pelo sistema. Mas o estudante aprendeu há muito tempo que a morte é sempre vitoriosa e assim só pode esperar a morte de um professor de alma morta. Defronta-se com alguém, do qual apenas se pode esperar uma cultura morta, uma palavra morta, motivações mortas e uma sociedade morta²⁰. O resultado é um estudante horrorizado pelo espetáculo que lhe é oferecido. E ainda o mundo se admira quando uma geração de jovens apáticos sai da escola, inativos e de alma morta.

Este professor de alma morta é o professor objeto. Reificado por um sistema cujo único objetivo é a segurança pela segurança. Este professor vendeu a sua alma e sua individualidade em troca de uma pequena e provisória segurança.

Qualquer tentativa de interação democrática é aniquilada pela anomia institucionalizada que manipula o professor dividido e amorfo que necessita de um processo de dominação. Mesmo dominado, ele reproduz a mesma estrutura morta que o sustenta na sua posição.

O horror deste professor defrontar-se com a possibilidade de ver esta imagem de morte refletida na sua obra, que é o estudante, o faz buscar mecanismo de fuga. Impõe ao seu estudante tarefas formais para esquecer a sua própria imagem de morte refletida no aluno. Busca modelos calcados sobre pseudo cultura (sofistas) e ao mesmo tempo, sem capacidade de conter a realidade, nem a ciência e nem a criatividade. Usa como instrumentos modelos caricatos da realidade inspirando-se em livros de auto-ajuda, que não o comprometem e dos quais tem certeza que não o comprometem como ente.

²⁰ - Worringer denunciou o formalismo perfeito das artes visuais egípcias, que se esforçavam para ocultar o constrangimento que sentiam dos seus deuses da Morte e de animais inferiores, por meio deste formalismo.

O sistema está profundamente interessado neste professor executor e autômato. Para isto este sistema cria uma cultura voltada para produzir em série estes horrores e, de preferência, com uma única matriz. A forma mais fácil para produzir estas caricaturas fantasmagóricas é incrementar a ingenuidade. O sistema se esforça para mostrar que este professor é um pobre coitado e que acaba por internalizar. Daí em diante é só esperar que esta pessoa se entregue à tarefa mortal de desmontar a si mesma e instalar no seu lugar os mecanismos que interessam ao sistema.

A pessoa humana perde qualquer sanção moral ou psicológica na medida em que é dependente e vive na anomia. O índice desta anomia é o “*coitadinho*” que, com esta imagem, perde qualquer autonomia e responsabilidade pelas suas ações. Kant escreveu (Crítica da Razão Prática – Liv. I, Teorema IV) que “*a autonomia da vontade é o único princípio de todas as leis morais e dos deveres correspondentes*”. Se alguém é dependente, aniquilado e morto, não possui responsabilidade e também não possui condições de impor a ninguém qualquer responsabilidade. O professor perde a teleologia, que lhe imanente, na medida em que está mergulhado na heteronomia. Esta heteronomia possui os seus índices no discurso da autocomiseração e da pena de si mesmo. Este discurso revela, desde a anomia primária do indivíduo até a cultura do “*país do coitadinho*”.

Uma segunda forma de aniquilamento da personalidade do professor é lhe fazer entender que ele não interessa mais. As antigas e históricas funções que o professor se impunha e, que a sociedade reforçava, foram substituídos pelo sistema. Para substituir o professor, com evidentes vantagens, este sistema vale-se de veículos de comunicação de massa, instrumentos mais eficazes de modelagem ideológica dos grupos humanos. Estão aí a TV, rádio, computador, imprensa e grupos de publicidade.

Apesar dos seus instrumentos eficientes e econômicos o sistema sabe melhor do que qualquer um, que o professor possui um papel decisivo a longo prazo. Sabe que este papel decisivo cabe ao professor, pois só ele possui os recursos para demonstrar e usar um tipo de raciocínio que subverte a ordem do sistema e evidenciar as falácias do sistema montado em algumas premissas primárias. O próprio professor, devido ao fato de estar

WORRINGER, Wilhelm (1881 - 1965). **El arte Egípcio**. Buenos Aires : Rev. de Occidente Argentino, 1947, 178 p.

A PRÁTICA DEMOCRÁTICA na ESCOLA PÚBLICA ESTADUAL: estudo de caso da expressão das condições da prática democrática pelos professores do Colégio Estadual Cândido José de Godói – POA- RS – durante a Abertura Política Brasileira (1979-1985). Dissertação de Círio SIMON, defendida, na PUC-RS, no ano de 1986.

mergulhado na heteronomia da vontade, evidenciou estas premissas numa outra fase da educação (Ver Althusser) e que agora esqueceu. O professor evita o jogo da vida na qual predomina a lei do mais forte devido à sua heteronomia e à sua frágil auto-imagem, construída sobre mitos externos para a sua própria natureza. Para fugir de sua responsabilidade de mostrar em si mesmo a lição de uma realidade alternativa para uma nova sociedade, prefere o discurso vazio por cima e por fora.

Contudo o professor, se tiver no seu horizonte um grande sistema moral, possui a competência para exercer esta ação de negociação dialética. É o sistema que Maritain propõe (1964, p.490) pois

todo grande sistema moral, com efeito, representa realmente um esforço para exigir do homem, de um ou de outro modo, em um ou outro grau, que ultrapasse de alguma maneira sua condição natural.

Com este grande sistema moral o professor possui argumentos fortes, capazes de reorientar o jovem para a autonomia. Neste sistema ele possui um manancial inesgotável na medida em que estes argumentos forem coerentes com o seu exemplo pessoal. Exemplo pessoal que capaz de evidenciar que possui a finalidade de valorizar as potencialidades do estudante. Este estudante desenvolve-se só num grande sistema moral no qual são imanentes também um grande espectro de diferenças e que permitem escolhas significativas para este estudante.

4.C.1.2 – O professor expressa o seu processo de autonomia somática

O ser humano movimenta-se no sentido permanente do seu amadurecimento somático e social. O sistema fixou um ponto estático e ótimo deste amadurecimento contrariando este movimento permanente. O discurso generalista unificador do amadurecimento somático e social humano é vantajoso para o sistema unificador e igualitário. Hoje, como jamais em outra época, todos são convidados para ser, parecer e ficar jovens, independente da sofisticação ou da sua imagem. Quem não é jovem não possui oportunidade social, estética, econômica, emocional e profissional. A velhice e a morte constituem o inferno conceitual da atualidade: necessitam ser escondidos e

escamoteados. O próprio exercício do magistério está sujeito a esta imagem quando o professor ouve furtivamente: “*Lá vem o(a) velho(a) de....!*”

Muitas vezes o próprio professor é responsável pela incorreta colocação da ação educativa, por não centralizar o processo educativo na preocupação de humanizar a educação. São naturais assim os grupos etários que se formam na escola. A geração mais antiga, está mais voltada a administração da escola. O professor mais jovem dedica-se mais a atividade pedagógica.

Na presente análise, a geração mais antiga viveu a sua formação antes de 1964. Esta geração, anterior a 64, participou de um regime mais aberto, e, em geral, em ambientes de enormes possibilidades técnicas e econômicas no ensino superior, fazendo com que este ensino fosse mais seletivo e exigente. A nova geração de docentes participou de um outro tipo de escola de terceiro grau e com uma formação com menos recursos e mais alunos em sala de aula, com provas objetivas e não dissertativas.

É natural, pois, que o professor expresse a sua própria formação, impondo-a muitas vezes como modelo, fora do contexto da sua idade e da sua época histórica.

4.C.1.3 – O professor expressa a sua auto-imagem como interação

Esta dissertação parte da hipótese de que a criatura humana, como ser que se realiza na relação, como ser social, pode regular conscientemente esta relação. Ao admitir esta hipótese, existem duas direções, ou vetores. De um lado existe a necessidade natural deste relacionamento. Do lado oposto exista a potencial a regulação deste relacionamento.

No aspecto da natureza os seres vivos considerados nas suas tendências somáticas são naturalmente gregários e complementares. Na medida em que se considera o potencial da auto-regulação consciente, a pessoa humana possui a capacidade de direcionar a interação social ou para a plena expansão ou para o isolamento levando o indivíduo para o egoísmo, a misantropia apreendida socialmente reforçada por uma auto-imagem negativa. Constata-se que existe um gigantesco painel de forças que jogam a pessoa humana numa ou outra direção.

A auto-imagem interativa do professor, nestas condições, pode reforçar a tendência natural e trabalhar a educação como fruto de um inconsciente coletivo, ou então direcionar esta educação para a aprendizagem consciente, por meio de projetos de uma sociedade interativa.

As múltiplas tensões acumuladas ao longo da vida profissional torna difícil ao professor de construir e sustentar uma auto-imagem positiva. O professor, em relação a outros profissionais, possui uma aposentadoria antecipada devido ao fato do progressivo e acelerado desgaste, que ele sofre na sua possibilidade de interação. Muitas vezes, o professor, chega ao final da carreira, com uma auto-imagem retraída chegando as raiais do rancor. Para confirmar este histórico da chegada do professor frustrado na terceira idade haveria a necessidade de uma outra pesquisa. A dificuldade deste pesquisa reside no fato de que uma classe constitui-se no trabalho. Mas o professor aposentado não trabalha mais, não possui mais e não forma uma classe.

A Abertura Política Brasileira propiciou ao professor a oportunidade para defrontar a sua auto-imagem com o meio em que vive, por meio da mudança de rotina. O confronto com o poder constituído pelo arbítrio militar, deu-lhe a oportunidade da reconstrução de uma autoridade legítima, propiciando-lhe a ocasião para exercer o seu papel de educador no cenário nacional e, com este gesto, melhorar a sua auto-imagem.

4.C.1.4 – O professor expressa-se como pessoa diante da autoridade

Uma pesquisa a ser realizada ainda seria o de verificar os nomes dos próceres nacionais da Abertura Política Brasileira que levavam, de uma ou outra maneira, o título de “*professor*”. Mas a presente dissertação irá verificar se a Abertura Política Brasileira propiciou este equilíbrio entre o professor e a instituição, no espaço real e restrito dos professores de uma única unidade escolar.

Nesta unidade escolar singular é mais fácil e melhor estabelecer a delegação do poder individual para o coletivo. Nesta delegação verifica-se o contrato e o que significa a passagem do poder para a autoridade. Nesta passagem do poder para a autoridade esta delegação necessita respeitar tanto a individualidade como o coletivo. Este contrato considera as razões e os sentidos tanto o sujeito que delega, como as razões e os

sentidos do coletivo constituído. Se esta delegação não respeitar o limite do ótimo de um ou outro lado, ocorre o fenômeno da reificação em ambas as competências. No limite da competência constitui-se a autoridade num fenômeno do equilíbrio entre o EU e o OUTRO. Este limite que significa conhecer e respeitar as competências devidas à ambos os lados. Ambas as partes possuem a sensação da perda da sua onipotência singular. Mas quem deseja atingir objetivos maiores, necessita elaborar esta sensação de perda, pois toda a escolha significa uma perda.

A explicação e a legitimação deste equilíbrio é efetivada por meio da verbalização. O medo, a reserva, o escapismo, enfim todo o onipotente em risco de ambas as partes, afastam do estabelecimento deste equilíbrio constantemente renovado. Ao enfrentar o processo de delegar o poder individual e ao assumir este poder o EU e o OUTRO continuam um processo de equilíbrio homeostático rumo à uma relação democrática nunca alcançada e definitiva. Uma verdadeira relação democrática só é possível no interior do equilíbrio de uma sociedade madura, que oportuniza e sente-se segura por meio de todos os mecanismos ajustados para a ajuda efetiva aos indivíduos que compõem esta sociedade.

Parte-se da hipótese que toda a sociedade autoritária, arrasta o professor para o exercício do poder absoluto. Esta constatação está embutida na peça teatral *“Aurora da Minha Vida”*, levada, em 1985, ao palco em Porto Alegre. Neubart escreveu (in ZH 13.07.1985- Cultura, p.13) que *“a escola forma ou deforma um bando de ovelhas com um verdadeiro medo do conflito. Como duvidar do professor? Afinal não é ele uma autoridade?”*. Apesar da discordância, o organismo social necessita possuir condições de expressão por meio da fala, da escrita, através da ação, como aquela da greve. Manter um organismo social sem a expressão, seria o mesmo que proibir a capacidade de nosso corpo ter febre. A impossibilidade de expressar o diferente, em organismos sociais enfermos, colocam em jogo a Verdade e a Justiça. Nestas sociedades doentes, Marilena Chauí constatou (1981, p.2) que *“não é qualquer um que pode dizer qualquer coisa a qualquer outro em qualquer ocasião e em qualquer lugar.”* Ou mais radical *“a revolta é a forma mais bela de expressão”*, síntese elaborada por Teotônio Vilela, no seu leito de morte (in Rev. Veja-23/06/1982).

Evidente que esta revolta não é pela simples revolta. Para o professor esta revolta significa buscar as condições adequadas para o exercício de sua profissão.

4.C.2 – O PROFESSOR EXPRESSA a sua PROFISSÃO

A profissão constitui o instrumento pelo qual o EU (indivíduo) do professor se relaciona com o TU (mundo). A profissão do magistério é o teste por meio do qual a sociedade conhece os verdadeiros agentes de transformação. No mínimo, a profissão do magistério, pertence aquelas relações, que ao eclodir a crise, obriga a estabelecer com o mundo.

Na crise da Abertura Política a profissão do magistério ganhou diversas conotações sociais novas. Dos quadros do magistério saíram vários líderes sociais que aglutinaram a sua própria classe, antes dividida estadual e nacionalmente. A partir do que sente e constata na micro-sociedade, presente na sala de aula, o professor impõe-se o exercício de expressar as diferenças da macro-sociedade.

Na sala de aula, o professor possui a oportunidade e a possibilidade de articular, como indivíduo, um equilíbrio diante do outro concreto do seu estudante, localizado entre o seu EU (indivíduo) e o TU (outro).

4.C.2.1 – A profissão do professor ao lado do OUTRO

Existe uma larga extensão dos exercícios a que o professor necessita submeter-se para acompanhar as flutuações das necessidades reais ou imaginárias do OUTRO (aluno, colega...). Estes exercícios possuem o objetivo de encontrar o equilíbrio e não submergir em mera racionalidade. Eles exigem um profundo acompanhamento existencial por parte do professor ao lado do OUTRO.

Esta vivência **ao lado**, e não acima ou abaixo, busca o equilíbrio filosófico em consonância da hipótese da discussão democrática da presente dissertação. Ao se submeter e cumprir o papel de mero executor do jogo de interesses deste OUTRO o professor incorreria no desequilíbrio e **estaria abaixo**. Faria o papel do súdito, do vassalo ou do escravo que realiza os objetivos do OUTRO.

Se o professor subjugasse OUTRO, com o seu poder cultural, fugiria ao equilíbrio e **estaria acima** e perderia a oportunidade para melhorá-lo e ajudá-lo efetivamente. A capacidade do professor de se representar, no plano verbal, a si mesmo ao lado do OUTRO, sem se confundir com ele, é um dos índices que permitem julgar a ajuda efetiva ao OUTRO. Só esta representação adequada de si mesmo, permite realizar a contabilidade de seu próprio potencial, de representar e se conscientizar dos mecanismos sociais que lhe dão suporte e o envolvem como indivíduo, para ajudar este OUTRO, que assim é a essência do papel social de sua profissão.

A democracia é uma virtude complexa e possui componentes culturais que só se revelam em sociedades adiantadas e maduras. Para quem quiser implementar o exercício da prática da democracia necessita de representações conceituais claras e legíveis. Apesar das dificuldades dos componentes culturais das sociedades adiantadas e maduras, a linguagem permite fazer esta representação conceitual.

A falta da verbalização clara podem revelar no professor como indivíduo:

- 1 – a incapacidade real de se representar no âmbito do grupo;
- 2 – a tirania e despotismo individual;
- 3 – a inconsciência e o primitivismo da prática democrática.

A incapacidade real de o professor se representar no âmbito do grupo, no qual está vivendo, revela a mais pura anomia ou heteromia e é índice da incompetência para a vida democrática.

A recusa da representação verbal, revela o outro extremo: a tirania e o despotismo individual em relação ao grupo. O indivíduo investe no seu EGO e é incapaz de interagir positivamente como ajuda real a sua comunidade.

A inconsciência e primitivismo da prática democrática fazem com que o indivíduo esteja apenas vivendo os fatos democráticos, mesmo os mais básicos, ou mais positivos, considerados apenas pelo lado formal, mas que não atinjam a camada da consciência. Nestas condições, a pessoa, só se conscientiza da democracia, quando ela vier a faltar. Neste caso a representação é posterior ao momento do equilíbrio. É sempre possível chantagiar este grupo de pessoas como aconteceu com os índios, o colono e os

trabalhadores apenas manuais presos às necessidades básicas da vida e para os quais é indiferente a existência de uma democracia

A representação é a linguagem. A linguagem é a consciência em ação. O professor é o indivíduo capaz de prever o colapso desta representação do equilíbrio, tão bem como remediar, em tempo hábil, o colapso deste equilíbrio.

4.C.2.2 – O professor expressa a consciência profissional como autonomia

As poderosas estruturas sociais, ou as fortes individualidades, criam um espaço de segurança ao seu redor. Criam um campo gravitacional²¹ e que prendem, em diversas órbitas, as pessoas de menor individualidade e incapazes de gerar o seu campo gravitacional autônomo. Quando estas estruturas ou personalidades se modificam, provocam em seu espaço gravitacional, a falta de segurança. As pessoas que estavam presas em suas órbitas de poder, devem se reestruturar, ou perecem num vácuo entrópico. Qualquer revolução social, política ou econômica possui este risco, ou vantagem, e é inerente a qualquer mudança, como ocorreu com a Abertura Política. Desmorona o espaço dos seres humanos dependentes da política da do súdito, vassalo ou escravo que – *“fazem os objetivos dos outros”* – como a sua política de sobrevivência individual. Constitui o espaço do *“pobre coitado”*, que satisfaz o EGO dos outros, submetendo-se ao seu único arbítrio. Renuncia a qualquer traço de personalidade para garantir a sua segurança física. Renovam o eterno *“Discurso da Servidão Voluntária”* do jovem La Boétie.

A partir da democracia de uma sociedade amadurecida, não existe lugar para a simples bondade natural do súdito, do vassalo cordial, ou do doce escravo brasileiro. Estas figuras não resistem a análise e constituem talvez uma das maiores falácias com que a elite brasileira procura se perpetuar. Esta elite possui apenas um ser humano esmagado e dominado que está procurando desesperadamente um espaço para se representar a si mesmo e, não se encontrando, realiza esta busca por meio do EGO do OUTRO. Neste plano estão a *“vovozinha”*, *“a mãe de açúcar”*, *“a tia caridosa”*...e *“o aluno puxa-saco”*...

²¹ - Conceitua-se como campo gravitacional a *‘tensão gerada no campo’* e se remete às concepções de Michael Faraday (1791-1867) de que a energia magnética e elétrica gera campos e não a singela concepção do campo geográfico.

Estas pessoas são marginais em qualquer projeto democrático sério e conseqüente. A marginalidade, dos seus projetos, deriva dos estereótipos assumidos e levam à anomia assumida. Estes estereótipos constituem a fuga, de sua própria personalidade, de qualquer processo de expressão em nível de consciência. No momento em que falta o suporte social a este estereótipo, entre em colapso o seu pseudo projeto democrático. Os indivíduos, que antes pareciam interagir democraticamente, caem no rebanho cinzento.

Do outro lado desta anomia, encontra-se a exaltação do EGO pela hipertrofia do “self-made-man”, que põe a democracia em perigo não menor. Novamente se impõe o equilíbrio homeostático. A exaltação absoluta, pela hipertrofia do EGO, produz a ruptura do vínculo social para o indivíduo. A hipertrofia do EGO do “self-made-man” produz social, política e economicamente, fenômenos semelhantes aqueles de 1929, que desmantelaram e jogaram no caos as estruturas da sociedade mundial.

Ao professor cabe viver o equilíbrio da autonomia por meio da sua profissão. A maturidade que expressa, não pode permitir o aluno “*puxa-saco*” de um lado e do outro não pode estimular o “*self-made-man*”, ou seja aqueles que, pelo EGO super inflado, não tem possibilidade de inscrever a sua autobiografia no âmbito de uma sociedade sadia.

As crises permitem desestabilizar, dos seus extremos, tanto o “*puxa-saco*” como o “*self-made-man*”, abrindo espaços para mudanças provocado tanto para uma como outra forma de relação desequilibrada.

Para que o professor possua um ponto de apoio da alavanca para mudar o mundo e assim reencontrar o seu próprio equilíbrio, como daqueles que o cercam, ele encontra esta competência no exercício da sua profissão.

4.C.2.3 – O professor expressa a sua profissão como forma de interação

Na competência no exercício da sua profissão o professor possui o ponto de apoio e o poder de ensinar e educar tanto o indivíduo condicionado do “*pobre coitado*”, do “*homem rebanho*”, como orientar o seu ensino e educação para o “*self-made-man*.”

O professor possui curso livre e respostas coerentes na educação institucional, por meio da competência no exercício da sua profissão. Nesta competência profissional enfrenta os modelos e as duas imagens sociais antagônicas. O professor é capaz de

promover este equilíbrio na medida em que ele seja capaz de representá-lo como necessário para potencializar a sociedade e viver um projeto civilizatório significativo.

Os extremos do “*pobre coitado*” e do “*self-made-man*” vegetam na mesma realidade social natural. Esta realidade natural torna viável o projeto da construção da criatura humana democrática. O professor, na medida em que se constitui como agente de maior grau de consciência, apresenta o projeto específico da educação escolar institucional. O professor torna-se histórico com este projeto, pois, com ele, transcende a simples natureza humana dada.

Antes de entrar na investigação da realidade, um ponto básico para o projeto de pesquisa é saber que imagem verbal, comportamental e existencial o professor expressa em relação ao projeto democrático. O professor pode expressar, entre as diversas opções que esta realidade lhe oferece, se reproduzir ou almejar ser:

- 1 – um dependente e condicionado ao OUTRO;
- 2 – impor-se, condicionando e enquadrando o OUTRO;
- 3 – assumir o seu papel interativo e apontar para o equilíbrio entre as pessoas, favorecendo os projetos democráticos das instituições e das pessoas apesar das diferenças entre elas.

Na época da Abertura Política estes extremos foram expressos pelo político sul-riograndese Chiarelli, que escreveu (in ZH 1985, fl.4): “*neste tempo de repensar chega-se logo à alvorada do agir ou ao crepúsculo de submeter-se*”. Estes extremos, do submeter-se e do agir, relacionam-se com o poder, ao qual o professor se submete, o representa ou sabe que ele ajudou a constituir em autoridade.

4.C.2.4 – O professor expressa a sua profissão diante da autoridade

O abismo entre o poder pessoal e a percepção do todo social no qual está inscrito este poder pessoal do professor, deverá levar em direção da consciência das formas que possibilitem transformar este poder pessoal em autoridade e fazê-lo circular nos canais institucionais adequados.

Podem ocorrer algumas falsificações desta interação.

a. O professor esponja totalitária. O professor domina intelectualmente o processo educativo. Conhecendo, por cima e por fora esta realidade, a racionaliza e agarra-se a alguma das suas percepção parciais, tomando-as como o todo e eternizando as suas percepções localizadas. Pior do que isto, passa a executar funções, que na realidade pertencem ao educando. Realiza esta tarefa para garantir o sucesso aparente da sua ação educativa planejada para o seu próprio EGO. Como “*professor esponja totalitária*” assume e usurpa do estudante qualquer possibilidade de participação educativa. Esta falsificação do projeto educativo, arrasa qualquer credibilidade moral no processo, no aluno e na escola institucional.

O professor, ao assumir esta responsabilidade total, falsifica também totalmente os objetivos educacionais. O estudante, diante desta figura onipotente, retorna até a anomia e sente-se inútil num panorama literalmente dominado pelo professor. Não existe nenhum espaço que legitime a ação do estudante diante de uma figura destas.

Se o estudante conseguir educar-se, num ambiente destes, ele se educa apesar do professor. O professor super-protetor, reproduz o papel da super-mãe ou super-pai, no lar ou do ditador, na política. Ao assumir este papel de super-professoro mestre está imbuído, logicamente, na maioria das vezes, das melhores intenções, pois conhece a sua ação, por cima e por fora, mas não as causas e as conseqüências desta ação.

É mais fácil agir, assumir intempestivamente papéis, mesmo o fracasso dos outros, do que se debruçar honestamente sobre a realidade. É mais fácil e rápido, assumir estes papéis ideais, do que estudar as aspirações, as potencialidades, as necessidades, a partir da realidade concreta e as prioridades do aluno real. A partir desta racionalização é mais fácil aplicar o “*leito de Procusto*” e talhar uma cultura igual para um tipo ideal do estudante que não existe na realidade. A dificuldade está em propiciar um crescimento educativo harmonioso, com as necessidades e as potencialidades concretas do seu estudante. O professor, o aluno, a comunidade, a economia necessitam ser afluentes neste ponto, estabelecendo o equilíbrio pelo diálogo democrático.

A maiêutica socrática constitui o caminho oposto da ação deste “*professor esponja*”.

b. O professor inseguro. A maior arte de governar é propiciar segurança. A segurança estabelece referentes ao crescimento do estudante que evolui da anomia para

a autonomia. O ponto intermediário da passagem da anomia para autonomia é a heteronomia. No caso do estudante o professor administra esta heteronomia fazendo-o evoluir da anomia para autonomia. Na concepção de Santos (1975, p.25) o professor só administra o seu repertório e ensina aquilo que ele é.

Nem o escravo e nem o proletário, podem ensinar para a responsabilidade, para o futuro, porque o seu futuro é hoje. Nem um nem outro podem transmitir valores. Sua situação é de inconsciência. São desvalores. Educar para o desvalor e para o hoje é uma contradição lógica, um absurdo sóciológico, um erro pedagógico.

A segurança do professor necessita ter a sua fonte no domínio completo do processo no qual está inscrito. Segurança que necessita ser psicológica, intelectual e econômica. Não se reivindica a antiga autonomia de cátedra, que era uma reificação das relações reais entre professor e aluno, mas a possibilidade da permanente negociação entre todos os componentes da unidade escolar. A negociação entre o professor e a instituição na qual ele trabalha, é uma necessidade absoluta. Numa concepção sintética, que se deve a Foucault, não há como negar, ou impedir, que “o poder circule também na escola”. O ensino desta habilidade de negociação e circulação do poder, entre o indivíduo e as instituições, é um papel do qual o professor não pode fugir.

O professor, exposto a uma sociedade que se deseja aberta, não pode manter constantemente a máscara profissional, que a instituição lhe impõe. Como, de outra parte, não pode dismantelar esta instituição em nome de uma sociedade que possui fortes aspirações. No entanto, muitas vezes, estas aspirações são passageiras e agredem a segurança e o continuum institucional.

As formas de pressão sobre o professor, procedentes da economia capitalista, da entropia da ordem absoluta e estática, ou o poder espiritual racionalista, rompem o equilíbrio que deveria existir entre este professor e a instituição. Face à insegurança proveniente deste confronto desigual, o professor pode cair na tentação de construir segurança, racionalizando a sua liberdade individual. Esta racionalização leva o professor a temer a instituição que o deveria ajudar a fazer circular o poder. Reproduzindo o relacionamento com a instituição, este medo é projetado sobre o relacionamento com o seu estudante. Este medo desaparece no momento em que o professor descobre a concepção de Foucault e se dá conta de que este poder circule na instituição escolar e

lhe abra a possibilidade de expressar a circulação, no âmbito da sua classe, do diferente em direção ao igual e deste igual para o diferente.

4.D. O PROFESSOR EXPRESSA a sua CLASSE

A classe do magistério nasce do trabalho e da produção em comum. Este trabalho e produção em comum é a educação institucionalizada formando um grupo mais ou menos homogêneo. Portanto classe não é apenas um sentimento em comum entre diversas pessoas.

A forma da classe depende da forma que o modo de produção tiver. Quanto mais coerente for a produção institucionalizada da educação, tanto maior será a coerência da classe dos professores. Esta coerência da classe dos professores, será bem mais significativa, por exemplo, se varia apenas o tempo que o professor passa junto aos demais no trabalho. Assim, poderíamos subdividir diversas subclasses de professores quanto ao tempo que permanecem dentro da escola. Professores do currículo – fundamental – permanecem mais tempo na escola e tem uma coerência maior de classe – origem do CPERS –. Esta coerência é bem mais significativa do que professores da Pós-Graduação, que esporadicamente se reúnem.

Saber prever, planejar e viver estes condicionamentos, gera formas diferentes de relação. O filósofo americano Skinner escreveu (1980, p.207) que o amadurecimento social, leva à *“Democracia onde o povo planeja as contingências nas quais irá viver.”* O professor revela a sua capacidade para se articular na classe na medida em que souber expressar os novos condicionamentos que surgem. Este novo condicionamentos significam mudanças, e revelam a capacidade que o professor possui para interferir neles e representar-se junto aos outros.

4.D.1 – O professor expressa a sua classe junto aos OUTROS

O problema da percepção dos seus condicionamentos é apenas o início de uma etapa na vida de uma classe. A percepção deste condicionamentos é uma visão para o interior desta classe. Mas existe a visão para fora desta classe, que estabelece uma

relação de poder que é também de equilíbrio ou desequilíbrio com as outras classes. Uma tendência natural de cada classe é identificar a si mesma com a sua auto-imagem e dominar as demais classes. No caso de desequilíbrio supremacia, arma-se a luta de classes. Não existe só um saber. Cada classe tem o seu saber próprio como ensina Santos (1982, p.43).de que “*as classes não lutam dentro de um sistema, mas por sistemas diferentes*” Se o modo de produção se dirige para a superestrutura, onde está situada a produção do saber, a classe dos professores tem um campo de luta para se apoderar desde poder do saber, que hoje é necessário em qualquer cultura adiantada. Este saber é usado especialmente na forma de conhecimento da informação (informática) com a qual é confundida.

Existe a necessidade de entender estas classes diferentes. As lutas tornam-se extremamente amplas. As contradições aqui são indispensáveis. O professor perde-se nos seus múltiplos papéis que a sua classe enfrenta, atomizada entre um sistema e uma realidade multifacetada. Para Santos (1982, p.36) “*por psicologia de classe se entende o modo de pensar e sentir de determinados agregados humanos em uma determinada situação ou momento dado*” A complexidade da produção do saber e do aumento da pressão para a sua reprodução exigem do professor que ele seja simultaneamente dominador, dominado, auxiliar de dominação e teórico-legitimador.

Neste ponto impõe-se a clássica análise dos papéis do professor e a violência simbólica dentro da ideologia, realizada por Althusser em 1970.

Para operar um projeto coletivo de classe em moldes democráticos exige-se uma educação bem superior da convencional. As ferramentas teórico-conceituais, que acompanham a relação e a vida democrática, são bem mais complexas e sensíveis do que os instrumentos de outros sistemas de organização social.

4.D.2 – O professor expressa a consciência de classe como AUTONOMIA

Ao tentar estabelecer um projeto coletivo o professor, ergue-se outra ameaça de contradição apontada por Karl Marx, na formação da classe. “*A classe em si ou a classe para si*”. Ao se decidir pela classe para si mesma, o magistério deve gerar uma alta consciência do seu projeto. Novamente Santos coloca o caminho para a compreensão ao

afirmar(1982, p.36). que “*consciência de classe é a expressão sistemática dos interesses das classes sociais*”

Uma vez desencadeada a luta pela “*classe para si mesma*” a sociedade reage, desejando uma classe do magistério “*em si mesma*”, capaz de ser usada pela sociedade. Esta “*classe em si mesma*” é perceptível na posição em que o professor é apenas um apêndice da classe burguesa. Neste caso o magistério é exercido por quem tem outras formas de rendimento. Mesmo o exercício do magistério público não deixa de ser um prolongamento deste modelo, pelo fato de o professor ter o rendimento de um cargo público financiado pela sociedade burguesa.

O saber bizantino era repetido mecanicamente sem gerar um novo saber, ao modelo dos atuais gravadores eletrônicos. A linguagem do saber bizantino era a linguagem da classe dominante.

Na medida que avança a divisão do trabalho, a complexidade dos papéis, encaminham cada vez mais o trabalho do professor para formar “*uma classe para si mesma*”.

Contra esta tendência, investe o sistema, permitindo aparentemente “*uma classe para si mesma*” apoiar-se na sua classe social partícula e profissional. Contudo, aliado ao seu poder, transforma a escola em prolongamento dos seus interesses. Para estes interesses cria a escola auto-reprodutora da dominação existente na sociedade. Para este objetivo basta reforçar por meio de tratados escolares, o poder puro da dominação do professor na escola. Estes tratados escolares divergem completamente de uma autêntica reforma educacional na qual interagem todos os agentes ativos na escola

4.D.3 – O professor expressa a sua classe como INTERAÇÃO

O projeto da classe para si mesma não é um projeto vazio e finalista em si mesmo. A consciência gerada, na luta da classe para si, não se faz no vazio. O conflito e ascensão da classe, põem em evidência as outras classes, que buscam a sua afirmação para si mesmas também.

A capacidade de o professor veicular as informações necessárias ao saber, fazem com que a classe do magistério assuma exemplarmente o seu papel face às outras classes. Na greve e na paralisação os professores são também educadores como é visível em Santos (1982, p.36). para quem a *“ideologia da classe é a operacionalização dos interesses em metas e meios definidos para alcançá-los”* O privilégio da percepção clara das desgraças das outras classes faz com que a classe dos professores se ofereça tantas vezes com alvo de atenção no lugar de outras classes menos conscientes.

Também é verdade, que se impõe agir interativamente como base de sua sustentação social. O projeto da classe em si, impõe necessariamente a ajuda à instituição, ao estudante e ao meio que o sustenta. Começa a esboçar-se a lei da democracia, que é relação e a negociação verbal por meio de uma linguagem coerente com o projeto da classe para si mesma.

4.D.4 – O professor expressa a sua classe frente a AUTORIDADE

A classe do magistério sustenta-se pela divisão dos papéis sociais realizada a partir de uma ideologia própria *“da classe para si”*.

A especialização na liderança deste processo está presente em todas estas operações. Esta liderança pode ocorrer em termos de professores como *“intelectuais orgânicos”* de Gramsci, ou então, na veiculação de movimentos capazes de sustentar a ideologia da classe. A delegação do poder, para estas lideranças, impõe novamente o princípio da autoridade. O princípio da autoridade da educação para a prática democrática é o exercício indispensável imposto pela consciência e a prática de delegar, de receber e de exercer o poder, autorizado ou transformado em autoridade. Neste momento não basta a mera definição dos papéis burocráticos ou a descrição legal das atribuições e competências. Estes papéis burocráticos e competências possuem uma larga tradição de elasticidade e de deformação em nosso meio cultural brasileiro.

Somente a educação democrática tem condições de internalizar o sadio princípio de se fazer autorizar o poder, toda a vez em que mudam as circunstâncias.

**QUATRO INSTRUMENTOS
DE PESQUISA, NATUREZA, APLICAÇÃO E RESULTADOS**

Depois de estabelecer o quadro teórico, procura-se evidências no mundo real destas concepções.

Para captar estas evidências criou-se um questionário com quarenta e oito perguntas sobre vinte e quatro questões surgidas como relevantes a partir da teoria. Cada questão tinha uma pergunta positiva e outra negativa para ser analisada na escala Likert.

Aplicou-se um questionário ao universo dos professores do Colégio Godói, dos quais cinquenta questionários foram preenchidos e devolvidos ao pesquisador. A partir desta amostra, o pesquisador passou a análise destas questões. Ele evidenciou que cada questão era independente de um todo. O pesquisador deu-se conta de que o instrumento, aplicado no final de 1983, era expressão de apenas um momento da evolução do grupo e de amadurecimentos localizados no grupo rumo a democracia.

Na análise individual de cada questão escolheu-se as questões negativas. Combinado com os dados pessoais dos professores, ofereceu um vasto e infinito painel da capacidade do professor se posicionar diante da Abertura Política em andamento neste momento.

Junto com este instrumento foram encaminhadas duas perguntas abertas em relação às condições da democracia na escola. As respostas foram estruturadas no quadro teórico, cujo conjunto nos dá evidência da capacidade de expressar pontos essenciais para as condições da prática da democracia na escola.

Logo após o evento da deposição do professor Sílvio Dani da direção da escola, em 1984, e o conseqüente movimento da comunidade, foi aplicado outro instrumento circunstancial. Este tentava medir a capacidade de o professor perceber os processos de expressão das diferenças diante dos fatos acontecidos na escola. Na pequena amostra, 20% do universo, escolhido, evidenciou-se também esta capacidade.

O quarto instrumento foi uma descoberta acidental durante esta pesquisa. O pesquisado ao falar com uma ex-presidenta do Grêmio dos Professores, soube da

existência de dois livros de atas do Grêmio. O primeiro livro registrava as atas de 1957, data da fundação da escola, até 1970. Eram atas sem grande continuidade e regularidade. O segundo livro registrava as atas do Grêmio de 1970 até a época da presente consulta. Apresenta uma evolução notável. Estes livros de atas constituem um documento verdadeiro e contínuo que cobre todo o período da Abertura Política Brasileira. As trezentas páginas foram copiadas e lidas com a “régua” do quadro teórico desta pesquisa. Eles tornaram flagrantes e cobrindo **todo** o período analisado e evidenciando a evolução da capacidade de expressão das diferenças dos seus professores.

Numa análise retrospectiva, o pesquisador pode afirmar que todos estes instrumentos o ajudaram a ler e a descobrir a realidade. Alguns indicam apenas um ponto no tempo, outros demonstraram o continuum de uma evolução lenta da comunidade que procura expressar para si mesma e assim amadurecer.

A democracia sendo um processo contínuo precisa de um instrumento institucional contínuo, como um livro de atas, para avaliar este amadurecimento contínuo, ou não. É possível afirmar que a democracia é um fenômeno cultural e deve ser construído dentro de instituições democráticas culturalmente capazes de se expressar para si mesma e assim amadurecer. A democracia sendo um processo contínuo, necessita de um instrumento institucional contínuo, para ser percebida como tal, como o livro de atas destacada na presente pesquisa, para avaliar este amadurecimento contínuo ou não.

Em última análise o pesquisador pode afirmar que a democracia é um fenômeno cultural que aparece em sociedades complexas e adiantadas e deve ser construído dentro de instituições democráticas culturalmente capazes de se expressar através de instrumentos públicos e contínuos.

5 - A INVESTIGAÇÃO DA REALIDADE

Signos da recriação permanente do caminho como passagem entre o diferente em direção ao igual e do igual para o diferente expressos pelo professor numa unidade escolar durante a Abertura Política Brasileira (1979-1985).

5.A – A HISTÓRIA da PRÁTICA DEMOCRÁTICA.

5.A.1 – Amplo histórico universal da prática da Democracia.

O governo do povo e pelo povo, encontrou a sua primeira vertente na Grécia. Deve-se aos gregos a definição e aceitação prática da democracia como uma das formas possíveis de governo. Eles anteviram a democracia como um ideal. Este ideal grego foi uma das bases de sua historicidade, pois todos os povos, que adotaram alguma forma de regime democrático, se reportam a este ideal grego, que na própria Grécia Clássica foi extremamente limitado na sua aplicação cultural. As causas desta limitação foi descrita por Marilena Chaui e que mostra (1981, p. 103) a grande massa crítica necessária para implantar e manter o ideal democrático em funcionamento no mundo empírico.

“no sentido forte do tema, somente uma sociedade democrática é histórica. Vive o conflito e acolhe a produção interna de suas diferenças. Uma sociedade para a qual o poder está sempre na ordem do dia, porque as suas contradições impedem de fixar-se numa imagem idêntica”.

A sociedade grega não possuía a infra-estrutura favorável e suficiente maturidade para uma cultura democrática mínima, e, por isto, as suas práticas institucionais e empíricas, foram cobertas de ridículo por Platão.

Os rudimentos da prática democrática presentes em sociedades primárias nas quais todos os indivíduos se conhecem, como na tribo e no clã, formam inúmeros modelos. Estes rudimentos são periodicamente inspiração para constituir paradigmas em sociedades mais complexas. Estas sociedades e corporações tinham o seu sustento no artesanato pré-industrial, como as geradas pelo comércio medieval europeu da primeira.

No Brasil, o modelo da tribo, do clã do nosso índio “*bom e puro*” no seu conselho ao redor do fogo, o “*sábio*” caboclo das pequenas aldeias de agricultores ou do “*indômito*” gaúcho sentado no círculo democrático do chimarrão ao redor do fogo do galpão no qual todos são iguais, são índices estas sociedades primárias se conhecem e reconhecem.

As organizações das sociedades, cujos membros se conheciam pessoalmente e falavam a mesma língua, foram passadas para segundo plano diante das formas das sociedades que se estruturavam sob a lógica e necessidades de matérias primas das máquinas e a colocação dos seus produtos. A Inglaterra criou condições para o pacto social estruturado sob a infra-estrutura industrial. Este novo pacto amparou-se na Reforma Anglicana, associou-se e sustentou-se no Iluminismo, mantendo as raízes no seu xamanismo tribal e trocas simbólicas dos judeus e islâmicos. O pacto social inglês foi o primeiro a valer-se do jornal como um tambor da comunicação-industrial. Os Estados contemporâneos nasceram destes limites impostos pelo controle das matérias primas e dos mercados cativos dos produtos da máquinas.

A Revolução Francesa foi outro pacto, rumo a outro tipo de democracia. Ela constitui-se na semente de uma organização social no qual era muito forte o componente democrático. A Revolução Francesa também manteve o ideal do homem primitivo, inclusive do “*bom e puro*” do indígena brasileiro, inspiração de vários iluministas.

A burguesia definiu o seu referencial sobre o Capital acumulado necessária aos primórdios da era indústrial. Quem não tinha Capital, não era igual ao EU, e, portanto, não pertencia à democracia e era o OUTRO. O marxismo denunciou, na sua origem, as discriminações provenientes do ter, e não do ser, presente na sociedade de classes. O totalitarismo conseguiu valer-se destas denúncias primárias e primordiais. Os denunciantes abriram caminho na direção ao poder do Estado por meio do princípio que nos primórdios todos são iguais. Quando conquistado este poder do Estado, todos são diferentes. Diferente do EU do conquistador do poder e que assim está autorizado a subjugar o OUTRO, tanto na burguesia, com os seus ditadores nazistas e fascistas, como no comunismo com a sua “nomeclatura”.

O caminho de retorno ao clã e à tribo universal, na qual todos se conhecem, encontrou nova forma na rede mundial de comunicações. As redes eletrônicas de

informática constituíram a nova infra-estrutura desta *'aldeia global'* de Mc Luhan. Contudo o Capital continuou acumulado e estas redes conhecem e reconhecem só o caminho de cima para baixo, do Capital acumulado. As redes servem para fabricar ídolos para os OUTROS, redes que são desmontados, depois, diante dos olhares dos espectadores.

O sistema de representatividade, sobre a qual foi construída a nação americana, encontra sérias dificuldades em sustentar que o EU do cidadão comum é representado efetivamente pelo OUTRO. Esta grave dúvida é sustentada pelo argumento de corporações de pressão econômicas possuem em suas mãos o poder e a representação do cidadão hipotético. Se quisermos acreditar em Alvin Toffler (1980), a nação americana está num impasse diante da democracia, devido ao desequilíbrio entre o EU americano e do OUTRO não americano. A informática pode ser a resposta à representatividade, segundo o autor da Terceira Onda, e à solução do equilíbrio entre o EU e o OUTRO.

Mas são estas dúvidas, estes riscos calculados e conscientes que levam uma sociedade ao amadurecimento para escolher um regime democrático como a sua forma de autodeterminar o seu futuro. Estas escolhas continuadas produzem grandes perdas. Perdas que podem comparar-se ao combustível queimado para manter acesa uma fogueira na noite de tempestade, aqui comparável à luz e ao ideal da democracia.

5.A.2 – A prática democrática na cultura brasileira

A sociedade primitiva e primária do índio brasileiro está estruturada sobre o clã. A democracia nestas sociedades primitivas é natural e na qual todos se conhecem. O círculo, que formavam nas assembléias, é a origem da nossa roda de chimarrão ou das cirandas do nordeste. Ninguém tem maior importância numa roda. Apesar de não usarem a roda para o transporte, o seu símbolo de conagração, é onipresente. A mandala da roda é expressa na forma da caçara e da oca. Este ideal primitivo encontrou eco em Oswald de Andrade ao elogiar esta sociedade quando a exaltou, ainda em 1928, no Manifesto Pau Brasil : “*o Brasil tinha descoberto a felicidade antes de ser descoberto*” .

A pouca consciência destes valores culturais, acumulados naturalmente, não permitiu oferecer uma resistência institucional ao europeu mas mais consciente dos seus valores institucionalizados durante séculos e menos democráticos.

O português, impunha nas suas “plantações” ou lavras, uma rede de dominação, sustentada pelo direito romano, estudado em Coimbra. O índio era julgado em latim, enquanto era proibido a fala do *avanhenga*. O holandês não procurava a sua legitimação legal e, sim, o lucro e a acumulação do Capital.

O sul-rio-grandense Hipólito José da Costa (1774-1823), dirigiu-se à Inglaterra para ali copiar e difundir, como jornalista, o modelo capitalista por meio do ‘*Correio Brasiliense*’. Ele necessitava da livre iniciativa: bebeu, na fonte, o modelo capitalista industrial inglês. Seu instrumento de conquista é a imprensa (quarto poder). A verdade agora está com quem tem a imprensa!. A sua lei é industrialmente produzida e distribuída pelo jornal.

O período imperial brasileiro foi ‘*o Império das Letras*’ impressas mecanicamente. O Império Brasileiro manteve a sociedade liberal na fachada, ostentando o discurso oficial da democracia burguesa. O discurso da opressão mais selvagem contra o escravo era produzido na senzala e no porão da casa grande. A tradição oral das tribos africanas é desfeita de propósito pela distribuição geográfica das tribos para não permitir a sua comunicação e articulação social. Para apagar em nossa História, a mancha negra da escravidão, a documentação relativa ao período foi escrupulosamente queimada por Rui Barbosa. Até que ponto resiste a nossa democracia racial diante dessa avalanche de contradições? Não seria a acomodação de marginais, vencidos em outras terras?

A burguesia brasileira proclamou a República diante da economia industrial inglesa e da cultura intelectual francesa produzida e distribuída pelas máquinas inglesas e alemãs. Os senhores são os mesmos que se nutriram da escravidão. O Barão do Rio Branco e Rui Barbosa não sofrem nenhum arranhão pelo seu passado escravagista. O exército e o povo são usados como instrumentos para garantir a ‘*república da sobremesa do café, da banana, do cacau e do fumo*’ dos banquetes das culturas capitalistas.

A industrialização tardia foi uma urbanização de remendos, que trouxeram as seqüelas do BNH, a poluição do trânsito urbano inchado. A Natureza foi intoxicada, com produtos agrícolas agressivos, com hordas de “*sem terra*” e de “*bóias frias*”. Para o “circo” das massas afluentes urbanas, construíram-se estádios de futebol, sambódromos e a rede eletrônica programada com informações vindas de cima para baixo.

A industrialização abriu o caminho para o *'taik-off'* da informática com toda a sua estrutura bancária baseada nas fichas cadastrais.

A presença simultânea, no Brasil, de todos os estágios culturais possíveis na evolução cultural e tecnológica da humanidade no planeta é espantosa. É possível recapitular toda a história da humanidade para um observador consciente, colocado, num dia normal, no Viaduto do Chá ou da Rua da Praia. Seria necessária outra forma de democracia em cada recanto e capítulo da história brasileira. Diante desta realidade multifacetada de todos os estágios culturais possíveis, na evolução cultural e tecnológica da humanidade no planeta, a nossa escola possui um discurso pronto *'por cima e por fora'*. Este discurso serve para todos e para ninguém. Ele é enganoso, pois não permite a negociação do diferente, entre o EU e o OUTRO, devido as diferenças culturais abismais. O erro fundamental dos governos populistas, como aquele de Getúlio Vargas, é o de forçar a unificação artificial da cultura deste povo mosaico e dividido.

O problema dos governos tecnocratas, é o de não permitirem ao povo deliberar e decidir sobre o poder econômico. A pergunta: *'até onde o cidadão soviético podia votar e escolher seus governantes?'*, corresponde no meio capitalista *'até onde o cidadão capitalista pode escolher os seus banqueiros?'* ou então: *'até onde o banqueiro depende dos votos ou de eleição?'*. O povo brasileiro, pertence a uma sociedade periférica do mundo capitalista, e que, segundo Stiles (1959, p.37), não possui como deliberar, decidir, votar, influir no poder econômico mundial. Toda a economia do Ocidente é deliberada e decidida por alguns indivíduos, ignorados do público, que deve executar a sua política.

O poder jurídico e soberania nacional, segunda a revista *Retrato do Brasil*, (1984, p.107). foram transferidos, no dia 09 de agosto de 1983, ao estrangeiro via poder econômico, para o Fórum de Nova York, como parte do acordo do FMI. O poder político, juridicamente alienado, enxugado, despido do poder econômico e da soberania nacional, só pode ser, a partir desta data e deste fato, figura decorativa de fachada e capa de periódico. O poder ideológico está nas mãos dos bancos que usam as agências de propaganda para construir a imagem necessária ao momento. A consciência nacional passou a ser um artefato construído, pela ideologia. Para um povo nestas condições, qualquer projeto de autonomia é frustrado pela falta de uma sustentação e de uma coordenação de um pacto social-econômico-ideológico cimentado num modelo jurídico-

cultural autônomo e autêntico brasileiro. Neste ponto se perde qualquer esforço no sentido de um governo do povo e para o povo.

Atomisa-se e se inviabiliza um povo, uma sociedade, uma comunidade escolar sem um projeto em comum e autônomo,.

Na contramão de toda esta perspectiva desfavorável, sustenta-se aqui, a hipótese de que a construção consciente, lenta e sem rupturas, deste projeto em comum, compete ao recôndito da educação institucional que não se rendeu ao “*canto das sereias*”.

5.A.3 - A prática da democracia na escola formal brasileira ilustrada com alguns fatos ocorridos no Colégio Estadual Cândido José de Godói

O período de 1971-1979 correspondeu à implantação da Lei nº 5.692/71. Uma lei única e singular, redigida e aprovada pelo Legislativo Brasileiro na época em que as principais figuras políticas haviam sido cassadas ou estavam exiladas do país. Esta lei prevista e calculada para funcionar, mais a nível administrativo de todo o Estado, e não para todas as classes sociais e culturais. Em Porto Alegre, por força desta lei, desapareceram a *Escola Técnica Parobé* e os cursos clássicos do colégio-modelo *Júlio de Castilhos* que haviam sido escolas modelares e características para a elevação cultural, técnico e profissional de classes sociais desprivilegiadas. A própria “*Escola Normal*” perdeu a força profissionalizante para o magistério. A “*Escola Comercial*” foi convidada a desmontar o seu “*escritório modelo*” em nome de um ensino profissionalizante, igualitário e sem bases materiais, técnicas, sociais ou econômicas.

Nesta lei e época, a aplastrante força burocrática unificadora de Brasília, só conseguiu enxergar massas de OUTROS para administrar e unificar. A educação administrada e unificada, sob forma de ensino e do treinamento, só poderá ser ministrada depois que se formou o rebanho. O igual, o unitário, eram metas a perseguir, sem abrir espaço para o diferente. A adaptação ao rebanho, na escola formal, desta época, recebeu o nome de ‘*reciclagem*’. Esta era realizada por meio de professores-monitores. Estes recebiam, meia hora antes de se reunir com o demais, as ordens do poder central, na forma de um plano de aula acabado, para repassar o saber do ESTADO CENTRAL aos OUTROS, sem possibilidades de ruídos, de interpretações ou do contraditório.

Um coronel dirigia a Secretaria da Educação do Estado. O próprio Coronel-Secretário de Estado realizava, às 7h30min da manhã, as inspeções pessoais na escola.

As disciplinas obrigatórias de Moral e Cívica e de Organização Social e Política Brasileira (OSPB), eram ministradas por agentes do Serviço Nacional de Informações (SNI) ou de sua confiança absoluta. Uma geração de estudantes brasileiros de todos os níveis formou-se ouvindo que a Segurança é o maior valor do Estado e que sua meta era o Desenvolvimento. A escola era uma ferramenta de profissionalização do indivíduo linearizado para agir dentro e na direção deste desenvolvimento sem limites. Todo este discurso recebia o reforço da orquestra do *'país do milagre brasileiro'*. Segundo Stilles (1959, p.38). Não havia como resistir aos meios ideológicos da propaganda. O brasileiro só possuía duas opções: *'Amá-lo - ou - Deixá-lo'*.

De repente, *'as profissionalizantes'* levaram ao nada ! A culpa era dos professores, da escola e do aluno. Não souberam aproveitar a oportunidade!

A partir de 1979 o discurso girava ao redor da *'Abertura Política'*. A imensa pressão gerada pelo constrangimento da sociedade, jogada em grande velocidade rumo *"ao desenvolvimento"*, ao *'grande bolo nacional'*, teve de ser canalizada para a dissipação, pois o desenvolvimento foi pífio e o grande bolo desapareceu nas mãos dos seus donos de sempre. Os perseguidos e os perseguidores são agora anistiados para que a sociedade esqueça o fracasso econômico.

A emergência destas pressões se fez nítida na escola. As expressões desta pressão natural sob a forma de divergência, de diferenças com o sistema vigente, formas percebidas pela administração da escola como desafios e ruptura administrativa. Esta administração, identificada com o poder do Estado, percebia os desafios como pessoais. Afinal, era ela a continuidade do sistema. A inércia fez com que o choque fosse inevitável.

Um fato ocorrido no Colégio Estadual Cândido José de Gódoi ilustra o poder de controle do sistema. Denomina-se *'eleições para Diretor'*. Logo após a paralisação da escola, motivada pela deposição do Diretor eleito da escola pelos professores em 1983, foi garantida, como negociação, a eleição do novo Diretor pelos professores da escola. Isto foi garantido no dia 17 de outubro de 1984. A Secretaria de Educação e Cultura

(SEC), na pessoa do Secretário, enfatizou que a lista poderia ser de qualquer número, contanto que não fosse chamada de '*lista tríplice*' conforme acordo firmado, o final da paralisação do magistério em 1982, com o Centro dos Professores do Estado do Rio Grande do Sul (CPERS). Conforme a SEC sugeria, a forma ideal da lista, seria a de todos os professores da escola, riscando-se aqueles que não quisessem ser o seu diretor. Instalou-se a comissão para a eleição da nova direção no dia 24 de outubro de 1984. Para a presidência da comissão foi indicado o presidente da Assembléia dos Professores. Constituíram-se três grupos de ativação que correspondiam aos três turnos da escola. Conforme as normas e procedimentos da eleição secreta, o professor com maior número de votos seria aceito como professor-diretor. Foi feita a lista de inscrição de candidatos. Apresentaram-se seis candidatos. Um se retirou no dia em que fez o registro de sua chapa. Cada candidato estabeleceu a sua plataforma. Esta plataforma seria de base para a propaganda e que trasncorreram intensas e honestas. No dia 31 de outubro de 1984, às 17h30min, foi convocada uma assembléia geral da escola para um amplo debate com a comunidade sobre os encaminhamentos da eleição. A esta reunião compareceram os alunos por terem sido convidados por membros das comissões de eleição. A Presidência do Grêmio dos Professores considerou os alunos intrusos por que afixaram um cartaz de convocação ao lado do cartaz da comissão de eleição. Os votos seriam dados por todos os professores, um representante de cada turma de alunos, todos os funcionários da escola e da Diretoria da Associação de Pais e Mestres (APM) do Colégio. No dia da eleição a mesa da presidência foi ocupada por um professor que não era da comissão eleitoral, mas fiscal da chapa eleitoral do candidato oficial da escola. Assim ficou sentado na presidência da mesa das 8 horas até às 22 horas sem se retirar da sala, nem mesmo, para almoçar. A lista dos três mais votados foi entregue ao Secretário de Educação no dia 07 de novembro de 1984 pela Diretora provisória. No dia 06 de dezembro de 1984 a escola foi notificada da recusa e foi devolvida a lista pela SEC através da primeira Delegacia de Educação com sede em Porto Alegre. No dia 19 de dezembro de 1984, houve uma comunicação verbal de que a partir daquela data havia uma Diretora efetiva e definitiva. A sua primeira providência foi proibiu qualquer política partidária. Este ato era desnecessário por existirem outros instrumentos jurídicos que o proibiam com mais eficácia. Mas, esta seqüência de fatos, evidenciou para o professor do Colégio, que o futuro da prática democrática na escola estava inteiramente determinado pelo micro-

poder instalado na escola. Este micro-poder repetia e repercutia o macro-poder nacional intervencionista. O poder todo estava concentrado nas mãos da administração acoplada ao sistema central dominado, com todas as suas conseqüências absurdas.

Diante deste quando é possível perguntar:

- A quem interessa um poder que possui um dono absoluto?

Os diversos grupos da escola não possuíam mais alternativa de poder. Os pais se retiraram da escola, aniquilados. Para o sistema só interessavam na medida em eles pagassem os carnês numa escola gratuita !. Aos alunos foi dito que a sua competência única era estudar. Permitia-se a prática de alguma cultura que não questionasse, como um rock em inglês, que poucos entendiam. O poder real não foi colocado em jogo. Mas inesperadamente alguém se lembra de cobrar toda a responsabilidade política dos professores, dos pais e dos estudantes, sem que nunca alguém lhes ter conferido o mínimo desta responsabilidade. Como este poder nunca esteve em jogo, pois eles não o receberam e nem o conquistaram, estes jovens são tachados de “irresponsáveis” !

Os professores receberam os cargos e constituem o poder cultural, sem acesso ao poder político e muito menos ao poder econômico. As funções, que o cargo lhes impunha, era reproduzir a cultura burguesa que aprenderam nas faculdades e conquistando, assim, a sua legitimação acadêmica: são os “diplomados” ! Os problemas reais não interessam. São desconhecidas as necessidades reais da comunidade e da presença da cultura popular autêntica. A administração parece que está correndo para o que a filósofa Marilena Chauí definiu (1981, p.107). como meta de qualquer revolução, onde

“a imagem da revolução deve tornar-se transparente como no instante em que os homens dominam inteiramente as instituições, concordam quanto aos meios e os fins, dissolvem o poder no fluxo de decisões coletivas, os conflitos desaparecem ou são esmagados, permitindo que a sociedade se ordene internamente como um organismo em plena saúde dos órgãos e relegando toda a diferença e oposição para os que permanecem ‘fora’ da revolução, isto é, os contra-revolucionários internos e os inimigos externos”

Contudo ao longo dos `anos de chumbo´ que se seguiram ao Golpe de 1964 os professores eram considerados contra-revolucionários. Assim todo o poder na unidade escola na Educação, estavam dominados inteiramente. Qualquer tentativa de chegar ao

micro-poder da unidade escolar, era considerada coisa de *'inimigo da educação'*. Contrapondo-se a esta aniquilação e inércia institucional Herbert Read escreveu(1966) que *"todo educador sabe que a educação é tanto mais significativa quanto mais escolhas houver para exercitar"*. Numa cultura inteiramente unificada não existem mais escolhas.

5.B - ABERTURA POLÍTICA BRASILEIRA (1979-1985)

5.B.1 – Abertura Política no País

5.B.1.1 – Alguns fatos que precederam, acompanharam e continuaram a Abertura Política Brasileira.

O movimento da Abertura Política Brasileira, entre diversas leituras a que se presta, podemos considerá-lo como uma tentativa da sociedade brasileira para se reencontrar consigo mesmo no meio de dificuldades econômicas, culturais, políticas. No Brasil ainda não foi celebrado pacto social, que identifique o brasileiro consigo mesmo. Como adolescente ele sabe que possui todas as forças ou encantos. Mas para que? Ele pode ser vítima da primeira aventura ou apelo!

No momento este brasileiro se parecem com um confuso antropófago que devora todas as raças do mundo que vem dar à sua praia. Ele engole todas as qualidades e defeitos de todos os povos. Pode render-lhe uma tremenda congestão! Mas, pelos mitos dos seus antepassados, ele pode-se imaginar escolhendo qualidades que lhe servem melhor para uma ocasião muito confusa e remota. Esta ocasião remota e confusa, que ele adivinha ou acha muito importante. Mas também ele pode ser a vítima, gorda e vistosamente vestida²² com os atavios dos seus inimigos, do ritual da antropofagia,.

O projeto da pesquisa da Prática Democrática foi em parte escolhido pelo autor (*processo de legitimação autônoma*). Mas foi lhe imposto, em parte, como regra de jogo dos seus companheiros para que ele pudesse continuar a interagir no repertório institucional dos colegas! (*processo de legitimação às avessas!*). O tipo de educação que *'escolhida'* pelo autor padece da mesma incerteza.

²² - Aristóteles descreve este ritual antropofágico, nos seus *"Tópicos"*, quatro séculos antes de Cristo, nas quais as vítimas gordas e ataviadas caminhavam entre aqueles que os iriam devorar.

5.B.1.2 – A educação democrática que foi ‘escolhida’.

Na política da Educação no Brasil, as experiências mais inovadoras em direção a uma democratização, conforme Saviani (1983). foram usadas para o seu benefício pelas classes dirigentes. O *‘Manifesto dos Pioneiros (1932)* e a fundação da USP (1934), conduziram lentamente a um sentimento de contradição e que tinha ficado evidente com a centralização educativa na criação do Ministério de Educação, Saúde e Trabalho (1930). O Estado brasileiro dividiu, depois, a Educação e o Trabalho, em dois ministérios independentes, segundo Cardoso (Revista Senhor, n° 151, 08/02/1984), cada um com programa educativo próprio e independente um do outro

A estrutura sindical, inspirado nos postulados de Mussolini, imposta pelo Estado Novo (1937), não concedia muitas oportunidades para a *‘educação permanente’* na passagem da escola institucional para o trabalho formal²³.

5.B.1.3 – Uma escolha técnica tupiniquim e que traz conseqüências imprevistas e funestas em todas as áreas

O Brasil jogou-se, a partir de 1950, na industrialização, saindo de um modelo agropastoril. Esta industrialização concentrou na cidade 60% da população. Em 1985 este número se aproxima dos 70%. Nove capitais brasileiras concentram 26% da população. Constitui o movimento bandeirante às avessas. Os caranguejos retornam ao litoral.

A indústria era movida pelo petróleo, que era mais barato do que água mineral (vendiam-se 150 litros por US\$ 1. 80).

5.B.1.4 – A busca de algumas formas para vetorizar as vontades dentro de um projeto coletivo

Os países mais atingidos, pela elevação brutal do preço do petróleo, a partir de 1973, foram os do capitalismo periférico. O Brasil foi violentamente sacudido por este terremoto financeiro. Os diversos países submetidos a esta crise experimentaram soluções semelhantes.

²³ - Seria interessante fazer um estudo comparativo entre os horizontes brasileiros e italianos da *‘educação permanente’* através da passagem escola-trabalho.

5.B.1.4.1 – Nacionalismo Militar

A tentativa para definir os objetivos pátrios, via nacionalismo militar, foi tentado em praticamente toda a América Latina. Há golpes militares em Salvador (1961), Argentina e Peru (1962). No ano de 1963 o Equador, Guatemala, República Dominicana e Honduras experimentam golpes militares. No Brasil os militares tomaram o poder em 1964.

Os militares participaram historicamente em diversos eventos políticos no Brasil. Em 1964 estão divididos em diversas correntes que nunca conseguiram unificar. Hélio Silva declarou (jornal ZH, Porto Alegre, 20/10/1985, fl.12).que “*realmente os militares nunca tiveram a iniciativa de tomar o poder. Eles ocuparam o vazio*”.

5.B.1.4.2 – A Teologia da Libertação

A Igreja Católica sempre foi uma força mundial respeitável. Ela ajudou a libertar a África do Colonialismo, o que levou o Concílio Vaticano II a proclamar a ‘*Igreja da Libertação*’. A América Latina adotou, em Medelin (1968), a ‘*Igreja da Libertação*’ e as suas teses. No Brasil são estimuladas, a partir de 1960, as ‘*Comunidades Eclesiais de Base*’. Em 1980 o Papa João Paulo II estava em Porto Alegre onde ele lançou a enigmática pergunta se a ‘*população está preparada para as mudanças?*’

A ‘*Teologia da Libertação*’ de Leonardo Boff, tentou levar adiante esta busca por mudanças.

5.B.1.4.3 – Estudantes e Hippies

Os estudantes tentaram expressar, de diversas formas e em movimentos consecutivos, a busca de um mundo melhor. Em 1960, em Tóquio, 200 mil se manifestaram contra a visita do General Eisenhower.

As drogas são experimentadas e aconselhadas publicamente na Universidade de Harvard. Em Berkeley os estudantes estão nas ruas nos anos consecutivos de 1962, 64, 65 e 66, como repúdio à Guerra do Vietnã e pela liberalização dos costumes dentro de novas formas de viver.

Os Híppies saem desta tentativa para estabelecer uma nova ordem. São 350 mil Híppies, em 1967, nos Estados Unidos. Entre estes jovens Híppies nasceu o uso, em 1975, e se desenvolveu o Personal Computer (PC).

5.B.1.4.4 – Os operários e as formas de organização

Na concepção marxista os operários constituem a base do proletariado. Os operários brasileiros foram manipulados por anarquistas europeus (1919). Com a fundação do Partido Comunista (março de 1922) este tentou estabelecer as suas bases com os operários (proletários).

Mas se prolongar o Golpe Militar de 64^o, os trabalhadores passaram a gerenciar a sua própria política, comandando greves operárias, como a de 1978, a revelia da cúpula do Partido Comunista Brasileiro. Liderados por Luis Inácio da Silva (Lula), fundaram em São Paulo, no dia 10 de janeiro de 1980, o seu próprio partido, o “Partido dos Trabalhadores (PT)

Em agosto de 1981 foi realizado o I CONCLAT e a PRO-CUT. Um ano após, 08/1982, era fundada a Central Única dos Trabalhadores (CUT).

5.B.1.4.5 – A mística da tecnologia questionada

O sistema capitalista absorveu as crises e conta hoje com um aliado forte, que é a informática. A racionalidade econômica monetarista encontro no Brasil mão-de-obra barata e matéria prima abundante para investir os capitais árabes acumulados pela crise do petróleo. A racionalidade administrativa induzida, levou um enorme susto, a partir da percepção da impossibilidade imediata e fácil de equilíbrio desta base monetarista. A mística da tecnologia é questionada diante da renovação de cada catástrofe natural.

As ameaças incompreensíveis para esta lógica, da superpopulação, super armamento, da poluição,... não são mais ameaças regionais, mas constituem ameaças para toda a população do planeta.

Países, como da África e Oriente Médio, voltaram para sistemas medievais absurdos, vistos pela ótica racionalista administrativa. Guerras regionais, com raízes na

irracionalidade, continuam gerar crises permanentes e ataques suicidas em todo o planeta.

5.B.1.5 – O Brasil tenta a racionalizar o fechamento de todas as variáveis.

Em 1946 o Brasil fez a sua experiência democrática por meio da Constituinte pós Estado Novo. Na observação, de 1985, de Hélio Silva, testemunha próxima desta cena política “*podemos ver toda a indefinição do nosso projeto nacional próprio*” na série de presidentes que se elegeram entre 1946 até 1964. A partir de 1964, a racionalidade militar da caserna, imposta ao país, encontrou uma geração inteiramente despreparada para este tratamento de um projeto nacional próprio.

O Brasil saiu do meio do caos e aparente desagregação social anterior a 1964, para o imobilismo social completo dentro da caserna. O governo Castelo Branco, que durou 1065 dias, usou 3.747 atos punitivos, numa média de 3 atos por dia !. O Ato Institucional nº 1 (AI-1), editado em 10 de abril de 1964, puniu 100 brasileiros, entre os quais três ex-presidentes.

Liderando outros intelectuais Alceu Amoroso Lima, Anísio Teixeira, Oscar Niemeyer, Barbosa Lima e Silva, lançaram em 1965 o ‘*Manifesto a Nação*’: Conclamavam “*enquanto não se restabelecer a legalidade democrática dentro do princípio de independência e harmonia dos poderes... o Brasil não conseguirá fixar os seus objetivos e lançar-se a sua conquista*” (in *Nosso Século*, v.5, p.92). Mas não foram ouvidos, muito menos seguidos.

5.B.1.5.1 – Primeiro ato: silenciar os estudantes

No dia seguinte a noite do golpe militar (31/03/64), foi queimada a sede da UNE do Rio de Janeiro com toda a documentação. No dia do AI-1 (10/04/64), a Universidade Nacional de Brasília foi invadida por 400 soldados, com espancamento de professores de renome mundial. Quatro dias depois se repete à cena, agora com intervenção federal. No dia 10 de outubro de 1965 o fato se repete e no dia 18/10 de demitem 210 professores.

Em São Paulo a USP teve a CRUSP invadida pela polícia. O estudantes da USP sustentam aos seguidos dealhas campais com o Comando de Caça aos Comunistas (CCC) constituída de elementos da Universidade de Mackenzie. Ainda São Paulo notabilizou-se pelo o apoio à UNE, como o Congresso de Ibiuna (12/10/1968), onde os 700 participantes foram presos. Enquanto os movimentos estudantis haviam silenciado pelo resto do país, São Paulo teve, em 1975, uma grande paralisação estudantil. As reivindicações foram mantidas pelos estudantes da PUC-SP, em 1977.

O Rio de Janeiro teve o seu maior ponto de efervescência no ano de 1968 quando os movimentos estudantis atingiram todo o planeta, quando o de Paris permaneceu na memória de toda a geração. o dia 28 de março de 1968 foi morto, no Rio, o estudante Edson Luis da Silva, o que levantou os estudantes em várias ocasiões. No dia 26 de julho de 1968 foi promovida uma passeata com 100.000 participantes.

O Decreto-Lei n° 477, de fevereiro de 1969, proibiu toda a atividade política na Universidade.

5.B.1.5.2 – O mais terrível dos instrumentos

O general Médici o acionou 579 vezes o Ato Institucional n° 5 (AI-5), assinado no dia 13 de dezembro de 1968, colocou nas mãos do governo todo o poder legal, que a cultura brasileira havia criado até aquele momento. Conferiu pores totais ao governo. Ele fechou o Congresso Nacional durante dez meses. Suspendeu o habeas-corpus. Com este ato, direita sentiu-se livre da jaula da moral e, num único ano praticou, 24 atos terroristas.

A partir de 1969 o Brasil foi governado por uma seqüência de atos institucionais. O AI-7 de 25 de fevereiro de 1969 suspendeu as eleições diretas. O AI-14 de 06 de setembro de 1969 re-introduziu a pena de morte e prisão perpétua. Muitos militares descontentes foram transferidos para a reserva pelo AI-17.

O planejamento e o realinhamento administrativo corria paralelo a estes movimentos. No dia 23 de junho de 1965 é assinado o acordo MEC-USAID. O MEC assina com a USAID um empréstimo de 32 milhões de dólares no dia 14 de julho de 1969. Um dos resultados desta relação MEC-USAID foi a reestruturação do 1° e 2° graus, vindos no bojo da Lei Federal, n° 5.692/71.

A Universidade brasileira, o 3º grau, teve um tratamento de choque mais duro. Este tratamento foi denunciado por Otto Maria Carpeaux: (in Nosso Século, v.5, p.92). onde escreveu

“todo o corpo discente das universidades passou por um crivo. O fato de ter pertencido a certas associações bastava para suspender grande número de estudantes [...] Mas quem tinha se pronunciado contra a brutalidade das botas ou contra a estupidez dos que engraxavam as botas, teve destino pior: foram expulsos da faculdade. Foi o fim da liberdade das próprias universidades com prejuízos incalculáveis para a cultura da nação. Feriram-se, na pessoa dos estudantes todos intelectuais, toda a inteligência do país. Quer-se impedir os estudantes hoje e os intelectuais de amanhã que assumam o seu papel natural de líderes do povo”

Toda esta parafernália do terror do Estado Brasileiro, escondia, por meio de suas truculências, a realidade crua dos interesses de ganâncias econômicas de certas corporações e interesses individuais associados.

5.B.1.5.3 – Silenciar os discordantes do sistema econômico

O ano de 1971 foi o ano crítico da economia mundial. Nixon desvalorizou o dólar. Toda a euforia das bolsas de valores terminam no dia 29 de julho de 1972, em plenas festividades do ‘Sesquicentenário da Independência’ com a demissão dos Diretores das bolsas de valores do Rio e São Paulo. Delfim Neto voltou dos Estados Unidos com um empréstimo de Us\$ 480 milhões de dólares, abrindo o caminho do empréstimo ‘jumbo’ de Us\$ 6,5 bilhões de dólares em 1984. O patriarca do nosso sistema econômico, Eugênio Gudin, tornou-se um duro crítico do governo.

O governo manipulou, em 1972 e 73, os salários fixando arbitrariamente a taxa de inflação a 12% ao ano. O ano do Sesquicentenário da Independência do Brasil, foi o ano da censura. Na véspera do dia 07 de setembro, a polícia proibiu, entre outras medidas, a publicação do decreto de D. Pedro I, abolindo a censura no Brasil !

Os trabalhadores do campo, se deram conta do logro, quando de 1972 até 1978, desapareceram 200.000 propriedades rurais, jogando 200.000 famílias nas mãos de outros como ‘bóias frias’. O ano de 1975 teve 29 mortos em 130 conflitos de terra. O ministro da Agricultura, Cirne Lima, afastou-se, em maio de 1973, do governo, por discordar da política econômica de Delfim Neto.

O Presidente Médici conseguiu traduzir de uma forma trágica, este conjunto a afirmar que “*a economia vai bem (PNB=14%), mas o povo vai mal*”.

A soberania nacional foi colocada, no dia 09 de agosto de 1983, sob a jurisdição da corte de Nova York

5.B.1.5.4 – A Igreja se mobilizou e foi silenciada

A Igreja denunciou, no dia 10 de janeiro de 1972, a invasão das terras dos índios. No mesmo ano, em 18 de março, foram massacrados posseiros no Pará.

Em 1973 foram ativadas plenamente ‘*as comunidades eclesiais de base*’. Em julho de 1975 a Igreja constitui a ‘*Comissão da Pastoral da Terra*’ (CPT) – No dia 01 de dezembro de 1975 foi divulgada a ‘*Doutrina da Pastoral Social*’ ..

O padre jesuíta João Bosco Bunie foi morto, na delegacia de Rio Bonito no dia 11 de outubro de 1976. Em setembro, deste mesmo ano, foi seqüestrado e seviciado Dom Adriano Hipólito, Bispo de Nova Iguaçu (RJ). A Igreja contava, no início da Abertura Política (1979), as suas vítimas na luta entre a Igreja e o Estado. Eram oito religiosos mortos, onze banidos, 122 prisões de religiosos e, entre eles, 34 torturados.

Após todo esse processo doloroso, ao concluir a Abertura Política Brasileira, em 1985, o Vaticano entrou na contra-mão de toda esta busca de abertura. Para sinalizar a sua intervenção, proibiu a Teologia da Libertação, impondo o “*silêncio obsequioso*” a frei Leonardo Boff, um dos porta-vozes desta Teologia. A Igreja usou a sua influência e conseguiu impor, no início de 1986, a censura a um filme francês, no país inteiro.

5.B.1.5.5. – O meio urbano sob controle

A criação do Serviço Nacional de Informações (SNI), foi obra do General Golbery do Couto e Silva, e um dos primeiros atos do golpe de 64. O Coronel João Batista de Figueiredo era o seu agente no Rio de Janeiro. Dez anos depois o SNI tornou-se ministério, pela Lei nº 6.036/74, tendo como titular, o General João Batista Figueiredo

O Exército criou, em 1969, os Departamentos Operacionais de Informação e os Centros de Operações de Defesa Interna (DOI-CODI) para a triagem e circulação a

destas informações mantidos e centrados no Centro de Informações do Exército (CIE). A Marinha manteve o CINEMAR e a Aeronáutica a CISA. Um exército de 250.000 agentes eram ligados a estes organismos, em tempo integral em 1980. Os agentes eventuais chegavam a 1 milhão de pessoas. As punições passavam pelas informações destes órgãos.

As vítimas destes exército de agentes não tardaram em aparecer. Só para lembrar aquelas mortes que apareceram nas páginas dos jornais cita-se o operário Getúlio Cabral, que morreu, em 1972, no DOI-CODI do Rio de Janeiro. Em São Paulo, Vladimir Herzog apareceu morto, em 25 de outubro de 1975, nas celas do DOI-CODI. A morte do jornalista foi seguida da morte do operário Manuel Filho, em 17 de janeiro de 1976, nas mesmas dependências do DOI-CODI. No final de 1976 três dirigentes do PCB foram fuzilados sumariamente na sua casa na Lapa (SP).

5.B. 1.5.6 – O meio político sob controle

O ano de 1977 se caracterizou por um duro golpe político. No dia 01 de abril, o General Geisel fechou o Congresso Nacional e se retirou, durante duas semanas, para a fazenda do Riacho Fundo, onde criou instrumentos jurídicos para dar continuidade ao poder discricionário. Ampliou o mandato presidencial de 5 para 6 anos. Criou os 'senadores biônicos'. Estabeleceu a representação por Estado e não por eleitor. Na TV e no rádio introduziu a 'lei Falcão' entre outros instrumentos. Pode-se afirmar, de uma certa forma, que o famoso 'pacote de abril' contaminou toda a vida política do Brasil e continuou vigente na política nacional, no tempo afora.

Quando o general Silvío Frota, Ministro do Exército, lançou-se como candidato para Presidente da República, foi demitido de uma forma grandiosa, exemplar e com uma encenação intimidadora.

Este conjunto de fatos políticos, e, o clima de frustração e heteronomia nacional que produziram, foram descritos por Hélio Silva (in ZER HORA, 20/10/85, fl.12).

"quando em 1964 a tropa militar os esmagou (partidos políticos), nós tivemos então um tipo de sobrevivência muito custosa. Nós tivemos que atravessar esse túnel curvados. Não digo acovardados. Não havia um brasileiro que estivesse de pé"

Toda esta truculência e violência, produziu dissidências entre os próprios membros do núcleo duro do poder. Estas dissidências revelaram os pontos sensíveis deste poder, pontos fracos que foram percebidos e aproveitados por diversas categorias. Os primeiros que acordaram foram os operários, em especial aqueles que trabalhavam em empresas multinacionais, com matriz na Europa.

5.B.1.6 – Os operários em ação

O operariado tinha sido silenciado logo no início do golpe. Assim 425 sindicatos sofreram intervenções entre 1964-65, para manter a '*segurança nacional*'. Um jovem líder sindical desafiou, em 1977, as lideranças paralisadas dos sindicatos por estes instrumentos discricionários. O jovem nordestino, Luis Inácio da Silva, o '*Lula*', tornou-se um líder independente, desafiando de um lado o Partido Comunista e do outro, as estruturas dos sindicatos imobilizados pela intervenção.

Os operários da Saab-Scania, cruzaram os braços dentro da fábrica, diante das máquinas, em 1978, como o faziam os operários da matriz europeia. Em 1979, um dia antes da posse na Presidência do General Figueiredo, 112.000 operários entraram em greve, em São Paulo. Em 15 de março de 1979, Lula e a sua diretoria foram demitidos no dia da posse do general como Presidente.

O operariado voltou-se para a arena da política nacional, com a criação do Partido dos Trabalhadores (PT) no dia 10 de janeiro de 1980. O teste, para este partido do operariado, começou no dia 01/04/1980, quando 80.000 operários entraram em greve em São Paulo. Em represália, Lula e a sua Diretoria, são presas no DOI-CODI-SP. Apesar desta prisão, a epopéia operária foi sustentada durante um mês e meio. Tornou-se a maior greve operária do século XX no Brasil em duração. Encontra semelhanças apenas no Sindicato Solidariedade da Polônia de Lech Walessa.

As retaliações não tardaram. Dos 60 mil empregos de 1979, na metalurgia de Santo André, restavam, em 1984, apenas 40 mil. Os demitidos são obrigados a retornar para o interior do Brasil (reportagem Rádio Guaíba, 12/02/1984).

5.B.1.7 – A Abertura Política Brasileira

Depois que todos os setores, capazes de se mobilizar, tinham sido silenciados, foi decretada a Abertura Política, no dia 29 de dezembro de 1978. A sua publicação deu -se no primeiro número do Diário Oficial da União de 1979. Este decreto punha fim à vigência das leis de exceção, revogou os atos de banimento dos presos políticos e extinguiu a Comissão Geral de Investigações. Ficaram de pé as *'salvaguardas'*, a Constituição de 1965, com a sua emenda de 1969 e todo o *'pacote de abril'* de 1977. A *"Lei da Anistia"* tanto para torturados, como para torturadores, foi expedida no dia 28 de agosto de 1979.

Os primeiros dias de governo presidencial do General João Batista Figueiredo, iniciado no dia 15 de março de 1979, são um teste, particularmente duro para o projeto de Abertura Política, que ele herdara do General Geisel. Mas o Figueiredo prometera cumprir e transformar este país em democracia. No dia de sua posse já estavam em greve em São Paulo, além dos 112.000 metalúrgicos, 250.000 funcionários públicos e 150.000 motorista. No Rio de Janeiro eram 82 mil professores e 45 mil motoristas.

.Delfim Neto substitui , em agosto de 1979, a Mário Henrique Simonsen, na pasta do Planejamento, que concentrava toda a administração do país.

5.B. 1.8 – Implodir a oposição e os novos partidos

Os partidos políticos constituem a expectativa maior das democracias por meio da vetorização da vontade coletiva.

Com a vigência da Abertura Política é extinto o bipartidarismo no Brasil quando, no dia 21 de novembro de 1979, são extintos a ARENA (governo) e MDB (oposição).

A oposição ao governo militar fracionou-se. O líder Leonel Brizola voltara, no dia 06 de setembro de 1979, para retomar a sigla do PTB e para implodir o PMDB. Contra sua vontade a sigla do PTB foi dada, no dia 12 de junho de 1980, para Ivete Vargas. Como consolo Brizola aceitou a sigla o PDT. Outra parte da oposição ficou com os operários do Partido dos Trabalhadores (PT) de Lula. O Partido Popular (PP) foi estruturado no dia 12 de novembro de 1980 por Tancredo Neves. Depois foi incorporado ao PMDB.

A atomização da oposição era um resultado melhor do que a encomenda, para aqueles que queriam e quem interessava a divisão da oposição. Do lado do governo os métodos continuavam os mesmos. Assim os Generais Andrade Serpa e Euler Bentes Monteiro foram punidos no dia 26 de dezembro de 1980.

As direitas radicais tentaram com uma série de bombas terroristas, desestabilizar e explodir literalmente a transição e, com ela, a oposição às suas idéias conservadoras. Estas bombas atingem, no dia 27 de agosto de 1980, a Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), matando e ferindo. Estes atentados à bomba se propagaram pelo Rio Centro, pelo hotel onde se hospedara Brizola, pela Câmara Municipal do Rio e pelo palanque do PMDB.

Esta série de bombas fez exclamar o Presidente Figueiredo – *'nem mil bombas me impedirão de fazer deste país uma democracia'*. Esta posição foi repetida pelo Presidente, no dia 04 de janeiro de 1984, diante de boatos de golpe da direita em face de eleição ou indicação do novo presidente.

Contudo os acontecimentos anteriores a esta data, foram varridos da memória do nosso povo, em 1985, pela montagem e encenação dramática dos fatos ligados à morte e ao sepultamento do Presidente eleito Tancredo Neves.

Triste e absolutamente escravo é o povo que não tem direito a sua própria História. Como é triste constatar que depois da dramática montagem da muralha contra o nosso passado recente, aproveitando-se um ensejo da morte de uma pessoa, que apesar de todos méritos pessoais, foi despido do seu significado natural, para ser usado como instrumento de escamoteamento e destruição definitiva de um período sombrio que escondia, de fato, o sentido histórico da dominação e quebra da autonomia do cidadão brasileiro. Por esta montagem dramática foi possível afastar a verdade da heteronomia do povo brasileiro.

Os partidos formados após a Abertura Democrática, também não souberam expressar as suas diferenças e assumir sua verdade. Esta falta de identidade, e de um projeto político autêntico, tornou-se verdadeira a constatação de Paulo Brossard (in Zero Hora, 25/01/1986, fl.12) de que *“os partidos políticos são comparáveis a uma casa com teto mas sem divisões, sem paredes; para caracterizar o entra sai dos políticos”*

FONTES BÁSICAS

Correio do Povo. Porto Alegre : Companhia Jornalística Caldas Júnior, Zero Hora - RBS.

KUCINSKI, Bernardo (1937 -). *Abertura: a história de uma crise*. Apresentação de Severo Gomes. São Paulo : Brasil Debates, 1982 (Col. Brasil Hoje n° 5), p.168.

Nosso Século. Memória fotográfica do Brasil no século XX. v.5, 1900 até 1980. São Paulo : Abril Cultural.

RETRATO do Brasil. Rio de Janeiro : Política Editora, 1984, 43 fascículos.

SILVIA, Hélio (1904-1995). *O poder civil* - Porto Alegre : L&PM Editores, 1985. 354 p.

1979	JAN	01 – O presidente Geisel extingue o Ato Institucional nº 5 (AI-5) dando início à Abertura Política
	MAR.	15 – Inicia o governo do General Figueiredo. 160.000 operários de São Paulo cruzam os braços
	AGO.	O Congresso Nacional aprova a semestralidade da correção salarial Delfim Neto assume a Pasta de Planejamento.
	SET	06 – Brizola e Arraes retornam do exílio
	NOV	21 – A ARENA e o MDB são extintos
Economia: A inflação anual passa dos 100%.		
1980	JAN	10 – Fundação do Partido dos Trabalhadores (PT) no Colégio Sion em S Paulo
	MAR	24 - Cardeal Dom Vicente Scherer denunciou : “ <i>a inflação destrói valor moral</i> ”
	JUL	O Papa João Paulo II visita o Brasil e Porto Alegre
	SET	A Câmara e o Senado rejeitam a aposentadoria aos 25 anos de magistério. 30 – Votada na Câmara Federal mais verbas para a Educação
Economia: 50% da população brasileira recebe 12% da renda e 05% da população recebe 37,8% da renda nacional.		
1981	MAI	- Bomba no Rio-Centro 25 – Aprovada a aposentaria aos 25 anos (mulheres) e 30 anos (homens) no magistério
	AGO	- 1º CONCLAT e PRÓ-CUT - Golberri do Couto e Silva demite-se do SNI e assume Leitão de Abreu.
	DEZ	Golberri do Couto e Silva declara em relação a SNI “ <i>criei um monstro</i> ”
Economia: Ibrahim Abi-Ackel declara que “ <i>O braço da Justiça dificilmente alcançará o rico</i> ”		
1982	FEV	O Congresso da Magistério em Goiânia denuncia a violência do governo contra o magistério
	ABR	Salário: estrangulamento dos setores não-produtivos
	AGO	Fundação da Central Única dos Trabalhadores (CUT)
	SET	General Figueiredo na ONU
	OUT	Morte de Alexandre Baumgarten em condições misteriosas e suspeitas
	NOV	Eleições estaduais e municipais: dos governadores 12 do PDS, 09 do PMDB e 01 do PDT

A PRÁTICA DEMOCRÁTICA na ESCOLA PÚBLICA ESTADUAL: estudo de caso da expressão das condições da prática democrática pelos professores do Colégio Estadual Cândido José de Godói – POA- RS – durante a Abertura Política Brasileira (1979-1985). Dissertação de Círio SIMON, defendida, na PUC-RS, no ano de 1986.

Economia O Brasil deve US\$ 88 bilhões de dólares.		
1983	MAR	- Descoberto aparelho de escuta dentro da gabinete do Presidente da República - Desvalorização de 30% da moeda
	ABR	04 – Saques em supermercados em São Paulo
	JUL	- Grandes enchentes no Sul do Brasil
	AGO	09 – Soberania nacional e poder jurídico transferidos para a corte de Nova York, como parte do acordo do FMI
	SET	03 – Saques de 66 supermercados do Rio de Janeiro
	NOV	27 – Morre Teotônio Vilela
	DEZ	17 – General Newton Cruz agride jornalista
Economia: Inflação anual de 212% O Brasil deve US\$ 95 bilhões de dólares.		
1984	JAN	03 – Morre Ivete Vargas
	MAR	- Um milhão de pessoas no comício Pró-Diretas no Rio de Janeiro
	ABR	- o General Newton Cruz comanda medidas de emergência no país. 25 – rejeitada a emenda constitucional “ <i>Eleições Diretas para Presidente</i> ” apresentada por Dante de Oliveira.
	MAI	- 150.00 ‘ <i>bóias frias</i> ’ em conflito em São Paulo
	JUL	- Aureliano Chaves articula ‘ <i>Frente Liberal</i> ’
	AGO	- O Vaticano intima ao Frei Leonardo Boff explicar ‘ <i>Teologia da Libertação</i> ’.
	NOV	Filmes “ <i>Memórias do Cárcere</i> ”, “ <i>Jango</i> ” e “ <i>Cabra Marcado para Morrer</i> ”
Economia: A Inflação anual no Brasil é de 230%		
1985	JAN	24 – Carlos Augusto de Souza declara na Rádio da UFRGS “ <i>O sr. Tancredo Neves ganhou o Governo. O Exército ficou com o poder</i> ”
	MAR	15 – O Vice José Sarnei assume a presidência da República.
	ABR	21 – Anunciada a morte de Tancredo Neves.
	AGO	08 – Gilberto Freire entrevistado, em relação a próxima Constituinte, declara que “ <i>Precisamos sublimar a fofoca ao nível da política</i> ”.
	OUT	31 – Reconhecida a UNE – O presidente Sarnei declara ter pertencido à UNE
	NOV	15 – Eleições para prefeitos das capitais e áreas de segurança 28 – Aprovada a convocação para a Constituinte Brasileira.

Gráfico 12 Quadro cronológico dos acontecimentos nacionais ocorridos durante a Abertura Política Brasileira

A PRÁTICA DEMOCRÁTICA na ESCOLA PÚBLICA ESTADUAL: estudo de caso da expressão das condições da prática democrática pelos professores do Colégio Estadual Cândido José de Godói – POA- RS – durante a Abertura Política Brasileira (1979-1985). Dissertação de Círio SIMON, defendida, na PUC-RS, no ano de 1986.

5.B.2 – A Abertura Política no estado do Rio Grande do Sul e a obra do CPERS

5.B. 2.1 – A escola e o ambiente não podem ficar neutros

O hábito de assumir a integridade intelectual exige desmascarar o ‘*Discurso Competente*’. Esta integridade intelectual, transformada em hábito pela escola, exige, não só, a atenção ao conteúdo, ao vitorioso e aquele que recolheu os troféus dos resultados positivos. Mas necessita, também, desvelar a atenção pela voz do vencido e que teve a sua vez truncada pelo vencedor. Este hábito inicia na escola básica, para ter a sua plena expansão nas universidades, para as quais Max WEBER afirmou (1989: 70) que:

“o único elemento, entre todos os “autênticos” pontos de vista essenciais que elas (as universidades) podem, legitimamente, oferecer aos seus estudantes, para ajudá-los em seu caminho pela vida afora, é o hábito de assumir o dever da integridade intelectual; isso acarreta necessariamente uma inexorável lucidez a respeito de si mesmos”²⁴.

Uma escola descomprometida com a integridade intelectual não interessa a ninguém e é mentirosa. Nenhuma escola é uma ilha, para o bem e para o mal,. Nenhuma escola pode ir bem no meio de uma crise, como a que se abateu sobre o Brasil e Rio Grande do Sul com a Ditadura de 1964. Esta crise teve reflexos políticos, culturais e econômicos diretos na escola. Uma escola está mentindo, ao afirmar que está bem, no meio de uma crise que destrói a sua integridade intelectual e os seus objetivos ideais.

A busca da integridade intelectual exige o desvendamento do onipresente e a ruptura do saber convencional de todos os agentes de uma escola. Exige o desmascaramento deste ideal que gera o abismo entre a instituição e a pessoa humana. Este abismo fica claro no ditado popular ‘*a escola vai bem, pena que tenha alunos*’. Os ambientes educativos não podem ficar neutros a vida dos seus estudantes, em especial da escola pública. O objetivo de qualquer escola honesta é o estabelecer pontos de unidade possíveis na verdade. Para isto necessita com toda a coragem para evidenciar as diferenças entre os diversos grupos e ideologias que sustentam a sua corpusculação.

²⁴ - WEBER, Max. **Sobre a universidade**. São Paulo : Cortez, 1989. 152 p.

5.B. 2.2 – Quem, como e por que os diversos grupos se movimentaram?

Politicamente qualquer sistema, em qualquer país e com qualquer coloração definida, atribui significados coerentes com os seus objetivos para a escola formal. O mesmo aconteceu aqui. O Rio Grande do Sul sofreu os piores efeitos desta política, como parte de um país capitalista satélite e um estado afastado de uma política racionalista centralizadora pela própria natureza. A escola gaúcha sofreu os piores efeitos desta política e se adaptou, ou não, a estas crises econômicas, culturais e sociais.

Como assalariados diretos do governo os professores públicos, por não serem incluídos nos setores produtivos, foram estrangulados e sofreram na carne o corte das verbas para a Educação. A escola foi relegada a um terceiro plano, pois os meios de comunicação de massa e a publicidade programada, suplantaram o papel da escola. A comunicação de massa e a publicidade ganharam este 1º plano como aparelhos ideológicos e atrelados aos pacotes econômicos, escamoteadores da realidade nacional.

Massas humanas (OUTROS) muito conscientes não interessam a um sistema (EU) que possui problemas de legitimação. Assim há necessidade de escamotear a importância dos grupos sociais. Isto vale em especial para a escola sul-rio-grandense considerada uma das melhores do país, antes de 1964. Assim o sistema usa, para dominar o aparelho da escola gaúcha, aplicam-se as repressões, ameaças coletivas, reciclagens forçadas, ideologia das doações espontâneas dos carnês, alterações de designações violentas, prisões e racionalizações administrativas.

5.B.2.3 – O Governo, a Secretaria de Educação e a Administração do Colégio Est. Cândido José de Godói.

As entidades ligadas ao Governo ao Rio Grande do Sul cumpriram, ao longo do todo o período discricionário entre 1964 e 1985, a contento o seu papel de manter um rígido perfilamento ideológico com o Governo nacional intervencionista. Como consequência conseguiram, no ambiente escolar, o intento de esvaziar a produção de uma cultura autêntica.

A escola gaúcha foi colocada como reprodutora cultural da sociedade atemorizada e da economia vigente. Os movimentos contrários foram desviados, contornados e afinal aproveitados em causa própria. Os conchavos de gabinete, o apelo à boa vontade

emocional face as dificuldades, tiveram eficácia num universo de professores, alunos e pais que não conseguem articular outro discurso significativo.

5.B.2.4 – Entidades nacionais e estaduais de classe do professor

A maioria dos movimentos dos professores vinham de organizações nacionais, estaduais e regionais dos professores. A articulação destes movimentos encontrou enormes dificuldades. O núcleo aglutinador, no estado, foi o CPERS. Os seus próceres e seus membros souberam orientar teórica e praticamente a expressão das diferenças.

1979	JAN	15 – Toma posse com governador do RS Amaral de Souza
	MAR.	03 – Assembléia Geral do CPERS 05 – Greve geral do magistério estadual 17 - Final da greve do magistério estadual
	AGO.	13 a 13 de SET. ocorrem 45 greves no Rio Grande do Sul.
	SET	06 – Preso Olívio Dutra e outros líderes sindicais 07 – Primeira invasão da Fazenda Sarandi na Encruzilhada Natalino Demitidos 400 bancários
	NOV	- O CPERS realiza uma série de reivindicações entre elas a equiparação salarial
1979 - <u>Sindicalismo</u>: CPERS possui 34.000 sócios e 14 núcleos.		
1980	FEV	19 – Negado aumento ao magistério. 22- processo contra o COOJORNAL 28 – passeata “ <i>panela vazia</i> ”
	MAR	30 – Congresso da UEE em santa Maria
	ABR	01 – Alunos da Brigada Militar jogam bomba contra a Assembléia Legislativa 16 – No CPERS painel sobre salários
	SET	24 – desapontamento na reunião entre Assembléia Legislativa e CPERS 29 – Assembléia Geral do CEPRS no auditório Araújo Vianna.
	OUT	15-18 – Seminário “Ensino e Democracia na Escola” na PUC-RS.

A PRÁTICA DEMOCRÁTICA na ESCOLA PÚBLICA ESTADUAL: estudo de caso da expressão das condições da prática democrática pelos professores do Colégio Estadual Cândido José de Godói – POA- RS – durante a Abertura Política Brasileira (1979-1985). Dissertação de Círio SIMON, defendida, na PUC-RS, no ano de 1986.

	NOV	01-05 – Greve de 90% da magistério estadual 19 – Acorde entre magistério e Governo Estadual
Sindicalismo: CPERS possui 42.770 sócios e 17 núcleos..		
1981	OUT	24 – A Assembléia Geral do CPERS aprova o ante-projeto da eleição de diretor na escola.
	NOV	21 – Baionetas contra professores frente ao Palácio Piratini. - Ataques pela imprensa do governo contra os professores
Sindicalismo: CPERS possui 52.700 sócios e 24 núcleos”		
1982	MAR	18 – 24.00 professores fazem a maior Assembléia Geral da categoria até este momento. - Ameaça do governo de intervenção no CPERS
	NOV	15 -Eleito Jair Soares PDS como governador do Estado,
Sindicalismo: CPERS possui 58.300 sócios e 34 núcleos.		
1983	JAN	15 – Jair Soares toma posse como governador do Estado
	DEZ	CEPRS reconhecido como a maior entidade da América latina
Sindicalismo: CPERS possui 60.000 sócio e 35 núcleos.		
1984	JAN	20 – Congresso de Criciúma Morre Teresa Noronha.
	ABR	- Greve dos professores da UFRGS.
	SET	25 – Demissão do diretor do Colégio Estadual Cândido José de Godói eleito pela comunidade
	OUT	05 – Estudantes do Colégio Est. Júlio de Castilhos prendem o diretor da escola
	DEZ	28 – Secretário da Educação abandona a reunião com os vileiros.
1985	MAI	10 – Greve geral do magistério público estadual
	JUL	08 – Fim da greve geral do magistério público estadual
	AGO	06 – A Assembléia Legislativa aprova o acordo CPERS e Governo do Estado..
	OUT	29 – Segunda invasão sincronizada da Fazenda Sarandi da família Anoni.

Gráfico 13 - Quadro cronológico dos acontecimentos estaduais e do CPERS ocorridos durante a Abertura Política Brasileira.

5.B.3 – Abertura Política Brasileira na Educação e no Colégio Estadual Cândido José de Godói.

Passa-se a prestar maior atenção **ao grupo de dentro**, após considerar o grupo de fora do Colégio Estadual Cândido José de Godói. A Abertura Política Brasileira repercutiu em diversos setores desta comunidade interna. Neste grupo pode ser considerada a história institucional, o papel do Grêmio dos seus docentes, os docentes isolados e os estudantes. O grupo de dentro pode ser visto e observado com um ambiente especial sendo um pouco mais informado e politizado do que a média da população circunstante.

5.B.3.1 – História da Abertura Política Brasileira no Colégio Estadual Cândido José de Godói

Busca-se uma aproximação dos fatos e os acontecimentos interessado na Verdade e do Saber institucional, registrados e analisados, de forma erudita, após aqueles estudados pelos seus significados ideológicos ao longo da Abertura Política Brasileira. A partir destes eventos empíricos pretende-se retornar para uma visão mais ampla e global. Interessa saber se a “Abertura Política Brasileira” (1979-1985) foi falsa ou foi verdadeira? Ela contribuiu para o cultivo do hábito da integridade intelectual na escola formal?

O autor da pesquisa deve-se confessar envolvido pessoalmente e se evoca como testemunha. Ele esteve próximo e envolvidos nos eventos. Apesar de ele saber que não só o Colégio Godói, foi atingido pela ‘Abertura’, estes dados não podem ser usados para generalizações. Mas sabe que esta pesquisa não é um caso isolado e singular²⁵. O caso estudado adequadamente poderá servir para estudar casos semelhantes, apesar do respeito que o autor manifesta para não cair em generalizações apressadas

O que importa é a seriedade de um estudo erudito, fugindo dos ‘achismos’ e das emoções. Apesar do período trazer grande carga de interesses e emoções ao autor da pesquisa, ele não só invoca a sua própria memória, mas faz acompanhar os fatos com documentos

O objetivo desta recuperação da própria memória, é a criação de um continuum educativo, sem as constantes rupturas e queimas de etapas, infelizmente tão comuns e característicos de todo o nosso processo educativo e cultural. Estas rupturas e queimas

²⁵ Chega ao público ao final da presente pesquisa a notícia (ZH, 17/08/86, fl.22).da existência de um arquivo ideológico na USP

de etapas, além de jamais permitir atingir a identidade nacional, não permitem realizar o que movimento da Semana de Arte Moderna intuiu de “*nunca chegar à exportação da poesia brasileira*”.

5.B.3.2 – A ação articuladora do Grêmio dos Professores e Presidência da Assembléia dos Professores.

O Grêmio dos Professores do Colégio Godói, que vinha de uma existência voltada apenas para aspectos sociais (anexo 6), com a Abertura Política passou a ter nítidas colorações políticas de defesa da classe dos professores(anexo 7). O evento permitiu a este Grêmio assumir um novo significado no seu espaço de ação. Este novo significado teve índices no apoio a iniciativas inéditas ou as tolheu em algumas ocasiões. O melhor desta atividade é o documentário que se formou, entre 1979 e 1985, no livro de Atas das reuniões do Grêmio dos Professores, que será analisado adiante.

Outro espaço significativo dentro da escola é o da Presidência da Assembléia dos Professores. É nestas assembléias que vinham à tona as grandes diferenças existentes entre os professores. O controle, o enquadramento e o encaminhamento, ou não, das questões fluía através da presidência destas assembléias. É natural que este posto era disputado com toda avidez possível. A análise deste continuum de eleições e destas assembléias poderia constituir-se numa outra tese.

5.B.3.3 – O professor como indivíduo desarticulado

Os documentos do Grêmio dos Professores do Colégio Estadual Cândido José de Godói e das suas Assembléias possuem um grande significado e impossível achar em outro lugar. Qualquer associação ou reunião eram vistas como algo condenável. Por esta razão, estes documentos são a origem e o suporte material da presente dissertação. Entre 1964 a 1979, estas atas são genéricas, pois eram de grande risco para o professor.

Contudo é necessário reconhecer que existe o simples profissional, que apenas entra na escola como professor para dar o seu recado isolado numa sala de aula e sai correndo para outra escola. Este professor não encontra um espaço capaz de articular a sua classe, ou não quer encontrar este espaço coletivo. A dispersão em turnos, dias e

disciplinas, funcionaram como instrumentos de desarticulação, muitas vezes usados intencionalmente, contra a classe ou a formação de uma classe de professores.

Na época era impossível reconhecer os colegas *'dedo-duro'* infiltrados ou sugeridos pelo sistema como tais, como ocorre em qualquer grupo sob pressão externa. Pode-se chegar até a conclusão de que eram meros fantasmas gerados pelo sistema discricionário para forçar o professor ao silêncio e desarticulação e calar a expressão das diferenças.

5.B.3.4 – O movimento dos estudantes

Os estudantes foram os últimos componentes da escola a se movimentar. Os seus representantes não conseguiram articular um discurso coerente com a sua condição real, pois eram estavam mais divididos do que a classe dos seus professores. O aluno serviu como chão referencial, grau zero, sobre o qual os agentes do período discricionário tentaram construir todo o edifício pedagógico e administrativo da escola reprodutora do sistema autoritário. Para esta construção o estudante tinha de renunciar necessariamente ao conjunto de toda a cultura dos seus pais e inclusive mestres.

O aluno jamais conseguiu expressar esta condição num discurso coerente, apesar das diferenças gritantes que emergem a todo o instante e que devem ser reprimidas radical e simplesmente. As diferenças econômicas entre eles, são suficientes para exemplificar os abismos que encontram no interior de uma única sala de aula. Enquanto alguns comparecem a escola com o carro do último ano, outros precisam esmolar a passagem de colegas ou da direção do turno. Alguns esbanjam alimentos e outros têm de mendigar migalhas. Alguns desfilam na última moda, outros em andrajos humilhantes.

O professor ao longo deste período discricionário que o tornou cada vez mais consciente do seu papel social, o aproximou cada vez mais do seu estudante. O professor de atitudes e de ideologia aristocratas diminuiu, surgiu o professor mais identificado com a cidadania mesmo que isto significa-se a aproximação com atitudes e ideologias originárias do meio proletário. A própria localização do Colégio Estadual Cândido José de Godói no bairro Navegantes, com o seu entorno de trabalhadores, de cultura e de festas proletárias²⁶, marcaram e facilitaram esta aproximação. Graças a esta aproximação

²⁶ - A festa de Nª Srª dos Navegantes, a "festa da melancia" ocorre a algumas quadras do prédio do Colégio Godói e é feriado municipal.

estratégica, o estudante o apoiou de uma forma irrestrita o seu professor. Este fato tornou-se evidente na hora das mobilizações da classe do magistério. Os estudantes, apesar de saberem que estavam recebendo do magistério uma sub-educação institucional, abriram mão das reivindicações da classe frente à escola específica. Reconheciam no professor uma pessoa de sua própria classe e, que a escola específica, na qual se encontravam, era resultado das condições políticas e econômicas que geravam esta sub-educação. Conscientes das condições políticas e econômicas adversas, devido a sua condição majoritária de assalariados, abriam mãos. destas aspirações imediatas das suas próprias melhorias.

Contudo esta consciência e comportamento não eram uniformes e continuados entre os estudantes. No final de 1984 apareceu um grupo de alunos contra a escola e seus representantes e também os seus professores como extensão do sistema. Este movimento, orientado de fora da escola, não reconhecia mais nenhuma ponte entre ele e o sistema e recusava qualquer sanção ou ajuda institucional. A imagem que ficou deste grupo radical contribuiu mais para prejudicar, do que para ajudar a causa dos estudantes. Em termos da presente dissertação o equilíbrio entre os estudantes, necessita ser analisado e compreendido como uma homeostase constante com risco permanente do caos, por força da entropia universal.

5.B.3.5 – O papel do estudo sistemático, contínuo e aberto dos movimentos políticos na escola

Qualquer movimento brasileiro corre o risco, de no seu final, ser desmoralizado²⁷, voltando ao caos e às leis da entropia universal, como em qualquer parte da cultura humana. Os que fizeram parte de algum movimento mais significativo, e escaparam com vida de mais um perigo, suspiram de alívio quando descobrem que terminou a ameaça. Tudo o que se refere a este movimento é queimado, engavetado ou deixado à ação do tempo²⁸. Todos aqueles que escaparam com vida, abandonam e apagam de sua memória o movimento e vão para casa dormir. Na manhã seguinte enfrenta-se o mesmo problema ao qual apenas se tem o cuidado de dar outro nome.

²⁷ - O sublime e o ridículo estão separados por uma vírgula. Esta passagem é expressa, no Brasil, em termos de galhofa, deboche ou 'avacalhamento'.

²⁸ - É o caso dos papéis do Ministro da Educação do período Militar achado, em 2005, ao relento num sítio da periferia de Porto Alegre.

O componente de ironia, como única arma do oprimido, encarrega-se do restante. Age-se na mesma cultura do engraxate diante da ameaça do comunismo no registro (in Zero Hora, 26/6/86, Revista ZH fl.2). de Fernando Sabino “*deixa vir, que ‘nóis avacaiamo’ com ele*”. A única força contra estas leis universais da entropia e do caos da queima de etapas, é o cultivo da pesquisa e estudo sistemático e continuado, apoiado em instituições idôneas e, que, devido a esta idoneidade, cultivam arquivos sistematizados e disponíveis. Estes arquivos constituem a memória física e materializada nos seus documentos sistematizados e disponíveis para o apoio logístico a memória coletiva.

5.B.4 – Episódios ocorridos no Colégio Estadual Cândido José de Godói ao longo da Abertura Política Brasileira.

Os conflitos abertos são tornados raros como uma das estratégia cultivadas pelo professor no exercício do seu cargo. Ele prefere o conflito simbólico elaborado e trabalhado por meio da expressão verbal. Neste conflito simbólico ele tornou-se mestre no controle pessoal e na capacidade de administrar o diferente diante do outro. Devido a cultivo desta maestria, adquirida nos conflitos simbólicos, prefere-se analisar e estudar o continuum das atas do Grêmio dos Professores, cujos dados serão suplementados e ilustrados pela pesquisa pontual de um instrumento aplicado num dado momento.

As atas do Grêmio dos Professores formam um registro continuum dos choques simbólicos de professores entre si, ou com o sistema. Insiste-se que estes choques são representativos simbólicos de todo o ambiente educativo, sem ser da totalidade. Haverá sempre certas pessoas e aqueles excluídos. Os conflitos registrados nestas atas, e aqui estudados, ilustram exemplarmente algumas etapas da Abertura Política Brasileira. São episódios deste processo, não constituem o processo em si mesmo. Contudo é impossível silenciar de uma forma soberana alguns conflitos envolvendo certas pessoas. Eles foram contundentes e com força dramática. Chamaram sobre si toda atenção da comunidade escolar e mesmo fora. Estes acontecimentos acompanharam a Abertura Política Brasileira documentando aquilo que o historiador Hélio Silva, no final do episódio nacional, descreveu (in Zero Hora, 20/10/1985) como “*andar agachados durante 21 anos do regime militar*”

A democracia supõe mais ênfase no coletivo do que no individual. Por isto, a dissertação desenvolvida aqui, insiste mais na ênfase do processo²⁹ do que as pessoas que o desenvolvem sem citar nomes de pessoas.

Contudo neste momento o pesquisador necessita contrariar toda a estratégia anterior e dar espaço citar nomes de pessoas. Realiza esta citação de nomes destas pessoas singulares, pois, ao redor do seu nome, houve a aglutinação de muitas vontades, a corpuscularização institucional e a visibilidade de vontades coletivas que se expressaram por meio destas figuras singulares.

Neste momento traça-se o sentido coletivo destes nomes. Nos anexos existem apontamentos mais detalhados que precederam este texto da pesquisa. A primeira pessoa foi o professor Paulo Muller Lopes, que devido a participação em movimentos sindicais ficou detido em 1979 na Polícia Federal³⁰. A segunda pessoa foi o professor Paulo Sérgio Santos dos Santos que teve a sua alteração de designação sob coação em 1980. Sofreu inquérito administrativo durante mais de dois anos, inquérito este que somou mais de mil páginas³¹. A terceira pessoa foi o Diretor eleito em 1983 e deposto pela SEC em 1984 por seguir a Assembléia dos Professores e apoiar o CPERS. Trata-se do Professor Sílvio Dani³².

Ao percorrer o livro de atas do Grêmio dos Professores é possível verificar que elas silenciam totalmente a prisão do Prof. Paulo Lopes, em 1979, no início da Abertura. Em 1980 já registram algumas linhas sobre o inquérito administrativo do Prof. Paulo Sérgio. Mas a deposição do Prof. Sílvio Dani, em 1984, ganha inúmeras páginas das Atas e dos periódicos da Capital. Este gradativo e progressivo aumento de registro e publicação destes fatos evidencia o renascimento da vontade dos professores. de expressar o

²⁹ - A idéia do 'processo' é central para a presente dissertação Por isto registram-se várias versões do sentido deste termo. De uma forma geral os processos, e não as idéias, modelos e formas das coisas futuras, servem de orientação às atividades do *homo faber* da época moderna Arendt, 1983 : 375. Já no PROCESSO de DIFERENCIAÇÃO: Arendt escreveu (1983) que pelo fato de sermos capazes de agir, podemos nos conceber distintos, ao mesmo tempo que a história e a natureza como partes do processo. Nun PROCESSO CIENTÍFICO : Bruyne afirmou (1977 : 43) que os pesquisadores estão na base de um processo científico, armados com a metodologia, os filósofos estão no fim das pesquisas para analisar seus produtos, seus resultados. Enquanto isto, no PROCESSO CIVILIZATÓRIO Mário Barata (1997 : 389) e Marques afirma que a grandeza, a eficácia e a modernidade de uma instituição não são somente um êxito interno restrito, mas trata-se sobretudo da colocação em movimento das realidades da sociedade em que ela se formou e na qual procura agir e produzir valores úteis e vetores de conhecimento

³⁰ - Ver episódio nº 1, na folha 365, deste dissertação.

³¹ - Ver episódio nº 2, na folha 366, desta dissertação.

³² - Ver episódio nº 3, na folha 369, deste dissertação.

diferente e a luta pelo direito desta expressão das diferenças Contudo esta conquista não foi um trabalho fácil, contrariar sólidos interesse e presença física constante. O livro de Atas do Grêmio dos Professores do Godói recolheu, na sua folha.38, a frase do professor Paulo Lopes de que “a forma mais eficaz de pressão é a presença física”.

O ano de 1979, ano da prisão do professor Paulo Lopes, começou com o Diário Oficial da União publicando o decreto da Abertura Política. O General João Batista Figueiredo assumiu a Presidência da República no dia 15 de março. A posse foi cercada de um mar de greves, que iniciaram com a greve de 160.000 metalúrgicos de São Paulo. No Estado do Rio Grande do Sul os professores públicos cruzaram os braços de 05 até 17 de abril, liderados pelo CPERS. Na seqüência, de 13 de agosto até 13 de setembro aconteceram 45 greves diversas pelo Estado afora. No dia 07/09/1979, comemorativo da Independência do Brasil, aconteceu a primeira invasão da Fazenda Sarandi.

O teste da Abertura Política tinha sido feito. Para desestimular a sede de liberdade, as reações oficiais não tardaram por meio de uma série de prisões, levaram as celas da Polícia Federal, um grande número de líderes sindicais. No dia 06/09/1979, foi preso o presidente do Sindicato dos Bancários Olívio Dutra e futuro Presidente do PT estadual. Os bancários em represália amargaram uma onda de demissões, após esta greve. No final de setembro foram demitidos 400 deles

O Colégio Godói tinha aderido de uma forma total à greve de abril. Ele foi representado junto ao CPERS pelo professor Paulo Lopes, que tinha recebido esta delegação do Colégio, por meio de 97 votos. Vinculado ao Movimento pela União dos Trabalhadores da Educação – MUTE – Paulo recebeu apoio constante deste movimento por meio de manifestos, panfletos e ‘*mosquitos*’, distribuídos pela cidade inteira.

Passada a greve, o Prof. Paulo Lopes foi identificado e preso, durante o mês de agosto, como líder sindical, portanto antes da onda de prisões do mês de setembro de 1979. Existem três textos (anexos 8, 9 e 10). professores do Godói, defendendo e exaltando o gesto do colega³³. O Professor Paulo Lopes continuou um articulador,

³³ - Paulo Sérgio Santos dedicou, na dia 21/8/1979 ao prof. Lopes um fragmento do protesto contra a prisão do Prof. Paulo Lopes faz parte destes poemas: “*Já mendigueis segurança / Já que sois inexpugnáveis./ Afinal quem somos nós – /Prometeus acorrentados –Para vos amendrontar?*” O poema do dia 18/9/1979 dedicado à Paulo Lopes dizia “*Seu maior pavor foi não ter meios de condenar / homens e crianças que buscavam veículos/ legítimos para expressar sua revolta frente/ as arbitrariedades dos já não tão grandes césares*”.

estimulador e teórico mais constante, fiel e lúcido do Grêmio dos Professores e seu vínculo com os movimentos estaduais e nacionais. Paulo Lopes foi, em 1983, um dos cinco candidatos a Diretor da escola. Eleito o Professor Sílvio Dani, ele apoiou de forma integral o seu colega diretor, em especial no episódio da sua deposição. Este apoio consta na folha 140 do livro Atas do Grêmio quando declarou diante da assembléia de professores, pais, alunos e autoridades presentes: “*É importante a unidade em torno do único Diretor da escola: Sílvio Dani! Qualquer outra alternativa tem o objetivo de dividir venha de onde vier!*”

O episódio que envolveu, no ano seguinte, o professor Paulo Sérgio foi bem mais profundo e de maior desgaste emocional para um maior número de pessoas. Ao mesmo tempo serviu para desnudar todo o poder na escola e sistema educativo. Paulo Sérgio, professor de Língua Portuguesa e de Inglês³⁴, teve a capacidade por meio do seu instrumento de trabalho, transformar em letra e verso toda a opressão e sentimento de liberdade depois de anos de repressão diluída em toda a sociedade e sistema. Esta opressão onipresente era extremamente difícil de identificar durante o movimento vivido por Paulo Sérgio. Assim o alvo atingido não foi, muitas vezes, o centro do poder, mas os colegas que para ele se identificavam com este poder. Contudo esta opressão onipresente foi radicalizada na frase Paulo Sérgio “*a nossa proposta é objetiva ao contrário dos outros*”³⁵.

Como registro de sua capacidade de transformar a ação em palavras ficam algumas amostras de poemas publicados na sala dos professores e que irão motivar os protestos registrados no livro de Atas do Grêmio (fl. 36).

Paulo Sérgio soube expressar o final do período de maior repressão e o alvorecer da Abertura Política, no momento em que estava acontecendo. Os dois poemas simétricos que formam um díptico e se contrastam entre si

³⁴ - Paulo Sérgio Santos ingressou, como professor contratado, no magistério estadual em 1973. Em 1975 foi contratado como professor de Inglês para um segundo cargo. O se ingresso definitivo, deu-se em 1976, por meio de um concurso público. Em 1980 permanecia ainda em estágio probatório.

³⁵ - Livro de Atas do Grêmio folha 33. Paulo Sérgio interessou-se cedo pelos destinos do Grêmio dos Professores. Assim, no dia 17 de julho de 1975, assumiu como Tesoureiro do Grêmio. Na mesma ocasião foi encarregado de estabelecer contato com a Federação dos Professores do Rio Grande do Sul sobre a Carteira de Professor (Livro de Atas do Grêmio dos Professores do Colégio Godói, fls. 8b e 9). Com a efervescência da Abertura Política (1979), articulou-se com o CPERS e MUTE e filiou-se a Partido dos Trabalhadores.

Fim de Inverno	Início da Primavera
<p><i>Tempo de amarras fracas</i> <i>Detenções arbitrárias</i> <i>Ameaças furtivas-covardes</i> ...</p> <p><i>É tempo de negações</i> <i>Discursos ociosos</i> <i>Valores mortos</i> <i>Trajetórias cortadas</i> ...</p>	<p><i>Tempo de desfazer-refazer</i> <i>De multidões nas ruas</i> <i>Verdades contundentes</i> <i>Mentiras cobradas</i> <i>Cara a cara.</i> ...</p> <p><i>Tempo de semente plantada</i> <i>Brotação profícua</i> <i>Frutos iminentes</i> <i>Represas arrebatadas</i> <i>Torrentes incontroláveis</i> <i>Ação procurando canal</i></p>

(Folhas policopiadas)

A frase *'ação procurando canal'*. Isto foi escrito muito antes das multidões das *'Diretas Já'* invadirem as ruas e as praças. Este verso intui o destino do poeta: pode expressar, mas não pode entrar em ação. Foi na ação política, onde não havia canal feito ainda, que a pessoa de Paulo Sérgio defrontou-se com a triste realidade ainda em vigente por todos os lados. O professor Paulo Sérgio, reivindicava a liberdade de expressão no mural da sala dos professores uma reunião³⁶ do Grêmio dos Professores,: *"Seria um atraso colocar uma votação contra a liberdade do mural"*. No que é contestado por uma professora, que apresenta uma queixa genérica e pessoal, sem documentos, dizendo:

"vários alunos queixaram-se dele (Paulo Sérgio) com referência a pronunciamentos políticos que realizou em sala de aula e também poderia expressar-se em seus poemas com outra linguagem sem agredir colegas".

Um dia após este episódio ele foi chamada a Delegacia de Educação (DE) e intimado a assumir os dois cargos que estava preiteando, não no Colégio Godói, como era o seu desejo, mas no Colégio Protásio Alves. No dia 26 de abril ele foi surpreendido com um dossiê apresentado pela advogada da DE, documentando a sua atividade sindical junto aos colegas. Apresentou-lhe um requerimento de afastamento do Colégio

³⁶ - Livro de Atas dos Professores nas fl.36 e reunião de 16 de abril de 1980.

Godói por ser membro da MUTE, passar abaixo-assinados, campanha pelo 13º salário, uso das aulas para atividades políticas e incitar não pagar os carnês do Colégio.

Registrou como coação a sua alteração de designação, tomando posse, em 28 de abril nos dois cargos no Colégio Protásio Alves – Porto Alegre. Nesta tomada de posse foi acompanhado por trinta alunos do Colégio Godói e com a solidariedade de 500 assinaturas que são remetidas a D E. No dia 27 de agosto de 1980 foi publicado no Diário Oficial do Estado a instauração de inquérito administrativo contra Paulo Sérgio Santos dos Santos (Anexo 11). No dia 15 de setembro de 1980 o processo seguiu adiante e é intimado a comparecer diante da Comissão Permanente de Processo, no dia 25 do mesmo mês. Mais uma audiência com testemunhas é marcada para o dia 10 de março de 1981. Outra audiência aconteceu no dia 06 de maio. O resultado deste processo, constituiu-se num documento único no gênero pelo tipo de processo. O conteúdo registra ações jurídicas e de poesias que lhe dá um volume superior a mil páginas.

Enquanto o professor estava envolvido nas tramas da Justiça, os seus colegas de MUTE organizaram uma campanha de solidariedade que recolheu até o final de 1980 as assinaturas de 306 professores, 261 alunos, 33 entidades acadêmicas da UFRGS e da PUC, personalidades e artistas como Dionélio Machado, Sérgio Jockmann, Francisco Stockinger...

O aspecto inédito deste inquérito administrativo está no fato que traumatizou não só quem foi acusado, como aqueles que tentaram defender a instituição. Em conversa com estas pessoas ainda era visível, em 1985, o seu constrangimento diante do fato. Num documento avulso mimeografado do “*Comitê de Defesa do Prof. Paulo Sérgio*” consta que

“este Inquérito Administrativo é de teor eminentemente político. Do ponto de vista jurídico as acusações são inconsistentes. Além disto, o inquérito é inédito em conteúdo e objetivos: apuração de falta grave e conseqüente exoneração do professor do magistério público”.

Marcado profundamente pela individualização e repercussão dos fatos, constitui por meio da sua poesia, um marco de como a arte pode ser vida, se o artista sabe viver o seu tempo. As expressões das diferenças constituem um marco para a presente dissertação a competência de um professor- artista saber transformar em obras de arte o que em si mesmo é passageiro, por mais dolorosa tenham sido os fatos. Mesmo que não tenha

Paulo Sérgio não tenha atingido o que desejava, naquela hora, outras gerações saberão usufruir a sua verdade nestas obras de arte.

Este professor teve, posteriormente, outra alteração de designação.

O terceiro episódio teve como personagem central Sílvio Dani professor de Química do Colégio Godói. Ele era formado nas lides acadêmicas anteriores a 1964. Quando quis re-introduzir a democracia, e a sua prática na escola, experimentou os rigores de um sistema absolutamente álgido e inflexível. Ao candidatar-se, em 1983, como Diretor Geral pela eleição, o fez de uma forma muito consciente e contratual³⁷. Enfrentou vários debates públicos entre professores do Colégio Godói nos dias 12, 14 e 19 de abril de 1983. Estes debates estão registrados nas Atas do Grêmio dos professores. Nestes debates existe uma ampla ênfase para a prática da Democracia na Escola. Entre outras destaca-se a registrada na folha 135a, do Livro de Atas. *“Deve haver coerência e que a posição de disciplina e de pessoas tem que parar no momento em que a assembléia decide”*. Com estas idéias foi o mais votado pelos professores, de uma lista quántupla, no dia 27 de abril de 1983, como Diretor Geral do Colégio Godói.

Entrou em conflito com a Secretaria de Educação, em novembro de 1983, na área administrativa, em relação aos eventos escolares num feriado. A sua posição foi de permanecer ao lado dos professores da escola (Atas, fl.126 a). Tentou abrir vários espaços no Godói, especialmente em direção aos alunos, dos quais colheu incompreensões orquestradas por uma oposição surda e sem visibilidade pública³⁸. O seu caminho preferido era a ética profissional e o regimento Assim o vemos num pronunciamento registrado do livro de nas Atas do Grêmio dos Professores (fl 133):

“qualquer atividade legal é permitida ao aluno da escola. Prefere trabalhar pelo consenso. Vê contradição quando se quer melhorar e os colegas preferem usar a ética profissional às avessas”.

A 1ª Delegacia de Educação (DE) convocou uma reunião de Diretores para o dia 28 de agosto de 1984. Ali ela solicitou uma representação do Colégio Godói no desfile da Semana da Pátria. O CPERS, numa assembléia de 4.000 professores, decidira não

³⁷ - Dialogou com a família, desfez-se do cargo de professor titular de uma faculdade de Cachoeira do Sul. Diminuiu horários na PUC e UNISINOS.

³⁸ Teve dificuldades com eles quando um grupo radicalizou e usou de má-fé em cartazes espalhados pela escola (A.- p.131). Numa outra oportunidade foram quebrados os vidros da fachada da escola

apoiar e não participar do desfile em todo o Estado, como protesto pela falta de apoio a Educação³⁹. O diretor, ao retornar à escola, convocou uma reunião com o Grêmio dos Professores. Diante da proposta da participação do Colégio Godói no desfile, 19 votaram contra e 5 a favor da participação. Eles votaram pela realização de Atos Cívicos diários na escola durante a “*Semana da Pátria*”, em vez desta participação em desfile. O Diretor seguiu o voto da Assembléia dos Professores e do CPERS.

Sílvio Dani foi destituído da direção da escola, no dia 25 de setembro, enquanto num ato de força, era empossado um Diretor, estranho à escola, sob os protestos gerais do corpo discente e docente. Este ato de força teve mais ampla repercussão nos meios de comunicação e políticos do Estado (Anexos 13, 14, 19 e 20). Ao longo de quase um mês (25 de setembro até 18 de outubro de 1983) alunos, professores, pais e funcionários da escola souberam expressar o seu inconformismo e a diferença que os separava da prática e do ideal da democracia.

Os professores não mediram esforços e argumentos para expressar as suas diferenças contra as soluções improvisadas que vinham da SEC. A SEC, o seu Secretário, a DE e sua delegada foram vistos com verdadeiros inimigos da Educação e do Colégio. Assim consta na folha 140 do livro das atas do Grêmio dos Professores “*o Secretário não faz isso de burro, porque não é burro. Mente na imprensa porque sabe o peso que tem a palavra de um Secretário de Educação, que não considero como tal, mas secretário da deseducação*”. Um aluno manifestou-se, em relação a proposta do Secretário para a formação de um Colegiado para a direção da escola, dizendo: “*a proposta do Secretário não é clara; não questiona a eleição, mostra desinteresse pela educação; ele não é democrático*” (Atas fl 140). Um professor sentenciou “*não se deve considerar a proposta do Secretário como proposta. É cachorra. Não é proposta é pressão. Não somos cachorros, somos escola cheia de gente*” (Atas fl 140).

No final de uma audiência tensa com o Secretário de Educação um dos advogados da SEC percebeu este reforço e comentou: “*as senhoras (da comissão) são agressivas. Imagina como são os outros!*” (Anexo as Atas s/p.)

³⁹ in Jornal do Comércio – 26/9/1984, fl. 40). Ver Anexo 13 desta dissertação.

A imprensa diária de Porto Alegre acompanhou de perto o caso. O Jornal Zero Hora dedicou nove artigos diretamente sobre a intervenção no Colégio Godói. Foram ao ar diversos comentários e apelos radiofônicos em diversas emissoras de rádio e TV.

As Atas do Grêmio dos Professores dedicaram 21 memoráveis páginas sobre as duas Assembléias havidas na escola neste período. Estiveram na escola Deputados Federais, Estaduais, Vereadores, Presidente e Vice do CPERS, líderes sindicais e de classe e de outras escolas. Numa assembléia do dia 01 de outubro, 35 entidades se fizeram representar. Esta aula dramática tornou-se um dos mais altos índices que materializam as hipóteses da presente dissertação. Os professores do Colégio Godói souberam, por meio desta mobilização, dar uma aula coletiva, aberta, transparente e límpida da administração das diferenças rumo à democracia. O Colégio Godói sendo uma escola assumiu o poder que lhe competia dentro dos seus limites. Transformou este poder em autoridade aberta, transparente e pública para viver um evento do final de um governo habituado a escamotear, reprimir e se cristalizar em formas esclerosadas da sociedade. Esta lição mostrava o caminho e um novo rumo da democracia, mesmo sabendo que uma lição nem sempre é agradável, em especial quando o tema é hábito da integridade intelectual. Os professores do Colégio Godói haviam aprendido a cultivar o hábito da integridade intelectual, em diversas lições do psiquiatra Marcelo Blaya⁴⁰, e que inculcou que a escola não pode mentir, sob o risco de perder toda a sua credibilidade.

A escola não provocou o fato, mas soube aproveitar o momento exato do contexto desta lição. O evento da demissão do Professor Sílvio, observado pelo lado pessoal humano e não institucional, conseguiu traumatizar inúmeras pessoas, especialmente a ele mesmo. O Professor Sílvio continuava na escola, em 1986, honrado por todos devido à altivez, espírito democrático e verdadeiro servidor público. Isto consta num documento enviado, no dia 03 de outubro de 1984, pelos professores do Colégio Godói para a SEC:

“nosso Diretor, Silvio Paulo Dani, nos deu integral apoio. E a ele devemos a possibilidade de termos podido criar. Gostaríamos de registrar que a 1ª DE esteve sempre ciente do nível de nosso trabalho. E temos de lamentar imensamente, não terem chegado a SEC estas informações que com toda a certeza evitariam toda a situação”.

⁴⁰ - O reconhecido psiquiatra Marcelo Blaya – fundador das Clínicas Pinel em Porto Alegre - trabalhou gratuitamente ao longo de um semestre, desta época, oferecendo sessões abertas de psiquiatria social para um grupo de professores do Colégio Godói que se comprometeram a trabalhar na técnica do grupo de dentro e de fora para entender o processo educativo desencadeado uma sala de aula

Após estudar os três episódios pode-se afirmar que eles foram coerentes e expressaram novamente as diferenças necessárias à uma comunidade escolar específica no processo geral da sociedade brasileira rumo à Abertura Política Brasileira. Se foram contundentes e de força dramática, eles tiveram o mérito de chamar a atenção da comunidade escolar e mesmo fora da nova primavera que estava se aproximando. Se o episódio nacional que obrigou a todos a “*andar agachados durante 21 anos do regime militar*”, na frase do historiador Hélio Silva, é possível afirmar que a comunidade do Colégio Godói estava apta novamente para andar de forma ereta e digna

POR FAVOR : entregar esta pesquisa aos diretores do turno

A PRÁTICA DEMOCRÁTICA na ESCOLA PÚBLICA ESTADUAL: estudo de caso da expressão das condições da prática democrática pelos professores do Colégio Estadual Cândido José de Godói – POA- RS – durante a Abertura Política Brasileira (1979-1985). Dissertação de Círio SIMON, defendida, na PUC-RS, no ano de 1986.

O objetivo deste trabalho é pesquisar dados para uma tese universitária sobre o Colégio Estadual Cândido José de Godói						
O que se quer saber é se o professor expressa as suas diferenças com os outros						
Orienta-se a pesquisa para a grave crise de 25 de setembro até 18 de outubro de 1984						
		ASSINALE com X				
		TOTALMENTE de ACORDO				
		DE ACORDO		INDIFERENTE		
		↓		↓		
				NÃO CONCORDO		
				↓		
				DISCORDO TOTALMENTE		
				↓		
1	- Os acontecimento da demissão do prof. Sílvio Dani serviram para os professores expressar as suas diferenças com os outros	[12]	[11]	[00]	[01]	[01]
2	- Os professores tiveram condições pessoais para expressar as suas diferenças com os outros durante esta crise	[07]	[14]	[01]	[01]	[01]
3	- Os professores tiveram oportunidades para expressar as suas diferenças com os outros durante a crise da demissão do prof. Sílvio Dani.	[10]	[12]	[01]	[01]	[00]
4	- Os professores expressarão melhor as suas diferenças com os outros depois desta crise:	[03]	[09]	[02]	[07]	[03]
5	- A expressão das diferenças com os outros serviu para os professores criar melhores condições para aos pontos que unem ao pontos iguais com os outros	[04]	[10]	[01]	[07]	[01]

[Bilhete anexado]

Antecipadamente agradeço a colaboração. Este trabalho acredita na tese geral que a ação educativa-escolar é um processo social consciente. Para haver esta consciência devemos ser capazes de expressar, especialmente por escrito, este processo educativos.

Círio Simon

Dos 24 professores que responderam, a média os trabalhava há [06] anos no colégio

Gráfico 14- Instrumento e resultados aplicado ao universo dos professores do Colégio Godói logo após a crise da deposição do Prof. Sílvio⁴¹

⁴¹ - O instrumento foi aplicado no dia 31 de novembro de 1984, ou seja um mês após a término da crise. O instrumento foi mimeografado numa única folha tamanho A4, e respondido no próprio e depois devolvido à direção de um dos três turnos da escola, onde foi recolhido pelo pesquisador.

Ano	mês	dia - Acontecimento	
1976	OUT	13 - Regimento outorgado do Grêmio dos Professores do Colégio GODÓI	
1977	OUT	03 – Professora Haidê A . Venzon empossado como diretor da Escola	
1978	NOV	14 – Eleição do presidente do Grêmio dos Professores com chapa opositora	
1979	MAR.	21 – representantes do CPERS enfatizam a sua representatividade	
	ABR.	05 – Início da greve do magistério estadual. 17 – Final da greve	
		JUL	- Prof. Paulo Lopes do Godói preso pela Polícia Federal.
	NOV	14 – Questionada no Godói a representatividade e eficácia sindical do CPERS. 19 – Proposta a eleição do diretor da Escola.	
Número de estudantes e professores do Colégio GODÓI: 1.622 estudantes e 180 professores.			
1980	ABR	16 – Clima tenso na escola com o prof. Paulo Sérgio Santos publicando poesias no quadro mural, provoca série de reuniões e atas do Grêmio dos Professores. 18 – O prof. Paulo Sérgio Santos é convocado pela SEC para explicar-se. 20 – O prof. Sérgio Paulo Santos é coagido pela SEC a aceitar a alteração de designação de escola.	
		AGO	27 – Inquérito administrativo do prof. Paulo Sérgio Santos
		SET	25 – Interrogatório do Prof. Paulo Sérgio Santos na Procuradoria Geral do Estado
	NOV	13 – O Grêmio dos Professores do Godói realiza eleição do seu presidente	
Número de estudantes e professores do Colégio GODÓI: 1.679 estudantes e 177 professores			
1981	MAR	10 – Audiência do processo do prof. Paulo Sérgio Santos	
	ABR	06 - Audiência do processo do prof. Paulo Sérgio Santos.	
	SET	16 – Três páginas das atas do Grêmio dos Professores relativas a uma reunião cujo tema era “ <i>eleição do Diretor da Escola</i> ”.	
Número de estudantes e professores do Colégio GODÓI: 1.534 estudantes e 170 professores			
1982	MAR	18 – Assembléia Gera do CPERS com a presença de 24.00 professores	
	ABR	21 – Denunciada a intervenção no CEPRS	
	DEZ	Aplicado a o instrumento-questionário da presente dissertação sobre a “ <i>Prática Democrática na Escola</i> ”.	

A PRÁTICA DEMOCRÁTICA na ESCOLA PÚBLICA ESTADUAL: estudo de caso da expressão das condições da prática democrática pelos professores do Colégio Estadual Cândido José de Godói – POA- RS – durante a Abertura Política Brasileira (1979-1985). Dissertação de Círio SIMON, defendida, na PUC-RS, no ano de 1986.

Número de estudantes e professores do Colégio GODÓI: 1.516 estudantes e 166 professores		
1983	MAR	13 – Os professores constatam com não existe nada definido em relação á eleição do diretor da escola
	ABR	12 – 14 e 19–Debates públicos com os candidatos ao cargo de diretor do Godói 27 – Eleição do prof. Sílvio Dani como Diretor do Colégio Est. Cândido Godói
	MAI	10 – Posse do prof. Sílvio Dani como diretor do Col. Est. Cândido J. de Godói
	NOV	– Atrito entre SEC e CEPRS em relação a um feriadão.
Número de estudantes e professores do Colégio GODÓI: 1.295 estudantes e 158 professores		
1984	JAN	Professores do Col. Godói participam do Congresso de Criciúma no qual morreu Teresa Noronha de acidente automobilístico
	AGO	07 – Dia de lutas 08 – Dia do apito
	SET	25 Demissão pela SEC do Prof. Sílvio Dani como diretor do Godói. Greve na Escola -Novo diretor imposto
	OUT	-05 – Cinco professores nomeados pela SEC dirigem o Colégio Esta. Cândido José de Godói. 12 – Final da greve Colégio Est. Cândido José de Godói. 24 – Instalada nova Comissão Eleitoral Colégio Est. Cândido José de Godói.
	NOV	06 – Eleição da lista tríplice para diretor do Colégio Est Cândido José de Godói. 14 – Eleição do presidente do Grêmio dos Professores
	DEZ	06 – Lista tríplice para diretor do Godói recusada pela SEC. 19 – Efetivada a vice–diretrora como diretora do Col. Est Cândido J de Godói.
Número de estudantes e professores do Colégio GODÓI: 1.653 estudantes e 148 professores		
1985	JAN	10 – Final do ano letivo de 1984 devido às greves
	MAI	10 – Início da greve geral do magistério público estadual.
	JUL	10 –. Final da greve geral do magistério público estadual
	SET	25 –Edital para eleição do diretor do Colégio Godói.
	OUT	20 – Eleição da lista tríplice para diretor do Colégio Godói
Número de estudantes e professores do Colégio GODÓI: 1.487 estudantes e 137 professores		
1986	JAN	10 – Empossada a profa. Rejane Leopoldina Prietto, eleita diretora do Godói no dia 20.10.1985.- Final do ano letivo de 1985 devido aos dias não letivos das greves de 1985

Gráfico 15 Quadro cronológico dos acontecimentos Colégio Estadual Cândido José de Godói ocorridos durante a Abertura Política Brasileira .

A PRÁTICA DEMOCRÁTICA na ESCOLA PÚBLICA ESTADUAL: estudo de caso da expressão das condições da prática democrática pelos professores do Colégio Estadual Cândido José de Godói – POA- RS – durante a Abertura Política Brasileira (1979-1985). Dissertação de Círio SIMON, defendida, na PUC-RS, no ano de 1986.

5. B.4.1 - CONCLUSÕES em relação aos TRÊS EPISÓDIOS

A presente pesquisa deseja analisar a história da escola no interior de um continuum maior que é Abertura Política Brasileira. A pesquisa empírica ganha corpo nas Atas do Grêmio dos Professores, num questionário, numa entrevista e em três episódios envolvendo três professores da escola. As ações de três professores homens, combatentes das trincheiras da democracia, tiveram irrestrito apoio das professoras mulheres que souberam manter acesa a busca da dignidade humana, coerente no continuum institucional. Elas denunciavam injustiças praticadas, não só contra as instituições e as pessoas, mas também no próprio grupo. Evidenciavam, no espaço público, toda e qualquer injustiça, e buscavam a dignidade humana continuada.

Em outras escolas talvez ocorreram fatos mais dramáticos. Contudo, no Colégio Godói, estes fatos encontraram articulação no interior de uma educação coletiva para expressar, interpretar e agir dentro de uma ação conseqüente e coerente com o real. As expressões claras das diferenças no espaço publico tornaram real a cultura intelectual.

Os eventos do Colégio Godói tornaram real a Abertura Política abstrata e onde o grupo dos professores, alunos e pais resolveram assumir verdadeiro sentido desta Abertura. Não a realizaram como aquela do Estado, que, apesar do seu discurso de distensão, de fato, prendia, transferia, edificava processos e inculcava medo com todos os instrumentos ideológicos de que dispunha. Esta escolha consciente dos professores foi clara e literalmente expressa por uma professora que disse “*acreditamos na abertura e não na repressão*”. Esta expressão ocorreu no meio do medo das ameaças de intervenção do governo, como as registradas na greve de 1982 (Atas fl. 84).

5. B.4.2 - PEQUENA HISTÓRIA do COLÉGIO ESTADUAL CÂNDIDO JOSÉ de GODÓI e a sua PREPARAÇÃO da PRÁTICA DEMOCRÁTICA.

A fundação da escola em 1954 prende-se a uma série de segmentos da classe média como sociedade bem definida. Estes segmentos representam a materialização de uma série de idéias separadas do povo como um todo.

O Colégio Estadual Cândido José de Godói destinava-se à formação feminina, na sua fundação. Desmembrado, em 1957, da Escola Normal 1º de Maio, ele manteve a especificidade feminina, apesar das evidências da excelência da co-educação de sexos fornecido pelo pedagogo Comenius, já no século XVII, na sua Didática Magna. O Colégio Godói guardou fisicamente esta característica até 1970, quando o curso noturno tornou-se misto. A direção da escola foi exclusivamente feminina, com uma interrupção, 04/1983 a 09/1984, com a direção do Prof. Sílvio Dani. Esta separação de sexos, está presente na marca afetiva, social e espiritual do seu carinhoso apelido '*Candinho*'.

Na sua vida administrativa entra em jogo uma série de entidades nitidamente marcadas pela construção de classes operárias e médias. Na própria Escola Normal 1º de Maio, lugar de origem, existe um forte componente de reprodução das classes média e operária. A classe alta não procura este caminho da profissionalização através do magistério. A classe pobre não dispõe de tempo e nem condições de manter na ociosidade, ao longo de um curso normal, um dos seus membros, da família, pois cedo começa a luta para subsistência em trabalhos humildes e braçais.

O Colégio Godói, ao se desvincular da escola normal, foi sustentado por uma série de instituições da classe média do Quarto Distrito⁴² de Porto Alegre. Inicialmente abrigou alunos, professores e funcionários na comunidade católica do Ginásio Navegantes (1956-1959). Depois na comunidade luterana do Ginásio da Paz (1959-1965).

A própria Associação dos Amigos do Quarto Distrito teve papel significativo neste apoio. A conquista mais concreta, foi à doação de um terreno de quase toda uma quadra urbana, ao Colégio. Esta conquista deve-se à Associação de Amigos do Quarto Distrito e

⁴² - Um designação de uma serie de bairros dos arrabaldes de Porto Alegre, formados por Navegantes, São Geraldo, Aeroporto e São João que ao longo do Estado Novo (1937-1945) estavam sob a vigilância da 4ª Delegacia do 4º Distrito da Delegacia Policial. Para o contexto social, econômico e econômica do 4º Distrito de Porto Alegre, ver a obra do senador

MONDIN, Guido. *Burgo sem água*: remiscências do 4º Distrito. Porto Alegre : FEPLAN, 1987, 188 p

que representou , em 1966, a cristalização de um movimento comunitário da classe média do bairro. Os seus professores eram recrutados na classe média. Aqueles que possuem algum poder de influência ou negociação não aceitam a designação para esta escola de um bairro obscuro, de trabalho e trânsito.

O nome da escola foi uma homenagem ao engenheiro Cândido José de Godoy (1858-1946) secretário das Obras Públicas e Finanças no Governo do Estado na época presidência do Estado (1908-1913) de Carlos Barbosa. Ele foi estudioso das obras dos Portos de Rio Grande e de Porto Alegre cuja construção iniciou no sua administração. Cândido José de Godoy foi professor da Escola de Engenharia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e professor do governador Ildo Menegheti de quem partiu a sugestão do nome do Colégio. Constata-se que um intelectual, que seguia um modelo erudito e nobre, teve o seu nome atribuído à uma escola situada num bairro popular. Este bairro destaca-se pela maior festa religiosa mais popular do Sul do Brasil: Nossa Senhora dos Navegantes celebrada no dia 02 de fevereiro.

Os alunos do Colégio Cândido José de Godói, vindos do bairro, de Guaíba ou das ilhas do delta, percebem na escola ainda um degrau de ascensão social. Frequentemente os seus estudantes são remanejados de outras escolas públicas de 2º grau, já lotadas. Nos três turnos em funcionamento em 1985, a metade dos seus estudantes estava matriculada no curso noturno. Este curso noturno foi criado em 1969 para atender os jovens estudantes trabalhadores de ambos os sexos.

A instituição não pode ser chamada exatamente democrática. Sua origem, sua história, suas classes mantenedoras, estão muito acima das condições dos seus alunos ou funcionários. Esta relação pode ser traduzida na expressão popular: '*o colégio dá educação*', entende-se como um produto pronto fornecido pelo colégio, pela direção e pelos seus professores. Estes produtos prontos estão muito longe dos processos de interação, defendidos como democracia na presente dissertação.

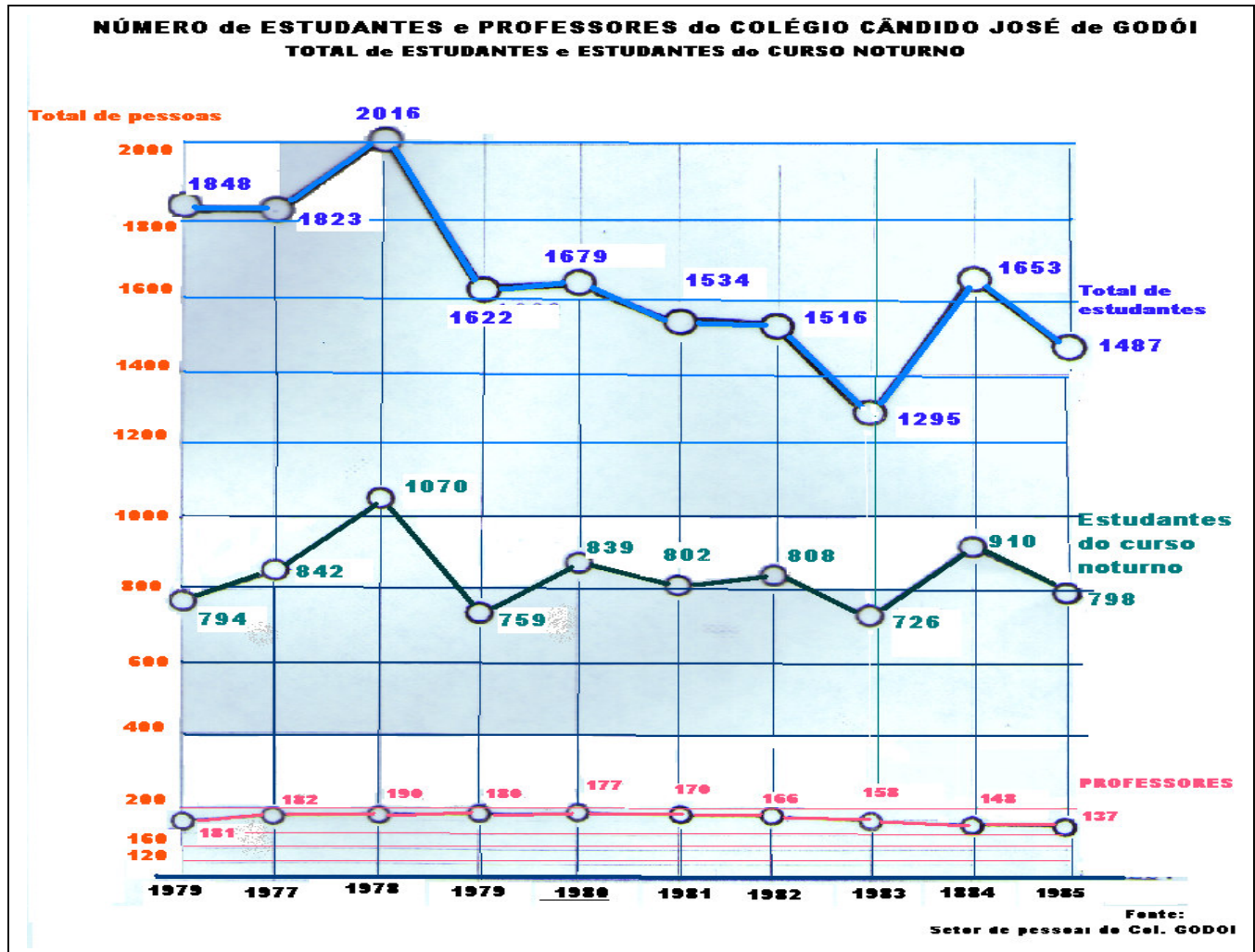


Gráfico 16 O número de alunos e professores do Colégio Estadual Cândido José de Godói durante o período de 1976 até 1985

A tese da democracia nunca foi defendida e jamais constou de um programa sistemático das disciplinas do Colégio Godói, e muito menos na sua prática institucional. Esta exclusão, em toda estrutura escolar e da implementação da tese da democracia em todas as disciplinas escolares, tornou-se mais evidente ao consultar os famosos manuais da época de Organização Social e Política Brasileira ou de Moral e Cívica.

A história do Colégio Godói confunde-se praticamente com a história do golpe de 1964, dado que foi fundada em 1957. O período de 1957 até 1964 corresponde à época da manutenção da escola pelos diversos segmentos da comunidade. Depois de 1964, o

Estado, num gesto paternalista, assumiu a responsabilidade de manter o maior número possível de estabelecimentos de ensino sem cuidar da qualidade do ensino ali desenvolvido. A participação popular ficou restrita ao mínimo, ou seja os famosos carnês cobrados na escola em nome da Associação de Pais e Mestres (APM). Este pagamento não implica em participação política, ao contrário, constrange os que não podem pagar e, para aqueles que o pagam, geram o sentimento ter comprado o produto oferecido pela escola.

5.C - DADOS relativos aos PROFESSORES do COLÉGIO ESTADUAL CÂNDIDO JOSÉ de GODÓI ao longo a ABERTURA POLÍTICA BRASILEIRA.

A seguir enfocam-se alguns dados colhidos num instrumento de pesquisa⁴³ que precedeu um questionário, criado e aplicado especificamente para a presente dissertação. A construção, a pesquisa e a interpretação deste instrumento obedece ao modelo teórico no qual o professor ocupa um papel central pelo fato de ele ser ao agente ativo e o orientador do processo da prática democrática na escola

Devido a este papel primordial do docente, a presente pesquisa deixa de lado o OUTRO, representado pela macro-política, o ambiente educação e a própria unidade escolar. A atenção volta-se ao EU do professor que expressa a si mesmo, a sua profissão e o seu EU como agente ativo na sua classe.

5.C.1 – O professor num questionário em relação a si mesmo.

5.C.1.1 - Maturidade somática: idade dos professores.

Um dos dados que se tornaram aqui essenciais em relação à democracia, é a maturidade somática. Esta maturação, dentro de uma cultura, leva a assumir também comportamentos maduros e coerentes devido aos quais o adulto consegue doar-se mais, do que receber dos OUTROS.

A PRÁTICA DEMOCRÁTICA na ESCOLA PÚBLICA ESTADUAL: estudo de caso da expressão das condições da prática democrática pelos professores do Colégio Estadual Cândido José de Godói – POA- RS – durante a Abertura Política Brasileira (1979-1985). Dissertação de Círio SIMON, defendida, na PUC-RS, no ano de 1986.

Os 44 professores, que responderam este item, na média possuíam a idade de 36 anos e seis meses. A soma das idades dos 44 docentes foi de 1608 anos.

Considerando a expectativa média da vida no Rio Grande do Sul de 70 anos pode-se dizer com o poeta, que se surpreendeu os professores '*no meio caminho da vida*' e, como tais, no auge de sua produção e capacidade de trabalho físico e mental

5.C.1.2 - As mulheres predominam também na escola de 2° grau:

Dos que responderam este dado, 31 eram mulheres ou seja 67,3%, enquanto 15 eram homens, seja 32,6%.

Mesmo assim este número constitui uma presença masculina relativamente alta, pois, em geral, o homem desenvolve as atividades e está mais ligado a disciplinas escolares que exigem mais presença continuada e persistente.

5.C.1.3 - Mais casados do que solteiros:

O quadro familiar, revela que dos 43 professores que responderam este item, 23 ou 54% eram casados. Solteiros havia 15 ou 34,8%. Cinco (5) estavam em outra situação, ou seja 11,6%. Num grupo a faixa etária média de 36 anos, há possibilidade de verificar aqui condições econômicas desfavoráveis ou culturais pelo envolvimento muito longo da formação de um docente e o trabalho continuado e desgastante desta profissão.

O dado econômico também é ressaltado pelo baixo número de filhos entre daqueles que declararam tê-los.

5.C.1.4 - Os filhos:

Entre os 24 professores havia 53 filhos que declaram tê-los. Uma média de 2,2 por pessoa. Cinco (5) declaram ter um único filho, dez (10) tem dois (2) filhos, 8 (oito) tem três filhos. Houve único caso que declarou ter quatro (4) filhos.

Estes índices nos revelam um número relativamente baixo de filhos, comparado com o dado de que a família de origem do professor possuía quatro (4) filhos na média, perguntado em outro item. Este índice pode revelar, não só a pouca segurança

⁴³ - Ver anexo 8.1, folha 345 e seguintes.

econômica da família do professor, mas o controle consciente exercido sobre a natalidade.

5.C.1.5 - O casal trabalha:

Um índice que poderia ser considerado significativo é que, de todos os professores casados, cem por cento (100%) deles, ambos os dois trabalham. A pesquisa localizou 23 casais e os 23 casais declaram que o cônjuge tem profissão. Este consorte tinha 16 profissões diferentes. Em 30% dos casos dos casos o consorte também é professor. É certo que a pergunta não foi feita no sentido daquilo em que o consorte trabalha, mas no sentido de ter uma profissão.

5.C.1.6 - Quem sustenta a casa:

Dos 40 professores que responderam este item, onze (11) deles, ou seja 27,5%, possuem sozinhos este encargo e são os únicos arrimos da casa. Enquanto vinte e nove (29) ou seja 72,5% não tem este encargo sozinho. Entre os onze (11) que são o único arrimo da casa, seis (6), ou seja 54,5% são solteiros. Estes dados reforçam o anterior, mostrando, que em geral os dois trabalham, quando é casal. Os dois, não só possuem profissão, mas trabalham efetivamente.

Verifica-se que existe maturidade em direção da democracia , se jogarmos este dado rumo à presente dissertação. Especialmente se levarmos os dados no sentido, quando sabemos que a mulher estava, até recentemente, dedicada quase exclusivamente ao lar. O magistério foi uma das primeiras áreas de autonomia da mulher. Como a autonomia é especialmente econômica, na cultura atual, entre as mulheres (67,3%) nos dão um exemplo desta autonomia. Esta autonomia não significa isolamento, pois valores econômicos são repartidos no lar com o consorte.

Abre-se aqui um espaço para a pesquisa da '*democracia econômica*' possível ao professor, focando as relações no lar, especialmente da mulher, onde ela não se sente inútil economicamente.

5.C.1.7 - A casa e carro próprios do professor:

A independência econômica pode ser avaliada a partir da posse da casa própria propiciando um lugar de autonomia para o professor. Dos 48 professores, que forneceram dados, 33 tinham casa própria, seja 68,7%. Enquanto 74,4% possui carro próprio.

Um dado que impressiona ao cruzar o tempo de trabalho no magistério consta-se que o número de anos de magistério não influi tanto quanto se esperava. Assim existem casos de professores de vinte e um (21) anos de exercício de magistério e que não tem casa própria. Como também professores sem condução e com o mesmo tempo de magistério. A conclusão que se chega que neste sistema econômico não existe equilíbrio entre o trabalho individual e o capital.

5.C.2 – O PROFESSOR expressa a sua relação com a sua FORMAÇÃO:**5.C.2.1 - a formação do professor:**

A totalidade dos entrevistados concluiu o terceiro grau. Este nível de formação acadêmica foi atingido há 8,29 anos na média. Os extremos destas datas são aqueles que concluíram o seu cursos superior a vinte nove (29) anos e um ano (1983).

O tipo de formação de terceiro grau se estende por (dezessete) 17 modalidades diferentes. O maior número, onze (11), se formou em Letras e quatro (4) em Matemática. Vinte e cinco (25) dos quarenta e nove (49) que responderam este item realizaram algum tipo de programa de pós-graduação, ultrapassando 50% dos entrevistados. Existem para estes vinte e cinco (25) especialistas, dezoito (18) especializações diferentes. O maior número, três (3) fizeram Orientação Educacional, dois (2), Educação Pré-Escolar.

Apenas um dos entrevistados concluiu o Mestrado. Seis (6) professores tinham outra formação ,além do 3º grau ou duas faculdades.

5.C.2.2 - Constelações familiares de origem:

A família de origem do professor contava quatro (4) filhos, na média. Este dado se contrapõe aos 2,2 filhos dos atuais casais. No número de filhos da família de origem, os extremos são de quinze (15), contra os quatro (4) filhos únicos, existentes no grupo

entrevistado. São primogênitos na família, quatorze (14) dos quarenta e sete (47) professores. Entre os caçulas só há um (1) caso em cinco (5) irmãos, um (1) caso com quatro (4) irmãos e um (1) caso três (3) irmãos. Para a presente dissertação talvez possa explicar a vocação a liderança necessária ao professor no processo de ensino num exercício da liderança necessária como primogênitos. Assim no universo os 30% de primogênitos constitui um índice nesta direção construída no predomínio etário na família de origem, a média de quatro filhos.

5.C.2.3 - O professor para isto: o professor voltado para o seu universo específico – sala de aula.

A sala de aula é a atividade principal do professor. Mas ele assume o seu papel sem grande convicção, ou, até, chance para fazê-lo. Dos quarenta e oito (48) professores que forneceram dados, vinte e sete (27) estavam com sala de aula e vinte e sete (27) estavam desempenhando só funções técnicas e administrativas. Nove (9) professores de sala de aula também estavam com serviço, sobrepondo as duas atividades.

A anomalia da metade do universo do magistério estar em desvio de função, se reflete numa diferença entre professores. Esta diferença nem sempre é bem assimilada por não ser debatida abertamente esta distribuição de tarefas.

5.C.2.4 - A quantidade de tempo na escola:

Dos quarenta e oito (48) que responderam a questão, vinte e seis (26) ou seja (56,5%) tinham quarenta e quatro (44) horas na escola por semana. Dois tinham trinta e duas (32) horas (4%). Dezesesseis (16), ou seja (33,3%), deles tinham vinte e duas (22) horas. Professores contratados havia quatro (4), ou seja (8%) dos que responderam.

O tempo que o professor dedica a escola parece ser um dos fatores de interação na escola e o lugar desta interação. No tempo de sua vida, passado na escola, o professor reforça a segurança nos contatos e nas relações humanas, tornando-o agente ativo no processo educativo. Este tempo passado na escola, reforça a auto-imagem profissional.

5.C.2.5 - O número de turmas:

O mesmo princípio de interação e segurança funciona quanto ao número de turmas de alunos que o professor possui. Entre os vinte e nove (29) professores, que declararam

ter turmas cada um possui 6,5 turmas, na média. Há dois (2) professores que lecionavam para 13 turmas. Enquanto um (1) professor tinha apenas uma (1) turma.

Dos que tinham turma, vinte e um (21) professores sentiam-se capazes de conduzir o processo educativo. Apenas 6 (seis) sentiam-se parcialmente capazes. Dos que não tinham turma, onze (11) sentiam-se capazes e cinco (5) parcialmente.

O pesquisador, diante deste empate, não pode concluir, se pelo fato de um professor estar fora da sala de aula, ele se sente mais inseguro ou se afasta da sala de aula porque ele está inseguro. O exercício permanente de negociação das diferenças, com os seus semelhantes, parece ser o ponto de segurança em relação com a ação profissional. Não possui este exercício, quem está afastado da sala de aula.

5.C.2.6 - O professor trabalha em vários lugares:

A dedicação exclusiva a uma única escola parece ser uma realidade na escola estadual. É um dado que surpreende e necessitaria ulteriores verificações.

Dos 49 professores, apenas quinze (15) trabalhavam em outra escola. Destes 15 (quinze), sete (7) trabalhavam em mais duas escolas e oito (8) em apenas uma outra escola. O número dos professores que exercem o magistério como 'bico', também não é tão expressivo, assim quinze (15) exercem outra profissão remunerada que não seja o magistério. Destes professores que exercem outra profissão produtiva, apenas cinco (5) trabalham em outra escola.

Com estes dados pode-se afirmar ser um exagero a afirmação que a totalidade dos professores trabalham em vários lugares.

5.C.2.7 - O tempo de magistério e o número de anos no Colégio Godói.

Os professores entrevistados estavam no meio do caminho profissional. Se para a mulher a aposentadoria é aos vinte e cinco (25) anos e para o homem trinta (30) anos, a média de 13,18 anos de magistério representa este ponto médio da carreira.

Pela média de 6,38 anos no Colégio Godói pode-se concluir que o professor não possui, em geral, grande estabilidade nesta escola. A média de 6,38 anos na escola, não é muito alta para uma escola que em 1983 tinha uma história de vinte e seis (26) anos, idade da aposentadoria da mulher e para os homens faltando quatro (4) anos.

Entre os professores que responderam, há um caso de um professor com mais de 30 anos de serviço no magistério. Existem dois (2) que estão a mais de vinte na casa. Nove (9) dos professores a permanência era de mais do que dez (10) anos, oito (08) professores estavam na faixa de mais de vinte anos, dezenove (19) com dez (10) a vinte (20) anos.

5.C.2.8 - Tempo por semana na escola:

O tempo de permanência real na escola por semana, dos professores que possuem o contrato de quarenta e quatro (44) horas, era integralmente cumprida por sete (7) dos trinta e um (31) que declararam possuir contratualmente esta carga horária.

Entre todos os tipos de planos de carga horária, a permanência efetiva na escola era na média de é de 27,97 horas.

A permanência na escola é fator decisivo em termos de amadurecimento democrático. O amadurecimento social da pessoa e da classe depende da criação de um tempo e de um espaço para isto possa acontecer. A negociação, a articulação e assimilação do diferente pessoal necessitam deste tempo e espaço condicionante.

5.C.2.9 - A expressão da capacidade para conduzir o processo educativo:

Dos trinta e dois (32) professores que se disseram capazes de conduzir o processo educativo, treze (13) acham que são parcialmente capazes de conduzi-lo.

Estes professores que se julgam parcialmente capazes possuem onze vírgula nove (11,9) anos de magistério contra treze vírgula dezoito 1(3,18) anos do total, tem cinco vírgula seis (5,6) anos na média de colégio contra seis vírgula três (6,3) dos outros.

Este dado reforça a hipótese da presente dissertação de que é no exercício do magistério, provém a segurança no processo educativo.

5.C.2.10 – A escola como lugar de crescimento profissional:

Dos quarenta e nove (49) professores, que opinaram neste item, trinta e oito (38) consideram o colégio como lugar de crescimento profissional e onze (11) acham que não.

Assim setenta e set por cento (77%) da população diz que melhora no próprio exercício profissional. Concordam assim, de certa forma, com a Didática Magna de

Comenius, de que *'só se aprende definitivamente para toda a vida, ensinando, devia-se pagar para ter discípulos...'* (citado livremente).

5.C.2.11 - Adversidade como estímulo profissional:

Para Theilhard de Chardin *'a consciência salta ou nasce pela compressão cultural'*. O professor parece adotar posição semelhante quando as dificuldades o acordam para a consciência profissional. Assim quarenta e quatro (44) dos professores concordam que a adversidade estimula o profissional, dos cinquenta (50) professores entrevistados. Apenas seis (6) não concordam.

O pesquisador não pode ficar indiferente ao alto índice de oitenta e oito por cento (88%), dos que concordam que a adversidade estimula o desempenho profissional. Biológica e culturalmente as condições totalmente favoráveis conduzem a entropia e autodestruição. Democracia oferece, para cada instante, este desafio por se constituir num processo de recriação permanente. Sociedades democráticas progridem na medida sentem este desafio, e conseguem articular estas diferenças. A democracia constitui a liberdade para aceitar desafios. O desenvolvimento é realizado historicamente pelo o repto e a sua réplica, segundo Toynbee. Filosoficamente a tese, antítese e a síntese. O inimigo interno, externo, real ou imaginário mobilizam politicamente para a idéia de luta e de toda a ação coletiva.

Os professores que expressam o significado do obstáculo, como forma de estímulo para a consciência profissional, são oitenta e oito por cento (88%) dos que responderam ao questionário, representando um ponto de convergência que deveria ser articulado e repensado. Caberia aqui uma pergunta crucial:

- Como as experiências e conhecimentos do professor correspondem às necessidades reais de uma escola?

O limite de consciência profissional do docente atinge aqui também um bom índice. Assim trinta e sete (37) entre quarenta e oito (48) professores acham que correspondem as necessidades da escola, enquanto onze (11) acham que não correspondem. O índice de setenta e sete por cento (77%) é significativo na expressão positiva desta auto-imagem favorável.

5.C.2.12 - A ajuda à escola:

A auto-imagem do docente torna-se ainda mais enfático e favorável quando noventa e sete vírgula sete por cento (97,9%) dos professores afirmam serem capazes de ajudar a escola. Esta vontade de ajuda institucional não significa em que ponto específico o professor julga-se capaz e competente nesta ajuda à escola.

A conclusão que o pesquisador chega é que esta vontade individual poderá ser vetorizado para a ajuda do docente em direção aos projetos expressos coletivamente e onde a negociação das diferenças poderá ser um canal adequado. Impõe-se aqui um projeto vetorizado para a prática democrática.

5.C.2.13 – O senso crítico individual é imprescindível:

Quando o professor assinala a opção de que concorda plenamente que *'muita coisa que se propõe ao professor como dever, deve ser analisado antes pelo professor'*. A presente pesquisa atinge o clímax do consenso quando noventa e sete vírgula nove por cento (97,9%) concordam. Dos quarenta e oito (48) professores que responderam a questão, se mantém esta unanimidade quarenta e sete (47) acham que devem analisar antes. Aqui está um dos pontos centrais da democracia: a interação **antes, durante e depois** da ação. Nesta interação **antes, durante e depois** da ação o processo social é mais lento no todo, porém muito mais seguro. Os administradores necessitam incluir nos seus projetos este tempo de negociação da interação **antes, durante e depois** da ação.

Exige-se um agudo senso crítico para vislumbrar o **antes**, o **durante** e o **depois** da ação. Se este agudo sendo crítico é importante de um lado, a análise do **antes, durante e depois** da ação, necessita ser usado como ferramenta de trabalho para o bem coletivo e contínuo deste bem. Ninguém promove o senso crítico como um fim em si mesmo. A fonte de sua energia, o parâmetro deste senso crítico e de sua ação necessitam provir da valorização do ser humano e de sua cultura.

Qualquer indivíduo, ou coletivamente, que se queira democrática necessita de um projeto permanente no qual esteja incluído este senso crítico do **antes, durante e depois** da ação. Este senso crítico, revela a maturidade somática, a emocional e a cultural e exige permanente atualização pessoal e coletivo.

5.C.2.14 - O professor para nós: a prática do esporte

Apenas dezenove (19) dos quarenta e nove (49) professores que responderam, praticam algum tipo de esporte. Portanto apenas 38,7% do universo tem esta iniciativa. Dos que praticam o esporte temos a soma sessenta e três (63) horas semanais o que significa 3,3 horas para cada um dos dezenove (19) professores que declararam fazê-lo. O máximo é feito por três professores que praticam sete (7) horas semanais.

Se for lembrado o adágio '*mente sadia em corpo sadio*' o professor esta mal. Para a presente pesquisa também representa a pouca sociabilidade do professor para além dos muros da instituição escolar e portanto limites da sua atividade como cidadão democrático. O fato deste pouca atividade pode indicar fortes restrições econômicas no uso do seu tempo e que deve ser vetorizado para a atividade profissional.

5.C.2.15 - Lazer e atividade social recreativa semanal

Um treinamento constante para a democracia é realizado através do contato social. Há 32 professores dos 49, que declararam ter horas de lazer e recreação. No total são 434 horas divididas entre 32 o que dá 13h30min semanais para cada um. Comparado com as 27h50min de trabalho na escola, as 13h30min oferecem um contraponto ideal para o equilíbrio sadio.

5.C.2.16 - O estudo individual e a formação permanente do professor

A soma de tempo é de quatrocentas (400) horas semanais que os trinta e oito (38) professores dedicam aos estudos. Isto nos dá aproximadamente dez(10) horas e trinta minutos (30) por professor. Menos do que as horas de lazer. Somando o tempo que os professores dedicam ao trabalho na escola as horas de estudos, temos aproximadamente às quarenta (40) horas de trabalho legal de qualquer profissional.

Infelizmente esta atividade não é evidenciada, não aparece publicamente e não recebe um efetivo apoio institucional. No entanto é indispensável: a velocidade das mudanças e o acúmulo de informações em que cada área e disciplina escolar se desdobram, precisa muito mais do que dez horas semanais. Cada disciplina escolar recebe e se espraia amplamente sobre outras disciplinas. Isto faz com que o professor

hoje necessite dominar cada vez mais amplamente os conhecimentos que lhe competem ao colocar no devido contexto a parcela que lhe cabem no contexto educativo.

5.C.2.17 - A prática religiosa

Foi solicitado no questionário alguns dados sobre a prática social de alguma religião o que respondido por quarenta e nove (49) professores. Quase a metade, ou seja vinte e um (21) mantém a prática religiosa coletiva semanal. O seu percentual se fixa em quarenta e dois vírgula oito (42,8%) dos que responderam a questão. O total desta pratica é de trinta e seis (36) horas, o que dá uma hora vírgula sete (1,7) horas semanais de praticas coletivas de uma forma de religião.

O pesquisador percebe que a crença e a prática religiosa coletiva, tanto pode alienar através da transcendência absoluta, como pode aproximar um diálogo e tentar negociar as diferenças. A maior semelhança entre Religião e Democracia é que ambas não são materializáveis de uma forma definitiva e absoluta. A crença na eficácia futura arranca o indivíduo do imediatismo e dá um tempo para o amadurecimento do processo interativo.

5.C.3 – O PROFESSOR expressa a sua relação com a sua CLASSE:

5.C.3.1 - As entidades de classe o Centro de Professores do Rio Grande do Sul – CPERS

Uma das entidades que ganhou maior prestígio, não só no meio da classe do magistério, mas diante de toda a sociedade gaúcha é o CPERS. Dos quarenta e nove (49) professores entrevistados, trinta e oito (38) se declaram pertencer ao CPERS. O prestígio da classe apóia-se em setenta e sete por cento (77%) dos professores, se considerarmos a amostra que respondeu.

O apoio dos professores nesta instituição confere mais força de manobra e que foi amplamente usado de uma forma exemplar durante os episódios da Abertura Política. Constitui-se assim num instrumento no qual o indivíduo professor (EU) pode conferir e adaptar as suas diferenças com os seus semelhantes (OUTRO).

5.C.3.2 - A confederação dos Professores do Brasil – CPB

A adesão à entidade nacional atinge apenas sete (7) ou seja quatorze por cento (14%) dos professores entrevistados. No plano nacional, desarticulação das vontades é

constitui um grande problema quando um dos maiores objetivos se articular e interagir com todo o sistema. Contudo este desejo de articulação nacional tem o seu grande obstáculo na visão de instituições longínquas do centro hegemônico e impessoais quando não existe uma forte representatividade coletiva.

5.C.3.3 - O Sindicato dos Professores do RS – SINPRO

A entidade que congrega os professores particulares possui seis (6) integrantes no meio da amostra.

No atual sistema, o sindicalizado brasileiro goza mais dos favores do sistema do que a mobilização das vontades. No momento do contrato de trabalho do professor, quase anual, é possível realizar o controle de uma forma direta e pessoal sem a intermediação efetiva do sindicato. Os vínculos empregatícios não se podem comparar ao sistema público e deixa pouca margem a afirmação de uma entidade independente de negociações da classe. A própria fragilidade das instituições educativas, que vivem precariamente de sobras e sob permanente ameaça de uma base legal outorgada e concedida, colaboram para desprestigiar o papel sindical dos seus professores.

5.C.3.4 - O Clube do Professor Gaúcho

O professor teve um grande sonho em construir o seu clube. Um número expressivo aderiu a este sonho. Dos quarenta e nove (49) professores entrevistados, dezessete (17) são associados a este clube ou seja trinta e quatro por cento (34%). Evidenciou-se, neste gesto, a vontade de materializar uma classe a partir do trabalho comum.

5.C.3.5 - Outras entidades de classe

Nove (9) professores declaram pertencer a outras entidades de classe. São diversos e algumas mais integradas na classe dos trabalhadores como a CUT, MUTE...

5.C.3.6 - Atividades Políticas

Colocado frente à Abertura Política, o professor não acredita na atividade partidária política. Apenas dez (10) em quarenta e nove (49), participam na

atividade de um partido político. Enquanto trinta e sete (37) respondem negativamente. Não se omitem, mas declaram nitidamente que **não** participam.

Esta contradição pode ser explicada por motivos variados, mas conduz, de qualquer forma a uma alienação onde qualquer solução política dada por qualquer um, é boa, válida e aceitável para o professor.

Não é o indivíduo, mas é o sistema que deve ser salvo. Isto conduz ao terrível totalitarismo atual, denunciado amplamente por Lefort (1983). Muito além do clássico '*EU sou o Estado*' hoje reboa '*NÓS somos o Estado*'. Os nossos governantes estão fazendo crer que tudo pode ser feito em nome deste '*NÓS somos o Estado*'.

Se o professor diz, num item anterior, que as ordens devem ser examinadas antes de ser cumpridas, ele abdica de um espaço político para projetar as suas análises pessoais. Com esta concepção ele abdica de um instrumento para articular as suas diferenças e conseguir passar do diferente para o igual.

O '*Estatuto do Magistério*' veda, logicamente, o uso do cargo público e, em nome deste cargo, o exercício da atividade política. Isto não impede que o indivíduo declare e divulgue as suas posições sociais e definidas. Este exercício da integridade intelectual é essencial para a saúde do próprio Estado, entendido como artefato humano voluntariamente construído, evitando avassalar a riqueza e a reserva de energia moral que representa o indivíduo para o sistema.

5.C.3.7 - O partido político

A contradição torna-se flagrante, quando se constata que 20% dos professores tem atividade política, mas cinquenta e um por cento (51%) tem partido político. O mesmo formalismo, denunciado por Sander (1972) na escola, também está presente na macro-sociedade. Neste formalismo o partido político ganha apenas significado formal, perdendo sua essência social e humana. A própria falta de definição da sociedade brasileira leva a este formalismo.

De quarenta e oito (48) professores, vinte e cinco (25) declaram ter partido político definido enquanto vinte e três (23) afirmaram não tê-lo. Com a negação de oitenta por

cento (80%) da atividade política no item anterior, existe uma minoria de professores ativos politicamente.

Pode-se afirmar que existe o corpo político, mas não existe a vida política.

Síntese Geral da pesquisa dos

dados colhidos num instrumento que perguntava em relação à CLASSE, aos DIREITOS, à DEMOCRACIA e a ABERTURA POLÍTICA criado e aplicado especificamente para a presente dissertação e que precedeu o questionário,:

A – Existe classe entre professores e alunos?

Um dado objetivo é reconhecido por 41 professores, 83,6% contra 8 ou seja 16,3%, de que existem classes entre professores e alunos. Entendem-se classes como subdivisões internas e contrárias dentro de uma macro classe.

Este dado é ligado serialmente ao seguinte.

B – Todos tem direitos iguais?

A maioria, 27 professores ou seja 55,1%, acham que não, enquanto que 22 professores acham que sim. Todos têm direitos iguais levou 44,8% dos votos.

C – o relacionamento é democrático?

A negação deste relacionamento democrático torna-se enfático e contundente. Apenas 13 professores ou seja 27,5%, acham que existe relacionamento democrático. mas 35 professores, ou seja 72,9%, acham que não existe relacionamento democrático.

D – A prática democrática existiu durante a Abertura Política?

Torna-se gritante e irrefutável a negação do relacionamento democrático, se o circunscrevermos a um tempo definido como a Abertura Política Brasileira.

Apenas 10 contra 36 defendem que se deu este relacionamento democrático durante a Abertura Política. Os 78,2%, que negam esta relação democrática durante este tempo, evidenciam que existiram fatos concretos que apóiam a sua afirmação.

Análise dos dados seriais A – B – C – D.

A dissertação possui, até este momento, dados significativos para compreender ‘a competência para o professor expressar as diferenças’ na busca de uma peça única. É possível registrar, ao longo da Abertura Política, uma progressão das afirmações. Esta progressão passa por expressões que evidenciam uma consciência da existência de classe na escola, de direitos iguais e no final ele expressa a consciência de um necessário relacionamento, que pode ser interpretada, como prática democrático.

A constatação que o professor faz, afirmando que não existe o relacionamento democrático durante a Abertura Política setenta e oito vírgula dois por cento (78,2%) a isto, Invertendo a ordem de análise, evidencia que existem diferenças no mundo real do comportamento das pessoas.

Com os setenta e dois vírgula nove por cento (72,9%) dos entrevistados afirmando não existir relacionamento democrático na escola, nos damos conta da consciência que o professor possui do problema e que sabe evidenciá-lo.

A contradição flagrante entre o EU e o OUTRO

A contundência da contradição chega ao absoluto quando o EU do professor se apresenta preparado para a Abertura Política e os outros não.

De quarenta e seis (46), que responderam a questão: ‘*Eu me sentia preparado para viver democraticamente na escola, mesmo antes da Abertura Política*’, trinta e sete (37) professores, ou seja oitenta vírgula quatro por cento (80,4%), responderam que estavam preparados.

De quarenta e seis (46) que responderam a questão: ‘*Senti na maioria dos professores que estavam preparados para a Abertura Política quando ela começou*’ trinta e quatro (34) afirmam que os professores – OUTROS – **não** estavam.

Esta contradição, não só dificulta a interação, mas retém todo o processo da Abertura Política para o OUTRO. O professor expressa e absolutiza: O EU está preparado. O OUTRO não está preparado.

5.C.4 – Análise dos dados colhidos num questionário, criado e aplicado com base na escala LICKERT.

A pesquisa analisará, a seguir, vinte e quatro (24) perguntas, do total das quarenta e oito (48) formuladas. Estas quarenta e oito (48) questões foram respondidas por cinquenta e seis (56) pessoas e devolvidos ao pesquisador. Cada uma das quarenta e oito (48) questões tinha uma formulação positiva e uma outra simétrica, com formulação negativa e colocada na grade das questões afastada da positiva. Para análise escolheu-se apenas as perguntas formuladas de uma maneira **negativa** o que fornecia para análise vinte e quatro (24) perguntas. As de formulação positiva foram desconsideradas para análise e serviram de despiste ou como placebo. O foco desta análise das questões foi para fazer corresponder às mesmas perguntas que haviam sido lançadas na teoria da democracia.

Na soma das perguntas **negativas**, ou aquelas formuladas para que o respondente entrevistado se posicionasse contrário, o coeficiente alfa, na escala Lickert, correspondeu a 0,8946. Das vinte e quatro (24) formuladas positivas, ou aquelas para as quais o entrevistado se posicionasse **a favor**, em geral, não tiveram uma resposta tão absoluta, ainda que o coeficiente alfa fosse de 0,8555 na escala Lickert(Gráfico 18). Mas o coeficiente de **correlação** entre as **perguntas positivas e negativas** foi de 0,068 na escala Lickert⁴⁴.

. Esta baixo coeficiente de **correlação** geral, leva o pesquisador, por mais uma razão, empreender a análise de cada questão negativa avulsa e colocá-la ao lado sem registrar os índices da pergunta positiva original.

A análise do questionário, que segue, constitui apenas um instante no tempo e no espaço da presente pesquisa. Este instante no tempo, terá um contínuo maior na pesquisa nas Atas do Grêmio dos Professores que também serão consideradas na teoria da democracia. A leitura das Atas seguirá as mesmas questões e seu ordenamento de análise, conforme quadro teórico sintético (Gráfico 17): Este quadro, apresentado a seguir, deverá estar ao alcance dos olhos e da mente do leitor deste texto.

⁴⁴ - Ver Gráfico n° 19, o questionário e a sua codificação no anexo 8.1 nas folhas 345-354

○ PROFESSOR EXPRESSA:												
○ OUTRO												
○ EU												
B . A SOCIEDADE em MOVIMENTO na ABERTURA POLÍTICA BRASILEIRA												
C - a AUTO-IMAGEM												
D o EU no INTERIOR de sua CLASSE												
B . 1- na MACRO-POLÍTICA												
B . 2 no AMBIENTE ESCOLAR												
B . 3 na UNIDADE ESCOLAR												
C . 1 a si MESMO												
C . 2 a sua PROFISSÃO												
DEMOCRACIA A . 1 EQUILÍBRIO entre o EU e o TU	A.1 ⁴⁵	B.1	A.1	B.2	A.1	B.3	A.1	C.1.1	A.1	C.2.1	A.1	D.1
	<u>INFORMAÇÃO</u> como <u>EQUILÍBRIO</u>		<u>EQUILÍBRIO DINÂMICO</u> na <u>EDUCAÇÃO</u>		<u>A ESCOLA LUGAR</u> de <u>EQUILÍBRIO</u> entre o <u>EU</u> e o <u>OUTRO</u>		<u>PROFESSOR DIANTE</u> de si <u>MESMO</u>		<u>PROFESSOR DIANTE</u> do <u>OUTRO</u>		<u>EXPRESSÃO</u> da <u>CLASSE</u> do <u>OUTRO</u>	
	a1 ⁴⁶	b.1	a 1	b.2	a 1	b.3	a 1	c.1.1	a 1	c.2.1	a 1	d.1
A . 2 MATURAÇÃO da PESSOA HUMANA AUTONOMIA	A.2	B.1	A.2	B.2	A.2	B.3	A.1	C.1.2.	A.2	C.2.2	A.2	D.2
	<u>MUDANÇAS</u> na <u>MACRO-POLÍTICA</u> como <u>AUTONOMIA</u>		<u>MUDANÇAS</u> na <u>EDUCAÇÃO</u>		<u>ESCOLHA</u> de um <u>CENTRO</u> de <u>AUTONOMIA</u>		<u>PROCESSO</u> de <u>AUTONOMIA SOMÁTICA</u>		<u>CONSCIÊNCIA</u> <u>PROFISSIONAL</u> como <u>UTONOMIA</u>		<u>CONSCIÊNCIA</u> de <u>CLASSE</u> como <u>AUTONOMIA</u>	
	A 2	b.1	a 2	b.2	a 2	b.3	a 2	c.1.2	a 2	c.2.2	a 2	d.2
A . 3 INTERAÇÃO entre PESSOA HUMANA e SOCIEDADE	A.3	B.1	A.3	B.2	A.3	B.3	A.3	C.1.3	A.3	C.2.3	A.3	D.3
	<u>ABERTURA</u> <u>POLÍTICA</u> como <u>INTERAÇÃO</u>		<u>MUDANÇAS</u> <u>EDUCATIVAS</u> e a <u>SOCIEDADE</u>		<u>LEGITIMAÇÃO</u> na <u>ESCOLA</u> e a <u>JUSTIÇA</u>		<u>AUTO-IMAGEM</u> <u>EXPRESSA</u> como <u>INTERAÇÃO</u>		<u>PROFISSÃO</u> como <u>INTERAÇÃO</u>		<u>CLASSE</u> como <u>INTERAÇÃO</u>	
	A 3	b.1	a 3	b.2	a 3	b.3	a 3	c.1.3	a 3	c.2.2	a 3	d.3
A . 4 MATURAÇÃO da SOCIEDADE Rumo à AUTORIDADE	A.4	B.1	A.4	B.2	A.4	B.3	A.4	C.1.4	A.4	C.2.4	A.4	D.4
	<u>ABERTURA</u> <u>POLÍTICA</u> e a <u>AUTORIDADE</u>		<u>MUDANÇA</u> e a <u>AUTORIDADE</u>		<u>NEGOCIAÇÃO</u> <u>APRENDIDA</u> na <u>ESCOLA</u>		<u>PROFESSOR</u> <u>PESSOA</u> diante da <u>AUTORIDADE</u>		<u>PROFISSÃO</u> e a <u>AUTORIDADE</u>		<u>A CLASSE</u> e a <u>AUTORIDADE</u>	
	A 4	b.1	a 4	b.2	a 4	b.3	a 4	c.1.4	a 4	c.2.4	a 4	d.4

Gráfico 17 - Quadro teórico sintético para a análise do questionário aplicado ao universo de professores do Colégio Godói.

⁴⁵ - As letras maiúsculas (A, B, C e D) são usados nos textos relativos à teoria.

⁴⁶ - As letras minúsculas (a, b, c e d) são usados nos textos quando se referem investigação e aplicação da teoria

A1 - A INFORMAÇÃO como EQUILÍBRIO entre o EU e o OUTRO.
INFORMAÇÃO como EQUILÍBRIO.

	Questão A1 x B1 A INFORMAÇÃO como EQUILÍBRIO entre o EU e OUTRO na MACRO POLÍTICA 44 respostas	Totalmente de acordo	De acordo	Indiferente	NÃO concordo	Discordo totalmente
+	Os acontecimentos da Abertura Política permitiram ao professor, através da política central, manifestar as suas posições pessoais cada vez com maior clareza.					
-	Com os acontecimentos da Abertura Política, o Estado tornou-se “um deus todo-poderoso e onipresente” que elimina todas as diferenças entre as pessoas	11,36%			79,54	

A questão central afirmava que por meio dos acontecimentos da Abertura Política, o Estado tornou-se ‘*um deus todo-poderoso e onipresente*’, que elimina todas as diferenças entre as pessoas. Entre os Quarenta e quatro (44) professores que responderam entre ele treze vírgula três por cento (11,3%) concordaram com a questão, enquanto setenta e nove vírgula cinco e quatro por cento (79,54) discordaram do posicionamento que lhe oferecia a questão.

Numa análise geral é possível concluir do posicionamento do professor que ele expressa a sua plena segurança no enfrentamento da macro-política do Estado. Discorda de uma forma quase esmagadora setenta e nove vírgula cinco por cento (79,5%) de que o Estado tornou-se um deus todo poderoso e onipresente que elimina todas as diferenças entre as pessoas.

O professor manifesta este otimismo no final do ano de 1983, quando no Colégio Godói aconteceu a eleição para Diretor da escola e aparentemente o Estado aceitou a vontade do professor.

Já depois da deposição do Diretor eleito, as Atas do Grêmio dos Professores registram em 1984,: “*O Diretor pode falar, mas o sistema o trata como quer*” (ATAS, fl.139). Percebe-se o antagonismo entre o ideal pelo professor e a prática administrativa do Estado. O professor estabelece a teoria e o ideal como já registrava Aristóteles (1983

fl. 173) que afirmava “*devemos argumentar partindo dos desejos das pessoas e das opiniões que professam. Pois elas não desejam as mesmas coisas que afirmam desejar: dizem o que melhor soa, mas desejam o que parece promover os seus interesses*”. A realidade e a prática se opõem a este sonho. Mas, de uma forma geral, pode-se concluir que o professor no otimismo e crença em suas forças e os de sua classe, não o induzem a temer a força unificadora do Estado. E mesmo que esta força unificadora se manifesta, o professor acredita, em grande maioria, que ela não o prejudique.

O EQUILÍBRIO DINÂMICO na EDUCAÇÃO.

	Questão A.1 x B2 A informação é portadora do equilíbrio dinâmico do Eu dentro do Ambiente Educativo 44 respostas	Totalmente de acordo	De acordo	Indiferente	NÃO concordo	Discordo totalmente
+	Com os acontecimentos da Abertura Política, o professor espera cada vez menos as soluções que vêm do Estado.					
-	Os acontecimentos da Abertura Política incrementaram a ingenuidade das pessoas, de modo que as mais sabidas possam explorá-las..	15,90%			72,72%	

O pesquisador necessitava saber a opinião se para os professores os acontecimentos da Abertura Política incrementam a ingenuidade das pessoas de modo que as mais sabidas pudessem explorá-las. A grande maioria setenta e dois vírgula setenta e dois por cento (72,72%) não percebe o uso da Abertura Política, por parte do Estado, para explorar as pessoas ingênuas.

Na contraposição, a este pensamento otimista, existe o registro contrário a esta posição nas Atas do Grêmio: (fl.126). “*A aparente interação da SEC (com a comunidade) lançou a comunidade contra os professores*”

Numa ampla conclusão é possível registrar que novamente o professor conseguiu manifesta o seu idealismo diante da boa vontade e da neutralidade de um sistema político ao qual ele serve como reprodutor. Apesar de confessar o contrário, em outro texto, o conjunto de dois terços (2/3), dos que responderam, não percebem, ou não interessa denunciar, a exploração e os casos onde e as formas nas quais se dá esta exploração.

A ESCOLA como LUGAR de EQUILÍBRIO entre o EU e o OUTRO

	Questão A.1 x B3 A escola como lugar de equilíbrio entre o Eu e o OUTRO. 44 respostas	Totalmente de acordo	De acordo	Indiferente	NÃO concordo	Discordo totalmente
+	Devido aos acontecimentos da Abertura Política, o professor não tem medo de expressar e assumir as suas discordâncias com o poder central.					
-	O exemplo dos professores que foram punidos não serviu para nada porque até hoje as opiniões devem ser reprimidas por todos		13,63%			77,27%

O pesquisador necessitava saber a repercussão que teve a o exemplo dos professores que foram punidos. Para isto questionou para que serviu e se as opiniões devem ser dissimuladas ou reprimidas por todos.

Entre os 44 professores que responderam a questão o posicionamento de treze vírgula sessenta e três por cento (13,63%) concordam com a questão enquanto setenta e sete vírgula vinte e sete por cento (77,27%) discordam.

Numa análise é possível afirmar que as punições impostas a alguns colegas na escola, anteriormente estudados, não serviram para intimidar os professores. Como os acontecimentos das punições se desenrolaram numa unidade escola, os professores sentem as e expressão isto, considerando a escola como seu próprio território. Já ultrapassaram e superaram as punições como episódios isolados no seu continuum de educadores e se dirigem para novos caminhos.

Analisando as Atas do Grêmio as expressões dos professores concordam neste ponto. Os professores vêem na escola seu único espaço de criação e atuação. A sua vinculação direta a Delegacia de Educação funciona apenas como uma imagem remota.

Numa conclusão geral é possível afirmar que o professor vê e expressa na sua escola um espaço de equilíbrio e de segurança.

O PROFESSOR diante de SI MESMO

	Questão A.1 x C1 A auto-imagem do professor e a expressão do EQUILÍBRIO entre o EU e o OUTRO 46 respostas	Totalmente de acordo	De acordo	Indiferente	NÃO concordo	Discordo totalmente
+	Devido aos acontecimentos da Abertura Política, o poder central enfraqueceu-se e as pessoas puderam expressar e assumir as suas próprias diferenças					
-	Depois da Abertura Política e acontecimentos que a acompanharam, eu tenho menos confiança em mim porque sou diferente dos demais colegas professores	02,17%			91,30%	

Na presente questão busca-se saber como ficou a auto-imagem do professor, a sua confiança em si mesmo e o diferente que ele expressa dos demais colegas após a Abertura Política e os acontecimentos que a acompanharam.

Entre os quarenta e seis (46) professores que responderam esta questão, dois vírgula dezessete por cento (2,17%) concordam com a questão, enquanto a esmagadora maioria, noventa e um vírgula trinta por cento (91,30%) discordam a Abertura Política os atingiu.

Numa ampla análise da questão impõe-se a conclusão que o professor manifesta uma magnífica confiança em si mesmo. Não admite de forma nenhuma, que os acontecimentos que acompanharam a Abertura Política lhe tiraram a confiança em si mesmo. Fica aqui mais que evidente uma auto-imagem positiva expressa através de uma grande confiança em seu potencial e em si mesmo.

Contraditoriamente com esta quase absoluta confiança em si mesmos, registraram, nas Atas do Grêmio (fl.153), a dificuldade para manter este equilíbrio. Nestas Atas registraram o medo de '*sentir-se sozinho*', mas '*com o direito de liberdade individual*'

Mas numa ampla conclusão é preciso registrar que ele manifestam o interesse e necessidade de uma auto-imagem positiva para manter a prática democrática. A restrição e que esta auto-imagem tão positiva ocorre no plano filosófico o equilíbrio entre o EU e o TU,

O PROFESSOR diante do OUTRO

	Questão A.1 x C2 O EQUILÍBRIO entre o EU do PROFESSOR diante do OUTRO expresso na sua PROFISSÃO 45 respostas	Totalmente de acordo	De acordo	Indiferente	NÃO concordo	Discordo totalmente
+	Depois dos acontecimentos que acompanharam a Abertura Política eu tenho mais confiança em mim mesmo, apesar de saber que sou diferente dos demais colegas e professores.					
-	Devido aos acontecimentos da Abertura Política, inibi-me e não consigo expressar aquilo que sou de fato como profissional..		04,44%		86,66%	

Nesta questão necessita-se o posicionamento do profissional do magistério diretamente envolvido nos acontecimentos da Abertura Política, e estes eventos diferentes inibem e **não** permitem expressar aquilo que ele é de fato como docentes.

Muito poucos dos professores que responderam a questão, apenas quatro vírgula quarenta e quatro por cento (4,44%), dos quarenta e cinco (45), concordaram com a questão. A maioria, ou seja oitenta e seis vírgula sessenta e seis por cento (86,66%), discordaram desta interferência.

O fato permite analisar o professor guarda de si mesmo uma alta auto-imagem que a esmagadora maioria, (86,66%), não concordam com os acontecimentos da Abertura Política inibiram a expressão do ser profissional do magistério.

O mesmo fato foi expresso com a mesma veemência as Atas do Grêmio. Ali encontra-se esta auto-imagem do profissional quando escrevem (fl.110) “*A dispensa (do professor) fere a integridade profissional da pessoa humana*”. Apesar de todas as dificuldades encontra-se a afirmação coerente e constante da personalidade profissional no exercício do magistério. Interpreta-se aqui esta expressão como a própria consciência profissional.

Numa conclusão geral percebe-se nesta expressões que o equilíbrio é altamente favorável ao EU na medida em que este EU se investe e representa o profissional do magistério.

Transpondo este conclusão para a formação do profissional do magistério a construção e preservação da auto-imagem é um trabalho parecido com a formação e o exercício da arte. Em relação à arte Aristóteles distinguia (1973: 343 ^{14a 10}) que “*toda a arte está no que produz, e não no que é produzido*”. Distinção que o filósofo concedia autonomia à arte com características próprias frente ao seu produto. O pensador e professor brasileiro Florestan Fernandes reconheceu (1980: 195) que “*não é a ‘arte’ que se envolve e se compromete; mas, o que, na pessoa do ‘artista’, nada tem a ver com ela, porque nasce daquilo que o ‘artista’ tem em comum com outras pessoas*”. Essa distinção é recente e aponta para o artista como cidadão exigindo maior ênfase na busca da democratização⁴⁷.

EXPRESSÃO da CLASSE do OUTRO

	Questão A.1 x D EQUILÍBRIO entre o EU e o OUTRO expressa pelo EU dentro da sua CLASSE 46 respostas	Totalmente de acordo	De acordo	Indi-ferente	NAO concordo	Discordo totalmente
+	Os acontecimentos da Abertura Política uniram mais os professores entre si como pessoas.					
-	A Abertura Política e os movimentos conseqüentes desuniram mais os professores como pessoas.	10,86%				82,60%

A pesquisa necessitava saber como a Abertura Política e os movimentos subseqüentes agiram no contexto na classe docente e se este evento uniu ou desuniu mais os professores como pessoas.

Dos quarenta e seis (46) professores que responderam a questão. Deles dez vírgula oitenta e seis por cento (10,86%) se posicionaram de acordo. Mas expressiva maioria oitenta e dois vírgula sessenta por cento (82,60%) discordou o conteúdo da questão.

Na análise pode-se afirmar que espaço propiciado pela Abertura Política também foi significativo para a classe. Ao menos não desuniu os professores como pessoas conforme oitenta e dois vírgula sessenta por cento (82,60%) dos professores.

Neste questão, trazida pela a Abertura Política, existe concordância nas Atas do Grêmio dos Professores que teve efeitos negativos em relação à classe. Ao contrário,

⁴⁷ - Aceita-se aqui como agente democratizador da arte a pessoa que possui êxito em desenvolver, controlar e integrar a natureza múltipla da teleologia imanente do poder da arte, colocando-a a serviço de um projeto civilizatório.

verifica-se que magistério aproveitou os fatos e natureza da Abertura Política constituiu um ambiente favorável para as construções de classe mais significativas surgidas contra a repressão.

Evidencia-se aqui o que Santos afirmou (1982, p.19), que “o conceito de classe aparece como resultado da análise das forças produtivas” O magistério reconhece-se como classe dentro das forças construtivas e produtivas da sociedade em um estágio de mudanças.

Como conclusão pode-se afirmar que professor reconhece de forma consciente que ele possui na sua classe um grande apoio para manter o equilíbrio face ao sistema.

CONCLUSÃO GERAL em relação as questões A1. que possuem como tema a DEMOCRACIA como forma de EQUILÍBRIO entre o EU e o OUTRO.

Na expressão verbal o professor tem uma profunda e sólida auto-imagem e que o ajuda a se equilibrar diante de um sistema cada vez mais avassalador. Contudo neste momento e frente as questões colocadas por esta pesquisa, este profissional manifestou um otimismo necessário à democracia que constitui uma construção humana permanente.

Empiricamente sabe-se que, na prática, o sistema quase sempre vence e derrota o otimismo do indivíduo isolado. Mas isto não impediu que o professor Godói buscasse de forma constante forças para alimentar resistência a partir de si mesmo e manter no conjunto ao menos o equilíbrio entre o EU e o OUTRO.

**A2 - A DEMOCRACIA como MATURAÇÃO da PESSOA HUMANA
MUDANÇAS na MACRO-POLÍTICA como AUTONOMIA.**

	Questão A2 x B1 MATURAÇÃO da PESSOA HUMANA como AUTONOMIA na MACRO-POLÍTICA 44 respostas	Totalmente de acordo	De acordo	Indiferente	NAO concordo	Discordo totalmente
+	Com os acontecimentos da Abertura Política, o professor espera cada vez menos as soluções que vêm do Estado					
-	Com os acontecimentos da Abertura Política, o professor esconde cada vez mais as suas próprias opiniões e soluções para expressar as soluções que o Estado quer.	13,63%			72,72%	

Buscou-se com esta questão verificar como o professor percebe os acontecimentos da Abertura Política em direção à maturação da pessoa humana como sinônimo de autonomia. Como índice desta percepção verifica-se nesta questão se esconde, o não, as suas próprias opiniões e soluções para expressar as soluções que o Estado quer.

Dos 44 professores que responderam a questão de treze vírgula sessenta e três por cento (13,63%) deles concordam com a questão, enquanto setenta e dois vírgula setenta e dois por cento (72,72%) discordam

Numa análise deste posicionamento o professor não admite a heteronomia no tocante a capacidade de expressar as suas próprias soluções. O professor do colégio é enfático em negar que o Estado inibiu as expressões de suas diferenças e soluções, durante o período. O professor não se reconhece reificado. É autônomo para expressar as suas próprias opiniões.

Esta afirmação de autonomia é reforçada no registro da constatação que o professor do Colégio Godói percebeu e expressou a contradição em relação à luta dialética com o sistema e não se deixou levar por um impulso voluntarista a apenas proclamar no vazio a sua autonomia. Nas Atas do Grêmio ficou gravado (fl.66 b) o registro da declaração do Secretário de Educação de que *'o magistério é um bico'*. Ou então outro docente constatou e as Atas registraram (fl.104) de que no magistério *'o governo não abre mão dos cargos de confiança'*.

Verificou-se que existe a expressão da autonomia face ao sistema, mas o docente do Godói sabe que na prática isto não ocorre. Aceita-se como um dos desafios centrais para a autonomia é o amadurecimento e maturação do indivíduo e que aqui foi constatado no campo empírico que de concretamente que esta luta do docente do Colégio Godói ao expressar as suas diferenças com a macro-política. Ficou desnudada a dialética entre o ideal conceitual do professor e a prática que a macro-política impõe.

MUDANÇAS na EDUCAÇÃO

	Questão A2 x B2 As mudanças no ambiente educativo como maturação da pessoa humana em direção de sua autonomia 44 respostas	Totalmente de acordo	De acordo	Indiferente	NÃO concordo	Discordo totalmente
+	Com os acontecimentos da Abertura Política, o ambiente educativo de hoje está aberto para todas as diferenças do desenvolvimento das pessoas humanas. A escola melhorou.					
				18,19%		
-	Devido aos acontecimentos da Abertura Política, todo o ambiente educativo não tem mais significado para o desenvolvimento da pessoa humana. A escola piorou.	13,63%				68,18%

Uma das dúvidas mais radicais que se põe de forma permanente na porta da escola é o seu sentido. Em qualquer mudanças esta pergunta necessita ser respondida. O episódio da Abertura Política e os acontecimentos que acompanharam colocaram também em cheque todo o ambiente educativo. Neste evento também se colocou se a escola não possui mais significado para o desenvolvimento da pessoa humana.

Apesar dos sessenta e oito vírgula dezoito por cento (68,18%) que discordam entre os quarenta e quatro (44) professores que responderam a questão e dos treze vírgula sessenta e três por cento (13,63%) cujo posicionamento é de concordância da perda de sentido, impressionam os dezoito vírgula dezenove por cento (18,19%) indiferentes, ou não sabem, é uma cifra alta para uma questão central como esta. .

Numa ampla análise é possível afirmar que ainda prevalece aquele professor que nega a perda de significado do ambiente educativo. A crença no significado positivo do seu espaço de trabalho revela e empresta um aspecto da maturação e da autonomia do professor. Esta declaração legitima um espaço positivo para o ambiente educativo, pois Segunda antiga tradição e verificação empírico o professor só ensina o que é. A população que vive neste ambiente positivo provocado pela auto-imagem positiva do professor tende a ser positivo.

O condicionamento do ambiente é um dos componentes fundamentais da democracia. Muitas vezes um ambiente materialmente rico, mas conceitualmente pobre, desvirtua todo ambiente educativo.

Numa conclusão geral é possível afirmar que professor do Colégio Godói, manifesta tanto neste questionário como nas Atas uma predominância de expressões conceituais que os coloquem no conjunto na direção da autonomia.

A ESCOLHA de CENTRO de AUTONOMIA

	Questão A2 x B3 A escolha da unidade escolar como centro da maturação da pessoa humana em direção da autonomia 44 respostas	Totalmente de acordo	De acordo	Indiferente	NAO concordo	Discordo totalmente
+	Devido aos acontecimentos da Abertura Política uma das maiores tarefas do professor é a de preparar os outros para administrar as suas diferenças.					
-	Os professores que foram punidos devido aos acontecimentos da Abertura Política deveriam ter dado só os conteúdos programáticos aprovados pelo SSE e SEC e nada mais.	06,81%			84,09%	

Ao associar o docente com a sua unidade escolar e os fatos da Abertura política há necessidade de saber como este docente se submete, ou não, à lógica da sua unidades escolar. Uma das formas de saber a percepção destes limites que o docente se traça coincidem com os limites da Unidade Escolar. Para tal efeito interroga-se este professor se o exemplo dos que extrapolaram o limite da unidade e que foram punidos devido aos acontecimentos da Abertura Política, deveriam ter ensinado só aqueles conteúdos programáticos aprovados pelo Serviço de Supervisão Escolar (SSE) do Colégio e aprovados pela Secretaria de Educação e Cultura, e nada mais.

Diante desta questão, entre quarenta e quatro (44) professores dos que responderam, seis vírgula oitenta e um por cento (6,81%) se posicionaram de acordo com a questão. Contudo oitenta e quatro vírgula nove por cento (84,09%) discordaram.

Numa ampla análise pode-se afirmar que os professores negaram de uma forma categórica oitenta e quatro vírgula nove por cento (84,09%) que a escola deve ser reduzida ao ensino de conteúdos programáticos. Afirmando que a escola possui outros objetivos, além da reprodução do saber estabelecido pela autoridade. Os entrevistados negam que os professores que foram punidos, deveriam ter dado apenas os conteúdos programáticos aprovados. Estabelecem a escola como lugar de educação para a autonomia além da instrução.

A eleição da escola como centro de autonomia fica especialmente clara nas Atas do Grêmio quando os docentes afirmam e anotam que “a escola é a nossa garantia” (Atas, fl.80).

Como conclusão pode-se verificar nesta unidade escolar o indivíduo pode cultivar a sua autonomia. No lado de fora na sociedade atual, encontra enormes dificuldades no trabalho, no lazer, na família, no transporte e na cultura. A escola aparece como um ambiente alternativo deste exercício de liberdade. Isto é particularmente verdadeiro para a escola oficial, chamada pública.

PROCESSO de AUTONOMIA SOMÁTICA

	Questão A2 x C1 O professor expressa a sua auto-imagem como maturação de pessoa humana dentro da autonomia somática 47 respostas	Totalmente de acordo	De acordo	Indiferente	NÃO concordo	Discordo totalmente
+	Depois dos acontecimentos que acompanharam a Abertura Política eu tenho mais confiança em mim mesmo, apesar de saber que sou diferente dos demais colegas e professores.					
-	Os acontecimentos que acompanharam a Abertura Política na escola são significativos para qualquer idade do professor.	72,34%			14,89%	

Uma cultura egocêntrica e de interesses restritos ao plano material, os acontecimentos que acompanharam a Abertura Política, podem provocar e evidenciar índices significativos numa unidade escolar para qualquer idade do professor.

Diante das duas questões, houve setenta e dois vírgula trinta e quatro por cento (72,34%) dos quarenta e sete (47) professores que responderam a questão, que concordaram com a questão, enquanto quatorze vírgula noventa e oito por cento (14,98%) discordaram. Este alto posicionamento favorável dos que responderam, demonstra que os imprevistos, como da Abertura Política Brasileira e que foge dos quadros normais do currículo de uma escola, necessita ser pensada e provocar posicionamentos coerentes para que a escola não perca o seu sentido social.

Numa análise mais próxima a Abertura Política é significativa para qualquer idade. Assim setenta e dois vírgula trinta e quatro por cento (72,34%) acreditam que é

significativa e expressão concordância da igualdade das condições nas quais se desdobraram os acontecimentos da Abertura Política. A maturidade do indivíduo, dentro de uma instituição, dirige-se para um ponto ideal. Este ponto ideal, inscreve os membros da comunidade escolar, num discurso generalista e que necessita ser decodificado para cada geração. Evidentemente que a Abertura Política tem um significado bem diferente para quem se educou antes de 1964 e daqueles que se educaram de 1968 para cá.

Numa ampla conclusão é possível afirmar que o professor mergulha na heteronomia quando se inscreve num discurso generalista:

.A CONSCIÊNCIA PROFISSIONAL como AUTONOMIA

	Questão A2 x C2 O professor expressa a sua consciência profissional como maturação da pessoa humana em direção da autonomia 43 respostas	Totalmente de acordo	De acordo	Indiferente	NÃO concordo	Discordo totalmente
+	A geração de professores da minha idade adaptou-se melhor aos acontecimentos da Abertura Política porque era diferente das outras gerações..					
-	Devido aos acontecimentos da Abertura Política, os meus desempenhos, ajuda aos alunos e ações como professor pioraram	0,00%			86,04%	

A pesquisa necessitava de índices do núcleo da consciência profissional do docente e em especial quando ocorrem eventos externos ao currículos tradicionais da escola. Busca-se esta consciência na expressões do professor com quando o professor se pronuncia diante do fato de que devido aos acontecimentos da Abertura Política, os seus desempenhos e ações pioraram, ou não, na sua ajuda aos alunos.

Dos quarenta e três (43) professores que responderam zero por cento (0,0%) concordou com a questão. Com posicionamento dos desfavoráveis oitenta e seis vírgula quatro por cento (86,04%) discordaram daquilo que se formulava na questão:

Numa análise do alto índice dos professores que rejeitaram, de uma forma enfática que os seus desempenhos profissionais pioraram devido a Abertura Política, é possível perceber uma aguda consciência profissional que os leva ao caminho da autonomia

Nestas circunstâncias esta afirmação coloca o pesquisador diante do fato de que na área profissional, o professor tem pontos de muita segurança no que quer. A pessoa do professor mostra ser capaz de interagir por meio da ajuda ao aluno que busca e é capaz de um processo de autonomia. Nesta afirmação positiva também está em jogo também o próprio significado e suporte da classe. Classe definida por uma produção clara: a educação.

Como este índices positivos é possível concluir que quando trata do seu papel de profissional o professor expressa conceitualmente a sua autonomia. O seu referencial constitui a ajuda ao aluno.

CONSCIÊNCIA de CLASSE como AUTONOMIA

	Questão A2 x D O professor expressa a consciência de classe como maturação da pessoa humana na sua autonomia 42 respostas	Totalmente de acordo	De acordo	Indiferente	NAO concordo	Discordo totalmente
+	Os professores souberam expressar e administrar as suas diferenças dentro da sua própria classe durante os acontecimentos da Abertura Política.					
-	Os professores foram manipulados, durante a Abertura Política, pela direção da escola que uniu a classe para fazer dela o que queria.	08,51%			85,10%	

Na presente pesquisa houve necessidade de saber e Ter índices positivos do docentes diante do fenômeno de classes docente no qual esta mergulhada a sua pessoa e a sua ação educativa. Colocado diante deste problema foi proposto que o docentes se pronunciasse se ele foi, o não, manipulado pela direção da escola, durante a Abertura Política e serviu, ou não, para unir a classe para fazer dela o que queria.

Poucos oito vírgula cinqüenta e um por cento (8,51%) dos quarenta e sete (47) docentes concordaram com a questão. O posicionamento massivo oitenta e cinco vírgula dez por cento (85,10%) dos professores que responderam discordaram da questão:

Assim numa análise é possível afirmar que o professor expressa a consciência de classe como autonomia. Somente nove professores não se posicionaram aqui. Dos que

se posicionaram, oitenta e cinco vírgula dez por cento (85,10%) negaram terminantemente que foram manipulados durante a Abertura Política pela direção da escola.

Confirma-se aqui a coerência provocada pelo exercício da função produtiva da classe. Esta classe expressou, de outra parte, que existe, ainda que latente, um projeto comum da classe que não pode ser reificada. O professor ao se negar manipulado pelos objetivos do outro, nega-se a ser escravo. Confirmando-se a fuga daquilo que Platão definiu como escravo ou seja 'aquele que faz os objetivos do outro'.

Na conclusão geral é possível afirmar que existe uma somatória de condições da maturação humana rumo a democracia nas expressões verbais do professor.

CONCLUSÃO GERAL em relação a questão A2: a democracia como maturação da pessoa humana rumo a autonomia:

O professor sabe conceitualmente o que pretende. Ele consegue expressar este ideal contrapondo-o ao real da dominação. O problema proposto verbalmente é o primeiro passo para resolver a contradição se quisermos aceitar Carl Marx quando afirmou que *'só nos propomos os problemas que podemos resolver'*

A realidade nega a possibilidade do ideal da democracia, tanto ao jogar em diferenças irremediáveis aqueles que a buscam, ou então os joga na igualdade massificante. Em ambos os casos o ideal da democracia fenece de forma irremediável.

A maturidade do professor permite ver e expressar as extremidades desta mesma régua e fixar o ponto de equilíbrio em cada nova circunstância para preservar no todo também a autonomia. Para este equilíbrio homeostático ele expressa os momentos em que todos são atomizados pela diferenças ou, o contrário, quando a pessoa perde a sua autonomia e é massificada de uma forma sufocante o igual do clone despersonalizado..

A 3 - A interação da pessoa humana com a sociedade como condição da democracia.

A ABERTURA POLÍTICA como INTERAÇÃO

	Questão A3 x B1 A Abertura Política na macro-política funcionou como interação da pessoa humana com a sociedade 43 respostas	Totalmente de acordo	De acordo	Indiferente	NAO concordo	Discordo totalmente
+	Com os acontecimentos da Abertura Política, o professor espera cada vez menos as soluções que vêm do Estado.					
-	Devido à Abertura Política, o professor pode expressar e assumir as suas discordâncias com o poder central, mas ele tem cada vez menos significado político..	34,88%			54,16%	

Nesta questão busca-se saber como o professor encontrou uma oportunidade de expressar as suas diferenças na macro-política onde desenrola-se a Abertura Política. Há necessidade de saber neste contexto se ele pode, ou não, expressar e assumir as suas discordâncias com o poder central. Para saber isto coloca-se diante dele o seu significado, onde ele possui, ou não, cada vez menos significado político na instância da macro-política..

Verificou-se um posicionamento muito próximo entre os quarenta e três (43) professores que responderam a questão. Entre eles trinta e quatro vírgula oitenta e oito por cento (34,88%) concordaram com a questão que identificava a sua perda de sentido. Contrapunha-se uma escassa maioria de cinquenta e um vírgula dezesseis por cento (51,16%) que discordaram desta perda de sentido na macro-política.

Numa rápida análise é possível verificar que diante da possibilidade de expressar e assumir as suas circunstâncias e suas discordâncias com o poder central, os professores se dividem em dois campos quase equilibrados. Nem mesmo sabendo que esta possibilidade de discordância está associada ao fato de que o professor tenha cada vez menos significado político, chegou a perturbar os professores, passando a negar com mais veemência e número o fato o pacto com o sistema.

Frente à macro-política o professor vive ainda em nível de cooperação, está presente o medo do erro social. O professor sabe do risco a que se submete, numa instituição de frágil equilíbrio, quem expõe e expressa afoitamente as suas posições pessoais face ao Estado. Estas opiniões são muitas vezes fundantes e exigem, pela sua própria natureza outra estrutura social, diferente da que se está vivendo atualmente.

Numa ampla conclusão é possível afirmar que o professor manifesta-se ao nível de cooperação diante da macro-política.

MUDANÇAS EDUCATIVAS e a SOCIEDADE

	Questão A3 x B2 Mudanças no ambiente educativo como interação entre a pessoa humana com a sociedade 44 respostas	Totalmente de acordo	De acordo	Indiferente	NAO concordo	Discordo totalmente
+	Os acontecimentos da Abertura Política evidenciaram a união de todos, no ambiente educativo, para que possam expressar as suas diferenças.					
-	Os acontecimentos da Abertura Política forçaram apenas uma uniformidade e igualdade no ambiente educativo, sem que isso viesse a ajudar no desenvolvimento da pessoa humana..	18,18%			61,36%	

Há necessidade de saber neste ítem se os acontecimentos da Abertura Política forçaram apenas uma uniformidade e igualdade no ambiente educativo sem que isso viesse ajudar no desenvolvimento da pessoa humana. Se acontecesse esta uniformidade não haveria possibilidade da expressão do diferente e sem esta diferente expressa no todo não seria possível a democracia, mas o rebanho.

No posicionamento dos quarenta e quatro (44) professores que responderam a questão dezoito vírgula dezoito por cento (18,18%) deles concordaram que existe a tendência para a uniformização e o rebanho tendo por pretextos a Abertura Política. Mas sessenta e um vírgula trinta e seis por cento (61,36%) discordaram que a Abertura Política os estava levando para o indiferenciamento e uniformidade.

Ao se aproximara um pouco mais constata-se num análise em relação ao ambiente educativo, o professor está mais seguro. Nega de uma maneira mais confiante em si mesmo, 61,36% de que a Abertura Política forçou a uma uniformidade e igualdade no

ambiente educativo. Preocupa um pouco que vinte vírgula cinco por cento (20,5%) dos entrevistados não aceitaram tomar partido na questão. Contudo é possível interpretar que aqueles que se omitiram posicionaram e perceber que os professores não aceitam a reificação admitida francamente por dezoito por cento (18%) dos professores.

Assim chega-se a conclusão de que existe uma busca de um caminho rumo a interação no ambiente educativo. Esta busca é expressa no plano conceitual.

LEGITIMAÇÃO e JUSTIÇA na ESCOLA

	Questão A3 x B3 A legitimação na unidade escolar e a justiça na interação da pessoa humana com a sociedade 44 respostas	Totalmente de acordo	De acordo	Indiferente	NAO concordo	Discordo totalmente
+	Nos acontecimentos da Abertura Política, os outros professores souberam expressar a aceitação de todas as minhas diferenças.					
-	Em conseqüências da Abertura Política consegue-se aproveitar melhor, na escola, as diferenças, qualidades e talentos pessoais de cada professor.	40,90%				34,09%

Na presente questão o pesquisador deseja possuir índices expressos pelo docente como a sua auto-imagem evoluiu para a interação com o demais no contexto da Abertura Política. Nestes posicionamentos deseja-se medir as expressões desta auto-imagem no contexto da Abertura Política e conseqüência consegue-se aproveitar melhor na escola as diferenças, qualidade e talentos pessoais de cada professor.

Entre os quarenta e quatro (44) professores que aceitaram responder a questão quarenta vírgula nove por cento (40,9%) deles concordaram com a questão. Enquanto isto trinta e quatro vírgula nove por cento (34,09%) discordaram e se posicionaram de forma que se perceba uma desconfiança na efetiva interação do docente no ambiente educativo.

Quando se analisa a possibilidade de aproveitamento das diferenças, qualidades e talentos pessoais dos professores, não houve muito entusiasmo. Apenas quarenta vírgula nove por cento (40,9%) concordam que isto realmente aconteceu na escola. Diante do fato de que trinta e quatro por cento (34%) negarem este fato, chegamos a conclusão, de que o grupo dos professores de uma forma genérica, fica ao nível de cooperação,

atingindo raramente o nível de participação. Portanto muito longe do nível de interação. Pode-se afirmar que a questão não é muito significativa ou é estranha para o grupo, pelo fato de vinte e cinco por cento (25%) de professores ficaram indiferentes,.

A conclusão geral é que a divisão das opiniões nos leva a conclusão que está não foi elaborada suficientemente. Mas ela é particularmente significativa para o nosso estudo pois trata da questão central da passagem do diferente para o igual, do igual novamente para o diferente. Há necessidade de todo um trabalho nesta área.

AUTO-IMAGEM como INTERAÇÃO

		Totalmente de acordo	De acordo	Indiferente	NÃO concordo	Discordo totalmente
	Questão A3 x C1 A auto-imagem do professor expressa como interação da pessoa humana com a sociedade 47 respostas					
+	Nos acontecimentos da Abertura Política, os outros professores souberam expressar a aceitação de todas as minhas diferenças					
-	Durante os acontecimentos da Abertura Política, eu devia parecer-me cada vez mais com os outros, esquecendo as minhas diferenças..	19,14%			76,59%	

Acostumados com as praticas do Golpe de 1964 que ordenava aos transeuntes da Rua da Paria de Porto Alegre que todos se mantivessem circulando, perguntava-se agora um posicionamento em que durante os acontecimentos da Abertura Política o docente pode ter a liberdade, ou não, de parecer-se cada vez mais com os outros, esquecendo as suas diferenças, eu deveria.

Frente à questão dos quarenta e sete (47) professores que se posicionaram em relação à questão, entre estes dezenove vírgula quatorze por cento (19,14%) concordaram, enquanto discordaram setenta e seis vírgula cinqüenta e nove por cento (76,59%).

Numa análise mais próxima há possibilidade de verificar que existe uma verdadeira animosidade quando se sugere que o professor deveria se parecer cada vez mais com os outros. Nega o fato o expressivo índice de 76,59% dos entrevistados. Apenas quatro vírgula dois (4,2%) ficaram indiferentes, enquanto dezenove vírgula quatorze por cento (19,14%) concordam.

A dissertação chega a um ponto central. O professor, vivendo a democracia e sendo o intelectual orgânico deste sistema, deve ser capaz de expressar as suas diferenças. Aqui encontramos um reforço em direção a buscar e evidenciar as diferenças individuais. Existem para a dissertação índices e evidências suficientes para afirmar que o professor do Colégio Godói buscou a regulação em direção a interação. Frágil como indivíduo, este ser, fez a sociedade na medida que esta sociedade era capaz de receber as suas diferenças.

Com estes índices e evidências é possível concluir que o professor expressa as condições de interação dando margem uma percepção de uma auto-imagem positiva.

A PROFISSÃO DOCENTE como INTERAÇÃO

		Totalmente de acordo	De acordo	Indiferente	NAO concordo	Discordo totalmente
	Questão A3 x C2 O professor expressa a sua profissão como interação da pessoa humana com a sociedade 45 respostas					
+	Depois da Abertura Política, o professor é o único elemento que pode ajudar conscientemente os outros componentes da escola a se libertarem					
-	Devido aos acontecimentos da Abertura Política, os professores estão menos voltados para os objetivos de sua classe..	13,33%			84,44%	

Nesta questão busca-se a expressão do docente em relação à sua disponibilidade para a sua atividade básica como educador. A Abertura Política e os acontecimentos correlatos será a oportunidade de o professor expressar se deve, ou não, cuidar cada vez mais de seus interesses em detrimento da ajuda a seus alunos.

Dos 45 professores que se posicionaram diante da questão treze vírgula trinta e três por cento (13,33%) deles concordaram com a questão, enquanto oitenta e quatro vírgula quarenta e quatro por cento (84,44%) discordaram que deveria cuidar cada vez mais de seus interesses em detrimento da ajuda a seus estudantes.

Numa análise geral pode-se afirmar que a maioria, oitenta e quatro vírgula quarenta e quatro por cento (84,44%), dos professores são enfáticos em discordar que a Abertura Política, levou o professor a cuidar cada vez mais dos seus interesses em detrimento da ajuda aos alunos. Um dos maiores temores do sistema é de que dando mais liberdade ao

professor ele usaria esta liberdade apenas em proveito próprio. Mas ao contrariar este cálculo do sistema escravocrata e ao professor, negar esta apropriação das vantagens do aluno, ele aponta positivamente para a realidade da interação.

Numa ampla conclusão é possível afirmar que professor escolhe a ajuda a efetiva a seu aluno. Assume ao nível conceitual, o seu papel de profissional da educação. A educação institucional pode contar com esta vontade efetiva com o seu profissional. O professor expressa de fato a sua profissão como interação.

CLASSE como INTERAÇÃO

		Totalmente de acordo	De acordo	Indiferente	NAO concordo	Discordo totalmente
	Questão A3 x D O professor expressa a sua classe como interação da pessoa humana com a sociedade 47 respostas;					
+	Os acontecimentos da Abertura Política uniram os professores ainda mais ao redor dos objetivos comuns da classe.					
-	Devido aos acontecimentos da Abertura Política, os professores estão menos voltados para os objetivos de sua classe..	02,12%			93,61%	

Busca-se perceber neste item a Abertura Política e os acontecimentos como desafios que podem evidenciar, ou não, se os professores estão voltados para os objetivos da sua classe.

No posicionamento dos quarenta e sete (47) professores que consideraram e opinaram sobre o problema proposto pela questão, tão somente dois vírgula doze por cento (2,12%) concordaram, enquanto noventa e três vírgula sessenta e um por cento (93,61%) discordaram do problema proposta pela questão.

Numa análise geral é possível afirmar que a escala mais concentrada neste instrumento foi obtida quando se afirmou que devido aos acontecimentos da Abertura Política, os professores estão menos voltados para os objetivos de sua classe. A negação é quase absoluta, ou seja noventa e três vírgula sessenta e um por cento (93,61%).

O saber da classe se apoia na sua produção coletiva. Este poder do saber gerado na produção coletiva sustenta esta convicção da classe. Eleva-se assim ao mais alto

processo de interação. As Atas do Grêmio dos professores também confirmam e registraram esta interação e que não admite divisões internas: “O CPERS representa os professores associados a ele. Não só a sua Diretoria (Atas, fl.78).. Cabe aos associados mostrar isso” Assim é possível concluir que o professor aspira a perfeita interação. Esta interação é expressa ao nível da classe.

CONCLUSÃO GERAL em relação à A 3: a interação da pessoa humana com a sociedade como condição da democracia:

È possível que o professor tende para interação de forma conceitual. Ao percorrer e examinar os diversos degraus que o professor expressa em relação a esta interação emerge, entre as diversas questões colocadas pela pesquisa, uma seqüência que se origina do indivíduo rumo a profissão. O apogeu desta seqüência quando o professor expressa a sua classe. Este fato tornou-se bem visível e evidente em nosso estudo.

Mantendo a distinção e entre cooperação, participação e interação e aplicando esta escala construída na teoria desta dissertação, é possível verificar o grau de expressão da interação foi atingido em diversos itens observados pela pesquisa. Assim a **interação pessoal** foi expressa por 76% das questões. Enquanto a **interação profissional** foi expressa por 84% das questões. O apogeu desta seqüência foi atingido com 93% quando o docente expressa a **interação em relação** à sua própria **classe**.

A4 - Maturação do poder da sociedade rumo à autoridade
ABERTURA POLÍTICA e a MATURIDADE

	Questão A4 x B1 A Abertura Política como maturação da sociedade do poder rumo a autoridade 44 respostas	Totalmente de acordo	De acordo	Indiferente	NAO concordo	Discordo totalmente
+	Devido aos acontecimentos da Abertura Política, o poder central enfraqueceu-se e as pessoas puderam expressar e assumir as suas próprias diferenças.					
-	Com os acontecimentos da Abertura Política, o poder central fortaleceu-se em detrimento da autoridade do professor, da escola e da sociedade civil..	31,81%			47,72%	

Nesta questão interroga-se o docente qual a sua opinião em relação aos acontecimentos da Abertura Política no enfoque da sua percepção de que o poder central fortaleceu-se, ou não, em detrimento da autoridade do professor, da escola e da sociedade civil.

Nas resposta dada por quarenta e quatro (44) professores que responderam que trinta e um vírgula oitenta e um por cento (31,81%) concordaram com a questão, enquanto quarenta e sete vírgula setenta e dois por cento (47,72%) discordam. Numa margem muito estreita do embate inferior a cinquenta (50%) e numa abstenção de vinte vírgula quarenta e sete (20,47%) que não tomaram posicionamento em relação à questão: Assim a questão pode se analisada de que a autoridade do professor da escola e sociedade civil não foram absorvidos pelo poder central, conforme trinta e sete vírgula setenta e dois por cento (47,72%) dos entrevistados. Enquanto trinta e um vírgula oitenta e um por cento (31,81%) acham que sim. Ficam indiferentes vinte vírgula quarenta e sete por cento (20,47%).

Esta divisão de opiniões também nos alerta do pouco trabalho conceitual nesta área. Em geral, o professor não propõe e investiga a sua própria autoridade. A autoridade do saber contra o poder econômico, político ou repressivo. Um professor entrevistado escreveu 'o professor está pouco seguro sobre o seu saber.'

O professor, na sua ingenuidade e nos seus múltiplos papéis permite esta tomada de poder por outrem. A escola como um todo é o melhor reproduzidor do poder econômico,

militar, religioso e civil. A escola tem esta possibilidade, pelo fato de o próprio magistério já estar dividido sobre este poder.

Uma das conclusões possíveis é de existe de fato a divisão das opiniões do professor abre espaço para o poder o poder externo se intrometer no poder que lhe compete. Contudo a autoridade do professor pode ser restaurada pela expressão destas diferenças.

MUDANÇAS e AUTORIDADE

	Questão A4 x B2 As mudanças provocadas pela Abertura Política e a Autoridade no Ambiente Educativo 43 respostas	Totalmente de acordo	De acordo	Indiferente	NAO concordo	Discordo totalmente
+	O professor, no ambiente educativo posterior a Abertura Política, sente-se cada vez mais livre e atraído para interagir e participar com o poder e autoridade do sistema central.					
-	Com os acontecimentos da Abertura Política, o poder do ambiente educativo ficou atrelado ao poder central e a escola tornou-se opressora com o sistema central..	32,55%			53,48%	

Na presente questão busca-se saber a opinião do professor em relação ao poder do ambiente educativo mergulhado nos acontecimentos da Abertura Política. Quer saber-se do docente se a escola tornou-se, ou não, opressora com o sistema central e atrelado a este poder.

Entre os quarenta e três (43) professores que se posicionaram, trinta e dois vírgula cinqüenta e cinco por cento (32,55%) concordam com a questão, enquanto cinqüenta e três vírgula quarenta e oito por cento (53,48%) discordam.

Numa ampla análise verifica-se que o maior contingente dos professores, cinqüenta e três vírgula quarenta e oito por cento (53,48%), não concorda de que o ambiente educativo ficou atrelado ao poder central e que a escola tornou-se opressora com o sistema central durante a Abertura Política. Contudo, trinta e dois vírgula cinqüenta e cinco por cento (32,55%) acham que foi exatamente isto que aconteceu.

Fica nítido, com isto, que a escola não tem um discurso próprio. Um projeto capaz de vetorizar as vontades para uma única direção. Um projeto de autoridade baseado, por exemplo, no poder do saber.

Um dos sinais evidentes desta falta de um discurso de autoridade no ambiente educativo são as freqüentes reformas, extinções, reciclagens e manipulações formais, e apenas formais, no ambiente educativo. O ambiente educativo é um ambiente burocraticamente administrado. O MEC ou a SEC tornaram-se apêndices do Ministério do Planejamento ou a Secretaria da Administração. A educação não tem autoridade.

Conclui-se que o professor expressa admite, no ambiente educativo, num alto índice, o poder do OUTRO.

NEGOCIAÇÃO APRENDIDA na ESCOLA.

	Questão A4 x B3 A negociação da maturação da sociedade rumo à autoridade aprendida pelo professor na unidade escolar. 44 respostas	Totalmente de acordo	De acordo	Indiferente	NÃO concordo	Discordo totalmente
+	Em consequência da Abertura Política, os professores, em nossa escola, podem dizer a qualquer outro qualquer coisa em qualquer circunstância.					
-	Em consequência dos acontecimentos da Abertura Política, diminuiu em nossa escola o espaço para dizer a qualquer pessoa qualquer coisa em qualquer circunstância..	13,63%			72,72%	

Deseja-se saber a opinião do docente em relação em consequência dos acontecimentos da Abertura Política na unidade escolar. Buscam-se índices se nesta unidade escolar diminui, ou não, o espaço para dizer a qualquer pessoa, qualquer coisa em qualquer circunstância.

No posicionamento dos quarenta e quatro (44) professores que responderam treze vírgula sessenta e três por cento (13,63%) concordaram com a questão, enquanto setenta e dois vírgula setenta e dois por cento (72,72%) discordaram.

Ao analisar mais detidamente a questão verifica-se que um número significativo de professores, setenta e dois vírgula setenta e dois por cento (72,72%) discordou de que houve diminuição de espaço para dizer a qualquer coisa em qualquer circunstância.

Diante da opressão a liberdade de expressão não parece tão seriamente ameaçada. A liberdade de expressão constitui um componente fundamental para o exercício da democracia. Segundo os professores esta liberdade foi mantida na micro-democracia da unidade escolar onde eles são também os agentes políticos.

Contudo se olharmos para a direção em que corre este discurso de liberdade vamos ver que ele só tem uma direção. Vale repetir o que Olívio Dutra disse (in Correio do Povo em 11/12/1983). da direção do discurso democrático na fábrica: *“Pode-se falar em democracia da porta da fábrica para fora. Da porta da fábrica para dentro, não pode”*. Se não existe uma verdadeira interação o cinismo pode tomar conta destes espaços. Neste cinismo seria vigente o que Voltaire afirmou que ele: *‘daria a vida para que tenham razão de dize-lo. Mas não daria um vintém pelo que dizem’*.

Chega-se a conclusão que na unidade escola o professor manifesta de forma conceitual a liberdade de expressão.

O PROFESSOR como PESSOA diante da AUTORIDADE

	Questão A4 x C1 O professor expressa a sua pessoa diante da maturação da sociedade rumo à autoridade 47 respostas	Totalmente de acordo	De acordo	Indiferente	NAO concordo	Discordo totalmente
+	Devido aos acontecimentos da Abertura Política, vejo as minhas opiniões e diferenças com os demais cada vez mais respeitadas pelas autoridades.					
-	Com os acontecimentos da Abertura Política, as minhas opiniões e diferenças foram reduzidas e igualadas as dos demais professores pelas autoridades da escola..	19,14%			70,21%	

Nas questões acima busca-se as expressões do docente como pessoa diante da autoridade. Por isto o problema consiste em possuir índices, expressos por este professor, se com os acontecimentos da Abertura Política, foram reduzidas e igualadas, ou não, pelas autoridades da escola as suas opiniões e diferenças com as dos demais professores.

Dos quarenta e sete (47) professores que responderam a questão, deles dezenove vírgula quatorze por cento (19,14%) concordaram, enquanto setenta vírgula vinte e um por cento (70,21%) discordaram do posicionamento

Numa ampla análise pode-se afirmar que o professor, como pessoa, não se deixa dobrar pela autoridade. É o que se pode depreender das opiniões de setenta por cento (70%) dos entrevistados. Eles negam que as suas opiniões e diferenças foram reduzidas e igualdades pelas autoridades da escola. Para esta tese fica evidenciado que o professor não deixou, ao menos verbalmente e reificação das suas diferenças na unidade escolar.

Percebe-se a defesa da possibilidade do diferente individual constituir um passo significativo rumo a autoridade pessoal. O professor diante da autoridade física existe um verdadeiro pavor e afirmar que “*se formos chamados individualmente pela direção da escola, nos devemos negar*” (Atas, fl.138).

Em conclusão pode-se afirmara que, nesta questão, o professor luta pelo direito pela expressão de suas opiniões e diferenças, caminhando assim para transformar poder em autoridade.

A PROFISSÃO do DOCENTE e a AUTORIDADE.

	Questão A4 x C2 O professor afirma a sua profissão como expressão da maturação da sociedade rumo à autoridade 45 respostas	Totalmente de acordo	De acordo	Indiferente	NAO concordo	Discordo totalmente
+	Os acontecimentos da Abertura Política evidenciarão que o professor deve ir muito além da sala de aula					
-	Os acontecimentos da Abertura Política provaram que o professor deve limitar-se a sua sala de aula..	06,66%			88,88%	

Ao lançar para o docente esta dupla questão busca-se índices para avaliar como o docente expressa a sua profissão diante da autoridade. Para isto aproveita-se os eventos dos acontecimentos da Abertura Política para perguntar ao professor se concorda, ou não, em limitar-se a sua sala de aula.

No posicionamento de quarenta e cinco (45) professores que responderam a questão, seis vírgula sessenta e seis por cento (6,66%) deles concordou, enquanto oitenta e oito vírgula oitenta e oitenta por cento (88,88%) deles discordaram do conteúdo da questão:

Na análise verifica-se á uma enfática negação. Assim a ampla maioria discordou de que o professor deva se limitar à sala de aula. Esta negação de limite renasce

constantemente do fato de o professor expressar um 'ser inteiro', o professor se expressa. O aluno espera este ser integral.

A sala de aula confere legitimidade ao professor. A sala de aula constitui o seu espaço profissional. Contudo é esta sala de aula que representa a somatória de toda a sociedade. É nesta sala de aula que a sociedade deposita o seu projeto do poder do saber. O professor nega-se ao limite imposto pelas paredes da sala de aula para poder participar deste projeto da comunidade.

Como resultado final em relação a esta questão o professor afirma a sua autoridade na sua profissão.

A CLASSE e a AUTORIDADE.

	Questão A4 x D O professor afirma a sua classe do magistério como expressão como maturação da sociedade rumo à autoridade 45 respostas	Totalmente de acordo	De acordo	Indi - ferente	NAO concordo	Discordo totalmente
+	As lideranças dos professores souberam unir todas as suas diferenças em proveito da classe dos professores durante a Abertura Política.					
-	Com os acontecimentos da Abertura Política, as lideranças do magistério exploraram, em proveito apenas delas próprias, as diferenças dos professores entre si..	11,11%			84,41%	

Numa última questão o pesquisador necessitava possuir índices numéricos de como o docente sente-se na sua classe profissional Com os acontecimentos da Abertura Política, as lideranças do magistério exploram, em proveito apenas delas próprias, as diferenças dos professores entre si.

Dos quarenta e cinco (45) professores que responderam e se posicionaram em relação à questão, deles onze vírgula onze por cento (11,11%) concordaram com o conteúdo da questão. Mas uma expressiva maioria de oitenta e quatro vírgula quarenta e quatro por cento (84,44%) discordaram:

Assim numa análise pode-se verificara que a classe dos professores recebe, nesta questão, um dos mais altos índices de defesa durante esta tese: Aqui oitenta e quatro

vírgula quarenta e quatro por cento (84,4%) dos professores negam que as lideranças do magistério exploraram em proveito próprio, as diferenças dos professores entre si durante os acontecimentos da Abertura Política.

Está em jogo a autoridade do professor diante de sua própria classe. Ele nega que esta classe tenha usado o poder que um grupo tem sobre um indivíduo isolado.

Um dos pontos fundamentais nesta construção da classe de dentro para fora é a opção livre que o indivíduo pode fazer diante de sua classe. Nasce assim uma sadia negociação diante do OUTRO e que sendo par e companheiro de trabalho tem algo de igual. Estabelece uma ponte sólida.

CONCLUSÃO GERAL em relação à A4 maturação da sociedade do poder rumo a autoridade:

Pode-se concluir que se percebe aqui a expressão de uma autonomia proveniente da somatória das fontes que esta pesquisa buscou. Constata-se, entre estas fontes, o otimismo da sociedade em movimentos pela Abertura Política Brasileira, este sentimento reforça a busca do seu potencial como profissional que se reflete numa auto imagem que recebe o apoio da classe como autoridade.

Assim não cabe dúvidas pelas respostas do presente questionário que professor expressa mais segurança de sua autoridade dentro da sua profissão. À medida que se abre gradativamente o espaço a partir de sua classe profissional em direção à macro-sociedade o docente como indivíduo (EU) vai admitindo e interagindo positivamente com o poder do OUTRO.

	O PROFESSOR EXPRESSA											
	O OUTRO						O EU					
	B . A SOCIEDADE em MOVIMENTO na ABERTURA POLÍTICA BRASILEIRA						C - a AUTO - IMAGEM				D o EU no INTERIOR de sua CLASSE	
	B . 1-na MACRO POLÍTICA		B . 2 no AMBIENTE ESCOLAR		B . 3 na UNIDADE ESCOLAR		C . 1 a si MESMO		C . 2 a sua PROFISSÃO			
DEMOCRACIA A . 1 EQUILÍBRIO entre o EU e o TU	A ⁴⁸ .1 44 respostas + 11,30% - 79,54%	B.1	A.1	B.2 44 respostas + 15,90% - 72,72%	A.1	B.3 44 respostas + 13,63% - 77,27%	A.1	C.1.1 46 respostas + 02,17% - 91,30%	A.1	C.2.1 45 respostas + 04,44% - 86,66%	A.1	D.1 46 respostas + 10,86% - 82,60%
	a ⁴⁹ 1	b.1	a 1	b.2	a 1	b.3	a 1	c.1.1	a 1	c.2.1	a 1	d.1
MATURAÇÃO da PESSOA HUMANA AUTONOMIA	A.2 44 respostas + 13,63% - 72,72%	B.1	A.2	B.2 44 respostas + 13,63% - 68,18%	A.2	B.3 44 respostas + 06,81% - 84,09%	A.1	C.1.2. 47 respostas + 72,34% - 14,89%	A.2	C.2.2 43 respostas + 00,00% - 86,04%	A.2	D.2 42 respostas + 08,51% - 85,10%
	a 2	b.1	a 2	b.2	a 2	b.3	a 2	c.1.2	a 2	c.2.2	a 2	d.2
INTERAÇÃO entre PESSOA HUMANA e SOCIEDADE	A.3 43 respostas + 34,88% - 54,16%	B.1	A.3	B.2 44 respostas + 18,18% - 61,36%	A.3	B.3 44 respostas + 40,90% - 34,09%	A.3	C.1.3 47 respostas + 19,14% - 76,59%	A.3	C.2.3 45 respostas + 13,33% - 84,44%	A.3	D.3 47 respostas + 02120% - 93,61%
	a 3	b.1	a 3	b.2	a 3	b.3	a 3	c.1.3	a 3	c.2.2	a 3	d.3
MATURAÇÃO da SOCIEDADE rumo à AUTORIDADE	A.4 44 respostas + 31,81% - 47,72%	B.1	A.4	B.2 43 respostas + 32,55% - 53,48%	A.4	B.3 44 respostas + 13,63% - 72,72%	A.4	C.1.4 47 respostas + 19,14% - 70,21%	A.4	C.2.4 45 respostas + 06,66% - 88,88%	A.4	D.4 45 respostas + 11,11% - 84,44%
	a 4	b.1	a 4	b.2	a 4	b.3	a 4	c.1.4	a 4	c.2.4	a 4	d.4

Gráfico 18 - Número e porcentagem dos professores que concordaram e discordaram dentro da escala Likert sobre temas apresentados dentro a prática democrática escola durante a Abertura Política Brasileira.

⁴⁸ - As letras maiúsculas (A, B, C e D) são usados nos textos relativos à teoria.

⁴⁹ - As letras minúsculas (a, b, c e d) são usados nos textos quando se referem investigação e aplicação da teoria

RESULTADO DO QUESTIONÁRIO APLICADO AOS PROFESSORES DO COLÉGIO GODÓI

Coeficiente alfa e coeficiente de correlação entre as questões positivas e negativas

Uso da escala Likert:

Foram tabulados 56 instrumentos. Em cada instrumento havia 48 questões. Estabeleceram-se 24 questões formuladas de maneira positiva e 24 questões negativas.

Atribui-se um valor de 01 até 05. Nas questões positivas, 05 corresponde ao totalmente de acordo.

Nas questões negativas, 05 corresponde ao totalmente em desacordo.

Resultados:

Considerando só as questões positivas, por instrumento:

- máximo possível = 120 totalmente de acordo;
- máximo possível = 72 indiferente;
- máximo possível = 24 contrários.

Inverte-se estes índices para as questões negativas

Considerando as questões positivas mais negativas (48)

- máximo possível = 240 totalmente de acordo ou desacordo;
- máximo possível = 144 indiferente;
- máximo possível = 24 totalmente desacordo ou acordo para cada instrumento.

Considerando o total do universo:

- mínimo possível = 2.688
- médio (indiferente) = 8.064
- máximo possível = 13.440

INTRUMENTO n°	QUESTÃO +	QUESTÃO -	SOMA + e -
01	71	80	151
02	69	77	146
03	42	103	145
04	58	87	145
05	73	87	160
06	75	85	160
07	72	72	144
08	49	94	143
09	85	93	178
10	92	87	179
11	54	87	141
12	69	89	158
13	75	89	164
14	82	95	177
15	69	83	152
16	78	96	174
17	68	108	176
18	69	72	141
19	67	81	148
20	61	91	152
21	80	65	145
22	72	72	144
23	72	72	144
24	55	99	154
25	80	98	172
26	72	72	144
27	96	90	189
28	74	93	167

INTRUMENTO n°	QUESTÃO +	QUESTÃO -	SOMA + e -
29	74	93	167
30	48	116	164
31	91	110	201
32	67	72	139
33	72	73	145
34	66	94	160
35	62	82	144
36	68	91	159
37	80	82	162
38	82	108	190
39	71	91	162
40	56	105	161
41	61	84	145
42	72	74	146
43	72	72	144
44	61	102	163
45	73	103	176
46	76	115	191
47	79	87	166
48	68	74	142
49	65	99	164
50	72	99	143
51	58	75	133
52	68	78	146
53	93	101	194
54	79	86	165
55	72	72	144
56	88	87	175
Σ	3970	4932	8902

Gráfico 19 – Coeficiente alfa e coeficiente de correlação entre perguntas positivas e negativas em relação às práticas da democracia na escola ao longo da Abertura Política Brasileira, respondidas pelos professores do Colégio Cândido José de Godói.

A PRÁTICA DEMOCRÁTICA na ESCOLA PÚBLICA ESTADUAL: estudo de caso da expressão das condições da prática democrática pelos professores do Colégio Estadual Cândido José de Godói – POA- RS – durante a Abertura Política Brasileira (1979-1985). Dissertação de Círio SIMON, defendida, na PUC-RS, no ano de 1986.

	QUESTÃO +	QUESTÃO -	SOMA + e -
Σ	3970	4932	8902
M =	70,857	87,750	158,607
V =	120,765	154,473	256,596
COEFICIENTE α	0,8555	0,8946	
COEFICIENTE de CORRELAÇÃO = R + e - = 0,068			

Gráfico 19 – Coeficiente alfa e coeficiente de correlação entre perguntas positivas e negativas em relação às práticas da democracia na escola ao longo da Abertura Política Brasileira, respondidas pelos professores do Colégio Cândido José de Godói.

C.3 – ENTREVISTA ESCRITA

Junto ao questionário, foram encaminhadas duas perguntas abertas: (Anexo 23, p.399)

- 1) Na sua opinião, quais as cinco condições mais importantes para que haja democracia na escola?
- 2) Atualmente, quais lhe parecem ser os cinco maiores obstáculos para que o professor participe de uma forma democrática na Escola?

Foram devolvidos 56 (cinquenta e seis) instrumentos. Destes, nove estavam em branco ou parcialmente respondidos.

As respostas dos professores são colocadas dentro do quadro teórico desta tese. Posteriormente montou-se um texto no qual estas respostas ganham a mesma estrutura deste quadro.

As preciosas respostas, pelo brilho da inteligência destes professores mereciam várias dissertações diferentes. Infelizmente só tiveram uma única leitura feita pela presente análise.

No texto a seguir os números entre parênteses () indicam o número do instrumento no qual aparece a expressão do professor.

O PROFESSOR EXPRESSA:												
O OUTRO						O EU						
B . A SOCIEDADE em MOVIMENTO na ABERTURA POLÍTICA BRASILEIRA						C - a AUTO-IMAGEM			D o EU no INTERIOR de sua CLASSE			
B . 1- na MACRO POLÍTICA		B . 2 no AMBIENTE ESCOLAR		B . 3 na UNIDADE ESCOLAR		C . 1 a si MESMO		C . 2 a sua PROFISSÃO				
DEMOCRACIA A . 1 EQUILÍBRIO entre o EU e o TU	A.1 ⁵⁰	B.1	A.1	B.2	A.1	B.3	A.1	C.1.1	A.1	C.2.1	A.1	D.1
	<u>INFORMAÇÃO</u> como <u>EQUILÍBRIO</u>		<u>EQUILÍBRIO DINÂMICO</u> na <u>EDUCAÇÃO</u>		<u>A ESCOLA LUGAR</u> de <u>EQUILÍBRIO</u> entre o <u>EU</u> e o <u>OUTRO</u>		<u>PROFESSOR DIANTE</u> de si <u>MESMO</u>		<u>PROFESSOR DIANTE</u> do <u>OUTRO</u>		<u>EXPRESSÃO</u> da <u>CLASSE</u> do <u>OUTRO</u>	
	a1 ⁵¹	b.1	a 1	b.2	a 1	b.3	a 1	c.1.1	a 1	c.2.1	a 1	d.1
	A.2	B.1	A.2	B.2	A.2	B.3	A.1	C.1.2.	A.2	C.2.2	A.2	D.2
MATURAÇÃO da PESSOA HUMANA AUTONOMIA	<u>MUDANÇAS</u> na <u>MACRO-POLÍTICA</u> como <u>AUTONOMIA</u>		<u>MUDANÇAS</u> na <u>EDUCAÇÃO</u>		<u>ESCOLHA</u> de um <u>CENTRO</u> de <u>AUTONOMIA</u>		<u>PROCESSO</u> de <u>AUTONOMIA SOMÁTICA</u>		<u>CONSCIÊNCIA PROFISSIONAL</u> como <u>UTONOMIA</u>		<u>CONSCIÊNCIA</u> de <u>CLASSE</u> como <u>AUTONOMIA</u>	
	a 2	b.1	a 2	b.2	a 2	b.3	a 2	c.1.2	a 2	c.2.2	a 2	d.2
	A.3	B.1	A.3	B.2	A.3	B.3	A.3	C.1.3	A.3	C.2.3	A.3	D.3
	<u>ABERTURA POLÍTICA</u> como <u>INTERAÇÃO</u>		<u>MUDANÇAS EDUCATIVAS</u> e a <u>SOCIEDADE</u>		<u>LEGITIMAÇÃO</u> na <u>ESCOLA</u> e a <u>JUSTIÇA</u>		<u>AUTO-IMAGEM EXPRESSA</u> como <u>INTERAÇÃO</u>		<u>PROFISSÃO</u> como <u>INTERAÇÃO</u>		<u>CLASSE</u> como <u>INTERAÇÃO</u>	
INTERAÇÃO entre PESSOA HUMANA e SOCIEDADE	a 3	b.1	a 3	b.2	a 3	b.3	a 3	c.1.3	a 3	c.2.2	a 3	d.3
	A.4	B.1	A.4	B.2	A.4	B.3	A.4	C.1.4	A.4	C.2.4	A.4	D.4
	<u>ABERTURA POLÍTICA</u> e a <u>AUTORIDADE</u>		<u>MUDANÇA</u> e a <u>AUTORIDADE</u>		<u>NEGOCIAÇÃO APRENDIDA</u> na <u>ESCOLA</u>		<u>PROFESSOR PESSOA</u> diante da <u>AUTORIDADE</u>		<u>PROFISSÃO</u> e a <u>AUTORIDADE</u>		<u>A CLASSE</u> e a <u>AUTORIDADE</u>	
	a 4	b.1	a 4	b.2	a 4	b.3	a 4	c.1.4	a 4	c.2.4	a 4	d.4
MATURAÇÃO da SOCIEDADE Rumo à AUTORIDADE	<u>ABERTURA POLÍTICA</u> e a <u>AUTORIDADE</u>		<u>MUDANÇA</u> e a <u>AUTORIDADE</u>		<u>NEGOCIAÇÃO APRENDIDA</u> na <u>ESCOLA</u>		<u>PROFESSOR PESSOA</u> diante da <u>AUTORIDADE</u>		<u>PROFISSÃO</u> e a <u>AUTORIDADE</u>		<u>A CLASSE</u> e a <u>AUTORIDADE</u>	
	a 4	b.1	a 4	b.2	a 4	b.3	a 4	c.1.4	a 4	c.2.4	a 4	d.4

Gráfico 20 Quadro teórico, idêntico ao gráfico 17, usado para catalogar as respostas da entrevista escrita aplicada ao universo dos professores do Colégio Godói.

⁵⁰ - As letras maiúsculas (A, B, C e D) são usados nos textos relativos à teoria.

⁵¹ - As letras minúsculas (a, b, c e d) são usados nos textos quando se referem investigação e aplicação da teoria

A1 - A INFORMAÇÃO como EQUILÍBRIO entre o EU e o OUTRO.
INFORMAÇÃO como EQUILÍBRIO

Questão A 1 x B1	A INFORMAÇÃO como EQUILÍBRIO entre o EU e OUTRO na MACRO POLÍTICA	44 respostas
-------------------------	--	---------------------

1 - *Na sua opinião, quais as cinco condições mais importantes para que haja democracia na escola?*

2 - *Atualmente, quais lhe parecem ser os cinco maiores obstáculos para que o professor participe de uma forma democrática na Escola?*

Parte-se da premissa de Espinosa que “base de qualquer organizado social é a segurança” ao analisar a questão do Estado todo-poderoso e onipresente que absorve o professor. Um dos professores apontou “a insegurança quanto aos rumos políticos do país” (29) como um dos maiores obstáculos para a democracia na escola. Para outros dois, NÃO houve uma cultura que habituou os indivíduos livres a se organizarem de forma democrática, pois notaram que não existe “uma real postura democrática, por ser difícil assumir de repente, posicionamentos não vivenciados anteriormente” (14) e (25).

Uma conclusão possível nestas duas observações é que a prática democrática não depende nem da segurança do Estado nem liberdade do indivíduo mas do equilíbrio homeostático entre o EU e o OUTRO, ou seja no presente caso entre o EU e o SISTEMA. Nesta direção, um professor apontou uma das condições do equilíbrio entre da desigualdade para a igualdade: “A exposição clara, por parte de Diretores, professores e alunos dos objetivos, das posições a serem adotadas. Delineamento de funções e real execução delas” (38). Com esta observação evidencia-se que esta homeostase possui a informação como fonte deste equilíbrio e colocada como centro do presente ítem.

Se for possível ordenar as vontades para esta ‘exposição clara dos objetivos’, teremos feito o caminho rumo à segurança, estabilidade e legitimação do sistema e materializado aqui, na unidade escolar. O EU poderá partir de novo para o seu objetivo que é a liberdade, o diferente.

Como resultado é possível de afirmar que os professores expressaram nesta questão, em muitos instrumentos de pesquisa, o equilíbrio em favor do EU, sem uma explícita preocupação com a segurança institucional.

O EQUILÍBRIO DINÂMICO na EDUCAÇÃO.

Questão A.1 x B2	A informação é portadora do equilíbrio dinâmico do Eu dentro do Ambiente Educativo	respostas
-------------------------	---	------------------

1 - *Na sua opinião, quais as cinco condições mais importantes para que haja democracia na escola?*

2 - *Atualmente, quais lhe parecem ser os cinco maiores obstáculos para que o professor participe de uma forma democrática na Escola?*

Ao auscultar as condições de uma prática democrática no espaço educativo, existem variadas opiniões. Uma dessas opiniões afirma que deve existir um “*verdadeiro interesse pela educação*” (34). Outra supõe a necessidade da “*valorização da pessoa humana*” (52). Uma terceira necessita da “*liberdade de manifestar suas opiniões e pensamentos*” (45)”. A todas elas é comum a esperança na pessoa humana, silenciando-se qualquer ênfase no papel institucional para que exista condição para a democracia na escola. Não se percebe, ou não se quer saber das barreiras, das inadequações e das falácias instituições, podendo admitir-se uma ingenuidade incrementada e subliminar entre os docentes que responderam às questões. Contudo não se pode generalizar, pois um professor acha que existe: “*resistência pessoal de cada indivíduo no sentido de participar, de se comprometer e de se envolver no processo*” (38) mas sem indicara qual a causa desta resistência, enquanto três outros professores acharam que existe: “*resistência às mudanças*” (14), (25) e (31).

De uma forma geral pode-se chegar à resultado: de que, os entrevistados que chegaram mais próximos desta questão, acreditam mais de que às soluções passam pelo EU como centro EQUILÍBRIO DINÂMICO na EDUCAÇÃO. Assim o agente institucional é favorecido, ao menos como mentor deste equilíbrio.

A ESCOLA como LUGAR de EQUILÍBRIO entre o EU e o OUTRO

Questão A.1 x B3	A Unidade Escolar como lugar de equilíbrio entre o Eu e o OUTRO.	44 respostas
-------------------------	---	---------------------

1 - *Na sua opinião, quais as cinco condições mais importantes para que haja democracia na escola?*

2 - *Atualmente, quais lhe parecem ser os cinco maiores obstáculos para que o professor participe de uma forma democrática na Escola?*

Um dos entrevistados viu e descreveu com realismo a escola como “*um lugar para encontro de pessoas de formação diferente, comportamentos diferentes, valores e conceitos diferentes*” (9). Um outro entrevistado como professor: “*não admite um ente estático. A escola deve aceitar o professor como é em seu processo evolutivos*” (8). Nestas duas observações temos duas dimensões complementares: a diferença existencial e a diferença evolutiva no tempo. Isto não impediu para um professor a expressão da condição da transformação destas diferenças em direção a igualdade , quando afirmou :“*que se inicie de dentro para fora da escola o trabalho de conscientização do homem como pessoa humana*” (51).

As expressões do entrevistados concentra-se na pessoa humana no presente item. Eles não abrem espaço para discussão das condições institucionais da escola que devem se amoldar aquilo que o EU determina ou então amoldar-se à vontade institucional. Nem para este voluntarismo do EU, nem para a sua heteronomia, não se discute a escola como o espaço que possui a sua lógica de segurança para o desenvolvimento desta potencialidade do ser humano. Nem mesmo o exemplo da violência contra os professores punidos, assusta estes professores, como ficou demonstrado no questionário (A1 x B3).

Na conclusão é possível perceber que, nas expressões dos docentes entrevistados, a centralização do discurso na personalidade dos agentes institucionais. Estes agentes necessitam dialogar entre si, mesmo que seja por estereótipos dos quais não se possui o alcance e a origem destas construções institucionais.

O PROFESSOR diante de SI MESMO

Questão A.1 x C1	A auto-imagem do professor e a expressão do EQUILÍBRIO entre o EU e o OUTRO	46 respostas
-------------------------	--	---------------------

- 1 - *Na sua opinião, quais as cinco condições mais importantes para que haja democracia na escola?*
- 2 - *Atualmente, quais lhe parecem ser os cinco maiores obstáculos para que o professor participe de uma forma democrática na Escola?*

Numa afirmação orientada pelo pensamento de nossa cultura nascida na Grécia e revivida periodicamente, um dos professores colocou com uma das condições da prática democrática: “*O professor deve ser o que é apenas*” (8) A limpidez e a economia deste pensamento foi resumido por Heidegger em ‘*O Ente e o Ser*’. Outros dois professores estabeleceram que este ser deve se separar e “*valorizar o ser e não do ter*” (2) e (4). Os professores estão expressando nestes depoimentos uma das condições básicas da passagem da desigualdade para a igualdade. Aparentemente contraditório, o desigual do ser, encontra no ser do professor alguém que unifica ao se assumir. É um ponto de apoio da alavanca para a mudança conforme “*a capacidade de o professor assumir-se como responsável por suas falhas*” (3). Uma outra condição da passagem do EU diferente ‘*cheio de falhas*’ (3) em direção da igualdade diante do OUTRO ou do sistema. O conflito, a guerra instalada entre o EU e o TU, fica evidente também quando: “*professor não aceita as suas falhas e joga a culpa no sistema*” (3)

Na conclusão pode-se afirmar que existe confusão e medo diante de si mesmo e diante do outro. Mas aqui também existe vantagem e maior crença no EU no universo conceitual expresso pelo professor.

O PROFESSOR diante do OUTRO

Questão A.1 x C2	O professor expressa na sua PROFISSÃO o EQUILÍBRIO entre o EU diante do OUTRO	45 respostas
-------------------------	--	---------------------

- 1 - *Na sua opinião, quais as cinco condições mais importantes para que haja democracia na escola?*
- 2 - *Atualmente, quais lhe parecem ser os cinco maiores obstáculos para que o professor participe de uma forma democrática na Escola?*

O professor é tratado pelo que produz, gerando-se uma reificação. Uma das condições da passagem da desigualdade para a igualdade da reificação no igual do grupo foi dada por seis professores quando afirmaram de uma ou outra forma: “*capacidade de*

saber aceitar os que pensam de modo diferente" (3), (6), (14), (15) e (24). Aponta-se e se evidencia aqui uma das nossas interrogações básicas: *'se o professor sabe expressar as suas diferenças?* Uma das causas da inibição, em expressar as diferenças, foi apontado por um professor ao afirmara que *"falta de competência. O professor sente-se culpado. Sabe que seu trabalho é de baixa qualidade e então não compra nenhuma briga com medo de ser cobrado e recriminado"* (35). Três professores estabelecem como condição para a prática democrática: *"ser profissional"* (5), (15) e (16).

Há um apelo de: *"maior valorização do professor"* (53) sem dizer quem deve valorizar. Um outro professor coloca a culpa na: *"falta de responsabilidade em quem assumiu o compromisso de formar e Educar homens."* (51)

Como resultado pode-se afirmar que uma das garantias da passagem da desigualdade para a igualdade, parece estar nas mãos do professor, contanto que seja competente. Nas expressões do professor percebe-se a tendência para que a prática profissional o EU do docente seja equilíbrio com o OUTRO.

EXPRESSÃO da CLASSE do OUTRO

Questão A.1 x D	O professor expressa o EQUILÍBRIO entre o EU e o OUTRO pelo EU no interior da sua CLASSE profissional	46 respostas
------------------------	--	---------------------

- 1 - *Na sua opinião, quais as cinco condições mais importantes para que haja democracia na escola?*
- 2 - *Atualmente, quais lhe parecem ser os cinco maiores obstáculos para que o professor participe de uma forma democrática na Escola?*

Uma das condições da democracia que desperta maior recriminação da parte do professor foi *"a falta de participação."* (46) e da falta *"de confiança no colega"* (15) Três professores foram veementes na denúncia da: *"falta de respeito e aceitação das diferenças e posicionamentos."* (14), (25) e (31) Estas posições expressam a impossibilidade de agir diante do universo do diferente irreduzível, enquanto perdurar esta falta de respeito e aceitação.

No entanto, em outros instrumentos, existem excelentes indicações da passagem da desigualdade para a igualdade. Estas condições se apoiam sobre instituições de classe como CPERS, CPB. Por meio *"desta participação (nas instituições de classe) desenvolve o espírito crítico, político, não apenas nas questões salariais, mas em outras*

tantas que ocorrem." (46) Pode-se verificar que a produção comum, que é a educação institucional, deixou um traço coletivo. Este traço comum é o que melhor define a classe (Santos-1982). A evidência deste fenômeno é a de que o entrevistado conhecia os entrevistados fazia bastante tempo.

Como os instrumentos não foram assinados não foi possível reconhecer ou identificar os entrevistados a partir dos instrumentos, tal a semelhança entre eles.

AS questões respondidas apontam para nítidas expressões do resultado do sentimento de classe como ponto de manutenção do equilíbrio do EU diante do Outro colocado fora desta classe

**A2 - A DEMOCRACIA como MATURAÇÃO da PESSOA HUMANA
MUDANÇAS na MACRO-POLÍTICA como AUTONOMIA.**

Questão A2 x B1	A autonomia vinda da MATURAÇÃO da PESSOA HUMANA como AUTONOMIA na MACRO-POLÍTICA na Abertura Política	44 respostas
------------------------	--	---------------------

1 - *Na sua opinião, quais as cinco condições mais importantes para que haja democracia na escola?*

2 - *Atualmente, quais lhe parecem ser os cinco maiores obstáculos para que o professor participe de uma forma democrática na Escola?*

Pelas expressões colhidas por estas perguntas em relação a e item específico fica aberto um caminho para a prática da democracia com uma das condições expressas por um professor: *"é o conjunto todo que decide e não parte pelo todo"* (48).

Um dos obstáculos à prática democrática é a reificação da própria palavra democracia *"profanamos a palavra democracia e a esvaziamos."* (52) sem que esta palavra se origine da maturação. Para esta maturação um dos entrevistados exige *"preparo e conhecimento sobre a democracia."* (52) e *"aprofundamento de idéias democráticas."* (47) Diante disto há necessidade da descoberta de mais caminhos para a negociação desta independência apoiada na verdade. A condição da *'decisão do todo'* é o oposto a independência da pessoa que o professor manifesta diante do Estado.

Como resultado do conjunto das expressões, que convergem para esta questão, é possível enunciar que, na maioria delas, a esperança da salvação vem de cima, contanto que venha em socorro do EU. Este socorro aparece se o EU souber negociar a

'*autonomia do todo, diante do OUTRO*'. Desta forma o professor expressa as mudanças na macro-política.

MUDANÇAS na EDUCAÇÃO

Questão A2 x B2	As mudanças no ambiente educativo como maturação da pessoa humana em direção de sua autonomia	44 respostas
------------------------	--	---------------------

1 - *Na sua opinião, quais as cinco condições mais importantes para que haja democracia na escola?*

2 - *Atualmente, quais lhe parecem ser os cinco maiores obstáculos para que o professor participe de uma forma democrática na Escola?*

Para um entrevistado a Educação, como autonomia, encontra uma dificuldade no fato de que “*os professores sentem-se perdidos.*” (46) Uma das condições da prática da democracia é colocada na forma de uma denúncia da instituição que oferece “*pouca freqüência de espaços em que o professor exercita a participação.*” (38) Um dos professores indica um caminho básico das condições: para a democracia onde “*cada pessoa assuma a sua condição de ser livre.*” (51). Este docente identifica-se com Kant: que traçou a sina para o ser humano em ‘*estamos condenados a ser livres*’.

A insegurança do professor possui a sua origem na indefinição conceitual que o leva a beira do caos, ameaça que é expressa “*eu sinto os professores, e ali me incluo entre eles, perdidos. Enquanto profissionais não sabemos ainda ao certo como melhorar.*” (46) Uma grande para

Como resultado, verificou-se que o docente expressa dependência, a falta de modelo e confluência para o personalismo sem rumo. Ao longo da presente pesquisa o professor expressa várias vezes a anomia como indivíduo diante das mudanças que está tomando a mudança na educação.

A ESCOLHA de CENTRO de AUTONOMIA

Questão A2 x B3	A escolha da unidade escolar como centro da maturação da pessoa humana em direção da autonomia	44 respostas
------------------------	---	---------------------

1 - *Na sua opinião, quais as cinco condições mais importantes para que haja democracia na escola?*

2 - *Atualmente, quais lhe parecem ser os cinco maiores obstáculos para que o professor participe de uma forma democrática na Escola?*

Um professor expressou claramente a sua fuga da reificação quando escreveu “o direito de ser indivíduo e não parte de um bando.” (17) Para outro professor a “inclusão do professor no processo de tomada de decisão” (38) constitui o remédio e a fuga para a reificação.

Outro professor denuncia: a deficiência institucional na “*má definição das tarefas.*” (38). Interpreta-se aqui o ‘*sentir-se parte de um bando*’ como um desafio lançado pelo professor para que se estabeleçam diferenças rumo a uma sociedade.

Como resultado em vários instrumentos consta-se o professor expressando e buscando meios de superar a sua heteronomia no contexto da unidade na qual exerce a sua profissão.: Entre estes meios ele recorre à individuação. Na escola ele repensa os programas em função da sua maturação e autonomia.

PROCESSO de AUTONOMIA SOMÁTICA

Questão A2 x C1	O professor expressa a sua auto-imagem como maturação de pessoa humana dentro processo da autonomia somática	47 respostas
------------------------	---	---------------------

1 - *Na sua opinião, quais as cinco condições mais importantes para que haja democracia na escola?*

2 - *Atualmente, quais lhe parecem ser os cinco maiores obstáculos para que o professor participe de uma forma democrática na Escola?*

A educação tanto da indivíduo como da sociedade constitui-se num processo cumulativo que necessita basicamente de tempo para se completar. A prática democrática está inscrito neste processo: “*a educação deve ser uma constante entre as pessoas.*” (38). Esta constante supõe ultrapassar a fase do egoísmo infantil e alcançar uma alto grau de maturidade, que constitui um dos pontos fundamentais da democracia: “*nenhum egoísta é capaz de pensar ou agir para a consolidação da democracia.*” (38). Assim conquista a autonomia por meio da sistemática educação, acompanhado por um amadurecimento somático, parece ser uma indicação segura de que estes docentes estão no caminho da prática democrática na escola.

Para a democracia é necessária a conquista da autonomia e “*saber usar a liberdade.*” como dois professores deixaram bem claro(3) e (21),: Verifica-se aqui também a ênfases na liberdade do indivíduo contra a segurança do Estado. Vários professores

expressaram e deram muita ênfase no “ *espírito crítico e a liberdade de expressão.*” (14), (25), (31) e (56). O conjunto dessas expressões leva a acreditar que a auto-imagem é um dos índices do amadurecimento é da capacidade de externar o seu universo interior projetando-o contra o sistema:

Pode-se admitir com resultado destas questões que o professor expressa, com muita força, a busca da autonomia do EU: Porém esta busca não se constitui num processo genérico. Ele se diversifica de tal forma que cada geração possui características próprias na sua evolução e que poderá se expressar em conflitos de gerações

.A CONSCIÊNCIA PROFISSIONAL como AUTONOMIA

Questão A2 x C2	O professor expressa a sua consciência profissional como maturação da pessoa humana em direção da autonomia	43 respostas
------------------------	--	---------------------

1 - *Na sua opinião, quais as cinco condições mais importantes para que haja democracia na escola?*

2 - *Atualmente, quais lhe parecem ser os cinco maiores obstáculos para que o professor participe de uma forma democrática na Escola?*

A consciência profissional provocou uma expressão de afirmação da autonomia do docente e ao, mesmo tempo, uma denúncia do perigo “*que o professor seja educador e não mero empregado do Estado*” (2) Este resposta evidenciou a tentativa do professor da fuga da reificação por meio da igualdade imposta de fora para dentro.

Nas demais expressões dos professores ficaram nítidas as dificuldades e condições da prática democrática na escola. Assim dois professores afirmaram “*O professor que não sabe usar a sua liberdade*”. (3) e (12) “*e que não aceita pessoas que pensam de modo diferente*”. (11). Nesta respostas transparece o processo internalizado da reificação da pessoa e as suas conseqüências no exercício profissional adequado para a prática democrática.

A prática democrática origina-se verdadeira consciência de educador profissional, mas que enfrenta dificuldades na “*má formação de certos professores ou o desleixo e falta de interesse.*” (11) e não permitem chegar à maturidade

A dificuldade na prática democrática para um entrevistado reside ‘*o não uso da liberdade*’. Ou então “*não aceitar o diferente nos outros*’. Ou ainda ‘*a confusão entre*

educador e empregado'. Há outro que afirma que *"influem também 'a má formação do professor'*. Um outro reclama do professor de *"que não sua a camisa de profissional."* A falta do *'professor camisa'*, que luta pela educação e ensino, nos mostra professores acreditando pouco no profissional do magistério.

No conjunto ficaram bem evidenciadas as dificuldades da prática da democracia nas expressões das condições que impõe ao profissional que assumiu o magistério como projeto de vida. Estas expressões mostram que se instala caos que gera a impossibilidade da maturidade em face de um compromisso e comportamento democrático sem o cultivo deste projeto.

CONSCIÊNCIA de CLASSE como AUTONOMIA

Questão A2 x D	O professor expressa a consciência de classe como maturação da pessoa humana na sua autonomia	42 respostas
-----------------------	--	---------------------

1 - *Na sua opinião, quais as cinco condições mais importantes para que haja democracia na escola?*

2 - *Atualmente, quais lhe parecem ser os cinco maiores obstáculos para que o professor participe de uma forma democrática na Escola?*

Chega-se ao núcleo central da presente pesquisa. Neste núcleo o professor soube usar os fatos, elaborando-os em expressões criativas para a melhora da prática democrática como classe ao afirmar que é necessário *"deixar os interesses próprios de lado, e partir para ações coletivas."* (6). Se de um lado existe este convite, não existe o apontamento dos meios institucionais para esta transformação. Estes meios encontram uma barreira a democracia quando um outro denuncia a *"falta de consciência de classe"*. (35) Outro percebe um obstáculo na falta de uma visão mais abrangente: *"A perspectiva de trabalho do professor dar aula. Sua atuação deveria ser encarada mais amplamente"* (38) . No conjunto destas expressões evidencia-se uma resistência à unificação reificadora mas não a expressão das diferenças face ao sistema .

A.3 – Estágio de interação da pessoa humana e sociedade como condição para a prática democrática

A ABERTURA POLÍTICA como INTERAÇÃO

Questão A3 x B1	A Abertura Política na macro-política funcionou como interação da pessoa humana com a sociedade	43 respostas
------------------------	--	---------------------

1 - *Na sua opinião, quais as cinco condições mais importantes para que haja democracia na escola?*

2 - *Atualmente, quais lhe parecem ser os cinco maiores obstáculos para que o professor participe de uma forma democrática na Escola?*

Para alguns professores, a Abertura Política ficou terrivelmente reduzida a uma farsa quando alguém afirma que o “*sistema central continua com o poder nas mãos e as nossas continuam amarradas*”. (36). Outro denuncia que as “*decisões prontas de cima para baixo, sem levar em consideração a opinião da maioria*.” (53). Para outro uma das maiores dificuldades para a prática democrática está na “*falta de comunicação*” (12)

A conclusão que se chega que nenhuma solução isoladamente é democrática. A solução é o conjunto delas que forma a vida democrática. Democracia é a interação de consciências e problemas num todo alimentado pela circulação do poder realizado pelo processo da interação na qual a informação e a comunicação possui um papel central. Observando os resultados verifica-se que vários professores expressam estágios baixos de cooperação.

MUDANÇAS EDUCATIVAS e a SOCIEDADE

Questão A3 x B2	Mudanças no ambiente educativo como interação entre a pessoa humana com a sociedade	44 respostas
------------------------	--	---------------------

1 - *Na sua opinião, quais as cinco condições mais importantes para que haja democracia na escola?*

2 - *Atualmente, quais lhe parecem ser os cinco maiores obstáculos para que o professor participe de uma forma democrática na Escola?*

Uma das maiores dificuldades para a prática democrática é “*a ausência de uma consciência de uma consciência política dos professores que os levam a não querer mudanças. Caem naquele clima de achar que as coisas são com são e que não mudarão*” (46)

Um dado subjetivo, mas fundamental: “*é acreditar na capacidade própria para alterar as coisas, para acreditar na capacidade própria para alterar de fato no seu trabalho.*” (46) Esta crença faz lembrar Max Weber (1979, p.152).para quem “*não esquecer que paralelamente ao ‘valor de êxito’ de uma ação, existe também o ‘valor de convicção’.*” Sem o valor de convicção de que a democracia é recriação permanente, descoberta permanente das diferenças, contínuo esforço de descoberta do que existe no meio da diferença que possa transformar-se em igual. Assim acreditar na capacidade própria para alterar as coisas é uma condição do equilíbrio entre o desigual e o igual

Como resultado temos expressões vindas do professor que, nesta questão, manifesta a convicção o poder de chegar ao estágio de interação, afastando a alienação.

LEGITIMAÇÃO e JUSTIÇA na ESCOLA

Questão A3 x B3	A legitimação na unidade escolar e a justiça na interação da pessoa humana com a sociedade	44 respostas
------------------------	---	---------------------

1 - *Na sua opinião, quais as cinco condições mais importantes para que haja democracia na escola?*

2 - *Atualmente, quais lhe parecem ser os cinco maiores obstáculos para que o professor participe de uma forma democrática na Escola?*

Um professor escreveu que: “*não há consulta para opinar sobre a organização da escola*” (38) expressando as condições e dificuldades para a prática democrática na escola. Um outro se colocou no pólo oposto aderindo a ordem e sistematização e propõe simplesmente: “*um código de ética profissional claro e preciso, determinando a ação de cada segmento da escola.*” (29) Com esta solução a democracia terminaria. Onde ficaria a interação, o planejamento das ações pessoais responsáveis diante do outro? Restariam apenas debates generalistas inúteis, de futebol, de moda... e não relações concretas reais que correm aleatoriamente dentro da realidade aqui e agora, se tudo já está planejado?

Uma outra observação de : que “*falta de abertura para a mudança.*” (31) recoloca a liberdade como fonte da mudança e que para este professor constitui um dos grandes obstáculos à prática democrática Esta falta de abertura pode ser interpretada no sentido do bloqueio vindo dos sistema, como também do indivíduo que se auto-bloqueia pela ansiedade, o medo e a perspectiva de um possível caos. Mas ambas contribuem para que o professor opte por uma solução radical de que “*tudo deve ser determinado*”..

Não havendo abertura para a mudança, não haverá democracia, não haverá sentido na 'Abertura Política' proclamado pelo sistema. Não há democracia se a democracia não é reinvenção coletiva constante conforma Lefort,. Não há esta reinvenção coletiva da democracia se: *“o professor não é consultado para opinar sobre a organização da escola.”* (38)

Um professor expressa exatamente aquilo que deseja provar nesta tese: *“igualdade para todos porém com a consciência de que temos direitos e obrigações a serem respeitados”* (36). Após o conhecimento a vontade é convidada para a anuência por meio de um contrato público no qual a liberdade do indivíduo se compromete com a segurança institucional. Neste contrato a igualdade pela igualdade constitui apenas uma fachada da democracia. Se não tiver as outras condições de interação, apenas teremos o cadáver. Os direitos e os deveres podem ser o de um escravo.

Se o resultado: das expressões dos professores indicar que existe apenas um estágio de cooperação, este contrato será um instrumento de exploração e de homogenização na escola.

AUTO-IMAGEM como INTERAÇÃO

Questão A3 x C1	A auto-imagem do professor expressa como interação da pessoa humana com a sociedade	47 respostas
------------------------	--	---------------------

1 - *Na sua opinião, quais as cinco condições mais importantes para que haja democracia na escola?*

2 - *Atualmente, quais lhe parecem ser os cinco maiores obstáculos para que o professor participe de uma forma democrática na Escola?*

É notável a capacidade de o professor propor soluções para fundamentar um caminho para a prática democrática. Um professor afirmou que a *“democracia não significa nivelar, unificar, muito ao contrário.”* (8) Com este expressão afasta-se a heteronomia, a homogenização pelo igual e se afirma a diferente da liberdade do EU face à instituição. Esta posição é corroborada pelas expressões de três outros entrevistados colocam como condição da democracia *“a liberdade de agir de acordo com seus princípios.”* (11), (12) e (27). Estas expressões reforçam o princípio do livre arbítrio sobre o qual foi construída a democracia ocidental.

Se as soluções são significativas as dificuldades não são menores Um professor coloca como obstáculo maior: *“os professores não tem tido muitas oportunidades de participar e não sabem como aproveitar pela falta de hábito de participar”*. Num outro instrumento existe a expressão de um dado imponderável em si mesmo mas que pode modificar completamente a relação democrática, sem que apareça a causa. Este dado perturbador é expresso como o *“rancor que as pessoas guardam.”* (9)

No conjunto temos com resultado constataram-se várias expressões que denunciam de que, nesta questão, existem vários professores trabalhando a nível de participação: Este nível de participação entrelaça e socializa o EU diante do OUTRO mais por laços afetivos do que contratuais.

A PROFISSÃO DOCENTE como INTERAÇÃO

Questão A3 x C2	O professor expressa a sua profissão como interação da pessoa humana com a sociedade	45 respostas
------------------------	---	---------------------

1 - *Na sua opinião, quais as cinco condições mais importantes para que haja democracia na escola?*

2 - *Atualmente, quais lhe parecem ser os cinco maiores obstáculos para que o professor participe de uma forma democrática na Escola?*

Uma das condições mais objetivas para a aceitação das diferenças dos outros é: *“o professor saber os altos e baixos da profissão.”* (2) Existe um enorme espaço de ação coletiva e intelectual ainda se admitirmos como verdadeira a afirmação: *“o professor não sabe o que é participar de forma democrática.”* (3) O círculo abre-se ainda mais se *“o professor é um profissional competente e criativo na sua área. Tem consciência como cidadão como esta área está inscrita numa realidade mais abrangente.”* (35)

Há um dado muito genérico no pedido de: *“valorização do professor que as vezes até é desrespeitado”* (35). Não existem indicações de quem deve valorizar e quem falta de respeito.

De uma forma geral os resultados da pesquisa tendem e expressam o estágio de participação. Existe imensa lacuna na busca de uma interação que busca negociar entre o EU e ou OUTRO as perdas e os ganhos antes, durante e depois de qualquer ação coletiva.

CLASSE como INTERAÇÃO

Questão A3 x D	O professor expressa a sua classe como interação da pessoa humana com a sociedade;	47 respostas
-----------------------	---	---------------------

1 - *Na sua opinião, quais as cinco condições mais importantes para que haja democracia na escola?*

2 - *Atualmente, quais lhe parecem ser os cinco maiores obstáculos para que o professor participe de uma forma democrática na Escola?*

Um professor expressa o seu deslocamento na sua classe pois se considera: “*apenas reprodutor de conhecimentos, o que leva o professor a esquecer a sua consciência política.*” (46) Um outro encontra um obstáculo ainda maior com “*a exacerbada especialização de funções e a divisão de trabalho mesmo dentro da própria escola.*” (38). Em consequência disto: “*os professores da sala de aula são tratados de forma diferente dos que estão no serviço.*” (42). A divisão da classe em setores é vista como negativa pois possibilita a racionalização administrativa, mas compromete profundamente o processo rumo ao estágio da interação. Constata-se aqui a diferença do tratamento ‘divide e impera’ como diziam os romanos, dispensado pelo dirigente. O que poderia ser oportunidade e caminho para a prática democrática torna-se um obstáculo para esta prática.

Como resultado, o que poderia ser igualdade, expressa através de um objetivo comum, cria a heteronomia da vontade. No conjunto existem várias expressões que indicam ainda um nível de cooperação entre os professores.

A.4 – A maturação do poder da sociedade rumo a autoridade como condição da democracia.

ABERTURA POLÍTICA e a MATURIDADE

Questão A4 x B1	A Abertura Política como maturação da sociedade do poder rumo a autoridade	44 respostas
------------------------	---	---------------------

1 - *Na sua opinião, quais as cinco condições mais importantes para que haja democracia na escola?*

2 - *Atualmente, quais lhe parecem ser os cinco maiores obstáculos para que o professor participe de uma forma democrática na Escola?*

O conflito expresso a este nível pelo professor, foi caracterizado como: “ausência de uma estrutura plenamente democrática na sociedade brasileira.” (34) Uma das dificuldades é o poder centralizado em mãos de poucos. Esta centralização está na medula da própria unidade escolar. “A direção muito ligada as ordens de serviço da SEC”. (42)

Uma das soluções apontadas para contrapor e equilibrar este poder central, é transformar o poder da escola em autoridade: “a escolha da direção da escola e não por indicação do Secretário de Educação.” (42) O trabalho para transformar o poder em autoridade é constante, assim como a alimentação é para qualquer ser vivo, numa sociedade que é um ser vivo e pretende focar viva.

No resultado possível de apontar é que vários professores expressam o poder do Estado em vez da autoridade do saber do professor.

MUDANÇAS e AUTORIDADE

Questão A4 x B2	O professor expressa as mudanças provocadas pela Abertura Política e a autoridade no Ambiente Educativo	43 respostas
------------------------	--	---------------------

1 - *Na sua opinião, quais as cinco condições mais importantes para que haja democracia na escola?*

2 - *Atualmente, quais lhe parecem ser os cinco maiores obstáculos para que o professor participe de uma forma democrática na Escola?*

A negociação entre autoridade e a possibilidade de fazer esta negociação, da parte do professor, fica seriamente ameaçada pelo fato de que: “o corpo discente estar com problemas econômicos e intelectuais.” (5) Este corpo discente é a base operacional do ambiente educativo. Se o professor não é uma base sólida todo edifício educativo não

tem significado. Não há mudanças possíveis. Outro professor denuncia: “a escola depende economicamente da contribuição do aluno e até de professores para o seu funcionamento.” (17) Contra a fragilidade da posição do professor vem: “o autoritarismo da SEC, impondo coisas contra o bom desempenho da escola dando ordens contraditórias.” (11) e (24) Uma das soluções apontadas para este autoritarismo é “a direção fora do gabinete.” (2) Evidente que a simples saída da autoridade do seu gabinete é a solução. Acredita-se que exista um pleito para uma maior atenção ao EU.

De uma forma geral há denúncias do ambiente educativo estar dominado ainda pelo poder do sistema mas sem apontar as condições de um equilíbrio. Como resultado final percebe-se o mascarar o poder central e o trabalho da transformação deste poder em autoridade.

NEGOCIAÇÃO APRENDIDA na ESCOLA.

Questão A4 x B3	A negociação da maturação da sociedade rumo à autoridade aprendida pelo professor na unidade escolar.	44 respostas
------------------------	--	---------------------

1 - Na sua opinião, quais as cinco condições mais importantes para que haja democracia na escola?

2 - Atualmente, quais lhe parecem ser os cinco maiores obstáculos para que o professor participe de uma forma democrática na Escola?

Coloca-se aqui a unidade escolar como lugar de negociação das diferenças, ao longo da ação onde se discute os ganhos e as perdas antes, durante e depois da ação coletiva. Os obstáculos saltam pois um dos entrevistados afirmou que “a imposição de um calendário escolar visando atender interesses outros que os da educação, quando professores e alunos, que são as partes interessadas, não são levados em consideração.” (17). Assim não parece possível apreender a negociação na escola durante a Abertura Política, pois um professor afirmou que “a escola está atrelada ao Estado.” (49). Outro constata a tendência para: “trancar o processo de avanço na escola.” (46) e que o mesmo professor traduz como “uma aparente democracia.” (46) Um outro constata um desvio da democracia na “situação da direção que quer agradar ao sistema e ao mesmo tempo aos professores.” (17)

No conjunto não existem expressões dos professores oferecendo meios para sair deste heteronomia, a não ser invertendo destas expressões negativas para o sentido

positivo Não há necessidade de agradar. A verdade das diferenças devem ser articuladas e ajustadas para que existem condições de uma homeostase na busca do equilíbrio entre o EU e o OUTRO.

Como conclusão é possível afirmar que a maioria dos professores expressa o puro exercício do poder na unidade escolar em vez da autoridade.

O PROFESSOR como PESSOA diante da AUTORIDADE

Questão A4 x C1	O professor expressa a sua pessoa diante da maturação da sociedade rumo à autoridade	47 respostas
------------------------	---	---------------------

1 - *Na sua opinião, quais as cinco condições mais importantes para que haja democracia na escola?*

2 - *Atualmente, quais lhe parecem ser os cinco maiores obstáculos para que o professor participe de uma forma democrática na Escola?*

O professor pode interpretar o seu papel como dominado, dominador, auxiliar de dominação, teórico de dominação e legitimador da dominação. Ao conferir as respostas dos docentes é possível verificar neste item que ficou claro um dos maiores obstáculos a democracia: *“é o medo do Sistema.”* (31) Este medo deriva do fato de ter havido precedentes de violência e o sistema não ter sido constituído pelo professor e assim ele possui medo deste mesmo sistema. Um destes medos consiste em que *“a direção da escola desligar a critério um professor da escola.”* (29)

A este medo um outro docente contrapõe o caminho para humanizar este poder transformando-o em autoridade é: *“dizer o que sentimos livremente e sermos respeitados por isto.”* (40) Neste sentido existe um acordo pleno da presente dissertação que afirma que na expressão que reside um dos mecanismos básicos para passar das desigualdades naturais para as igualdades possíveis. Um outro professor vai além e penetra na área subjetiva e se expressa como: *“a busca da concretização do ideal de cada um.”* (5) Este ideal é reforçado por um outro docente que expressa o *“direito de opções seja respeitado e estimulado a busca da concretização do ideal de cada um.”* (51) Outro professor coloca como condição da democracia: *“respeitar a individualidade do professor, aluno, direção e estrutura da escola.”* (8)

Como resultado final é possível afirmar que se existem várias expressões do poder da SEC e do Estado e não do professor como pessoa, de outra parte, existe uma extrema esperança que este EU possa impor-se a este sistema

A PROFISSÃO do DOCENTE e a AUTORIDADE.

Questão A4 x C2	O professor afirma a sua profissão como expressão da maturação da sociedade rumo à autoridade	45 respostas
------------------------	--	---------------------

1 - *Na sua opinião, quais as cinco condições mais importantes para que haja democracia na escola?*

2 - *Atualmente, quais lhe parecem ser os cinco maiores obstáculos para que o professor participe de uma forma democrática na Escola?*

A prisão dentro da profissão é expressa pelo professor através da: “*não permissão do professor em participar de resoluções importantes para a educação.*” (17) Ou então no: “*desinteresse das autoridades centrais na participação do professor.*” (34) Se dermos crédito a um professor, toda a Abertura Política não existe pois há: “*pouca autonomia de fato dos professores. Na realidade a direção tem o controle de tudo o que ocorre na escola e tem medo do que os setores e professores em geral poderão fazer.*” (46)

Este poder maquiavélico não é o objeto de nossa pesquisa. Interessa a expressão verbal das diferenças. Mas revela um elemento importante quando se trata da democracia. A causa pode ser tanto o Sistema como o indivíduo. A causa é a falta de negociação do poder como um hábito cultural herdado tanto pelo professor como pelo sistema personalizado na direção.

Se for retomada a distinção entre participação, cooperação e interação entre o dominado e dominador, não se constata altos índices de interação, na qual se ocorre a negociação dos ganhos e perdas como negociação do antes, durante e depois da ação.

Interpreta-se esta reificação aceita social e culturalmente devido a hábito da não negociação do equilíbrio entre o EU e OUTRO bloqueado pela cultura da família patriarcal do coronelismo, dos pacotes governamentais, do regimento da escola tipo receita, das cabeças transistorizadas e telecomandadas.

Como resultado verifica-se que o professor expressa a poder do sistema engravado na direção escolar proveniente da orientação social que confere ao professor o poder do saber.

A CLASSE e a AUTORIDADE.

Questão A4 x D	O professor afirma a sua classe do magistério como expressão como maturação da sociedade rumo à autoridade	45 respostas
-----------------------	---	---------------------

- 1 - *Na sua opinião, quais as cinco condições mais importantes para que haja democracia na escola?*
- 2 - *Atualmente, quais lhe parecem ser os cinco maiores obstáculos para que o professor participe de uma forma democrática na Escola?*

Neste item um dos professores reconhece nitidamente um dos grandes obstáculos para a prática democrática é: “*a mistura de idéias.*” (47) denunciando o ecletismo que Mário da Andrade denunciava em 1938 como “*refúgio dos covardes*”. O caos, a falta de diálogo, de negociação, da destilação das diferenças sem sentido social, desunem mais as pessoas do que as une.

Uma solução apontada é “*a formação de entidades, partidos que realmente defendam os interesses das pessoas*”. (6) e doa qual o Grêmio dos Professores é um das expressões. Uma outra solução é a descentralização do poder (da direção): “*direção representante dos professores e não representante da SEC.*” (46)

O aspecto maléfico do Sistema reaparece em cena quando o: “*o interesse de alguns na manutenção deste estado de coisas.*” (53)

Como resultado é possível perceber algumas evidências de conflito de classe nas expressões de professores liderança na classe dos professores.

5.D - EXPRESSÕES de AUTONOMIA no LIVRO de ATAS das REUNIÕES do GRÊMIO dos PROFESSORES do COLÉGIO ESTADUAL CÂNDIDO J. GODÓI

5.D.1 – História do Grêmio dos Professores do Colégio Cândido José de Godói, vista através das suas Atas

A organização dos professores num corpo distinto e de vida própria dentro do Colégio Godói, foi uma conquista lenta, gradual e de muito trabalho. (Gráfico 21)

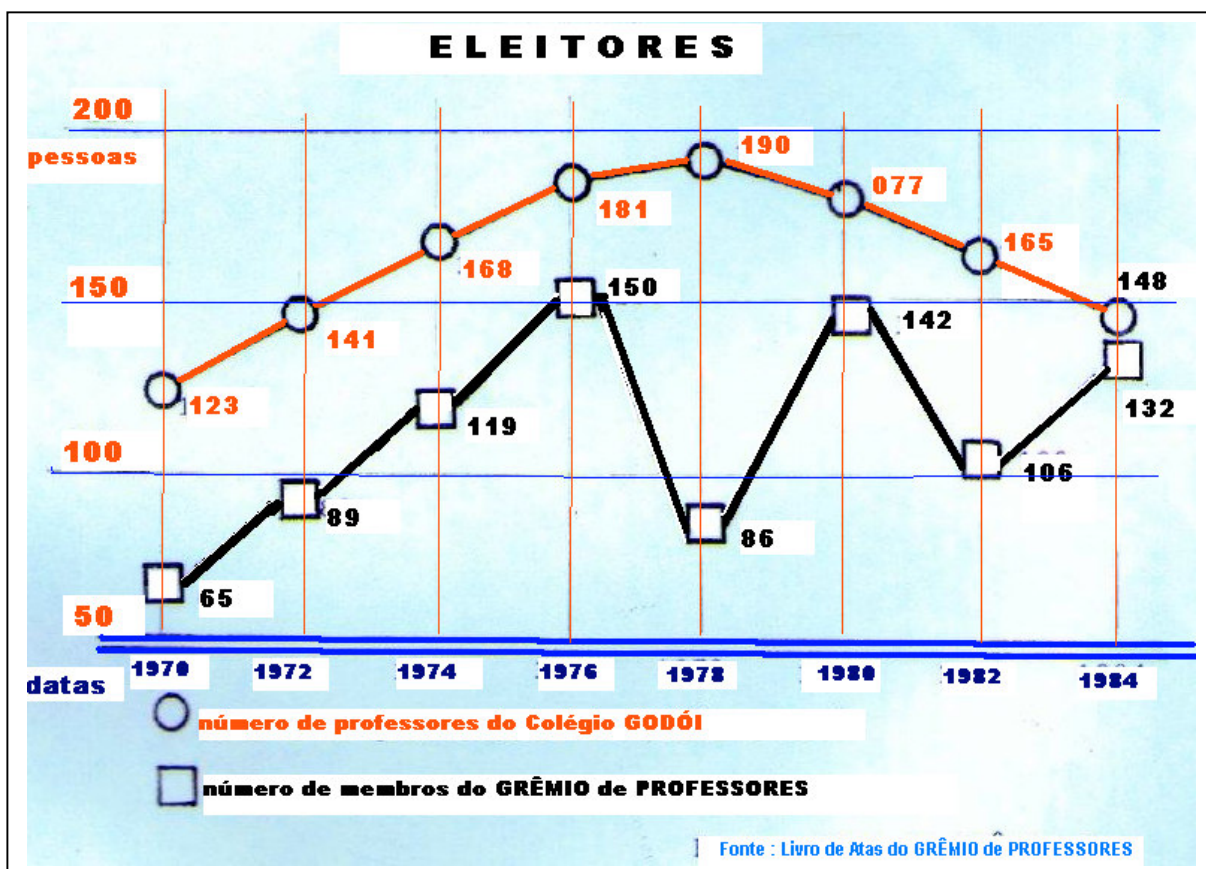


Gráfico 21 - A relação existente entre o número de professores do Colégio Godói e os eleitores para a Presidência do Grêmio dos Professores, entre os anos de 1970 até 1984.

A origem do GRÊMIO⁵² dos PROFESSORES do GODÓI⁵³ está registrada numa ata de 07 de outubro de 1957 sob a forma de uma ata. (Anexo I).

O primeiro livro de atas/1 inicia com um o registro de uma sessão, que depois será chamada de Reconstrução do Grêmio e que leva a data de 23 de junho de 1959. O primeiro livro das Atas possui 50 (cinquenta) folhas e registra as atas das sessões entre os anos de 1959 até 1970 (anexos 1 até 7). Em termos formais as Atas deste livro são bastante irregulares

O segundo livro de atas/2, iniciado em 1970, consta de duzentas folhas, das quais cento e cinquenta já haviam sido escritas no início de 1985. No segundo livro, as atas são impecáveis e seguem perfeita ordem cronológica. Em todos os anos, de 1970 até 1985, existe o registro das atividades do Grêmio, com no mínimo, uma ata (Gráfico 22)

No ano de 1970 estabeleceu-se a eleição bienal para a presidência e diretoria do Grêmio. Esta norma foi seguida fielmente sendo registrada nas atas dos anos pares. O número de votantes foi de 41 em 1969, até 150 no ano de 1976, quando os professores oscilavam de 85 em 1969 e 190 em 1976 no total geral (Gráfico n° 21).

A ação do Grêmio nos primeiros anos estava voltada para as atividades sociais, recreativas e sociais o que possível acompanhar por meio do livro n° I das Atas. As ações do GRÊMIO estão voltadas para chás, presentes aos aniversariantes, noivos, visitas a doentes. A esta época, que vai de 1970 até 1975, daremos o nome de '*Busca do Igual*'. Durante este período busca-se o uniforme, o estatuto, o agradável na profissão. Para Presidência do Grêmio concorrem e são eleitas somente chapas da situação. No máximo constata-se votos em branco ou abstenções

A etapa de 1976 a 1979 é caracterizada pelo surgimento do conflito, do diferente. Nesta etapa confrontam-se chapas da situação e oposição para a presidência deste

⁵² - Na tradição republicana os GRÊMIOS eram organizações do século XIX e que se opunham ao regime imperial, preparando o novo regime que se tornou efetivo a partir do dia 15 de novembro de 1889. Esses grêmios subversivos republicanos proliferaram de forma particular no interior paulista e reuniam as diversas categorias e classes preparando o novo regime. Talvez a sua existência expliquem o não derramamento de sangue e perturbações de ordem pública quando se passou de um regime para o outro.

⁵³ - O Grêmio dos professores do Colégio Estadual Cândido José de Godói foi registrado no Registro Especial de Títulos e Documentos de Porto Alegre – RS no dia 03 de novembro de 1959.

GRÊMIO. É a época do caminho em direção da liderança do CPERS e do afastamento da tutela direta da SEC.

Com a Abertura Política Brasileira em 1979, começa o '*Conflito Aberto*' entre os que querem o igual e os que desejam o diferente. É a época das greves, prisões, afastamentos e pichamentos. Rompe-se com a tutela e submissão conceitual da SEC. Os professores são passados para a Secretaria da Administração. A ação da SEC faz-se sentir apenas sobre as direções das escolas com todo o peso. Os professores conquistaram com isto um espaço que aproveitam para a organização da classe. A liderança, durante este período é do CPERS e o Grêmio dos Professores do Colégio Godói é classificada como uma das melhores do Estado. Nesta etapa o Grêmio dos Professores lidera a eleição do Diretor da Escola, num flagrante gesto de autonomia.

A quarta etapa se dá a partir de 1984. As Atas registram a administração e o domínio do conflito dentro da escola, especialmente no episódio da deposição do Diretor da Escola (25/09/1984). A consciência nítida das diferenças e dos caminhos para chegar ao igual foram construídas publicamente. A nova direção eleita em 1985 e que tomou posse em 10 de janeiro de 1986, admite no seu discurso de posse a existência do conflito e oposição na escola.

O estudo dos grêmios dos professores é um outro campo de estudos. Uma tese poderia comprovar que um grêmio de professores numa escola, além do seu papel democrático, poderia ser visto pelo lado administrativo como uma entidade muito mais econômica, do que uma estrutura administrativa técnica e burocrática. O Grêmio dos Professores e o CPERS já demonstraram isto na prática em várias ocasiões. E foram os professores que financiaram isto do seu próprio salário.

DATA	LIVRO de ATAS			DOCENTES		VOTOS
ANO De	FOLHAS	TOTAL de páginas	Nº de ATAS	Nº de PROFESSORES	Nº de votantes e sócios do Grêmio	Tipo de votos
1970	1 a – 5b	10	07 + 1 relatório	123	65	56 favor 0 contra
1971	5b – 7 a	06	04 + 1 relatório	143		
1972	7 a – 7 b	02	01	141	89	88 favor 01 branco
1973	7 b	01	01	151		
1974	7 b – 8 a	01	01	168	127	119 favor 08 brancos
1975	8 a – 11 a	07	05	176		
1976	11 b – 15 b	09	08	181	150	112 favor 07 brancos 21 abstenções
1977	16 a – 21 b	09	11	182		
1978	22 a – 25 b	12	08	190	82	42 favor 39 contra
1979	26 a – 34 a	18	06	180		
1980	34 b – 53 a	39	09	177	142	85 favor 57 contra
1981	53 b – 75 b	46	29	170		
1982	76 a – 99 a	46	31	166	106	56 favor 51 contra
1983	99 b – 128 a	56	19	158		
1984	128 a – 149 b	42	13	148	132	69 favor 63 contra

Gráfico 22 Dados numéricos da análise do segundo livro de Atas do Grêmio dos Professores do Colégio Estadual Cândido José de Godói

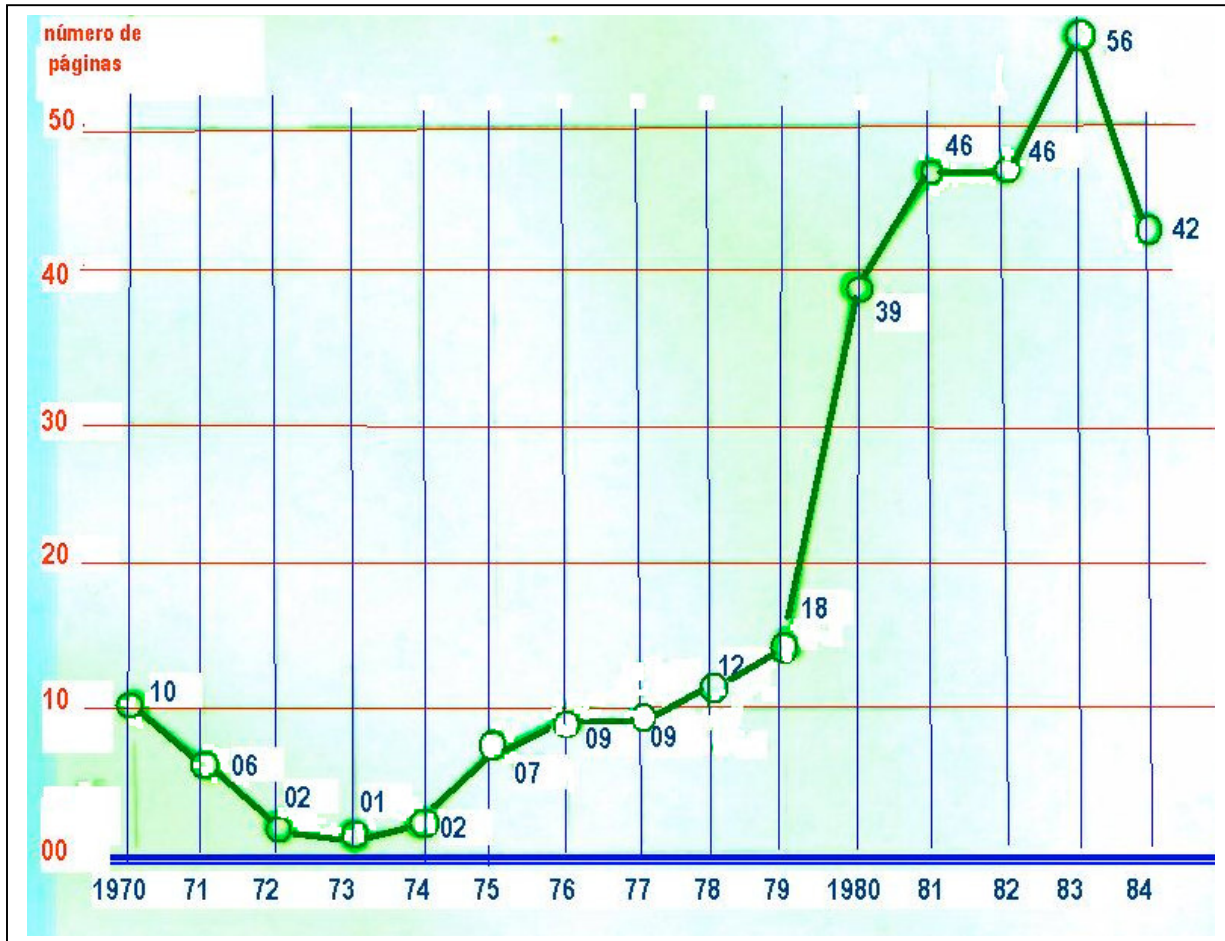


Gráfico 23 O número de páginas das Atas do Grêmio dos Professores do Colégio Estadual Cândido José de Godói. Nota-se o grande número de páginas durante o período da Abertura Política Brasileira

Etapas gerais do Grêmio dos Professores do Colégio Estadual Cândido José de Godói vistas no conjunto do seu livro de Atas**1ª etapa – 1970 até 1975 – EXPRESSÃO do IGUAL**

- **Do social:** tratamento igualitário através do social: festinhas, chazinhos, presentes
- **Do político:** o Grêmio dos Professores possui chapa única e consensual antes das eleições; os seus membros não manifestam o seu partido político; a oposição deve silêncio e é ignorada pela Direção..
- **Do físico:** o uniforme é determinado pelo regulamento: por ex: slack' na mesma época para as professoras;
- **De classe:** os professores são provenientes de famílias da alta burguesa;
- **Da profissão:** o magistério é exercido como sacerdócio.

2ª etapa – 1976 até 1979 – A BUSCA do IGUAL

- **Do político:** contato com o CPERS, filiação e representante;
- **Do social:** criação do Departamento de Relações Públicas;
- **De classe:** eleição do Presidente do Grêmio com chapa de oposição ativa;
- **Da profissão:** regimento criado por uma única pessoa.

3ª etapa – 1979 até 1983 – O CONFLITO

- Afastamento compulsório de professores da escola;
- Processo administrativo;
- Eleição para Diretor da escola como competência dos professores contra a determinação da SEC;
- A eleição torna-se tema constante das Atas. Nos anos anteriores não há registro em ata desta reivindicação;
- Em 1981 há sintonia total entre o Grêmio e CPERS;
- Conflito aberto com SEC e com o Governo Estadual.

4ª etapa – 1984 até 1986 – O CONFLITO ADMINISTRADO

- A deposição do Diretor da Escola pela SEC e resistência do Grêmio a arbitrariedade;
- O consciente das diferenças rumo a administração do igual;
- A nova direção ao tomar posse em 1986, admite a existência da oposição na escola.

5.D.2 – O Livro de Atas do Grêmio dos Professores do Colégio Estadual Cândido José de Godói (AGPG)

O Livro de Atas do Grêmio dos Professores registra e demonstrou amplamente a competência do docente do Colégio Godói se expressar. Esta expressão ganha volume significativo na medida que se desenvolve a Abertura Política Brasileira. Cresce o número de páginas escritas para relatar a vida do Grêmio a que medida que avança o tempo. Na época do '*alegre Milagre Brasileiro*', entre 1970 e 1976, escrevem-se apenas 22 páginas. A vida do Grêmio dos Professores em 1973 é registrada em apenas meia página. Dez anos depois (1983) o registro desta vida do Grêmio ocupa 56 páginas completas.

Os três anos anteriores à Abertura Política, entre 1976 até 1979, ocupa 29 páginas (Gráfico 23). O período da Abertura Política – 1976 até 1985 – ocupa 247 páginas. Esta desproporção, onde numa década apenas são escritas 51 páginas e num quinquênio são escritas 257 mostra clara e numericamente como o professor aprendeu a se expressar (Gráfico 24). Além disto é notável o registro que estas atas fazem da história deste espaço de corporcularização da sociedade. Como tal constitui a expressão mínima da macro-sociedade que ela consegue expressar. As Atas do Grêmio dos Professores representam em palavras escritas a crise que atravessa o país e a cultura ocidental.

Os problemas do Grêmio dos Professores são específicos. Mas a época do '*milagre brasileiro*' corresponde à época dos '*chás no Terrasse Renner*', confraternizações e presentes. A crise denominada Abertura Política corresponde à época das greves, trabalhos coletivos e conflitos abertos de interesses. As atas registram fielmente esta expressão das diferenças e conflitos.



Gráfico 24 O número de Atas do Grêmio dos Professores do Colégio Godói. Observando-se o alto número destas atas durante o período da Abertura Política Brasileira

Outro dado observável, na leitura das Atas, é relativo a eleição bial para a Presidência do Grêmio. Nas eleições entre 1970 e 1976 a chapa é única e indicada pela Diretoria anterior. As eleições passam a ser simples homologação da chapa proposta.

Em 1970 há 56 votos a favor e 9 votos contra. O auge da concordância acontece em 1972, ano do Sesquicentenário da Independência ou em que a política brasileira se expressa no *'ame-o ou deixe-o'*. São 88 professores a favor e apenas um voto em branco. Na eleição seguinte - 1974 - são 119 votos a favor e 8 em branco. Em 1976 são 129 votos a favor e 21 são consignados como faltosos.

O conflito aberto, nas eleições, se instala no Godói, 45 dias antes da decretação oficial da Abertura Política, mandada publicar pelo general Geisel no primeiro Diário

Oficial de 1979. O conflito começa com uma série de manobras. Consegue-se restringir o número de votantes entre os professores. Pela Ata n° 6 de 1976 (p.14), “*todos os professores ao ingressarem na escola pertencem ao Grêmio*”. Na comunicação do Grêmio, anexa a Ata n° 3, de 1977 (p.17b) consta ‘*os sócios devem inscrever-se na agremiação*’ e condiciona o exercício dos seus direitos ‘*ao pagamento de uma contribuição monetária pelos sócios*’. Em consequência disto, os votos passam de 150 para 82 entre 1976 até 1978. Esta restrição numérica não é tão dramática como a divisão interna em duas correntes antagônicas: são 42 votos pela situação e 39 votos pela oposição⁵⁴.

A mesma divisão continuará até a eleição de 1984. A eleição de 1980 tem 142 votantes entre 177 professores ativos na escola. A situação recebe 85 votos e a oposição tem 57 votos. O resultado mais apertado ocorre em 1982, quando são 55 votos da situação contra 51 da oposição. Na eleição de 1984 são 132 votos que dividem em 69 votos a favor e 63 votos contra.

⁵⁴ - As palavras **oposição** e **situação** não podem ser associadas à idéia de revolucionário ou reacionário. Assim as Diretorias eleitas pela situação, ligam-se as correntes mais avançadas do CPERS e mantém estreita colaboração com este órgão de classe do magistério.

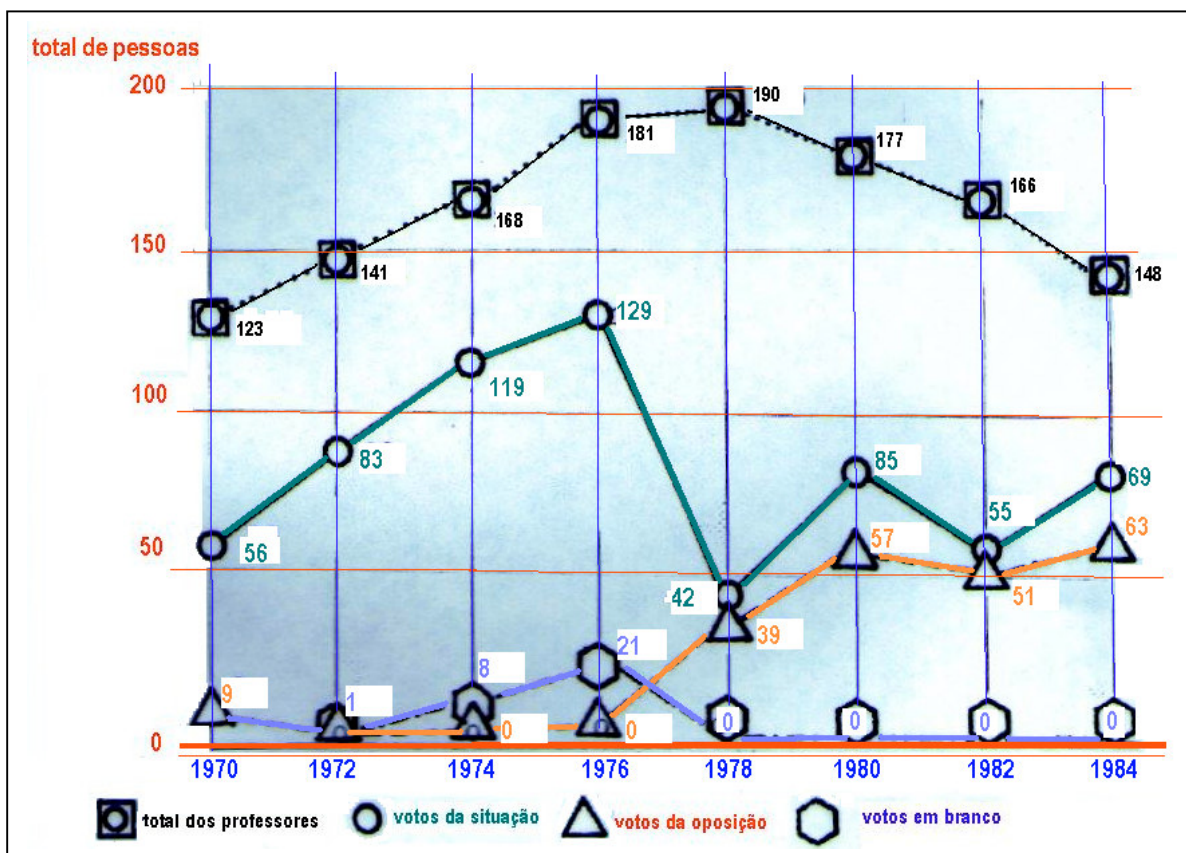


Gráfico 25 - Votos da situação e oposição nas diversas eleições da Presidência do Grêmio dos Professores do Colégio Godói de 1970-1984

5.D.3 –Atas do Grêmio dos Professores do Colégio Estadual Cândido José de Godói registram as expressões das condições da prática democrática.

As atas do Grêmio dos Professores registraram expressões dos professores do Colégio Godói. Entre essas expressões busca-se aquelas que incidem de uma forma mais evidente nas condições da prática democrática adotadas na presente dissertação. Segue-se uma sistematização que aproxima estas expressões dispersas com o quadro teórico adotado aqui para analisar as condições de democracia.

INFORMAÇÃO como EQUILÍBRIO

Questão A 1 x B1	A INFORMAÇÃO como EQUILÍBRIO entre o EU e OUTRO na MACRO POLÍTICA	44 respostas
-------------------------	--	---------------------

Nas Atas do Grêmio são nítidas as expressões do conflito no que concerne à área de comunicação. Se o sistema estimulada a comunicação que lhe interessa, do outro

lado existem fortes e vivas barreiras contra tudo o que pode comprometer este sistema. Os docentes abrem a informação completa sobre eles, como quando “*os alunos gostariam de ter dados concretos como salários, aumentos... O professor pode comunicar estes dados sempre, pois estas informações sobre o processo educacional, clareiam muita coisa.*” (fl.130 b)* Mas as barreiras são nítidas e a informação é sonegada, escassa totalmente filtrada quando o poder é questionado pelo indivíduo vítima do sistema. É o que acontece com um professor que declarou (fl. 139 b)

“não sei porque fui demitido: participei de uma reunião com o Secretário (da SEC), várias com a Delegada (da DE). Tinha liberdade para colocar meus pontos de vista. Coloquei os meus. Não tive oportunidade de discutir sobre posições que tomei em nome de colegas e do meu ponto de vista”

O grande sistema não pode ser questionado, pois a comunicação é unidirecional⁵⁵. Quem está com a palavra está com o poder: o professor fala para o aluno, o Diretor para o professor, a DE para o Diretor...e não o contrário.

O Grêmio dos Professores viveu momentos dramáticos, quando um professor de Literatura tentou mostrar em poemas, aspectos pouco agradáveis da escola: “*O professor poderia expressar-se em seus poemas em outra linguagem, sem agredir colegas.*” (fl.36 a) Este professor é indicado em: “*um inquérito administrativo da SEC.*” (fl.58 b) Este inquérito foi interpretado pelos colegas como: “*Ameaça visando intimidar toda a classe.*” (fl.40 a). O episódio, apesar de extremos, evidencia o perigo do uso da linguagem formal com tantos riscos, quanto às operações reais de conflito físico. O seu mau uso, ou o uso de forma inadequada, conturba todo o processo educativo linear.

Um dos projetos mais urgentes na escola parece ser democratizar a circulação das informações para equilibrar o indivíduo diante da ameaça do Outro do Sistema. O objetivo da Verdade, em qualquer sistema educativo, necessita esconjurar as ameaças que se opõe à livre circulação da informação e tornar transparente o processo educativo. Este

* Entre parênteses está a página na qual se encontra a expressão. As folhas têm as páginas a e a página b. Assim temos a folha 130 e as páginas 130a e 130b.

⁵⁵ - A grande tática “monologar com os educadores” era a preferida do ministro Gustavo Capanema no seu exercício no MEC. Ver GOMES, Ângela de Castro.(org) **Capanema: o Ministro e seu ministério**. Rio de Janeiro : Fundação Getúlio Vargas, 2000. 269 p.

ponto foi nitidamente percebido pelos professores e dirigentes do Grêmio dos Professores quando: *“foram tratados doze assuntos relativos a paralisação. O ponto comum é a vitalidade das comunicações da escola.”* (fl.81)

Contudo, não adianta reclamar esta iniciativa do Sistema. O próprio professor percebe a dificuldade para estabelecer a Verdade dentro da classe do magistério, quando as Atas registram (fl.125 a)..

“Houve participação mínima na Assembléia do CPERS (8/8/83) no Colégio Rosário. Pouco engajamento dos professores quanto as reivindicações e da necessidade de estudar as situações econômicas, sociais e política. Não só salarial.”

Existe uma forma de comunicação indispensável e que foi lembrada (fl.37 b) como *“a melhor forma de pressão é a presença física.”* Quando o assunto era importante a presença física nas assembléias e caminhadas coletivas sempre reforçaram os discursos e as palavras de ordem.

O EQUILÍBRIO DINÂMICO na EDUCAÇÃO.

Questão A.1 x B2	A informação é portadora do equilíbrio dinâmico do Eu dentro do Ambiente Educativo	respostas
-------------------------	---	------------------

A educação institucionalizada, deverá ser feita dentro de um espaço de negociação entre diversas orientações e diferenças de enfoques. O grupo de professores da escola e a comunidade local representada pelos alunos e pais do Colégio Godói, face à Secretaria de Educação (SEC) representaram três forças e três espaços de negociação entre diversas orientações e diferenças de enfoques. Estas três forças se evidenciam e agem quando se debate com um candidato a Diretor: *“O representante da SEC (Diretor), deverá fazer o que será discutido a nível de escola. Se a SEC criar problema, ele colocará isto isso em discussão com o grupo. A situação será permanente dinâmica.”* (fl.119 b) A SEC vale-se dos meios de comunicação social para influir e direcionar a comunidade como registram (fl.126 a) as atas *“Calendário escolar arbitrário, aparente intenção da SEC de lançar a comunidade contra os professores.”* O grupo de professores (grupo de dentro) garante a unidade e equilíbrio antes do confronto com a SEC (visto como grupo de fora) como escrevem(p. 75 a) as Atas.

“não haveria sentido em se fazer uma votação se o voto da maioria vencedora não fosse respeitado pelos colegas na assembléia. A assembléia é soberana. A assembléia são os professores (e não a SEC que quer impor seu projeto de eleição de Diretor) e estes devem colocar os prós e contras”.

Um candidato a Diretor da escola percebe a falta de espaço para a negociação diante de uma assembléia soberana e absoluta de professores da escola e do outro lado grupinhos vorazes pelo poder, quando afirmou (fl.108 b): *“O risco de cercar-se de um grupo só. Não deseja deixar-se levar por ‘panelinhas. Mas às vezes as decisões devem ser tomadas por grupos menores do que a assembléia de professores.”*

Mesmo entre os professores, ideologias antagônicas podem proliferar e comprometer objetivos almejados. Mas sempre existe uma forma de conseguir nova unidade. A comunicação deve ser este veículo para encontrar esta nova unidade como pede (fl. 47 a) um membro do Grêmio *“criar uma comissão de professores para passar nas salas de aula, evitando enfoques diferentes em função de ideologias diferentes.”*

A ESCOLA como LUGAR de EQUILÍBRIO entre o EU e o OUTRO

Questão A.1 x B3	A Unidade Escolar como lugar de equilíbrio entre o Eu e o OUTRO.	44 respostas
-------------------------	---	---------------------

Para muitos a unidade escolar é um dos poucos locais de expectativa de ascensão social, senão o único. Esta é ao menos a motivação básica do aluno que frequenta o Colégio Cândido José de Godói. Para o professor representa não só a profissão, mas muitas vezes a expectativa de realização social, emocional e afetiva. Contudo, em muitas ocasiões, fica nítida a frustração pelo fato de não corresponder a este ideal como ficou registrado na fl .80 b das Atas:

“no centro do problema aparece a dúvida, a desconfiança e o medo. O medo vai aumentando se não conhecemos o chão onde estivermos. Todos os professores deveriam comparecer a escola, mesmo que lá não pudéssemos permanecer. Nossa escola é a nossa garantia. O Godói representa uma vanguarda”.

A frustração tornou-se ainda mais explícita, em 1984, diante da destituição do Diretor eleito pela comunidade como consta na fl. 142 a) das Atas *“A expectativa do aluno*

e da comunidade que é a escola para todos, não foi realizada. Não se implementa a escola que deve ser o espaço de trabalho para galgar melhor lugar na sociedade.”

A escola isolada não tem força para ser este lugar de equilíbrio. Os docentes do Colégio Godói expressam (fl. 80b): a necessidade de envolver mais escolas, ao menos saber o que está ocorrendo nelas *“Deveria se saber o eu estava ocorrendo em outras escolas. Pede-se coerência com as demais escolas porque atitudes isoladas poderiam ser perigosas.”* Mas este conhecimento não teria sentido sem a organização da categoria e que passa necessariamente pelo ponto de equilíbrio que é a escola se prestamos atenção ao que escrevem (fl. 35 a) as Atas que *“propõe novamente o tema da organização da categoria do magistério”* A escola na qual atuam é um ponto de teste a partir do referencial: *“Se não se conseguir mobilizar uma escola, seria difícil mobilizar um grupo maior.”* (fl. 35 a). Um outro professor, em outra ocasião, afirmou :que *“a escola é a entidade núcleo mínimo do CPERS”* (fl. 92 a) sustentando o papel de núcleo de corpuscularização.

Esta escola não tem medo da verdade, de mostrar as suas mazelas: *“Garantir a situação em longo prazo. Conscientizar a comunidade por que o ensino hoje é uma porcaria.”* (fl.46 b).

A exposição das mazelas não tem por objetivo ‘uma pedagogia plangente e chorosa’ como consta na fl. 124 das Atas que pede uma *“campanha de solidariedade e manutenção de contatos com CPM e pais de família para ver o que se pode fazer em benefício da escola.”* Não se dispensa a figura da autoridade: *“O Diretor acompanhado da comunidade faz surgir a solução.”* (fl.114 a) Para que este Diretor possa fazer surgir as soluções, põe-se (fl. 70 a). uma condição quando

“discute-se o projeto da eleição do Diretor da escola. Não houve concordância sobre a escolha do Diretor estranho a escola. Firma-se depois que o Diretor deve ser escolhido entre os membros da escola e pelos professores”

Mesmo nos momentos mais dramáticos da intervenção jurídica da SEC esta condição não pode ser esquecida, como registam (fl. 140 a) as Atas *“só depois de esgotar todos os recursos, aceitar novo Diretor, mas da escola e não de fora.”*

Qualquer busca pessoal ou tentativa de manipulação pessoal da escola é denunciada. Depois que um professor manipulou e conseguiu impor um regimento outorgado ao Grêmio do Professores, pede-se ao menos o registro (fl. 14 b) deste ato autoritário *“Encaminha-se ao assentamento em ata de que a coordenação do projeto do estatuto do Grêmio foi de uma única pessoa. Este assentamento foi proposto e aceito.”*

Na reunião seguinte há registro (fl.15 a) de uma reação ainda mais violenta:

“estudo, emendas e aprovação do novo estatuto do Grêmio. Estipula-se uma hora para a reunião com 15 minutos de prolongamento. Concede-se dois minutos para cada discussão. Diante disto, retiram-se duas professoras”.

Como conclusão pode-se afirmar que o docente está no seu território que lhe familiar. Devida esta familiaridade na unidade escolar busca expressar onde e transformar o poder em autoridade educacional e meios para fazer circular as sua conquistas para implementar o seu projeto civilizatório, ao menos neste espaço.

O PROFESSOR diante de SI MESMO

Questão A.1 x C1	A auto-imagem do professor e a expressão do EQUILÍBRIO entre o EU e o OUTRO	46 respostas
-------------------------	--	---------------------

Ne encruzilhada entre aderir ao indivíduo – o EU – ou aderir ao grupo – TU – provocou escolhas muito difíceis para a auto-imagem do docente como profissional. Mas, ao menos, este conflito foi revelado e expresso por meio das diferenças do indivíduo – EU – com o grupo – TU. Esta revelação e expressão foi conflituosa e caótica, mas extremamente eficaz para desbloquear escolhas difíceis. A revelação e a expressão deste conflito ficaram nítidas numa ata (fl. 153 b) de 1985, sendo a unidade escolar aderir, ou não, a uma greve em maio a julho:

“dentro de uma nova concepção de pensar deve-se valorizar o grupo, Na questão emocional é muito mais negativo o indivíduo sentir-se sozinho. No entanto deve existir o direito da liberdade individual”

O registro acima é muito importante para as teoria que sustenta a presente dissertação. Neste texto fica cristalina a busca do equilíbrio necessário entre o EU e o TU, e aponta-se com clareza os componente em conflito. Expressa-se aqui a condição e

a vontade de atualizar e legitimar a segurança oferecida pelo grupo – TU – representado pela instituição escolar. Ao mesmo tempo reconhece– o EU – e a sua liberdade a independência individual de confrontar com a vontade coletiva. Manter essas forças antagônicas produtivas, constrói um histórico particular e torna histórica a construção, ou o fracasso, desta homeostase que em dado momento foi potencialmente possível.

O limite entre o indivíduo e o grupo é imponderável. Há registro (fl. 80 a) de determinação que este limite está ao critério do grupo: *“Os professores não tomem posições pessoais, porque com serenidade e inteligência (do grupo) os problemas podem ser resolvidos.”* Nesta mesma ótica as iniciativas pessoais não tem significado ou até geram conflitos como aquele anotado na fl. 42 a, quando *“professores da comunidade convidados para o Godói. Repúdio a atitude de um professor em convidar, a revelia dos colegas, pessoas estranhas à escola.”* A limitação e o policiamento à ação individual é continuada, a pesara de buscar-se o contrário. Na área da expressão individual há violentos choques. Uma poesia de um professor é tomada (fl. 36 a) como agressão e afronta ao grupo: *“acusação a um professor que poderia expressar-se em seus poemas em outra linguagem sem agredir os colegas.”*

Há momentos da direção contrária. O professor é convidado, como indivíduo, para se inscrever no grupo conforme a fl. 81 a, quando *“pede-se que cada um coloque o seu problema para que se soubesse quem iria aderir ao movimento”* Ou quando (fl. 60) se aponta como *“o direito a palavra foi uma conquista do Professor”*. Em outro aponta-se (p. 42 a) para *“professor antes de ser representante da sua classe é um interessado direto nas reivindicações”*

No momento do voto e da decisão a responsabilidade e a autonomia desta escolha permanece com o indivíduo como consta na folha.138 a

“Votação sobre quem elabora a plataforma do Diretor:
 - *plataforma elaborada pelo candidato ...= 24 votos*
 - *plataforma elaborada pela assembléia..= 14 votos*
 - *abstenções = 04”*

Existem registros em que o coletivo garante: (fl. 113 a). ao indivíduo docente o direito de ir e vir dentro da escola *“Todos os professores devem ter acesso à qualquer*

=====

peessoa da escola e direção". Ou então explicita-se (p. 40) que *"É oferecido a um professor punido o departamento jurídico do CPERS"*. Também pode-se evidenciar uma nova atitude do coletivo em relação do professor. Já não existe mais a cátedra para o apoio e a aspiração ao personalismo romântico individualista. Neste momento ele – EU - é socorrido pelo coletivo – OUTRO.

Estamos próximos, ou já ingressamos, num espaço social onde o consciente coletivo predomina amplamente sobre o consciente individual. A razão está com o clã, a tribo e com a classe. O diferente individual é admitido, contanto que tenha significado na construção coletiva.

O PROFESSOR diante do OUTRO

Questão A.1 x C2	O professor expressa na sua PROFISSÃO o EQUILÍBRIO entre o EU diante do OUTRO	45 respostas
-------------------------	--	---------------------

A crescente preocupação de centrar a avaliação do desempenho da escola institucional nos seus resultados no domínio cognitivo Saviani-Gianotti,(1985) e a condenação da prioridade dada aos objetivos socializantes, encontra eco numa ata (fl. 119 a) de reunião com candidatos a Diretor: *"O problema ideológico é um campo perigoso. Existe o trabalho de uma escola e que se deve verificar é o comportamento do professor em relação a este trabalho da escola"* Contudo um outro candidato enfatiza a liberdade individual do professor. Atribui, na mesma ata (fl. 119 b) uma qualidade as posições ideológicas diferentes: *"Jamais dispensaria um professor por ideologia diferente. Ideologias diferentes conduzem a um progresso maior. A dispensa fere a integridade profissional e a pessoa humana"*

Um ponto que irá centralizar a ação do profissional é a contrapartida que a sociedade oferece ao trabalho do professor, como consta na fl. 30 b *"Quem se ocupa do magistério como profissão, deve fazer desta ocupação uma realização. Não deve agir sozinho e assim levar sua colaboração e experiência a outros para que haja uma consciência de classe"*

O professor possui os seus direitos de trabalhador retratado (fl. 62 b) como: *"agente de mudanças e como tal tem direitos profissionais"* A busca do reconhecimento destes direitos consta na fl.77^a pois o cumprimento dos acordos entre a classe e o Estado, irão

influir sobre o desempenho do professor pois *“os professores não estavam satisfeitos (com o cumprimento do acordo de 1980) e que a execução do planejamento vai depender da satisfação dos professores.”*

O professor transcende a si mesmo e se coloca (fl. 60 a) como causa da transformação da sociedade pois *“a partir da conscientização dos professores poderemos apurar o sistema”*. A maturidade no uso da autoridade o docente não é estranha quando se trata de linearizar (p.133).a conduta do professor diante da profissão quando surgirem as dificuldades e conflitos:

“como Diretor, se tiver de tomar posições sozinho, tomá-las-ei. Prefiro trabalhar pelo consenso. Vejo contradição quando se quer melhorar e os colegas usam a ética profissional às avessas. É preciso examinar e reexaminar a ética profissional”.

A busca da linha pedagógica própria da escola foi vista (fl.112 a.b) da seguinte maneira por cinco candidatos a Diretor:

“achar a nossa linha pedagógica. Consultar o grande grupo. Não trazer de fora as soluções. A linha surge aos poucos pela prática. Estabelecer uma linha através de nossa realidade. Existe uma interrelação com outras escolas.”

A busca de um julgamento racional de sua profissão aparece diante do plano de carreira:

“ Três propostas para avaliação do Plano de Carreira do Magistério:
 - 1ª - *Permanecer com os critérios atuais...= O voto*
 - 2ª - *Eliminar aspectos subjetivos.....= 49 votos*
 - 3ª - *Eliminar promoção por merecimento . = 7 votos”.*

Não foi fácil encontrar o desenvolvimento de um raciocínio partindo (fl.59b). da hipótese de que *“na profissão de professor, para receber bem é preciso atuar bem”*

Uma impressão lateral é que as atas nos transmite é de elas são de qualquer categoria profissional, menos a do magistério. Esta impressão deriva da estratégia básica de que é necessário organizar a classe primeiro e depois se dirigir para a sua especificidades e teleologia que lhe é imanente.

EXPRESSÃO da CLASSE e o OUTRO

Questão A.1 x D	O professor expressa o EQUILÍBRIO entre o EU e o OUTRO pelo EU no interior da sua CLASSE profissional	46 respostas
------------------------	--	---------------------

No Colégio Godói a construção da consciência de classe teve uma nítida evolução, passando por dolorosas expressões de diferenças.

A partir da Abertura Política há uma constante crescimento desta consciência de classe. Nos primeiros momentos a construção da consciência de classe teve de ser trabalhada com várias alternativas e recursos. As atas registram (p.27 a). greves e o papel aglutinador do CPERS como decisivos: *“Escolhido um professor (do Colégio) com elo de ligação com o comando geral de greve. O conselheiro atualize o Grêmio (dos professores) sobre o CPERS.”* Diante de outra assembléia, evidenciou-se (fl. 35 a) um conflito entre o indivíduo e a classe. Neste conflito, o coletivo sai ganhando: *“A presidente do Grêmio pede que cada professor agisse de uma forma independente, não em nome do Grêmio. Nesta posição individualista ela é constante: - O grupo pode e deve levar uma posição por parte do Grêmio.”*. Contudo, em novembro de 1980, ultrapassa a círculo do Grêmio. Tenta-se inscrevê-lo na categoria toda e se afirma (fl. 49): que *“não é necessário pedir apoio aos outros. Contrapõe-se que o é essencial o apoio de outras entidades do interior e de outros estados: apoio moral e material”*.

Reforça-se (fl.50) o sentido da circulação das informações: *“Importância de o professor fazer o relato quando vem da regional.”* Isto não quer dizer que a relação Grêmio e CPERS tenham sido pacífico. Bem ao contrário, num episódio de 1981 anota-se (fl.67). o *“problema ocorrido no CPERS: uma professora da escola não consegue falar ao grande grupo dos Conselheiros do CPERS”*

Em agosto de 1981, há um testemunho (fl.68b). do apreço do CPERS pelo Grêmio do Colégio Godói: *“Uma professora traz a informação do CPERS de que o Grêmio dos Professores do Godói é aquele que tem o Grêmio mais atuante junto ao CPERS.”* No mesmo anos anota-se(fl.75b). a proposta de articular e vencer as diferenças dentro da classe do magistério: *“Deveria haver uma postura ética da classe unida. Evitar o jogo dos professores do segundo grau contra os professores do primeiro grau.”*

Um redobrado trabalho, para unir as diferenças para chegar a unidade, consta (fl.100b) no começo do ano de 1983 com: *“a reunião começa com diversos temas e que gradativamente vão centralizar-se na organização da classe.”*

A consciência de classe torna-se mais aguda diante do episódio da escolha de Diretor da classe em 1983. Neste ponto há necessidade de muita união, pois os professores irão medir força com o poder pois consta (fls 102a – 104a).que *“não existe apoio legal para a escolha de Diretores. O governo não abre mão dos cargos de confiança.”*

Contudo é no espaço interno da unidade escolar que se registraram o maior rigor e controle quando se exige (fl.102a, 16/3/83) os *“requisitos pessoais para ser Diretor da escola: ser professor em exercício na escola com experiência de sala de aula; comprovado bom relacionamento e coerência com a filosofia da escola; concordância por escrito e apresentar a plataforma”*. Este rigor e controle não é aceito e uma semana depois se rejeita (fl.103a, 22/3/83).os itens: *“comprovado bom relacionamento; comprometimento com a filosofia da escola.”* Apesar da aparente contradição, o professor que eleger pessoas próximas e que pertençam a sua profissão e classe, pois fica de pé(fl.103) a condição de *“ser professor em exercício na escola com experiência de sala de aula.”*

A elaboração da plataforma permaneceu como ponto nevrálgico das exigências da classe. Esteve presente o espírito de negociação para que a autoridade de todos fosse considerada. Todos se sentiram autoridade durante esta fase como consta (fl.104 a) nas atas *“sugestão de plataforma única a ser elaborada pelos professores do Godói em Assembléia. O espírito desta sugestão é de que o Diretor deve atender e servir aos interesses dos professores.”* Contudo esta plataforma única, imposta ao Diretor pela classe dos professores, foi considerada, por alguns, como gesto de constrangimento e uma forma autocrítica. É o se infere do que consta na fl.105b das atas, sendo que *“plataforma é problema político e não de educação O Diretor deve servir a escola, alunos e comunidade. A plataforma única é constrangedora, limitativa e autocrática.”*

A figura do Diretor dividiu os professores e fez ser negociadas várias diferenças. A soberania da classe sobre o indivíduo também ficou evidenciado aqui. Durante o debate

um candidato a Diretor diz (fl. 107b) *“a minha candidatura surgiu de pedidos de meus colegas Minha posição é consciente e madura para o cargo. Debati com os meus familiares.”*

A composição do quadro da direção, o segundo escalão, também deve compreender, representar a classe dos professores, conforme consta na fl. 115a, das Atas *“a escola deve escolher as pessoas que vão compor a direção (da escola). O processo democrático é a divergência de opiniões. A equipe tem que representar o conjunto dos professores.”*

A maturidade do professor conduziu a uma eleição exitosa do Diretor do Colégio Godói e a aprovação do procedimento pela SEC. Contudo um ano após é contestada e derrubada pela SEC. Esta intervenção externa serviu para unir e polarizar toda a escola, mesmo os de posições mais antagônicas possíveis.

Em novembro de 1984 ocorre um fato que evidencia que a classe se constrói a partir da profissão comum. É recusado o voto de uma professora aposentada, que se apresentara para votar. O fato consta na fl.148b e que se resume aqui Uma professora aposentada apresenta-se para votar para Presidente do Grêmio dos Professores. Como o caso não é previsto nos estatutos, reuniu-se a Diretoria, depois de duas votações, decidindo que a professora poderia votar, é feita uma terceira votação (a pedido de uma das chapas inconformadas) na qual é decidido que esta professora não pode votar

Neste episódio fica nítido o sentido da classe a partir da produção atual comum. O professor é excluído da voz e voto da classe quando esta produção se interrompe pela aposentadoria. É significativo, neste sentido, de que as agremiações de professores aposentados não passem de clubes recreativos com o mínimo de eficácia política.

Diante da grande greve de 1985, as decisões já possuem uma coerência e um vigor psicológico bem mais arraigados, como consta na fl. 152b

“não se deve perder tempo em saber o que pode acontecer. Deve-se discutir o sim ou não à greve, lembrando sempre que devemos respeitar as decisões da maioria. Devemos nos preocupar com a unidade dentro da escola, a maneira como os professores vão se comportar internamente. Importante a participação de todos”

Pode-se constatar e concluir que acima de todas as diferenças pessoais está a unidade da classe

A.2 – A maturação da pessoa humana como condição da democracia.

MUDANÇAS na MACRO-POLÍTICA como AUTONOMIA.

Questão A2 x B1	A autonomia vinda da MATURAÇÃO da PESSOA HUMANA como AUTONOMIA na MACRO-POLÍTICA na Abertura Política	44 respostas
------------------------	--	---------------------

O mosaico cultural d realidade brasileira confunde o professor e não permite distingui-lo desta realidade como constata (fl.116).um professor “*O desenvolvimento da nação é causa e efeito da educação A dificuldade de caracterizar o típico da cultura brasileira. O importante é conhecer a nossa realidade.*” Em relação esta realidade há inclusive dificuldade para organizar um painel na escola. O pensamento em grupo, dá lugar ao discurso de uma personalidade avulsa de um palestrante: o discurso (fl .91 a). por cima por fora: “*A necessidade de ter uma palestra sobre a realidade do Brasil, coloca o problema de que as conclusões de um conferencista dependem do seu pensamento político. Melhor seria um painel.*” Esta decisão acontece apesar de a solução estar diante do grupo, pois consta (fl.91b) que “*acaba acontecendo uma palestra dum conferencista sobre a situação brasileira.*” Mais tarde reconhece-se e propõe-se (fl.116 b).um gesto concreto que diz da maturidade e autonomia do professor: “*A eleição é o fator mais importante do processo democrático.*”

Ao passar para a prática do voto na escola, reconhece-se toda a dificuldade, mas também se projeta para o futuro um processo de amadurecimento do professor para assumir a sua autonomia, conforme se infere na fl. 102 b “*Temos possibilidade de eleger o Diretor e devemos acreditar nisso. Se houver rejeição por parte do governador é um caso para resolver depois.*”. Com esta expressão da maturidade enfrenta-se a autoridade constituída, mesmo sabendo(fl. 104). dos resultados: “*O governo não abre mão dos cargos de confiança.*”

Esta maturidade, para sustentar o diferente diante da autoridade constituída, possui precedentes(fl. 66 b). e não pouparam os deslizes do Ministério da Educação: “*Encaminha-se, através do CPERS, uma noção de repúdio ao Ministério da Educação contra a sua opinião de que o magistério é um bico.*” Esta maturidade na é um fato espontâneo. Ela nasce de reuniões, informações e dedicação de tempo ponderável,

visível na fl. 30 a onde consta que *“um professor explicar o que são as regionais, o encontro nacional de São Paulo e o maior número de professores necessários para deliberar. O maior obstáculo é a falta de tempo e reuniões para estes estudos.”*

Contudo na sua ação o professor não esquece (fl. 34) a infra-estrutura que torna tudo isto possível: *“Reivindicações de índice superior ao custo de vida – 13° salário a partir de 1980.”*. Numa das atas (fl. 125) reflete-se a pouca maturidade quando se trata desta infra-estrutura e sua conquista *“Pouco engajamento dos professores quanto as reivindicações e da necessidade de estudar as situações econômicas, sociais e políticas e não só salarial.”*.

Como conclusão pode-se afirmar que existe na mente do professor um projeto para o futuro um processo de seu amadurecimento para assumir a sua autonomia, ainda que expresso de forma difusa e sem os meios para implementá-lo.

MUDANÇAS na EDUCAÇÃO

Questão A2 x B2	As mudanças no ambiente educativo como maturação da pessoa humana em direção de sua autonomia	44 respostas
------------------------	--	---------------------

Constam-se expressões (fl.105) que buscam uma certa coerência interna na própria unidade escolar, como quando *“no Godói devemos amadurecer os critérios, pois os três turnos não entraram em concordância quanto a estes critérios.”* Na mesma folha (105) constam dois fatores para este amadurecimento, pois *“é importante a maior participação e conscientização do magistério que já está maduro para ter algo mais decidido e mais sólido.”* Esta participação e conscientização nasceram de um trabalho anterior e objetivo, como consta na fl. 68b quando se promove um *“ciclo de debates ‘Repensando o Brasil’ e a participação da mulher gaúcha.”*

A informação é uma ferramenta deste trabalho como quando (fl.46b). se *“propõe uma imprensa própria do magistério”*: Contudo, enquanto esta imprensa não vem, os professores expressam (fl.92) a construção da sua maturidade interna ao *“promover trabalhos em grupos para levantar dificuldades para a educação para os explorados”* Estes grupos devem necessariamente estar abertos para uma estrutura maior que é questionada (fl. 87) ao *“perguntar porque os questionários do CPERS não tinham sido*

devolvidos. Responde-se que a avaliação deveria ter discussões. O movimento deveria ser olhado como um todo.”

A autonomia econômica é fundamental e deve ser conquistada a qualquer preço. Assim consta na folha .55b que *“no turno da manhã surgem dez conclusões centradas no problema econômico: ‘mais verbas para a Educação’ ”*. Mas a ameaça do corte do salário desgasta mais que o trabalho específico do magistério de mais verbas para a educação seja responsável pelo desencontro do professor: A classe sente-se ameaçada pela represália individual e pelo não repasse em folha pelo governo das contribuições ao CPERS, como se escreve (fl.92b) nas Atas *“o CPERS tem reservas para manter-se durante três meses: seria possível a intervenção econômica na entidade.”*

A autonomia política é uma constante do professor. Esta autonomia passa pela eleição do Diretor, que terá condições de gerenciar os recursos da comunidade e lhes dar uma aplicação coerente com as diferenças regionais da escola: *“Temos possibilidade de eleger o Diretor e que devemos acreditar nisso. Se houver rejeição por parte do governador é um caso para resolver depois.”* (fl.102 b).

A autonomia política constante do professor é exercida pelo voto. A eleição é vista como essencial para dar vazão a esta expressão de autonomia. A lista tríplice é vista (fl.70) como extremamente limitada para a autonomia política do professor na escola pois:

“entendem os professores que lista tríplice só se entenderia se fosse constituído um triunvirato para a direção da escola. A apresentação de três nomes a escolha do Secretário de Educação, significa apenas uma aparente democracia.”

Esta maturidade deve ser também individual e garantir a expressão das diferenças de cada professor, mesmo produzindo seqüelas dolorosas. Existem (fl. 36).expressões de autonomia para administrar o conflito quando

“uma professora ataca um outro professor que faz pronunciamentos políticos e expõe poemas que agridam colegas. Diante do ataque pessoal à conduta de professores, o Presidente dos Grêmios dos Professores diz: - O grupo procure acalmar o clima tenso”.

Reconhece-se expressões de maturidade do magistério num sentido amplo e genérico ‘*por cima e por fora.*’ Mas nos casos específicos, esta maturidade necessita ainda de muito trabalho em todas as instâncias, inclusive a interna.

A ESCOLHA de CENTRO de AUTONOMIA

Questão A2 x B3	A escolha da unidade escolar como centro da maturação da pessoa humana em direção da autonomia	44 respostas
------------------------	---	---------------------

Ao se iniciar a Abertura Política, a escola está longe e esqueceu os anos mais rígidos da disciplina, envolvendo o comportamento do professor e codificando todos os seus gestos e hábitos, como acontecia em 1970 no Colégio Godói, como quando (fl. 2a).foi “*permitido o uso de ‘slacks’ durante o inverno até 30/9/70 acompanhado de casaco*”.

Ao longo da Abertura Política, a escola passa de lugar de regulação de comportamento para lugar de segurança, área de autonomia, de amadurecimento individual e coletivo (fl.80 b), ao menos para o professor: “*Nossa escola é nossa garantia.*” A escola foi eleita como centro de autonomia, conscientização e construção de um ponto de apoio, conforme pode-se perceber o lugar que os docentes escolhem (fl.93a) para se expressar, frente a outras opções:

“para que haja maior conscientização do momento em que vivemos, em que tipo de mobilização participar:

. reuniões na escola..... 14 votos = 70%
. reuniões em escolas do bairro....03 votos = 15%
. assembléias zonais..... 01 voto = 05%
. as três opções.....02 votos = 10%
. Total..... 20 votos = 100%” .

A escola, escolhida como lugar de segurança pelo docente, sofreu ameaça durante uma greve de professores. São eles que passam a administrar (fl.80). o conflito diante desta ameaça do poder:

“a direção da escola havia divulgado uma ordem de serviço que determinava que os professores não poderiam se reunir na escola. A maioria dos professores presentes resolve ficar na escola e assumir as conseqüências, pois o abandono (da Escola) do local de serviço, poderia se tornar algo grave”.

O sentido de posse deste espaço poderia se encaminhar também para o lado xenófobo. Isto significava a falta de transparência da escola pública e aberta como (p.40b) *“o Presidente do Grêmio dos Professores manifesta o desagrado sobre o convite a outros professores de outras escolas para virem ao Colégio Godói.”* A escola deveria forjar a organização da classe, como se recomendou (fl.88). que *“sempre, antes de uma reunião do conselho do CPERS, houvesse uma reunião na Escola para que se levasse um pensamento do grupo.”*. Reafirmava-se o sentido de posse do espaço de trabalho.

Esta organização, no interior da escola, nasceria por meio da ação de agentes ativos e professores atualizados, mesmo que isto significasse um confronto direto com o poder da escola como registrou a folha 80 das Atas

“a direção da escola havia divulgado uma ordem de serviço que determinava que os professores não poderiam se reunir na escola. A maioria dos professores presentes resolve ficar na escola e assumir as conseqüências, pois o abandono (da Escola) do local de serviço, poderia se tornar algo grave”.

Esta organização no espaço da escola que o docente é reivindicada (pfl146), nasce e amadurece através da ação de agentes ativos e professores atualizados:

“é preciso haver coerência e acatar as decisões da Assembléia Geral. Quanto a organização a nível de escola deve haver mais pessoas atuando com o Grêmio de Professores e Conselheiro. Foi comentado que falta espírito de classe.”

A condição do amadurecimento da classe na escola, como palco de profunda aprendizagem de negociação, foi claramente descrita quando se afirma (fl.105) que *“no Godói devemos amadurecer os critérios, pois os três turnos não entraram em concordância quanto a critérios.”* Esta recomendação nasceu do episódio da eleição de Diretor que foi destes momentos de aprendizagem e amadurecimento

Este processo de amadurecimento foi interrompido pela intervenção autoritária como se percebe (fl.139 a) na fala de u docente eleito para ocupara o cargo de diretor e que estava sendo ameaçado de deposição pelo sistema

“pretendia e pretendo terminar meu mandato merecendo a confiança dos membros da comunidade. Iniciamos a trabalhar, conversar, discutir e a fazer com que a escola crescesse na comunidade estudantil e na cidade”.

Contudo este trabalho todo foi perdido pelo ato autoritário que afastou definitivamente este Diretor.

No plano econômico há uma evolução em direção a autonomia. Se em 1970 (fl. 5a) o Grêmio vive de chapéu na mão diante dos deputados “Solicitação de auxílio a deputados. Concedidos Cr\$ 150,00.” em 1980 quer receber como trabalho prestado “O Magistério não deve aceitar o abono, mas reposição salarial.” (p.40 a, 1980).

Entre 1970 até o final de 1978 a política interna da escola foi palco de várias eleições⁵⁶ orientadas pelo Grêmio dos Professores e firmemente coerente com a política do sistema vigente. Assim em 1970 registrou-se (fl.4b) que “*no Grêmio dos Professores ganha a chapa indicada pela Diretoria anterior: 56 votos contra a chapa de oposição com 9 votos*”. Quatro anos depois registrava-se (fl. 8 a 1974). que a “*eleição para Grêmio dos Professores. Chapa única: 119 votos. Oito brancos*”. Esta eleição rigorosamente controladas, no ano de 1976, quando se percebe (fl. 13 a) uma “*triagem para indicação de nomes para a próxima eleição*”. Assim as Atas escreveu (fl.15b, 1976) que houve a “*Eleição da nova Diretoria do Grêmio. Chapa única: a mesma que dirigia o Grêmio, sendo que a chapa única recebeu 112 votos*”. O máximo do protesto possível foi “*7 de votos brancos e nulos somou 18 votos*”. Como é visível que estas eleições conheceram um controle absoluto

A reviravolta e o quase equilíbrio entre oposição e situação, só ocorreu em 1978. Assim registrou-se (fl. 25a) no dia 14 de novembro de 1978 que se “*Realizou a eleição do Grêmio. A chapa de situação obteve 42 votos. A chapa de oposição fez 39 votos.*” Este fato ocorreu quarenta e cinco dias antes da Abertura Política decretada pelo governo: (29/12/1978).

⁵⁶ - Ver gráfico 25

PROCESSO de AUTONOMIA SOMÁTICA

Questão A2 x C1	O professor expressa a sua auto-imagem como maturação de pessoa humana dentro processo da autonomia somática	47 respostas
------------------------	---	---------------------

O igual é avassalador nas Atas do Grêmio dos Professores. Desapareceram das Atas referências à idade somática do docente, à sua formação particular, aos seus interesses e gostos. Sob este aspecto a pressão do consciente coletivo foi arrasador: todos nasceram no mesmo ano, filhos do mesmo pai e mãe, tiveram a mesma formação, possuem as mesmas aspirações e experiências políticas como registram as Atas (fl.80b), pois *“Não era o momento de se pensar em situação particular. Por mais que se gostasse da direção da escola, não era o momento de pensar nela e todos deveriam permanecer juntos.”*

No plano individual o termo democrático é entendido (fl. 107 a).no seu aspecto fixo e estático. Não se admite como processo de passagem do diferente para o igual e vice-versa: *“O que querem é modificar pontos do regimento! Mas que este foi decidido em assembléia e que o candidato deverá aceitá-lo.”*

Diante desta igualdade e unidade monolítica a Assembléia dos Professores é soberana e inamovível (p.107 a).sobre qualquer aspiração individual, mesmo a do Diretor que sendo *“candidato) apresentaria sua plataforma mas deveria ser maduro para sentar-se e discuti-la. O candidato elabore com os professores a sua plataforma, o que é mais democrático”*.

Esta unidade se dirige (fl.46).também a ação coletiva e não individual, pois *“não podemos esperar pelos outros, temos que fazer por nós.”*

Chega-se a conclusão de que a expressão das diferenças individuais são remetidas para o plano do egoísmo. As diferenças são expressas em relação a interesses de grupos de forma gradativa vão se diferenciando, com a expressão das diferenças e que se aglutinam e que depois se corpusclem em grupos maiores.

A CONSCIÊNCIA PROFISSIONAL como AUTONOMIA

Questão A2 x C2	O professor expressa a sua consciência profissional como maturação da pessoa humana em direção da autonomia	43 respostas
------------------------	--	---------------------

Todas as aspirações e recompensas aguardadas pelo profissional do magistério foram resumidas numa frase de uma professora.: *“Quem se ocupa do magistério como profissão deve fazer desta ocupação sua realização.”* Expressa-se nela (fl.30b). toda a busca de dignidade profissional, mostrando a responsabilidade da sociedade em garantir o exercício desta profissão. Assim

“discorreu-se sobre a necessidade da conscientização profissional do professor: quem se ocupa do magistério como profissão deve fazer desta ocupação uma realização. O professor se valoriza como profissional para ser valorizado”.

Ocorre uma verdadeira revolta, quando um ministro da educação teria declarado que o *‘magistério era um bico’*. Os professores expressaram (fl.47 a).a sua revolta com este concepção e desqualificação vindo do poder central, fazendo com que: *“a classe do magistério se conscientize. O magistério não pode ser encarado como um bico.”* Contrapõe ao sistema a sua diferença e o seu sentido. Quanto a este sentido os professores nunca abdicaram do seu papel de educadores. Mesmo no meio das suas reivindicações salariais(fl.48b): *“os cartazes devem ter cunho educativo.”*

Apesar das anteriores manifestações em contrário buscam (fl 48b).o contato com profissionais do magistério em outras escolas: *“sugerido entrar em contato com outras escolas para que tomem as mesmas medidas. Deve-se preservar a unidade nos cartazes através dos dizeres.”* Esta busca de unidade, supõe a administração das diferenças individuais e das diversas escolas entre si.

O professor procura ser coerente com a sua profissão no meio da maior tempestade reivindicatória de uma greve. O seu discurso(fl.80). não pode ser por cima e por fora, pois *“nos meios de divulgação havia parecido que os professores haviam paralisado para tratar de temas sobre educação e seria interessante que este trabalho fosse realizado.”*

A Abertura Política Brasileira, correspondeu também com o processo do CPERS em conscientizar profissionalmente os seus membros. As Atas anotaram (fl. 29b) que a

“eleição de um Conselheiro do Grêmio (junto ao CPERS) no sentido de que os professores se tornem profissionais liberais. Essa é a posição do CPERS que procura atingir a todos os estabelecimentos da capital e do interior, a fim de tornar os professores mais conscientes”.

O desespero do CPERS diante destas resistências ao processo de conscientização fica evidente nesta comunicação e expressão registrada (fl.91) nas Atas do Grêmio dos Professores quando

“passou-se a questionar, a forma e os participantes do Seminário do CPERS. O Seminário tem caráter de discussão, não deliberativo. Existe um problema de conscientização da categoria e que na realidade são sempre os mesmos que participam”.

Diante da realidade injusta o exercício do magistério apenas técnico pode ser uma forma de alienação. Isto fica claramente expresso (fl.136b). por um professor que pede

“durante a greve do magistério que os professores orientem os alunos em sala de aula. Este gesto é visto como voltar a sala de aula pode ser interpretado como volta ao normal”.

Como conclusão é possível afirmar que a busca de dignidade profissional, mostra a responsabilidade do docente diante da sociedade, mesmo que esta atitude pode parecer aversiva.

CONSCIÊNCIA de CLASSE como AUTONOMIA

Questão A2 x D	O professor expressa a consciência de classe como maturação da pessoa humana na sua autonomia	42 respostas
-----------------------	--	---------------------

A construção da classe *‘para si mesma’*, na tentativa de uma independência do professor e para se reconhecer com personalidade própria, é contrária ao papel que a sociedade atribui ao magistério sacerdócio tradicional. Esta luta é expressa (fl.115b).por um professor em 1983, quando afirma que *“o processo democrático está garantido no momento em que o Diretor assegura a execução do que decide o grupo. Temos que lutar pelas coisas.”*

Mas há um discurso generalista que impede o aprofundamento da questão: a afirmar (fl.115).que *“o sentido da palavra ‘democrático’ é bem flutuante”*

Para a construção da democracia na escola há necessidade de centralizar as forças ao redor de uma entidade que tenha representatividade como se afirma (p.37b). que a

“presidência do Grêmio diz que o enfraquecimento da entidade, uma vez que haja mais do que uma entidade lutando por causas semelhantes ou desiguais, dentro de uma classe como no Rio Grande do Sul em que duas entidades lutam pela mesma coisa com posições diferentes”..

A definição de ‘quem é igual’ e de ‘quem pertence a classe’, também é expresso (fl.49b).pelo professor do Colégio Godói. *“não é necessário pedir apoio aos outros. Esta posição isolada e fechada é rebatida imediatamente – É essencial o apoio de outras entidades do interior e de outros Estados: apoio moral e material”*

Diante do ‘inimigo externo comum’ criam-se (fl.78) laços comuns com mais evidência, como a *“necessidade de um pensamento comum em torno da greve.”* Esta greve (03/ 4/ 79). provoca não só articulação ideológica, mas também física, através dos representantes, que estipulam (fl..27 a).que a

“greve determinada pelo CPERS A Presidência do Grêmio dos Professores trouxe as orientações. Cada escola deverá escolher dois elementos como representantes diante do Comando Regional da Greve por turnos”

Esta autonomia não resulta só da articulação ideológica e representação. Ela constitui (fl. 78) também movimento de massa, pois *“prepara-se a reunião regional e estratégias de mobilização e organização. Enfatiza-se a presença dos professores nas regionais.”* Para isto exige-se (fl.152b) *“a presença física e participação de todos”* mesmo que a coerência ideológica não tenha a suficiente limpidez.

Esta presença física é necessária, muitas vezes(fl.28 a), mesmo contra os interesses do Grêmio dos Professores: *“Passada a lista para convocar a Assembléia dos Professores sem consulta ao Grêmio. A lista provoca polêmica. - Objetivo da lista: solicitar apenas uma assembléia.”*. Mas as decisões da Assembléia são sagradas, como quando. (fl. 74).

“propõe-se discutir ‘eleições do Diretor.’ Mas discute-se os dois e meio salários mínimos. Na hora da votação comenta-se: - Não haveria sentido em se fazer uma votação, se o voto da maioria não fosse respeitado pelos colegas na Assembléia”

Como conclusão evidencia-se que estarmos diante de ‘*uma classe para si mesma*’ e que poderá depois ser ‘*uma classe em si mesma*’.

A.3 – Estágio de Interação da Pessoa Humana e Sociedade como Condição para a Prática Democrática

A ABERTURA POLÍTICA como INTERAÇÃO

Questão A3 x B1	A Abertura Política na macro-política funcionou como interação da pessoa humana com a sociedade	43 respostas
------------------------	--	---------------------

O grupo de Professores do Colégio Godói foi capaz de tomar a sua própria história nas mãos e tentar , em dados momentos, escrevê-la por si mesmo. Isto se deu especialmente durante os acontecimentos da Abertura Política, como no episódio da eleição do Diretor de Escola, quando os docentes perguntaram (fl.94).em relação à “*eleição de Diretor da escola: - existe amparo legal para a votação? - esta decisão compete a assembléia dos professores A decisão (legal) só virá após a eleição*”.

Um professor sente a extensão do passo dado e tenta expressar (fl.106).a realidade, e

*“questiona a extensão da autonomia e competência da Assembléia Geral dos Professores.
O processo de votação de Diretores extrapola o Grêmio.
A presente assembléia não é soberana para determinar critérios, nem lista triplíce e nem Diretor”.*

Esta autonomia dos professores do Godói ganha relevo com a informação (fl.100). de que “*não há nada definido sobre a escolha de Diretores O Secretário da SEC em visita ao CPERS prometeu a maior boa vontade de sua parte.*”

Enquanto o CPERS comparava o seu próprio projeto e aquele da SEC, o Grêmio dos Professores do Godói realizava caminho para concretizar a idéia e contabilizava (fl.94).as diferenças “*nos projetos para a eleição de Diretores, há doze diferenças entre o projeto do CPERS e a SEC.*” Esta comparação não foi estática. A ação é imediatamente desencadeada através de interação com reuniões regionais. Houve questionamentos (fl. 29) desta interação, quando “*um professor alertou sobre a necessidade de retomar aqueles pontos da greve para que a consciência aflore cada vez mais. Para isto é preciso que haja a convocação de reuniões regionais.*” Reforçada (p.29).por “*uma outra professora julga que esta reunião com o representante da escola com o CPERS é uma maneira de desviar o verdadeiro caminho do professor.*”

O objetivo não é só o movimento em si mesmo. Houve uma percepção e expressão (p.55 b) das diferenças internas dos movimentos conforme os interesses da classe dos professores, verbalizada quando foi

*“diferenciando o Congresso da CPB de Fortaleza e de Recife (30/01/1981):
Em Fortaleza fizeram tudo para terminar com as greves.
Em Recife estavam as lideranças que não fazem acordos com o Governo (UNATE)”.*

Distingue-se a autonomia daqueles fazem magistério e remetem-se. (fl.73). questões gerais para dentro dos sindicatos e partidos, como o que ocorre em relação ao

“Congresso da Mulher Gaúcha e CONCLAT (09/8/81). Os movimentos não podem e não devem ser autônomos, mas em sindicatos e partidos. Na CONCLAT as pessoas que o preparam já tinham decidido tudo. Grupos autônomos ‘bagunçaram’ sem discurso, contra as mulheres, contra os partidos políticos de oposição”.

Esta posição permitiu ao professor do Colégio Godói promover (fl.128a) a “*discussão e aprovação de moção de apoio aos funcionários da Campanha Caldas Junior em greve.*” O mesmo procedimento (p.128b).foi adotado “*Em nome do Grêmio dos Professores foi enviada aos professores da UFRGS, em greve, uma moção de apoio*”.

Um discurso totalmente voltado para problemas de infra-estrutura, surgiu (fl. 111b).quando um

“Candidato o Diretor dentro da realidade global do País apresentou:

- evasão dos alunos;
- 50% da população tem 12% da renda nacional;
- salário, inflação, valorização profissional, participação de professores e alunos”;

Em conclusão pode-se afirmar que o docente tentou tomar o seu destino em suas próprias mãos e tentar e em dados momentos, orientar a si mesmo w a sua classe, vencendo desafios..

MUDANÇAS EDUCATIVAS e a SOCIEDADE

Questão A3 x B2	Mudanças no ambiente educativo como interação entre a pessoa humana com a sociedade	44 respostas
------------------------	--	---------------------

Uma série de estatísticas denunciavam que a educação formal brasileira estava com enormes lacunas. Mesmo em jornal⁵⁷ de grande circulação o tema ganhava manchetes, em 1985, publicando que “*oito milhões de crianças estão fora da escola*”. As lacunas apontadas nas estatísticas, dos resultados da escola do 1º grau, repercutem entre os professores do Colégio Godói.

Estes temas são registrados (fl 90b). nas Atas do Grêmio dos Professores e que se vinculam a estudos mais amplos desenvolvidos no interior da classe que “*comenta as eleições do CPB, o II CONCLAT e Seminário do Modelo Brasileiro e Crise do CPERS.*”

O professor não esquece de envolver nesta discussão o seu aluno: quando se fala (fl.146). em mudanças educativas, também “*falou-se que deve haver discussão permanente com o aluno para atualizá-lo dos movimentos do magistério e do ensino em geral.*”

O professor possui a visão (fl.116). de que os objetivos da cultura nacional passam pela educação pois “*o desenvolvimento da nação é causa e efeito da Educação. Há dificuldade de caracterizar o típico da cultura brasileira. O importante é conhecer nossa realidade.*”. Estes caminhos da Educação Nacional ainda não foram traçados na prática. Eles serão traçados durante a caminhada. Esta caminhada era relacionada com uma série de reivindicações pelo fato de chamarem atenção sobre a precária situação de um

⁵⁷ - in Zero Hora Porto Alegre 1410/1985, fl. 2).

dos melhores bens de uma cultura que é a educação institucional. Estas reivindicações ganham (fl.80b) no contexto e no significado *“durante a paralisação, os professores recebem solidariedade do Círculo de Pais e Mestres. Pede-se a presença dos líderes de turmas”*. Aparentemente estes movimentos são contrários a Educação por isto o maior trabalho consiste em ordenar as vontades dos componentes da classe do magistério. E nesta área que se constatam (na greve de 1980) as maiores lacunas(fl.93), pois *“o nível emocional foi grande mas faltou motivação”*.

Para a instrumento básico da construção desta vontade coletiva foi constituída a Assembléia Geral de Professores do CPERS, quando (fl.78b) *“a Assembléia Geral de Professores servirá para sentir o clima geral do magistério”*. E ainda (fl.64), se *“ressaltada a necessidade de Assembléias Gerais de Professores em vez das reuniões por turno.”*

As grandes Assembléias Estaduais da categoria tem a sua raiz e ponto de partida e julgamento nas Assembléias da Escola (fl.35).: para *“tentar tirar uma posição da Assembléia mesmo que não seja para Assembléia Geral (do CPERS) com o objetivo de elucidar o grupo do Godói.”* Contudo, quando se tem por objetivo administrar todas as diferenças, existem instâncias intermediárias, como *“as regionais são reuniões necessárias para unir mais os professores na luta pelos seus objetivos.”* (fl. 42). Ou ainda(fl. 61b). *“prepara-se uma mobilização do magistério. Para isto ficou o dia 17/6/81 para preparação para a mobilização e organização de comissões.”*

O perigo das diferenças internas não articuladas pis elas constituem possibilidades para o inimigo manobrar com estas minorias e desarticular o todo. Esta preocupação com a unidade fica bem evidente na expressão de um professor que afirma (fl.40). que *“o magistério primário deve ser orientado sobre suas vantagens dentro da classe.”* Quando estas diferenças internas forem articuladas (fl. 41) é possível partir para a *“mobilização total do magistério em torno das reivindicações realizadas.”*

Há sempre um novo projeto dentro da Educação. Um deles passa pela administração da Educação pelos próprios professores(p. 99) por meio de Diretores de escolas eleitos por eles mesmos: *“Sobre a eleição do Diretor: alguns acham que não há mais nada a debater. Outros de que há muito ainda para indagar.”*

Em conclusão é possível afirmar quando se fala em mudanças educativas que professor não esquece de envolver nas suas discussões toda a sociedade na qual está a escola

LEGITIMAÇÃO e JUSTIÇA na ESCOLA

Questão A3 x B3	A legitimação na unidade escolar e a justiça na interação da pessoa humana com a sociedade	44 respostas
------------------------	---	---------------------

Na década de 70, o Grêmio dos Professores era constituído para funcionar como um verdadeiro clube social, onde os problemas reais da escola não transparecem apesar do bairro operário no qual se localizava a escola. Muitas vezes as atas, durante esta década, dão a impressão que se trata de um alegre clube social funcionado ao lado das fábricas Neugebauer, Renner, Guahiba... ignorando-se a profissão dos seus sócios:

Assim registra-se, em 1970, (fl. 1 a) o *“chá de confraternização e excursão a Buenos Aires e Bariloche”*. Dois anos depois, em 1972, (fl.6a) as *“excursões para as férias de inverno, presentes de casamento, planejamento da festa de Natal.”* No ano seguinte, em 1973, (fl 7b) anuncia-se *“festa de fim de ano no Saci, jantar de confraternização no Pagoda.”* Já em 1974 (fl.8 a,) o Grêmio dos Professores promove *“chá no Terrasse Renner, chopada de confraternização de fim de ano.”* Para consolidar este espírito em 1975, foi proposta (p.10b) a *“Criação do Departamento de Relações Públicas.”* Alguns acham pouco, e em 1976 registram (fl.14 a) que *“o Grêmio deveria ser um órgão de real conagraçamento entre os professores.”* A conquista de 1977 foi (fl.18 a) a *“criação de um time de vôlei, realização de um coquetel de recepção aos novos professores”*. Em 1978, um ano antes da Abertura Política, está na ordem dia (fl.32 a) a *“participação ativa na organização e realização nos festejos do aniversário da escola e confraternização dos professores pelo seu dia.”*

Os assuntos sérios são remetidos, em 1976, para uma comissão. Esta comissão com ‘espírito de abnegação e patriotismo’ se desencumbe em nome da classe da ‘ádua tarefa’ de pensar e resolver problemas legais (fl.13 a), assim realiza a *“primeira reunião geral do Grêmio de Professores para aprovar o novo estatuto do Grêmio reformulado por uma comissão de professores.”* Ao longo desta reunião (22. 09. 1976) um professor⁵⁸ procura modificar um artigo, ampliando a ação do Grêmio, incentivando (fl.14 a). *“a*

⁵⁸ - Mais tarde este professor teve de deixar a escola em situação pouca tranqüila para ele: alteração de designação forçada

dinamização do Grêmio para que tivesse força de expressão em órgãos representativos e que tais objetivos fossem explícitas. A questão foi debatida e não foi aceita.” No final desta mesma reunião os professores conseguem fazer registrar(fl.14b). na ata: *“Que a coordenação do projeto do Estatuto foi de uma única professora. A proposição foi aceita (e consignada em ata).”*

No final de 1978, a eleição de uma nova Diretoria do Grêmio dos Professores, representou uma prova de que os professores do Godói estavam preparados (fl.25) para entrar no conturbado período de mudanças *“antes da eleição foram lidos, discutidos e aprovadas as normas para a apuração”* Assim ao começar, em 03.04.1979, a vivência da Abertura Política Brasileira na escola, os professores estavam preparados para a greve, e se perfilavam (fl. 27) com o *“comando regional da greve, constituído pelos representantes da escola.”*

Apesar deste idealismo os seus passos são vacilantes, pois na realidade a escola vive problemas internos cruéis(fl. 36 a), e promovem, em 1980, um *“protesto quando ao clima desagradável dentro da sala dos professores: com listas para dinheiro, para soltura de presos políticos e quanto às publicações do quadro mural ofensiva.”* Este climal faz com que as lideranças do Grêmio dos Professores tratem (fl.42 a) de administrar as diferenças internas, manifestando:

“a necessidade de união e organização dos professores, primeiro a nível de escola e depois num ambiente maior, frisando que não deve haver divisão da classe. O Colégio Godói deve ir as assembléias do CPERS com um único pensamento, uma única posição”.

Depois de conquistado o espaço externo, há necessidade de ampliar o círculo para o âmbito da comunidade, quando se

“pede-se um chamamento aos pais para um esclarecimento. Esclarece-se que o jornal não está ao alcance de todos. Combina-se com o Círculo de Pais e Mestres um baile do Chopp Centraliza-se tudo em ‘mais verbas para a Educação’

Após este trabalho com a comunidade escolar é possível partir para a articulação da classe através dos professores de outras unidades escolares(fl.92b), quando: *“os professores chegam à conclusão de que para maior solidariedade, todos deveriam manter*

intercâmbio com as escolas vizinhas.” Acrescentam (fl. 124 a) ainda que existe a “necessidade de mobilização nas escolas do bairro e de estabelecer calendário e comissão para visitar as escolas levando panfletos.”

As questões internas são constantes. A administração da escola aponta e implementa a igualdade. E esta racionalidade administrativa é o último argumento (fl.118b) de que *“toda ordem, tem amparo legal. Não há distinção entre professores mais importantes da sala de aula ou serviço. Há serviços prioritários.”* A prioridade é do sistema. O Grêmio dos Professores já apontava, contudo, há mais tempo(fl. 93b), para outro rumo, como quando

“a Diretoria do Grêmio trata da organização:

- *mais acompanhamento e participação (do Grêmio) nos outros setores da Escola;*
- *ativar as comissões que realmente funcionam;*
- *realizar reuniões de Diretoria e comissões”.*

Os frutos deste trabalho do Grêmio dos Professores foram experimentados duramente com a perda intempestiva da Direção eleita através da ação do Grêmio e desponta pela SEC. Assim registram (fl.138b) que *“a demissão do Professor Sílvio provoca reunião de professores alunos, funcionários, pais, comunidade e forças políticas.”*

Esta auto-organização provou que os frutos estavam maduros em direção da auto-expressão. Registram-se (fl.137b) expressões de desagrado e de diferença de pontos de vista que dificilmente seriam de esperar de uma única escola, diante da *“audiência com o Secretário de Educação Concentração diante do prédio da SEC portando cartazes e faixas, enquanto a comissão entrega ato de desagrado da situação.”* (Anexo 17)

O tema da Verdade e Justiça em relação ao Godói é lembrado (fl.141). pelo CPERS através dos seus dirigentes:

“o Vice-Presidente do CPERS, reitera a solidariedade do CPERS para a comunidade do Godói. Lembra que por trás de toda a mobilização está em busca pela Justiça e pela Verdade. O processo que colocou o Diretor na escola com a finalidade de dirigir junto com os colegas é um processo legítimo e foi realizado e ninguém se interpôs”.

A seqüência destes fatos evidencia que a escola formal pode ensinar, não só o conteúdo curricular, mas também a Justiça e a Verdade. O professor ensina só o que ele é. Este ensino concretiza-se especialmente pelas atitudes reais diante de ações pautadas pela Justiça e pela Verdade.

AUTO-IMAGEM como INTERAÇÃO

Questão A3 x C1	A auto-imagem do professor expressa como interação da pessoa humana com a sociedade	47 respostas
------------------------	--	---------------------

O professor não possui grandes oportunidades para a expressão individual. Esta limites ficaram evidentes (fl.34b) em várias ocasiões, como quando. *“a Presidenta pede que cada professor aja independentemente.”* Mas os professores reagem a esta proposta não querem (fl. 35 a) só uma posição individual, pois *“os professores querem levar uma proposta em nome do Grêmio”*.

O sistema oficial deseja mergulhar (fl. 89b) cada professor numa estrutura burocrática uniforme onde todos são absolutamente iguais e estão diante de oportunidades uniformes, quando *“denuncia-se na avaliação pelos itens que não oferecem a mesma oportunidade de competir.”*

Da parte do docente a direção da escola é vista (fl. 117b) como uma função exercida temporariamente por um professor e não é um cargo, carreira ou posto, pois *“o Diretor continua sendo professor e que é representante dos professores da escola e que pertence à classe do magistério”* Este sentido da direção como função dentro da classe torna-se mais evidente ainda nesta expressão (fl. 120)de um professor, de que o *“Diretor tem que ser o primeiro na frente da greve”*. Esta vontade de expressar e resolver as diferenças internas ao grupo, sem necessidade da intervenção externa, tornou-se clara (fl. 115) durante o debate para a eleição da direção, pois

“a primeira vontade do professor é da escolha única do Diretor. A escola deve escolher as pessoas que vão compor a direção. O processo democrático é a divergência de opinião. A equipe (da direção) tem que representar o conjunto dos professores”

Os professores conseguem evidenciar (fl. 124b).que não é a pessoa, o seu nome ou projeção social que interessam. Mas é o movimento da classe que interessam “*a eleição no CPERS é positiva porque mobiliza e aproxima os professores.*” A questão torna-se tão aguda que um professor chegou a expressar (fl.118).que não interessam as atitudes de uma pessoa, pois “*sou sujeito queimado por atitudes definidas e firmes.*” Para este docente interessa o todo. Este todo pode sentir-se ameaçado e ameaçar o indivíduo:

Isto não quer dizer que as experiências pessoais sejam condenadas. Ao contrário(fl.91) tentam “*fazer com que todo o professor participe e discuta a situação do magistério e a partir do que for colocado, traçar novas alternativas para movimentos futuros.*”

Chega-se a conclusão de que os professores estão longe de confundir a sua auto-imagem (EU) e o tornar uniforme diante do OUTRO. Propõe e reagem ao igualitarismo e querem o equilíbrio entre forças antagônicas.

A PROFISSÃO DOCENTE como INTERAÇÃO

Questão A3 x C2	O professor expressa a sua profissão como interação da pessoa humana com a sociedade	45 respostas
------------------------	---	---------------------

O professor expressa raramente a sua profissão como interação. Antes de atingir a interação o discurso do professor resvala em duas direções. Uma expressa um processo individual que gera a cooperação quando afirma (fl.30b): “*Quem se ocupa do magistério como profissão deve fazer desta ocupação uma realização.*” Outra expressa um processo coletivo que gera a participação (fl. 29b) onde “*os professores se tornem profissionais liberais. O CPERS procura atingir a todos os estabelecimentos da capital e do interior a fim de tornar os professores mais conscientes.*” O texto não explica o que é professor mais consciente.

Em geral esta consciência dos cálculos das perdas e dos ganhos da ação antes, durante e após deve nascer de um contrato exposto claramente e, conhecido e com anuência de ambas as partes. No estágio que se encontra nas atas do Grêmio dos Professores esta ação do magistério é considerada (fl.115b) apenas uma atividade diante da administração escolar: Assim

“pergunta-se aos candidatos a Diretor da escola:

- *diversificação de férias para o professor de serviço sala de aula;*
- *se é ordem, teria que ser cumprida;*
- *todos são professores;*
- *deveria ter tratamento igual para todos”.*

Neste discurso reboa a o conceito de que “*o magistério é um bico*” do Ministro da Educação da época. O professor desqualificado por este conceito não domina e não possui ainda o ferramental para contrapor os componente que o levariam a realizar um contrato continuado, aceito e praticado de forma institucional. O Grêmio dos professores estava tentando implementar esta institucionalização rumo à formação de uma classes

CLASSE como INTERAÇÃO

Questão A3 x D	O professor expressa a sua classe como interação da pessoa humana com a sociedade;	47 respostas
-----------------------	---	---------------------

A capacidade de o professor de se representar a si mesmo e transpor esta representação ao grande grupo, tornam a classe do magistério uma classe chave numa sociedade. A implementação desta institucionalização, rumo à formação de uma classes, foi expressa (fl.115b) como “*deve haver uma apuração no grupo. Apuração em termos do que os professores querem*”

Esta representação da classe nasce de muitos conflitos e da administração das diferenças, como se percebe (fl. 33 a) em duas propostas antagônicas quando alguém afirma que “*a nossa proposta para a Assembléia do CPERS de 19/12/79, não é cabível*”. Esta afirmação é corrigida imediatamente “*a nossa proposta é objetiva ao contrário de outras, inclusive do CPERS e se coloca totalmente contrária a deles.*”

Apesar das dificuldades de se atingir uma maturidade, ao patamar da interação, a sua busca possui um papel essencial nas instituições criadas pelos professores, como o CPERS, o Grêmio dos Professores e se contrapõe às instituições administrativas como Direção, Delegacia ... nas quais o professor não possui uma influência direta.

Contudo alguns professores não reconhecem nem mesmo as instituições criadas e dirigidas pela própria classe, quando afirmam (fl.36 a) que “*O Grêmio dos Professores visa uma maior integração entre professores, o que não está sendo atingido pelo posicionamento radical assumido por alguns professores.*” Contudo a articulação do

grupo interno do Grêmio apoia à articulação externa, quando existe (fl.40) uma “manifestação de apoio do Grêmio de Professores do Godói ao CPERS”. Explica-se (fl.42 a,b) o “apoio ao CPERS como órgão representativo do magistério. Ressaltado o adiantamento e organização dos professores do interior do Rio Grande do Sul”

Distingue-se (fl.78) o governo da Diretoria e a classe articulada CPERS, pois “o CPERS representa os professores associados a ele e não a sua Diretoria. Cabe aos associados mostrarem isto.” Esta Diretoria vai as bases e se identifica com elas no processo eletivo(fl.57) quando

“apresentam-se as chapas para a eleição da Diretoria do CPERS:

- Chapa 1 – Unidade e Ação

- Chapa 2 – Participação

Isto não impede que um professor: Advogue chapa de oposição única e o voto nulo”.

A representação da escola junto ao CPERS não é descuidada (fl.54 em 23/3/1980) pois foi “eleito outro Conselheiro do Grêmio dos Professores da escola junto ao CPERS”. O resultado desta representação qualificada e específica, verifica-se, mais adiante, (fl.61) uma “sincronia total de Grêmio e CPERS.”

O CPERS diante das dificuldades crescentes (fl.124b), não descuida da representatividade como um ponto que se tornou central ao “debater-se a proporcionalidade de representação o CPERS sente pouca movimentação e engajamento dos professores.” Esta capacidade de representação do CPERS dos problemas é expressa (fl. 146) quando se foi “reclamada a falta de definição da Diretoria do CPERS. Ou reconhecemos a Assembléia Geral (do CPERS) como instância máxima ou não.” Mas não se esquece (fl. 146) o papel do professor como indivíduo, pois “é preciso haver coerência e acatar as decisões da Assembléia Geral.”

O olhar (fl.131b) do professor sobre a classe é global e significa “envolver os núcleos e fazer avaliação constante para ver se o movimento está aumentando mesmo no interior (do Estado)”. Há conquistas (fl. 92a) que o professor deseja capitalizar, como a “organização da categoria. Estabelecer negociações para salário Não há negociação a fazer porque o acordo deve ser cumprido.”

Mas o maior capital em jogo é a educação (fl. 73b)., pois *“em qualquer classe o problema é a Educação. A Educação faz parte do todo. O modelo educacional é vínculo ao sistema.”*

No Livro de Atas existe todo um registro, na folha 63, da vida introspectiva que este grupo de dentro da Colégio Godói atingiu nos seus embates internos e externos. Afirma-se que

“a articulação básica reside no núcleo da escola. É neste núcleo que está o Grêmio dos Professores: Evita-se falar sobre alguns temas ou questões que só levariam a divisão da classe. Quanto a alusões de que o Grêmio está restrito a Diretoria, comentou, que uma vez que há reuniões gerais, o Grêmio não pode ser considerado restrito. Em outras reuniões gerais do Grêmio não houve ocasião para debater porque obedecem a outros interesses da classe”.

Antes deste registro houve tentativas (fl.35) de professores que acreditam ainda nos conchavos de gabinete e não na mobilização. Estes

“propõe novamente o tema da organização (da classe). Se não se conseguir mobilização numa escola: seria difícil mobilizar um grupo maior. Várias categorias conseguiram equiparação (com o técnico científico) sem grande mobilização”.

Dois posições, tão antagônicas, são difíceis de administrar. As questões discutidas levam a anular qualquer resultado. Então (fl.37b) percebe-se *“enfraquecimento devido a lutas internas de classe”*. Uma amostra desta luta é visível (fl. 40b) na *“manifestação de desgosto sobre o convite a outros professores de outras escolas para virem ao Colégio”*

O sentimento e a consciência de classe nasce (fl.84 a) do exercício profissional, pois *“estamos falhando no objetivo de abrir maior consciência de classe em nossos colegas. Devemos fazer com que eles pensem que são profissionais omissos em relação à classe”* Em contraposição são os projetos coletivos os que unem (fl.124) a classe, pois esta reunião se realiza quando *“a eleição no CPERS é positiva porque mobiliza e aproxima os professores.”*

Todos os temas que afetam a vida profissional do docente, como a votação da aposentadoria do professor, motiva e é julgada válida em princípio, mesmo sem conseqüências imediatas. A ida de um professor do colégio Godói para Brasília e que na sua volta *“o representante do Grêmio em Brasília relatou a validade da ida e união da*

classe". Contudo a classe não está preparada para avaliar tal gesto, quando (fl. 39 a) estranha-se a falta de conseqüência do fato, quando *"não foi posteriormente determinada nenhuma atitude a ser tomada pela classe"*. Esta falta de uma atitude comum pela classe pode ser explicada novamente pela teoria da formação da classe, a partir do trabalho em comum não contempla a aposentadoria como trabalho em comum

Já as paralisações e greves (fl.81b) possuem como pano de fundo o trabalho em comum e como tais desempenham um papel positivo:

"destaca-se o momento de união em torno da paralisação decidida em Assembléia Geral. O Grêmio contava com o apoio do Círculo de Pais e Mestres da escola".

Como conclusão pode-se afirma o trabalho em comum desempenha um papel decisivo na formação e de uma classe que se adensa e corpusculariza na medida em que se constrói projetos de trabalho em comum. Projetos que são convertidos em ações nas quais se discute e se pactua os ganhos e as perdas individuais antes, durante e depois deste trabalho coletivo

A.4 – A Maturação do Poder da Sociedade rumo a Autoridade como condição da Democracia.

ABERTURA POLÍTICA e a MATURIDADE

Questão A4 x B1	A Abertura Política como maturação da sociedade do poder rumo a autoridade	44 respostas
------------------------	---	---------------------

Muito antes de os professores conquistarem legalmente o poder na escola, e transformá-lo em autoridade, é nesta instituição que assumiram os seus destino e imprimiram (fl.45, em 31/10/1980)este destino por meio de. *"uma votação na qual os professores preferem lutar com os próprios meios (greve) em vez de apelarem para a Justiça constituída."* O professor expressa as posição pela qual possui, dentro da sociedade, um papel diferente das outras classes. Por este papel deve apontar os caminhos e não só reproduzir: Assim (fl.45b) a *"decisão em assembléia por greve imediata em vez de Justiça (constituída). O professor deve transformar e não conformar a sociedade. Se tivermos consciência do que queremos vamos influenciar a comunidade."* Esta vontade para transformar e não conformar, é expressa (fl. 46b) na afirmação de que

“na última assembléia 2 mil professores pararam o Estado. Cada vez que formos pisados faremos greve.” Assim o número e a representatividade ganham força e peso nas decisões, inclusive (fl. 54, em 25/3/81) na *“preparação para o dia de mobilização nacional”*.

Esta força é demonstrada (fl.75 b) *“antes da ida do projeto (salário básico) para a Assembléia Legislativa deveríamos nos manifestar. Antes de ir ao Governador, mostrar a nossa força.”*. Esta força tornou-se visível (fl. 89a) quando

“houve uma assembléia em que vinte e quatro mil professores decidiram pela paralisação. O policiamento, as demissões de Diretores levaram a suspensão do movimento para resguardar o CPERS, mantendo as reivindicações”.

O instrumento que o magistério dispõe para se manifestar e se expressar (fl.77 a) coletivamente, pois *“o governo só entende uma prática: a greve. Por isso propôs: greve geral por tempo indeterminado para o cumprimento do acordo a partir de janeiro/82.”* Esta força provocou a reação do governo ao movimento dos professores(fl.78b), quando *“comenta-se: o governo já não espera nada do magistério por isto não teme perder mais nada”*

Mas a luta de classe não se resolve pelo ocultamento e escamoteamento do poder. A luta é direta. Neste enfrentamento o Estado usa o seu aparelho repressivo. O que ocorre (fl.81)quando se *“comunica de que os professores paralisados haviam sido enquadrados na Lei da Segurança Nacional”*. Este Aparelho Repressivo do Estado consegue gerar o medo (fl.84)e *“contra a força não há argumento. Há necessidade de recuar porque não é só o interior que tem medo, mas nós temos também.”* Este recuo e medo da classe é aproveitado pelo Estado para castigar exemplarmente(fl.88b) a classe docente

“depois da paralisação o governo tomou medidas mesquinhas como demissão de professores, desligamento da Profª Marila do CEE, atraso de pagamento, abono... Mas a nível de categoria, não houve repúdio as mesquinhas”.

Os instrumentos criados para o estímulo, também são usados para o desestímulo (fl.89b) quando *“a promoção por merecimento é usada para premiar e castigar.”*

As lutas existem também dentro da classe trabalhadora(fl.72b) como quando *“as pessoas que prepararam o CONCLAT já tinham tudo decidido. As discussões foram*

rudimentares.” A classe de trabalhadores se vê dividida em duas no seu vértice, assim surge (fl.72b) a “*Resolução de se fundar a Central Única de Trabalhadores (CUT). As formas de participação devem ser decididas em assembléia.*”

A reconstrução deve recomeçar pela base(p.97), convocando-se para “*o Congresso da Mulher Gaúcha: ligou-se aos movimentos populares. Lutas contra a carestia, dívida, inflação, desemprego, despejos...Realidade brasileira, lutas do CPB, debates políticos, integração.*” No interior do núcleo da organização da classe, que é escola, a conquista da autoridade mais próxima, tornou-se um objetivo altamente significativo (p.103b), pois “*mesmo sem o amparo legal realizam-se as tentativas de eleger o Diretor da escola.*”

O núcleo da corpuscularização na escola constitui um ponto no qual o sistema se afirma e não entrega esta posição, quando . (fl.104b):

“a atitude do governo marca um retrocesso. Outras escolas já escolheram (seu Diretor). O cargo é de confiança. Em cada troca de Secretário de Educação, o cargo deverá ser colocada a disposição”.

A constatação é radical (p.104b) pois “*o governo não abre mão dos cargos de confiança*”. Esta competência do governo necessita ser negociado novamente.

MUDANÇAS e AUTORIDADE

Questão A4 x B2	O professor expressa as mudanças provocadas pela Abertura Política e a autoridade no Ambiente Educativo	43 respostas
------------------------	--	---------------------

As Atas dos Professores nos dão conta, antes de 1979, de um verdadeiro culto à personalidade, (p.2b), como “*entrega de presentes ao Diretor*”, a abrindo caminho ao poder pessoal e onde todas as decisões devem passar por uma única pessoa. A própria “*chapa (para Presidência do Grêmio) é indicada pela atual gestão.*” (18/11/70, p.3b). O mesmo fato acontece ainda em 1976 quando se realiza uma “*Triagem para indicação de nomes para a próxima chapa.*” (p.13 a) Esta (fl.15b) “*eleição da nova Diretoria do Grêmio. Chapa única, a mesma que dirige o Grêmio. Reeleita por 112 votos.*” Esta autoridade entra em detalhes que hoje nos parecem absurdos quando (fl.2) é “*permitido o uso de ‘slack’ durante o inverno de 1970 até 30/9, acompanhado de casaco.*”

A mudança em direção a uma legitimação da autoridade começa a acontecer no final de 1978. Mesmo que isto aconteça no núcleo da autoridade do Grêmio dos

Professores quando ocorre (fl.25b) a *“eleição da nova Diretora do Grêmio. Duas chapas opostas. Vence a situação por 42 votos contra 39 votos.”* Este resultado expressa, a partir deste instante, a capacidade dos professores expressarem suas diferenças através do voto. Esta eleição foi histórica, pois através dela os professores afirmam a sua autoridade como grupo e tentam articular uma série de diferenças internas da classe:

Da legitimação da autoridade dentro do Grêmio para a direção da escola é um passo(fl. 33, em 14/11/79), pois a *“direção da escola indicada por lista tríplice indicada pelo corpo docente.”* Dois anos depois(fl. 71), em 16/9/81, *“os Diretores das escolas públicas estaduais serão eleitos pelos membros do magistério em exercício na escola em assembléia por maioria simples.”*

A conquista da autoridade passa pela categoria com autoridade em nível estadual quando(fl. 26b fl. 21/3/79) *“Salientou-se a necessidade dos professores se unirem ao CPERS para que este tenha uma representatividade e não se formem várias entidades paralelas com pequena representatividade.”* Esta articulação estende-se (fl. 101b) ao plano nacional: *“no Congresso de Professores de Natal (jan.1983) houve 1.500 delegados e 1.500 observadores representando um milhão de professores.”*

A infra-estrutura econômica é necessária como suporte à autoridade de classe. Por isto acompanha-se com interesse (fl.39b)a *“votação na Câmara Federal mais verba para a Educação”*. Mas anteriormente (fl.35) marcou-se posição de que a verba não é tudo para esta autoridade da classe *“somente com uma sociedade política mais justa se conseguirá resolver o sistema de educação.”* Esta a Justiça necessita ser construída sobre a Verdade e se organiza (fl.40b) uma *“caminhada como forma de protesto e evitar a greve e possível intervenção no CPERS. A greve sob forma de paralisação é decretada para os dias 30 e 31 de outubro de 1980, pela Assembléia Geral do CPERS.”* Diante disto o Grêmio conseguiu vincular e expressar (fl.47b)o que move esta busca da Verdade por meio de uma *“proposta final da reunião (do Grêmio de 31/10/80): Greve. Trabalho com os pais e alunos. Nota para a imprensa. Vinculação com a inflação.”*

O exercício da autoridade do Diretor eleito, não foi tranquilo. A eleição por si mesma não resolve os problemas (fl.131b). Neste contexto

“um grupo de alunos pede autorização ao Diretor e ao Presidente do Grêmio dos Professores para colocar cartazes na escola. Mudam o

conteúdo dos cartazes (depois de aprovados). Convidam alunos de outra escola”.

Cogita-se (fl.132a) em “retirar os cartazes é represália e corte de diálogo. - Os alunos não foram honestos na hora do igual para igual.” Contudo, a hora da deposição do Diretor são exatamente estes alunos que dão apoio ao Diretor eleito. Aliás, a deposição do Diretor eleito, por força estranha à escola, deflagra todo um processo de defesa (fl.140b) da autoridade constituída pela comunidade:

“durante o episódio da deposição do Diretor eleito, desapareceram as diferenças. A proposta do Secretário da Educação não é clara não questionou a eleição. Mostra desinteresse pela educação, tenta dividir o movimento, ele não é democrático. Nosso movimento foi claro e unido”.

O professor expressa o medo que a administração sente diante da ameaça de um Diretor eleito quando se afirma (fl.142b) que “a questão não é pessoal, mas contra ‘Diretor eleito’. É preciso refletir se queremos eleger Diretor. Se aceitamos a demissão, estamos provando que não somos a favor da defesa da eleição do Diretor”

NEGOCIAÇÃO APRENDIDA na ESCOLA.

Questão A4 x B3	A negociação da maturação da sociedade rumo à autoridade aprendida pelo professor na unidade escolar.	44 respostas
------------------------	--	---------------------

No Colégio Godói a negociação das diferenças surgidas teve sempre um ponto de apoio no Grêmio de Professores. Apesar de silenciado e transformado em clube social e recreação a partir de 1964, surgem a partir de 1976, as primeiras manifestações de retorno a sua função registrada na Ata nº 1 da Fundação. Nesta época (22/9/76) afirmou-se (fl.14 a) uma “*proposta a dinamização do Grêmio para que tivesse força de expressão em órgãos representativos e que tais objetivos fossem explícitos.*” O autor desta frase foi depois afastado da escola. Não se nega uma referência a um papel não social do Grêmio. Este papel social está na origem e podemos ler na ata (Livro I, 23/6/1959, fl.2b)de Fundação do Grêmio dos Professores: “*Propõe-se o Grêmio propugnar por uma justa remuneração ao professor, não deixando que outras instituições o façam.*” Ou ainda ler na letra “h”, do art. 1º do Capítulo 1º, o texto que veio ser consagrado no primeiro regimento do Grêmio “*Propugnar por uma justa remuneração ao magistério, a fim de manter a classe sempre num nível adequado com as suas obrigações sociais.*”

A direção do Grêmio tornou-se (Livro II, fl.26) mais sensível a voz da maioria depois da Abertura Política: *“Diante da greve de 1979 a Diretoria do Grêmio só poderia tomar qualquer decisão oficial representando a maioria (2/3) dos professores da escola.”* Esta posição contrastava vivamente com as ordens e comunicados ouvidos pelos professores nos últimos anos da ditadura (fl.17b), como *“transmitir (aos professores) as normas que regerão a agremiação”*. Ou se ordenava (fl.16) ainda em 13/4/77 que *“as normas que regerão as atividades do Grêmio que deverão ser comunicados aos professores em reunião”*. Contudo não é o regimento pelo regimento com a sua letra morta que intimida o professor, quando (fl.13b) foi *“solicitado esclarecimento sobre a força do estatuto e sanções para os não cumpridores da lei (regimento do grêmio). A assembléia não responde.”*

Contudo não se deixa de reconhecer (fl.28b) que o controle e a autorização são necessários: *“em todas as listas que correm pela escola tivesse carimbo do setor.”*

A negociação na escola adquire, numa sociedade capitalista também conotação física. Por isto há estímulo (fl.7a) para a *“aquisição de máquinas de escrever pessoais para professores através do Grêmio”*. O bem maior da saúde não foi esquecido (fl.9a) e foi *“instituído fundo de assistência aos professores”*. Tenta-se profissionalizar esta assistência e se realiza (fl.11b) uma *“exposição do planejamento do tesoureiro.”* A contabilidade revela (fl.22 a) que *“dos 97 sócios, 69 pagaram a anuidade”*. O revela (fl.14 a) *“ a baixa anuidade do Grêmio”*. A anuidade do Grêmio depende daquilo que os sócios recebem (p.20b) e por isto *“solicita-se o retorno dos adicionais”*.

O próprio espaço físico da escola é negociado (fl. 80) e conquistado, quando

“vota-se em Assembléia por cinco dias de paralisação. São colocadas as ameaças: Não utilização da escola pelos grevistas, demissões sumárias, enquadramento na lei da segurança nacional, intervenção no CPERs”

Mesmo conhecendo (fl.80 a) todas estas ameaças, o professor não se rende, pois *“apesar da ordem de serviço de que os professores grevistas deveriam abandonar a escola, eles permanecem para não caracterizar abandono”*. Este constrangimento permite tomar medidas e que da fato ampliam (fl. 81a) o espaço para toda categoria atingida do bairro, quando

“chegam os professores do Colégio Estadual I° de Maio para saber como iriam se organizar, uma vez que não poderem ficar na escola. Retoma-se a votação sobre a permanência na escola e 44 votaram sobre a escola enquanto 3 votaram contra”.

Esta vitória é provisória pois as manipulações são constantes e mesmo os mais adiantados se impacientam (fl.129b) como quando:

“um professor posiciona-se contra a eleição de delegados ao CPERS, já que os delegados professores não estão esclarecidos sobre o assunto. Retirou o seu nome e propôs aos demais que fizessem o mesmo em sinal de protesto contra as manobras que vem ocorrendo na escola e no CPERS no encaminhamento desta questão”.

Adianta-se uma tentativa de explicação para esta posição radical (fl.129b) quando *“uma professora concorda quanto a falta de discussão na escola mas que não é hora de jogar fora o espaço que se abre a nossa participação. Trata-se de resgatar o que é ainda possível”.*

Para a eleição de Diretor as negociações tornaram-se intensas. Para alguns no entanto a simples escolha é suficiente(fl.99 a), já para outros, não, pois *“alguns acham que diante da eleição de Diretor não há mais nada a debater. Para outros, que há muito ainda a indagar”*

Os conceitos em relação ao cargo de Diretor e sua função na escola são questionados e clareados através da expressão pública (fl. 115), pois *“temos que confiar na escolha que o Diretor vai fazer. Uma equipe funciona se realmente é uma equipe. Do contrário a equipe ‘vai se comer’. Ao que é contraposto: temos que confiar na escolha que o Diretor e a equipe não funciona se o Diretor é centralizador.”*

Os alunos diante do Diretor são lembrados (fl.110) e o direito de legitimação que possuem diante da autoridade:

“diante dos movimentos dos alunos o Diretor é um elemento importante e poderoso uma vez que estabelece a ponte entre o Estado e os professores. Amparado pelo consenso da maioria dos professores ele pode vir a solucionar problemas levantados nos movimentos”.

Um candidato a Diretor confia (fl.116b) toda a sua administração a força do regimento, pois estar em vigor *“um regimento e vou me basear nele.”*

Apesar de não ser suficiente, a escolha do Diretor é um passo importante que alimenta e vitaliza o exercício consciente do poder na escola (fl.70b), quando “a eleição do Diretor uma bandeira de lutas da qual não se deverá desistir.”. Quando o CPERS tomou a decisão de tomar esta bandeira ela irá custar ao Colégio Godói o sacrifício de Diretor eleito (fl.133 a) quando “notificou-se a decisão do CPERS (de 18/8/1984) de não participar das comemorações da Semana da Pátria em protesto ao descaso do governo em relação a Educação.”

No Colégio Godói as cadeira de Educação Física e Moral e Cívica levaram o primeiro impacto desta posição (p.134)e

“a cadeira pediu assessoramento político. Uma das formas de punição seria a convocação de todos os professores para o desfile. Não participar do desfile de 029/1984. Mas fazer ‘Hora Cívica’ juntamente com as cadeiras de Moral e Cívica e Educação Física”

Diante do confronto e dos possíveis prejuízos que estes acontecimentos da negativa ao desfile poderiam acarretar, o assunto foi pesado e avaliado (fl.135b) no âmbito escolar, onde

*“afirma-se que o assunto (Participação no desfile) é mais sério do que se pensa. Foram colocados em votação:
- não participação no desfile ..19 votos;
- participar no desfile.....5 votos;
- abstenções.....3 votos.
A decisão encaminhada a SEC não seria assinada considerando-se a assembléia soberana”*

A luta foi travada entre a SEC, que representa a administração e o capital dos salários, e o CPERS que representa o trabalho. Como resultado (fl.134b. desta luta

“na reunião da SEC (para o desfile) nunca foi mencionada a categoria, mas a Diretoria do CPERS, imiscuindo-se em questões administrativas e que desta forma se fecham muitas portas. Não se deve nem tomar conhecimento desse pronunciamento da SEC já que o governo quer jogar o CPERS contra os professores, quer dividir a classe”.

A luta e a negociação continuaram mesmo depois do ato de força do governo (fl.136b), pois “o problema maior (para a deposição do Diretor) foi a direção eleita. Manter o Diretor eleito e deposto na escola e dedicar diariamente um espaço para isto”. O trabalho e os votos depositados pela escola em cima da comunidade retornam a escola sob a

forma de solidariedade nas horas difíceis (fl.147), mas para isto é necessário “*mexer com a comunidade. Enviar cartas ao Secretário de Educação. A escola recebe solidariedade de outras escolas, candidatos e deputados*”.

O PROFESSOR como PESSOA diante da AUTORIDADE

Questão A4 x C1	O professor expressa a sua pessoa diante da maturação da sociedade rumo à autoridade	47 respostas
------------------------	---	---------------------

A pessoa singular diante da autoridade é uma atitude que encontra grande dificuldades para ser elaborada de forma adequada. Uma das maiores dificuldades na análise das Atas dos professores é a falta de um compromisso individualizado diante do sistema e o medo que este sistema e seus representantes inspiram. Esta exposição singular diante do sistema foi registrado (p.138) quando se afirma que “*se formos chamados individualmente pela nova direção (imposta pela SEC) nos devemos negar*”. Nesta situação torna-se impossível o equilíbrio entre o EU do professor e o TU do sistema

Um professor consegue expressar o fracasso de uma greve ao dizer(fl.83b) que

“devemos mostrar aos alunos que o sistema nos apertou mais uma vez, nossa entidade é forte, mas é fraca por estar neste sistema. Nós damos força a entidade mas também somos fracos. Acreditamos na abertura e não na repressão”.

O professor sente e expressa a sua angústia de ser avaliado (fl.62b) e “*pede-se instrumentos que possibilitem a avaliação dos professores*”. Estes docentes estão sabendo (fl.89b) que: “*a promoção por merecimento é usado para premiar e castigar*”.

Trava-se a luta e busca-se transformar o seu colega em autoridade: “*Não é interessante mais de uma plataforma, porque então haverá divisões entre professores*”. Esta visão unificadora é imediatamente rechaçada(p.106b) quando “*o candidato faz a sua plataforma e arruma o seu grupo e que não dá para uniformizar todos os professores.*” Diante deste grupo, o indivíduo sente-se impotente diante das manobras internas na classe do magistério como aconteceu (fl.129b) quando alguém “*retirou seu nome (como delegado do CPERS) e propôs aos demais que fizessem o mesmo em sinal de protesto contra as manobras que vem ocorrendo na escola e no CPERS.*”

Em conclusão pode-se afirmar, que apesar da dificuldade de o indivíduo singular (EU) enfrentar o OUTRO como sistema, existiram expressões que assinalaram que a

balança não pode pender para um ou outro lado e, se existiram momentos de tensão, sempre houve a busca e a expressão de um equilíbrio possível.

A PROFISSÃO do DOCENTE e a AUTORIDADE.

Questão A4 x C2	O professor afirma a sua profissão como expressão da maturação da sociedade rumo à autoridade	45 respostas
------------------------	--	---------------------

Uma das grandes ameaças foi o professor assumir e se apoderar do espaço que deveria servir para o exercício de todos como aconteceu (p.19) quando *“reuniram-se quatro pessoas para terminar o trabalho de integração do Grêmio dos Professores ao Planejamento Global da Escola.”* Em geral esta atitude gera uma frustração que destrói toda a integração profissional e de classe. Mas o problema não é só interno da escola (fl.72b) pois *“as pessoas que preparam (O CONCLAT) já tinham tudo decidido. Discussões foram rudimentares. Não foi o que a Comissão Nacional esperava.”*

Estes exemplos acima são aberrantes. Na realidade acontece, em geral um processo contrário tendendo para a interação, como (fl.35) quando *“os professores querem levar uma proposta em nome do Grêmio dos Professores”*.

A própria classe prefere o exercício educativo da sua profissão em vez do duro exercício de transformar o poder em autoridade. Por isto preferem e decidem (f.13b) que *“não haverá mais reuniões até o final do ano letivo, por parte da direção, para atender com maior tranqüilidade suas turmas, recuperações e dependências.”*

O exercício do magistério e a relação com a autoridade possui uma interessante relação expressa (fl.28) por um professor e que diz *“pode-se apenas debater a forma de recuperação. A recuperação deve ser dada”*. Não se julgue que isto signifique conformismo, pois em outra parte (fl.45), aparece a expressão da relação entre profissão e a autoridade, quando *“o professor deve transformar e não conformar a sociedade.”*

O exercício formal da profissão do professor está sujeito a ser mal interpretado como aconteceu em 25/9/84, quando (fl.136b) *“no episódio da deposição do Diretor: - os professores orientem os alunos em sala de aula. No que é imediatamente contestado: - voltar a sala de aula pode ser interpretado como volta ao normal”*.

Como conclusão deste conjunto de expressões percebe-se a boa âncora para o equilíbrio entre o EU e o OUTRO que o docente possui no exercício profissional do magistério.

A CLASSE e a AUTORIDADE.

Questão A4 x D	O professor afirma a sua classe do magistério como expressão como maturação da sociedade rumo à autoridade	45 respostas
-----------------------	---	---------------------

Os estatutos do Grêmio dos Professores já registravam em 1959 no Art. 1, alínea “h” como um dos objetivos do Grêmio. *“Manter a classe sempre num nível adequado com as suas obrigações.”* Este caráter estrutural-associativo foi repetido (fl.14) em 1976 que *“o Grêmio deveria ser um órgão de real congraçamento entre os professores”*.

O autoritarismo dos anos da ditadura produziram marcas que aparecem (fl.17b) nítidas em 1977 quando se *“entrega de fichas com normas que regerão as atividades do Grêmio dos Professores.”*

Existem questões ambíguas que podem ser usadas tanto para a renovação, como para quem quer conquistar o poder e ainda para a situação de quem se quer garantir no poder é o da representatividade: Isto ocorreu (fl.135 a-b). quando

“a reunião não é representativa quando não é a maioria e que não da respeitabilidade. Ao que é contestado: - Não concordo. Nunca haverá maioria. A assembleia tem poder de decisão com qualquer número. Deve haver coerência e que a discussão deve parar no momento em que a assembleia decide”.

Tratava-se nesta assembleia de uma questão que se tornaria depois vital para a história da escola: participar ou não participar do desfile da Semana da Pátria, organizada pela SEC. Determina depois a derrubada do Diretor eleito da escola. Esta destituição feriu frontalmente a Assembleia dos Professores que produziram (fl.137b) um

“documento de repúdio a 1ª Delegada e Secretário de Educação pela destituição do Diretor eleito. As decisões do Diretor sempre foram representativas das nossas decisões e por isso nós estamos nos sentindo destituídos juntos”.

Mas o grande centro de articulação da classe e autoridade é o CPERS. Os professores do Godói estão presentes, em 25/10/78, neste centro antes da Abertura Política, quando (fl. 23a) exibem *“participação nas reuniões ordinárias e extraordinárias do*

CPERS” Diante da política do CPERS a posição dos professores do Godói não foi passiva. A política do CPERS é questionada ao mesmo tempo em que se indica o caminho da mobilização para se chegar a representatividade. Esta interação permite críticas ferozes como afirmar(fl.33 a-b) que “a política do CPERS é de gabinete e nunca atingiu resultados. Sendo assim temos apenas duas opções: - proposta de gabinete: mobilização”. Esta mobilização representou uma alternativas significativa para o momento: escolher entre o imobilismo burocrático, acadêmico e teórico ou a mobilização prática e política em movimento: as idéias sendo experimentadas na prática. A mobilização será feita em cima dos índices salariais que atingem a todos.

A partir disto são escolhidos projetos políticos que poderão garantir a soberania da classe. Entre eles enumerou-se (resumidas das folhas 33 a - b, de 14/11/1979) nos preparativos para a Assembléia dos CPERS:

- a) proposta salarial para 1980;
- b) pagamento conforme titulação;
- c) aumento superior ao índice oficial do custo de vida;
- d) reajuste trimestral;
- e) aposentadoria aos 25 anos;
- f) retorno dos 15% e 25%;
- g) revogação do art. 163, Lei n° 6.672;
- h) opção para professores de 22 horas;
- i) professores nas decisões técnico administrativos e pedagógicas;
- j) direção indicada por professores;
- k) maior verba para a Educação”.

A defesa da entidade representativa foi enfatizada ao afirmar (fl.83b) que “o CPERS significa tanto para o professor porque ele de fato o representa”. Ele é defendido (fl.83b) pois “se o movimento (greve) está enfraquecido com o CPERS, sem a entidade a situação piora.”

A falta desta categoria certamente abre o flanco para a ameaça da intervenção encontra as mais variadas explicações (resumidas das folhas.93 a - b).. Assim

“vinte e cinco explicações encontradas pelos professores para a pergunta:

- Na sua opinião porque houve intervenção econômica no CPERS?

- Para enfraquecimento da entidade.....10;
- Medida de repressão.....6;
- Castigo devido a opção partidária.....6;
- O governo está contra o CPERS.....1;
- Outras razões.....2”.

Para o dia a dia da escola, a maior autoridade é a direção da escola e sua estrutura administrativa, na qual o papel executivo cabe aos vice-diretores de cada um dos três turnos em que se compõe o Colégio Godói. Em relação a esta autoridade pergunta-se (fl.114b)

*“- qual o critério que adotaria para escolha dos Vice-Diretores?
Quatro candidatos responderam: - pela eleição direta
Um respondeu: - ouviria alguns colegas. Escolheria quem afinasse
comigo. Afinidade pedagógica, ideológica e de ação”.*

Um dos pontos altos da expressão da autonomia das decisões da prática democrática foram as negociações que se desenrolaram no episódio de destituição do Diretor da escola. As atas descrevem (p.140a)

“o movimento de paralisação vem crescendo. Já tivemos várias vitórias. Na primeira audiência, o secretário não quis aceitar. Na segunda, ele abriu portas ao diálogo. Não podemos recuar. Queremos o retorno do Diretor.”

Soluções que não contemplam a negociação são expressas e interpretadas (p.140a) como desqualificadoras e produzem o rebaixamento e a opressão. Assim *“não se deve considerar a proposta (outro Diretor) do Secretário como proposta. É cachorra. Não somos cachorros. Somos escola cheia de gente. É o Diretor eleito. Fora disso nem pensar! “. N/ao está em jogo a pessoa singular mas ele representa o aspecto mais importante é o espírito de união da classe: Esta posição é expressa (fl.140b) como “É importante a unidade em torno do Diretor eleito da escola. Qualquer outra alternativa tem o objetivo de dividir, venha de onde vier.”*

A autoridade, a consciência e a determinação da classe ficaram bem caracterizadas (diante do incidente da deposição do Diretor quando uma comissão de professores do Godói foi recebido pelo Secretário de Educação. Este episódio da deposição foi exemplar, pois mexeu e foi pretexto para as expressões da autonomia nas praticas democráticas, como o que ficou registrado nos anexos das Atas de 03/10/84, como

*“a Comissão dos Professores disse: - Não somos radicais, somos moderados Na despedida um dos advogados da assessoria falou:
- As senhoras são agressivas. Imagina como são os outros”.*

Como conclusão pode-se afirmar que a autoridade, a consciência e a determinação da classe ficaram bem caracterizadas ao longo dos episódios que acompanharam a repercussão da Abertura Política nas folhas do Livro de Atas do Grêmio dos Professores do Colégio Godói. Assim este Grêmio cumpriu o que lhe determinavam as atas de manter a classe sempre num nível adequado com as suas obrigações e o transformaram num instrumento de caráter estrutural-associativo quando ele se transformou, de fato, num órgão de real congraçamento social, econômico e profissional entre os professores.

Pode-se resumir que este Grêmio docente constitui-se numa ponte eficiente entre o indivíduo isolado (EU) do docente com um sistema (OUTRO).

6. – A TEORIA somada com a INVESTIGAÇÃO

A TEORIA relativa à DEMOCRACIA somada com as INVESTIGAÇÕES da PRÁTICA DEMOCRÁTICA no COLÉGIO ESTADUAL CÂNDIDO JOSÉ de GODÓI.

6.A - SÍNTESE das EXPRESSÕES dos PROFESSORES das CONDIÇÕES da PRÁTICA da DEMOCRACIA que constam no a LIVRO de ATAS do GRÊMIO (AG), das ENTREVISTAS ESCRITAS (E) e do QUESTIONÁRIO (Q)

Busca-se aqui sistematizar as expressões dos professores, catalogando-as dentro do modelo teórico proposto. Procurou-se interferir o menos possível nestas expressões. Por isto elas são transcritas objetivamente. Interferiu-se na sua catalogação classificatória e se trabalhou na sua leitura por meio dos diversos instrumentos, fechá-las e distribuí-las. Foi praticada a menor hermenêutica em relação a estas expressões. Praticou-se esta *epoché* por duas razões. Uma é devido ao seu significado evidente. A outra é preservá-las de um reducionismo de um simples objeto de estudo, respeitando pensamento integral de um ou uma colega professor(a). Neste reducionismo a dissertação poderia vir a ser um instrumento de reificação. As atribuições dos valores a estas expressões, são na direção de uma leitura global da capacidade de o professor expressar a prática democrática.

Procurou-se dirigir toda a leitura hermenêutica destas expressões para este vetor. Constituiu-se uma “rede”, colocando e mapeando os diversos pontos da prática democrática das quais as expressões da consciência do professor são índices. Tratou-se de observar e colocar uma ‘consciência pontual’ como querem os psicólogos, inserindo-se depois na ampla rede conceitual da prática democrática. Nesta ‘consciência pontual’ procurou-se numa instituição um continuum existencial da prática democrática.

Não se nega que esta metodologia de investigação provoque no leitor fadiga e caos. Em compensação o pesquisador espera que, ao adotar tal metodologia de entrega de sua pesquisa, possa preservar leituras mais esclarecedoras, coerentes e vitais destes pontos conceituais que envolvem a prática democrática, mesmo que esta pesquisa refira-se apenas a uma unidade escolar e num período restrito de seis anos. As vozes que procedem dos diversos integrantes, deste imenso coral em que se divide este pequeno

universo são muito promissoras. O concerto da democracia tem grandes chances de acontecer, ao menos visto pelo lado dos professores do Colégio Godói. Parece que haverá criatividade responsável com o todo e do todo se expressa em cada um.

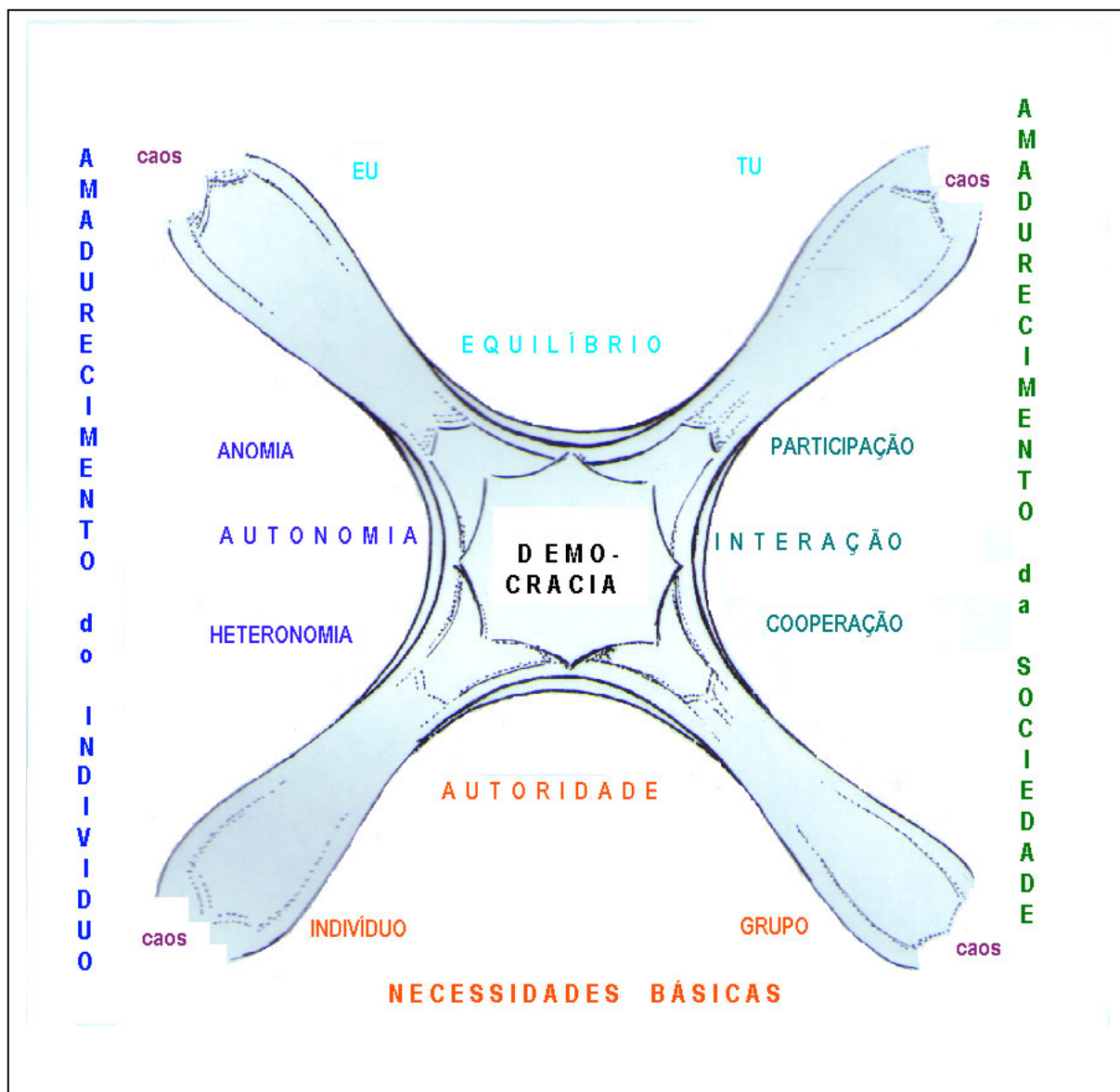


Gráfico 26 - Modelo teórico usado na análise das expressões dos professores registradas nas Atas do Grêmio dos Professores do Colégio Godói

6.A.1 - A Democracia como equilíbrio entre o EU e o OUTRO (A.1) nas condições da macro-política. (B.1)

Quando se tratou do tema “**a Informação como equilíbrio entre O EU e o OUTRO (A.1 x B.1)**” as vozes mais próximas do que se buscou na plano conceitual da presente investigação foram expressos como “*o ponto comum é a vitalidade das comunicações.*” (Atas*.fl.81). Este índice de comunicação ganha a materialidade da presença física quando diz que “*A melhor forma de pressão é a presença física*” (Atas fl.37). Mas não existe instrumento conceitual mais eficaz quando se pratica a “*exposição clara dos objetivos, das posições a serem adotados.*” (Entrevista** nº.3). As sombras, as dúvidas e as injustiças surgem quando “*não sei porque fui demitido. Tinha liberdade para colocar meus pontos de vista.*” (Atas fl.139,b).

No conjunto deste item percebe-se que o professor possui muita clareza de que é na rede de interação verbais, escritas e da sua presença física que residem os instrumentos para ele representara para a sua consciência o meio no qual vive e possibilitam projetá-los e devolvê-los ao coletivo realimentando o sistema de circulação do poder no interior institucional.

Quando se trata da “**atualização na educação em movimento buscando o equilíbrio dinâmico na educação entre o Eu e o Tu**” (A.1 x B.2) o professor do Colégio Godói é competente e se julga no seu terreno. Ele é categórico ao afirmar que “*o desenvolvimento da nação é causa e efeito da educação. A dificuldade de caracterizar o típico da cultura brasileira. O importante é conhecer a nossa realidade.*” (Atas.fl.116). Autoridades personalistas apropriam e entram todo a circulação o poder no campo educacional, por esta razão “*o representante da SEC (Diretor) fará o que será discutido a nível de escola. Se a SEC criar problema, ele colocará isto em discussão com o grupo. A situação será permanentemente dinâmica.*” (Atas fl.119b).

* (A) = Livro de Atas do Grêmio dos Professores do Colégio Godói

** (E) = Instrumento de Entrevista coletiva

Nestas duas sentenças aparecem imbricadas a inteligência e a vontade à serviço do direito a educação. Sem o conhecimento da realidade, sobre a qual irá agir a vontade do educador, a ação educativa será uma impossibilidade, ou então, perda de tempo e energia. Contudo não basta a inteligência e vontade, pois, se elas se apropriarem deste campo e realizarem os seus objetivos pessoais, a educação será perniciosa como foram aquelas formas de educação de todos os regimes totalitários. Neste momento será impossível a prática democrática.

O espaço físico da “**escola como lugar de equilíbrio entre o Eu e o Tu (A.1 x B.3)**” é um ponto concreto da prática democrática. Por isto “*nossa escola é nossa garantia*” (Atas fl 80b). A vontade garante o direito de que “*o Godói representa uma vanguarda*” (Atas.fl. 80b). Esta vanguarda sofre percalços quando “*não se implementa a escola que deve ser o espaço de trabalho para galgar melhor lugar na sociedade.*” (Atas fl. 142). Para galgar o melhor lugar na sociedade não há como fugir da verdade de que “*a escola deve aceitar o professor como é, em seu processo evolutivo.*” (Entrevista n°.8) Esta verdade não é uniforme unívoca pois deve-se aceitar “*a escola como lugar para encontro de pessoas de formações diferentes, comportamentos diferentes, valores e conceitos diferentes.*” (Entrevista n°.9)

No conjunto destas expressões é possível verificar, que no mudo conceitual do professor do Colégio Godói, existem aqueles que são competentes para expressar que escola constitui-se um lugar concreto e objetivo no qual é possível realizar a homeostase entre pessoas de formações diferentes, comportamentos diferentes, valores e conceitos diferentes.

O EU do **professor expressa a si mesmo na sua auto-imagem (A.1 x C.1)** evidencia-se quando ele afirma que “*é negativo sentir-se sozinho. No entanto deve existir o direito da liberdade individual*” (Atas fl.153b). A auto-imagem do docente, como “*ente no ser*” de Heidegger, não pode ceder lugar diante de toda a segurança institucional, pois “*o professor deve ser o que é, apenas.*” (Entrevista n°.8). A corrupção deste, “*ente no ser*” chega quando “*o professor não aceita as suas falhas e joga a culpa no sistema.*”

(Entrevista n.º.3). A verdade retorna ao espaço institucional quando surge “a capacidade de o professor assumir-se como responsável por suas falhas” (Entrevista n.º.3)

Percebe-se no conjunto destas expressões do professor do Colégio Cândido José de Godói que o seu docente assume a sua responsabilidade e não possui medo de realizara penosas análises nas quais não poupa a sua auto-imagem.

Esta responsabilidade individual faz com que **o professor expressa a sua profissão diante do outro (A.1 x C.2)** e “*quem se ocupa do magistério como profissão deve fazer desta ocupação uma realização.*” (Atas fl.30). Esta realização resulta de uma interação concreta quando “*existe o trabalho de uma escola e que se deve verificar o comportamento do professor em relação a este trabalho da escola.*” (Atas fl.119). Mesmo diante de mudanças e alterações políticas “*para 86,9% do universo dos professores a Abertura Política não inibiu o profissional.*” (Questionário ***). A maturidade diante das adversidades e dificuldades externas devem gerar “*uma das condições básicas do exercício profissional é a capacidade de saber aceitar os que pensam de modo diferente.*” (Entrevistas n.ºs.3, 6, 14, 15, 24)

A alta recorrência das expressões, de que o sucesso profissional do docente consiste em aceitar o diferente, evidenciam o índice de sua a flexibilidade do grau sua maturidade pessoal e social. O pessoal consiste na realização pessoal, enquanto a recompensa social resulta das realizações do trabalho profissional.

O exercício da profissão o **professor expressa a sua classe diante do outro (A.1 x D.1)**. Nesta classe, como um OUTRO, que se percebe a competência do EU docente em se articular no todo. Esta construção do todo é percebida como uma construção da inteligência e da vontade pelo docente quando percebem que uma “*reunião começa com diversos temas e que gradativamente são centralizados na organização da classe.*” (Atas fl.100b). Esta construção coletiva é um trabalho intencional onde “*o processo democrático é a divergência de opiniões. A equipe tem que representar o conjunto dos professores.*” (Atas fl.115a). O objetivo sempre é entrelaçamento de todos os que participam do mesmo trabalho, pois “*devemos nos preocupar com a unidade dentro da escola, a maneira como*

*** Questionário de duas perguntas abertas realizadas em conjunto com o instrumento na Escala Likert

os professores vão se comportar internamente. Importante a participação de todos." (Atas fl.152b). Quando existe clareza neste trabalho coletivo, a autonomia gerada na classe, não encontra dificuldade em assimilar mudanças externas como "*a Abertura Política para 82,8% professores não os desuniu*" (Questionário). Como em toda prática democrática o preço a pagar é a eterna vigilância, onde "*a participação desenvolve o espírito crítico e político não apenas nas questões salariais, mas em outras tantas que ocorrem.*" (Entrevista n° 46).

O espírito de classe adquirido no exercício da profissão em comum foi bem evidenciado pelo docente do Colégio Godói. Esta classe que gerou, assim, uma identidade por meio da qual pode passar incólume pelas mudanças e mesmo delas se apropriou para o seu exercício profissional e educacional.

Esta ampliação passa pelas organizações mais amplas como o CPERS.

RESUMO do itens relativos a A1

A Democracia como equilíbrio entre o EU e o OUTRO

O indivíduo (EU) do docente expressa-se perdido, quando se trata da **comunicação diante da macro-política** (A.1 x B.1). O EU pode falar, expor... mas o sistema (OUTRO) faz o que quer. Esta inflexibilidade da macro-política em relação ao EU é ilustrado pelo episódio da deposição do Diretor (1984). O Diretor e os docentes isolados (EU) podem falar, mas o sistema (OUTRO) os trata como quer. (Atas fl 139b).

Para reverter esta inflexibilidade do OUTRO, o melhor recurso, para equilibrar o EU e o OUTRO '*é presença física*' (Atas fl.37a). O recurso é articulação e corpuscularização dos indivíduos que neste gesto concreto conseguem expressar muito mais do mil palavras. A parede formada por indivíduos possui na greve uma das formas concretas na construção deste coletivo das vontades.

Considerando o conjunto o **resultado** (A.1 x B.1) são expressões favoráveis ao outro.

O **equilíbrio dinâmico da educação** (A.1 x B.2) não é favorável ao indivíduo. O ótimo deste equilíbrio está na unidade escolar. Como exemplo mais flagrante do

favorecimento do OUTRO em relação ao EU, encontra-se na expressão “*O diretor (EU) fará o que será discutido a nível da escola (OUTRO).*” (Atas fl.119b)

Resultado (A.1 x B.2) – Expressões favoráveis ao outro.

O professor reencontra no interior da unidade escolar onde ele trabalha. o **equilíbrio**(A.1 x B.3) entre o EU e o OUTRO, tão bem como a sua medida, voz e vez “*A escola (OUTRO) deve aceitar o professor (EU) com o é seu processo evolutivo.*” (Entrevista n° 8) Ou ainda “*a escola como lugar para encontro de pessoas (EU) de formação diferente, comportamentos diferentes, valores e conceitos diferentes.*” (Entrevista n°.9). A sintetiza de toda esta busca encontra-se na expressão “*a escola é a nossa garantia*” (Atas fl. 80b).

Resultado (A.1 x B.3) – Expressões favoráveis ao equilíbrio.

Diante **de si mesmo como indivíduo** (A.1 x c.1) o professor do Colégio Godói consegue formular um projeto de equilíbrio. Contudo percebe-se muita dificuldade para expressar e de manter este projeto quando afirma que “*é negativo o indivíduo (EU) sentir-se sozinho* (diante do OUTRO), *no entanto deve existir o direito de liberdade individual.*” (Atas fl. 153b). Diante desta vacilação não há como atribuir muita crença em si mesmo, neste item.

Resultado (A.1 x c.1) – Expressões favoráveis ao OUTRO.

Na **profissão o professor** como indivíduo expressa-se **mergulhado no coletivo** (A.1 x c.2). Este mergulho no coletivo evidencia-se na expressão que “*existe o trabalho de uma escola (OUTRO) e o que se deve verificar o comportamento do professor (EU) em relação a este trabalho da escola.*” (Atas fl.119a)

Resultado (A.1 x c.2) – Expressões favoráveis ao OUTRO.

O equilíbrio reaparece **diante da classe** (A.1 x D) quando um docente afirma “*devemos nos preocupar com a unidade dentro da escola (OUTRO) e a maneira como os professores (EU) vão se comportar internamente.*” (Atas fl.152b) Neste sentido existe um nítido apelo rumo a este equilíbrio dentro da classe: “*Importante a participação de todos.*” (Atas fl. 152b)

Resultado (A.1 x D) – Expressões de equilíbrio do EU e OUTRO na classe.

Conclusão geral em relação ao equilíbrio entre o EU e o OUTRO.

O professor com indivíduo (Eu) tem poucos pontos de equilíbrio dentro do sistema. Apenas na unidade escolar e dentro da classe construída por ele mesmo expressa uma aproximação do equilíbrio. Assim em seis homens, examinados apenas dois, chega a uma relativa forma de equilíbrio.

Na macro-política, devido ao fato de o professor não participar tão ativamente e ter a sua vontade vetorizada para o poder conceitual-intelectual, se justificaria o desequilíbrio. No entanto no ambiente educativo, na profissão e na autoimagem do professor, há necessidade de um trabalho urgente para refazer ao menos o equilíbrio. Em nenhum ponto foi notada a supremacia do indivíduo. A nossa cultura ocidental foi quase toda construída sobre os indivíduos paradigmáticos. Os heróis da pátria, ciência, artes...deveriam se submeter ao sistema por nós criado, se fossem professores em nosso tempo!

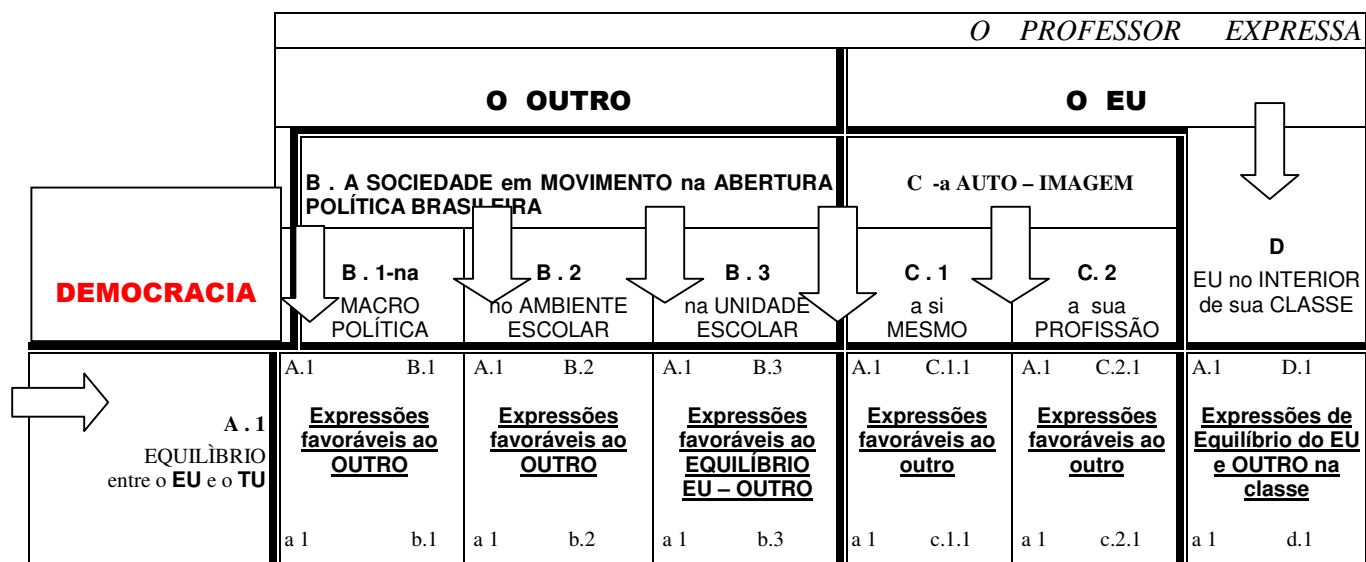


Gráfico 27 a

Quadro teórico sintético para a análise do questionário aplicado ao universo dos professores do Colégio Estadual Cândido José de Godói.

6.A.2 -A democracia como resultado da MATURAÇÃO da pessoa humana autonomia(A.2) proporcionada na macro-política pela sociedade em movimento, devido a Abertura Política (B.1)

No tema “**mudanças na macro-política como autonomia (A.2 x B.1)**” as expressões são pessimistas quando se trata do exercício do poder, pois “*o governo não abre mão dos cargos de confiança.*” (Atas fl. 104). A esperança reside que a sua voz seja escutada por “*a eleição é o fator mais importante do processo democrático.*” (Atas fl 116b). O descrédito das soluções vindas de cima pois “*os professores esperam cada vez menos as soluções que vem do Estado (63,6%). Enquanto 72,8% escondem cada vez menos as suas opiniões face ao Estado.*” (Questionário). Esta construção do Estado é alheia e se aliena da construção do conjunto no qual o indivíduo possui voz e vez. Somente esta descolagem do Estado e do sistema explica a frase de que “*é o conjunto todo que decide e não a parte pelo todo.*” (Entrevista n°48).

O entrave do exercício e da circulação do poder faz com que o docente aproveita a abertura política para construir um poder paralelo sem conexões políticas, ou elas são escamoteadas

Na medida em que o **professor expressa mudanças no ambiente educativo (A.2 x B.2)** ele expressa que “*deve haver discussão permanente com o aluno para atualizá-lo dos movimentos do magistério e do ensino em geral.*” (Atas fl. 146). Para o docente esta atualização significa especialmente organizações profissionais educativas nas quais ele possui voto e voto. Nesta direção “*comenta-se as eleições do CPB, o II Conclat e o Seminário do Modelo Brasileiro e a crise do CPERS.*” (Atas fl. 90b).

No conjunto das expressões que possuem como referencial as mudanças no ambiente educativo pelas mudanças provocadas pela Abertura Política, percebe-se pouca esperança nas iniciativas governamentais. No conjunto percebe-se que as mudanças virão por meio das organizações profissionais educativas

O mundo empírico e próximo na qual o **professor expressa mudanças na unidade escolar como escolha de um centro de autonomia (A.2 x B.3)** aparece nas expressões mais seguras e confiantes como *“nossa escola é nossa garantia”* (Atas fl. 80b). Esta unidade escolar constitui o lugar ideal *“para a maioria dos professores (70%) as reuniões na escola são as mais importantes para que haja maior conscientização.”* (Atas fl. 93 a). Devido a este lugar de segurança ela não só se constitui uma instituição profissional pois *“os professores recusam de uma forma quase unânime, 86% uma escola apenas voltada aos conteúdos programáticos”*. (Questionário)

Uma instituição escolar, na qual o professor possui vez e voz, fazem de uma unidades escolar para o lugar ideal. O próximo e o conhecido não assustam. O perigo é evidente quando o próximo e o conhecido oblitera a visão do sistema e pior quando é transformado em paradigma de confronto com o sistema geral.

A individuação (EU) e a potencialização que o **professor expressa a si mesmo num processo de autonomia somática – formação da consciência (A.2 x C.1)** possuem os seu limites diante do OUTRO em especial quando se trata profissão comum e a instituição. A própria construção coletiva do Grêmio dos Professores do Godói é índice deste limite e desprendimento pessoal. Nas Atas deste Grêmio encontram-se poucas expressões este indivíduo como algo separado. Assim escrevem *“não era o momento de se pensar em situação particular.”* (Atas fl. 80b). De outra parte , *“73,9% dos professores discordam de que a Abertura Política omitiu um grupo etário”* (Questionário). A questão torna-se radical quando *“nenhum egoísta é capaz de pensar ou agir para a consolidação da democracia.”* (Entrevista n° .38)

No conjunto das expressões dos docentes é possível perceber a as suas concepções da gênese de uma consciência individual (EU) que se estrutura na interação com o OUTRO

A consciência individual (EU) que se estrutura na interação com o OUTRO o que se expressa quando **professor expressa a consciência profissional como autonomia**

(A.2 x C.2), Esta visão dialética se evidencia quando “o professor se valoriza como profissional para ser valorizado.” (Atas fl. 30b). Para esta valorização “o magistério não pode ser encarado como um bico.” (Atas fl. 47). Esta posição possui os seus perigos e obstáculos como quando “uma professora julga que a reunião com o representante da Escola no CPERS é uma maneira de desviar o verdadeiro caminho do professor.” (Atas fl. 29b).

Se é possível perceber nas expressões do docente formas de se enclausurar na sua profissão e no lugar do exercício desta profissão, não deixa de ser uma sólida plataforma para uma interação mais ampla. Esta busca de interação passa pelas organizações mais amplas como o CPERS.

A ampliação das organizações **o professor expressa a consciência de classe como autonomia (A.2 x D.2)**. Esta organização expressa-se pelo voto e que “não haveria sentido em se fazer uma votação se o voto da maioria vencedora não fosse respeitado pelos colegas na Assembléia.” (Atas fl. 74). Deste respeito nasce a possibilidade de expansão inclusive “é essencial o apoio de outras entidades do interior e de outros estados: apoio moral e material.” (Atas fl. 49b)

Um dos pontos básicos das expressões é a classe docente para a qual converge a vontade do docente, contornando a organização coletiva do oferecida pelo governo e pelo Estado regional e nacional

Síntese do itens relativos a A2

O professor do Colégio Godói expressa AUTONOMIA do indivíduo como processo de maturação da pessoa humana e colocada aqui, como uma das condições da existência da democrática.

Considerando os degraus da falta da norma (ANOMIA), a norma é dada por outro (HETERONOMIA) e a norma dada pelo indivíduo (AUTONOMIA), pode-se chegara a conclusão que o professor expressa heteronomia diante da **macro-política (A.2 x B.1)**. Esta percepção se evidencia quando o docente afirma que “o governo (OUTRO) não abre mão (para o EU) dos cargos de confiança.” (Atas fl. 104b). O professor expressa a solução no exercício do voto para chegar a autonomia quando afirma “A eleição é o fator mais importante do processo democrático.” (Atas fl. 116b)

Resultado (A.2 x B.1) = predominam expressões de heteronomia

O professor no **ambiente educativo**(A.2 x B.2), em várias oportunidades expressa julgamentos de autonomia. Assim lemos nas Atas: “*Deve haver discussão permanente com o aluno (OUTRO) para atualizá-lo dos movimentos do magistério (EU) e do ensino em geral.*” (Atas fl. 146a)

Resultado (A.2 x B.2) – As expressões mais fortes apontam para a autonomia

Na **unidade escolar**(A.2 x B.3) o professor expressa autonomia e que chega ao ponto de invadir a área da autoridade, outro vetor da democracia. “*Nossa escola (OUTRO) é a nossa (EU) garantia.*” (Atas fl. 80b). “*Para a maioria (70%) dos professores as reuniões na escola são mais importantes para que haja maior conscientização.*” (Atas fl. 93a)

Resultado (A.2 x B.3) – Evidenciam-se expressões de autonomia

No sentido individual, o professor reserva **a si mesmo**(A.2 x c.1), se expõe pouco e se expressa submetido ao sistema. “*No momento (diante do OUTRO) não era ocasião de se pensar em situação particular (EU).*” (Atas fl. 80b)

Resultado (A.2 x c.1) – Enfrentamento das expressões de heteronomia

A **profissão** (A.2 x c.2) para o professor do Godói é algo fundamental e como princípio de legitimação diante do outro. A expressão que resume a questão “*o professor (EU) se valoriza como profissional para ser valorizado (OUTRO).*” (Atas fl. 30b)

Resultado(A.2 x c.2) = Predominam expressões de autonomia

A **classe do magistério**(A.2 x D) é um referencial básico de autonomia para o professor do Colégio Godói. “*Não haveria sentido em se fazer (delegar o poder individual = Eu) se o voto da maioria vencedora não fosse respeitado pelos colegas (OUTRO) na assembléia.*” (Atas fl. 84b)

Resultado (A.2 x D) – Constatam-se expressões de autonomia

SÍNTESE da relação da AUTONOMIA-HETERONOMIA-ANOMIA EXPRESSA pelo PROFESSOR do COLÉGIO ESTADUAL CÂNDIDO JOSÉ de GODÓI.

De uma forma geral, o professor do Colégio Godói, expressa nas Atas do Grêmio, uma grande autonomia. Num universo de pessoas adultas, tendo passado por todas as fases descritas por Piaget, rumo ao processo de autonomia, ou a autonomia que a sociedade nos concede, boas expressões de maturação individual.

Uma contradição aparente é a heteronomia a que o próprio professor se submete como indivíduo. Confirma-se assim a posição de Espinoza de que o indivíduo está subalterno a Cidade (SISTEMA).

Pouco imporá para a segurança da Cidade, qual o motivo interior que leva os homens a bem dirigir a coisa pública, desde que a bem dirigir a coisa pública, desde que a dirijam bem: a liberdade da alma, com efeito, é uma virtude interior e privada. A virtude necessária à Cidade é a segurança. (ESPINOZA apud CHAÚÍ, 1981, p. 97)

O professor reserva a sua autonomia para a sua classe, profissão e a aplica na unidade escolar e no ambiente educativo.

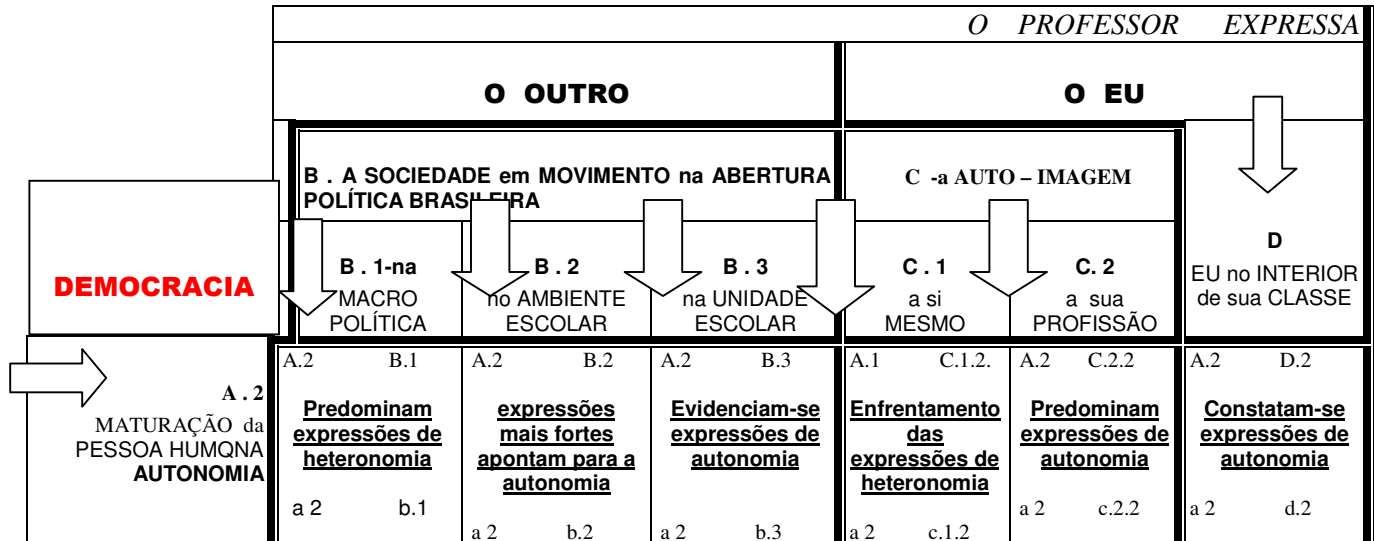


Gráfico 27 b

Quadro teórico sintético para a análise do questionário aplicado ao universo dos professores do Colégio Estadual Cândido José de Godói.

6.A.3 - A democracia na INTERAÇÃO entre a pessoa humana e a sociedade (A .3) autonomia proporcionada pela Abertura Política como possibilidade de interação (B.1)

A considerar a **Abertura Política como possibilidade de interação (A.3 x B.1)** o docente expressa que *“o poder central continua com o poder nas mãos. As nossas continuam amarradas.”* (Entrevista n° 36). Diante desta impossibilidade de circulação do poder *“questiona-se a extensão de autonomia e competência da Assembléia Geral dos Professores.”* (Atas fl. 106 a).

Percebe-se o constrangimento e a falta de perspectiva de circulação do poder que se origina na sua pessoa quando o docente está diante da macro-política.

A interação entre a pessoa individual e a sociedade é expressa pelo **professor quando expressa mudanças educativas na sociedade (A.3 x B.2)**. Esta expressão acontece quando *“durante a paralisação os professores recebem solidariedade do Conselho de Pais e Mestre (CPM). Pede-se a presença dos líderes das turmas.”* (Atas fl.80b). Contudo a participação não é suficiente, pois *“o nível emocional (da greve de 1980) foi grande, mas faltou motivação.”* (Atas fl. 92b). Destaca-se que a participação é emocional enquanto, na presente dissertação, aponta-se para a necessidade da interação na qual se discute as perdas e os lucros, antes, durante e depois de ação coletiva. Esta discussão ante, durante e depois da ação necessita abranger *“uma mobilização global do magistério em torno das reivindicações.”* (Atas fl. 41 b). Apesar de que qualquer mudanças significar perdas, o docente corre este risco.

Quando o **professor expressa na unidade escolar a legitimação e a justiça (A.3 x B.3)** esquecem, ignoram ou contornam os instrumentos que o Estado coloca à sua disposição. É o que depreende quando *“os professores preferem lutar com os próprios meios em vez de apelar para a Justiça.”* (Atas fl. 45a). O docente contudo instala o contrato e para discutir as perdas e os lucros, antes durante e depois da ação como se depreende quando *“antes da eleição foram lidas, discutidas e aprovadas as normas para a apuração.”* (Atas fl. 24a). Este contrato origina-se na unidade escolar para o meio

externo. É o que se percebe quando o *“comando regional da greve constituído pelos representantes da escola.”* (Atas fl. 27a)

Quando se trata de o **professor expressa a si mesmo e sua auto-imagem como interação (A.3 x C.1)** existem expressões firmes como o docente que afirma que *“sou sujeito queimado por atitudes definidas e firmes.”* (Atas fl. 118a). A própria *“presidenta do Grêmio pede que cada professor haja independente.”* (Atas fl. 34b). Mas diante desta posição *“os professores querem levar uma proposta em nome do Grêmio.”* (Atas fl. 35a)

No momento em que o **professor expressa a sua profissão como interação (A.3 x C.2)** existem manifestações como *“o professor recusa vivamente o ‘magistério como um bico’ como afirmou o Ministro da Educação”* (Atas fl. 67a). Existe argumento já havia sido desenvolvido quando o docente afirmou *“quem se ocupa do magistério como profissão deve fazer desta ocupação uma realização”.* (Atas fl. 30b)

O trabalho profissional no magistério, apesar dos poucos atrativos sociais, parece ser um das formas mais ricas para o docente praticar a interação social

No contexto do seu trabalho profissional no magistério o **professor expressa a sua classe como interação(A.3 x D)**. É neste contexto e desta plataforma que o docente pode dizer que *“a eleição no CPERS é positiva porque mobiliza e aproxima os professores.”* (Atas fl. 124a). Ou então praticar a critica aos que pretendem atingir e abalar esta plataforma, provocando o *“enfraquecimento devido a lutes internas de classe.”* (Atas fl. 37b).

Com base na profissão e na classe unidas permitem uma verdadeira e sólida interação, fazendo com que todos os contratos sociais sejam discutidos antes, durante e depois da ação.

Síntese do itens relativos A.3

O professor do Colégio Godói expressa os diversos graus de interação entre a pessoa humana e a sociedade rumo a democracia.

Se o professor for colocado diante da **macro-política (A.3 x B.1)**. ele permanece ao nível de cooperação, massificação e compreensão. Assim ele não pode interagir com o Sistema, mesmo ao nível de Assembléia Geral, como se depreende

quando “*Questiona-se a extensão de autonomia e competência (diante do OUTRO) da Assembléia Geral dos Professores (EU).* O docente possui bem configurado os limites e as competências da sua organização quando afirma que “*A presente Assembléia não é soberana para determinar critérios, nem lista tríplice e nem diretor*”. (Atas fl. 106)

Resultado (A.3 x B.1). predominam expressões de cooperação.

No **ambiente educativo (A.3 x B.2)**, o professor recebe a solidariedade do OUTRO. Isto acontece “Diante da paralisação os professores (EU) recebem a solidariedade do Círculo de Pais e Mestres. Pede-se a presença dos líderes das turmas (OUTRO)” (Atas fl. 80b).

Resultado (A.3 x B.2). Existem índices e expressões de interação

Na **unidade escolar (A.3 x B.3)**, os professores ultrapassam a legitimação, interação e se jogam rumo à autoridade. Esta estágio é visível quando “*os professores (EU) preferem lutar com próprios meios em vez de apelar para a Justiça (OUTRO)*”. (Atas fl. 25a)

Resultado (A.3 x B.3). = Encontram-se várias expressões de interação.

O professor expressa muito pouco a **si mesmo (A.3 x C.1)**. Se o faz, projeta uma autoimagem muitas vezes dramática, sente-se perdido, não valorizado e até hostilizado. “*Sou sujeito queimado por atitudes definidas e firmes*.” (Atas fl. 118^a)

Resultado (A.3 x C.1). = Há fortes expressões de massificação

A **profissão (A.3 x C.2)**, para o professor é expressa como participação rumo a uma interação mais positiva com a sociedade. Assim “*quem se ocupa do magistério como profissão deve fazer desta ocupação (diante do OUTRO) uma realização (do EU)*.” (Atas fl. 30b).

Resultado (A.3 x C.2). = Expressões de participação rumo a interação.

No universo de sua **classe profissional (A.3 x D)**, o professor expressa a vontade de interagir. Esta vontade de interagir positiva encontrou ocasião na “*eleição no CPERS é positiva porque mobiliza e aproxima os sente-se professores*”. (Atas fl. 124b).

Resultado (A.3 x D). = O professor expressa pela classe vontade de interação

**SÍNTESE em relação aos GRAUS de INTERAÇÃO EXPRESSAS pelos
PROFESSORES do COLÉGIO GODÓI**

Em três dos seis espaços, o professor expressa interação. A interação, vista aqui como elemento indispensável para a existência da democracia, estabelece a relação de legitimação e justiça diante do OUTRO. Ao nível de interação são contabilizados todos os custos e desgastes antes, durante e depois da ação. Este estágio é expresso pelo professor no ambiente educativo, na unidade escolar e na própria classe.

A profissão do professor deverá ser melhor definida. Ela oscila entre a participação emotiva e o processo consciente de interação. Diante a macro-política o professor não tem instrumentos e cai para a cooperação. Neste nível os resultados não pertencem ao professor, mas são contabilizados para o sistema.

A situação mais trágica fica para o professor como indivíduo diante de si mesmo. Ele se expressa massificado. Como pessoa e indivíduo não dá significado ao sistema e não é usado como proporção. Ele deve se adaptar em tudo aos padrões culturais existentes numa perfeita reificação.

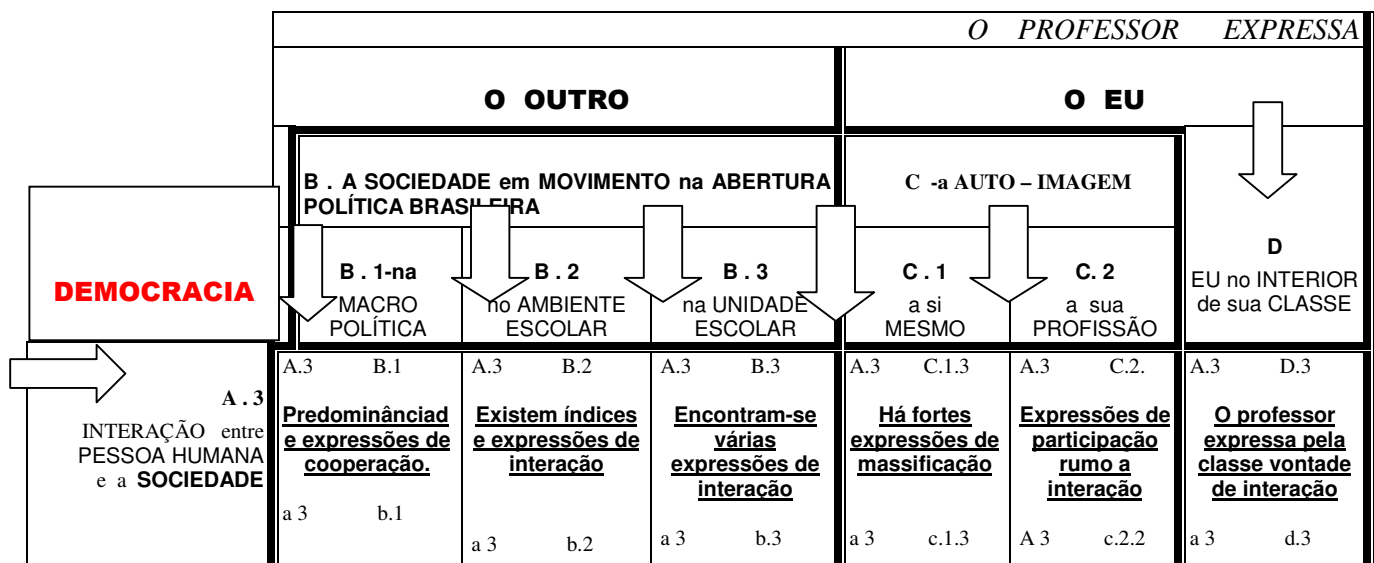


Gráfico 27 c

Quadro teórico sintético para a análise do questionário aplicado ao universo dos professores do Colégio Estadual Cândido José de Godói.

6.A.4 - A democracia como resultado da MATURAÇÃO da sociedade em direção da AUTORIDADE (A .4) autonomia proporcionada pela Abertura Política como possibilidade de interação (B.1)

A busca que o **professor expressa mudanças na macro-política como atualização da autoridade (A .4 x B.1)** necessita transformar o seu poder em circulação desta força para o bem coletivo. Em vista desta circulação do poder em autoridade “*o professor deve transformar e não conformar a sociedade.*” (Atas fl. 45b). Nesta circulação o professor experimenta os seus limites quando propõe “*mesmo sem aparo legal realiza-se a tentativa de eleger o diretor da escola.*” (Atas fl. 103b).

Com estas expressões do professor fica evidente a capacidade de se representar claramente os limites e a competência do meio no qual atua.

A competência do **professor expressa mudanças no ambiente educativo como maturação da sociedade em direção da autoridade (A.4 x B.2)** O docente não esquece que “*somente com uma sociedade política mais justa se conseguirá resolver o sistema de educação.*” (Atas fl. 55a). Para o docente não escapa “*O autoritarismo da SEC, impõe coisas contra o bom desempenho da escola dando ordens contraditórias.*” (Entrevistas n.ºs.11 e 24).

O professor ao perceber o autoritarismo e a concentração institucional do poder permite interagir com espaços que ficam isentos deste poder. Entre estes está a sua inteligência e vontade que são capazes de se opor a estes desmandos na educação.

No centro da sua atuação o **professor expressa mudanças na unidade escolar durante o período da Abertura Política através de negociações aprendidas na escola (A .4 x B.3)**. A partir deste espaço que está mais próximo dos seus limites e que consegue impor “*apesar da ordem de serviço de que os professores grevistas deveriam abandonar a escola, eles permanecem para não caracterizar abandono.*” (Atas fl. 80a). Deste este seu espaço ele consegue perceber o que “*o problema maior (para a deposição do diretor) foi a direção eleita.*” (Atas fl. 136b). Deste este seu espaço de

competência ele pode “*solicitar esclarecimento sobre a força do estatuto e sanções aos não cumpridores da lei (regimento).*” (Atas fl. 13b).

Sob todos os ângulo o professor está salvo na unidade escolar na qual ele conseguiu transformar o poder em autoridade por meio da eleição para a direção de alguém de sua classe.

Na ênfase que o **professor expressa a si mesmo como pessoa diante da autoridade (A .4 x C.1)** ele concede a si mesmo a possibilidade de delegar de forma consciente o seu poder, como quando ele afirma que “*nós damos força para a entidade (CPERS), mas também somos fracos. Acreditamos na abertura e não na repressão.*” (Atas fl. 83b).

É no confronto com o poder que o EU do docente encontra de fato o OUTRO e doa qual necessita se distinguir.

Quando o **professor diante do OUTRO (A .4 x C.2)** encontra a sua ênfase maior na instituição escolar e nas organizações Este poder consegue estar embutido na própria classe ou unidade escolar: retirou o seu nome (como delegado do CPERS) e “*propôs aos demais que fizessem o mesmo num sinal de protesto contra as manobras que vem ocorrendo na escola e no CPERS.*” (Atas fl. 129b) “*O CPERS significa tanto para o professor porque ele de fato o representa.*” (Atas fl. 83b).

Este vínculo institucional e organizativo permite que o professor possa exercer a sua atividade para além da sua sala de aula e sentir-se como um ser político.

A continuidade e a expansão plena **o professor expressa a sua classe frente à autoridade (A .4 x D.)**. É por meio de sua classe que ele pode elaborar e enviar um “*documento de repúdio a 1ª Delegada pela destituição do diretor. As decisões do diretor sempre foram representativas das nossas decisões e por isto nós estamos nos sentidos destituídos juntos.*” (A .p. 83b). Também é na classe, que apesar de todas as fragilidades e contradições, encontra a sua possibilidade de fazer circular o seu próprio poder, pois “*se o movimento (greve) está enfraquecido com o CPERS, sem a entidade a situação piora.*” (Atas fl. 83b). Nesta classe ele também pode se defender a sua dignidade e sentia porque “*não somos cachorros. Somos escola cheia de gente.*” (Atas fl. 140a). A partir desta

articulação das classes inicia a “*formação de entidades, partidos que realmente defendam os interesses das pessoas.*” (Entrevista n.º. 6)

Síntese do itens relativos a A.4

O professor do Colégio Cândido José de Godói expressa a maturação da sociedade rumo a autoridade como condição da democracia.

Pelas expressões do professor está longe de ver reconhecida a sua autoridade e a autoridade do seu saber ao nível de **macro-política** (A4 x B.1). Por esta desqualificação o professor expressa a necessidade de subverter a ordem estabelecida onde “*o professor (EU) deve transformar e não conformar a sociedade (OUTRO)*” (Atas fl.45 a). Esta tentativa da reconquista das instituições, especialmente aquela que lhe dá legitimidade: “*mesmo sem amparo legal (do OUTRO), realiza-se a tentativa de eleger o diretor da escola.*” (Ap. 103 b)

Resultado (A4 x B.1). = Expressões de Conquista das Instituições.

O poder está presente no **ambiente educativo** (A4 x B.2). de uma forma direta, não só pela sociedade, mas se concretiza nos aparelhos do Estado. A conquista deste aparelho do Estado possui um objetivo educativo pois “*somente com uma sociedade mais justa se conseguirá resolver o sistema de educação.*” (Atas fl. 55 a). Esta conquista necessita ter um contrato bem lúcido e embasado na verdade. Contra a lucidez e a verdade “*a proposta do Secretário de Educação não é clara, não questiona a eleição, mostra desinteresse pela educação tenta dividir o movimento, ele não é democrático.*” (Atas fl. 140b)

Resultado (A4 x B.2). = Expressa a busca do poder no ambiente escolar.

O professor se expõe a si mesmo contra o poder instalado no sistema Sabe de sua fragilidade. Mas conta **com a sua unidade escolar** (A4 x B.3) na qual pode contar com a sua própria autoridade e legitimidade. “*Nós damos forma (EU) para o CPERS. Mas também somos fracos. Acreditamos na abertura e não na repressão (do OUTRO)*” (Atas fl. 83 b)

Resultado (A4 x B.3). = Expressa o seu do poder na unidade escolar.

Na expressão do **professor como pessoa diante da autoridade** (A .4 x c.1) ele sente-se fraco e por isto delega o seu poder à sua classe “*nós damos força para a*

entidade (CPERS), mas também somos fracos..” (Atas fl. 83b). O EU do docente confronto o OUTRO, mediado pela sua classe

Resultado (A4 x c.1). = Expressa fraqueza por isto vale-se da classe.

Quando o **professor diante da AUTORIDADE do OUTRO** (A .4 x c.2) encontra a sua ênfase maior na instituição escolar e nas organizações de classe. O vínculo institucional e organizativo leva o professor a exercer como um ser político. “*Colocado nos objetivos da Assembléia, a não recuperação das aulas (da greve) da não recuperação não entra em cogitação.*” (A .p. 28b)

Resultado (A4 x c.2). = Expressa o seu poder na escola e na classe

O movimento em direção da **autoridade** (A4 x D), para o professor do Godói, desenvolve-se por meio da sua **classe**. Esta classe é representada pelo “*CPERS significa tanto para o professor (EU) porque ele de fato o representa* (diante do OUTRO).” (A . p. 83b)

Resultado (A4 x D). = Expressões de autoridade na classe do magistério.

SÍNTESE em relação à MATURIDADE da SOCIEDADE expressa pelo PROFESSOR como CONDIÇÃO para a DEMOCRACIA

Quase todos os espaços estão ainda (1985) sob o poder do outro. O único espaço onde o professor conseguiu levar a autoridade, é dentro de sua classe, aqui representada pelo CPERS e na escola pelo Grêmio dos Professores. É neste espaço que reside à busca do poder da Educação, do saber democrático e da profissão do magistério.

Acreditamos que esta maturidade será efetiva, quando, a partir da classe do magistério, se afirmar à soberania do saber como algo distinto do poder político. Esta distinção é baseada na legitimidade de que o professor é portador e responsável pela cultura nacional e valores morais do Estado, Nação e Povo. Em particular do valor e saber democrático.

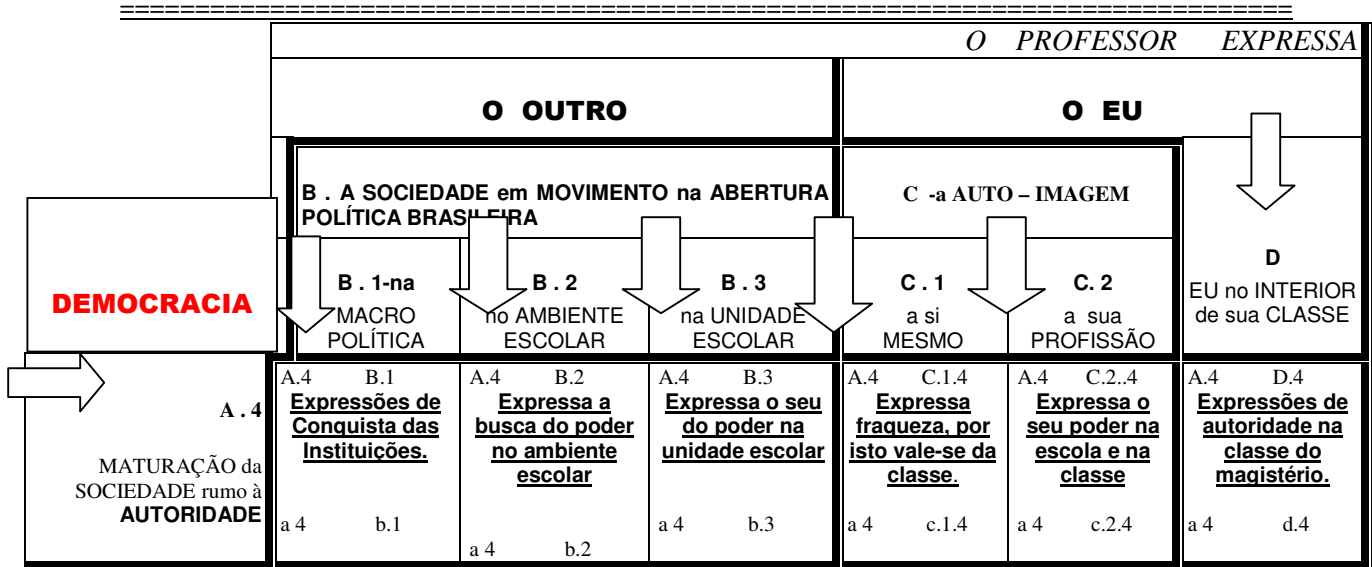


Gráfico 27 d

Quadro teórico sintético para a análise do questionário aplicado ao universo dos professores do Colégio Estadual Cândido José de Godói.

		O PROFESSOR EXPRESSA					
		O OUTRO			O EU		D EU no INTERIOR de sua CLASSE
		B . A SOCIEDADE em MOVIMENTO na ABERTURA POLÍTICA BRASILEIRA			C -a AUTO - IMAGEM		
DEMOCRACIA		B . 1-na MACRO POLÍTICA	B . 2 no AMBIENTE ESCOLAR	B . 3 na UNIDADE ESCOLAR	C . 1 a si MESMO	C . 2 a sua PROFISSÃO	
	A . 1 EQUILÍBRIO entre o EU e o TU	A.1 B.1 <u>Expressões favoráveis ao OUTRO</u> a 1 b.1	A.1 B.2 <u>Expressões favoráveis ao OUTRO</u> a 1 b.2	A.1 B.3 <u>Expressões favoráveis ao EQUILÍBRIO EU - OUTRO</u> a 1 b.3	A.1 C.1.1 <u>Expressões favoráveis ao outro</u> a 1 c.1.1	A.1 C.2.1 <u>Expressões favoráveis ao outro</u> a 1 c.2.1	A.1 D.1 <u>Expressões de Equilíbrio do EU e OUTRO na classe</u> a 1 d.1
	A . 2 MATURAÇÃO da PESSOA HUMANA AUTONOMIA	A.2 B.1 <u>predominam expressões de heteronomia</u> a 2 b.1	A.2 B.2 <u>Expressões mais fortes apontam para a autonomia</u> a 2 b.2	A.2 B.3 <u>Evidenciam-se expressões de autonomia</u> a 2 b.3	A.1 C.1.2 <u>Enfrentamento das expressões de heteronomia</u> a 2 c.1.2	A.2 C.2.2 <u>Predominam expressões de autonomia</u> a 2 c.2.2	A.2 D.2 <u>Constatam-se expressões de autonomia</u> a 2 d.2
	A . 3 INTERAÇÃO entre PESSOA HUMANA e a SOCIEDADE	A.3 B.1 <u>Predominam expressões de cooperação.</u> a 3 b.1	A.3 B.2 <u>Existem índices e expressões de interação</u> a 3 b.2	A.3 B.3 <u>Encontram-se várias expressões de interação</u> a 3 b.3	A.3 C.1.3 <u>Há fortes expressões de massificação</u> a 3 c.1.3	A.3 C.2.3 <u>Expressões de participação rumo a interação</u> a 3 c.2.2	A.3 D.3 <u>O professor expressa pela classe vontade de interação</u> a 3 d.3
	A . 4 MATURAÇÃO da SOCIEDADE rumo à AUTORIDADE	A.4 B.1 <u>Expressões de Conquista das Instituições.</u> a 4 b.1	A.4 B.2 <u>Expressa a busca do poder no ambiente escolar</u> a 4 b.2	A.4 B.3 <u>Expressa o seu do poder na unidade escolar</u> a 4 b.3	A.4 C.1.4 <u>Expressa fraqueza, por isto vale-se da classe</u> a 4 c.1.4	A.4 C.2.4 <u>Expressa o seu poder na escola e na classe</u> a 4 c.2.4	A.4 D.4 <u>Expressões de autoridade na classe do magistério.</u> a 4 d.4

Gráfico 27 -GERAL : Quadro teórico sintético para a análise do questionário aplicado ao universo dos professores do Colégio Estadual Cândido José de Godói.

6.B - AS QUATRO CONDIÇÕES da PRÁTICA DEMOCRÁTICA ESTUDADAS nesta DISSERTAÇÃO e EXPRESSAS pelos PROFESSORES do COLÉGIO ESTADUAL CÂNDIDO JOSÉ de GODÓI

CONCLUSÕES GERAIS

6.B.1 - O EQUILÍBRIO

Partindo da consciência pontual para uma consciência mais contínua, constatamos que o equilíbrio entre o EU e o OUTRO é constantemente dinâmico. Não há um ponto de repouso. É o que afirma um professor ao se referir à relação do professor com o representante da SEC, será permanentemente dinâmica. (Atas fl. 119b). O EU deve ser entendido ou soa muitas vezes no plural como um Nós. O professor como indivíduo não resiste, é negativo sentir-se sozinho (Atas fl. 153b). O limite deste EU transformado em Nós, quase numa heteronomia, é a escola. Assim a escola passa a ser a nossa garantia. (Atas fl. 80b). Representa a volta e a rearticulação do útero individual e coletivo como uma garantia psicológica.

O Tu também é expresso, muitas vezes, no plural: são os outros. Materializa-se no sistema representado pela SEC, no Governo como inimigo externo do útero da escola.

Existe o caminho entre o EU e o OUTRO representado pela busca do diferente. Assim um professor percebe este caminho quando diz que “*o processo democrático é a divergência de opiniões*” (Atas fl. 100b). Um outro escreve num dos instrumentos de entrevista que “*uma das condições básicas do exercício profissional é a capacidade de saber aceitar os que pensam de modo diferente*” (Entrevista n.º.3). O instrumento institucional básico para a expressão destas diferenças é a organização da classe. Começa no grêmio dos professores e passa para o CPERS.

Contudo esta necessidade de expressão das diferenças não é um acomodar-se. Ela tem metas bem claras e objetivas. Assim um professor expressa uma delas como “*quem se ocupa do magistério como profissão deve fazer desta ocupação uma realização*”. (Atas fl. 30).

6.B.2 - A AUTONOMIA do INDIVÍDUO

Verificou-se na presente pesquisa que o indivíduo separado, egoísta e fechado (anomonia) é quase uma impossibilidade para o professor do Colégio Godói ou então se

precipita num choque frontal com a coletividade. Assim um professor expressa isto por escrito ao declarar que “*nenhum egoísta é capaz de pensar ou agir para a consolidação da democracia*” (Entrevista n.º.38). O professor caminha na direção apontada por Mary Follet ao dizer que “*em mim se expressa o todo*”. Ela escreveu (apud CARVALHO, 1979, p.24) a “*minha natureza é a do todo: eu sou livre somente quando escolho a opção que o todo solicita.*”

A maturação individual se faz pela compressão social e assim “*o professor aceita como natural que é o conjunto que decide e não a parte pelo todo*” (Entrevista n 48). Esta compressão deve ser entendida como a semente da própria vida institucional voltada voluntária e objetivamente para a democracia. Os organismos e as decisões coletivas tem peso, medida e sanção social. Um professor torna isto claro quando diz que “*não haveria sentido em fazer uma votação se o voto da maioria vencedora não fosse respeitado pelos colegas da assembléia*” (Atas fl. 74). Os melhores veículos para libertar o indivíduo professor da sua anomia e egoísmo são as reuniões na escola. Para a maioria dos professores “*as reuniões na escola são as mais importantes para que haja mais conscientização*”. (Atas fl. 93a).

Se entendermos autonomia, liberdade de o indivíduo se expressar no todo, o professor do Godói é capaz de expressar este caminho da autonomia. Esperamos que esta expressão leve a assumir a sua prática.

6.B.3 - A INTERAÇÃO do PROFESSOR.

Todos os níveis da busca da interação foram expressos pelo professor do Colégio Godói nas suas circunstâncias. A cooperação é expressa pelo professor quando ele se defronta com o poder central com o sistema. O seu esforço e trabalho alimentam este poder central que fica com todo o lucro como diz um professor, “*o poder continua com o poder nas mãos. As nossas continuam amarradas*” (Entrevista n.º 36). A solução é dada como a luta contra este sistema: os professores preferem lutar com os próprios meios em vez de apelar para a justiça. (Atas fl. 92b).

A participação ficou evidenciada na frase de um professor quando diz, “*o nível emocional (da greve de 1980) foi grande, mas faltou motivação*”. (Atas fl. 92b). Esta posição emocional das grandes massas foi uma característica de toda a Abertura Política. Ganha mais um sentido a idéia de Cecília Meireles de que todos oscilamos no Brasil entre

o Carnaval e a Paixão⁵⁹. O emocional barroco brasileiro é um paradigma constante para o nosso povo. O Carnaval das ‘*Diretas Já*’ terminou no enterro de Tancredo Neves como uma imensa procissão do ‘*Senhor Morto*’ da Paixão. A democracia é impraticável sobre esta base emocional. Um grupo de professores questiona “*a extensão e competências da assembléia geral dos professores*”. (Atas fl. 106 a). Este professor, independente diante e dentro de estruturas instáveis, não tem significado, mesmo pedindo que cada professor agisse independentemente,.

A interação foi vislumbrada quando se pede que antes da eleição a discussão das normas para a apuração. É o debate do antes, durante e depois de qualquer ação coletiva. O grande instrumento de interação é o espaço para este crescimento é a classe, é a instituição. A eleição no CPERS é positiva porque mobiliza e aproxima os professores.

Estes patamares que apontam para o ótimo da interação não são isolados entre si. Esta interação passa pelo caminho do exercício profissional que não pode ser reduzido a um bico e deve ter interação também social através deste exercício profissional. Este exercício do magistério envolve todo o ser do professor e “*quem se ocupa do magistério como profissão deve fazer desta ocupação uma realização*”. (Atas fl. 30b).

6.B.4 – O CAMINHO rumo à AUTORIDADE.

A escola é o instrumento de poder que deve ser transformado em autoridade. A luta de classe na escola, a reprodução das classes sociais privilegiadas é mais que evidente. Conseguir transformar este antagonismo, administrar o diferente é o grande desafio da instituição escolar. Abandonar a escola ao saber de uma ou outra classe social, econômica, religiosa ou política não parece ser a melhor forma de democratizar a educação. A escola irá reproduzir os seus objetivos. Só uma escola democrática institucional programática pode dar a educação verdadeira onde o indivíduo encontra o verdadeiro desafio de se educar para o todo, para o equilíbrio de todas as forças intervenientes e vetorização dos antagonismos rumo a ajuda real a todos os componentes.

⁵⁹ -- “*O que somos como povo, está, em síntese, no Carnaval e na Semana Santa. Oscilamos entre esses dois polos, com toda prodigiosa e perturbadora riqueza que concentra*” MEIRELES, Cecília – *Artes populares*. Rio de Janeiro : Tecnoprint Brasileira de Ouro 1968 p.p. 22

O professor expressa claramente que a escola não pode ser estática no tempo e no espaço como ficou claro na expressão de um professor que “*a escola e o professor deve transformar e não conformar a sociedade*”. (Atas fl.45 a). É o que Jacques Maritain desejava em qualquer autêntico sistema educativo que deve apontar sempre para a transferência.

A ruptura permanente e dialética do ser humano com o seu estágio anterior é outra constante num sistema educativo que aponta para a transcendência e transformação do poder em autoridade. Assim aconteceu quando um professor, “*mesmo sem amparo legal inovou na tentativa de eleger o diretor da escola*” (Atas fl. 103b). O caos é um risco permanente neste caso quando não existe paralelamente ao amadurecimento da sociedade e do indivíduo para expressar em si mesmo o todo. A idéia de “*uma sociedade mais justa para resolver o sistema de educação*” (Atas fl.55 a) deve corresponder a idéia de “*um professor capaz de transformar e não conformar a sociedade*” (Atas fl. 45 a).

7 - CONCLUSÕES em RELAÇÃO à PESQUISA

7.A - CRÍTICA ao MODELO usado durante a PESQUISA

Enfrentamos a ciência como algo criado pela criatura humana dentro de uma determinada consciência. Portanto ela está em permanente revisão, mas cumulativa no tempo. A nova consciência nasce da ruína da anterior. Assim é necessária uma crítica às ferramentas que serviram para criar esta ciência e consciência.

O modelo, usado aqui, é eclético resultante de uma certa referência cultural e com uma vontade classificatória. Cultural no sentido de medir componentes culturais como a fala, o discurso do professor. A prática medida aqui é a do discurso apoiando a premissa de que *'a fala é a consciência prática'*. Este discurso e fala denunciado por Nietzsche como negação do instinto primitivo. Contudo é no instituto gregário da espécie humana que a fala nasceu e se desenvolveu como forma de administrar os seus conflitos e diferenças. Como regula o seu comportamento.

O modelo é classificatório e digitalizado. Nenhum dos seus pontos é decisivo por si mesmo. Constitui um mosaico formado por pontos digitalizados, cuja coerência e conjunto são percebidos dentro de uma estrutura maior. O acúmulo de dados e informações necessários para nos produzir uma imagem coerente de democracia, nos diz do trabalho, energia e idéias voltadas para este ideal. Nos diz do número de ações coletivas necessárias para desencadear o processo da prática democrática como um todo contínuo no tempo. Nos diz da memória necessária para criar e gerir a consciência sem obscurecimentos e capaz de incorporar e se reestruturar diante de qualquer fato novo.

O novo modelo só é útil quando há um continuum para ser medido e analisado. Isto ficou claro para nós quando confiamos a apenas a um único questionário localizado no tempo e no espaço. O continuum das Atas do Grêmio nos mostrou um universo mais amplo e mais coerente para uma análise de conteúdos e sua múltipla classificação como expressão da prática democrática.

Não atingimos a coerência e fechamento que normalmente a ciência da natureza física exige para chegar a reversibilidade e a coerência que desejávamos. Mas ampliamos, rompemos estruturas conceituais nossas e as incorporamos em nossa prática

educativa. Procedemos normalmente no universo estético, onde as ações e buscas são divergentes pela natureza e não convergentes como nas Ciências Exatas.

Apesar da amplidão, divergência e artificialidade, este modelo foi uma ferramenta para escapar da insegurança, caos, ao solipsismo e provocou rupturas epistemológicas pela sua exigência intrínseca. Causou um certo conforto diante do sentimento de imponderabilidade e de caos.

A descartabilidade deste modelo nos convida, de outro lado, a um trabalho contínuo e aberto para as novas circunstâncias com diferenças e de constantes mudanças e recreações necessárias para a vida democrática.

Acreditamos que o saber é um caminho e não um lugar para chegar. Assim propomos a partir daqui outro modelo.

7.B - Um juízo geral em relação à Abertura Política Brasileira (1979-1985) como espaço para a PRÁTICA DDEMOCRÁTICA na ESCOLA

A violência e o controle do *'Estado Gerente'* constitui uma experiência na qual a maioria dos povos em desenvolvimento estão mergulhados. O gradativo avassalamento do espaço individual e institucional, torna-se cada vez mais evidentes nos países de menor autonomia, recursos e resultados da educação escolar. Se os instrumentos de controle e violência forem instalados em países jovens e de frágeis equipamentos institucionais, como o Brasil, realmente os professores ficam sem significado. Assim escreve um professor, *"o poder central continua com o poder nas mãos e as nossas continuam amarradas"* (Entrevista n° 36) ou de que *"o governo não abre mão dos cargos de confiança"* (Atas fl .104).

Contudo, a medida que o poder se concentra, se cristalizam os instrumentos de controle do poder e se precipita a atenção das massas para um poder fetiche, nascem na periferia novas formas de poder e outros interesses. O Colégio Godói situado numa periferia de uma cidade periférica do sistema, foi um destes pontos que escaparam a este controle ponde inovar fora do sistema mas não sendo estas inovações aceitas pelo sistema, bem ao contrário, recebendo uma reação feroz a esta inovação.

A Abertura Política Brasileira, sendo a administração de uma crise institucional, permitiu em grande parte a sua revelia, o esforço individual e de classes em direção de

sua auto-identificação. Visto pelo lado numérico, esta auto-expressão ficou evidente durante este período, tanto no CPERS como no Godói. O número de páginas das Atas, seu conteúdo, os movimentos, eleições...cresceram de uma forma notável. Neste ponto é possível se associar com Mary Follet a quando escreveu (apud CARVALHO, 1979, p.26) que

“a vida continua e nós evoluímos, essa é a verdade. Os fatos se sucedem e aquele que mantém rigidamente suas posições transforma-se em cadáver. O homem é a cada instante a própria vida, mas ele deve viver para a vida e não para as coisas que a vida produz.”

Pode-se resumir, todo o movimento em direção da maturidade que se observa neste momento no país rumo a democracia, numa frase de Egídio Schmitz (1986) “*chegamos até a adolescência*”. Chegaremos até ao compromisso, até a maturidade, até a efetividade? Em grande parte vai depender da segurança das instituições em garantir a expressão das diferenças, pela flor que vimos brotar no Colégio Godói durante este período temos muitas esperanças, apesar dos espinhos e do sangue e suor regando esta terra.

8 - ANEXOS

8.1 - INSTRUMENTO de PESQUISA

Estimado (a) professor(a)

Está aqui uma pesquisa sobre a sua profissão. É uma dissertação de mestrado dentro da Educação.

Vivemos num mundo de “achismos” na Educação. Este instrumento deseja tornar um pouco mais objetivo o nosso trabalho. Esta objetividade reclama um pesquisa longa e trabalhosa. A pesquisa relativa à Democracia na escola necessita de inúmeros dados para ganhar alguma objetividade. Assim pediríamos a sua compreensão e efetiva ajuda, respondendo este longo e trabalhosos questionário. Quanto mais dados, mais segura e ampla poderá ser a análise.

Privilegiamos a pessoa do professor. Acreditamos sinceramente naquilo que a nossa colega Ana Maria Bohrer afirma, isto é “*que dentro das três variáveis da escola – aluno, professor e conteúdo – o único que é capaz de se modificar conscientemente é o professor*”.

Oportunamente queremos tornar públicos os resultados deste pesquisa.

Desde já agradecemos o apoio ao nosso trabalho

CIRIO SIMON

1.1 Dados gerais

No Colégio Godói existe espaço para o meu crescimento profissional:

sim não

As dificuldades que encontro na escola tornam-me mais consciente profissionalmente

sim não

Nem sempre a minha experiência e conhecimentos correspondem às necessidades da escola:

sim não

Julgo-me capaz de ajudara a escola através da minha experiência e conhecimentos:

sim não

Muita coisa que se propões ao professor como seu dever, deve ser analisado antes, também individualmente, pelo professor

sim não

 O PROFESSOR PARA NÓS

Pratico, semanalmente.....horas de esporte.

Semanalmente, tenho.....horas de lazer e atividade social recreativa

Estudo, semanalmente, durante..... horas para a minha formação.

Semanalmente, tenho.....horas de prática religiosa coletiva.

Pertencço ao CPERS **sim** **não**

À Confederação dos Professores **sim** **não**

Ao Sindicato dos Professores SINPRO **sim** **não**

Ao Clube do Professor Gaúcho **sim** **não**

A outras entidades de classe profissional.....

Participo ativamente de uma partidão política **sim** **não**

Tenho partido político definido **sim** **não**

No Colégio Godói, percebo entre professores e alunos existem classes sociais

sim **não**

Na escola, todos tem direitos iguais **sim** **não**

Todas as pessoas da escola relacionam-se democraticamente em seus contatos diários

sim **não**

Todos os professores comportam-se democraticamente durante a Abertura Política

sim **não**

Eu me sentia preparado para viver democraticamente na escola, mesmo antes da Abertura Política **sim** **não**

Senti, na maioria dos professores, que estavam preparados para a Abertura Política, quando ele começou: **sim** **não**

1.2 Dados Pessoais

As respostas a seguir só possui sentido em relação ao questionário. Pede-se, por isto, o anonimato)

O PROFESSOR em SI MESMO

Data de nascimento/...../.....Sexo **masc** **fem**

Casado (a) Solteiro(a) Outra situação

Nº de filhos..... Profissão do(a) consorte.....

Único arrimo da casa **sim** **não**

Proprietário (a) da casa em que reside **sim** **não**

Condução própria: **sim** **não**

Graduação: faculdade de.....ano da conclusão: 19....

Pós-graduação em.....ano da conclusão: 19....

Mestrado em..... ano da conclusão: 19....

Doutorado..... ano da conclusão: 19....

Outra situação de formação.....

Constelação familiar na casa paterna:

Número de irmão..... Número de irmãs.....

Ocupo olugar entre.....irmãos

O PROFESSOR PARA ISTO:

Sou professor de sala de aula

Estou na administração, serviço

Meu regime de trabalho, na escola é de: 12 horas 18 horas 22 horas 32 horas 40 horas 44 horas

Atendo, no Colégio Godói,turmas (se professor de sala de aula)

Além do Godói, trabalho ainda em mais.....escola(s número)

Outras atividades remuneradas **sim** **não** horas

Número de anos no magistério:.....anos

Número de anos no Colégio Godói.....anos

Número de aulas efetivas ou horas de serviço na escola.....

Na escola, sou capaz de conduzir o processo educativos que me compete

sim **parcialmente** **não**

	TOTALMENTE ACORDO	DE ACORDO	INDIFERENTE	NÃO CONCORDO	DISCORDO TOTALMENTE
Os acontecimentos da Abertura Política permitiram ao professor, através da política central, manifestar as suas posições pessoais cada vez com maior clareza.	()	()	()	()	()
Com os acontecimentos da Abertura Política, o professor espera cada vez menos as soluções que vêm do Estado.	()	()	()	()	()
Devido aos acontecimentos da Abertura Política, o professor não tem medo de expressar e assumir as suas discordâncias com o poder central.	()	()	()	()	()
Devido aos acontecimentos da Abertura Política, o poder central enfraqueceu-se e as pessoas puderam expressar e assumir as suas próprias diferenças.	()	()	()	()	()
A.1 B.1 Com os acontecimentos da Abertura Política, o Estado tornou-se “um deus todo-poderoso e onipresente” que elimina todas as diferenças entre as pessoas.	()	()	()	()	()
A.2 B.1 Com os acontecimentos da Abertura Política, o professor esconde cada vez mais as suas próprias opiniões e soluções para expressar as soluções que o Estado quer.	()	()	()	()	()
A.3 B.1 Devido à Abertura Política, o professor pode expressar e assumir as suas discordâncias com o poder central, mas ele tem cada vez menos significado político.	()	()	()	()	()

A.4 B.1 Com os acontecimentos da Abertura Política, o poder central fortaleceu-se em detrimento da autoridade do professor, da escola e da sociedade civil.	()	()	()	()	()
No ambiente educativo posterior à Abertura Política, o professor pode expressar as suas diferenças e individualidades sem ser explorado pelos demais.	()	()	()	()	()
Com os acontecimentos da Abertura Política, o ambiente educativo de hoje está aberto para todas as diferenças do desenvolvimento das pessoas humanas. A escola melhorou.	()	()	()	()	()
Os acontecimentos da Abertura Política evidenciaram a união de todos, no ambiente educativo, para que possam expressar as suas diferenças.	()	()	()	()	()
O professor, no ambiente educativo posterior a Abertura Política, sente-se cada vez mais livre e atraído para interagir e participar com o poder e autoridade do sistema central.	()	()	()	()	()
A.1 B.2 Os acontecimentos da Abertura Política incrementaram a ingenuidade das pessoas, de modo que as mais sábidas possam explorá-las.	()	()	()	()	()
A.2 B.2 Devido aos acontecimentos da Abertura Política, todo o ambiente educativo não tem mais significado para o desenvolvimento da pessoa humana. A escola piorou.	()	()	()	()	()
A.3 B.2 Os acontecimentos da Abertura Política forçaram apenas uma uniformidade e igualdade no ambiente educativo, sem que isso viesse a ajudar no desenvolvimento da pessoa humana.	()	()	()	()	()
A.4 B.2 Com os acontecimentos da Abertura Política, o poder do ambiente educativo ficou atrelado ao poder central e a escola tornou-se opressora com o sistema central.	()	()	()	()	()
Devido a Abertura Política, pergunta-se cada vez mais as opiniões dos outros.	()	()	()	()	()

Devido aos acontecimentos da Abertura Política uma das maiores tarefas do professor é a de preparar os outros para administrar as suas diferenças.	()	()	()	()	()
Em conseqüência da Abertura Política, todos os professores deveriam ter na escola o mesmo comportamento, regimento, recompensa e trabalho.	()	()	()	()	()
Em conseqüência da Abertura Política, os professores, em nossa escola, podem dizer a qualquer outro qualquer coisa em qualquer circunstância.	()	()	()	()	()
A.1 B.3 O exemplo dos professores que foram punidos não serviu para nada porque até hoje as opiniões devem ser reprimidas por todos.	()	()	()	()	()
A.2 B.3 Os professores que foram punidos devido aos acontecimentos da Abertura Política deveriam ter dado só os conteúdos programáticos aprovados pelo SSE e SEC e nada mais.	()	()	()	()	()
A.3 B.3 Em conseqüências da Abertura Política consegue-se aproveitar melhor, na escola, as diferenças, qualidades e talentos pessoais de cada professor.	()	()	()	()	()
A.4 B.3 Em conseqüência dos acontecimentos da Abertura Política, diminuiu em nossa escola o espaço para dizer a qualquer pessoa qualquer coisa em qualquer circunstância.	()	()	()	()	()
Depois dos acontecimentos que acompanharam a Abertura Política eu tenho mais confiança em mim mesmo, apesar de saber que sou diferente dos demais colegas e professores.	()	()	()	()	()

A geração de professores da minha idade adaptou-se melhor aos acontecimentos da Abertura Política porque era diferente das outras gerações.	()	()	()	()	()
Nos acontecimentos da Abertura Política, os outros professores souberam expressar a aceitação de todas as minhas diferenças.	()	()	()	()	()
Devido aos acontecimentos da Abertura Política, vejo as minhas opiniões e diferenças com os demais cada vez mais respeitadas pelas autoridades.	()	()	()	()	()
A.1 C.1 Depois da Abertura Política e acontecimentos que a acompanharam, eu tenho menos confiança em mim porque sou diferente dos demais colegas professores.	()	()	()	()	()
A.2 C.1 Os acontecimentos que acompanharam a Abertura Política na escola são significativos para qualquer idade do professor.	()	()	()	()	()
A.3 C.1 Durante os acontecimentos da Abertura Política, eu devia parecer-me cada vez mais com os outros, esquecendo as minhas diferenças.	()	()	()	()	()
A.4 C.1 Com os acontecimentos da Abertura Política, as minhas opiniões e diferenças foram reduzidas e igualadas as dos demais professores pelas autoridades da escola.	()	()	()	()	()
Devido aos acontecimentos da Abertura Política, na escola, eu consigo expressar cada vez melhor o que sou como profissional.	()	()	()	()	()
Devido aos acontecimentos da Abertura Política, os meus desempenhos, ajuda aos alunos e ações como professor melhoraram.	()	()	()	()	()

Depois da Abertura Política, o professor é o único elemento que pode ajudar conscientemente os outros componentes da escola a se libertarem.	()	()	()	()	()
Os acontecimentos da Abertura Política evidenciariam que o professor deve ir muito além da sala de aula.	()	()	()	()	()
A.1 C.2 Devido aos acontecimentos da Abertura Política, inibi-me e não consigo expressar aquilo que sou de fato como profissional.	()	()	()	()	()
A.2 C.2 Devido aos acontecimentos da Abertura Política, os meus desempenhos, ajuda aos alunos e ações como professor pioraram.	()	()	()	()	()
A.3 C.2 Devido aos acontecimentos da Abertura Política, o professor deve cuidar cada vez mais de seus interesses em detrimento da ajuda a seus alunos.	()	()	()	()	()
A.4 C.2 Os acontecimentos da Abertura Política provaram que o professor deve limitar-se a sua sala de aula.	()	()	()	()	()
Os acontecimentos da Abertura Política uniram mais os professores entre si como pessoas.	()	()	()	()	()
Os professores souberam expressar e administrar as suas diferenças dentro da sua própria classe durante os acontecimentos da Abertura Política.	()	()	()	()	()
Os acontecimentos da Abertura Política uniram os professores ainda mais ao redor dos objetivos comuns da classe.	()	()	()	()	()

As lideranças dos professores souberam unir todas as suas diferenças em proveito da classe dos professores durante a Abertura Política.	()	()	()	()	()
A.1 D A Abertura Política e os movimentos conseqüentes desuniram mais os professores como pessoas.	()	()	()	()	()
A.2 D Os professores foram manipulados, durante a Abertura Política, pela direção da escola que uniu a classe para fazer dela o que queria.	()	()	()	()	()
A.3 D Devido aos acontecimentos da Abertura Política, os professores estão menos voltados para os objetivos de sua classe.	()	()	()	()	()
A.4 D Com os acontecimentos da Abertura Política, as lideranças do magistério exploraram, em proveito apenas delas próprias, as diferenças dos professores entre si.	()	()	()	()	()

Na sua opinião, quais as cinco condições mais importantes para que haja democracia na Escola?

1 –

2 -

3 -

4 -

5 -

Atualmente, quais lhe parecem ser os cinco maiores obstáculos para que o professor participe de uma forma democrática na Escola?

1 -

2 -

3 -

4 -

5 -

8.2 - GLOSSÁRIO

Relacionam-se alguns termos e explicita-se um sentido coerente e unívoco com uma certa direção. A direção pretende elucidar uma linguagem interna especificada na presente dissertação. Esta busca de conferir um sentido unívoco possui o objetivo de vincular a teoria com a investigação e usar o significado dos termos aplicados na investigação da realidade.

Abertura Política - Os extremos da vetorização das vontades de um povo têm dois pólos. Um do ordenamento unificador, convergente. É o totalitarismo, a ditadura. A vontade de uma pessoa, de um grupo prevalece sobre o todo. É convergente para um ponto. É a sístole. No outro pólo está a tentativa de colocar no todo o maior número possível de vontades individuais. É divergente: do centro do poder para fora. É a diástole. No momento seguinte inverte-se, gerando uma pulsação constante e dialética.

Na sociedade estes movimentos opostos podem ser realizados em diversas instâncias como na economia, na religião, na cultura. Pode estar ocorrendo uma abertura numa instância, enquanto na outra ocorre um fechamento. Na política pode ser feita uma abertura enquanto na economia existe um arrocho.

Conforme Kucinski (1982, p.14) estes movimentos sempre correspondem a uma necessidade ao firmar que..

“o novo preço do petróleo (a partir de 1973) minou a base do ‘milagre brasileiro’ encerrando uma fase de expansão espetacular do capitalismo do qual o ‘milagre’ era ao mesmo tempo uma consequência e uma das manifestações mais notáveis. E o protesto maciço pelo voto, trincou a fachada do regime, acabando com as suas tentativas de legitimação política”

Ou ainda Kucinski (1982, p.163)

“o país (Brasil) parece ter a frente dois processos, de um lado, o povo tentando se organizar. De outro as classes dominantes, o núcleo do poder militar e as grandes empresas desorganizando a nação, interessados tão somente no potencial econômico do território e de sua população, no suprimento de matérias-primas e mão-de-obra baratas e no mercado que absorverá seus produtos, fechando o círculo de acumulação. Não é inevitável a vitória da tentativa popular de organizar uma nação moderna e civilizada. Mas é inevitável que sua alternativa é a barbárie”

Para Bittar (in Correio do Povo, 11/12/1983 p.8)

“a abertura é um momento de adaptação em que o regime instalado em 1964 começa a ter sérios desgastes enfrentando um reinício da organização dos trabalhadores e suas greve. Em 1973 os números eram manipulados. Hoje o arrocho salarial é lei aprovada pelo congresso”.

Luis Inácio Lula da Silva afirmou (in Correio do Povo 11/12/1983, p.8) que “a Abertura Política, no Brasil foi, na verdade, um pretexto para impor esta política economia”.

Anomia: Estado da pessoa humana incapaz de se reger individualmente. Incapacidade para reger a vontade individual. Caos individual na vetorização dos atos. Estado da pessoa humana em que não há orientação individual. Desorientação da vontade e da consciência. Potencialmente a pessoa humana possui uma grande carga genética (14 bilhões de neurônios), mas não usa este potencial.

Anormia: Incapacidade de o indivíduo seguir normas estabelecidas socialmente.

Autonomia: O indivíduo humano orienta-se por si mesmo.

Para Kant o sentido ético, o eixo da autonomia da lei moral é constituído pela autonomia da vontade, como ele escreveu. (Crítica da Razão. Prát. Livro I – Teorema IV).

“a autonomia da vontade é o único princípio de todas as leis morais e dos deveres correspondentes as mesmas. Por outro lado, toda heteronomia do livre arbítrio, não só deixa de fundamentar qualquer obrigação como, resultado contrário ao princípio desse livre arbítrio e a moralidade da vontade”

No sentido ontológico Nicolau Hartmann anunciou que: *“os reinos do ser se regem pelas mesmas leis que regem os reinos inferiores e por leis próprias considerando-as autônomas”*. Ferrater Mora resumiu (Dicionário Verbetes: autonomia) anunciando a dialética, pois *“certa realidade é regida por uma lei própria, distinta de outras leis, contudo não incompatíveis com elas”*. Diante disto é possível afirmar que a autonomia da pessoa humana segue da tese para antítese, daí para a análise, depois para síntese.

Tese: a pessoa humana nasce com altíssimo potencial genético (14 bilhões de neurônios). Contudo está na anomia: não conhece o seu potencial.

Antítese: socialmente, o indivíduo humano nasce confundindo o seu próprio EU com o OUTRO: heteronomia.

Análise: gradativamente o indivíduo separa geneticamente o EU do OUTRO: autonomia.

Síntese: a tarefa seguinte consiste em reunir conscientemente o pólo do EU com o pólo do OUTRO: interação.

A partir deste instante podemos começar a falar de democracia.e em especial as condições que anunciou (1973, p.56).

“ao contrapor-se a um NÃO-EU o EU originário estabelece o EU; enquanto primordial, o EU não é nada fora desta atividade, retroagindo sobre si mesmo. Na medida em que a consciência é sempre consciência de alguma coisa, autoconsciência permanece em um estágio anterior a consciência explícita, mas perfaz, assim mesmo, a certeza pura e simples no momento de sua efetivação”.

Autoridade: Resulta da negociação feita pela pessoa humana ou grupo em que os direitos sobre o poder são exercidos pela cedência. Na distinção entre autoridade de poder Jacques Maritain escreveu (1945, p.55) que *“denominarei autoridade o direito de dirigir de mandar de ser escutado e obedecido por outro, e poder de que se dispõe e com a ajuda do qual se pode obrigar o outro a escutar e obedecer”*

A autoridade resulta da negociação realizada pela pessoa humana ou grupo, em que esta pessoa, ou grupo cede o seu poder e os direitos ao exercício do seu poder sob cedência.

Socialmente esta cessão é tanto mais legítima, quanto mais conscientes estiverem os que cedem, respeitando-se lei da autonomia de Kant. O papel da educação institucional é primordial, se estiver voltada para exercício concretos desta conscientização da cessão do poder individual, preservando a autonomia da vontade de quem cede mediante um contrato sempre reversível.

Barganha: Do italiano 'bergagnare' ou 'bargagnare'. O termo é usado em geral, como negócio escuso. Negócio para apenas lucrar e ludibriar No Brasil nos consideramos nobres. Por isto não há lugar para a vulgar barganha. No comércio internacional é usado como "*poder de barganha*" de um País. Na democracia é indispensável o uso da negociação antes, durante e depois de qualquer ação coletiva. Lucros e perdas devem ser estabelecidos conscientemente antes, durante e depois.

Caminho: Trajetória entre dois pontos. No discurso da presente dissertação, a palavra caminho, ganha o significado dialético de oscilação entre os extremos de igualdade e diferente. Esta oscilação é constante e gera o hábito na pessoa e uma tensão permanente como a corrente sanguínea ou corrente elétrica. Enquanto houver a oscilação, a sístole e a diástole, haverá energia e condições para uma democracia que necessita de de criatividade permanente e de vigilância perpétua. Nesta homeostase permanente há necessidade de escutar o poeta Antonio MACHADO, – "*Não há caminhos. Os caminhos se fazem andando*". (in Campos de Castilha⁶⁰). Como este equilíbrio é sempre diferente, resultando de forças diferentes, o regime democrático é um dos poucos, senão o único regime que pode ser considerado histórico, pois nele sempre existem projetos humanos distintos e verdadeiros para o hora em que ocorrem.

Classe: Grupo humano resultante de um determinado modo de produção. A classe não é o resultado de um determinado sentimento a que é condicionado um determinado grupo. Definindo-se estas condições: define-se a classe Teotônio Santos distingue (, 1982, p.36) e reconhece

*"por **consciência de classe** se entende a expressão sistemática dos interesses das classes sociais.*

*Por **ideologia da classe**, a operacionalização desses interesses em metas e meios definidos para alcançá-los.*

*Por **psicologia de classes** entende-se o modo de pensar e sentir de determinados agregados humanos em uma situação ou momento dado"*

Conceito: a idéia como abstrata e geral ou pelo menos susceptível de generalização. Para Ferrater Mora (Dicionário) existem

"duas formas para explicar a formação dos conceitos

- *Conceito a priori ou puro 'Rein Begriffe' de Emmanuel Kant.*

- *Conceito a posteriori, empíricos.*

Definem classes de objetos dados construídos o que convém de maneira idêntica e total a cada um dos indivíduos que formam esta classe. Ex.:vertebrados. Todo conceito possui uma extensão que pode ser nula. A toda classe definida, corresponde um conceito".

⁶⁰ - MACHADO, Antonio. «De Campos de Castilla» in .**Antología poética**. Madrid : Alianza. 1995. pp.31 – 70.

Consciência: A criatura humana nasce e é capaz potencialmente de se conhecer a si mesma e as suas circunstâncias. Esta potencialidade é desenvolvida no meio das circunstâncias sociais e físicas. A forma da consciência modela-se através dos repertórios e conteúdos que este meio social e físico oferece. Segundo os estruturalistas, cada novo conteúdo reforma ou reestrutura todo o conjunto. A pessoa humana possui filogeneticamente a potencialidade para chegar ao auto-conhecimento. O desenvolvimento ontogenético deste potencial, depende do condicionamento social e físico a que é submetida esta pessoa humana. A consciência pontual percebe, da nova realidade, apenas alguns pontos previamente definidos e correspondem ao maior ou menor repertório ontogenético que este meio social e físico permitiram desenvolver em cada indivíduo. Admitindo-se que o conjunto da realidade, aqui a prática democrática, é formada de infinitos pontos e que se estruturam no tempo e no espaço, como num tela digital, a definição e a leitura deste conjunto necessita um elevado número de pontos definidos. Cada ponto contém potencialmente o todo, como numa hologravura, o que permite infinitas formas de democracia.

Cooperação: estágio da ajuda mútua em que os resultados do trabalho ficam com uma pessoa ou um grupo restrito. É o convívio forçado das pessoas. Os homens podem ser forçados a viver em grupos diante de ameaças externas ou internas, como magia e religião. Dificilmente a cooperação humana escapa a manipulação de interesses dos indivíduos ou grupos mais conscientes: tiram proveito da mais-valia resultante da cooperação. Assim os atos de cooperação podem ser impostos especialmente em empresas. Hobbes (1588-1679) afirmou (1983, p.54) que *“Ninguém obedece a quem não julga capaz de ajudá-lo ou prejudicá-lo”*.

Corpusculização: é tendência geral ‘socializadora’ da evolução. A proposta deste modelo evolutivo é uma das peças centrais das teorias desenvolvidas por Teilhard de Chardin. Segundo ele, a própria estrutura atômica começa com a ligação simples do hidrogênio e do oxigênio. Gradativamente estas estruturas vão se tornando mais complexas até chegar ao salto qualitativo da vida. No caso humano, as possibilidades de corpusculização dependem do que, em psicologia, denomina-se de desenvolvimento dos indivíduos, pois quanto mais desenvolvidos os seres humanos, no aspecto psicológico, mais possibilidades tem para se corpuscular isto é socializar-se de uma forma mais consistente. Neste ponto existe coincidência com os pontos de vista de Jean Piaget.

Democracia: Palavra chave da presente dissertação. Etimologicamente democracia é o governo do povo e pelo povo. Em grego demos ($\Delta\text{H}\text{M}\Sigma$ $\delta\eta\mu\omicron\varsigma$ = povo) + kratein (KPATEIN κρατειν = governo) Uma das formas de organizar a política. Existindo além dela a autocracia, tirania, oligarquia, reino...Platão era pouco favorável à democracia e a ridicularizava escrevendo (República, S/d, p. 308). *“quem deseja organizar uma cidade, deve dirigir-se a uma democracia como quem vai a um bazar de sistemas políticos, para ali escolher o que mais lhe convém e adotar o escolhido como modelo”* O seu deboche e desqualificação continuava ao escrever (República, p. 315).que

“ninguém que não tenha visto poderá acreditar quão mais livres são os animais na cidade democrática, pois como diz o refrão, as cadelas valem tanto quanto as suas donas e os asnos às soltas como importantes personagens, empurrando pelos caminhos a quem não lhes cede passo”.

Para Espinoza (1962-1677) escreveu (1983, p.363)

- *“podemos conceber diversos gêneros de democracia. A democracia é o regime em que: todos são governados unicamente pelas leis do país; não estão de forma alguma sob a dominação dos outros vivem honrosamente possuem o direito de sufrágio na assembléia suprema; e tem acesso aos cargos públicos”.*

Enquanto isto Mary Follet afirmou (apud CARVALHO, 1979, p.60)

“só teremos democracia verdadeira quando os jovens não mais forem doutrinados, mas formados no caráter da democracia. Portanto o meu dever como cidadão não se esgotou naquilo que trago para o Estado. Meu teste como cidadão é quão plenamente o todo é expresso em mim ou através de mim.

O filósofo e cientista americano Skinner, coerente com os condicionamentos dos seres vivos que ele estudava, afirmou (1980, p.207)

A democracia é um esforço para resolver o problema permitindo ao povo planejar as contingências sob as quais irá viver, ou em outras palavras, insistindo para que o próprio planejador viva sob as contingências por ele determinadas”

No Brasil o poder do discursos que sustenta a concepção da democracia como mito, foi percebido por Guimarães quando registro (apud NAGLE, 1979, p. 106):

“certas palavras, como democracia, adquirem tal importância social que o fato de não as poder usar como determinação ou como qualidade possuída, representaria a própria diminuição de uma pessoa ou instituição.

Mais recente Lefort usa as concepções antagônicas de totalitarismo e democracia para contrastá-las e separá-las de uma forma explícita quando escreveu (1983, p.116) que

“a meus olhos, o totalitarismo só se esclarece sob a condição de captar a relação que mantém com a democracia. É dela que surge exatamente no momento em que se implanta a democracia, pelo menos na sua versão socialista, em primeiro lugar, nos países em que a transformação democrática estava no começo. Derruba-se ao mesmo tempo em que se apodera de seus traços e lhe traz um prolongamento fantástico”.

A filósofa brasileira Marilena Chaui afirmou (1981, p.85) que *“a interrogação acerca da democracia é uma indagação em que estamos todos implicados como sujeitos, sem que possamos reivindicar o lugar imaginário do saber separado”*

Já o político sul-rio-grandense Olivio Dutra afirmou (in Correio do Povo11/12/1983), no início do processo de Abertura Política, que *“pode-se falar em democracia da porta da fábrica para fora. Da porta da fábrica para dentro, não pode”* percebendo o antagonismo entre o discurso sobre a democracia e a sua prática efetiva.

Didática: Um conhecimento técnico que focaliza o rendimento do processo ensino-aprendizado humano e a combinação dos fatores educacionais. O cientista Piaget (1896-1980) percebia as questões que envolvem tal processo ao escrever (1983, p.225) que

“não creio mesmo que haja vantagem em acelerar o desenvolvimento de um aluno além de certos limites. Muita aceleração corre o risco de romper o equilíbrio. O ideal da educação não é aprender ao máximo, maximizar os resultados, mas antes de tudo

apreender a apreender. É aprender a se desenvolver e aprender a continuar a se desenvolver depois da escola”.

Quando na didática enfrenta-se a questão da democracia, quem ensina não se pode reivindicar um lugar acima e por fora, “*sem que possamos reivindicar o lugar imaginário do saber separado*” como escreveu (1981, p.85) Marilene Chauí.

Diferença: No senti amplo, para Ferrater Mora (Dicionário)

“a diferença se opõe a unidade, contudo a diferença não pode ser entendida sem uma certa unidade (pelo menos a unidade numérica das coisas distintas por um lado e a unidade de gênero do qual são diferentes as coisas distintas por outro lado”.

No sentido restrito Torency percebeu (apud NASH, 1968, p. 218) que os “*homens inteligentes, ficam impressionados com as diferenças entre eles e seus semelhantes. Homens sábios tem consciência de sua semelhança com eles*”. Esta distinção já havia sido percebida por Hobbes quando escreveu (1983, p. 6)

“embora por vezes descobramos os desígnios dos homens através de suas ações, tentar fazê-lo sem compará-las com as nossas, distinguindo todas as circunstâncias capazes de alterar o caso, é o mesmo que decifrar sem ter uma chave e deixar-se as mais das vezes enganar quer por excesso de confiança ou por excesso de desconfiança conforme aquele que lê, seja um bom ou mau homem”

Discurso: tradução verbal de uma ideologia, procurando coerência no que é contraditório ou não. Na gramática gerativa de Chomsky, um número finito de sentenças deverá representar o discurso possível, retirando de uma tela de possibilidades infinitamente maiores de palavras. Todo discurso parte de uma ideologia como Nagle depreende (1976, p.38) “*num plano de reflexão pedagógica e no da atuação didática, as operações lógicas ampliam-se de modo que abranjam um universo discursivo multifacetado que exige diferentes práticas lingüísticas*”

Educação é aqui entendida no seu sentido etimológico como o “*fazer com que a pessoa retire, do seu interior, as suas potencialidades*”. Este fazer abrange a pedagogia e a didática sem se esgotar nestas disciplinas. Examinamos aqui a “*educação democrática*” especialmente a: “*educação democrática institucionalizada*” contrapondo-a a “*educação autocrática e de treino*”.

Educação Democrática: a educação é democrática na em que é fundada no princípio da liberdade e do respeito ao valor e a dignidade da pessoa humana, favorece a expansão e a expressão da personalidade, de acordo com as suas aptidões e assegurando a igualdade de oportunidade a todos, sem distinção de raça, classe ou crença, comporta um sistema de garantias para a livre escolha pelo cidadão entre idéias, crenças e opiniões, como entre carreiras e atividades técnicas e profissionais.

Marilena Chauí condena (1981, p.61) a visão de que:

“o povo é uma massa amorfa, passiva, imatura e desorganizada e conseqüentemente, um misto de inocência e de violência que justificam a necessidade de educá-lo e controlá-lo para que suba ‘corretamente’ ao palco da história”.

Nash escreveu (1968, p.215).que

“uma sociedade que escolha a justiça social e não privilégio hereditário, deve sem dúvida ser elogiada, mas deve, também, ser alertada quanto ao fato de que uma era

de transformações rápidas e a revolução pedem líderes que se tenham submetido às exigências severas da excelência educacional”

Entropia: Na Física a entropia é a anulação, a neutralização ou desordenamento das forças que produzem certo fenômeno. Duas forças contrárias e iguais se anulam. Por semelhança nas Ciências Sociais a força das vontades vetorizada numa determinada direção podem ser anuladas, apagadas ou desorganizadas, produzindo-se fenômenos sem significado, caindo na anormia.

Epistemologia: constitui o estudo dos princípios, das hipóteses e dos resultados das diversas ciências, destinada a determinar sua origem lógica (não psicológica), seu alcance e objetivo. Deve-se distinguir a epistemologia da teoria do conhecimento, ainda que seja a sua introdução e auxiliar indispensável, enquanto estuda o conhecimento em pormenor e a *posteriori*, na diversidade das ciências e objetos especialmente na unidade do espírito

Escola: no sentido etimológico grego (σχολη) lugar do ócio.

A Escola Formal: que organiza o ensino-aprendizagem dentro de uma estrutura legível das atividades humanas.

Escola Institucional: Constitui a escola formal dentro de uma estrutura administrativa com a finalidade de a inscrever, tornar legível e legitimar dentro da sociedade.

Estética: segundo Baumgarten (1714-1762) o saber tem duas formas para chegar até a nossa inteligência: uma através do raciocínio tipo matemático. O outro através do uso dos sentidos (letras em grego arrumar) (aestesia = sensação). A aestesia ou a estética, para a presente dissertação possui suma importância porque o seu autor não acredita em democracia erudita sem a passagem pelo universo da expressão. A expressão é tudo aquilo que atinge os nossos sentidos vindo de outro ser humano ou vice-versa. São palavras, gestos e objetos criados por outro ser humano.

EU: o indivíduo que fala e se expõe. Na presente dissertação é o professor que enfrenta o sistema e tenta impor a sua lógica. Um dos extremos em que na outra ponta se encontra o OUTRO, representado pelo sistema e tudo aquilo que se distingue do EU.

Expressão: A representação (μιμῆσις mimesis) para os sentidos humanos do seu universo interior e exterior do ser humano. Uma das representações mais significativas é a linguagem humana. Distinguimos Expressão # de Comunicação. Na expressão temos um universo vastíssimo de signos que atingem os sentidos humanos. Na comunicação estes signos são usados para gerar códigos de significação unívoca e linearmente dispostos no tempo. A arte pertence ao universo da expressão onde os signos são projetados em bloco e de múltiplas leituras. Na presente dissertação privilegia-se a expressão do professor e que através dela desejamos levar, ainda que em parte, para a comunicação. Estabelece-se aqui, a relação, sessão com aestesia (αεστησεια). O saber adquirido através do uso dos sentidos exercitados, contrapondo-se a Filosofia, como saber adquirido através do uso da razão. O cientista Pavlov (1849-1936) que se dedicou ao estudo do condicionamento reflexo, afirmou (1980, p.151).que

“o cérebro humano acha-se composto do cérebro animal e da porção humana que se relaciona com a linguagem. Dado que em nós a atividade está concentrada na região

da linguagem, o segundo sistema de sinalização, sua indução deve agir sobre o primeiro sistema e sobre o subcortex. No homem as relações complexas já passaram pelo segundo sistema de sinalização”.

Filogenia: Desenvolvimento da espécie. Na pessoa humana a filogenia engloba toda carga genética e potencialidades recolhidas pela espécie. O discípulo brasileiro de Piaget Lauro de OLIVEIRA LIMA escreveu (em Mecanismos da Liberdade).

“filogeneticamente o homem conseguiu afirmar gradativamente a sua liberdade sobre os outros seres reais ou imaginários graças a sua capacidade de compreender as leis que regem as suas circunstâncias históricas”.

Governo: do grego (κυβερντες küberntes) que deu origem também a palavra cibernética. Na original grego é piloto ou aquele que governa a nau. No contexto atual é muito usado como sinônimo de poder. Nesta tese tem mais o significado cibernético, principalmente no sentido de autonomia, governo pessoal ou autogoverno. A possibilidade de o indivíduo expressar e escolher o seu caminho entre diversas outras.

Heteronomia: Estágio da relação da pessoa humana com a sociedade na qual coloca a sua vontade no outro. Estágio intermediário entre a anomia e autonomia. Max Scheller escreveu (in Dicionário Ferrater Mora - verbete Heteronomia) que

“a pessoa humana tem autonomia como suporte e realização de valores. Contudo, esta autonomia encontra-se dentro de uma comunidade e especificamente dentro de uma comunidade de valores. Por isto é de alguma maneira heteronomia”.

Idéia - etimologia da língua grega (ιδειν: ver - ιδεα: visão). Também está associada a significação de luz. Segundo Santos esta luz e visão são apropriadas pela classe dominante e que passa a exercê-las como um poder, como escreveu (1982, p.73) que

“as idéias da classe dominante são as idéias dominantes em cada época; em outros termos, a classe que exerce o poder material dominante na sociedade, ao mesmo tempo, seu poder espiritual dominante”.

Ideologia: Tradução da realidade ou sua iluminação sobre uma determinada parcela desta realidade. Assim Santos escreveu (1982, p.31- 32). que

“o conceito de ideologia tomado em sua forma pura, inicial não supõe necessariamente nenhuma falsificação do real nem qualquer racionalização. Ideologia, num primeiro momento de análise, é a expressão consciente de interesses reais de classe e sua organização em formas de ação concreta para realizar estes interesses. Nem todas as ideologias são falsas, nem qualquer ideologia é falsa, enquanto é representação dos interesses que expressa. Pelo contrário neste sentido só há ideologia quando há representações verdadeiras dos interesses. Como pode acontecer que a representação verdadeira de interesses de uma classe seja ao mesmo tempo falsa? É porque os interesses de todas as classes dominantes incluem a necessidade de falsear as verdadeiras relações de classes”.

. Esta tradução ou iluminação tem sua forma determinada pelos interesses de indivíduos ou classe. Desta forma são omitidos, consciente ou inconscientemente, certos aspectos desta realidade. O mesmo Santos insiste (1982, p.32) que *“na sociedade burguesa, não é a ideologia que se fundamenta na ciência é a ciência que se baseia na*

ideologia” O conjunto destas construções e modelos intelectuais são expressas formalmente sob a forma de um discurso.

Igualitário: é o discurso que tenta tornar igual o que não é na realidade e é irreduzível a um único modelo. A concepção de *igualitário* se origina nos discursos ideológicos da burguesia após a Revolução Francesa em que ela falseia a realidade para usar o seu poder sobre outra classe. A falsificação está no fato das diferenças naturais que ocorrem entre indivíduos e grupos humanos não serem enunciados ou serem obscurecidos. Na distinção igualitário e genérico, o igualitário é a tentativa para tornar igual o que na realidade é irreduzível a um único modelo. O genérico é a tentativa de tornar as condições abstratas e sem vínculo com a realidade de origem. No discurso da democracia liberal a igualdade possui várias contradições. Assim

- são *iguais por natureza*: todos nascem com direitos iguais e propriedades do corpo...

- são *desiguais por natureza*: todos nascem com talentos e capacidades desiguais ...

Igualdade como essência: todos são iguais É o *revolucionário* que luta pela igualdade

Desigualdade como existência: todos nascem diferentes É o *reacionário* que luta pela manutenção das diferenças e sua afirmação (resumindo Chauí, 1981, p.154).

Indivíduo: aquele que fala e se expõe. Nesta fala e exposição o *indivíduo* contrapõe-se e se distingue do OUTRO. Para Skinner este indivíduo não se constitui como um fim último, (1980, p.210) pois

“uma análise científica do comportamento humano e da evolução genética e cultural não podem fazer da liberdade individual o objetivo do planejamento cultural. O indivíduo não é uma origem ou uma fonte. Ele não inicia nada. E nem é ele que sobrevive. O que sobrevive é a espécie e a cultura. Elas estão além do indivíduo no sentido de serem responsáveis por ele e de sobreviver a ele

Interação: Estágio das relações humanas na quais discute-se, num determinado projeto, o antes, o durante e o depois deste projeto. Assim Lauro de OLIVEIRA LIMA escreveu em (Mecanismos da Liberdade). *“É a relação autêntica e contabilizável entre dois ou mais seres humanos com plena consciência das respectivas identidades”* Para Mary Follet (apud Carvalho, 1980, p.60) que *“o grande segredo das associações não é que os homens têm necessidade um do outro, mas que eles precisam, necessitam das mesmas coisas”*. Para Lefort acontece (1983, p.119).que

“o culto burguês da ordem, que se sustenta com a afirmação da autoridade com as suas múltiplas figuras com o enunciado das regras e justas distâncias entre os que ocupam a posição do senhor, do proprietário, do homem cultivado, do homem civilizado do homem normal, adulto face ao OUTRO. Todo este culto, testemunha uma vertigem perante a voragem de uma sociedade indefinida”.

Legitimação: processo pelo qual um grupo ou indivíduo busca por meio de um discurso ou por fato consumada tornar natural. Assim Libânio escreveu (1983, p.75).que

“o grupo sabe-se legítimo, socialmente aceito (face da consciência) porque os seus valores e interesses encontraram um mínimo de estruturas sociais que os apóiam (face da objetividade). O grupo rende-se ao poder ordenador da sociedade. Enfrenta

uma realidade que inclui e fá-lo pertencer ao 'nomos' social. A sociedade tem a sua lei, seu nomos, e o grupo sente a necessidade de ver-se incluído aí dentro. O nomos outorga-lhe sentido de existência. Situa-se dentro do universo geral dos sentidos. Pertencer a tal grupo não é nenhuma loucura. Tem sentido. A legitimação não pertence ao mundo da felicidade, mas sim ao sentido. Nada diz para a pessoa que será ou não realizada dentro de tal sub-sociedade. Simplesmente fornecer-lhe um mínimo de sentido contra a ameaça dos caos, do absurdo da estupidez, da loucura”.

Liberdade: Etimologicamente do latim – *liber* – pessoa na qual a procriação acha-se naturalmente ativo. Em grego (ἐλευτηριος eleuteros ser livre e ἐλευτηρια eleutheria). No sentido figurado esta capacidade de reprodução pode ser aplicado à capacidade de reproduzir nos outros as suas idéias e os seus paradigmas pessoais ou do seu grupo. A escola torna-se o lugar privilegiado e legitimado para as reproduções das idéias e os paradigmas que sustentam a sociedade que dá suporte físico e espiritual a esta escola.

A liberdade é natural quando existe a possibilidade para subtrair-se de uma ordem cósmica A liberdade social ou política quando é possível obrar conforme a lei. A liberdade pessoal quando existe autonomia segundo a concepção de Emanuel Kant (in Dicionário Ferrater Mora – verb. Líberdade).

“a liberdade não é uma questão física, mas uma questão moral. A liberdade é um ato que se põe a si mesma livre. A liberdade não é algo que temos, mas algo que somos. Somos obrigados a ser livres”.

A liberdade pessoal como autonomia foi contextualizada por Ferrater Mora quando escreveu (Dicionário Ferrater Mora – verb Liberdade) que.

“o idealismo alemão, não define a liberdade pelo pólo da Natureza nem pelo pólo da lei, mas inscreve-se no espaço da humanidade do homem, isto é, sua definição como sujeito, do qual deriva a lei positiva. Porque há liberdade, pode haver lei. A liberdade, ou autonomia ou seja a ação que se realiza sem constrangimento externo. Eu sou livre no encontro. Como posso exigir responsabilidade se não tenho liberdade?”.

A liberdade do indivíduo foi separado do Estado quando Espinosa escreveu (1983, p.55). que *“a liberdade ou a força da alma é a virtude dos particulares. A virtude do estado é a segurança”.* Lauro de Oliveira Lima constatou (S/d, p.164) a partir de Piaget que a liberdade não é um dado da natureza, mas uma conquista social por uma deliberação

“ o que se indaga não é se há ou não constrangimento legal, mas se estes constrangimentos são imposições de fora (heteronomia) ou uma deliberação do grupo (autonomia). O que caracteriza a liberdade não é o constrangimento, mas a deliberação”

Linguagem: A filosofia reconhece que é no logos (λογος) palavra que reside o conhecer e o saber. Para Heidegger (1889-1976) todo o conhecimento passa pela linguagem (1983, p.23) pois

“somente aprendemos a conhecer e a saber quando experimentamos de que modo a filosofia é. Ela é ao modo da correspondência que se harmoniza e põe de acordo com a voz do ser, do ente. Este co-responder é um falar. Está a serviço da linguagem. O que significa é de difícil compreensão para nós hoje, pois nossa representação comum da linguagem passou por um estranho processo de transformação. Como conseqüência disso aparece como instrumento de expressão”.

A lingüística é comumente definida como a ciência da linguagem. Mas Lyons discorda ao escrever (1976, p.95).que “a lingüística, a psicologia e a filosofia não devem ser encaradas como disciplinas separadas e autônomas”.

Nação: é a sociedade comum. Reenvia para o pólo da Natureza e dos Costumes (moralidade). É a comunidade subjetiva. Adaptando as concepções de Marilene Chaui (em Cultura e Democracia – 1981).é possível afirmar.

“contrapõe-se ao Estado como Nação politicamente representada. O Estado reenvia ao pólo da lei, regulador dos conflitos no interior da sociedade nacional. O Estado é provedor de bens e de serviços públicos ordenando politicamente o espaço social. É a comunidade objetiva. Estado é uma massa crítica articulada, sabe que é artificial recriado permanentemente”.

Norma: esquadro formado por duas peças perpendiculares. Em grego esta peça é denominada de γνομος gnomos. No sentido figurado é um tipo concreto ou abstrato que deve ser em tudo o que admite, um juízo de valor, ideal, regra, finalidade, modelo...

Ontologia: parte da Filosofia que especula o ‘Ser como Ser’ no sentido que lhe dá Aristóteles ou no sentido ‘transcendental’ que lhe dá a escolástica. Estudo ou conhecimento do que as coisas em si mesmas são como substâncias no sentido cartesiano e leibnitziano da palavra, por oposição ao estudo das aparências ou seus atributos

Ontogenia: desenvolvimento do indivíduo contrapondo- se à filogenia que é desenvolvimento da espécie. Ontogeneticamente cada criatura humana deve refazer individualmente as experiências da espécie (filosofia), ao menos ao nível das idéias pela compreensão das leis. A criatura humana, apesar de sua tremenda carga genética, que a espécie lhe entregou (filogenia) necessita percorrer uma série de estágios pessoais.

OUTRO: Na presente dissertação o OUTRO representa o polo do sistema e tudo aquilo que se distingue do EU. Indispensável no sistema para poder estabelecer a homeostase constante e contra os quais é possível avaliar a energia que flui de um polo ao contrário. Na democracia não é possível diminuir muito menos eliminar um deste polos.

Participação: a pessoa humana age impulsivamente levada pelo grupo ou pela massa. A participação em geral não procura definir claramente entre os elementos que constroem a corpusculização social. A reunião dos indivíduos é regida coletiva, o contágio sócio-psicológico e o pânico levam a ação coletiva da participação cuja natureza não é controlada pela razão.

Pedagogia: o processo para levar a pessoa humana no seu desenvolvimento ontogenético. Os problemas atuais da pedagogia podem ser divididos em

- **axiológicos:** conservadora quando os valores humanos são perenes Progressistas quando a realidade é mudança perene
- **estruturais:** unitária, igualitária, diferenciadora e permanente (maior escolaridade).
- **metodológicos :** como tornar significativo para o educando 1 - a aprendizagem? 2 - como sistematizar as relações geradas no grupo, na classe? 3 - : como explicar a autoridade, a divisão de tempo?

Poder: O exercício de uma potencialidade sem perguntar pela relação social desta força. Distingue-se o poder de autoridade. Nem todo poder é autorizado socialmente. Mas toda a autoridade deve ser um poder. Para Mary Follet o poder, a autoridade, o controle e responsabilidade estão juntos (apud Carvalho, 1980, p.66).

“ autoridade: controle reconhecido, resultante das circunstâncias; poder: capacidade de ser agente casual de iniciar mudanças; controle: autoridade em ação; responsabilidade: fator determinante pela função”.

O professor face ao poder nos estudos de Althusser (resumido e adaptado, 1980, p. 65-68).podem ser:

Explorado: o trabalho do professor é usado para outros interesses;

Explorador manda através da fala, estabelece mecanismos de exploração;

Agente de exploração: sabe mandar e é obedecido sem discussão; sabe manejar a demagogia da retórica dos dirigentes políticos;

Profissional da ideologia: sabe tratar as contingências com respeito isto é com o desprezo, a chantagem, a demagogia que convém às chantagens, às acomodações, às sutilezas da moral, da virtude, da transcendência

Reprodutor da exploração: preparam os líderes políticos, econômicos para continuar a exploração

Nas concepções de Claude Lefort associado à Marline Chauí (CHAUI in LEFORT, 1983, Introdução).o professor face ao poder é

“aparência cultivada pela classe dominante, na classe dominada, de que o poder e a classe dominadora são separadas. Um poder democrático não se inventa a partir dos poderes instituídos, mas contra eles. Invenção democrática significa, apenas, que a democracia tem capacidade extraordinária de questionar-se a si mesma, questionando suas próprias instituições e abrindo-se para a História sem dispor de garantias prévias quanto aos resultados da prática política”.

Pessoa: do grego (inserir p. 135 ver) proepen. Conjunto de fatores que cada criatura humana possui e caracterizam e diferenciam das outras. O papel que cada ser humano desempenha no seu relacionamento social. Conjunto de fatores que diferenciam a criatura humana nos relacionamentos sociais. Para Jacques Maritain (1966).

“o homem, enquanto indivíduo, se ordena para a sociedade. Homem enquanto pessoa é o fim para o qual se ordena a sociedade. A sociedade tem por fim o bem comum: para que todos tenham condições de pessoa. A pessoa enquanto pessoa não deve obediência a ninguém. Ela delega à autoridade a sua vontade”

Para Mary Follet (apud Carvalho, 1979, p.17). *“precisamos nos resguardar contra o perigo de pensar que o indivíduo é menos importante porque o aspecto coletivo da vida despertou o nosso ardor e ganhou a nossa devoção”.*

Reificação: do latim res, rei = coisa. Tornar algo em coisa. Em alemão – Vordinglichung = coisificação. Termo usado por Karl Marx para designar *“o processo por meio do qual se produz a alienação dos frutos do trabalho”.*

- tratamento ou interpretação das realidades como se fossem coisas (fisicamente);
- reificação dos seres humanos como coisas;
- ver os seres humanos como coisas;

Para Ferrater Mora (Dicionário) “o idealismo se opõe a reificação da consciência. O processo não deve ser entendido como coisa”.

Relação Social: processo no qual a pessoa humana busca a sua complementação no grupo.

Sinalização: é a capacidade de o homem para se inscrever num grupo humano. É a hominização expressa por Teilhard de Chardin. Constitui-se na invenção ou descoberta da capacidade de cooperação transmitida as novas gerações por imitação, gerando o hábito. Processo amplo de relacionamento humano no qual nasce a consciência social. Sociedade distingue-se de comunidade

- comunidade é o tipo de associação no qual predomina a vontade natural;
- sociedade é a comunidade formada e condicionada pela vontade racional.

Totalitarismo: Nas concepções de Lefort (1983, p. 112-113).

“por que o nosso totalitarismo é um acontecimento maior do que nosso tempo, por que nos obriga a sondar a natureza das sociedades modernas? No fundamento do totalitarismo se alcança a representação do Povo Uno. Compreendemos que é negado que a divisão seja constitutiva da sociedade. No mundo dito socialista não poderia haver divisão a não ser entre o povo e os seus inimigos: uma divisão interior e o exterior; não há divisão interna. Descobre-se aqui um encadeamento de representações que não nos podem escapar. Identificação do povo com o proletariado, do proletariado com o partido, do partido com a direção, da direção com a Egocrata”

Trabalho: atividade básica de transformação, apropriação, produção e reprodução da realidade. Representa a atividade básica exercida na infraestrutura para a sobrevivência humana. Na superestrutura, muitas vezes, representa a permanência das energias como ressonância das atividades na infraestrutura

Voto: constitui uma das pontes entre o indivíduo e a sociedade. O poder fraco ou vazio chama os indivíduos aos quais interessa este poder, colocado no centro de um sistema, para recompor ou preservar este poder central fraco, através da delegação da vontade.

- **8.3 - Episódios da Abertura Política no
COLÉGIO ESTADUAL CÂNDIDO JOSÉ de GODÓI.**

-
8.3.1 - Primeiro Episódio

A PRISÃO DO PROFESSOR PAULO LOPES MÜLLER

“A forma mais eficaz de pressão é a presença física”
(Paulo Lopes – Atas do Grêmio, fl.38).

O ano de 1979 começou com o Diário Oficial da União publicando o decreto da Abertura Política. O General João Batista Figueiredo assumiu a Presidência da República no dia 15 de março. A posse foi cercada de um mar de greves, que iniciaram com a greve de 160.000 metalúrgicos de São Paulo. Os professores públicos do Estado cruzaram os braços de 05 até 17 de abril, liderados pelo CPERS. De 13 de agosto até 13 de setembro aconteceram 45 greves diversas pelo Estado afora. No dia 07/09/1979 aconteceu a primeira invasão da Fazenda Sarandi.

Havia acontecido o teste da Abertura Política. As reações oficiais, através de uma série de prisões, levaram as celas da Polícia Federal, um grande número de líderes sindicais, foi uma das formas encontradas para desestimular a sede de liberdade.

Olívio Dutra o presidente do Sindicato dos Bancários e futuro Presidente do PT estadual foi preso no dia 06/09/1979. Após esta greve os bancários tiveram, em represália, uma onda de demissões. No final de setembro foram demitidos 400 deles.

O Colégio Godói, tinha aderido a greve de abril de uma forma global. O professor Paulo Lopes tinha sido nomeado delegado do Colégio junto ao CPERS através de 97 votos. Passada a greve o prof. Paulo Lopes, como líder sindical, sentiu-se na obrigação de dar apoio a um outro segmento dos trabalhadores, o da construção civil. Num comício promovido por este sindicato foi identificado e preso durante o mês de agosto.

Vinculado ao Movimento pela União dos Trabalhadores da Educação – MUTE – Paulo recebeu apoio constante deste movimento através de manifestos, panfletos e ‘mosquitos’ pela cidade inteira. Quatro professores da escola publicaram três textos defendendo e exaltando o gesto do colega que haviam eleito como seu delegado junto ao CPERS durante a greve de abril (Anexos 8, 9 e 10).

As Atas do Grêmio dos Professores do Godói silenciam totalmente o fato. Não há referência, na escola, do dia em que foi solto da Polícia Federal.

O professor Paulo Lopes foi um articulador, estimulador e teórico mais constante, fiel e lúcido do Grêmio dos Professores e seu vínculo com os movimentos estaduais e nacionais. Em 1983 apresentou-se como um dos cinco candidatos a Diretor da escola. Eleito, o Professor Sílvio Dani soube dar apoio integral ao seu colega, especialmente no episódio da sua deposição. Foi quando declarou diante da assembléia de professores, pais, alunos e autoridades presentes: *“É importante a unidade em torno do único Diretor da escola: Sílvio Dani! Qualquer outra alternativa tem o objetivo de dividir venha de onde vier!”* (Atas do Grêmio, fl.140).

Militante do Partido dos Trabalhadores – PT. Em meados de 1985 transferiu-se ao Rio de Janeiro onde passou a lecionar Química na periferia da cidade.

8.3.2 Segundo Episódio

O EPISÓDIO DO PROFESSOR PAULO SÉRGIO SANTOS DO SANTOS

“A nossa proposta é objetiva ao contrário dos outros” (Paulo Sérgio – Atas do Grêmio, p.33).

O episódio envolvendo o Professor Paulo Sérgio foi bem mais profundo e de maior desgaste emocional para um maior número de pessoas. Ao mesmo tempo desnudou todo o poder na escola e sistema educativo.

Paulo Sérgio teve a capacidade de, através do seu instrumento de trabalho com professor de Língua Portuguesa e de Inglês, transformar em letra e verso toda a opressão e sentimento de liberdade depois de anos de repressão. A opressão estava diluída em toda a sociedade e sistema. Esta opressão onipresente era extremamente difícil de identificar durante o movimento vivido por Paulo Sérgio. Assim o alvo atingido, muitas vezes não foi co centro do poder, mas os colegas que para ele se identificavam com este poder.

Ingressou, como professor contratado, no magistério estadual em 1973. Em 1975 recebe o segundo cargo como Professor de Inglês. Em 1976 faz concurso para o ingresso definitivo. Em 1980 ainda estava em estágio probatório.

Cedo se interessou pelos destinos do Grêmio dos Professores. Assim, no dia 17 de julho de 1975, assume como Tesoureiro do Grêmio. (Atas. –fl.08b)* Na mesma ocasião foi encarregado de estabelecer contato com a Federação dos Professores do Rio Grande do Sul sobre a Carteira de Professor (Atas. –fl.09).

* Livro de Atas do Grêmio dos Professores do Colégio Godói, p. 8b.

Com a efervescência da Abertura Política (1979), interessa-se para garantir esta abertura pela política partidária e mecanismo para aglutinar e vetorizar vontades através de organismos da classe. Isto é tentado através do CPERS e MUTE. Com a formação de novos partidos políticos oficiais, filiam-se a Partido dos Trabalhadores – PT.

Como registro de sua capacidade de transformar a ação em palavras ficam algumas amostras de poemas publicados na sala dos professores e que irão motivar os protestos registrados no livro de Atas do Grêmio na página 36.

Um fragmento do protesto contra a prisão do Prof. Paulo Lopes faz parte destes poemas:

<p>“Seu maior pavor foi não ter meios de condenar homens e crianças que buscavam veículos legítimos para expressar sua revolta frente as arbitrariedades dos já não tão grandes cézares (dia 18/9/1979):</p>	<p>“Já mendigueis segurança Já que sois inexpugnáveis. Afinal quem somos nós – Prometeus acorrentados – Para vos amendrontar?” (Dia 21/8/1979)</p>
--	--

Paulo Sérgio, como poucos poetas teve o dom de expressar o final do período de maior repressão e o alvorecer da Abertura Política, no momento em que estava acontecendo.

Os dois poemas simétricos ‘Fim de Inverno’ e ‘Início da Primavera’ formam um díptico e se contrastam:

Fim de Inverno	Início da Primavera
<p>Tempo de amarras fracas Detenções arbitrarias Ameaças furtivas-covardes ... É tempo de negações Discursos ocos Valores mortos Trajetórias cortadas</p>	<p>Tempo de desfazer-refazer De multidões nas ruas Verdades contundentes Mentiras cobradas Cara a cara. Tempo de semente plantada Brotação profícua Frutos iminentes Represas arrebetadas Torrentes incontroláveis Ação procurando canal</p>

Fonte: folhas policopiadas

A expressão ‘*ação procurando canal*’ foi escrita muito antes das multidões das ‘*Diretas Já*’ invadir ruas e praças. Este verso intui o destino do poeta. Lhe é permitido expressar mas não entrar em ação. Foi na ação política, onde não havia canal feito ainda que a pessoa de Paulo Sérgio defrontou-se com a triste realidade ainda vigente por todos os lados.

Numa reunião do Grêmio dos Professores em 1980, o Professor Paulo Sérgio, reivindicava a liberdade de expressão no mural da sala dos professores: “*Seria um atraso colocar uma votação contra a liberdade do mural*” (Atas- fl.36 – em 16/4/1980).

No contraponto com esta liberdade ele é contestado como consta na folha 36 do livro de Atas do Grêmio dos Professores quando uma professora afirmou que “*vários alunos queixaram-se dele (Paulo Sérgio) com referência a pronunciamentos políticos que realizou em sala de aula e também poderia expressar-se em seus poemas com outra linguagem sem agredir colegas*”. No dia seguinte a este registro ele foi chamado à Delegacia de Ensino (D.E.) onde ele é intimado a assumir os dois cargos que estava preiteando, não no Colégio Godói, como era o seu desejo, mas no Colégio Protásio Alves

No dia 26 de abril é surpreendido com um dossiê apresentado pela advogada da D E, documentando a sua atividade sindical junto aos colegas. Apresenta-lhe um requerimento de afastamento do Colégio Godói por ser membro da MUTE, passar abaixo-assinados, campanha pelo 13º salário, uso das aulas para atividades políticas e incitamento ao não pagamento dos carnês do Colégio.

Tomou posse, no dia 28 de abril, sob coação nos dois cargos no Colégio Protásio Alves – Porto Alegre. Registrou como coação a alteração de designação. Nesta tomada de posse é acompanhado de trinta alunos do Colégio Godói e com a solidariedade de 500 assinaturas que são remetidas a D E. No dia 27 de agosto de 1980 é publicado no Diário Oficial do Estado a instauração de inquérito administrativo contra Paulo Sérgio Santos dos Santos (Documento 11). No dia 15 de setembro de 1980 segue o processo e é intimado a comparecer diante da Comissão Permanente de Processo no dia 25 do mesmo mês. Mais uma audiência com testemunhas é marcada para o dia 10 de março de 1981. Outra audiência acontece no dia 06 de maio. O resultado deste processo, constitui-se num documento único no gênero pelo tipo de processo. O conteúdo registra ações jurídicas e de poesias que lhe dá um volume superior a mil páginas.

Enquanto o professor estava envolvido nas tramas da Justiça, os seus colegas de MUTE organizaram uma campanha de solidariedade que recolheu até o final de 1980 as assinaturas de 306 professores, 261 alunos, 33 entidades acadêmicas da UFRGS e da PUC, personalidades e artistas como Dionélio Machado, Sérgio Jockmann, Francisco Stockinger...

O aspecto inédito deste inquérito administrativo está no fato que traumatizou não só quem foi acusado, como aqueles que tentaram defender a instituição. Em conversa com estas pessoas ainda era visível, em 1985, o seu constrangimento diante do fato.

Num documento avulso mimeografado de um auto denominado Comitê de Defesa do Prof. Paulo Sérgio consta:

“este Inquérito qdministrativo é de teor eminentemente político. Do ponto de vista jurídico as acusações são inconsistentes. Além disto, o inquérito é inédito em conteúdo e objetivos: apuração de falta grave e conseqüente exoneração do professor do magistério público .

Posteriormente este professor teve outra alteração de designação. Marcado profundamente pela individualização e repercussão dos fatos, constitui, através de sua poesia, um marco de como a arte pode ser vida, se o artista sabe viver o seu tempo. Para a presente dissertação constitui um marco de como o artista sabe expressar as suas diferenças. Mesmo que não tenha atingido objetivamente o que desejava, outras gerações souberam usar o seu exemplo.

8.3.3 - Terceiro Episódio

ELEIÇÃO PELOS PROFESSORES DO DIRETOR DA ESCOLA E DEPOSIÇÃO PELA SEC DO PROF. SÍLVIO P. DANI

“Deve haver coerência e que a posição de disciplina e de pessoas tem que parar no momento em que a assembléia decide”

Silvio Dani - Atas.- fl.135 a

O terceiro episódio teve como personagem central o professor de Química da Escola Sílvio Dani. Formado nas lides acadêmicas anteriores a 1964. Experimentou os rigores de um sistema absolutamente álgido e inflexível quando quis reintroduzir a democracia e sua prática na escola.

Quando resolveu candidatar-se em 1983 como Diretor Geral pela eleição, o fez de uma forma muito consciente. Dialogou com a família, desfez-se do cargo de professor titular de uma faculdade de Cachoeira do Sul. Diminuiu horários na PUC e UNISINOS.

Enfrentou vários debates públicos entre professores do Colégio Godói nos dias 12, 14 e 19 de abril de 1983. Estes debates estão registrados nas Atas do Grêmio dos professores. Há ampla ênfase para a prática da Democracia na Escola, nestes debates. Foi eleito no dia 27 de abril de 1983 como Diretor Geral da escola numa lista quántupla pelos professores. Na área administrativa entrou em conflito com a DE e com a SEC sobre um feriado em novembro de 1983. A sua posição foi de permanecer ao lado dos professores da escola (Atas.- fl.126 a).

Tentou abrir vários espaços no Godói, especialmente em direção aos alunos. Teve dificuldades com eles quando um grupo radicalizou e usou de má-fé em cartazes espalhados pela escola (Atas.- fl.131).Mesmo assim não deixa de acreditar na Democracia. Numa outra

oportunidade foram quebrados os vidros da fachada da escola. O seu caminho preferido era a ética profissional e o regimento. Assim o vemos num pronunciamento registrado nas Atas do Grêmio dos Professores: (fl.133)

“qualquer atividade legal é permitida ao aluno da escola. Prefere trabalhar pelo consenso. Vê contradição quando se quer melhorar e os colegas preferem usar a ética profissional às avessas”.

No dia 28 de agosto de 1984 é convocado para uma reunião de Diretores pela DE. Solicita-se uma representação do Colégio Godói para o desfile da Semana da Pátria. O CPERS numa assembléia de 4.000 professores decidira não apoiar e não participar do desfile em todo o Estado como protesto pela falta de apoio a Educação. Ao retornar a escola, convoca uma reunião com o Grêmio dos Professores na qual é votado por 19 votos contra 5, a não participação no desfile. Em vez desta participação a realização de Atos Cívicos diários na escola durante a Semana da Pátria. O Diretor seguiu o voto da Assembléia dos Professores e do CPERS. No dia 25 de setembro, é destituído da direção da escola enquanto num ato de força, é empossado um Diretor estranho a escola sob os protestos gerais do corpo discente e docente. (Jornal do Comércio – 26/09/1984, p.40 - Documento 13).

Este ato de força teve mais ampla repercussão nos meios de comunicação e políticos do Estado (Documentos 14, 19 e 20).

Estudantes, professores, pais e funcionários do Colégio Godói souberam expressar o seu ideal e prática da democracia, ao longo de quase um mês (25 de setembro até 18 de outubro de 1983), evidenciando o seu inconformismo e a diferença que os separava de quem agredia estes ideais e práticas. A Secretaria de Educação e Cultura, o seu Secretário titular, a Delegacia de Educação e sua delegada titular foram vistos com verdadeiros inimigos da Educação e do Colégio.

Um docente afirmou e está registrado nas atas do Grêmio(Atas.- fl.140) que *“o Secretário não faz isso de burro, porque não é burro. Mente na imprensa porque sabe o peso que tem a palavra de um Secretário de Educação, que não considero como tal, mas secretário da deseducação”* Outro se manifestou em relação à proposta do Secretário para a formação de um Colegiado para a direção da escola um estudante declarou (Atas. fl.140).que *“a proposta do Secretário não é clara; não questiona a eleição, mostra desinteresse pela educação; ele não é democrático”* Um professor disse (Atas fl.140).que *“Não se deve considerar a proposta do Secretário como proposta. É cachorra. Não é proposta é pressão. Não somos cachorros, somos escola cheia de gente”.*

Os professores não mediram esforços e argumentos para expressar as suas diferenças contra as soluções improvisadas que vinham da SEC. No final de uma audiência tensa com o Secretário de Educação um dos advogados da SEC percebeu este reforço e comentou (Anexo as Atas s/p.) : “*As senhoras (da comissão) são agressivas. Imagina como são os outros!*”

A imprensa diária de Porto Alegre acompanhou de perto o caso. O jornal diário, Zero Hora, dedicou nove artigos diretamente sobre a intervenção no Colégio Godói. Foram ao ar diversos comentários e apelos radiofônicos em diversas emissoras de rádio e TV. As Atas do Grêmio dos Professores dedicaram 21 memoráveis páginas sobre as duas Assembléias havidas na escola neste período. Estiveram na escola Deputados Federais, Estaduais, Vereadores, Presidente e Vice do CPERS, líderes sindicais e de classe e de outras escolas. Numa assembléia do dia 01 de outubro, 35 entidades se fizeram representar.

Os professores do Colégio Godói souberam, por meio desta mobilização dar uma aula coletiva de forma aberta, transparente e límpida como administrar as diferenças rumo à democracia. Para a presente dissertação, esta aula dramática caracteriza e cristaliza a forma como a sociedade deve assumir o poder civil e dar uma forma aberta, transparente e pública de viver. Esta lição aconteceu final da repressão do Estado e estava mostrado de novo o caminho em direção da democracia de toda a sociedade brasileira. Era isto que também estava acontecendo no Colégio Godói que assim integrou-se interagiu com o novo rumo. Sendo uma escola, torna-se ainda mais procedente esta lição. Principalmente sabendo que uma lição nem sempre é agradável, principalmente quando o tema é a Verdade. Mas os professores aprenderam a lição do mestre psiquiatra Marcelo Blaya, de que a escola não pode mentir, sob o risco de perder toda a sua credibilidade.

O fato não foi provocado pelo Colégio Godói, mas esta escola soube aproveitar esta lição, no momento exato e no contexto apropriado.

A demissão do Professor Sílvio, vista pelo lado pessoal humano e não institucional, conseguiu traumatizar inúmeras pessoas, especialmente a ele mesmo. Hoje (1986) o professor Sílvio continua na escola, honrado por todos devido à altivez, espírito democrático e verdadeiro servidor público. Isto consta num documento enviado para a SEC no dia 03 de outubro de 1984:

“nosso Diretor, Silvio Paulo Dani, nos deu integral apoio. E a ele devemos a possibilidade de termos podido criar. Gostaríamos de registrar que a 1ª DE esteve sempre ciente do nível de nosso trabalho. E temos de lamentar imensamente, não terem chegado a SEC estas informações que com toda a certeza evitariam toda a situação”.

Numa projeção pessoal do pesquisador, ele se imagina o desgaste emocional do prof. Silvio Dani, as perdas econômicas pelos empregos deixados e o impacto no seu prestígio e internalizado pelos familiares a quem consultava sempre como verdadeiro chefe de família.

9 - FONTES

9.1 - OBRAS CONSULTADAS

- ALTHUSSER, Louis (1918 – 1990). *Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado*. Lisboa : Editorial Presença Ltda., 1980. 120p.
- ANDRADE, Mário (1893-1945). *Curso de Filosofia e História da Arte*. São Paulo : Centro de Estudos Folclóricos, 1955. 119 f.
- ANDRADE, Oswald (1890-1945). *Manifesto antropofágico*. Ed. Metal Leve. S/d. São Paulo : Revista Antropofágica, 1928.
- ARENDT, Hannah (1907-1975). *Condition de l'homme moderne*. Londres : Calmann Lévy. 1983.
- ARISTÓTELES (384-322 A. C.) Tópicos ; dos argumentos sofísticos (2ª ed.) São Paulo : Abril Cultural. 1983, 197 p.
- AZEVEDO, Fernando (1894 – 1974). *A Educação e seus Problemas*. São Paulo : Melhoramentos. v. VII. Tomo II, 228p.
- BLECHSCHMIDT, Erich. *A Lei da Preservação da Individualidade. Autoconsciência, Consciência do Corpo, Consciência Instrumental*. In Revista Humboldt, n.45, München, Bruckmann, 1982. 17p.
- BOÉTIE, Etienne La (1530-1563). *Discurso da Servidão Voluntária (1549)*. Tradução de Laymert G. dos Santos. Comentários de Claude Lefort e Marilena Chauí. São Paulo : Brasiliense, 1982. 239p.
- BOURDIEU, Pierre (1930–2002) & PASSERON, Jean Claude. *A Reprodução. Elementos para uma Teoria do Sistema de Ensino*. Rio de Janeiro : Francisco Alves, 1982. p. 238.
- BROD, Bertilo. *A Ideologia Subjacente à Legislação da Orientação Educacional : Um Estudo Teórico-Hermeneutico*. Porto Alegre : Tese de Mestrado em Educação – PUCRS, 1980. 174p.
- BRUBACHER, John. *Importância da Teoria em Educação*. Trad. Beatriz Osório. Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, INEP-MEC, 1961. 210p.
- BRUNER, Jacques. *O Processo da Educação*. São Paulo : Cia. Editora Nacional, 1978.

------. *Uma Nova Teoria da Aprendizagem*. Rio de Janeiro : Bloch, 1969.

BRUYNE, Paul et al. *Dinâmica da Pesquisa em Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977. 252p.

CARVALHO, Maria Lúcia R.D. *Escola e Democracia*. Subsídios para Um Modelo de Administração segundo as Idéias de M.P. Follet. São Paulo: E.P.U. Campinas, 1979. 102p.

CECCON, Claudius et al. *A Vida na Escola e a Escola na Vida*. Rio de Janeiro : Vozes, 1982. 93p.

CHARDIN, Pierre Teilhard de (1881-1955). *O Fenómeno Humano*. Porto Alegre: Tavares Martins, 1970. 355p.

CHAUÍ, Marilena. *Cultura e Democracia*. O Discurso competente e outras falas. São Paulo: Moderna, 1981. 220p.

_____. *O que é Ideologia*. São Paulo: Brasiliense, 1981. 93p.

CONTE, Augusto (789-1857). *Opúsculos de Filosofia Social*. Trad. Ivan Martins. Porto Alegre : Globo. São Paulo : USP, 1972. 230p.

CORONA, Lúcia Guimarães & NAGEL, Lizia Helena. *Preconceitos e Estereótipos em Professores e Alunos*. Petrópolis, 1978. 180p.

DEMO, Pedro. *Educação, Cultura e Política Social*. Porto Alegre : FEPLAN, 1980. 122p.

DEWEY, John (1859 – 1952). *Experiência e Natureza*. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

_____. *Vida e Cultura*. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

DURKHEIM, Emile (1858-1917). As regras do método sociológico (2ª ed). São Paulo : Abril Cultural, 1983, pp.71/161.

ENRICONE, Delcia. *O Planejamento de Mudanças Prospectivas Educacionais*. Porto Alegre : PUCRS, S/d. 150fls. (Tese).

FABRA, Maria Luisa et ali. *A Nova Pedagogia*. Brasil. Col. Grandes Temas, n.67. Rio de Janeiro: Salvat. 1976. 142p.

A PRÁTICA DEMOCRÁTICA na ESCOLA PÚBLICA ESTADUAL: estudo de caso da expressão das condições da prática democrática pelos professores do Colégio Estadual Cândido José de Godói – POA- RS – durante a Abertura Política Brasileira (1979-1985). Dissertação de Círio SIMON, defendida, na PUC-RS, no ano de 1986.

FAURE, Edgar et al. *Aprender a Ser*. Lisboa : Bertrand, 1977.

FERNANDES, Florestan (1920 – 1995). *Educação e Sociedade no Brasil*. São Paulo : Dominus, 1966. 614p.

FERRATER, Mora. *Dicionário da 1ª Filosofia*. v.2. Madri, 1973.

FREITAG, Bárbara. *Escola, Estado e Sociedade*. São Paulo : Moraes, 1980. 138p.

GADOTTI, Moacir. *Alternativas para Viabilizar a Educação Brasileira*. n.9. Novo Hamburgo: FEEVALE, 1986.

GOMES, Roberto. *Crítica da Razão Tupiniquim*. Porto Alegre : Movimento/UFRGS, 1979. 104p.

GRAMSCI, Antônio (1891 – 1937). *Os Intelectuais e a Organização da Cultura*. São Paulo : Círculo do Livro, 1980.

GUIMARÃES ROSA, João (1908 – 1967). *Grande Sertão Veredas*. Rio de Janeiro : José Olympio, 1963, 571p.

HABERMAS, Jürgen. *A Filosofia Hoje*. Trad. Sonia Ramos. Rio de Janeiro: Salvat, 1979. 140p.

_____. *Conhecimento e Interesse*. Trad. José Heck. Rio de Janeiro : Zahar, 1982. 367p.

HALLACK, Jacques. *A quien beneficia la escuela*. Caracas: Monte Avila Editores. S/d.

HARPER, Babette et ali. *Cuidado escola!* São Paulo: Brasiliense, 1980. 117p.

HEGEL, George Wilhelm Friedrich (1770-1831). *Fenomenologia do Espírito*. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

HEIDEGGER, Martin (189-1976). *Conferências e Escritos Filosóficos*. 2.ed. Col. Os Pensadores. Trad. de Ernildo Stein. São Paulo : Abril Cultural, 1983. 305p.

HOBBS, Thomas (1588-1679). *Leviatã ou Matéria, Forma e Poder de um Estado Eclesiástico ou Civil*. Col. Os Pensadores. 3ed. São Paulo : Abril Cultural, 1983. 420p.

HOLANDA, Sérgio Buarque (1902 – 1982). *Raízes do Brasil*. 12ed. Rio de Janeiro : José Olympica, 1978. 1254p.

ILLICH, Ivan. *Sociedade sem Escolas*. Petrópolis: Vozes, 1977. 184p.

JUSTO, Henrique. *Somos Diferentes. Aspectos da Psicologia Diferencial*. Porto Alegre: Santo Antônio. 319p.

KANT, Emmanuel (1724 – 1804). *Crítica da Razão Prática*. Trad. de Afonso Bertagnoli. Rio de Janeiro : Tecnoprint. S/d. 255p.

_____. *Crítica da Razão Pura*. Trad. J. Rodrigues de Moraes. Rio de Janeiro: Tecnoprint. S/d. 271p.

KUCINSKI, Bernard. *Abertura. A História de uma Crise*. Apresentação de Severo Gomes. São Paulo: Brasil Debates, 1982. Col. Brasil Hoje. n.5, 168p.

LEFORT, Claude. *A Invenção Democrática. Os limites da Dominação Totalitária*. Paris. Libr. Fayard, 1981. São Paulo: Brasiliense, 1983. 247p.

LERBET, Georges. *L'education democratique*. Introduction e une pedagogie psychosocial de la formation permanente. These present devant l'Université de Paris VIII. Paris, Diffusion Lebrairie Honoré Champion, 1978. 417p.

LEVIN, Henry et ali. *Educação e Desigualdades no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1984. 201p.

LIBÂNIO, J.B. *Formação da Consciência Crítica*. v.III. Petrópolis : Vozes, 1978.

LOBROT, Michel. *La Pedagogie Institutionelle*. Paris & Barcelona : Salvat. Col. Grandes Temas. n.67.

LOURENÇO FILHO, M.B (1897 – 1970). *Introdução ao Estudo da Escola Nova*. São Paulo : Melhoramentos, 1974. 271p.

LYONS, John. *As Idéias de Chomski*. São Paulo : Cultrix, 1976. 121p.

MACHADO, Antonio (1875 – 1939). «*De Campos de Castilla*» in *.Antología poética*. Madrid : Alianza. 1995. pp.31 – 70..

MARITAIN, Jacques (1882 – 1973). *A Filosofia Moral*. Rio de Janeiro : Agir, 1964. 509p.

-
-
- _____. *Cristianismo e Democracia*. 4ed. Rio de Janeiro : Agir, 1945. 110p.
- _____. *Humanismo Integral*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1965. 245p.
- _____. *O Homem e o Estado*. Rio de Janeiro : Agir, S/d. 211p.
- MATURANA R., Humberto (1928-) *La realidad: ¿objetiva o construida?*. Barcelona : Antropos, 1996. 159 p
- MASLOW, Abraham H (1908-1970). *Introdução a Psicologia do Ser*. Rio de Janeiro : Eldorado, S/d. 279p.
- MEIRELES, Cecília (1901-1964) – *Artes populares*. Rio de Janeiro : Tecnoprint Brasileira de Ouro 1968,. 156 p.
- MONDIN, Guido. *Burgo sem água: remiscências do 4º Distrito*. Porto Alegre : FEPLAN, 1987, 188 p.
- MOSQUERA, Juan José Mouriño. *Educação. Novas Perspectivas*. 3ed. Porto Alegre : Sulina, 1980. 206p.
- MOTA, Carlos Guilherme. *Ideologia da cultura brasileira 1933-1974*. Pontos de partida para uma revisão histórica. 4.ed. São Paulo : Ática, 1980. 303 p.
- NAGLE, Jorge et al. *Educação e Linguagem. Para um Exame do Discurso Pedagógico*. São Paulo : EDART, 1976. 160p.
- NASH, Paul. *Autoridade e Liberdade na Educação*. Rio de Janeiro : Bloch, 1968. 365p.
- NIEDELCOFF, Maria Teresa. *Uma Escola para o Povo*. São Paulo : Brasiliense, 1980. 102p.
- NIETZSCHE, Frederico Guillermo (1844-1900). *Sobre el porvenir de nuestras escuelas*. Barcelona: Tusquets, 2000. 179
- OLIVEIRA LIMA, Lauro de (1921 -). *Os Mecanismos da Liberdade*. Microsociologia. São Paulo : Polis, S/d. 376p.
- OLIVEN, George Ruben. *Violência e Cultura no Brasil*. Petrópolis : Vozes, 1982. 86p.

PAVLOV, Ivan Petrovich (1849-1939). *Textos escolhidos*. São Paulo : Abril Cultural, 1980. 159p.

PIAGET, Jean (1896 – 1980). *A Epistemologia Genética*. São Paulo : Abril Cultural, 1983.

PIMENTA, Aluisio. *Universidade: a Destruição de uma Experiência Democrática*. Petrópolis : Vozes, 1984. 136p.

PINTO, Estevão. *A Escola e a Formação da Mentalidade Popular do Brasil*. São Paulo : Cia. Melhoramentos. Biblioteca da Educação. v.XVI. Direção: Lourenço Filho, 1932.

PLATÃO (428 – 347 AC.). *Diálogos II: A República*. Rio de Janeiro : Ouro. S/d. 392p.

PRADO JUNIOR, Bento et ali. *Descaminhos da Educação Pós 1968*. São Paulo : Brasiliense, 1980. 87p.

READ, Sir Herbert (1893 – 1968). *A Redenção do Robô. Meu Encontro com a Educação através da Arte*. Summus, 1986. 158p.

REUCHELIN, Maurice. *O Ensino no ano de 2000*. Santos, Martins Fontes. S/d. 114p.

RHODEN, Kuno Paulo. *História da Educação Brasileira*. Síntese crítico-filosófica. Curitiba : Tese da Universidade do Paraná. S/d.

RIBEIRO, Darcy (1922 – 1997). *O Processo Civilizatório*. Rio de Janeiro: Vozes, 1978. 270p.

RODRIGUES, Cap. Athaydes. *Agora eu...- A Revolução de 1964, em Rio Grande*. Porto Alegre : Pallotti, 1980. 236p.

ROSENSÉNFIELD, Denis L. *A Questão da Democracia*. São Paulo : Brasiliense, 1984. 102p.

ROUSSEAU, Jean Jacques (1712 -1778). *Do Contrato Social*. São Paulo : Abril Cultural. Col. Os Pensadores, 1979. 192p.

SANDER, Benno. *Administração da Educação no Brasil*. Evolução do Conhecimento. Fortaleza : Brasília. ANPAE. 1981, 64p.

_____. *Consenso e Conflito*. Perspectivas Analíticas na Pedagogia e na Administração da Educação. São Paulo : Pioneira, 1985.

-
-
- _____. *Educação Brasileira. Valores Formais e Valores Reais*. São Paulo : Pioneira, 1977. 289p.
- SANTOS, Ely Souto dos. *Os Proletários da Cultura*. Porto Alegre: Gráfica Dom Bosco, 1975. 209p.
- SANTOS, Theotônio dos. *Conceito de Classes Sociais*. Trad. de Orlando Reis. Petrópolis : Vozes, 1982. 81p.
- SAVIANI, Dermeval. *Escola e Democracia*. Teoria da Educação. São Paulo : Cortez Autores Associados, 1983. 96p.
- SCHMITZ, Egídio Francisco. *Como Ser Livre num Mundo de Opressão*. Porto Alegre : Sagra, 1985. 113p.
- _____. *O pragmatismo de Dewey na Educação*. Esboço de uma Filosofia de Educação. Rio de Janeiro. Ao Livro Técnico, 1980. 298p.
- SCHWARTZ, Bertrand. *A Educação Amanhã*. Petrópolis: Vozes, 1976. 407p.
- SILVA, Hélio. *O Poder Civil*. Porto Alegre : L&PM Editores. Primavera de 1985. 354p.
- SKINNER, Burrhus Frederico (1904 –1990). *As Utopias*. Barcelona : Salvat. Col. Os Grandes Temas. n.37, 1979. 142p.
- _____. *Contingências do Reforço*. Uma análise teoria. São Paulo : Abril Cultural. Col. Os Pensadores. 1980, p.167-394.
- SPINOZA, Benedictus (1632 – 1677). *Tratado Político*. São Paulo : Abril Cultural. Col. Os Pensadores, 1983.
- STILES, Lindley & Dorsey, Matie F. *La enseñanza democrática en las escuelas secundárias*. México : Editorial Letras S.A., 1959. 553p.
- TOFFLER, Alvin. *The third wave*. New York. William Marrow & Compagny, 1980.
- VITA, Luis Washington. *Panorama da Filosofia no Brasil*. Porto Alegre: Globo. 149p.
- WEBER, Max (Karl Emil Maximilian 1864 – 1920). *Sobre a Teoria das Ciências Sociais*. Lisboa : Presença, 1979. 192p.

..... *Sobre a universidade*. São Paulo : Cortez, 1989. 152 p

WEFFORT, Francisco C. *Por que democracia?* São Paulo : Brasiliense, 1984. 133p.

9. 2- FONTES EM PERIÓDICOS

BITTAR. Abertura Política Brasileira. *Correio do Povo*. Porto Alegre, p. 8, dez. 1983.

DUTRA, Olívio. Abertura Política Brasileira. *Correio do Povo*. Porto Alegre, p. 4, dez. 1983.

LULA, Luis Inácio da Silva. Abertura Política Brasileira. *Correio do Povo*. Porto Alegre, p. 4. dez. 1983.

NEUBART. Aurora da Minha vida. *Zero Hora*. Cultural. Porto Alegre, p. 13, jul. 1985.

VILELA, Teotônio. Revista *Veja*. São Paulo. Editora Abril. Páginas amarelas, jun. 1982.

CHIARELLI, Carlos. *Zero Hora*. Porto Alegre, p. 4, jul. 1985.

BORHAUSER, Jorge. *Zero Hora*. Porto Alegre, p. 10, jun. 1986.

9.3 - DOCUMENTOS

Atas do Grêmio dos Professores do Colégio Estadual Cândido José de Godói –
Porto Alegre/RS, Rua França n° 400.

Estão distribuídas em dois Livros I e II. No presente trabalho quando citada a letra A. (Atas) se refere ao Livro II que inicia em 1970 com a Ata n° 2.

Estes livros estão em poder da Presidenta deste Grêmio.

Questionário – Foram confeccionados e impressos 250 exemplares dos quais foram desenvolvidos 56 (cinquenta e seis) depois de respondidos pelos professores...

Compõe-se de 10 (dez) páginas. Uma introdução, duas páginas sobre dados dos professores, seis páginas de questionário e uma página de resposta livre orientada para as condições da democracia na escola.

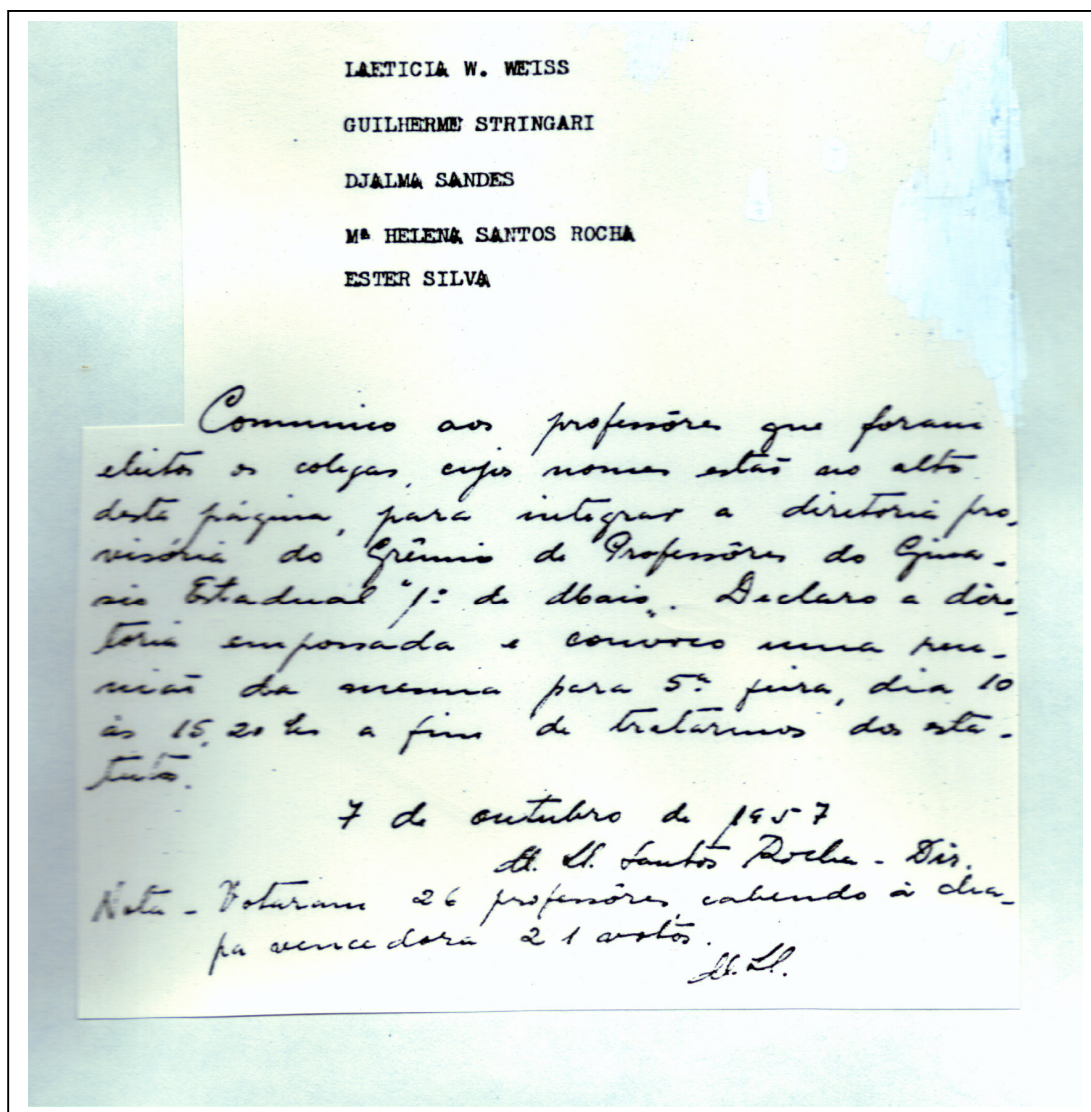
Estão de posse do autor.

Questionário 2 – Uma folha conforme aparece no gráfico 5.

Foram copiados cem exemplares, aplicados aleatoriamente e codificados conforme consta na página 22.

Arquivo do Prof. Paulo Muler Lopes.

Papeis mimeografados e manuscritos copiados pelo autor em xerox.

9.4 – DOCUMENTOS DIGITALIZADOS⁶¹

Documento 01 – Comunicação dos resultados da eleição da diretoria provisória do Grêmio dos Professores do Ginásio Estadual Cândido José de Godói. A comunicação é de 7 de outubro de 1957.

⁶¹ - Veja a no final da listagem a digitação dos presentes textos

Maria Ruth Silveira Osório.
 Lucinda Stamm Thibaut
 - Estor
 Ester Silva
 Ruth Lucina
 Heloisa Tenoncello.
 Dirivoli A. F.
 Camila
 Al. H. Santo Rocha
 Julieta Longo.
 Jane Dick Gantzen
 Gisela Cabral de Melo.
 Maria Dina A. F. Reis
 Myriam ~~Cardo~~ Dellacardina
 Cecília Longo de Amaral
 Myriam ~~Cardo~~
 Elvira M. Laude
 Edia Selidino
 Nair Bettros
 Maria Vainilla Simão.

21 votos

Documento 02 - Lista dos eleitores da chapa vencedora no dia 07 de outubro de 1957. São os professores fundadores do Colégio Godói

Ata n° 1

Aos 23 dias de junho de 1959, numera das salas do Ginásio da Paz, onde funciona o Ginásio Estadual "Cândido José de Godói", à rua Setúrio n° 385 efetuou-se a 1ª reunião da diretoria do "Grêmio dos Professores" do referido ginásio, eleita a de junho do corrente ano.

Achavam-se presentes os seguintes membros:

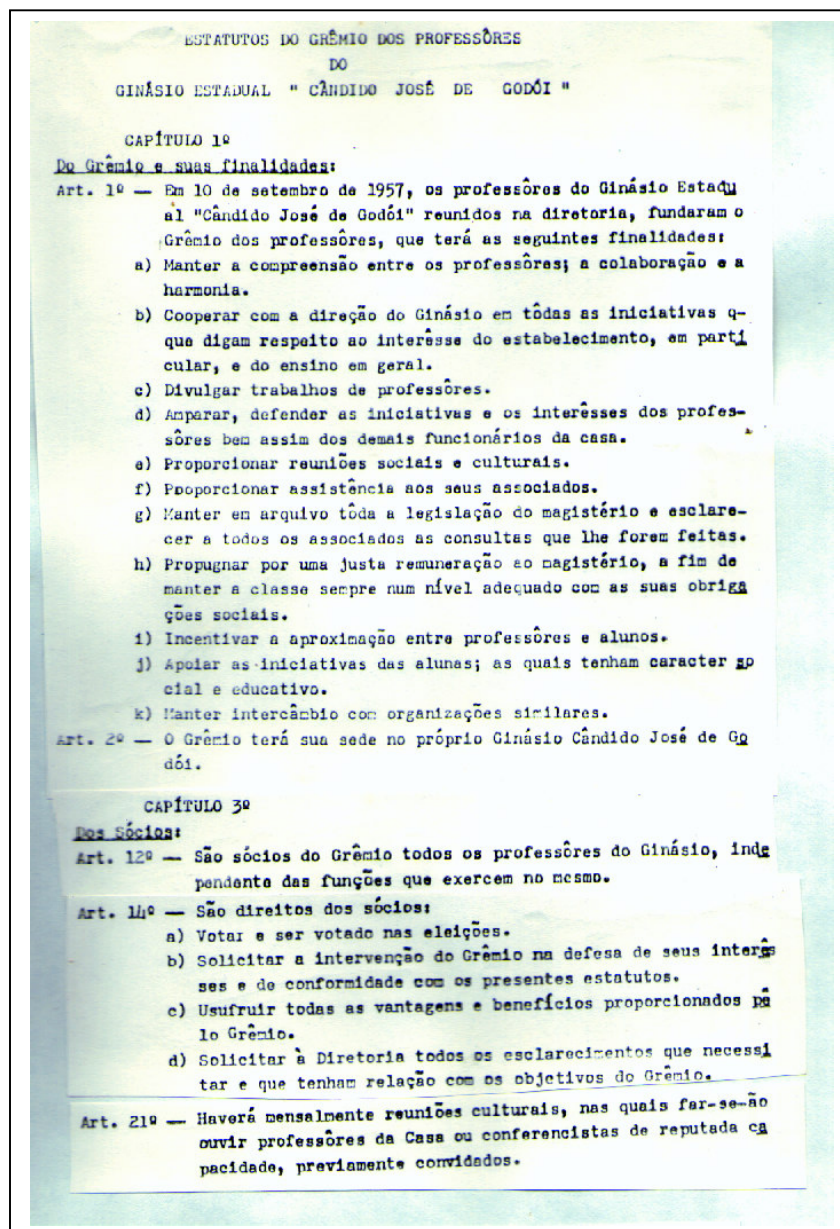
Maria Neith Osório (Presidente)
 Guilherme Stringari (Vice-presidente)
 Clotilde Ordovás Santos (1ª secretária)
 Leticia Weiss (2ª secretária)
 Reisle Urnis (1ª tesoureira)
 Maria Judith Sperb Ribeiro
 Maria Lina Pires
 Lizelda Cabral de Mello
 Hugo Ramirez (Orador)

Esteve ausente a profª Julieta Longo (2ª tesoureira)

Abriando a sessão a presidente pediu-nos a cooperação no sentido de que tudo se faça para o maior êxito do Grêmio, desejando, assim, corresponder à confiança dos colegas que lhe conferiram a honra e grande responsabilidade de dirigi-lo.

Fassou-se, a seguir, a efetuar a leitura e discussões dos estatutos para a devida aprovação ou reforma, com o fim de proceder-se ao registro do Grêmio.

Documento 03 - Parte da Ata n° 1 que abre o Livro n° 1, das Atas das reuniões do Grêmio dos Professores do Ginásio Estadual Cândido Godói.(23.06.1959)



Documento 04 – Primeiros artigos dos Estatutos do Grêmio dos Professores do Godói. Além dos objetivos de compreensão, colaboração e harmonia está registrada a luta por uma justa remuneração.

Ata nº 26

Nos onze dias do mês de março de mil novecentos e sessenta e quatro, às dezessis horas, no salão de festas do Ginásio da Paz, efetuada-se uma Assembleia Geral do Prêmio de Professores do Ginásio Estadual Cândido José de Godói com a presença do prof. Almir Duarte de Oliveira, presidente do Centro de Professores da Escola Técnica Parobé, especialmente convidado. Aberta a sessão pelo senhor presidente, prof. Guilherme Stimpfer, foi apresentado aos presentes o professor Almir P. Duarte que passou a falar sobre a sua Associação e a do Centro de Professores da Escola Técnica Parobé diante da situação dos professores contratados e em relação ao atraso de pagamento do magistério estadual. Com longos apêndices o professor Almir comentou detalhadamente os seus itens contidos num manifesto do "Centro de Professores da E. T. Parobé", pronunciando este, já publicado na imprensa falada e escrita. Após falou sobre a reunião a ser realizada dia 13, numa Assembleia Geral do magistério que decidirá a possibilidade de adesão de uma intervenção grevista de âmbito estadual, caso o Governo insistir em não atender as reivindicações dos docentes. Finalizou a exposição apelando aos professores presentes a unirem-se em torno de suas entidades. A seguir usou da palavra o professor Hugo Ramirez destacando em parte da exposição do professor Almir, julgou conveniente que fosse enviada à imprensa uma nota da presente assembleia. Nada mais havendo a tratar, foi encerrada a sessão da qual lavra-se ementa atá que passo a assinar.

Documento 05 – Penúltima Ata, anterior ao golpe de 1964. Prepara a greve de 17 de março de 1964. Esta greve é narrada na Ata nº 26. Reflete o clima que somente a Abertura Política após 1979 pôde reviver. (11.03.1964)

Ata n.º 2/70.

nos dias 16 e 17 de maio de 1970, às 19:30 horas, no Sala de Associação, reuniu-se o Grêmio dos Professores, tendo sido tratados os seguintes assuntos: a) moedas - a prof. Ressa Luis ficou encarregada de providenciar para o projeto das moedas; b) visitas aos docentes - estando presentes os profs. Maria de Barros e Ruth Vieira de Costa, discorreu-se sobre a visita de os profs. Helene e José Maria, respectivamente. Na ocasião, foram entregues a cada um um cartão de congratulação para o Sr. Hermann, tendo em vista o casamento de sua filha, Maria, ocorrido no mesmo dia; c) che de comemoração - comemoração e realização de um che de comemoração aos professores em 3/6/1970, às 17:15 horas, no salão com a Srta. Estela. Foi feita a indicação de proporcionar o novo che. Foi planejada para a ocasião uma pequena brincadeira, a fim de tornar a recepção mais agradável. Foram distribuídas as atribuições entre os componentes do Grêmio, segundo o sumário da festa; d) excursão - Duas excursões - Barão de São João - o Grêmio juntamente com os docentes em passeio à Bonifácia Lira, através de seus componentes, de sites interessantes de paisagens de terras altas os rios e encostas de pedregal.

sem mais a tratar, encerra-se a reunião.

Feita a leitura, 16/maio/1970.
Lida a ata.

Documento 06 – Ata que abre o segundo livro das atas das reuniões do Grêmio dos Professores do Colégio. Percebe-se os temas de entretenimento social eram predominantes.(16.05.1970)

Ata n. 2 - 1979

Em três dias do mês de abril de mil novecentos e setenta e nove, às dez horas reuniram-se numa das salas do Colégio Estadual Cândido José de Godói, por convocação do Grupo de Professores da Escola, os professores da Escola com o objetivo de esclarecimento de dúvidas e orientações sobre a Greve determinada pelo Conselho de Professores do Estado do Rio Grande do Sul. O Presidente do Grupo de Professores esteve em reunião no CPERG e trouxe a seguinte orientação: cada escola deveria escolher dois elementos por turno que não concordar o movimento e, além destes dois elementos, seria escolhido um elemento representante da Escola. A seguir a Diretora da Escola deu uma orientação sobre o ponto a ser assumido pelos professores. Esta orientação oficial seria dada pela SEC. Foi cobrada a posição da Direção respeitando a decisão dos professores de aderirem ou não a greve. Posteriormente a Presidente do Grupo de Professores sugeriu que os alunos fossem orientados para que melhor compreendessem o movimento da Greve. A Presidente do Grupo de Professores passou a palavra para o professor Paulo Lopes, o qual prestou esclarecimento sobre o Comando Geral de Greve.

Documento 07 – A segunda Ata de 0341979, após a Abertura Política. Retornam os temas de luta pela justiça e interação social depois do silêncio de 15 anos. Voltam em termos militares (.. 'elementos'..) e com muitas dúvidas. Ao mesmo tempo percebe-se no presente texto, a hora vespertina da assembléia que se aproxima mais do curso noturno, que é o mais numeroso na escola (03.04.1979)

COLEGAS!

Vivemos tempos difíceis em todos os sentidos e o momento carece da nossa participação, independente das ideologias que alimentam nossas cabeças.

Qualquer que sejam os conteúdos que impulsionam os movimentos revolucionários que pregam a reforma política e social, buscando a preservação da integridade dos indivíduos, é fundamental lembrar que na sua essência estamos nós - SERES HUMANOS. E como seres humanos, com direito à vida e à liberdade de pensar, falar e defender nossas pontos de vista.

Qualquer que sejam os motivos que nos lançam numa impasse, é imprescindível tomarmos uma posição diante de um acontecimento profundamente lamentável: a PRISÃO de nosso colega PAULO LOPES.

Não podemos ficar calados diante desse fato que, mais uma vez, atesta a fragilidade e a impotência das leis que nos protegem.

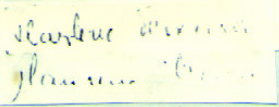
Mais do que nunca, é chegada a hora de pensarmos no coletivo, no homem como elemento básico para o desenvolvimento da sociedade - como ser participante e não como objeto de arbitrariedades.

Mais do que nunca, é chegada a hora de nos desarmarmos de qualquer egoísmo e dizermos não a essa total falta de respeito pelo homem, quando este luta ao lado dos que vivem oprimidos pelo sistema.

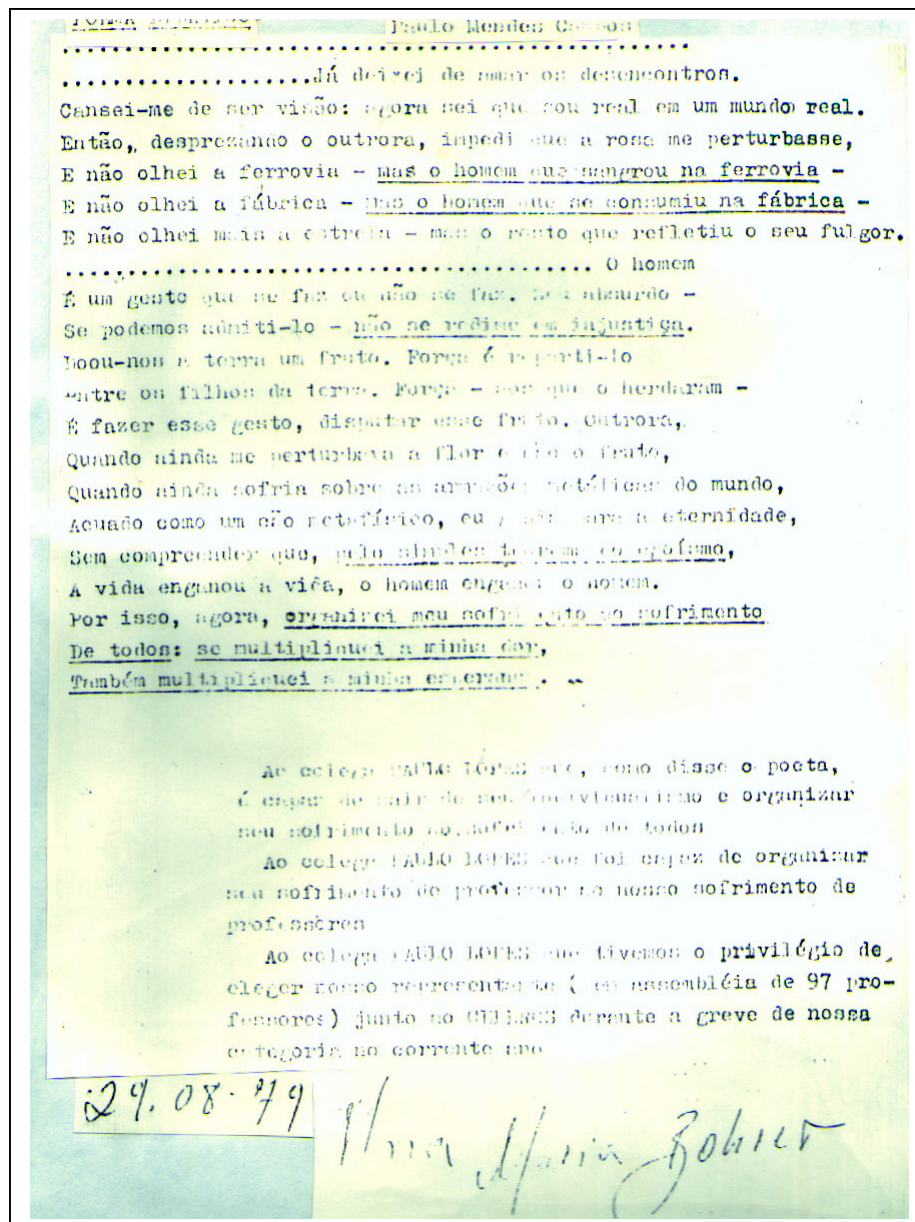
Não importa agora os rótulos que são lançados sobre ele.

O que importa é o sufoco que o levou a tudo isso.

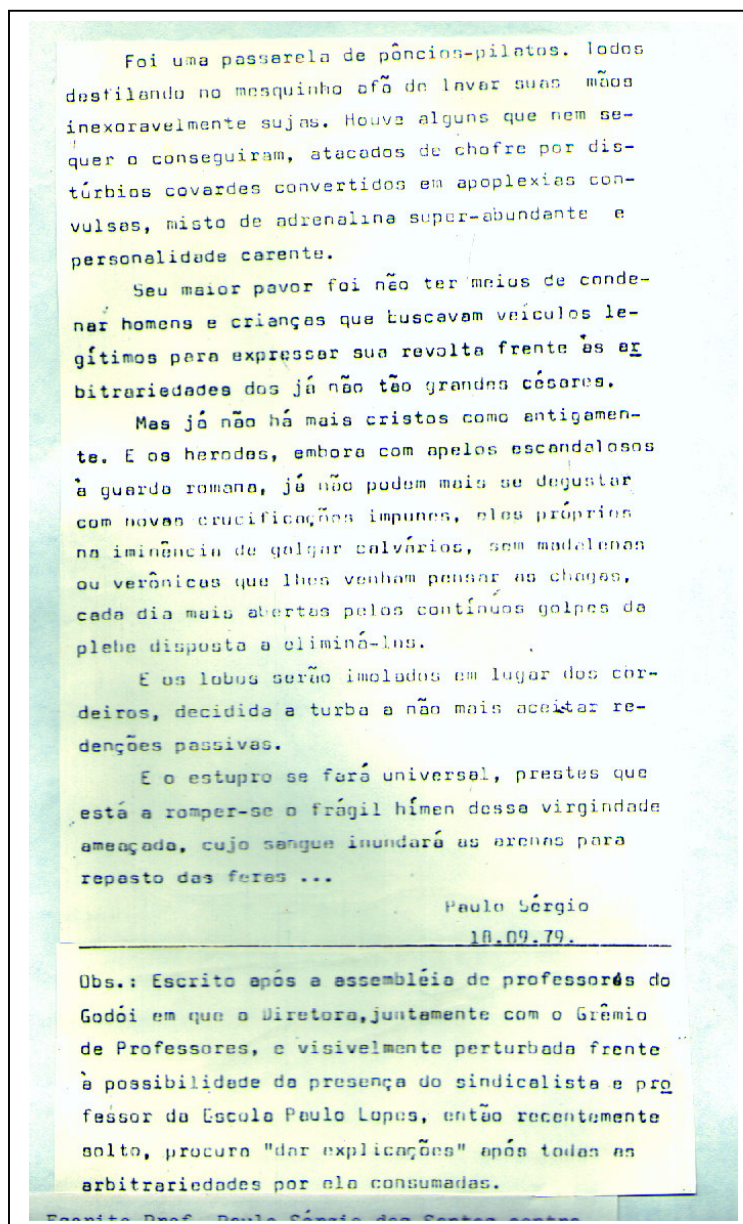
O que importa mais ainda é que é nosso colega - companheiro do dia a dia nos corredores desse colégio, uma pessoa cheia de fé e desprendimento - e está preso. INJUSTAMENTE!


 Porto Alegre, 23 de agosto de 1979.

Documento 08 – Posições públicas assumidas por duas professoras do Colégio Godói a favor de um movimento coletivo contrário à prisão do Prof. Paulo Lopes. (28.08.1979).




Documento 09 – Manifesto de repúdio a prisão do Prof. Paulo Lopes. (29.08.1979)



Documento 10 – Escrito Prof. Paulo Sérgio dos Santos contra a prisão do Prof. Paulo Lopes e que irá gerar uma série de poesias que serão julgadas ofensivas. (16.09.1979)

377


ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
MAA/SUA

AUTÊNTICO
José Maria de Souza
Chefe do Serviço de Comunicações SIA

33766 29.08.1980

PORTARIA

SECRETARIA DA ADMINISTRAÇÃO
UNIDADE DE REGISTRO FUNCIONAL
Nº 8955/80
Publicadas no Diário Oficial
de: 27 AGO 1980

O SECRETÁRIO DE ESTADO DE EDUCAÇÃO,
no uso de suas atribuições legais e de conformidade com os artigos 136 e 137 da Lei nº 6672/74, determina a instauração de Inquérito Administrativo, a fim de apurar irregularidades apontadas em processo nº 24423/80, referente a PAULO SERGIO SANTOS DOS SANTOS, matrícula nº 1152 7242, Professor Classe A, Nível 5, Triênio 2, Regime de 22 horas semanais, e Professor Classe A, Nível 5, Triênio 0, Regime de 22 horas semanais, matrícula nº 2152 7245, da 1ª DE - Porto Alegre, em exercício no Colégio Protásio Alves - Escola Estadual de 2º Grau, desta Capital.

RICARDO LEONIDAS INIBAS
Secretário de Educação
SECRETÁRIO DE EDUCAÇÃO

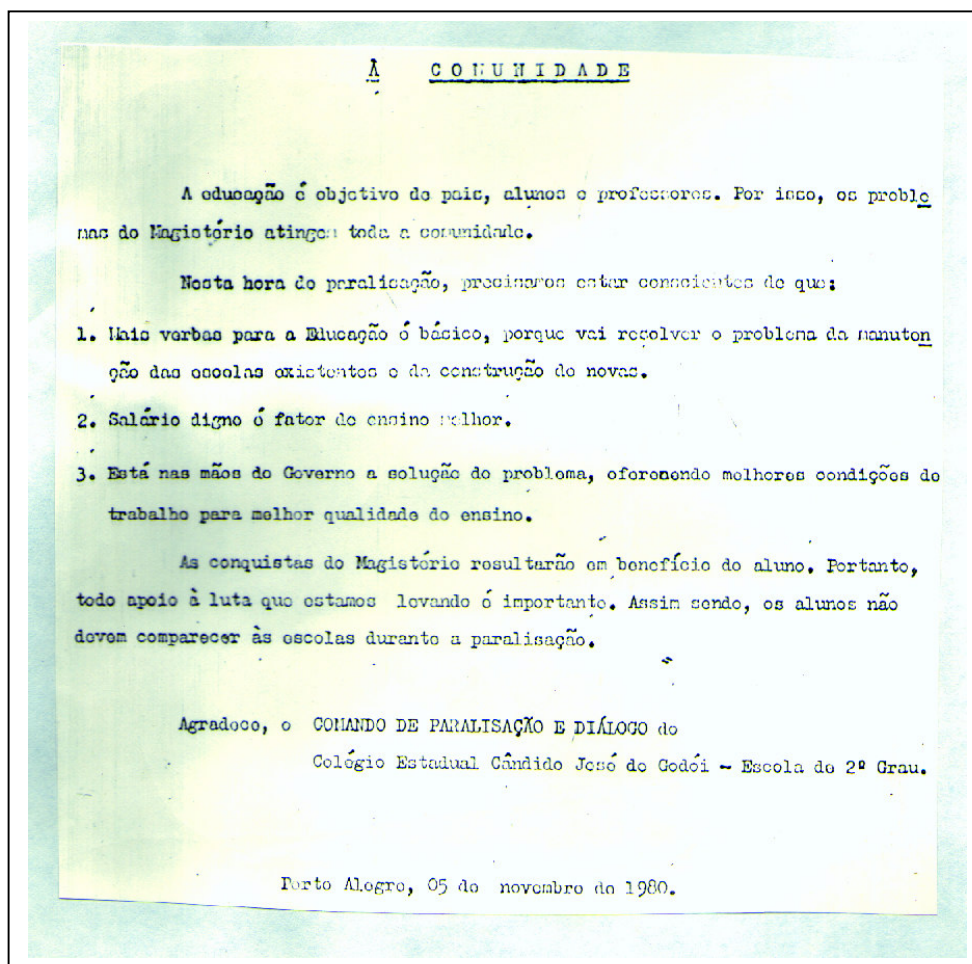
Registre-se e publique-se:

COORDENADOR DA UNIDADE DE REGISTRO
FUNCIONAL DA SECRETARIA DA ADMINISTRAÇÃO

ACA/1 Proc. nº 24423/80

11 - Portaria determinando a instauração de Inquérito

Documento 11 – Portaria determinando a instauração de Inquérito Administrativo contra o Prof. Paulo Sérgio dos Santos. (D. O 27.08.1980)



Documento 12 – Comunicação do comando de paralisação e diálogo do Colégio Godói emitida durante a greve de 1980. (05.11.1980)

MANIFESTO DE APOIO AO DIRETOR ELEITO SILVIO PAULO DANI

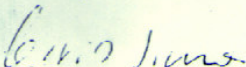
Uma das bandeiras de luta do magistério sempre foi a escolha do diretor de cada escola pelo seu corpo docente.


Em abril de 1983 o Colégio Cândido de Godói, assim como outras escolas, realizou uma assembléia geral para elaborar uma lista tríplice que foi submetida a apreciação do Governo do Estado para a escolha do novo diretor da escola.

Esta assembléia foi precedida pela apresentação e debate das plataformas de cada candidato de forma livre e democrática. Foi também decisão desta assembléia o apoio irrestrito dos professores e candidatos àquele que fosse escolhido pelo governo do estado, sendo que ninguém fora desta lista seria aceito.

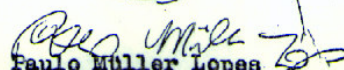
Estas decisões representaram uma conquista do magistério e, particularmente, dos professores do Colégio Estadual Cândido José de Godói. Nós, que concorremos à lista tríplice, assumimos junto com nossos colegas estas resoluções e defendemos firmemente a permanência do diretor eleito democraticamente e demitido de forma violenta e arbitrária.

Porto Alegre, 25 de setembro de 1984

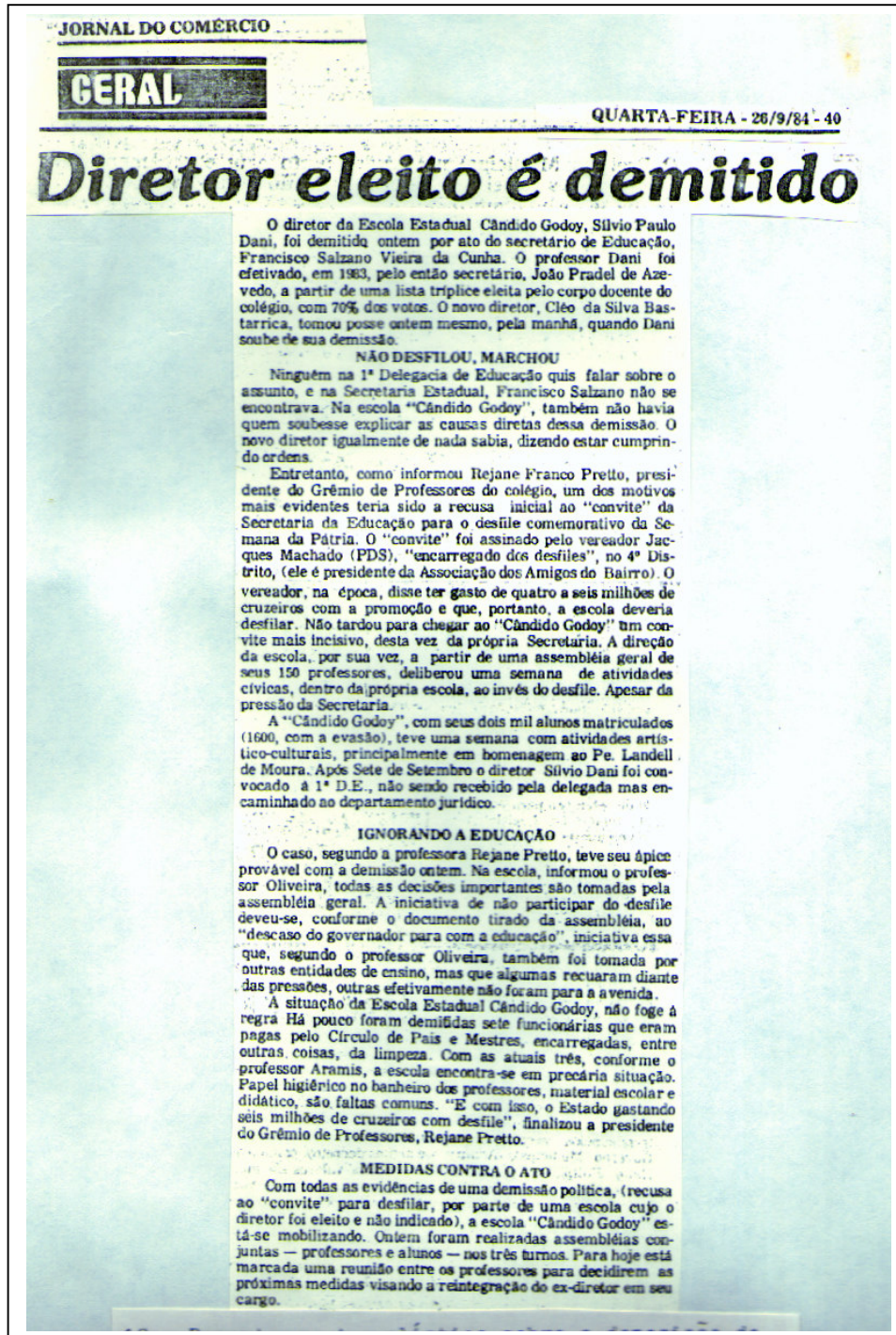

Círio Simon


Carlos Miguel G. de Macedo


Jorge Tadeu Nascimento Silveira


Paulo Müller Lopes

Documento 13 – Manifesto de apoio ao Prof. Sílvio Dani, dos outros candidatos a diretor durante o processo eletivo. (25.09.1984)



Documento 14 – Reportagem jornalística sobre a deposição do Diretor Sílvio Dani. Jornal do Comércio. (26.09.1984).



ENSINO

Alunos do Godói foram até a SEC em passeata

E Salzano reafirmou que o ex-diretor da escola não retornará

Depois de uma manifestação por cerca de três horas, em que grupos de 200 alunos e de 30 professores do Colégio Estadual Cândido José Godói cantaram o Hino Nacional e slogans contra a demissão do diretor Silvio Dani, em frente ao prédio da Secretaria da Educação e Cultura, conseguiram através da intervenção de três deputados do PMDB — Cezar Schirmer, Algir Lorenzon e Rospide Neto — que o secretário da Educação, Francisco Salzano Vieira da Cunha, recebesse uma comissão de sete alunos e sete professores. E depois de uma hora de debates, a comissão ouviu do secretário uma resposta categórica: "O diretor Silvio Dani não volta mais". E deram também uma resposta categórica: "Então os alunos não voltam mais às aulas".

Mas o diálogo, em alto nível, da comissão com o secretário registrou os motivos da demissão — "discordância do diretor com a Secretaria" — e da revolta dos alunos e professores — "ele agiu conforme determinação de assembleia de todos os professores". Na realidade, foi a defesa da posição adotada pelos professores de não participar da Parada da Mocidade o motivo mais forte, segundo o secretário deixou claro, da destituição de Silvio Dani. E depois de hora e meia de debate, os alunos arancaram do secretário apenas uma promessa de estudar a possibilidade de vir a ser escolhido um novo diretor através de votação dos alunos, pais e professores. Condição que colocam como alternativa ao não retorno de Silvio Dani.

Diálogo

No gabinete de Salzano Vieira da Cunha, depois da intermediação dos deputados do PMDB, enquanto pelas janelas ouviam-se os slogans cantados lá em baixo — Godói unido, jamais será vencido; Silvio sim, demissão não, e a entoação volta e meia do Hino Nacional — os alunos e professores de maneira extremamente educada mostraram




Carca de 200 estudan-
tes, com faixas e cartazes,
ficaram três horas na
frente da SEC, tempo
que durou a reunião no
gabinete do secretário
Salzano

suas posições ao secretário, que também calmo e descontraído mostrou sua posição. Em alguns dos trechos do diálogo as acusações de autoritarismo eram formuladas, mesmo de forma elegante.

O presidente do Centro dos Professores do Estado (Copers) Paulo Egon Wiederkehr, que acompanhou os professores do Cândido Godói antes que eles subissem até o gabinete do secretário, disse que a entidade repudia a "forma

autoritária e arbitrária com que foi executada a demissão do diretor Silvio Dani".

Mas mostrou maior contrariedade pelo fato da demissão ter ocorrido em pleno período letivo:

— O que lamentamos é que uma medida autoritária e arbitrária seja tomada durante o período letivo. Não sei se é despreparo ou incompetência. Agora os alunos estão desconformes e todo o processo educativo fica comprometido.

Documento 15a – Ato público dos alunos do Colégio Godói diante do edifício da Secretaria da Educação. Diálogo com o Senhor Secretário de Educação. (27.09.1984)

Jornal *Zero Hora*, Porto Alegre :RBS 29 de setembro de 1984

A PRÁTICA DEMOCRÁTICA na ESCOLA PÚBLICA ESTADUAL: estudo de caso da expressão das condições da prática democrática pelos professores do Colégio Estadual Cândido José de Godói – POA- RS – durante a Abertura Política Brasileira (1979-1985). Dissertação de Círio SIMON, defendida, na PUC-RS, no ano de 1986.



Documento 15b – Fotos do ato público dos alunos do Colégio Godói diante do edifício da Secretaria da Educação. Diálogo com o Senhor Secretário de Educação

Jornal *Zero Hora*, Porto Alegre :RBS 29 de setembro de 1984

ZERO HORA — Sexta-feira, 28.09.84 — PÁGINA 36



ENSINO

Os estudantes enviarão, hoje, um aerograma ao Governador, solicitando o retorno de Sílvio Dani



Professores e alunos estão em reunião constante para analisar a situação

Alunos do Godói pedirão a Jair a volta do ex-diretor

A paralisação das aulas no Colégio Estadual Cândido José de Godoy continua. A solução parece ainda distante, porque os alunos insistem pelo retorno do diretor demitido — Sílvio Dani — hipótese que o secretário da Educação e Cultura, Francisco Saizano Vieira da Cunha, descarta.

A mobilização dos alunos se mantém e, mesmo comparecendo à escola, não assistem aulas, permanecendo o tempo equivalente ao período discutindo a situação. Amanhã acontecerá uma assembléia geral dos alunos, às 14 horas, e ao que tudo indica decidirá pela volta às aulas apenas com o retorno do ex-diretor.

Os alunos do Cândido de Godoy estão enviando ao governador Jair Soares um aerograma pedindo a volta do diretor Sílvio Dani. Esta manhã, os alunos deverão fazer uma caminhada pelas ruas de Navegantes e São João, entre a escola e o Correio, para postar os aerogramas, o que será repetido à tarde. A sugestão surgiu ontem e só não foi executada pelos alunos porque não daria tempo de chegarem até a agência da ECT.

Desrespeito da Delegada

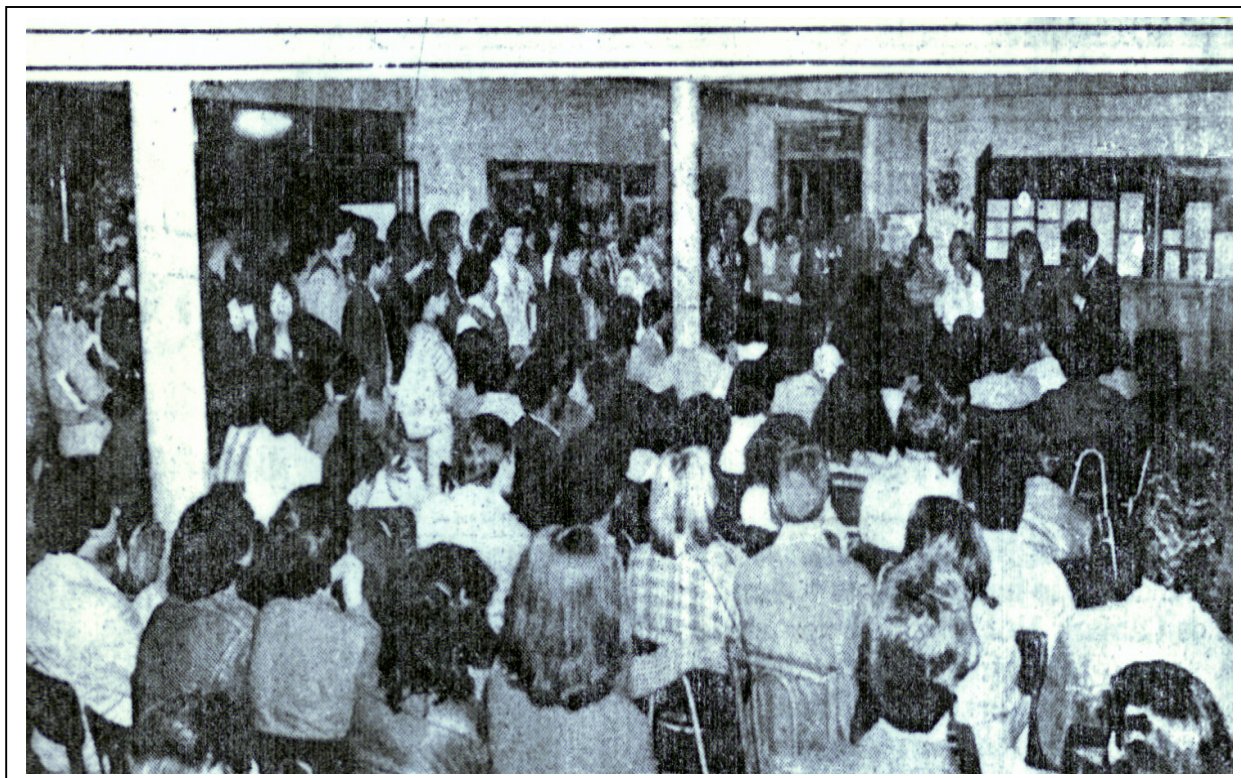
Uma equipe da 1ª Delegacia de Educação esteve ontem pela manhã na escola, mas terminou não obtendo nenhum resultado positivo. E — segundo diversos alunos — ainda complicou mais a situação. Os alunos reiteraram aos representantes da DE a disposição de não aceitar a demissão do diretor e principalmente a forma desrespeitosa como foi conduzido o processo pela delegada da 1ª DE.

A situação que está atravessando o Cândido de Godoy é inusitada. Há perfeita integração entre alunos, professores e funcionários pela volta do diretor demitido, que fora escolhido em eleição direta. Os professores, como os alunos, estão comparecendo à escola e permanecem disponíveis durante o turno, enquanto os estudantes ficam em reunião. Ontem à noite, como dispõem os estatutos da escola, os professores fizeram uma assembléia geral.

Alguns professores mais antigos lembram que nunca aconteceu um fato semelhante no Cândido de Godoy, uma escola que funciona há 28 anos no bairro Navegantes, recebendo cerca de dois mil alunos. E, o que todos garantem, é que a mobilização busca preservar a escola, que com Sílvio na direção vinha cumprindo suas finalidades com decisões coletivas no benefício de alunos, professores e funcionários.

O novo diretor, Cleo da Silva Bastarica, foi empossado pela delegada de Educação, mas, garantem alunos e professores, não assumiu as funções na escola, considerado um corpo estranho em seu contexto. Mas também garantem que a discussão vem se desenvolvendo em alto nível, sem qualquer atitude particular contra o novo diretor indicado, que entra tranquilamente pela escolha, mas não é reconhecido. Para alunos, professores e funcionários do Cândido José de Godoy, o diretor continua sendo Sílvio Paulo Dani.

Documento 16 – Relato das atividades durante a paralisação de repúdio a deposição do Prof. Sílvio Dani. (28.09.1984)



Documento 16b – Foto das atividades durante a paralisação de repúdio a deposição do Prof. Silvio Dani. Jornal Zero Hora, Porto Alegre: RBS, 28 de setembro de 1984

Excelentíssimo Sr. Secretário de Educação,
 Francisco, Salzano Vieira da Cunha:

Aqui estão alguns dados sobre nosso trabalho. É um trabalho honesto, e de bom nível. Temos, em nossa escola muitos professores pós graduados, que estão embeitados em melhorar, cada vez mais, o nível de ensino.

Estamos tomando a iniciativa ao esclarecimento. O diálogo, Sr. Secretário, anterior a toda esta triste situação, tem nos levado à luz.

Para Avalie.

Confiamos em nosso trabalho. Inteiramente.

Nosso diretor, Sílvio Paulo Dani, nos deu integral apoio e a eles devemos a possibilidade de termos podido criar. Gostaríamos de registrar que a 1ª DE esteve sempre ciente do nível de nosso trabalho. E temos de lamentar imensamente, não terem chegado à SEC estas informações que com toda a certeza evita-
 riam toda a situação.

Professores do Colégio Estadual Cândido José de Godói.

P. Alegre, 3 de Outubro de 1984.

Documento 17 – Carta de introdução do Dossiê entregue ao Sr. Secretário de Educação durante o episódio da deposição do Professor Sílvio Dani. (03.10.1984)



A comissão de professores chegou à tarde ao Godói e assumiu a direção

Comissão assumiu o Cândido de Godói

Quando a comissão central do Colégio Estadual Cândido de Godói levou ontem ao secretário de Educação e Cultura, Francisco Salzano Vieira da Cunha, a resposta da assembleia da comunidade escolar realizada quinta-feira à noite, informando que a proposta do secretário de designar uma comissão para dirigir a escola tinha sido rejeitada, ele já estava com a Portaria baixada, designando a comissão, composta por cinco professores.

A princípio, a presidente do grêmio de Professores da escola, Rejane Pretto, disse que a opção que defende para o colégio é a realização de uma nova eleição para escolher o diretor do Godói. Pessoalmente, ela não acredita que o secretário vá reconduzir o professor Sílvio Paulo Dani, afastado do cargo de diretor, há dias, motivo que ocasionou a paralisação do colégio. Desde então os alunos e professores realizam reuniões diárias nos três turnos e em várias ocasiões dialogaram com o secretário. Após a posse na direção do professor Cléo Bastarricca — que permaneceu três dias na escola — o secretário Salzano concordou e propôs a formação de uma comissão de três professores para dirigir o colégio e as negociações chegaram ao ápice.

O diálogo

Ontem pela manhã, porém, o secretário decidiu baixar uma portaria designando uma comissão, integrada por professores em exercício na SEC para dirigir a escola: "A Secretaria não podia deixar o colégio sem direção. A comissão vai dirigir a escola até que se encontre um denominador comum", justificou o secretário, em entrevista coletiva, na tarde de ontem. Ele ainda reafirmou a sua decisão inicial de manter afastado o diretor Sílvio Dani. E reafirmou que a SEC ofereceu alternativas de solução para a regularização das atividades escolares da escola, tendo mantido o diálogo até o momento com os representantes do Godói.

No entanto, Rejane Pretto acha que o diálogo foi interrompido, à medida que, o secretário nem perguntou a resposta da assembleia da comunidade escolar que não acatou a sugestão de ser formada uma comissão para dirigir o colégio.

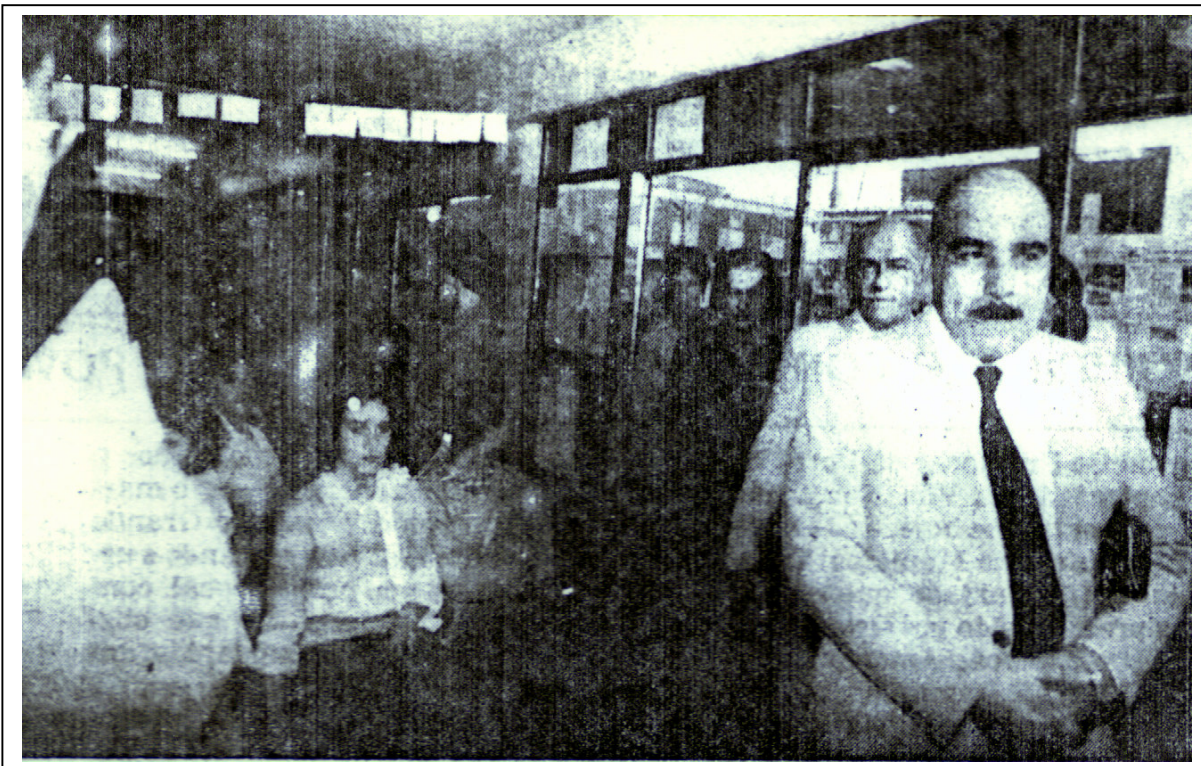
A comissão

O secretário, por sua vez, asseverou que o diretor estava divorciado da SEC. "Ele manifestou discordância com relação a assuntos administrativos e de ordem geral, quando 42 professores acatarem as sugestões da Secretaria", Salzano considera que o posto de diretor é de confiança, mesmo sendo eleito por lista tripartite, como foi o caso do professor Sílvio. O secretário lembrou que o nome de Sílvio foi referendado pelo secretário: "Portanto, está caracterizado que é cargo de confiança". Ele disse que não sabe ainda se permitirá que ocorram eleições para diretor do Godói, comentando que é a Comissão Mediadora que lhe trará propostas.

Zero Hora 06/10/1984

Documento 18a – Comissão que dirigiu o Colégio Godói e os argumentos do Secretário pelo afastamento do Prof. Sílvio Dani. (06.10.1984)

Jornal Zero Hora. Porto Alegre : RBS 06 de outubro de 1984



Documento 18b - Foto da Comissão que dirigiu o Colégio Godói. Argumentos do Secretário pelo afastamento do Prof. Sílvio Dani. **(06.10.1984)**

Jornal Zero Hora. Porto Alegre : RBS 06 de outubro de 1984

38º NÚCLEO DO CPERS CONVOCA

O Colégio foi invadido a partir do meio dia de ontem pela Polícia Civil.

Cerca de 15 policiais civis passaram a controlar a Escola: 4 faziam a identificação dos alunos na entrada, 3 faziam guarda a esses quatro e os demais circulavam ostensivamente por toda a escola.

A Asserbléia de alunos mais de 20 turmas que estava marcada para o Saguão, foi empurrada para uma sala com capacidade para 2 turmas.

No início da Asserbléia diversos alunos se queixaram de terem sido impedidos pelos policiais de saírem da escola!

Constata-se que o Comando de cinco interventores com plenos poderes colocados pelo Governo no Godói, está aplicando muito bem as lições de Brasília!

Tudo isso para reprimir a luta de professores, estudantes, pais e funcionários - com a solidariedade irrestrita de todas as forças democráticas - em defesa da eleição do diretor da Escola: Esse é o crime desta comunidade escolar: defender de forma exemplar e heróica, a democracia na escola! E esta é a maior e mais profunda aula já proporcionada nesta escola!

Por outro lado, esta comunidade escolar jamais esquecerá a repressão violenta imposta pelo Governo do Estado!

Mas essa violência não visa atingir somente a Escola Cândido José de Godói: É UM ATENTADO CONTRA TODO O MAGISTÉRIO, ESTUDANTES E MOVIMENTOS DEMOCRÁTICOS.

ATOS COMO ESTES NÃO PODEM, PORTANTO, PASSAR SEM O MAIS VEEMENTE REPÚDIO!

EM FACE DISSO O CPERS CONVOCA UM ATO DE REPÚDIO À ESSA INVASÃO POLICIAL DO GODÓI E CONCLAMA A TODAS AS FORÇAS DEMOCRÁTICAS, SINDICATOS, POLÍTICOS E POPULARES - A CONVOCAREM E COMPARECEREM!

DIA: 11/10/84 (5ª.feira)

HORA: 20h

LOCAL: CPERS - Av. Alberto Bins, 480 9º andar

Documento 19 – O 38º Núcleo do CPERS se manifesta sobre a invasão policial do Colégio Godói. (11.10.1984)

Greve no Godoy um exemplo de luta

A 25 de setembro, o professor Sílvio Dani, diretor eleito por maioria de votos dos professores do Colégio Estadual Cândido José de Godoy, foi afastado de seu cargo legítimo por ordem arbitrária da Secretaria de Educação do Estado. A partir daí, professores e alunos, passaram a enfrentar atitudes de pressão por parte de órgãos oficiais, por tentar ver cumprido o Acordo de 80, no que tange à eleição de diretores. Durante este tempo, é nomeado um interventor para ocupar o lugar do diretor afastado, sendo logo substituído por uma comissão composta por cinco interventores.

Após assembleia geral convocada pelo Grêmio de Professores, que contou com a participação de representantes do CPERS e ADEGRS, na manhã do dia 27, na parte da tarde, docentes e alunos, concentrados em frente à SEC, mantiveram audiência com o Secretário. O CPERS, durante todo o dia, e, inclusive na véspera, tentou uma audiência que não lhe foi concedida. Embora membros da diretoria estivessem presentes na concentração, inclusive seu presidente, Paulo Egon, não puderam tomar parte na reunião com Salzano. Desde primeiro contato, não surgiu nenhuma solução.

O movimento prossegue. Mais duas audiências são marcadas nos dias três e cinco. Desta última, resulta uma portaria, baixada pelo secretário Salzano, nomeando uma comissão de cinco professores para dirigir o Godoy e servir de mediadora entre a escola e a SEC. A comissão de interventores busca contato direto com a escola, ameaça os professores e tenta ganhar terreno via vice-diretores. No dia dez, são os alunos que sentem o controle austero da junta. Na entrada da escola, cinco policiais civis revistam todos aqueles que chegam. A imprensa documenta o fato, mas a notícia é boicotada.

Neste dia, duas assembleias aconteceram na escola. Pela manhã, os professores resolvem voltar à sala de aula e decidem por eleição de novo diretor até 07/11/84, através de lista triplíce. Na reunião dos alunos, que aconteceu na tarde do mesmo dia, a paralisação continua. Os estudantes só voltariam às aulas com a garantia, por escrito, de uma nova eleição. Professores continuam comparecendo ao colégio, mas respeitam a posição tomada pelos alunos de paralisação. A espera durou até o dia 16 quando o turno da noite decide exigir da junta interventora documento oficial, garantindo a eleição solicitada por toda a escola. Dois dias depois, 18 de outubro, os alunos retornam às aulas, pois um dia antes havia sido assinada, pelo secretário de educação, Francisco Salzano, a portaria que deliberava a professora Eleonor Harzheim, há onze anos na vice-direção da escola, a responder pela direção do Godoy. Vitoriosos, retornam, aguardando a eleição da lista triplíce no dia sete de novembro.

12-MAGISTER

MAGISTER

OUTUBRO/84 **Número 79**

Órgão Oficial do Centro dos Professores do Estado do Rio Grande do Sul (CPERS).
Endereço: Avenida Alberto Bins, 480 - Porto Alegre - RS - CEP 90.000.

Diretoria: Presidente: Paulo Egon Wiederkehr; 1º Vice-Presidente: Delmar Steffen; 2º Vice-Presidente: Odinal Bueno Gonçalves; 3º Vice-Presidente: Clóvis Carneiro de Oliveira; Secretário Geral: Antônio Renato Henriques; 1ª Secretária: Aida Molinos Pires; 2ª Secretária: Lourdes Solange Camargo Faria; 3ª Secretária: Maria Saralva Barbosa; Tesoureiro Geral: Nery Knack; 1ª Tesoureira: Diva Concelção Adam e 2ª Tesoureira: Glacy Canary.

Coordenação: Antônio Renato Henriques; Coordenadora Adjunta: Lourdes Solange Camargo Faria; Redação, reportagem, revisão e edição: Jacira Cabral da Silveira e Rejane Salete Salvi; Colaboração: Mário Cesar Santarem de Oliveira; Diagramação: Marcos Antonio Strey (fone 36-2599); Ilustração: Jaca (fone 33-9471); Charge: Iotti; Fotos: Carlos (fone 25-1775); Jornalista responsável: Jacira Cabral da Silveira (reg. prof. 5375); Nº de páginas 12 - tiragem dessa edição: 50.000 exemplares; Composição, fotolito, impressão e montagem: Empresa Jornalística Pioneiro S.A. - Caxias do Sul RS; Distribuição gratuita entre os sócios da entidade.

Documento 20 – Repercussão do caso Sílvio Dani e posições do Colégio Godói no órgão de imprensa da classe. (.10.1984)

Arquivo ideológico

A existência de um arquivo com fichas ideológicas de alunos e professores da Universidade de São Paulo, durante o regime militar, era desconhecida pelo atual reitor José G Goldemberg antes que ele assumisse o cargo, no início deste ano. Segundo Goldemberg — que pediu a abertura de inquérito quando soube da incineração deste arquivo pouco antes da sua posse — a interferência dos serviços de informação na USP sempre foi notória nesse período, mas ele não tinha idéia de que fosse tão sistematizada.

O fichário, com dados sobre a posição política de alunos e professores da USP, era alimentado por diversos órgãos de informação e ficava no gabinete da Reitoria. Para Goldemberg, a preservação dos papéis teria contribuído para esclarecer as relações entre a Universidade e os agentes da repressão.

“Além do seu interesse histórico, esses documentos poderiam ajudar a entender e reparar injustiças cometidas contra professores que tiveram o seu ingresso na Universidade barrado por motivos políticos”, observou o reitor.

ZERO HORA — Domingo, 17.08.86 — PÁGINA 22

Documento 21 – O caso USP in Zero Hora Porto Alegre ; RBS. 24/08/1986 p. 22 – Se este controle e poder foi exercido sobre os “grandes” o que não foi feito com os “pequenos”, como o caso do Colégio Godói? (17.08.1986)



Documento 22 – O caso do Instituto Manguinhos por SILVA, Hélio *Feridas ainda abertas* in Zero Hora Porto Alegre ; RBS. 24/08/1986 p. 04 . (24.08.1986)



Documento 23 – Incidentes posteriores à dissertação. Novo incidente com uma nomeação arbitrária de um diretor, não eleito, para o Colégio Cândido Godói . (21.12.1991)

Jornal *Correio do Povo*. Porto Alegre : C^{ia} Caldas Júnior, ano 96, n^o. 82, 21 de dezembro de 1991, fl. 03

9.5 – TRANSCRIÇÃO dos DOCUMENTOS DIGITALIZADOS.

Documento 01 – Comunicação dos resultados da eleição da diretoria provisória do Grêmio dos Professores do Ginásio Estadual Cândido José de Godói. A comunicação é de 7 de outubro de 1957.....

LAETICIA W. WEISS
 GUILHERME STRINGARI
 DJALMA SANDES
 M^a HELENA SANTOS ROCHA
 ESTHER SILVA

Comunico aos professores que foram eleitos os colegas cujos nomes estão no alto desta página. Para integrar s diretoria provisória do Grêmio de Professores do Ginásio Estadual “*1º de Maio*”. Declaro a diretoria empossada e convoco uma reunião da mesma para 5^a feira, dia 10 as 15,20 hs a fim de tratarmos dos estatutos.

7 de outubro de 1957

M. M. Santos Rocha – Dir

Nota –Votaram 26 professores, cabendo à chapa vencedora 21 votos.

M. M.

Documento 02 - Lista dos eleitores da chapa vencedora no dia 07 de outubro de 1957. São os professores fundadores do Colégio Godói.

Thereza Mendes Corrêa
 Maria Neith Silveira Osório.
 Sarita Stumm
Ilegível
 Ester Silva
 Ruth Meira
 Heloisa Vasconcello
 Dinah *Ilegível*
Ilegível
 M. M. Santos Rocha
 Julieta Longo
 Jane Dick Jantzen
 Gizelda Cabral de Mello
 Maria Deria ^a Pires
 Myriam Cando Dollaraino
 Cecília Zingano do Amaral
 M. Judith S. Ribeiro
 Hertha d. Sandes.
 Lydia Schifino
 Nair Beltrão
 Maria Meirelles

Documento 03 - Parte da Ata n° 1, que abre o Livro n° 1, das Atas das reuniões do Grêmio dos Professores do Ginásio Estadual Cândido Godói.....

Ata n° 1

Aos 23 dias de junho de 1959, numa das salas do Ginásio da Paz, onde funciona o Ginásio Estadual “Cândido José de Godói”, “a rua Sertório n° 385 efetuou-se a 1ª reunião da diretoria do Grêmio dos Professores” do referido ginásio, eleita a de junho do corrente ano.

Achavam-se presentes os seguintes membros:

Maria Neith Osório (Presidente)

Guilherme Stringari (Vice-presidente)

Clodilde Ordovás Santos (1ª secretária)

Laeticia Weiss (2ª secretária)

Reisla Unis (1ª tesoureira)

Maria Judith Sperb Ribeiro

Maria Dina Pires.

Gizelda Cabral de Mello.

Hugo Ramirez (Orador).

Estava ausente a profª Julieta Longo (2ª tesoureira)

Abrindo a sessão a presidente pediu-nos a cooperação no sentido de que tudo se faça para o maior êxito de Grêmio, desejando, assim, corresponder à confiança dos colegas que lhe confiaram a honra e grande responsabilidade de dirigí-lo.

Passou-se a seguir, a efetivar a leitura e discussão dos estatutos para a devida aprovação ou reforma, como o fim de proceder-se ao registro do Grêmio.

Documento 04 – Primeiros artigos dos Estatutos do Grêmio dos Professores do Godói. Além dos objetivos de compreensão, de colaboração e de harmonia está registrada a luta por uma justa remuneração.

**ESTATAUTOS DO GRÊMIO DOS PROFESSORES
DO
GINÁSIO ESTADUAL “CÂNDIDO JOSÉ DE GODÓI”**

CAPÍTULO 1º

Do Grêmio e suas finalidades:

Art. 1º - Em 10 de setembro de 1957, os professores do Ginásio Estadual “Cândido José de Godói” reunidos na diretoria, fundaram o Grêmio dos professores, que terá as seguintes finalidades:

- a) Manter a compreensão entre os professores, a compreensão e a harmonia;
- b) Cooperar com a direção do Ginásio em todas as iniciativas que digam respeito ao interesse do estabelecimento, em particular, e do ensino em geral;
- c) Divulgar trabalhos de professores;
- d) Amparar, defender as iniciativas e os interesses dos professores bem assim dos demais funcionários da casa;
- e) Propiciar assistência aos seus associados;
- f) Proporcionar assistência aos seus associados;
- g) Manter em arquivo toda legislação do magistério e esclarecer a todos os associados as consultas que lhe forem feitas;
- h) Propugnar por uma justa remuneração ao magistério, a fim de manter as classes sempre num nível adequado com as suas obrigações sociais.
- i) Incentivar a aproximação entre professores e alunos;
- j) Apoiar as iniciativas das alunas; as quais tenham carácter social e educativo;
- k) Manter intercâmbio com organizações similares.

Art. 2º - O Grêmio terá sua sede no próprio Ginásio Cândido José de Godói

CAPÍTULO 3º

Art. 12º - São sócios do Grêmio todos os professores do Ginásio, independente das funções que exercem no mesmo;

Art. 14º - São direitos dos sócios:

- a) Votar e ser votado nas eleições;
- b) Solicitar a intervenção do Grêmio na defesa de seus interesses e de conformidade com o presente estatuto;
- c) Usufruir todas as vantagens e benefícios proporcionados pelo Grêmio;
- d) Solicitar à diretoria todos os esclarecimentos que necessitar e que tenham relação com os objetivos do Grêmio.

Art. 21º - Haverá mensalmente reuniões culturais, nas quais far-se-ão ouvir professores da Casa ou conferencistas de reputada capacidade, previamente convidados.

Documento 05 – Penúltima Ata, anterior ao golpe de 1964. Prepara a greve de 17 de março de 1964. Esta greve é narrada na Ata n° 26. Reflete o clima que somente a Abertura Política após 1979 pôde reviver.

Ata n° 25

Aos onze dias do mês de março de mil novecentos e sessenta e quatro, de dezesseis horas, no salão de festas do Ginásio da Paz, efetuou-se uma Assembléia Geral do Grêmio de Professores do Ginásio Estadual Cândido José de Godói com a presença do prof. Almir Duarte de Oliveira, presidente do Centro de Professores da Escola Técnica Parobé, especialmente convidado. Aberta a sessão pelo senhor presidente prof. Guilherme Stringari, foi apresentado aos presentes o professor Almir D. Oliveira que passou a falar sobre a sua posição e a do Centro de Professores da Escola Técnica Parobé diante da intenção dos professores contratados e em relação ao atraso de pagamento do magistério estadual. Com longa exposição o professor Almir comentou detalhadamente os seis itens contidos num manifesto do “Centro de Professores da E. T. Parobé”, pronunciamento este já publicado na Imprensa falada e escrita. Após falar sobre a reunião a ser realizada dia 13, uma Assembléia Geral do Magistério que decidirá a possibilidade da eclosão de um movimento grevista de âmbito estadual, caso o Governo inista em não atender as reivindicações dos mestres. Finalizou a exposição apelando aos professores presentes a unirem-se em torno de suas entidades. A seguir usou a palavra o professor Hugo Ramirez, que discordando em parte da exposição do professor Almir, julgou conveniente fosse enviado a Imprensa uma nota da presente assembléia.

Nada mais havendo a tratar, foi encerrada a sessão da qual lavrei a presente ata que passo a assinar

Documento 06 – Ata que abre o segundo livro das atas das reuniões do Grêmio dos Professores do Colégio. Percebe-se a predominância dos temas de entretenimento social

Ata nº 2/70

Aos dezesseis dias (16) do mês de maio de mil novecentos e setenta (1970). As nove e trinta (9.30) horas, na Sala de Assistências, reuniu-se o Grêmio de Professores, tendo sido tratados os seguintes assuntos a) móveis – a prof. Reislá Unis ficou encarregada de providenciar sobre o projeto dos mesmos; b) visitas aos doentes – estando doentes as profas. Maria do Carmo e Ruth Vieira d Costa, ficaram de visitá-las as profas. Heloisa e profa Mirna, respectivamente. Na ocasião, ficou o envio de uma carta de congratulações para o prof. Hermann. Tendo em vista o nascimento da sua filhinha Nara, ocorrido há poucos dias; c) chá de confraternização - ficou determinada a realização de um chá d confraternização aos profs novos, em 3/6/1970, às 17:15 horas, que os reunirá com a Direção Este chá terá a finalidade de recepcionar os novos colegas. Foi planejada para a ocasião uma pequena brincadeira, a fim de tornara a recepção mais acolhedora. Foram distribuídas as atribuições entre os componente do Grêmio, visando o sucesso da festa; d) excursão – Buenos Aires e Bariloche – o Grêmio pretende proporcionara aos professores um passeio à Bariloche Ficou, através dos seus componentes, de obter informações de companhias de turismo sobre os preços e condições de pagamento.

Sem mais a tratar, encerrou-se a reunião
Porto Alegre, 16/maio/1970

Documento 07 – A segunda Ata de 03/4/1979, após a Abertura Política. Voltam os temas de luta pela justiça e interação social depois do silêncio de 15 anos. Voltam em termos militares (elemento..) e com muitas dúvidas Ao mesmo tempo percebe-se a hora da assembléia mais próxima do curso noturno que, na época, é mais numeroso

Ata nº 2 - 1979

Aos três dias do mês de abril de mil novecentos e setenta e nove, às dezoito horas, reuniram-se numa das salas do Colégio Cândido José de Godói, por convocação do Grêmio de Professores da Escola os professores da Escola com o objetivo de esclarecimento de dúvidas e orientação sôbre a Greve determinada pelo Centro de Professores do Estado do Rio Grande do Sul. A presidente do Grêmio de Professores esteve em reunião no CPERGS e trouxe a seguinte orientação : cada escola deverá escolher dois elementos por turno que vão coordenar o movimento e além destes seis elementos será escolhido um elemento representante da Escola. A seguir a DIRETORA DA Escola deu uma orientação sobre o ponto a ser assinado pelos professores. Esta orientação oficial será da pela SEC. Foi cobrada a posição da Direção respeitando a decisão dos professores de aderirem ou não à greve. Posteriormente a Presidente do Grêmio de Professores sugeriu que os alunos fossem orientados para que melhor compreendessem o movimento da Greve. O Presidente do Grêmio de Professores passou a palavra para o professor Paulo Lopes, o qual prestou esclarecimento sobre o Comando Geral da Greve.

.....

Documento 08 – Posições públicas assumidas por duas professoras do Colégio Godói a favor de um movimento coletivo contrário à prisão do Prof. Paulo Lopes

COLEGAS !

Vivemos tempos difíceis em todos os sentidos e o momento carece de nossa participação, independente das ideologias que alimentam as nossas cabeças.

Qualquer que sejam os conteúdos que impulsionam os movimentos revolucionários que pregam reforma política e social, buscando a preservação da integridade dos indivíduos, é fundamental lembrara que em essência estamos nós – SERES HUMANOS. E como seres humanos, com direito à vida e à liberdade de pensar, falar e defender nossos pontos de vista.

Qualquer que sejam os motivos que nos lançam neste impasse, é imprescindível tomarmos uma posição diante de um acontecimento profundamente lamentável: a PRISÃO do nosso colega PAULO LOPES.

Não podemos ficar calados diante deste fato que, mais uma vez, atesta a fragilidade e a impotência das leis que nos protegem.

Mas do que nunca, é chegada a hora de pensarmos no coletivo, no homem como elemento básico para o desenvolvimento da mocidade - como ser participante e não como objeto de arbitrariedades.

Mais do nunca, é chegada a hora de nos despirmos de qualquer egoísmo e dizermos não a essa total falta de respeito pelo homem, quando esta luta ao lados dos que vivem oprimidos pelo sistema.

Não importa agora os rótulos que são lançados sobre ele.

O que importa é o sufoco que o levou a tudo isto.

O que importa mais ainda é que o nosso colega – companheiro do dia a dia nos corredores desse colégio, uma pessoa cheia de fé e desprendimento – e esta preso INJUSTAMENTE

Porto Alegre, 28 de agosto de 1979

Marlene Teixeira

Maureen Corrêa

Documento 09 – Manifesto de repúdio a prisão do Prof. Paulo Lopes

POEMA DIDÁTICO

Paulo Mendes Campos

.....Já deixei de amar os
desencontros

Cansei de ser visão: agora ei que sou real em um mundo real.
Então, desprezando o outrora, impedi que a rosa me perturbasse,
E não olhei a ferrovia – mas o homem que sangrou na ferrovia –
E não olhei a fábrica – mas o homem que se consumiu na fábrica –
E não olhei mais a estrela – mas o rosto que refletiu o seu fulgor.

.....O homem
É um gesto que se faz ou não se faz, seu absurdo –
Se podemos admiti-lo – não se redime em injustiça
Doou-nos a terra um fruto. Força é reparti-lo
Entre os filhos da terra. Força – Aos que o herdaram –
E fazer este gesto, disputar este fruto. Outrora,
quando ainda sofria sobre as armações metálicas do mundo,
Acuando como um cão metafísico, eu ardi para a eternidade
Sem compreender que, pelo simples teorema do egoísmo,
A vida enganou a vida, o homem enganou o homem.
Por isso, agora, organizei meu sofrimento no sofrimento
De todos: se multipliquei a minha dor,
também multipliquei minha esperança.

Ao colega Paulo Lopes, como disse o poeta,
é capaz de sair do seu individualismo e organizar
seu sofrimento no sofrimento de todos

Ao colega Paulo Lopes que foi capaz de organizar
seu sofrimento de professor no nosso sofrimento de
professores

Ao colega Paulo Lopes que tivemos o privilégio de
Eleger nosso representante (em assembléia de 97 pro-
fessores) junto ao CEPERGS durante a greve de nossa
categoria no corrente ano.

29.08.79

Documento 10 – Escrito Prof. Paulo Sérgio dos Santos contra a prisão do Prof. Paulo Lopes e que irá gerar uma série de poesias que serão julgadas ofensivas

Foi uma passarela de pôncio-pilatos. Todos desfilando no mesquinho afã de lavara suas mãos inexoravelmente sujas. Houve alguns que nem sequer o conseguiram, atacados de chofre por distúrbios covardes convertidos em apoplexias convulsas, misto de adrenalina super-abundante e personalismo carente.

Seu maior pavor foi não ter meios de condenar homens e crianças que buscavam veículos legítimos para expressar sua revolta frente às arbitrariedades dos que já não tão grandes céсарs.

Mas já não há mais cristos como antigamente. E os herodes, embora com apelos escandalosos à guarda-romana, já não podem mais se degustara com novas crucificações impunes, eles próprios na iminência de galgar calvários, sem madalenas ou verônicas que lhes venham pensar as chagas, cada dia mais abertas pelos contínuos golpes da plebe disposta a eliminá-los.

E os lobos serão imolados em lugar dos cordeiros, decidida a turba a não mais aceitar redenções passivas.

E o estupro se fará universal, prestes que está a romper-se o frágil hímen dessa virgindade ameaçada, cujo sangue inundará as arenas para repasto das feras.....

Paulo Sérgio

18.09.79

Obs: Escrito após a assembléia de professores do Godói em que a Diretora, juntamente como o Grêmio de Professores, e visivelmente perturbada frente à possibilidade da presença do sindicalista e professor da Escola, Paulo Lopes, então recentemente solto, procura “dar explicação” após todas as arbitrariedades por ela consumadas.

Documento 11 – Portaria determinando a instauração de Inquérito Administrativo contra o Prof. Paulo Sérgio dos Santos **.(D. O: 27.08.1980)..**

ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
NAA/SUA
P O R T A R I A

O SECRETÁRIO DE ESTADO DE EDUCAÇÃO, no uso de suas atribuições legais e de conformidade com os artigos 136 e 137 da Lei nº 6672/74, determina a instauração de Inquérito Administrativo, a fim de apurar irregularidades apontadas em processo nº 24423/80, referente a PAULO SERGIO SANTOS DOS SANTOS, matrícula nº 1152 7242, Professor Classe A, Nível 5, Triênio 2, Regime de 22 horas semanais, , Professor Classe A, Nível 5, Triênio 0, Regime de 22 horas semanais, matrícula nº 2152 7245, da 1ª DE – Porto Alegre, em exercício no Colégio Protásio Alves – Escola Estadual de 2º Grau, desta capital.

RICARDO LEONIDAS RIBAS
Secretário da Educação

Registre-se e publique-se
COORDENADOR DA UNIDADE DE REGISTRO
FUNCIONLA DA SECRETARIA DA ADMINISTRAÇÃO

ACA/I Proc. N° 24423/80

Documento 12 – Comunicação do comando de paralisação e diálogo do Colégio Godói emitida durante a greve de 1980.

À COMUNIDADE.

A educação é objetivo dos pais, alunos e professores. Por isso, o problemas do Magistério atingem toda a comunidade.

Nesta hora de paralisação, precisamos estar conscientes de que

1. Mais verbas para a Educação é básica, porque vai resolver o problema da manutenção das escolas existentes e de construção de novas
2. Salário digno é fator de ensino melhor.
3. Está nas mãos do governo a solução do problema, oferecendo melhores condições de trabalho para melhor qualidade de ensino.

As conquistas do Magistério resultarão em benefício do aluno. Portanto, todo apoio à luta que estamos levando é importante. Assim sendo, os alunos não devem comparecer às aulas durante a paralisação.

Agradece, o COMANDO DE PARALISAÇÃO E DIÁLOGO do Colégio Estadual Cândido José de Godói – Escola de 2º Grau.

Porto Alegre, 05 de novembro de 1980

Documento 13 – – Manifesto de apoio ao Prof. Sílvio Dani, dos outros candidatos a diretor durante o processo eletivo.(25.09.198)

MANIFESTO DE APOIO AO DIRETOR ELEITO SILVIO DANI

Uma das bandeiras de luta do magistério sempre foi a escolha do diretor de cada escola pelo seu corpo docente.

Em abril de 1983 o Colégio Cândido de Godói, assim como outras escolas, realizou uma assembléia geral para elaborar uma lista tríplice que foi submetida a apreciação do Governo do Estado para a escolha do novo diretor da escola.

Esta assembléia foi precedida pela apresentação e debate das plataformas de cada candidato de forma livre e democrática. Foi também decisão desta assembléia o apoio irrestrito dos professores e candidatos àquele que fosse escolhido pelo governo do estado, sendo que ninguém fora desta lista seria aceito.

Estas decisões representaram uma conquista do magistério e, particularmente, dos professores do Colégio Estadual Cândido José de Godói. Nós, que concorremos à lista tríplice, assumimos junto com nossos colegas estas resoluções e defendemos firmemente a permanência do diretor eleito democraticamente e demitido de forma violenta e arbitrária.

Porto Alegre, 25 de setembro de 1984

Assinaram

Círio Simon

Jorge Tadeu Nascimento Silveira

Carlos Miguel G. de Macedo.

Paulo Müller Lopes

Documento 14 Reportagem jornalística sobre a deposição do Diretor Sílvio Dani.
(26.09.1984)

Jornal do Comércio

GERAL

Quarta-feira – 26/9/84 – p. 40

Diretor eleito é demitido.

O diretor da Escola Estadual Cândido Godoy, Sílvio Paulo Dani, foi demitido ontem por ato do secretário de Educação, Francisco Salzano Vieira da Cunha. O professor Dani foi efetivado, em 1983, pelo então secretário João Pradel de Azevedo, a partir de uma lista tríplice eleita pelo corpo docente do colégio com 70% dos votos. O novo diretor, Cléo da Silva Bastarrica, tomou posse ontem mesmo, pela manhã, quando Dani soube de sua demissão

NÃO DESFILOU, MARCHOU.

Ninguém na 1ª Delegacia de Educação quis falar sobre o assunto e na Secretaria Estadual, Francisco Salzano não se encontrava. Na escola “Cândido Godoy”, também não havia quem soubesse explicar as causas diretas dessa demissão. O novo diretor igualmente de nada sabia, dizendo estar cumprindo ordens.

Entretanto, como informou Rejane Franco Pretto, presidente do Grêmio de Professores do colégio, um dos motivos mais evidentes teria sido a recusa inicial ao “convite” da Secretaria da Educação para o desfile comemorativo da Semana da Pátria. O “convite” foi assinado pelo vereador Jacques Machado (PDS), encarregado dos desfiles”, no 4º Distrito (ele é presidente da Associação dos Amigos do Bairro). O vereador, na época, disse ter gasto de quatro a seis milhões de cruzeiros com a promoção e que, portanto, a escola deveria desfilar. Não tardou para chegar ao “Cândido Godoy” um convite mais incisivo, desta vez da própria Secretaria. A direção da escola, por sua vez, a partir de uma assembléia geral de seus 150 professores, deliberou uma semana de atividades cívicas, dentro da própria escola, ao invés do desfile. Apesar da pressão da Secretaria.

A “Cândido Godoy”, com seus dois mil alunos matriculados (1600, com a evasão), teve uma semana com atividades artístico-culturais, principalmente em homenagem ao Pe. Landell de Moura. Após Sete de Setembro o diretor Sílvio Dani foi convocado à 1ª D.E., não sendo recebido ela delegada mas encaminhado ao departamento jurídico.

IGNORANDO A EDUCAÇÃO

O caso, segundo a professor Rejane Pretto, teve seu ápice provável com a demissão ontem. Na escola, informou o professor Oliveira, todas as decisões importantes são tomadas pela assembléia geral. A iniciativa de não participar do desfile deveu-se, conforme o documento tirado da assembléia, ao “descaso do governador com a educação”, iniciativa essa segundo o professor Oliveira, também foi tomada por outras entidades de ensino, mas que algumas recuaram diante de pressões, outras efetivamente não foram para avenida.

A situação da Escola Estadual Cândido Godoy, não foge à regra. Há pouco foram demitidos sete funcionárias que eram pagas pelo Círculo de Pais e Mestres, encarregadas, entre outras coisas, da limpeza. Com as atuais três, conforme o professor Aramis, a escola encontra-se em precária situação. Papel higiênico no banheiro dos professores, material escolar e didático, são faltas comuns. “E como isso, o Estado gastando seis milhões de cruzeiros com desfile”, finalizou a presidente do Grêmio de Professores, Rejane Pretto.

MEDIDAS CONTRA O ATO

Com todas as evidências de uma demissão política, (recusa ao “convite” para desfilar, por parte de uma escola cujo o diretor foi eleito e não indicado), a escola “Cândido Godoy” está-se mobilizando. Ontem foram realizadas assembléias conjuntas – professores e alunos – nos três turnos. Para hoje está marcada uma reunião entre professores para decidirem as próximas medidas visando a reintegração do ex-diretor em seu cargo.

Documento 15 – Ato público dos alunos do Colégio Godói diante do edifício da Secretaria da Educação. Diálogo com o Senhor Secretário de Educação (27.09.1984)

ZERO HORA – Quinta-feira, 27.09.84 – página 40

ENSINO :

Alunos do Godói foram até a SEC em passeata.

E Salzano reafirmou que o ex-diretor da escola não retornará.

Depois de uma manifestação por cerca de três horas em que grupos de 200 alunos e de 80 professores do Colégio Estadual Cândido José de Godói cantaram o Hino Nacional e slogans contra a demissão do diretor Sílvio Dani, em frente ao prédio da Secretaria da Educação e Cultura, conseguiram através da intervenção deputados do PMDB _ Cezar Schirmer, Algir Lorenzon e Rospide Neto – que o secretário da Educação, Francisco Salzano Vieira da Cunha, recebesse uma comissão de sete alunos e sete professores. E depois de uma hora de debates, a comissão ouviu do secretário uma resposta categórica: “O diretor Sílvio Dani não volta mais”. E deram também uma resposta categórica: “Então os alunos não voltam mais as aulas”.

Mas o diálogo, em alto nível, da comissão com o secretário registrou os motivos da demissão – “discordância do diretor com a Secretaria” – e da revolta dos alunos e professores – “ele agiu conforme determinação da assembléia de todos os professores”. Na realidade foi a defesa da posição adotada pelos professores de não participar da Parada da Mocidade o motivo mais forte, segundo o secretário deixou claro, da destituição de Sílvio Dani. E depois de hora e meia de debate, os alunos arrancaram do secretário apenas uma promessa de estudara a possibilidade de vir a ser escolhido um novo diretor através de votação dos alunos, pais e professores. Condição que colocam como alternativa ao não retorno de Sílvio Dani.

Diálogo

No gabinete de Salzano Vieira da Cunha, depois da intermediação dos deputados do PMDB, enquanto pelas janelas ouviam-se os slogans cantados lá em baixo – Godói unido, jamais será vencido; Sílvio sim, demissão não, e a entoação volta e meia do Hino Nacional – os alunos e professores de maneira extremamente educada mostraram suas posições ao secretário, que também calmo e descontraído mostrou sua posição.. Em alguns dos trechos do diálogo as acusações de autoritarismo eram formuladas, mesmo de forma elegante.

O presidente do Centro dos Professores do Estado (Cpers) Paulo Egon Wiederkehr, que acompanhou os professores do Cândido Godói antes que eles subissem até o gabinete do secretário, disse que a entidade repudia a “forma autoritária e arbitrária com que foi executada a demissão do diretor Sílvio Dani”.

Mas mostrou maior contrariedade pelo fato da demissão Ter ocorrido em pleno período letivo.

- O que lamentamos é que uma medida autoritária e arbitrária seja tomada durante o período letivo. Não sei se é despreparo ou incompetência. Agora os alunos estão desconformes e todo o processo educativo fica comprometido.

-

(duas fotos com o texto : Cerca de 200 estudantes com faixas e cartazes ficaram três horas na frente da SEC, tempo que durou a reunião no gabinete de secretário Salzano)

Documento 16– Relato das atividades durante a paralisação de repúdio a deposição do Prof. Sílvio Dani. In Zero Hora, 28 de setembro de 1984

ZERO HORA – Sexta-feira, 28.09.84 – página 36

ENSINO : Os estudantes enviarão hoje, um aerograma ao Governador, solicitando o retorno de Sílvio Dani.

Alunos do Godói pedirão a Jair a volta do ex-diretor

A paralisação das aulas no Colégio Estadual Cândido José de Godoy continua. A solução parece ainda distante, porque os alunos insistem pelo retorno do diretor demitido – Sílvio Dani – hipótese que o secretário da Educação e Cultura, Francisco Salzano Vieira da Cunha, descarta.

A mobilização dos alunos se mantém e, mesmo comparecendo à escola, não assistem aulas, permanecendo o tempo equivalente ao período discutindo a situação. Amanhã acontecerá uma assembléia geral dos alunos, às 14 horas, e ao que tudo indica decidirá pela volta às aulas apenas com o retorno do ex-diretor.

Os alunos do Cândido de Godói estão enviando ao governador Jair Soares um aerograma pedindo a volta do diretor Sílvio Dani. Esta manhã, os alunos deverão fazer uma caminhada pelas ruas de Navegantes e São João, entre a escola e o Correio para postar os aerogramas, o que será repetido à tarde. A sugestão surgiu ontem e só não foi executada pelos alunos porque não daria tempo de chegarem até a agência da ECT.

1 – Desrespeito da Delegacia

Uma equipe da 1ª Delegacia de Educação esteve ontem pela manhã na escola, mas terminou não obtendo nenhum resultados positivo. E – segundo diversos alunos – ainda complicou mais a situação. Os alunos reiteraram aos representantes da DE a disposição de não aceitar a demissão do diretor e principalmente a forma desrespeitosa como foi conduzido o processo pela delegada da 1ª DE.

A situação que está atravessando o Cândido de Godoy é inusitada. Há perfeita integração entre alunos, professores e funcionários pela volta do diretor demitido, que fora escolhido em eleição indireta. Os professores, como alunos, estão comparecendo à escola e permanecendo disponíveis durante o turno, enquanto os estudantes ficam em reunião. Ontem à noite, como dispõe os estatutos da escola, os professores fizeram uma assembléia geral.

Alguns professores mais antigos lembram que nunca aconteceu um fato semelhante no Cândido de Godoy, uma escola que funciona há 28 anos no bairro Navegantes, recebendo cerca de dois mil alunos. E, o que todos garantem, é que a mobilização busca preservar a escola, que com Sílvio na direção vinha cumprindo suas finalidades com decisões coletivas no benefício de alunos, professores e funcionários.

O novo diretor, Cléo da Silva Bastarrica, foi empossado pela delegada de Educação, mas garantem alunos e professores, não assumiu as funções na escola, considerado um corpo estranho em seu contexto. Mas também garantem que a discussão vem se desenvolvendo em alto nível, sem qualquer atitude contra o novo indicado, que entra tranquilamente pela escola, mas não é reconhecido. Para alunos, professores e funcionários da Cândido José de Godoy, o diretor continua sendo Sílvio Dani.

Documento 17 – Carta de introdução do Dossiê entregue ao Sr. Secretário de Educação durante o episódio da deposição do Professor Sílvio Dani.(03.10.1984)

Excelentíssimo sr. Secretário de Educação
Francisco Salzano Vieira da Cunha.

Aqui estão alguns dados sobre o nosso trabalho. È um trabalho honrado, e de bom nível. Temos, em nossa escola muitos professores pós-graduados, e que estão embuidos em melhorar, cada vez mais, o nível de ensino.

Estamos tomando a iniciativa a esclarecimento. O diálogo, Sr. Secretário, anterior a toda esta triste situação, tem nos levado à luz.

Veja. Avalie.

Confiamos em nosso trabalho. Inteiramente.

Nosso Diretor, Sílvio Paulo Dani, nos deu integral apoio. E a ele devemos a possibilidade de termos podido criar. Gostaríamos de registrar que a 1ª DE esteve sempre ciente do nível do nosso trabalho. E temos de lamentar imensamente, não terem chegado a SEC estas informações que com toda a certeza evitariam toda a situação.

Professores do Colégio Estadual Cândido José de Godói.

P.Alegre, 3 de outubro de 1984

Documento 18 – Comissão que dirigiu o Colégio Godói. Argumentos do Secretário pelo afastamento do Prof. Sílvio Dani (06.19.1984)

ZERO HORA – Sábado, 06.10.84

ENSINO : (foto com o dizer: A comissão de professores chegou à tarde ao Godói e assumiu a direção)

Comissão assumiu o Cândia de Godói

Quando a comissão central do Colégio Estadual Cândia José de Godói levou ontem ao secretário de Educação e Cultura, Francisco Salzano Vieira da Cunha, a resposta da assembléia da comunidade escolar realizada Quinta-feira à noite, informando que a proposta do secretário de designar um comissão para dirigir a escola tinha sido rejeitada, ele já estava com a Portaria baixada, designado a comissão, composta por cinco professores.

A princípio, a presidente do grêmio de Professores da escola, Rejane Pretto, disse que a opção que defende para o colégio é a realização de uma nova eleição para escolher o diretor do Godói. Pessoalmente ela não acredita que o secretário vá reconduzir o professor Sílvio Paulo Dani, afastado do cargo de diretor, há dez dias, motivo que ocasionou a paralisação do colégio. Desde então os alunos e professores realizam reuniões diárias nos três turnos e em várias ocasiões dialogaram com o secretário. Após a posse na direção do professor Cléo Bastarrica – que permaneceu três dias na escola – o secretário Salzano concordou e propôs a formação de uma comissão de três professores para dirigir o colégio e as negociações chegaram ao ápice.

O diálogo

Ontem pela manhã, porém, o secretário decidiu baixar uma portaria designando uma comissão, integrada por professores em exercício na SEC para dirigir a escola: “A Secretaria não podia deixar o colégio sem direção. A comissão vai dirigir a escola até que se encontre um denominador comum”, justificou o secretário, em entrevista coletiva, na tarde de ontem. Ele ainda reafirmou a sua decisão inicial de manter afastado o diretor Sílvio Dani. E reafirmou que a SEC ofereceu alternativas de solução para a regularização das atividades escolares da escola, tendo mantido o diálogo até o momento com os representantes do Godói.

No entanto, Rejane Pretto acha que o diálogo foi interrompido, à medida que, o secretário nem perguntou a resposta da assembléia da comunidade escolar que não acatou a sugestão de ser formada uma comissão para dirigir o colégio.

A comissão.

O secretário, por sua vez, assinalou que o diretor estava divorciado da SEC.

“Ele manifestou discordância com relação a assuntos administrativos e de ordem geral, quando 42 professores acataram as sugestões da Secretaria”. Salzano considera que o posto de diretor é de confiança, mesmo sendo eleito por lista tríplice, como foi o caso do professor Sílvio. O secretário lembrou que o nome de Sílvio foi referendado pelo secretário: “Portanto, está caracterizado que é cargo de confiança”. Ele disse que não sabe ainda se permitirá que ocorram eleições para diretor do Godói, comentando que é a Comissão Mediadora que lhe trará propostas.

Documento 19 – O 38º Núcleo do CPERS se manifesta sobre a invasão policial do Colégio Godói. (11.10.1984)

38º NÚCLEO do CPERS CONVOCA

O Colégio foi invadido a partir do meio dia de ontem pela Polícia Civil.

Cerca de 15 policiais civis passaram a controlar a Escola: 4 faziam a identificação dos alunos na entrada, 3 faziam guarda a esse quatro e os demais circulavam ostensivamente por toda a escola.

A Assembléia de alunos mais de 20 turmas que estava marcada para o Saguão, foi empurrada para uma sala com capacidade para 2 turmas.

No início da Assembléia diversos alunos se queixaram de terem sido impedidos pelos policiais de saírem da escola !

Constata-se que o Comando de cinco interventores com plenos poderes colocados pelo Governo no Godói, está aplicando muito bem as lições de Brasília !.

Tudo isto para reprimir a luta de professores, estudantes, pais e funcionários – com a solidariedade irrestrita de todas as forças democráticas – em defesa da eleição do diretor da Escola: Esse é o crime desta comunidade escolar: defender de forma exemplar e heróica, a democracia na escola ! E esta é a maior e mais profunda aula já proporcionada nesta escola !.

Por outro lado, esta comunidade escolar jamais esquecerá a repressão violenta imposta pelo Governo do Estado !.

Mas essa violência não visa atingir somente a Escola Cândido José de Godói ; É UM ATENTADO CONTRA TODO O MAGISTÉRIO, ESTUDANTES E MOVIMENTOS DEMOCRÁTICOS.

ATOS COMO ESTES NÃO PODEM, PORTANTO, PASSAR SEM MAIS VEEMENTE REPÚDIO !.

EM FACE DISSO O CPERS CONVOCA UM ATO DE REPUDIO A ESSA INVASÃO POLICIAL DO GODÓI E CONCLAMA A TODAS AS FORÇAS DEMOCRÁTICAS, SINDICATOS, POLÍTICOS E POPULARES – A CONVOCAREM E COMPARECEREM !.

DIA: 11/10/84 (5ª feira)

HORA : 20h

LOCAL: CPERS – Av. Alberto Bins, 480, 9º andar.

Documento 20 – Repercussão do caso Sílvio Dani e posições do Colégio Godói no órgão de imprensa da classe .(10.1984).

MAGISTER – Porto Alegre :CPERS , n° 79, out 1984, p.12

Greve no Godoy um exemplo de luta.

A 25 de setembro, o professor Sílvio Dani, diretor eleito por maioria de votos dos professores do Colégio Estadual Cândido José de Godoy, foi afastado de seu cargo legítimo por ordem arbitrária da Secretaria de Educação do Estado. A partir daí, professores e alunos, passaram a enfrentar atitudes de pressão por parte de órgãos oficiais, por tentar ver cumprido o Acordo de 80, no que tange à eleição de diretores. Durante este tempo, é nomeado um interventor para ocupar o lugar do diretor afastado, sendo logo substituído por uma comissão composta por cinco interventores.

Após assembléia geral convocada pelo Grêmio de Professores, que contou com a participação de representantes do CPERS e ADERGS, na manhã do dia 27, na parte da tarde, docentes e alunos, concentrados em frente à SEC, mantiveram audiência como o Secretário. O CPERS, durante todo o dia, e, inclusive na véspera, tentou uma audiência que não lhe foi concedida. Embora membros da diretoria estivessem presentes na concentração, inclusive seu presidente, Paulo Egon, não puderam tomar parte na reunião com Salzano. Deste primeiro contato não surgiu nenhuma solução.

O movimento prossegue. Mais duas audiências são marcadas nos dias seguintes. Desta última, resulta uma portaria, baixada pelo secretário Salzano, nomeando uma comissão de cinco professores para dirigir o Godoy e servir de mediadora entre a escola e a SEC. A comissão de interventores busca contato direto com a escola, ameaça os professores e tenta ganhar terreno via vice-diretores. No dia dez, são os alunos que sentem o controle austero da junta. Na entrada da escola, cinco policiais civis revistam todos aqueles que chegam. A imprensa documenta o fato, mas a notícia é boicotada.

Neste dia, duas assembléias aconteceram na escola. Pela manhã, os professores resolvem voltar à sala de aula e decidem por eleição de novo diretor até 07/11/84, através de lista tríplice. Na reunião dos alunos, que aconteceu na tarde do mesmo dia, a paralisação continua. Os estudantes só voltariam às aulas com a garantia, por escrito, de uma nova eleição. Professores continuam comparecendo ao colégio, mas respeitam a posição tomada pelos alunos de paralisação. A espera durou até o dia 16 quando o turno da noite decide exigir da junta interventora documento oficial, garantindo a eleição solicitada por toda a escola. Dois dias depois, 18 de outubro, os alunos retornam às aulas, pois um dia antes havia sido assinada, pelo secretário de educação, Francisco Salzano, a portaria que deliberava a professora Eleonora Hartzheim, há onze anos na vice-direção da escola a responder pela direção do Godoy. Vitoriosos, retornaram, aguardando a eleição da lista tríplice no dia sete de novembro.

MAGISTER OUTUBRO/84 número 79

Órgão oficial da Centros dos professores do Estado do Rio Grande do Sul.

Endereço: Avenida Alberto Bins, 480 – Porto Alegre – CEP 90.000

Documento 21 – O caso USP in Zero Hora Porto Alegre ; RBS. 24/08/1986 p. 22 – Se este controle e poder foi exercido sobre os “grandes” o que não foi feito com os “pequenos”, como o caso do Colégio Godói? (17.08.1986)

ZERO HORA – Domingo, 17.08.86 – Página 22

Arquivo ideológico.

A existência de uma arquivo com fichas ideológicas de alunos e professores da Universidade de São Paulo, durante o regime militar, era desconhecida pelo atual reitor José G. Goldenberg antes que ele assumisse o cargo, no início deste ano. Segundo Goldenberg – que pediu a abertura de inquérito quando soube da incineração deste arquivo pouco antes de sua posse – a interferência dos serviços de informação na USP sempre foi notória nesse período, mas ele não tinha idéia de que fosse tão sistematizada.

O fichário, com dados sobre a posição política de alunos e professores da USP, era alimentado por diversos órgãos de informação e ficava no gabinete da Reitoria. Para Goldenberg, a preservação dos papéis teria contribuído para esclarecer as relações entre a Universidade e os agentes da repressão.

“Além do seu interesses histórico, esses documentos poderiam ajudar a entender e reparar injustiças cometidas contra professores que tiveram o seu ingresso na Universidade barrado por motivos políticos”, observou o reitor.

Documento 22 – O caso do Instituto Manguinhos. (24.08.1986)

ZERO HORA – Domingo, 24.08.86. Página 4

Feridas ainda abertas

HÉLIO SILVA
Historiador

O convite chegou no meio de correspondência variada. Um duplo cartão apresentava a fotografia de um grupo de dez velhos sorridentes, mas curvados, um apoiado em bengala. Na folha de dentro uma epígrafe “Cicatrizas as feridas ainda abertas (...) é o passo inicial obrigatório, sem o qual os demais seriam falsos e mistificadores”. – Carlos Morel –1985. Ao lado, um desenho de Oscar Niemeyer: o Castelo Mourisco, a construção sonhada por Oswaldo Cruz, desmoronando, uma das torres suspensa no ar, a face lateral desfazendo-se.

O convite relembra que “em abril de 1970, o clima de opressão que sufocava Manguinhos e já levava à morte o filho mais novo de Oswaldo Cruz atingia o ápice com a cassação e aposentadoria de dez dos mais conceituados pesquisadores do país”.

Dezesseis anos depois o ministro da Saúde, Roberto Santos, e o presidente da Fundação Oswaldo Cruz, Sérgio Arouca, convidam para a cerimônias de reintegração a Manguinhos dos cientistas Hauty Moussatché, Herman Lent, Moacyr Vaz de Andrade, Augusto Cid Mello Perissé, Hugo de Souza Lopes, Sebastião José de Oliveira, Fernando Braga Uratuba, Tito Arcoverde Cavalcanti de Albuquerque, Masao Goto e Domingos Machado Filho.

A cerimônia realizou-se às 10 horas do dia 15 de agosto, nas escadarias do Castelo Mourisco. Aqueles dez figurantes da fotografia sorridentes, fora das mais ilustres vítimas do período de **obscurantismo cultural** que pesou sobre o Brasil durante 21 anos das ditaduras dos cinco generais-presidentes. Por uma notável coincidência, quando regressavam em Manguinhos aqueles cientistas, rezava-se na igreja do Mosteiro de São Bento, no Rio de Janeiro, missa comemorativa do terceiro aniversário da morte de Alceu de Amoroso Lima, a quem ficamos devendo a frase cáustica com que combateu aqueles outros crimes contra a cultura e a inteligência brasileiras.

Arrancados de suas cátedras, de seus laboratórios, de seu trabalho, de suas famílias, de seu país, aqueles brasileiros ilustres foram viver no estrangeiro elevando o nome do Brasil no que tinha de mais elevado em sua cultura, ensinando nas universidades que os acolheram honradas e festivas. Enquanto o Brasil e os brasileiros perdiam essa colaboração inestimável, cujo ressarcimento é impossível.

Pode um ato de justiça reconduzir os 10 cientistas envelhecidos, amargurados, alquebrados por 16 anos de injustiça que valem muito mais do que a soma cronológica, ao Castelo Mourisco que encontraram mudado no acesso, na disposição das salas, no arranjo dos laboratórios, na paisagem humana renovada. Para eles não passou impunemente o tempo. Não há, não pode haver restauração do que foi roubado em suas inteligências, no que elas deixaram de dar e nós não recebemos.

A vida correu. Os que praticaram esse crime de lesa-cultura, quem saberá seus nomes, na impunidade que lhes garantiu o autoritarismo e na ignorância que lhes permitiu tamanha monstruosidade? Alguns morreram. Saiu a notícia nos necrológios. Outros não sabem que morreram e perambulam pelas ruas, evadidos dos cemitérios.

Que ao menos guardemos a esperança de que isso nunca mais aconteça..

Documento 23 – Incidentes posteriores à dissertação. Novo incidente com uma nomeação arbitrária de um diretor, não eleito, para o Colégio Cândido Godói. (21.12.1991)

Novos incidentes na escola Cândido Godói

MAIS UM ALUNO FICOU FERIDO NO TUMULTO.

Os alunos do Colégio Estadual do 2º Grau Cândido José de Godói, localizado no nº 400 da avenida França, na zona Norte, voltaram a protestar contra a posse da diretora Lêda Alba Escobar Mondadori, nomeada pela SEC na segunda feira. No final de quarta-feira, os alunos foram liberados pelos professores para tentar um diálogo com Leda, que se recusou recebê-los. A negativa revoltou os estudantes. De acordo com a professora Elazabet Assis, na tentativa de intimidar os alunos, a diretora teria jogado um pequeno troféu contra uma vidraça. Os estilhaços feriram o braço esquerdo do estudante Cleiton Ferreira dos Santos de 17 anos, que foi levado para o Hospital Cristo Redentor. Cleiton levou dois pontos no braço.. Leda só conseguiu sair do colégio escoltada mais de dez PMs que a levaram ao Cristo Redentor.

No hospital Leda acusou os alunos de a terem agredida a pedradas. Por determinação de Leda a escola foi interditada ontem pela manhã. Duas viaturas da BM impediram que os alunos entrassem no prédio até fosse feita a perícia. A tarde Cleiton registrou queixa na 4ª DP e se submeteu a exame de lesões no IML.

Em assembléia ontem à noite pais, professores e alunos decidiram encaminhar à SEC sugestão de três nomes para a direção da escola. Nelson Carlos Sotttil, Maria Leal Medina e Victor Hugo Knewitz. O CPERS entrou com mandato de segurança para garantir a imediata reabertura do colégio.

Correio do Povo. Porto Alegre : C.^{ia} Caldas Júnior, ano 96, nº. 82, 21 de dezembro de 1991, fl. 03

23 – Ata da Defesa
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
FACULDADE de EDUCAÇÃO
CURSO de PÓS GRADUAÇÃO
MÉTODOS e TÉCNICAS de ENSINO

“Ata de Defesa de Dissertação nº 193 de Círio Simon.

Aos dezessete dias do mês de dezembro de mil e novecentos e oitenta e seis.... horas e trinta minutos na sala 300 das defesas de Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade do Rio Grande do Sul, realizou-se a sessão pública de Defesa de Dissertação, na qual o candidato Círio Simon do Curso de Mestrado em Educação, área de concentração Métodos e Técnicas de Ensino apresentou à Comissão de Defesa, constituída pelo professores: professora D.ra Marta Luz Sisson de Castro, professor Dr Egídio Schmitz e Professora Maria da Graça Bulhões, sua dissertação sobre o tema «A Prática Democrática na Escola Pública». A sessão foi aberta pela Coordenadora do Curso D.ra Içara da Silva Holmesland, após saudar os presentes, solicitou que fosse lida a Ata Preparatória. A seguir a Comissão de Defesa, presidida pela professora Marta Luz Sisson de Castro, deu início às atividades relativas à Defesa de Dissertação. A presidente passou a palavra ao candidato, concedendo-lhe 30 (trinta) minutos para expor seu trabalho. Após a exposição o candidato foi argüido pelos componentes da Comissão, respondendo imediatamente a cada examinador. Encerrada a argüição, a presidente suspendeu a sessão, tendo a Comissão de Defesa se retirado para deliberação. Reaberta a Sessão a presidente comunicou a aprovação do candidato. A seguir a presidente encerrou a Sessão. Para constar lavrou-se a presente Ata na que fica registrado também que o candidato foi aprovado com 9,0 (nove graus). Esta Ata será assinada pela Coordenadora do Pós-Graduação em Educação, pelo Candidato, pela professores integrantes da Comissão de Defesa e por mim que a redigi.

IÇARA da SILVA HOLMESLAND..... (consta assinatura).

CÍRIO SIMON..... (consta assinatura).

MARTA LUZ SISSON de CASTRO.... (consta assinatura)..

EGÍDIO SCHMITZ..... (consta assinatura).

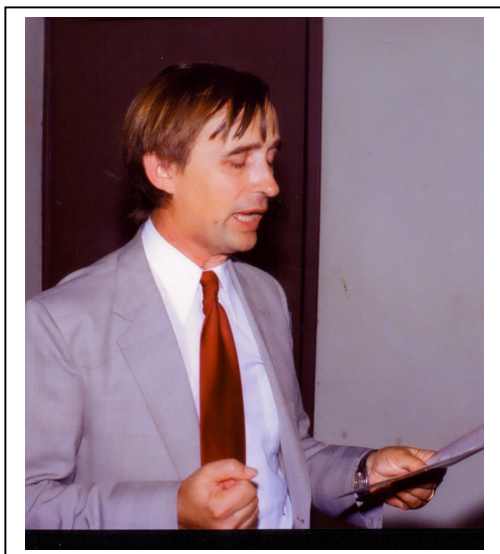
MARIA da GRAÇA BULHÕES (consta assinatura).”

_ Transcrição de cópia assinada por Olga Navarro e expedida, no dia 11 de novembro de 1988, pela P.U.C.RS Faculdade de Educação – Curso de Pós Graduação – Porto Alegre

24 - Imagens da Defesa – BANCA da DEFESA



*EGIDIO SCHMITZ * MARIA da GRAÇA BULHÕES *MARTA LUZ SISSON de CASTRO



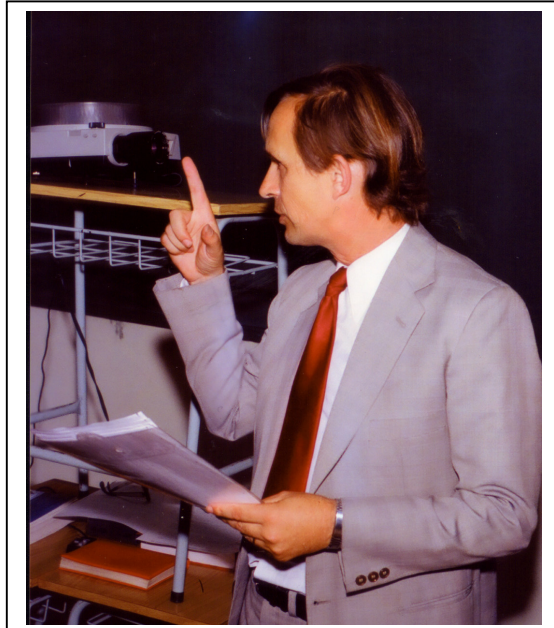
17.12.1986 – Defesa Círio Simon

A PRÁTICA DEMOCRÁTICA na ESCOLA PÚBLICA ESTADUAL: estudo de caso da expressão das condições da prática democrática pelos professores do Colégio Estadual Cândido José de Godói – POA- RS – durante a Abertura Política Brasileira (1979-1985). Dissertação de Círio SIMON, defendida, na PUC-RS, no ano de 1986.

PÚBLICO



17.12.1986 - Público presente à defesa: 1ª fila Marlene Teixeira (revisora do texto) Maria Rosa Fontebasso
2ª fila : Maureen Corrêa,....., Ana Bohrer,



A PRÁTICA DEMOCRÁTICA na ESCOLA PÚBLICA ESTADUAL: estudo de caso da expressão das condições da prática democrática pelos professores do Colégio Estadual Cândido José de Godói – POA- RS – durante a Abertura Política Brasileira (1979-1985). Dissertação de Círio SIMON, defendida, na PUC-RS, no ano de 1986.